

DEAN KOONTZ

BEST-SELLER INTERNACIONAL

Fantasmas

Com um novo complemento pelo autor

DEAN R. KOONTZ

FANTASMAS

DEAN R. KOONTZ
FANTASMAS
Tradução de
MARIA ISABEL DE ARARIPE MACEDO
EDITORA RECORD
FANTASMAS
Título original norte-americano
PHANTOMS
Copyright © 1983 by Dean R. Koontz
Publicado mediante acordo
com Lennart Sane Agency
Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668
que se reserva a propriedade literária desta tradução
Impresso no Brasil em oficinas próprias pelo
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina, 171 — São Cristóvão — 20921 Tel.: 580-3668
Rio de Janeiro — RJ
ISBN 85-1-030981-7
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922



Sinopse

Que força seria capaz de fazer desaparecer quase toda a população de uma cidade? O que poderia atacar tão sorrateiramente e deixar tão desfigurados os corpos daqueles que foram encontrados?

O que seria capaz de secar o cérebro de um homem e sugar-lhe todo o sangue em apenas doze segundos? Que esperança os sobreviventes poderiam nutrir?

Snowfield, uma pequena estação de esqui nas Montanhas Rochosas, era uma cidadezinha aprazível. Mas isso era passado; hoje, Snowfield é um pesadelo, um retrato do inferno. Hoje, Hoje, mais de duzentos dos quinhentos moradores da pequena cidade desapareceram sem deixar vestígios, e pelo menos outros cento e cinquenta morreram — repentinamente, de um mal terrível e misterioso... Algo de muito estranho e apavorante estava acontecendo em Snowfield, e o pior ainda estava por vir.

Fantasmas é também povoado de personagens delineados com tanta vividez que nós leitores não podemos deixar de nos envolver e nos preocupar com seu destino: a Dra. Jennifer Paige, de trinta e dois anos, que passou grande parte da vida se atormentando por um erro que cometera quando tinha apenas dezenove. Agora, ali em Snowfield, justamente quando está aprendendo a esquecer o passado, justamente quando está começando a amar a vida, vê-se envolvida numa terrível luta pela sobrevivência; Lisa Paige, quatorze anos, idolatra a irmã mais velha, mas descobre que sua sobrevivência dependerá exclusivamente de sua própria força e coragem interior; o xerife Bryce Hammond, que perdera a família em um trágico acidente um ano antes, quando encontra Jenny Paige em Snowfield encontra também uma nova esperança, uma nova chance de reconstruir sua vida... se conseguir sobreviver...

Fantasmas é uma emocionante história de suspense e terror armada por um verdadeiro mestre, criador inigualável de tramas

cujo ritmo mescla perseguição e terror com suspense e expectativa, arrepiando o leitor por sua assustadora plausibilidade.

Dean Koontz é um dos escritores mais versáteis e um dos mais espantosos narradores da moderna geração de escritores do time de Stephen King e Robert Ludlum. Ex-professor de inglês, já escreveu mais de 50 romances, tendo ganho em 1965 o concurso de ficção da *Atlantic Monthly*.

Este livro é dedicado
àquela que está sempre presente,
àquela que sempre se importa,
àquela que sempre compreende,
àquela que não tem igual:
Gerda,
minha mulher e minha melhor amiga.

PRIMEIRA PARTE

VÍTIMAS

Sobrevieram-me o medo e o tremor.

— *Livro de Jó*, 4:14

O espírito humano civilizado ... não consegue se livrar de uma sensação do fantástico.

— *Dr. Fausto*, THOMAS MANN

1

A cadeia municipal

O grito foi longínquo e breve. Um grito de mulher.

O delegado Paul Henderson ergueu os olhos do seu exemplar de Time. Inclinou a cabeça, ouvido atento.

Os grãos de poeira vagavam preguiçosos num raio de sol brilhante que penetrava por uma das janelas com mainel. No relógio da parede, o ponteiro dos minutos, fino e vermelho, movia-se silenciosamente pelo mostrador.

O único ruído era o ranger da cadeira de escritório de Henderson, quando ele mudou de posição.

Através das grandes janelas da frente, ele podia enxergar um trecho da rua principal de Snowfield, a Skyline Road, que estava perfeitamente calma e serena ao sol dourado da tarde. Apenas as árvores se moviam, as folhas adejando ao vento suave.

Depois de escutar atentamente por vários segundos, Henderson ficou sem ter certeza se realmente ouvira alguma coisa.

Imaginação, falou consigo mesmo. Apenas a racionalização de um desejo.

Quase estava preferindo que alguém tivesse gritado. Estava se sentindo inquieto.

Durante a baixa temporada, de abril a setembro, ele era o único auxiliar de xerife em tempo integral designado para a subdelegacia de Snowfield, e o trabalho era tedioso. No inverno, quando a cidade recebia vários milhares de esquiadores, havia bêbados para atender, brigas para apartar e roubos para investigar nos quartos das estalagens, pousadas e motéis onde os esquiadores se hospedavam. Mas agora, no começo de setembro, somente estavam funcionando a Candleglow Inn, um hotel e dois pequenos motéis; os nativos eram tranquilos, e Henderson — que tinha apenas 24 anos e estava concluindo o seu primeiro ano como delegado — sentia-se entediado.

Ele soltou um suspiro, voltou o olhar para a revista sobre a mesa... e ouviu um outro grito. Como anteriormente, era longínquo e breve, mas desta feita parecia voz de homem. Não era um mero gritinho excitado ou mesmo um grito de alarme; era o som do terror.

Franzindo o cenho, Henderson se levantou e se dirigiu para a porta, ajeitando o revólver no coldre sobre o quadril direito. Passou pelo portão de vaivém na grade que separava a área pública da cadeia propriamente dita e já estava a meio caminho da porta, quando percebeu um movimento na sala às suas costas.

Isso era impossível. Estivera sozinho na cadeia o dia todo e desde o começo da semana passada não havia prisioneiro algum nas três celas de detenção. A porta dos fundos estava trancada e era o único outro meio de entrada na prisão.

Quando se virou, contudo, descobriu que não estava mais sozinho. E de repente não estava nem mais um pouquinho entediado.

2

Voltando para casa

Durante o crepúsculo daquele domingo no começo de setembro, as montanhas estavam pintadas somente de duas cores: verde e azul.

As árvores — pinheiros, abetos, espruces — pareciam ter sido feitas do mesmo feltro que cobria as mesas de bilhar. Havia sombras frescas e azuis por toda a parte, ficando maiores e mais profundas e mais escuras a cada minuto.

Ao volante do seu Pontiac Trans Am, Jennifer Paige sorriu, animada pela beleza das montanhas e pela sensação de volta ao lar. Ali era o seu lugar.

Saiu da estrada estadual de três faixas e entrou na estrada municipal asfaltada de duas faixas que serpenteava e subia os seis quilômetros e meio que levavam a Snowfield, através do desfiladeiro.

Sentada ao seu lado, a sua irmã de quatorze anos, Lisa, falou:

— Adoro isto aqui.

— Eu também.

— Quando vamos ter um pouco de neve?

— Dentro de um mês, talvez antes.

As árvores se amontoavam bem junto à estrada. O Trans Am entrou num túnel formado pelos ramos pendentes e Jenny ligou os faróis.

— Nunca vi neve, a não ser em fotografia — falou Lisa.

— Na primavera que vem já estará farta dela.

— Nunca. Eu não. Sempre sonhei em viver num lugar com neve, igual a você.

Jenny lançou um olhar à mocinha. Mesmo para irmãs, pareciam-se muitíssimo: os mesmos olhos verdes, o mesmo cabelo avermelhado, as mesmas maçãs do rosto altas.

— Você me ensina a esquiar? — pediu Lisa.

— Bem, querida, quando os esquiadores chegarem haverá os costumeiros ossos quebrados, tornozelos torcidos, costas estropiadas, ligamentos estirados... Eu vou estar bem ocupada.

— Ah — exclamou Lisa, sem conseguir disfarçar a decepção.

— Além disso, por que aprender comigo, quando pode tomar aulas com um profissional de verdade?

— Um profissional? — falou Lisa, animando-se um pouco.

— Claro. Hank Sanderson lhe dará aulas, se eu pedir.

— Quem é ele?

— É o dono da Pine Knoll Lodge e ensina a esquiar, mas tem somente um punhado de alunos privilegiados.

— É seu namorado?

Jenny sorriu, lembrando-se de como era ter quatorze anos.

Nesta idade, a maioria das garotas preocupava-se obsessivamente com garotos, garotos acima de todo o resto.

— Não, Hank não é meu namorado. Eu o conheço há dois anos, desde que vim para Snowfield, mas somos apenas bons amigos.

Passaram por um cartaz verde com letras brancas: SNOWFIELD — 5KM.

— Aposto que haverá muitos garotos legais da minha idade.

— Snowfield não é uma cidade muito grande — advertiu Jenny.

— Mas suponho que dê para encontrar um ou dois garotos bem legais.

— Ah, mas durante a temporada de esqui vai haver dúzias!

— Calma, garota! Você não vai sair com gente de fora — pelo menos durante alguns anos.

— E por que não?

— Por que eu estou dizendo que não.

— Mas por que não?

— Antes de sair com um rapaz, você tem que saber de onde ele vem, como ele é, como é a família dele.

— Ah, mas eu sou fantástica para julgar caráter — falou Lisa.

— Minhas primeiras impressões são totalmente confiáveis. Não precisa se preocupar comigo. Não vou me envolver com um assassino da machadinha ou um estuprador maluco.

— Tenho certeza disso — disse Jenny, reduzindo a marcha do Trans Am quando a estrada fez uma curva fechada —, porque vai sair apenas com a rapaziada do local.

Lisa soltou um suspiro e balançou a cabeça numa exibição teatral de frustração.

Caso ainda não tenha reparado, Jenny, atravessei a puberdade enquanto você estava fora.

Ah, isso não escapou à minha atenção.

Fizeram a curva. Havia outra reta à frente, e Jenny acelerou de novo.

Lisa falou:

— Tenho até peitos.

— Também reparei nisso — retrucou Jenny, recusando-se a ficar chocada com a maneira desabusada da garota.

— Não sou mais criança.

— Mas também não é uma adulta. É uma adolescente.

— Sou uma moça.

— Digamos, uma mocinha.

— Pombas...

— Escute, sou sua guardiã legal. Sou responsável por você.

Além disso, sou sua irmã e a amo. Vou fazer o que acho — o que sei — que é o melhor para você. — Lisa soltou um suspiro ruidoso. — Porque a amo — enfatizou Jenny.

De cara feia, Lisa falou:

— Você vai ser tão severa quanto a mamãe. Jenny assentiu.

— Talvez mais ainda.

— Pombas...

Jenny lançou um olhar para Lisa. A garota olhava pela janela do banco direito do carro, o rosto apenas parcialmente visível, mas não parecia estar zangada. Não estava fazendo bico. Na verdade, os lábios pareciam estar suavemente curvados num vago sorriso.

Quer se dêem conta, quer não, pensou Jenny, todos esses jovens querem ter regras a seguir. A disciplina é uma expressão de preocupação e amor. O negócio é não forçar demais a barra.

Olhando de novo para a estrada, flexionando as mãos no volante, Jenny falou:

— Vou lhe dizer o que vou deixar que você faça.

— O quê?

— Vou deixar que amarre os seus sapatos. Lisa piscou.

— Hã?

— E vou deixar que vá ao banheiro quando tiver vontade.

Sem conseguir mais manter a pose de dignidade ofendida, Lisa soltou uma risadinha.

— Vai me deixar comer quando estiver com fome?

— Ora, claro. — Jenny abriu um sorriso. Von deixar até mesmo que arrume a sua cama de manhã cedo.

— Puxa, mas quanta permissividade!

Naquele momento, a menina parecia ainda mais jovem do que era. De tênis, jeans e blusa em estilo caubói, sem conseguir abafar as risadinhas, Lisa parecia doce, meiga e terrivelmente vulnerável.

— Amigas? — perguntou Jenny.

— Amigas.

Jenny ficou surpresa e satisfeita com a facilidade com que ela e Lisa estavam se relacionando durante a longa viagem para o norte, desde Newport Beach. Afinal de contas, a despeito dos laços sanguíneos, eram virtualmente estranhas. Aos 31 anos, Jenny era 17 anos mais velha do que Lisa. Saíra de casa antes do segundo aniversário de Lisa, seis meses antes da morte do pai de ambas.

Durante os anos de estudo na faculdade de medicina e a sua residência no Columbia Presbyterian Hospital de Nova York, Jenny estivera ocupada demais e longe de casa demais para visitar a mãe e Lisa com regularidade. Então, depois de completar a residência, voltara para a Califórnia a fim de abrir um consultório no Snowfield. Nos dois últimos anos, trabalhara exaustivamente para estabelecer uma clínica médica viável que servisse a Snowfield e a mais algumas cidadezinhas nas montanhas. Recentemente a mãe delas morrera e só então Jenny sentira não ter tido um relacionamento mais chegado com Lisa. Talvez pudessem começar a compensar todos os anos perdidos — agora que só restavam elas duas.

A estrada municipal continuava a subir regularmente, e o crepúsculo ficou temporariamente mais claro quando o Trans Am saiu das sombras do vale da montanha.

— Meus ouvidos parece que estão cheios de algodão — falou Lisa, bocejando para igualar a pressão.

Dobraram uma curva fechada e Jenny diminuiu a marcha do carro. À sua frente via-se uma reta longa e ascendente, e a estrada municipal se transformou na Skyline Road, a rua principal de Snowfield.

Lisa espiou atentamente pelo para-brisa manchado, examinando a cidade com um deleite evidente.

— Não é nada do que eu imaginava!

— E o que estava esperando?

— Ah, sabe como é, um bocado de moteizinhos feios com letreiros luminosos, postos de gasolina demais, coisas desse tipo. Mas este lugar é legal demais!

— Temos normas de construção rígidas — explicou Jenny. — O gás neon não é aceitável. Não se permitem cartazes de plástico. Nada de coros extravagantes, nada de cafés com formato de cafeteiras.

— É um barato — exclamou Lisa, boquiaberta, enquanto rodavam lentamente cidade adentro.

A propaganda externa se resumia a cartazes rústicos de madeira com

O nome de cada loja e o ramo de negócios a que se destinava. A arquitetura era um tanto eclética — norueguesa, suíça, bávara, franco-alpina, ítalo alpina —, mas todos os prédios eram projetados num ou noutro estilo montanhês, fazendo uso liberal de pedras, ardósia, tijolos, madeiras, vigas aparentes, janelas com mainel, vitrais e caixilhos de chumbo. As residências particulares ao longo da extremidade superior da Skyline Road também eram enfeitadas com jardineiras cheias de flores nos peitoris das janelas, sacadas e varandas com grades rebuscadas.

— É bonito de verdade — comentou Lisa, enquanto subiam a longa ladeira que levava ao teleférico na extremidade alta da cidade.

Mas é sempre assim tão quieto?

Ali, não — falou Jenny. — Durante o inverno o local ganha vida de verdade e...

Deixou a frase por terminar ao se dar conta de que a cidade não estava meramente quieta, Parecia morta.

Em qualquer outra tarde agradável de domingo em setembro, pelo menos alguns residentes estariam passeando pelas calçadas

de pedras e sentados nas varandas e sacadas que davam para a Skyline Road. O inverno estava chegando e esses últimos dias de tempo bom eram preciosos. Mas hoje, com a tarde se transformando em noitinha, as calçadas, varandas e sacadas estavam desertas. Ate mesmo nas lojas e casas em que havia luzes acesas, não se via sinal de vida. O Trans Am de Jenny era o único cano que se movia na rua comprida.

Ela freou num sinal de "pare" no primeiro cruzamento. A St. Moritz Way cruzava a Skyline Road, estendendo-se por três quadras a leste e quatro a oeste. Ela olhou nas duas direções, sem enxergar ninguém.

A quadra seguinte da Skyline Road também estava deserta. E mais a quadra depois dela.

— Estranho — comentou Jenny.

— Deve estar passando um programa formidável na TV — falou Lisa.

— Acho que sim.

Passaram pelo Restaurante Mountainview, na esquina de Vail Lane com Skyline. As luzes estavam acesas e a maior parte do interior era visível através das grandes janelas de canto, mas não havia ninguém à vista. Mountainview era um ponto de encontro popular para os nativos, tanto no inverno quanto na baixa temporada, e era incomum que o restaurante estivesse completamente deserto a esta hora. Não havia nem garçonetes lá dentro.

Lisa já parecia ter perdido o interesse pela estranha quietude, embora tivesse sido a primeira a reparar nela. Estava de novo fitando boquiaberta e encantada a arquitetura pitoresca.

Mas Jenny não conseguia acreditar que todo mundo estivesse grudado ao aparelho de TV, como Lisa sugerira. Cenho franzido, perplexa, ela olhava para cada janela enquanto continuava a subir a ladeira. Não enxergou um único indício de vida.

Snowfield tinha seis quadras de comprimento de alto a baixo de sua rua principal inclinada, e a casa de Jenny ficava no meio da última quadra, no lado oeste da rua, próximo ao sopé do teleférico. Era um chalé de pedra e madeira, de dois andares, com três águas-furtadas no lado do sótão que dava para a rua. O telhado de ardósia

multianguloso era uma mistura de cinza, azul e preto. A casa ficava afastada uns seis metros da calçada de pedras, por trás de uma cerca viva que chegava à cintura. Num dos cantos da varanda via-se um cartaz que dizia DRA. JENNIFER PAIGE, juntamente com o horário de funcionamento do consultório.

Jenny estacionou o Trans Am na entrada curta para carros.

— Que barato de casa! — exclamou Lisa.

Era a primeira casa que Jenny possuía; ela a amava e sentia orgulho dela. Bastava ver a casa para sentir-se relaxada e contente, e por um momento ela se esqueceu da estranha quietude que envolvia Snowfield.

— ..... Bem, é um pouco pequena, especialmente porque metade do andar de baixo está ocupado pelo meu consultório e sala de espera.

E é mais do banco do que minha. Mas tem personalidade, não tem?

— De montão — concordou Lisa.

Saltaram do carro e Jenny descobriu que o sol poente dera origem a um vento frio. Ela estava usando uma suéter verde de mangas compridas com os jeans, mas se arrepiou mesmo assim. O outono nas Sierras era uma sucessão de dias agradáveis e noites contrastantemente frias. — espreguiçou-se, libertando os músculos que tinham ficado tensos durante a longa viagem, depois fechou a porta do carro. O som ecoou pelas montanhas acima e pela cidade abaixo. Era o único som na quietude do crepúsculo.

Junto à traseira do Trans Am ela parou por um momento, fitando a Skyline Road até o centro de Snowfield. Nada se movia.

— Eu poderia ficar aqui para sempre — declarou Lisa, abraçando o próprio corpo enquanto examinava, toda feliz, a cidade lá embaixo.

Jenny prestou atenção. O eco da porta do carro batida sumiu — e não foi substituído por outro som qualquer, exceto o zunir suave do vento.

Há silêncios e silêncios. Nenhum deles é igual ao outro. Há o silêncio da dor no salão ricamente atapetado e drapejado de veludo de uma casa funerária, que é bem diferente do silêncio árido e terrível da dor no quarto solitário de um viúvo. Para Jenny, parecia,

curiosamente, haver um motivo para dor no silêncio de Snowfield. Contudo, não sabia por que se sentia daquele jeito, ou por que um pensamento tão esquisito fora lhe ocorrer, para início de conversa. Pensou também no silêncio de uma noite suave de verão, que não é verdadeiramente um silêncio, mas um coro sutil de asas de mariposa batendo nas janelas, de grilos movendo-se HK grama, e de balanços de varanda suspirando e rangendo muito de leve. O sono sem sons de Snowfield também continha um pouco dessa qualidade, uma sugestão de atividade febril — vozes, movimento, luta — que ficava logo além do alcance dos sentidos. Mas era mais do que isso. Havia ainda o silêncio de uma noite de inverno, profunda, fria e sem coração, mas contendo uma expectativa dos ruídos explosivos e crescentes da primavera. Este silêncio também estava pleno de expectativa, e aquilo deixava Jenny nervosa.

Tinha vontade de gritar perguntando se havia alguém ali. Não o fez, porém, porque os vizinhos poderiam aparecer, assustados com o seu grilo, iodos sãos e salvos, e confusos com sua apreensão, e então ela ficaria com cara de boba. Uma médica que bancava a tola em público na segunda-feira era uma médica sem pacientes na terça.

—...ficar aqui para sempre e sempre e sempre — dizia Lisa, ainda encantada com a beleza da aldeia montanhesa.

— Não está deixando você... inquieta? — perguntou Jenny.

— O quê?

— O silêncio.

— Ah, estou adorando. É tão sereno. Era sereno. Não havia sinais de encrenca.

Então por que estou nervosa desse jeito? indagou-se Jenny.

Abriu a mala do carro, tirou uma das valises de Lisa, depois a outra.

Lisa pegou a segunda valise e estendeu a mão para a mala do carro para pegar uma sacola com livros.

— Não pegue peso demais — advertiu Jenny. — Vamos ter que fazer mais umas duas viagens, de qualquer maneira.

Cruzaram o relvado até um caminho de pedras que levava até a varanda da frente, onde, em resposta ao pôr-do-sol âmbar-púrpura,

as sombras se erguiam e abriam pétalas como se fossem flores que vicejassem à noite.

Jenny abriu a porta da frente e entrou no Vestíbulo escuro.

— Hilda, chegamos! Não houve resposta.

A única luz na casa vinha da extremidade oposta do corredor, para além da porta aberta da cozinha.

Jenny largou a valise no chão e acendeu a luz do corredor.

— Hilda?

— Quem é Hilda? — perguntou Lisa, largando a sua valise e a sacola com livros.

— Minha governanta. Ela sabia a que horas devíamos chegar. Pensei que, a essa altura, já estivesse cuidando do jantar.

— Puxa, uma governanta! Ela dorme no emprego?

— Ela usa o apartamento que fica em cima da garagem — explicou Jenny, pousando a bolsa e as chaves do carro na mesinha do Vestíbulo que ficava sob um grande espelho de moldura de metal.

Lisa ficou impressionada.

— Ei, você é rica, ou coisa parecida? Jenny achou graça.

— Antes fosse. Na verdade, não posso me dar ao luxo de ficar com Hilda... mas também mio posso me dar ao luxo de ficar sem ela. — Perguntando-se por que a luz da cozinha estaria acesa se Hilda não estava em casa, Jenny começou a descer o corredor, com Lisa logo atrás. — Trabalhando em horário integral no consultório e ainda fazendo visitas de emergência a domicílio em três outras cidades nas montanhas, eu jamais comeria outra coisa além de sanduíches de queijo e rosquinhas, se não fosse Hilda.

— Ela cozinha bem?

— Maravilhosamente. Bem até demais, quando se trata de sobremesas.

A cozinha era um aposento grande e de tolo alto. Panelas, frigideiras, conchas e outros utensílios pendiam de um suporte brilhante de aço inoxidável, acima de uma ilhota central para o fogão de quatro bocas, uma grelha e uma área de trabalho. Os balcões da cozinha eram de ladrilhos de cerâmica e os armários de carvalho escuro. Na extremidade oposta do aposento ficavam pias duplas, fornos duplos e um forno do microondas, além da geladeira.

Jenny virou à esquerda logo que transpôs a porta e foi direto à secretária embutida onde Hilda planejava cardápios e organizava listas de compras, Seria aquele o local onde deixaria um bilhete. Mas não havia bilhete algum, e Jenny estava se afastando da escrivaninha quando escutou Lisa ofegar.

A mocinha rodeara a extremidade oposta da ilhota central.

Estava parada junto à geladeira, fitando algo no chão, em frente às pias.

O rosto estava sem cor alguma, e ela tremia.

Tomada de um pavor repentino, Jenny rodeou rapidamente a ilhota.

Hilda Beck estava deitada de costas no chão, morta. Fitava o teto com olhos que não enxergavam, e a sua língua descolorida e dura aparecia por entre os lábios inchados.

Lisa ergueu os olhos da mulher morta, fitou Jenny, tentou falar, mas não conseguiu emitir um único som.

Jenny tomou a irmã pelo braço e conduziu-a até o outro lado da cozinha, de onde não poderia enxergar o cadáver. Abraçou-a.

A mocinha abraçou-a também. Com força. Ferozmente.

— Tudo bem, querida?

Lisa não disse nada. Tremia incontrolavelmente.

Há apenas seis semanas, chegando em casa depois de uma vesperal no cinema, Lisa encontrara a mãe deitada no chão da cozinha de sua casa em Newport Beach. Morrera de uma hemorragia cerebral maciça. Ficara arrasada. Sem ter conhecido o pai, que morreu quando tinha apenas dois anos, Lisa era especialmente apegada à mãe. Durante algum tempo a perda a deixara profundamente abalada, confusa, deprimida. Aos poucos, aceitou a morte da mãe, descobrira de novo como sorrir e achar graça. Nos últimos dias, estava parecendo de novo uma garota normal. E agora isso.

Jenny levou a garota até a secretária, fez com que se sentasse, depois agachou-se na sua frente. Tirou um lenço de papel de uma caixa sobre a escrivaninha e enxugou a testa úmida de Lisa. A mocinha não apenas estava mortalmente pálida, estava também gelada.

— Em que posso ajudar, mana?

— T-t-tudo bem — falou Lisa, com a voz trêmula.

Ficaram de mãos dadas. A garota agarrava a mão da irmã com tanta força que quase chegava a doer.

Igualmente, ela falou: — Pensei... logo que a vi ali... no chão daquele jeito... pensei... é loucura, mas pensei... que era a mamãe. — As lágrimas brilhavam nos seus olhos, mas ela se controlava. — S-sei que mamãe morreu. E essa mulher nem se parece com ela. Mas foi... a surpresa... o choque... uma coisa tão confusa.

Elas continuaram de mãos dadas e, aos poucos, Lisa foi relaxando o aperto.

Dali a um pouco, Jenny perguntou: — Está se sentindo melhor?

— Estou. Um pouquinho.

— Quer se deitar?

— Não. — Soltou a mão de Jenny para pegar outro lenço de papel da caixa. Enxugou o nariz. Olhou para a ilhota, atrás da qual jazia o corpo. — Aquela é Hilda?

— É.

— Sinto muito.

Jenny sempre gostara imensamente de Hilda Beck. Estava abaladíssima com a morte da mulher, mas neste momento estava mais preocupada com Lisa do que com qualquer outra coisa.

— Mana, acho melhor você sair daqui. Que tal esperar no meu consultório enquanto eu examino direito o corpo? Depois tenho que ligar para o gabinete do xerife e para o legista municipal.

— Espero aqui com você.

— Seria melhor se...

— Não! — exclamou Lisa, começando a tremer de novo. — Não quero ficar sozinha.

— Tudo bem — tranquilizou-a Jenny. — Pode ficar sentada aqui.

— Ah, pombas — falou Lisa, infeliz. — O jeito que ela estava...

toda inchada... toda roxa. E a expressão no rosto dela... — Enxugou os olhos com as costas das mãos. — Por que ela está toda escura e inchada daquele jeito?

— Bem, obviamente já morreu faz alguns dias — falou Jenny. — Mas, ouça, tem que tentar não pensar sobre essas coisas...

— Se ela já morreu faz alguns dias — objetou Lisa, com a voz trêmula —, por que não está cheirando mal aqui? Não devia estar?

Jenny franziu o cenho. Claro que devia estar cheirando mal, se Hilda Beck estava morta há tempo suficiente para a sua carne empretecer e os tecidos do seu corpo incharem do jeito que incharam.

Devia estar. Mas não estava.

— Jenny, o que aconteceu com ela?

— Ainda não sei.

— Estou com medo.

— Não tenha medo. Não há motivo para ter medo.

— Aquela expressão no rosto dela — falou Lisa. — É horrível.

— Não importa como tenha morrido, deve ter sido rápido. Ela não parece ter estado doente ou ter lutado. Não pode ter sentido muita dor.

— Mas... parece que ela morreu no meio de um grito.

3

A mulher morta

Jenny Paige jamais vira um corpo como aquele. Nada na faculdade ou na sua própria prática de medicina a tinha preparado para a condição estranha do cadáver de Hilda Beck. Agachou-se junto ao corpo e examinou-o com tristeza e desprazer — mas também com uma curiosidade considerável e com uma perplexidade cada vez maior.

O rosto da mulher estava intumescido; era agora uma caricatura redonda, macia e um tanto lustrosa da fisionomia que ela tivera em vida. O corpo também estava inchado, e em alguns lugares fazia pressão contra as costuras do vestido de andar em casa, cinza e amarelo. Onde a carne era visível — pescoço, braços e mãos, panturrilhas, tornozelos —, ela tinha um ar macio, de coisa madura demais. Contudo, o inchaço não parecia ser aquele formado pelos gases, que era uma consequência natural da decomposição. Por exemplo, o estômago devia estar imensamente distendido pelos gases, muito mais inchado do que qualquer outra parte do corpo, mas estava apenas moderadamente dilatado.

Além disso, não havia cheiro de decomposição.

Vista de perto, a pele escura e manchada não parecia ser o resultado de deterioração dos tecidos. Jenny não conseguia localizar nenhum sinal visível da decomposição em progresso; nenhuma lesão, nenhuma bolha, nenhuma pústula purgando. Como se compõem de tecidos comparativamente macios, os olhos de um cadáver, em geral, dão mostras de degeneração física antes da maior parte das outras porções do corpo. Os olhos de Hilda Beck, porém — arregalados, fixos —, eram espécimes perfeitos. Os brancos dos olhos eram límpidos, nem amarelados nem

descoloridos por vasos sanguíneos estourados. As íris também eram límpidas. Nem sequer havia as cataratas leitosas pós-morte para obscurecer a cor azul e cálida.

Em vida, geralmente havia alegria e bondade nos olhos de Hilda.

Ela estava com 62 anos, uma mulher grisalha de rosto meigo e jeito de vovó. Falava com ligeiro sotaque alemão e tinha uma voz surpreendentemente linda. Cantava com frequência enquanto limpava a casa ou cozinhava, e encontrava alegria nas coisas mais simples.

Jenny sentiu uma pontada aguda de dor ao dar-se conta do quanto sentia a falta de Hilda. Fechou os olhos por um momento, sem conseguir olhar para o cadáver. Controlou-se, prendeu as lágrimas.

Finalmente, quando tinha readquirido o seu distanciamento profissional, abriu os olhos e prosseguiu com o exame.

Quanto mais olhava para o corpo, mais a pele parecia machucada. O colorido indicava machucaduras severas: preto, azul e um amarelo profundo, as cores se misturando umas com as outras.

Mas nada se parecia nem remotamente com qualquer outra contusão que Jenny já vira. Pelo que podia perceber, a contusão era universal: não havia uma única polegada quadrada de pele visível que estivesse livre dela. Segurou com cuidado a manga do vestido da governanta e empurrou-o para cima até onde permitia o braço inchado. Sob a manga, a pele também estava escura, e Jenny desconfiou que o corpo inteiro estava coberto com uma série incrível de pisaduras contíguas.

Olhou de novo para o rosto da sra. Beck. Cada centímetro de pele apresentava sinais de contusão. Às vezes, a vítima de um sério acidente de carro sofria ferimentos que lhe causavam pisaduras na maior parte do rosto, mas uma condição tão severa era sempre acompanhada de um trauma pior, tal como um nariz quebrado, lábios partidos, maxilar quebrado... Como é que a sra. Beck poderia ter adquirido pisaduras tão grotescas quanto aquelas sem sofrer igualmente outros ferimentos mais sérios?

— Jenny? — falou Lisa. — Por que está demorando tanto?

— Só mais um minutinho. Continue aí mesmo.

Bem... talvez as contusões que cobriam o corpo da sra. Beck não fossem resultantes de golpes administrados externamente. Seria possível que a descoloração da pele fosse causada, em vez disso, por pressão interna, pelo intumescimento do tecido subcutâneo? Esse intumescimento estava, afinal de contas, vividamente presente. Para ter causado pisaduras tão completas, porém, sem dúvida, o inchaço teria que ter ocorrido repentinamente, com uma violência incrível. Mas isso não fazia sentido, droga. O tecido vivo não podia inchar assim tão depressa. O inchaço abrupto era sintomático de certas alergias, é claro.

Um dos piores era uma severa reação alérgica à penicilina. Mas Jenny não tinha ciência de nada que pudesse causar um inchaço crítico com tal rapidez que resultasse naquelas machucaduras horrendas e universais.

E mesmo que o intumescimento não fosse simplesmente o inchaço clássico pós-morte — e ela tinha certeza que não era —, ainda que fosse a causa das pisaduras, em nome de Deus, o que teria causado o intumescimento, para início de conversa? Ela já eliminara a reação alérgica.

Se um veneno fosse o responsável, era de uma variedade extremamente exótica. Mas onde Hilda teria entrado em contato com um veneno exótico? Ela não tinha inimigos. A simples ideia de assassinato era absurda. E conquanto uma criança fosse capaz de colocar uma substância estranha na boca apenas para descobrir o gosto, Hilda não faria uma coisa tão idiota. Não, veneno não.

Moléstia?

Se fosse moléstia, causada por bactéria ou vírus, não era nada parecido com as coisas que ensinaram Jenny a reconhecer. E se provasse ser contagioso?

— Jenny? — chamou Lisa. Moléstia.

Aliviada por não ter tocado diretamente no corpo, desejando nem mesmo ter tocado na manga do vestido, Jenny se pôs rapidamente em pé, oscilou e se afastou do cadáver.

Sentiu um calafrio.

Pela primeira vez, reparou no que estava sobre a tábua de carne ao lado da pia. Havia quatro batatas grandes, um repolho, um pacote de cenouras, uma faca comprida e um descascador de

legumes. Hilda estivera preparando a refeição quando caíra morta. Sem mais nem menos. Hum. Aparentemente não estava doente, não tinha tido nenhum sinal. Que diabo, uma morte tão repentina não era indicativa de moléstia.

Que moléstia resultava em morte sem primeiro passar pelos estágios mais debilitantes de doença, desconforto e deterioração física?

Nenhuma. Nenhuma que fosse do conhecimento da medicina moderna.

— Jenny, podemos sair daqui? — pediu Lisa.

— Shhh. Num minuto. Deixe-me pensar — falou Jenny, apoiando-se na ilhota, olhando para a mulher morta.

Um pensamento vago e assustador estava começando a acossá-

la: a peste. A peste — tanto bubônica quanto sob outras formas — não era desconhecida em partes da Califórnia e do Sudoeste. Nos últimos anos, umas duas dúzias de casos haviam sido registradas. Contudo, era raro alguém morrer de peste hoje em dia, pois ela podia ser curada pela administração de estreptomicina, cloranfenicol ou qualquer uma das tetraciclinas. Algumas formas de peste se caracterizavam pelo aparecimento na pele de manchas pequenas, arroxeadas, hemorrágicas.

Em casos extremos, as manchas se tornavam quase negras e se espalhavam até que grandes porções do corpo fossem tomadas por elas.

Na Idade Média, essa peste se tornara conhecida simplesmente como a Morte Negra. Mas será que as manchas podiam nascer com tal abundância a ponto de o corpo da vítima ficar tão completamente preto como o de Hilda?

Além disso, Hilda morrera subitamente, enquanto estava cozinhando, sem primeiro sofrer de vômitos, incontinência, febre — o que eliminava a peste. E o que, na verdade, eliminava também todas as outras moléstias contagiosas conhecidas.

No entanto, não havia sinais visíveis de violência. Não havia ferimentos sangrentos de arma de fogo, nem de facadas. Não havia indicação alguma de que a governanta tivesse sido espancada ou estrangulada.

Jenny rodeou o corpo e foi até o balcão junto à pia. Tocou o repolho e ficou espantada ao notar que ainda estava frio. Não estivera aqui na tábua de carne mais do que uma hora, aproximadamente.

Afastou-se da pia e olhou de novo para Hilda, mas com pavor ainda maior do que antes.

A mulher morrera nesta última hora. O corpo ainda podia estar quente,

Mas o que a matara!

Jenny não estava mais perto da resposta agora do que estivera antes de examinar o corpo. E embora a moléstia parecesse não ser a culpada aqui, ela não podia eliminá-la. A possibilidade de contágio, embora remota, era assustadora.

Ocultando de Lisa a sua preocupação, Jenny falou: — Vamos indo, meu bem, posso usar o telefone do consultório.

— Já estou me sentindo melhor — disse Lisa, mas se levantou prontamente, e era evidente que estava ansiosa para ir embora.

Jenny abraçou a garota e deixaram a cozinha.

Um silêncio irreal parecia encher a casa. O silêncio era tão profundo que o sussurro dos passos delas no tapete do corredor, em contraste, parecia estrondoso.

A despeito das luzes fluorescentes do teto, o consultório de Jenny não era uma sala árida e impessoal como as que a maioria dos médicos de hoje em dia prefere. Ao contrário, era um consultório antiquado de médico do interior, como se fosse uma das ilustrações de Norman Rockwell para o Saturday Evening Post. As prateleiras estavam lotadas de livros e revistas médicas. Havia seis arquivos de madeira antigos que Jenny comprara por um precinho bom num leilão. Nas paredes estavam pendurados diplomas, quadros de anatomia e duas grandes aquarelas de Snowfield. Ao lado do armário de remédios trancado havia uma balança, e ao lado desta, numa mesinha, uma caixa de brinquedos baratos — carrinhos de plástico, soldadinhos, bonecas em miniatura — e pacotes de goma de mascar sem açúcar que eram dados como recompensa (ou suborno) para as crianças que não choravam durante os exames.

Uma escrivaninha de pinho, grande, riscada, escura, era a peça central da sala, e Jenny levou Lisa até a grande cadeira de couro que ficava por trás dela.

— Desculpe — disse a mocinha.

— Por quê? — perguntou Jenny, sentando-se na beirada da escrivaninha e puxando o telefone para junto de si.

— Desculpe a minha fraqueza. Quando vi... o corpo... bem... fiquei histérica.

— Não ficou nada histérica. Só chocada e assustada, o que é compreensível.

— Mas você não ficou chocada nem assustada.

— Ah, fiquei — disse Jenny. — Não apenas chocada: atordoada.

— Mas não ficou assustada, como eu fiquei.

— Fiquei assustada, e ainda estou assustada. — Jenny hesitou, depois concluiu que, afinal de contas, não devia esconder a verdade da garota. Falou-lhe da possibilidade perturbadora de contágio. — Não creio que seja uma moléstia isso que estamos enfrentando, mas posso estar errada. E se estiver...

A garota fitou Jenny espantada, de olhos arregalados.

— Você estava assustada, como eu, mas ainda assim passou todo aquele tempo examinando o corpo. Pombas, eu não poderia fazer isso. Eu não. Nunca.

— Bem, querida, mas é que eu sou médica. Fui treinada para isso.

— Mesmo assim...

— Você não fraquejou, pode estar certa — tranquilizou-a Jenny.

Lisa assentiu, aparentemente sem ter se convencido.

Jenny tirou o fone do gancho, pretendendo chamar o xerife em Snowfield, antes de ligar para o legista em Santa Mira, a sede do condado. Não houve ruído de discar, apenas um sibilar suave. Ela mexeu no aparelho, apertando e soltando as traves de desligar, mas nenhum sinal de linha.

Havia algo de sinistro no fato de um telefone estar enguiçado quando uma mulher jazia morta na cozinha. Talvez a sra. Beck tivesse sido assassinada. Se alguém cortara a linha do telefone e entrara na casa, e se esgueirara por trás de Hilda com cuidado e astúcia... bem... poderia tê-la apunhalado nas costas com uma faca

de lâmina comprida que afundara o bastante para penetrar no coração, matando-a instantaneamente. Nesse caso, o ferimento estaria onde Jenny não podia vê-lo, a não ser que tivesse virado o corpo completamente, de bruços. Isso não explicava por que não havia sangue algum. E nem explicava as pisaduras universais, o inchaço. Apesar disso, a ferida podia estar nas costas da governanta, e como ela morrera nesta última hora, também era concebível que o assassino — se houvesse um assassino — ainda pudesse estar aqui, dentro da casa.

Estou dando asas demais à imaginação, pensou Jenny.

Mas decidiu que seria uma atitude sensata ela e Lisa saírem da casa imediatamente.

— Vamos ter que dar um pulo no vizinho e pedir a Vince ou Angie Santini que dêem os telefonemas para nós — explicou Jenny suavemente, levantando-se da beirada da mesa. — Nosso telefone está enguiçado.

Lisa piscou os olhos.

— Isso tem algo a ver com... o que aconteceu?

— Não sei — falou Jenny.

Seu coração batia com força enquanto ela cruzava o consultório em direção à porta semicerrada. Ficou imaginando se haveria alguém à espera do outro lado.

Acompanhando Jenny, Lisa falou:

— Mas o telefone estar enguiçado agora... é um pouco estranho, não acha?

— Um pouco.

Jenny estava quase esperando encontrar um estranho imenso e sorridente com uma faca. Um desses sociopatas que parecem proliferar hoje em dia. Um desses imitadores de Jack, o Estripador, cujo trabalho sangrento mantém os repórteres de TV bem supridos de filmes repulsivos para O noticiário das seis.

Espiou para o corredor antes de se aventurar a sair, preparada para dar um salto para trás e bater a porta se visse qualquer pessoa. O

corredor estava deserto.

Lançando um olhar para Lisa, Jenny viu que a garota se apercebera rapidamente da situação.

Atravessaram rapidamente o corredor em direção à parte da frente da casa: ao se acercarem das escadas que levavam ao segundo andar, que ficavam juntinho do Vestíbulo, os nervos de Jenny estavam mais tensos do que nunca. O assassino — se é que existe um assassino, lembrou a si mesma, cheia de exasperação — podia estar nas escadas, escutando enquanto elas passavam na direção da porta da frente. Podia saltar degraus abaixo enquanto elas passavam por ele, a faca erguida bem no alto...

Mas ninguém esperava nas escadas.

Ou no Vestíbulo. Ou na varanda.

Do lado de fora, o crepúsculo rapidamente se transformava em noite. A luz remanescente era arroxeada, e as sombras — um exército zumbi de sombras — se erguiam de dezenas de milhares de locais nos quais se tinham ocultado da luz do sol. Dentro de dez minutos estaria escuro.

4

A casa vizinha

A casa de pedra e sequoia dos Santinis era de um estilo mais moderno do que a residência de Jenny, toda cheia de quinas arredondadas e ângulos suaves. Erguia-se do solo pedregoso, adaptando-se aos contornos da encosta, tendo como pano de fundo maciços pinheiros; quase parecia ser uma formação natural. As luzes estavam acesas em dois dos cômodos do andar inferior.

A porta da frente estava entreaberta. Lá dentro tocava-se música clássica.

Jenny tocou a campainha e deu alguns passos para trás, para onde Lisa estava esperando. Acreditava que ambas deviam se manter a uma certa distância dos Santinis; era possível que tivessem sido contaminadas pelo simples fato de terem estado na cozinha com o cadáver da sra. Beck.

— Não se poderia querer vizinhos melhores — falou para Lisa, desejando que aquele bolo duro e frio no seu estômago se derretesse. — Gente ótima.

Ninguém atendeu à campainha.

Jenny se adiantou, apertou de novo o botão e voltou para o lado de Lisa. Continuou:

— São donos de uma loja de artigos de esqui e outra de presentes na cidade.

A música cresceu, diminuiu, cresceu. Beethoven.

— Pode ser que não haja ninguém em casa — falou Lisa.

— Tem que haver alguém. A música, as luzes...

Um vento repentino e forte se agitou por sob o telhado da varanda, e as rajadas de ar interferiram com os acordes de Beethoven, transformando brevemente aquela música doce num ruído irritante e dissonante.

Jenny escancarou a porta. Havia uma luz acesa no escritório que ficava à esquerda do Vestíbulo. Uma luminosidade leitosa saía pelas portas abertas do escritório e se espalhava pelo Vestíbulo de piso de carvalho até o limiar da sala de estar escura.

— Angie? Vince? — chamou Jenny Não houve resposta.

Somente Beethoven. O vento arrefecera, e a música rasgada fora costurada na tranquilidade sem ventos. A Terceira Sinfonia, Eroica.

— Oi? Tem alguém em casa?

A sinfonia atingiu a sua conclusão emocionante, e quando a última nota sumiu, não começou nenhuma música nova.

Aparentemente, a vitrola se desligara sozinha.

— Oi?

Nada. A noite por trás de Jenny estava silenciosa, assim como ficara a casa à sua frente agora.

— Você não vai entrar aí, vai? — perguntou Lisa, ansiosa.

Jenny lançou um olhar para a garota.

— O que foi?

Lisa mordeu o lábio.

— Tem alguma coisa errada aí. Você também está sentindo, não está?

Jenny hesitou. Relutantemente, falou: — É, estou.

— É como se... se estivéssemos sozinhas aqui... só você e eu... e ao mesmo tempo... não estivéssemos.

Jenny tinha a estranha sensação de que estavam sendo observadas. Virou-se e examinou a relva e os arbustos que tinham sido quase completamente engolidos pela escuridão. Olhou para cada uma das janelas que davam para a varanda. Havia luz no escritório, mas as outras janelas estavam às escuras, negras e lustrosas. Alguém podia estar parado por detrás de qualquer uma daquelas vidraças, envolto nas sombras, vendo sem ser visto.

— Vamos embora, por favor — pediu Lisa. — Vamos chamar a polícia ou qualquer outra pessoa. Vamos embora agora. Por favor.

Jenny balançou a cabeça.

— listamos esgotadas. Nossa imaginação está nos pregando peças. Do qualquer forma, tenho que dar uma olhada lá dentro, para

o caso de haver alguém ferido... Angie, Vince, quem sabe uma das crianças...

— Não.

Lisa agarrou o braço de Jenny, retendo-a. Sou médica. Tenho a obrigação de ajudar. Mas se você pegou um germe ou coisa parecida da sra. Beck, pode contaminar os Santinis. Foi você mesma quem disse.

— É, mas pode ser que já estejam morrendo da mesma coisa que matou Hilda. E então? Podem "estar precisando de cuidados médicos.

— Não creio que seja uma moléstia — falou Lisa, desolada, fazendo eco aos pensamentos de Jenny. — É uma coisa pior — O que poderia ser pior?

— Não sei. Mas eu... eu sinto. É uma coisa pior.

O vento soprou de novo e agitou os arbustos junto da varanda.

— Está bem — falou Jenny. — Você fica esperando aqui enquanto eu vou dar uma olhada em...

— Não — replicou Lisa rapidamente. — Se você vai entrar ali, eu também vou.

— Meu bem, você não estaria fraquejando se...

— Eu vou — insistiu a jovem, soltando o braço de Jenny. — Vamos terminar logo com isso.

Entraram na casa.

Parada no Vestíbulo, Jenny espiou pela porta aberta à esquerda.

— Vince? — Dois abajures lançavam uma luz dourada e cálida em todos os cantos do escritório de Vince Santini, mas a sala estava deserta. — Angie? Vince? Tem alguém aí?

Nenhum som perturbava o silêncio sobrenatural, embora a escuridão em si parecesse de certa forma alerta, atenta... como se fosse um animal imenso e agachado.

À direita de Jenny, a sala de estar estava envolta em sombras tão espessas como estamenha preta densamente tecida. Na extremidade oposta, alguns fiapos de luz rebrilhavam nas beiradas e no pé de um par de portas que isolavam a sala de jantar, mas o brilho fraco nada fazia para dispersar as sombras do lado de cá.

Ela encontrou e acionou o interruptor de parede que acendeu uma luz, revelando a sala de estar desocupada.

— Está vendo? — falou Lisa. — Não tem ninguém em casa.

— Vamos dar uma olhada na sala de jantar.

Cruzaram a sala de estar, que era mobiliada com confortáveis sofás em bege e elegantes poltronas Rainha Anne em verde-esmeralda.

O som e o gravador estéreo estavam instalados discretamente num móvel de canto. Era de lá que vinha a música. Os Santinis tinham saído e deixado os aparelhos ligados.

Na extremidade da sala, Jenny abriu as portas duplas, que rangeram ligeiramente.

Também não havia ninguém na sala de jantar, mas o lustre iluminava uma cena curiosa. A mesa estava posta para um ajantarado de domingo: quatro jogos americanos; quatro pratos de jantar limpos; quatro pratos de salada combinando, três deles limpinhos, o quarto com um porção de salada; quatro jogos de talheres de aço inoxidável; quatro copos — dois cheios de leite, um de água e um quarto de um líquido cor de âmbar que bem podia ser suco de maçã. Cubos de gelo, apenas parcialmente derretidos, flutuavam tanto no suco quanto na água. No centro da mesa estavam as travessas: um prato de salada, uma travessa com presunto, batatas ao forno, um prato grande com ervilhas e cenouras. Excetuando a salada, de onde fora tirada uma porção, a comida não fora tocada. O presunto esfriara. Todavia, a crosta gratinada do prato de batatas estava perfeita, e quando Jenny encostou a mão no prato, percebeu que ainda estava quente. A comida fora posta na mesa nesta última hora, talvez, apenas há uns trinta minutos.

— Parece que tiveram que ir a algum lugar com muita pressa — comentou Lisa.

Franzindo o cenho, Jenny falou:

— Chega a parecer que foram levados à força.

Havia alguns detalhes perturbadores. Como a cadeira virada.

Estava deitada de lado, a curta distância da mesa. As outras cadeiras estavam em pé, mas no chão, ao lado de uma delas, estava uma colher de servir e um garfo de carne de dois dentes. Um guardanapo amassado também estava no chão, num canto da sala,

não como se tivesse sido largado ali, mas arremessado. Na mesa, o saleiro estava virado.

Pequenas coisas. Nada de dramático. Nada de conclusivo.

Apesar disso, Jenny ficou preocupada.

— Levados à força? — indagou Lisa, atônita.

— Talvez.

Jenny continuava a falar baixinho, como a irmã. Ainda tinha a sensação inquietante de que alguém estava por perto, oculto, à espreita — pelo menos na escuta. Paranoia, advertiu a si mesma.

— Nunca ouvi falar de alguém raptando uma família inteira — disse Lisa.

— Bem... pode ser que eu esteja errada. Provavelmente uma das crianças passou mal de repente e eles tiveram que correr para o hospital em Santa Mira. Alguma coisa no gênero.

Lisa examinou a sala de novo, inclinou a cabeça para escutar o silêncio sepulcral da casa.

— Não, acho que não.

— Nem eu — admitiu Jenny.

Rodeando lentamente a mesa, examinando-a como se esperasse descobrir uma mensagem secreta deixada pelos Santinis, o medo cedendo lugar u curiosidade, Lisa falou: — Isso me faz lembrar de uma coisa que li certa vez num livro sobre fatos estranhos. Sabe... O Triângulo das Bermudas ou um livro parecido. Havia um grande navio, o Mary Celeste... lá por 1870, mais ou menos...Bem, o caso é que o Mary Celeste foi encontrado à deriva no meio do Atlântico, com a mesa posta para o jantar, mas com toda a tripulação desaparecida. O navio não fora danificado numa tempestade, não estava fazendo água nem nada. Não havia motivo para a tripulação tê-lo abandonado. Além disso, os botes salva-vidas ainda estavam no navio. Os lampiões estavam acesos, as velas envergadas, e a comida na mesa, como eu disse,. Tudo estava exatamente como devia estar, exceto que até o último homem no navio havia sumido. É um dos grandes mistérios do mar.

— Mas estou certa de que, não há nenhum grande mistério nisto — retrucou Jenny, inquieta. — Estou certa de que os Santinis não sumiram para sempre.

Lisa parou na metade do caminho, ergueu os olhos, pestanejou olhando para Jenny.

— Se eles foram levados à força, será que isso tem algo a ver com a morte da sua governanta?

— Talvez. Ainda não podemos ter certeza. Falando ainda mais baixo do que antes, Lisa indagou:

— Acha que devemos arranjar uma arma, ou coisa parecida?

— Não, não. — Olhou para a comida intacta esfriando nas travessas. O sal derramado. A cadeira virada. Afastou-se da mesa. — Vamos, meu bem.

— Para onde?

— Vamos ver se o telefone está funcionando.

Cruzaram a porta que ligava a sala de jantar à cozinha e Jenny acendeu a luz.

O telefone ficava na parede junto à pia. Jenny tirou o fone do gancho, escutou, mexeu nas traves de desligar, mas não conseguia linha.

Desta vez, contudo, não era como realmente se não houvesse linha, como acontecera na sua casa. Era uma linha aberta, cheia do sibilar suave da estática eletrônica. Os números do corpo de bombeiros e da subdelegacia estavam num adesivo na base do aparelho. Apesar de não escutar o sinal de discar, Jenny apertou as teclas com os sete dígitos do gabinete do xerife, mas não conseguiu completar a ligação.

Então, quando Jenny voltava a mexer nas traves de desligar, começou a desconfiar de que havia alguém na linha, escutando.

Falou ao aparelho:

— Alô? — Um sibilar distante. Como ovos frigindo numa chapa.

— Alô? — repetiu.

Apenas a estática distante. O que chamavam de "ruído branco".

Ela disse a si mesma que não havia nada a não ser os sons comuns de uma linha telefônica aberta. Mas o que ela achava que estava ouvindo era alguém que a escutava atentamente enquanto ela o escutava.

Bobagem.

Sentiu um arrepio na nuca e, bobagem ou não, desligou rapidamente.

— O gabinete do xerife não pode ficar longe, numa cidade tão pequena — falou Lisa.

— Uns dois quarteirões.

— Por que não andamos até lá?

Jenny tinha a intenção de revistar o restante da casa, para o caso dos Santinis estarem em algum outro cômodo, feridos ou doentes.

Agora, estava se perguntando se alguém estivera na linha telefônica com ela, escutando na extensão em outra parte da casa. Essa possibilidade modificava tudo. Ela não fazia pouco-caso do seu juramento de Hipocrates; na verdade, apreciava as responsabilidades especiais que faziam parte do seu trabalho, pois era do tipo de pessoa que precisava ter testadas regular mente as suas opiniões, a sua inteligência e a sua energia. Adorava um desafio. Neste exato momento, porém, a sua responsabilidade principal era para com Lisa e para consigo mesma. Talvez o mais sensato a fazer fosse ir buscar o delegado, Paul Henderson, voltar para cá com ele e então revistar o resto da casa.

Embora ela quisesse crer que era apenas a sua imaginação, ainda sentia olhares inquisitivos; alguém à espreita... à espera.

— Vamos embora — falou para Lisa. — Venha. Nitidamente aliviada a jovem foi andando depressa na frente, passando pela sala de jantar e de estar até a porta da frente.

Lá fora, caíra a noite. O ar agora estava mais fresco do que estivera ao entardecer, e logo ficaria frio de verdade — uns sete ou cinco graus, talvez até mais frio — um lembrete de que o outono nas Sierras era sempre breve e que o inverno estava ansioso para chegar e se instalar.

Ao longo da Skyline Road, as luzes das ruas se acenderam automaticamente com a chegada da noite. Nas vitrines de diversas lojas também se haviam acendido as luzes noturnas, ativadas pelos diodos sensíveis à luz que tinham reagido ao mundo exterior em fase de escurecimento.

Na calçada diante da casa dos Santinis, Jenny e Lisa se detiveram, impressionados com a vista que se lhes descortinava.

Descendo pelo lado da montanhas, os telhados pontudos e bicudos destacando-se no céu noturno, a cidade era ainda mais

bela do que fora ao crepúsculo. Algumas chaminés deixavam escapar plumas fantasmagóricas de fumaça de madeira. Algumas janelas brilhavam com as luzes que vinham de dentro, mas a maioria, como espelhos escuros, refletia os raios dos postes de luz. O vento brando fazia com que as árvores se agitassem suavemente, em ritmo de canção de ninar, e os sussurros resultantes eram como os suspiros meigos e os murmúrios sonhadores de mil crianças serenamente adormecidas.

Contudo, não somente a beleza era impressionante. A imobilidade absoluta, o silêncio — foi isso que fez com que Jenny se detivesse. Ao chegarem à cidade, achara-o estranho. Agora, estava achando-o agourento.

— A subdelegacia do xerife fica na rua principal — disse para Lisa. — Daqui a duas quadras e meia.

Apressaram-se a entrar no coração silencioso da cidade.

5

Três balas

Uma única lâmpada fluorescente brilhava na penumbra da cadeia municipal, mas o seu pescoço flexível estava dobrado vivamente, focalizando a luz no alto de uma escrivaninha, revelando pouca coisa mais da grande sala principal. Uma revista aberta jazia sobre o mataborrão da escrivaninha, diretamente sob o facho de luz dura e branca. Tirando isso, o local estava escuro, exceto pela luminosidade pálida que se filtrava pelas janelas com mainel, vinda dos postes de luz.

Jenny abriu a porta e entrou, com Lisa logo atrás.

— Alô? Paul? Você está aí?

Ela localizou um interruptor de parede, acendeu as luzes do teto — e crispou-se toda ao ver o que jazia no chão à sua frente. Paul Henderson. Carne escura, pisada. Inchado. Morto!

— Ah, Jesus! — exclamou Lisa, afastando-se rapidamente. Foi aos tropeções até a porta aberta, apoiou-se contra o umbral e inspirou em grandes haustos o ar fresco da noite.

Com esforço considerável, Jenny abafou o medo primitivo que começara a surgir dentro de si e se dirigiu para junto de Lisa. Pondo a mão no ombro esguio da garota, perguntou: — Você está bem? Quer vomitar?

Lisa estava fazendo força para não ter engulhos. Finalmente, balançou a cabeça.

— Não. N-não vou vomitar. Já vou ficar bem. V-vamos sair daqui.

— Daqui a um minuto — falou Jenny. — Primeiro quero dar uma olhada no corpo.

— Você não pode querer olhar para aquilo.

— Tem razão. Não quero, mas talvez eu possa ter alguma ideia do que estamos enfrentando. Você pode esperar aqui junto à porta.

A moça suspirou, resignada.

Jenny dirigiu-se para o cadáver que estava esparramado no chão, ajoelhou-se ao lado dele.

Paul Henderson estava nas mesmas condições de Hilda Beck.

Cada centímetro visível da carne do delegado estava pisado. O corpo estava intumescido: um rosto inchado e distorcido; o pescoço quase do mesmo tamanho da cabeça; dedos que pareciam pedaços de linguiça; um abdome dilatado. No entanto, Jenny não conseguia detectar nem o mais leve sinal de decomposição.

Olhos que não enxergavam saltavam de um rosto manchado e preto. Aqueles olhos, justamente com a boca escancarada e retorcida, demonstravam uma emoção inconfundível: o medo. Como Hilda, Paul Hender.

— Você está bem? Quer vomitar?

Lisa estava fazendo força para não ter engulhos. Finalmente, balançou a cabeça.

— Não. N-não vou vomitar. Já vou ficar bem. V-vamos sair daqui.

— Daqui a um minuto — falou Jenny. — Primeiro quero dar uma olhada no corpo.

— Você não pode querer olhar para aquilo.

— Tem razão. Não quero, mas talvez eu possa ter alguma ideia do que estamos enfrentando. Você pode esperar aqui junto à porta.

A moça suspirou, resignada.

Jenny dirigiu-se para o cadáver que estava esparramado no chão, ajoelhou-se ao lado dele.

Paul Henderson estava nas mesmas condições de Hilda Beck.

Cada centímetro visível da carne do delegado estava pisado. O corpo estava intumescido: um rosto inchado e distorcido; o pescoço quase do mesmo tamanho da cabeça; dedos que pareciam pedaços de linguiça; um abdome dilatado. No entanto, Jenny não conseguia detectar nem o mais leve sinal de decomposição.

Olhos que não enxergavam saltavam de um rosto manchado e preto. Aqueles olhos, justamente com a boca escancarada e retorcida, demonstravam uma emoção inconfundível: o medo. Como Hilda, Paul Henderson parecia ter morrido subitamente... e nas garras gélidas e potentes do terror.

Jenny não fora amiga íntima do morto. Conhecia-o, é claro, pois todos conheciam uns aos outros numa cidade tão pequena quanto

Snowfield. Ele parecia bastante agradável, um bom policial. Sentiu-se desolada com o que acontecera a ele. Ao fitar-lhe o rosto contorcido, um fio de náusea formou um nó de dor seca no seu estômago, e ela teve que desviar os olhos.

A arma do delegado não estava no coldre. Estava no chão, junto ao corpo. Um revólver calibre 45.

Ela fitou a arma, considerando as implicações. Talvez tivesse escorregado do coldre quando o delegado caíra ao chão. Talvez. Mas ela duvidava. A conclusão mais óbvia era que Henderson puxara o revólver para se defender de um atacante.

Se fosse assim, então não fora morto por veneno ou moléstia.

Jenny olhou atrás de si. Lisa ainda estava parada junto à porta aberta, apoiada contra o umbral, fitando a Skyline Road.

Levantando-se um pouco, afastando-se do corpo, Jenny ficou agachada junto ao revólver por longos segundos, examinando-o, tentando decidir se devia ou não tocá-lo. Não estava tão preocupada com o contágio quanto estivera imediatamente após a descoberta do corpo da sra. Beck. Aquilo estava parecendo cada vez menos com um caso de peste estranha. Além disso, se havia uma moléstia exótica acossando Snowfidd, era assustadoramente virulenta, e Jenny, a esta altura, certamente estaria contaminada. Nada tinha a perder se pegasse o revólver e o examinasse mais atentamente. O que mais a preocupava era que podia estar apagando impressões digitais incriminadoras ou outras provas importantes.

Mas mesmo que Henderson tivesse sido assassinado, não era provável que o criminoso tivesse usado a arma da própria vítima, deixando nela, convenientemente, suas impressões digitais. Além do mais, Paul não parecia ter sido baleado; ao contrário, se é que houvera algum disparo, provavelmente fora ele quem puxara o gatilho.

Ela pegou o revólver e o examinou. O cilindro tinha capacidade para seis balas, mas três das câmaras estavam vazias. O cheiro acre de pólvora queimada revelava que a arma fora disparada recentemente; no dia de hoje; quem sabe, nesta última hora.

Carregando o 45, examinando o chão de cerâmica, ela se pôs de pé e caminhou primeiro até uma ponta da área de recepção, depois

até a outra. Percebeu um brilho de metal, depois outro, e ainda outro: três cartuchos usados.

Nenhum dos tiros fora disparado para baixo, para o chão. A cerâmica, muito bem polida, não apresentava marcas.

Jenny empurrou a porta de vaivém na grade de madeira e entrou na área da cadeia propriamente dita. Desceu um corredor formado por pares de escrivaninhas fronteiras, arquivos e mesas de trabalho. Parou no centro do aposento e olhou lentamente para as paredes em verde-claro e o teto branco de tijolo acústico, procurando buracos de bala.

Não achou nenhum.

Ficou surpresa. Se a arma não tinha sido disparada no chão, nem apontada para as janelas da frente — e não o fora, pois não havia um só vidro quebrado —, então tinha que ter sido disparada com o cano apontado para dentro da sala, à altura da cintura ou mais alto. Nesse caso, para onde tinham ido as balas? Não via nenhum móvel danificado, nenhuma madeira lascada ou melai laminado destruído ou plástico arrebentado, embora soubesse que uma bala de calibre 45 causaria estragos consideráveis no ponto de impacto.

Se as balas usadas não estavam nesta sala, então havia apenas um outro lugar em que poderiam estar: no corpo do homem ou homens para quem Paul Henderson apontara a arma.

Mas se o delegado houvesse ferido um assaltante — ou dois ou três — com três tiros de um revólver calibre 45, três tiros colocados tão certeiramente no tronco do assaltante que as balas tinham sido detidas sem atravessá-lo, então haveria sangue por toda parte. Mas não havia uma só gota.

Confusa, voltou-se para a escrivaninha onde a lâmpada fluorescente de haste flexível lançava a sua luz sobre um exemplar aberto da revista Time. Ao lado, uma placa de metal onde se lia SARGENTO PAUL J. HENDERSON. Fora aí que ele estivera sentado, passando uma tarde aparentemente enfadonha, quando o que quer que tenha acontecido... acontecera.

Com plena certeza do que ia escutar, Jenny tirou o fone do gancho do aparelho sobre a mesa de Henderson. Nada de sinal de

discar. Apenas o sibilar eletrônico, de asa de inseto, de uma linha aberta.

Como acontecera antes, quando tentara usar o telefone na cozinha dos Santinis, teve a sensação de que não era a única que estava na linha. Desligou o aparelho... com força demais, abruptamente demais.

As mãos lhe tremiam.

Na parede dos fundos da sala havia dois quadros de avisos, uma fotocopiadora, um armário de armas trancado, um rádio de polícia e um teletipo. Jenny não sabia como operar o teletipo. Além disso, ele estava mudo e parecia enguiçado. Não conseguiu fazer o rádio funcionar.

Embora a força estivesse ligada, a lâmpada indicadora não acendia. O microfone continuava mudo. Quem quer que tivesse acabado com o delegado acabara também com o teletipo e o rádio.

Voltando para a área de recepção na frente da sala, Jenny reparou que Lisa não estava mais parada no umbral da porta, e, por um instante, seu coração ficou gelado. Depois viu a garota acocorada junto ao corpo de Paul Henderson, espiando-o atentamente.

Lisa ergueu os olhos quando Jenny atravessou a porta na grade.

Apontando para o cadáver muito inchado, a garota falou: — Não sabia que a pele podia esticar deste jeito sem rachar.

A sua pose — curiosidade científica, distanciamento, indiferença estudada para com o horror da cena — era tão transparente quanto uma vidraça. Os seus olhos dardejantes a traíam. Fingindo que não estava achando aquilo desgastante, Lisa desviou o olhar do delegado e se pôs de pé.

— Meu bem, por que não fica perto da porta?

— Fiquei enjoada comigo mesma por ser tão covarde.

— Ouça, mana, já lhe disse...

— Quero dizer, acho que vai acontecer algo com a gente, algo ruim, aqui mesmo em Snowfield, hoje, a qualquer minuto, algo ruim de verdade. Mas não tenho vergonha desse medo, porque faz sentido ter medo, depois de tudo que a gente viu. Mas tive medo até mesmo do corpo do delegado, e isso foi muito infantil.

Quando Lisa fez uma pausa, Jenny ficou calada. A jovem tinha mais coisas a dizer, e precisava botar tudo para fora.

— Ele está morto — continuou Lisa. — Não pode me fazer mal.

Não há motivo para ter medo dele. É errado ceder aos medos irracionais, li errado, é fraqueza e é burrice. Uma pessoa deve enfrentar esse tipo de medo — insistiu. — Enfrentá-lo é a única forma de vencê-lo. Certo? Então resolvi enfrentar isto.

Inclinando a cabeça, indicou o homem morto a seus pés.

Há uma angústia tão grande nos seus olhos, pensou Jenny.

Não era meramente a situação em Snowfield que estava mexendo com a garota. Era a lembrança de ter encontrado a mãe morta de derrame numa tarde clara e quente de julho. De repente, por causa de tudo isso, tudo aquilo lhe estava voltando, e voltando com força.

— Agora estou bem — dizia Lisa. — Ainda estou com medo do que possa acontecer com a gente, mas não estou com medo dele. — Lançou um olhar ao cadáver para comprovar o que dizia, depois ergueu os olhos e fitou os de Jenny. — Está vendo? Pode contar comigo agora.

Não vou fraquejar mais.

Pela primeira vez, Jenny percebeu que era um modelo para Lisa.

Com os olhos, o rosto, a voz e as mãos, Lisa revelava, de inúmeras maneiras sutis, um respeito e uma admiração por Jenny que eram bem maiores do que esta imaginara. Sem recorrer a palavras, a moça estava dizendo algo que emocionava Jenny profundamente: Eu a amo, porém, ainda mais do que isso, eu gosto de você; tenho orgulho de você, acho que é fantástica, e se for paciente comigo, eu afarei orgulhosa e feliz de me ter como irmã caçula.

A percepção de que ocupava uma posição tão elevada no panteão pessoal de Lisa foi uma surpresa para Jenny. Por causa da diferença de idades e porque Jenny estivera longe de casa quase constantemente desde que Lisa tinha dois anos, ela imaginara ser virtualmente uma estranha para a garota. Ficou a um só tempo lisonjeada e comovida com essa nova visão do relacionamento de ambas.

— Sei que posso contar com você — assegurou à garota. — Nunca me ocorreu o contrário.

Lisa sorriu, constrangida. Jenny abraçou-a. Por um momento, Lisa se agarrou a ela com força, e quando se afastaram, perguntou: — Como é... encontrou alguma pista do que aconteceu aqui?

— Nada que faça sentido.

— O telefone não funciona, não é?

— Não.

— Quer dizer que estão todos enguiçados na cidade.

— Provavelmente.

Foram até a porta e depois saíram para a calçada de pedras redondas. Olhando para a rua silenciosa, Lisa falou: — Está todo mundo morto.

— Não se pode ter certeza.

— Todo mundo — insistiu a mocinha, suave e desoladamente.

— A cidade inteira. Todos eles. Dá para se sentir.

— Os Santinis estavam desaparecidos, não mortos — lembrou-lhe Jenny.

Uma lua crescente se erguera acima das montanhas enquanto ela e Lisa estavam na subdelegacia do xerife. Nos lugares cobertos pela noite que os postes de rua e as luzes das lojas não alcançavam, a luz prateada da lua delineava os contornos das formas obscurecidas. O luar, porém, nada revelava. Ao contrário, caía como um véu, agarrando-se mais a alguns objetos do que a outros, oferecendo apenas vagos indícios de suas formas, e, como todos os véus, dando um jeito de tornar todas as coisas debaixo de si ainda mais misteriosas e obscuras do que teriam sido em total escuridão.

— Um cemitério — falou Lisa. — A cidade inteira é um cemitério, Não podemos pegar o carro e ir buscar ajuda?

— Sabe que não. Se foi uma moléstia que...

— Não foi moléstia.

— Não podemos ter certeza absoluta.

— Eu tenho. Tenho certeza. Além disso, você falou que também quase a havia eliminado.

— Mas enquanto houver a mais leve chance, embora remota, temos que nos considerar em quarentena.

Lisa pareceu notar a arma pela primeira vez.

— Isso era do delegado?

— Era.

— Está carregada?

— Ele disparou três vezes, restando, portanto, três balas no cilindro.

— Disparou contra o quê?

— Quem me dera saber.

— Você vai ficar com ela? — perguntou Lisa, tremendo. Jenny fitou o revólver na sua mão direita e assentiu.

— Acho que talvez eu deva.

— É. Mas, pensando bem... não adiantou para salvá-lo, não é?

6

Novidades e noções

Elas seguiram pela Skyline Road, movendo-se alternadamente por sombras, luz amarelada dos postes de rua, escuridão e luar fosfórico. Árvores regularmente espaçadas cresciam em jardineiras junto ao meio-fio, à esquerda. À direita, passaram por uma loja de presentes, um pequeno café e a loja de artigos de esqui dos Santinis.

Em cada um dos estabelecimentos, fizeram uma pausa para espiar pelas janelas e vitrines, buscando sinais de vida, sem nada encontrar.

Também passaram por residências que davam diretamente para a calçada. Jenny subiu os degraus de cada uma das casas e tocou a campainha da frente. Ninguém veio atender, nem mesmo naquelas casas em que havia luzes acesas no interior. Ela chegou a pensar em experimentar para ver se algumas daquelas portas estavam destrancadas e depois entrar. Mas não o fez, porque desconfiava, a exemplo de Lisa, que os ocupantes (se é que haveria algum) estariam nas mesmas condições grotescas de Hilda Beck e Paul Henderson. Ela precisava localizar pessoas vivas, sobreviventes, testemunhas. Não podia saber de mais nada por meio de cadáveres.

— Existe alguma usina nuclear aqui por perto? — perguntou Lisa.

— Não. Por quê?

— Alguma grande base militar?

— Não.

— É que pensei... quem sabe, radiação.

— Radiação não mata assim tão de repente.

— Uma explosão bem forte de radiação?

— Não deixaria as vítimas com essa aparência.

— Não?

— Haveria queimaduras, bolhas, lesões.

Chegaram ao Salão de Beleza Linda Dama, onde Jenny sempre cortava o cabelo. A loja estava deserta, como era normal num domingo comum. Jenny ficou imaginando o que teria acontecido com Madge e Dani, as esteticistas proprietárias do salão. Gostava delas. Torcia para que tivessem passado o dia fora da cidade, visitando os namorados em Mount Larson.

— Veneno? — indagou Lisa, ao se afastarem do salão de beleza.

— Como é que a cidade toda poderia ser envenenada simultaneamente?

— Algum tipo de comida estragada.

— É, talvez todos estivessem num mesmo piquenique, comendo a mesma salada de batata estragada ou porco contaminado, ou qualquer coisa no gênero. Mas não estavam. Só existe um piquenique comunitário aqui, no Quatro de Julho.

— Água envenenada?

— Só se todos resolvessem beber água exatamente no mesmo momento, para que não houvesse tempo de avisar uns aos outros.

— O que é praticamente impossível.

— Além disso, isso não se parece com nenhum tipo de reação a veneno de que eu tenha conhecimento, A padaria dos Liebermanns. Lira um prédio limpo e branco com toldo de listras azuis e brancas. Durante a temporada de esqui, os turistas faziam fila até o meio do quarteirão, o dia todo, sete dias por semana, só para comprar as grandes roscas de canela, os bolinhos pegajosos, os biscoitos com pedacinhos de chocolate, os bolos de amêndoas recheados com chocolate mole e outras guloseimas que Jakob e Aida Liebermann produziam com tremendo orgulho e raro talento artístico. Os Liebermanns gostavam tanto do seu trabalho que até optaram por morar perto dele, num apartamento por cima da padaria (não havia luz visível ali no momento), e embora não houvesse tanto lucro nas atividades de abril a outubro quanto havia no resto do ano, ainda assim eles permaneciam abertos de segunda a sábado, na baixa temporada. As pessoas vinham de todas as cidades montanhesas

próximas — Mount Larson, Shady Roost e Pineville — para comprar sacos e caixas cheios das gulodices dos Liebermanns.

Jenny se aproximou da grande vitrine e Lisa encostou a testa no vidro. Na parte de trás do prédio, lá onde ficavam os fornos, a luz jorrava vivamente por uma porta aberta, inundando uma ponta do salão de vendas e iluminando indiretamente o resto do lugar. À

esquerda ficavam pequenas mesas de café, cada uma delas com um par de cadeiras. Os mostruários de esmalte branco e frente de vidro estavam vazios.

Jenny rezou para que Jakob e Aida tivessem escapado do destino que parecia ter sido reservado ao restante de Snowfield. Eles eram duas das pessoas mais meigas e bondosas que ela já conhecera.

Gente como os Liebermanns fazia de Snowfield um bom lugar para se viver, um refúgio cio mundo rude onde a violência e a maldade eram desconcertantemente comuns.

Afastando-se da vitrine da padaria, Lisa falou: — E quanto a resíduos tóxicos? Um vazamento químico. Algo que tivesse levantado uma nuvem de gás mortífero.

— Aqui não — explicou Jenny. — Aqui não existe nenhum vazadouro de resíduos químicos. Nem fábricas. Nada no gênero.

— Às vezes isso acontece quando um trem descarrila e um vagão cheio de substâncias químicas se arrebenta.

— A ferrovia mais próxima fica a 32 quilômetros.

O cenho franzido, pensando, Lisa começou a se afastar da padaria.

— Espere, quero dar uma olhada aqui dentro — falou Jenny, aproximando-se da porta da frente da loja.

— Por quê? Não tem ninguém aí.

— Não podemos ter certeza. — Forçou a maçaneta da porta, mas não conseguiu abri-la. — As luzes estão acesas nos fundos, na cozinha. Eles podem estar lá, preparando as coisas para assar amanhã, sem saber o que aconteceu no resto da cidade. Esta porta está trancada. Vamos dar a volta pelo outro lado.

Por trás de um portão sólido de madeira, um corredor de serviço estreito e coberto atendia tanto à padaria dos Liebermanns quanto ao Salão de Beleza Linda Dama. O portão se fechava com um trinco

de correr, que logo cedeu aos dedos trêmulos de Jenny. Abriu-se com um guincho e um ranger das dobradiças sem óleo. O túnel entre os dois prédios era assustadoramente escuro; a única luz ficava na extremidade oposta, uma mancha cinzenta e apagada em forma de arco, onde o corredor terminava num beco.

— Não estou gostando disso — falou Lisa.

— Tudo bem, querida. Venha atrás de mim e fique bem juntinho. Se ficar desorientada, vá passando a mão pela parede.

Embora Jenny não quisesse contribuir para o medo da irmã, revelando as suas próprias dúvidas, o corredor às escuras também a deixava nervosa. A cada passo, a passagem parecia ficar mais estreita, espremendo-as.

Quando já estavam a cerca de um quarto do caminho, dentro do túnel, Jenny sentiu-se tomada da estranha sensação de que ela e Lisa não estavam sozinhas. Dali a um instante, percebeu algo que se movia no espaço mais escuro, sob o telhado, a uns três metros da sua cabeça.

Não soube dizer exatamente como o percebeu. Não ouvia nada que não fosse o eco de seus passos e dos de Lisa; também não enxergava grande coisa. Só que, de repente, pressentiu uma presença hostil, e ao fitar atentamente o teto escuro como breu do corredor, teve certeza de que a escuridão estava... mudando.

Mexendo-se. Movendo-se. Movendo-se lá em cima nos caibros do telhado.

Disse a si mesma que estava imaginando coisas, mas quando chegou à metade do túnel os seus instintos animais estavam berrando para que fugisse dali, para que corresse. Os médicos não deviam entrar em pânico; a serenidade fazia parte do treinamento. Apertou o passo um pouco, mas só um pouquinho, não muito, não em pânico. Depois de alguns passos, andou ainda mais depressa, e mais, até que se pegou correndo, mesmo a contragosto.

Irrompeu beco adentro. Estava sombrio aqui, mas não tão escuro quanto no túnel.

Lisa saiu da passagem correndo, aos tropeções, escorregou num trecho de asfalto molhado e quase caiu.

Jenny agarrou-a e impediu-a de ir ao chão.

Elas foram andando de costas, espiando a saída do corredor coberto e sem luz. Jenny ergueu o revólver que trouxera da subdelegacia.

— Você sentiu? — indagou Lisa, sem fôlego.

— Qualquer coisa debaixo do telhado. Provavelmente pássaros, ou quem sabe, na pior das hipóteses, vários morcegos.

Lisa sacudiu a cabeça.

— Não, não. Debaixo do telhado, não. Estava agachado contra a parede.

Continuaram fitando a boca do túnel.

— Eu vi alguma coisa nos caibros do telhado — falou Jenny.

— Não - insistiu a jovem, sacudindo vigorosamente a cabeça.

— O que foi que você viu então?

— Estava contra a parede. À esquerda. Mais ou menos na metade do túnel. Quase tropecei nele.

— O que era?

— Eu... não sei exatamente. Não pude ver direito.

— Escutou alguma coisa?

— Não — falou Lisa, os olhos grudados no corredor.

— Sentiu algum cheiro?

— Não. Mas a escuridão era... bem, houve um lugar em que a escuridão ficou... diferente. Pude sentir alguma coisa se movendo... sei lá... se mexendo...

— Foi isso que eu pensei que vi... mas lá em cima nos caibros do telhado.

Elas esperaram. Nada saiu do corredor.

Aos poucos, os batimentos do coração de Jenny baixaram de um galope desenfreado para um trote rápido. Ela baixou o revólver.

A respiração delas ficou calma. O silêncio noturno voltou a se derramar como óleo grosso.

As dúvidas vieram à tona. Jenny começou a desconfiar de que ela e Lisa simplesmente haviam sucumbido à histeria. Não gostava nem um pouquinho dessa explicação, pois não combinava com a imagem que fazia de si própria. Mas era suficientemente honesta consigo mesma para enfrentar o fato desagradável de que, pelo menos desta vez, entrara em pânico.

— Estamos apenas nervosas — falou para Lisa. — Se houvesse alguma coisa ou alguém perigoso aí dentro, já teria vindo atrás de nós a essa altura... não acha?

— Talvez.

— Ei, sabe o que pode ter sido?

— O quê? — quis saber Lisa.

O vento frio soprou de novo e sussurrou baixinho no beco.

— Gatos — falou Jenny. — Alguns gatos. Eles gostam de ficar nesses corredores cobertos.

— Não acho que fossem gatos.

— Podia ser. Uns dois gatos lá em cima nos caibros. E um ou dois aqui no chão, junto da parede, onde você viu alguma coisa.

— Parecia maior do que um gato. Parecia bem maior do que um gato — falou Lisa, nervosamente.

— Está certo, então não eram gatos. O mais provável é que não fosse nada. Estamos muito excitadas. Nossos nervos estão à flor da pele. — Soltou um suspiro. — Vamos ver se a porta dos fundos da padaria está aberta. Foi isso que viemos aqui verificar — está lembrada?

Elas se dirigiam para os fundos da padaria dos Liebermanns, mas olhando repetidamente para trás, para a boca da passagem coberta.

A porta de serviço da padaria estava destrancada, e havia luz e calor por detrás dela. Jenny e Lisa entraram num depósito comprido e estreito.

A porta interna levava do depósito até a imensa cozinha, que tinha uni cheiro gostoso de canela, farinha, nogueira-preta e extrato de laranja. Jenny inspirou profundamente. As fragrâncias apetitosas que inundavam a cozinha eram tão caseiras, tão naturais, tão pungentes e tranquilizadoramente reminiscentes de épocas normais e lugares normais, que ela sentiu um pouco da sua tensão se esvair.

A padaria era bem equipada com pias duplas, um enorme frigorífico, diversos fornos, vários armários imensos de esmalte branco para armazenagem, uma máquina de amassar farinha, e mais uma grande variedade de outros utensílios. O meio do aposento era ocupado por um balcão comprido e largo, a principal área de trabalho; uma das pontas do balcão tinha um tampo de aço

inoxidável brilhante, e a outra uma superfície de cepo de açougueiro. A parte de aço inoxidável, que ficava mais perto da porta do depósito, pela qual Jenny e Lisa tinham entrado, estava cheia de panelas, fôrmas de bolo, fôrmas de abrir, tabuleiros, tudo empilhado, limpo e brilhando. A cozinha inteira brilhava.

— Não tem ninguém aqui — falou Lisa.

— É o que parece — falou Jenny, ficando mais animada ao se adiantar mais para dentro da cozinha.

Se a família Santini tinha escapado, e se Jakob e Aida tinham sido poupados, então quem sabe a maioria da cidade não estava morta.

Quem sabe...

Oh, Deus.

Do outro lado dos utensílios empilhados, no meio do cepo de açougueiro, estava um grande disco de massa de torta. Um rolo de macarrão de madeira apoiava-se na massa. Duas mãos agarravam as pontas do rolo de macarrão. Duas mãos humanas cortadas.

Lisa se encostou a um armário de metal com tanta força que as coisas que estavam dentro chacoalharam ruidosamente.

— Que diabo está acontecendo? Que diabo!

Atraída por uma fascinação mórbida e pela necessidade urgente de compreender o que estava acontecendo ali, Jenny se aproximou mais do balcão e fitou as mãos sem corpo, encarando-as com igual medida de repulsa e descrença — e com um medo afiado como lâminas. As mãos não estavam machucadas nem inchadas; tinham a cor de carne normal, embora muito pálidas. O sangue — o primeiro sangue que via até então — escorrera dos pulsos cortados irregularmente e brilhava em gotas e borrões, em meio a uma nuvem fina de farinha. As mãos eram fortes; ou mais precisamente — tinham sido fortes. Dedos rombudos. Nós dos dedos grandes. Indubitavelmente mãos de homem, com pelos brancos e crespos nas costas. As mãos de Jakob Liebermann.

— Jenny!

Jenny ergueu os olhos, espantada.

O braço de Lisa estava erguido, estendido; apontava para o outro lado da cozinha.

Por trás do balcão de cepo de açougueiro, instalados na comprida parede do lado oposto da cozinha, ficavam três fornos. Um deles era imenso, com um par de portas sólidas de aço inoxidável. Os outros dois fornos eram menores do que o primeiro, embora ainda maiores do que os modelos convencionais usados na maioria dos lares; havia uma porta em cada um deles, e cada uma delas tinha uma parte de vidro no centro. Nenhum dos fornos estava ligado no momento, o que era uma felicidade, pois se os menores estivessem funcionando, a cozinha teria estado tomada de um fedor nauseante.

Cada um deles continha uma cabeça cortada.

Jesus.

Rostos mortos e pavorosos olhavam sem ver para dentro da cozinha, os narizes apertados de encontro ao vidro do forno.

Jakob Liebermann. O cabelo branco manchado de sangue. Um dos olhos pluvialmente fechado, o outro olhando fixo. Os lábios apertados numa careta de dor.

Ainda Liermann. Os dois olhos abertos. A boca escancarada como se maxilares se tivessem deslocado.

Por um momento, Jenny não conseguiu acreditar que as cabeças fossem reais. Era demais, chocante demais. Pensou em máscaras do Dia das Bruxas, dispendiosas e naturais, espiando através das janelas de celofane nas caixas de fantasia, e pensou nas novidades pavorosas vendidas nas lojas de artigos de mágicas e brincadeiras — aquelas cabeças de cera com cabelo de náilon e olhos de vidros, aquelas coisas assustadoras que os meninos às vezes achavam divertidíssimas (e sem dúvida era isso o que estas eram) —, e, absurdamente, pensou numa fala de um comercial de misturas de bolo para a TV: Nada é tão carinhoso quanto o que sai de um forno!

O coração dela batia com força.

Estava febril, tonta.

No balcão de cepo de açougueiro, as mãos ainda estavam segurando o rolo de macarrão. Jenny quase esperava que elas saíssem andando de repente sobre o balcão, como se fossem dois caranguejos.

Onde estavam os corpos decapitados dos Liebermanns? Enfiados no grande forno, por trás das portas de aço sem janelas? Rígidos e congelados no imenso frigorífico?

A bile subiu à sua garganta, mas ela a sufocou.

O revólver 45 agora parecia uma defesa ineficaz contra este inimigo desconhecido e terrivelmente violento.

Outra vez, Jenny teve a sensação de estar sendo observada, e a batida de seu coração não era mais um tambor de parada, mas sim tímpanos.

Ela se voltou para Lisa.

— Vamos dar o fora daqui. — A garota se dirigiu para a porta do depósito. — Por aí não! — exclamou Jenny vivamente. Lisa se virou, pestanejando, confusa. — O beco não — falou Jenny. — E aquele corredor escuro de novo, não.

— Santo Deus, não — concordou Lisa.

Atravessaram rapidamente a cozinha e a outra porta, e entraram no salão de vendas da padaria. Passaram pelos mostruários vazios, pelas mesinhas de café e as cadeiras.

Jenny teve problemas com a tranca da porta da frente. Estava emperrada. Ela pensou que teriam que sair pelo beco, afinal de contas.

E então se deu conta de que estava tentando girar o trinco ao contrário.

Girando-o na direção certa, a tranca correu com um claque e Jenny escancarou a porta.

Saíram para o ar fresco da noite.

Lisa atravessou a calçada até um pinheiro alto. Parecia ter necessidade ele se encostar em alguma coisa.

Jenny foi se juntar à irmã, lançando um olhar apreensivo à padaria. Não ficaria surpresa de ver os dois corpos decapitados vindo em sua direção com intenções demoníacas. Mas nada se movia na região da padaria, exceto a beira recortada do toldo listrado de azul e branco que ondulava à brisa inconstante.

A noite permanecia silenciosa.

A lua estava um tanto mais alta no céu, desde a hora em que Jenny e Lisa tinham entrado na passagem coberta.

Dali a um pouco, a garota falou:

— Radiação, moléstia, veneno, gás tóxico — puxa vida, estávamos completamente enganadas. Somente outras pessoas, pessoas doentes, fazem esse tipo de barbaridade. Certo? Algum psicopata tarado fez tudo isso.

Jenny sacudiu a cabeça.

— Um homem sozinho não podia ter feito tudo isso. Para dominar uma cidade de quase quinhentas pessoas, teria sido preciso um exército de assassinos psicopatas.

— Então foi isso o que aconteceu — disse Lisa, toda trêmula.

Jenny correu os olhos nervosamente pela rua deserta. Parecia imprudente, até mesmo inconsequente, estar parada ali, à vista de tudo e todos, mas ela não conseguia pensar em outro lugar que fosse mais seguro.

— Os psicopatas não entram para clubes nem planejam assassinatos em massa como se fossem rotarianos planejando um baile de caridade. Quase sempre agem sozinhos.

Dardejando olhares de sombra em sombra, como se esperasse que uma delas tivesse substância e intenções malévolas, Lisa falou: — E quanto ao grupo de Charles Manson, nos anos 60, aquelas pessoas que mataram aquela artista de cinema — como era o nome dela?

— Sharon Tate.

— É. Não podia ser um grupo de pirados como eles?

— No máximo, havia meia dúzia de pessoas no núcleo da família Manson, e aquele foi um desvio muito raro do padrão do lobo solitário. De qualquer modo, meia dúzia não poderia fazer isso com Snowfield. Teriam que ser cinquenta, cem, quem sabe mais. Um número tão grande de psicopatas não poderia agir junto. — Ficaram ambas caladas por algum tempo. Depois, Jenny falou: — Tem outra coisa que não faz sentido. Por que não havia mais sangue na cozinha?

— Havia um pouco.

— Praticamente nenhum. Umas poucas manchas no balcão.

Devia haver sangue por toda parte.

Lisa esfregou os braços vivamente, para cima e para baixo, tentando gerar um pouco de calor. O seu rosto era como cera à luz

amarelada do poste de rua mais próximo. Parecia ter bem mais do que quatorze anos. O terror a amadurecera.

A mocinha falou:

— Também não havia sinais de luta. Jenny franziu o cenho.

— É mesmo, não havia.

— Reparei logo nisso — falou Lisa. — Parecia tão esquisito.

Parece que eles não ofereceram nenhuma resistência. Nada arremessado. Nada quebrado. O rolo de macarrão teria dado uma boa arma, não é? Mus de não o usou. Também não havia nada derrubado.

— É como se eles não houvessem resistido, como se... tivessem posto o pescoço na guilhotina de bom grado.

— Mas por que fariam uma coisa dessas? Por que fariam uma coisa dessas?

Jenny ficou olhando para a Skyline Road na direção da sua casa, que ficava a menos de três quadras de distância, depois desviou o olhar para a Taverna Ye Olde Towne, a Loja de Variedades Big Nickle, a Sorveteria Patterson, a Pizzaria Mario.

Há silêncios e silêncios. Um nunca é igual ao outro. Há o silêncio da morte, encontrado em túmulos e cemitérios desertos, na geladeira do necrotério de uma cidade e, em certas ocasiões, em quartos de hospital; é um silêncio sem mácula, não simplesmente uma quietude, mas um vácuo. Como médica que já tivera o seu quinhão de pacientes com moléstias terminais, Jenny conhecia bem esse silêncio sombrio e especial.

Era isso. Era o silêncio da morte.

Ela não quisera admiti-lo. Fora por isso que ainda não gritara um "Alô" nas ruas funéreas. Tivera medo de que ninguém respondesse.

Agora não gritava porque tinha medo de que alguém respondesse. Alguém ou alguma coisa. Alguém ou alguma coisa perigosa.

Finalmente, não tinha outra escolha senão aceitar os fatos.

Snowfield estava indisputavelmente morta. Não era mais uma cidade: era um cemitério, uma coleção primorosa de túmulos de pedra-madeira-tijolo-telha-empena-sacada, um campo-santo construído à moda de uma pitoresca aldeia alpina.

O vento recomeçou a soprar, assobiando debaixo dos beirais dos prédios. Soava como a eternidade.

7

O xerife do condado

As autoridades do condado, com sede em Santa Mira, ainda não tinham tomado ciência da crise de Snowfield. Tinham seus próprios problemas. O tenente Talbert Whitman entrou na sala de interrogatórios justo na hora em que o xerife Bryce Hammond ligava o gravador e começava a informar o suspeito de seus direitos constitucionais. Tal fechou a porta sem fazer ruído. Sem querer interromper, agora que o interrogatório estava começando, ele não se sentou à mesa em que os três outros homens se achavam sentados. Em vez disso, dirigiu-se à grande janela, a única janela, no aposento oblongo.

O departamento policial do Condado de Santa Mira ocupava uma estrutura em estilo espanhol que fora erigida no final da década de 30. As portas eram sólidas e tinham um som sólido quando eram fechadas, e as paredes eram grossas o bastante para acomodar peitoris de janela de 45cm de profundidade, como aquele em que Tal Whitman se instalara.

Do outro lado da janela ficava Santa Mira, a sede do condado, com uma população de 18 mil almas. Pela manhã, quando o sol finalmente chegava ao alto das Sierras e acabava com as sombras das montanhas, Tal às vezes se pegava olhando, espantado e encantado, para os contra-fortes suaves e arborizados onde se erguia Santa Mira, pois ela era uma cidade excepcionalmente limpa e jeitosa que lançara suas raízes de concreto e ferro com um certo respeito pelas belezas naturais em que crescera. Agora, a noite já se instalara. Milhares de luzes brilhavam nas colinas suaves abaixo das montanhas, e parecia que as estrelas tinham caído aqui.

Para um filho do Harlem, negro como uma sombra nítida de inverno, nascido na pobreza e na ignorância, Tal Whitman linha

acabado, aos trinta anos, num lugar bem inesperado. Inesperado, mas maravilhoso.

Do lado de cá da janela, todavia, a cena não era assim tão especial. A sala de interrogatórios se parecia com inúmeras outras em delegacias de polícia por todo o país. Um piso barato de linóleo.

Arquivos muito castigados. Uma mesa redonda de reunião e cimo cadeiras. Paredes verdes. Lâmpadas fluorescentes nuas.

Na mesa de reuniões no centro da sala, o ocupante atual da cadeira de suspeitos era um corretor imobiliário de 26 anos, alto e bem-apessoado, chamado Fletcher Kale. Ele estava ficando num estado impressionante de indignação justificada.

— Escute, xerife — dizia Kale —, vamos acabar logo com essa merda? O senhor não precisa ler para mim os meus direitos outra vez, pelo amor de Deus. Já não passamos por tudo isso unia dúzias de vezes, nos três últimos dias?

Bob Robine, o advogado de Kale, bateu rapidamente no braço do cliente para fazer com que ele ficasse quieto. Robine era gorducho, de rosto redondo, com um sorriso doce mas com os olhos duros de um segurança de cassino.

— Fletch — disse Robine —, o xerife Hammond sabe que deteve você sob suspeita o máximo de tempo que a lei permite, e sabe que eu sei disso também. Então, tudo que ele vai fazer é resolver isso de um jeito ou de outro dentro da próxima hora.

Kale pestanejou, assentiu e mudou de tática. Desabou na cadeira como se um grande fardo de dor repousasse sobre seus ombros.

Quando falou, havia um leve tremor na sua voz.

— Desculpe se perdi a cabeça por um minuto, xerife. Não devia ter estourado com o senhor daquele jeito. Mas é tão duro para mim...

tão duro. — O rosto dele pareceu afundar, e o tremor na sua voz ficou ainda mais pronunciado. — Quero dizer, pelo amor de Deus, perdi a minha família. Minha mulher... meu filho... os dois mortos. Bryce Hammond falou:

— Sinto muito que o senhor ache que eu o tratei injustamente, Sr. Kale. Apenas tento fazer o que acho ser melhor. Às vezes estou certo. Quem sabe esteja errado desta vez.

Aparentemente decidindo que não estava assim tão encrencado, afinal de contas, e que podia se dar ao luxo de ser magnânimo agora, Fletcher Kale enxugou as lágrimas do rosto, sentou-se mais ereto na cadeira e falou:

— Bem... é, bem... acho que dá para eu entender a sua posição, xerife.

Kale estava subestimando Bryce Hammond.

Bob Robine conhecia o xerife melhor do que o seu cliente.

Franziu o cenho, lançou um olhar para Tal, depois fitou Bryce insistentemente.

Pela experiência de Tal, a maioria das pessoas que lidava com o xerife subestimava-o, assim como Fletcher Kale o fizera. Era fácil fazê-lo. Bryce não parecia impressionante. Tinha 39 anos, mas aparentava bem menos. O cabelo avermelhado e espesso lhe caía por sobre a testa, dando-lhe um ar juvenil e desarrumado. Tinha o nariz achatado, com um punhado de sardas espalhadas por ele e por ambas as faces. Os olhos azuis eram claros e vivos, embora cobertos por pálpebras pesadas que davam a impressão de que ele estava entediado, sonolento, ou mesmo que era meio lerdo de raciocínio. A sua voz também enganava.

Era suave, melódica, gentil. Além do mais, ele falava lentamente às vezes, e sempre com deliberação calculada, e algumas pessoas achavam que falava daquele jeito porque tinha dificuldade em formular os pensamentos. Nada podia estar mais longe da verdade. Bryce Hammond tinha consciência perfeita de como os outros o viam e, quando podia tirar vantagem disso, reforçava essas opiniões errôneas com um modo de ser insinuante, com um sorriso quase boçal e com uma fala ainda mais arrastada que faziam com que parecesse o clássico tira do interior.

Apenas uma coisa impedia Tal de apreciar plenamente esse confronto: ele sabia que a investigação Kale afetara Bryce Hammond num nível profundo e pessoal. Bryce estava magoado, arrasado com as mortes sem sentido de Joanna e Danny Kale, porque, de uma forma curiosa, este caso fazia eco aos acontecimentos ocorridos na sua própria vida. Assim como Fletcher Kale, o xerife perdera mulher e filho, embora as circunstâncias de sua perda fossem consideravelmente distintas das de Kale.

Um ano atrás, Ellen Hammond tivera morte instantânea num desastre de carro. Timmy, de sete anos, sentado no banco da frente ao lado da mãe, sofrera sérios ferimentos na cabeça e estava em coma há doze meses. Os médicos não davam a Timmy muita chance de recobrar a consciência.

Bryce quase fora destruído pela tragédia. Apenas recentemente é que Tal Whitman começara a sentir que o amigo estava se afastando do abismo do desespero.

O caso Kale reabrira as feridas de Bryce Hammond, mas ele não permitira que a dor lhe embotasse os sentidos; ele não fizera com que ele se descuidasse de coisa alguma. Tal Whitman sabia qual o momento preciso, na quinta à noite, em que Bryce começara a suspeitar de que Fletcher Kale era culpado de dois assassinatos premeditados, pois subitamente algo frio e implacável surgira nos olhos encobertos do xerife.

Agora, enquanto rabiscava num bloquinho amarelo como se estivesse apenas parcialmente interessado no interrogatório, o xerife falou:

— Sr. Kale, em vez de fazer uma série de perguntas às quais o senhor já respondeu uma dúzia de vezes, por que não faço um resumo daquilo que o senhor nos contou? Se o meu resumo parecer correto para o senhor, então poderemos prosseguir com esses itens sobre os quais gostaria que me esclarecesse.

— Claro. Vamos terminar logo com isso e sair daqui — disse Kale.

— Tudo bem então — falou Bryce. — Sr. Kale, segundo o seu testemunho, sua esposa, Joanna, sentia-se aprisionada no casamento e na maternidade, achava que era jovem demais para ter tanta responsabilidade. Achava que tinha cometido um grande erro e que iria ter que pagar por ele o resto da vida. Queria curtir um pouco, queria fugir, então se voltou para as drogas. O senhor diria que foi assim que nos descreveu o estado de espírito dela.

— Foi — concordou Kale. — Exatamente.

— Ótimo — falou Bryce. — Então ela começou a fumar maconha. Não demorou muito para ela viver drogada quase o tempo todo. Durante dois anos e meio o senhor viveu com uma viciada, o tempo todo esperando poder modificá-la. Então, h;i uma

semana, ela pirou de vez, quebrou um bocado de pratos e jogou comida pela cozinha, e o senhor teve uma trabalheira para conseguir acalmá-la. Foi então que descobriu que ela começara a usar recentemente o PCP — que é chamado de "pó de anjo" nas ruas. O senhor ficou chocado. Sabia que algumas pessoas ficam maniacamente violentas quando estão sob a influência do PCP; então fez com que ela lhe mostrasse onde guardava o seu suprimento e o destruiu. Depois, disse a ela que se voltasse a usar drogas perto de Danny novamente, o senhor lhe daria uma surra que poderia matá-la.

Kale pigarreou.

— Mas ela ficou rindo de mim. Disse que eu não era espancador de mulheres e que não devia fingir que era um machão. E mais: "Porra, Fletch, seu eu te desse um chute no saco, você me agradeceria por estar animando o seu dia."

— E foi aí que o senhor se descontrolou e começou a chorar? — perguntou Bryce.

Kale respondeu:

— Bem.., é que eu me dei conta de que não tinha nenhuma influência sobre ela.

Sentado no peitoril da janela, Tal viu o rosto de Kale se retorcer de dor... ou de uma imitação razoável de dor. O filho da mãe era bom.

— E quando o viu chorar — disse Bryce —, ela caiu em si.

— Certo. Acho que... aquilo mexeu com ela... um homenzarrão como eu chorando feito um bebê. Ela também chorou e prometeu não tomar mais PCP. Conversamos sobre o passado, sobre o que tínhamos esperado do casamento, dissemos um bocado de coisas que talvez devêssemos ter dito antes e nos sentimos mais próximos do que nos últimos dois anos. Pelo menos eu me senti assim. Pensei que ela também. Ela jurou que começaria a diminuir o consumo de maconha.

Ainda rabiscando, Bryce falou: — Então, na quinta-feira passada, o senhor chegou cedo do trabalho e encontrou o seu filho, Danny, morto no quarto de casal.

Escutou um barulho às suas costas. Era Joanna, segurando um cutelo de açougueiro, o mesmo que usara para matar Danny.

— Ela estava drogada — disse Kale. — PCP. Pude perceber logo.

Aquela loucura nos olhos dela, o ar animalesco.

— Ela berrou um bocado de baboseiras sobre cobras que moravam dentro da cabeça das pessoas, sobre as pessoas sendo controladas por cobras perversas. O senhor foi se afastando dela, e ela veio atrás. O senhor não tentou tirar o cutelo de suas mãos...

— Imaginei que seria morto. Tentei argumentar com ela.

— Então o senhor continuou se afastando em círculos até chegar à mesinha-de-cabeceira onde guardava um 38 automático.

— Eu avisei a ela que largasse o cutelo. Eu avisei.

— Em vez disso, ela correu para cima do senhor com o cutelo levantado. Então o senhor atirou nela. Uma vez. No peito.

Kale agora estava inclinado para a frente, com o rosto nas mãos.

O xerife largou a caneta. Pousou as mãos sobre o estômago, com os dedos entrelaçados.

— Agora, sr. Kale, espero que o senhor possa ter mais um pouquinho de paciência comigo. Só mais umas perguntinhas e depois todos poderemos sair daqui e continuar vivendo as nossas vidas.

Kale tirou as mãos do rosto. Estava claro para Tal Whitman que Kale achava que "continuar vivendo as nossas vidas" queria dizer que ele seria finalmente libertado.

— Estou bem, xerife. Pode prosseguir. Bob Robine não disse uma palavra.

Esparramado na cadeira, parecendo frouxo e sem ossos, Bryce Hammond disse:

— Enquanto o estivemos detendo sob suspeita, sr. Kale, surgiram algumas perguntas para as quais precisamos de respostas, a fim de podermos ficar tranquilos com relação a essa coisa terrível. Bem, algumas dessas perguntas podem parecer muito corriqueiras para o senhor, muito indignas de gastarmos o meu ou o seu tempo com elas.

São pequenas coisas, lenho que admitir. O motivo pelo qual estou continuando a incomodá-lo... bem, é porque quero ser reeleito no ano que vem, sr. Kale. Se os meus oponentes me pegarem em qualquer falha técnica, em qualquer coisinha, por menor que seja,

vão fazer de tudo para transformar a coisa num escândalo. Vão dizer que sou preguiçoso, que não sou mais o mesmo, ou algo parecido.

Bryce abriu um sorriso para Kale — um largo sorriso. Tal nem podia acreditar.

— Compreendo, xerife — falou Kale.

Do seu assento no vão da janela, Talbert Whitman se retesou e se inclinou para diante.

E Bryce Hammond falou: — Bem, a primeira coisa é... eu estava me perguntando por que motivo o senhor atirou na sua mulher e depois lavou um bocado de roupa antes de nos ligar para comunicar o que acontecera.

8

Barricadas

Mãos cortadas. Cabeças cortadas.

Jenny não conseguia tirar do pensamento aquelas imagens horrendas enquanto andava rapidamente pela calçada, junto com Lisa.

A dois quarteirões para leste da Skyline Road, na Vail Lane, a noite era tão quieta e discretamente ameaçadora quanto no restante de Snowfield. As árvores aqui eram maiores do que aquelas na rua principal; bloqueavam a maior parte do luar. As luzes das mas também eram mais espaçadas, e as pequenas poças de luz âmbar eram separadas por lagos agourentos de escuridão.

Jenny cruzou dois mourões e pisou num caminho de tijolos que levava a um chalé estilo inglês de um só pavimento que ocupava um terreno bem fundo. Uma luz suave se irradiava pelas janelas de vidro de chumbo com as vidraças em forma de losango.

Tom e Karen Oxley moravam no chalé enganadoramente pequeno. Na verdade, ele tinha sete cômodos e dois banheiros. Tom era o contador da maioria de pousadas e motéis da cidade. Karen dirigia um encantador café francês na alta temporada. Os dois eram radioamadores e tinham um aparelho de ondas curtas, e fora por esse motivo que Jenny viera até aqui.

— Se alguém sabotou o rádio do gabinete do xerife — falou Lisa —, o que a faz pensar que também não sabotaram este?

— Talvez não soubessem da existência dele. Vale a pena dar uma olhada.

Ela tocou a campainha, e quando não houve resposta, experimentou abrir a porta. Estava trancada.

Dirigiram-se aos fundos da propriedade, onde uma luz tom de conhaque se filtrava pelas janelas. Jenny olhou, desconfiada, para o

gramado dos fundos, que estava envolto nas sombras das árvores. Os passos delas ecoavam com som cavo no piso de madeira da varanda dos fundos. Ela tentou abrir a porta da cozinha e encontrou-a trancada também.

Na janela mais próxima, as cortinas estavam abertas. Jenny olhou para dentro e viu apenas uma cozinha comum: balcões verdes, paredes de cor creme, armários de carvalho, utensílios que brilhavam, nenhum sinal de violência.

Outras janelas davam para a varanda, e uma delas, Jenny sabia, era de um gabinete de leitura. As luzes estavam acesas, mas as cortinas se achavam cerradas, Jenny bateu no vidro, mas ninguém respondeu.

Tentou abrir a janela, viu que estava trancada. Agarrando o revólver pelo cano, ela estilhaçou a vidraça mais próxima do batente central. O

ruído do vidro que se partia foi alto e dissonante. Embora isso fosse uma emergência, ela se sentia como uma ladra. Meteu a mão pela vidraça quebrada, soltou o trinco, abriu as duas metades da janela e subiu pelo peitoril para dentro da casa. Atrapalhou-se um pouco com as cortinas, depois descerrou-as para Lisa poder entrar com mais facilidade.

Havia dois corpos no pequeno gabinete de leitura. Tom e Karen Oxley.

Karen estava deitada no chão, de lado, as pernas puxadas para junto da barriga, os ombros curvados para diante, os braços cruzados sobre os seios — uma posição fetal. Estava pisada e inchada. Tinha os olhos arregalados de terror. A boca estava escancarada, congelada para sempre num grito.

— Os rostos deles são o pior — falou Lisa.

— Não consigo entender por que os músculos faciais não se relaxaram com a morte. Não entendo como podem permanecer tensos deste jeito.

— O que será que viram! — perguntou Lisa.

Tom Oxley se achava sentado diante do rádio de ondas curtas.

Estava caído por cima do rádio, a cabeça voltada para o lado. Coberto de machucaduras e horrendamente inchado, igual a Karen. A mão direita se agarrava a um microfone de mesa, como se ele

tivesse perecido enquanto se recusava a largá-lo. Era evidente que não conseguira mandar um pedido de socorro. Se tivesse conseguido enviar a mensagem, a polícia sem dúvida já teria chegado a Snowfield.

O rádio estava mudo.

Era o que Jenny imaginara tão logo vira os corpos.

Todavia, nem o estado do rádio nem o estado dos corpos eram tão interessantes quanto a barricada. A porta do gabinete estava fechada e, presumivelmente, trancada. Karen e Tom tinham arrastado um armário pesado até a frente da porta. Depois tinham empurrado um par de poltronas contra o armário, depois encostado um aparelho de televisão contra as poltronas.

— Estavam resolvidos a não deixar alguma coisa entrar aqui — falou Lisa.

— Mas ela entrou, de qualquer maneira.

— Como?

Ambas olharam para a janela pela qual haviam entrado.

— Estava trancada pelo lado de dentro — falou Jenny. A sala tinha apenas uma outra janela.

Elas foram até ela e afastaram as cortinas.

Também estavam trancadas por dentro, com toda a segurança.

Jenny ficou olhando para a noite lá fora até que sentiu que algo oculto na escuridão também a fitava, dando uma boa olhada nela enquanto estava ali, desprotegida, na janela iluminada. Ela fechou depressa as cortinas.

— Um quarto trancado — falou Lisa.

Jenny virou-se lentamente e examinou o gabinete de leitura.

Havia uma pequena saída de um duto de aquecimento, coberta com uma placa de metal cheia de fendas estreitas, e ainda cerca de um centímetro e meio de espaço sob porta com barricada. Mas não havia jeito de alguém ter obtido acesso ao aposento.

Ela falou:

— Pelo que estou vendo, somente bactérias, gás tóxico ou algum tipo de radiação poderiam ter entrado aqui para matá-los.

— Mas nenhuma dessas coisas matou os Liebermanns. Jenny concordou.

— Além disso, ninguém armaria uma barricada para impedir a entrada de radiação, gás ou germes.

Quantos dos habitantes de Snow field tinham se trancado em casa, pensando que tinham encontrado refúgios defensáveis — e acabaram morrendo tão súbita e misteriosamente quanto aqueles que não tinham tido tempo de correr? E o que era aquilo que podia entrar em quartos trancados sem abrir portas ou janelas? O que passara por essa barricada sem mexer nela?

A casa dos Oxleys estava tão silenciosa quanto a superfície da lua.

Finalmente, Lisa falou:

— E agora?

— Acho que talvez vamos ter que nos arriscar a apanhar o contágio. Vamos sair da cidade e ir até o telefone público mais próximo ligar para o xerife em Santa Mira, contar a ele a situação e deixar que ele resolva como lidar com ela. Depois voltaremos para cá e esperaremos. Não teremos contato direto com pessoa alguma, e eles poderão esterilizar a cabine telefônica, se acharem necessário.

— Detesto a ideia de voltar para cá, depois de ter saído — falou Lisa, ansiosa.

— Eu também. Mas temos que agir de modo responsável.

Vamos indo — disse Jenny, virando-se para a janela aberta pela qual tinham entrado.

O telefone tocou.

Espantada, Jenny se voltou para o som estridente. O telefone estava na mesa do rádio. Tocou de novo. Ela agarrou o fone e retirou-o do gancho.

— Alô? — Não houve resposta. — Alô? Um silêncio gélido.

A mão de Jenny segurou com mais força o fone.

Alguém estava prestando atenção, permanecendo em silêncio completo, esperando que ela falasse. Ela estava resolvida a não lhe dar essa satisfação. Simplesmente apertou o fone de encontro ao ouvido e fez força para escutar alguma coisa, qualquer coisa, nem que fosse o débil fluxo da respiração da misteriosa figura. Não foi emitido o mais leve som, mas ela podia sentir, na outra extremidade

da linha, a presença que sentira ao pegar no telefone na casa dos Santinis e na subdelegacia do xerife.

Parada naquele aposento com barricada, naquela casa silenciosa onde a Morte penetrara de modo impossivelmente furtivo, Jenny Paige sentiu uma estranha transformação ocorrendo na sua pessoa. Era uma mulher instruída, de raciocínio e lógica, nem ao menos ligeiramente supersticiosa. Até o momento, tentara resolver o mistério de Snowfield aplicando as ferramentas da lógica e da razão. Pela primeira vez na vida, porém, elas lhe haviam falhado totalmente. Agora, no fundo da sua mente, algo... se deslocou, como se uma cobertura de ferro imensamente pesada estivesse sendo tirada de uma cova escura no seu subconsciente. Nessa cova, dentro de câmaras antigas da sua mente, jazia uma legião de sensações e percepções primitivas, um espanto supersticioso que era novo para ela. Virtualmente ao nível da memória da raça armazenada nos genes, ela pressentia o que estava acontecendo em Snowfield. Esse conhecimento estava dentro dela; todavia, era tão estranho, tão fundamentalmente ilógico, que ela lhe opôs resistência, lutando com força para suprimir o terror supersticioso que fervia dentro de si.

Agarrando o fone, ela escutou a presença silenciosa na linha e discutiu consigo mesma:

— Não é um homem; é uma coisa.

— Besteira.

— Não é humano, mas é consciente.

— Você está histérica.

— Indizivelmente malévolo; perfeita e puramente perverso.

— Pare com isso, pare com isso, parei Teve vontade de bater o telefone. Não pôde fazê-lo. A coisa do outro lado da linha a hipnotizara. Lisa se acercou.

— O que foi? O que está acontecendo?

Trêmula, ensopada de suor, sentindo-se maculada pelo simples fato de estar escutando aquela presença desprezível, Jenny já ia arrancar o telefone do ouvido quando ouviu um sibilar, um clique — e depois o sinal de linha.

Por um momento, atônita, não teve reação.

Então, com um gemido, apertou o botão da telefonista no aparelho. Ele começou a tocar. Que som doce, maravilhoso, reconfortante.

— Telefonista.

— Telefonista, é uma emergência — disse Jenny. — Quero falar com o gabinete do xerife do condado, em Santa Mira.

9

Um pedido de ajuda

— Roupa? — indagou Kale. — Que roupa?

Bryce podia ver que Kale ficara sobressaltado com a pergunta e que estava apenas fingindo que não entendia.

— Xerife, aonde quer chegar com isso? — perguntou Bob Robine. Os olhos encobertos de Bryce permaneceram assim, e ele manteve a voz baixa, lenta.

— Ora, Bob, só estou tentando resolver tudo, para podermos todos sair daqui. Juro que não gosto de trabalhar aos domingos, e este já está praticamente perdido. Tenho essas perguntas a fazer, e o sr.

Kale não precisa responder a nenhuma delas, mas vou fazê-las, para poder ir para casa e botar os pés para cima e tomar uma cerveja.

Robine soltou um suspiro. Olhou para Kale.

— Só responda se eu disser que pode. Agora preocupado, Kale assentiu. Franzindo o cenho para Bryce, Robine disse: — Continue.

— Quando chegamos na casa do sr. Kale na quinta-feira passada — continuou Bryce —, depois que ele ligou para comunicar as mortes, eu notei que a ponta de uma das pernas das calças dele e a extremidade grossa inferior da sua suéter estavam ambas ligeiramente úmidas, tão ligeiramente que mal dava para se reparar. Fiquei achando que ele lavara tudo que estava usando e que não deixara as roupas no secador o tempo suficiente. Então, dei uma espiada na lavanderia e encontrei uma coisa interessante. No armário ao lado da máquina de lavar, onde a sra. Kale guardava os seus sabões, detergentes e amaciantes de tecidos, havia duas impressões digitais sangrentas na caixa grande de Cheer. Uma estava borrada, mas a outra estava nítida.

O laboratório diz que a digital é do sr. Kale.

— De quem era o sangue que estava na caixa? — indagou vivamente Tobine.

— Tanto a sra. Kale quanto Danny eram tipo O. O Sr. Kale também. Isso torna um pouco mais difícil para nós...

— O sangue na caixa de detergente? — interrompeu Robine.

— Tipo O.

— Então poderia ser o sangue do meu próprio cliente! Ele poderia tê-lo deixado na caixa numa ocasião anterior, quem sabe depois de ter se cortado na semana passada, quando mexia no jardim.

Bryce sacudiu a cabeça.

— Como você sabe, Bob, esse negócio de tipo de sangue está ficando altamente sofisticado hoje em dia. Ora, podem dividir uma amostra em várias enzimas e identidades de proteínas, mas o sangue de uma pessoa é quase tão único quanto as suas impressões digitais.

Portanto, eles puderam nos dizer, inequivocamente, que o sangue na caixa de Cheer — o sangue na mão do sr. Kale quando deixou aquelas duas digitais — era do pequeno Danny Kale.

Os olhos cinzentos de Fletcher Kale continuaram parados e inexpressivos, mas ele ficou bem pálido.

— Posso explicar — falou.

— Espere aí! — disse Robie. — Explique primeiro a mim — em particular.

O advogado levou o seu cliente para o canto mais afastado da sala.

Bryce estava largado na sua cadeira. Sentia-se cinzento, esgotado. Estava daquele jeito desde a quinta-feira, desde que vira o corpo patético e amassado de Danny Kale.

Esperava sentir um prazer considerável ao ver Kale passar por maus pedaços. Mas não havia prazer naquilo.

Robine e Kale retornaram.

— Xerife, infelizmente o meu cliente fez uma burrice. — Kale tentava parecer adequadamente constrangido. — Fez uma coisa que poderia ser mal interpretada — como aconteceu até com o senhor. O sr.

Kale estava assustado, confuso, arrasado de dor. Não conseguia pensar com clareza. Tenho certeza de que qualquer júri o compreenderia. Sabe, quando ele achou o corpinho do filho, pegou-o no colo...

— Ele nos disse que não tocou nele.

Kale enfrentou com firmeza o olhar de Bryce e falou: — Logo que vi Danny deitado no chão... eu não podia realmente acreditar que ele estava... morto. Peguei-o no colo... achando que devia levá-lo ao hospital... Mais tarde, depois que atirei em Joanna, olhei para baixo e vi que estava coberto com... o sangue de Danny. Eu tinha atirado na minha mulher, mas de repente me dei conta de que podia parecer que também tinha matado o meu próprio filho.

— Ainda havia o cutelo de açougueiro na mão da sua mulher — falou Bryce. — E ela também estava toda coberta com o sangue de Danny. E o senhor podia ter concluído que o legista encontraria o pó de anjo na corrente sanguínea dela.

Agora estou percebendo tudo isso — disse Kale, tirando um lenço do bolso e enxugando os olhos. — Mas, na hora, fiquei com medo de ser acusado de uma coisa que não fizera.

A palavra "psicopata" não era exatamente correta para Fletcher Kale, concluiu Bryce. Ele não era maluco. Tampouco era exatamente um sociopata. Não havia uma palavra que o descrevesse adequadamente. Todavia, um bom tira reconheceria o tipo e enxergaria o potencial para atividades criminosas e, talvez, igualmente, o talento para violência bruta. Existe um certo tipo de homem que tem muita vitalidade e gosta de muita ação, um homem que tem uma boa dose de encanto superficial, cujas roupas são mais caras do que o seu padrão financeiro permite, que não possui um único livro (como Kale não possuía), que parece não ter opinião definida sobre política ou arte ou economia ou qualquer outro assunto de importância real, que não é religioso, exceto quando lhe acontece alguma desgraça ou quando quer impressionar alguém com sua devoção (como Kale, que não frequentava igreja alguma, e que agora lia a Bíblia na sua cela pelos menos durante quatro horas diárias), que tem um corpo atlético mas que parece abominar uma atividade sadia como o exercício físico, que passa as horas de lazer em bares e boates, que engana a mulher por força do hábito (como

Kale o fazia, segundo todos os informes), que é impulsivo, não é digno de confiança, está sempre atrasado para todos os compromissos (como Kale), cujos objetivos são vagos ou irrealísticos ("Fletcher Kale? É um sonhador."), que saca no vermelho com frequência e mente sobre dinheiro, que toma emprestado com facilidade mas custa a pagar, que exagera, que sabe que vai ficar rico algum dia, mas que não tem nenhum plano específico para adquirir essa fortuna, que nunca duvida nem pensa no ano que vem, que se preocupa apenas consigo mesmo, e somente quando já é tarde demais. Havia um tal homem, um tal tipo, e Fletcher Kale era um exemplo excelente do animal em questão.

Bryce já vira outros como ele. Seus olhos eram sempre inexpressivos; não se podia ler nada neles. Os rostos exprimiam a emoção adequada para o momento, embora cada expressão fosse um pouquinho certa demais. Quando expressavam preocupação por outra pessoa além de si mesmos, dava para se perceber um toque nítido de insinceridade. Não se vergavam ao peso do remorso, da moralidade, do amor ou da empatia. Em geral, levavam vidas de destruição aceitável, arruinando e amargurando aqueles que os amavam, destruindo as vidas de amigos que acreditavam e confiavam neles, traindo a confiança depositada neles, mas sem jamais cruzar diretamente a linha que os separava de um comportamento declaradamente criminoso. De vez em quando, todavia, um homem desses ia longe demais. E como era do tipo que nunca fazia as coisas pela metade, sempre ia longe demais mesmo.

O corpinho ensanguentado e destroçado de Danny Kale, caído num canto.

O acinzentado que envolvia a mente de Bryce ficou mais espesso, até parecer uma fumaça fria e oleosa. Ele disse para Kale:
— O senhor nos contou que sua mulher fumava maconha constantemente há dois anos e meio.

— É verdade.

— Seguindo ordens minhas, o legista procurou algumas coisas que, normalmente, não lhe interessariam. Como o estado dos pulmões de Joanna. Ela não era nem fumante, que dirá toxicômana. Os pulmões estavam limpos.

— Eu disse que ela fumava maconha, não tabaco — falou Kale.

— Tanto a fumaça da maconha quanto a do tabaco comum danificam os pulmões — continuou Bryce. — No caso de Joanna, não havia dano absolutamente nenhum.

— Mas eu...

— Quieto — aconselhou Bob Robine a seu cliente. Apontou um dedo longo e esguio na direção de Bryce, agitou-o e falou: — O importante é: havia PCP no sangue dela ou não?

— Havia — concordou Bryce. — Estava no sangue dela, mas ela não o fumou. Joanna tomou o PCP oralmente. Ainda havia um bocado dele no seu estômago.

Robine pestanejou, surpreso, mas se recobrou rapidamente.

— Lá vem você — disse. — Ela o tomou. Que importância tem?

— Na verdade — retrucou Bryce —, havia mais PCP no seu estômago do que na sua corrente sanguínea.

Kale tentou parecer curioso, preocupado e inocente — tudo aura só tempo; até mesmo as suas feições elásticas estavam forçadas por essa expressão.

De cara fechada, Bob Robine falou:

— Com que então havia mais no estômago dela do que na sua corrente sanguínea. E daí?

— O pó de anjo é altamente absorvível. Tomado oralmente, não fica no estômago por muito tempo. Ora, conquanto Joanna tenha engolido droga suficiente para ficar pirada, não houve tempo para que fosse afetada. Sabe, é que tomou o PCP com sorvete. Que formou uma camada protetora no seu estômago e retardou a absorção da droga.

Durante a autópsia, o legista encontrou sorvete de calda de chocolate parcialmente digerido. Portanto, não houve tempo para o pó de anjo causar alucinações ou deixá-la louca furiosa. — Bryce fez uma pausa, depois inspirou fundo. — Também havia sorvete de calda de chocolate no estômago de Danny, mas nenhum PCP. Quando o sr. Kale nos contou que chegara cedo do trabalho na quinta-feira, não falou que trouxera uma surpresa para a família. Meio galão de sorvete de calda de chocolate.

O rosto de Fletcher Kale estava inexpressivo. Finalmente, ele parecia ter esgotado toda a sua coleção de expressões humanas.

Bryce falou:

— Encontramos uma lata de sorvete parcialmente vazia no congelador de Kale. De calda de chocolate. O que eu acho que aconteceu, sr. Kale, é que o senhor serviu um pouco de sorvete para todo mundo. Acho que temperou secretamente a porção da sua mulher com PCP, para mais tarde poder alegar que ela estava alucinada pela droga. Não pensou que o legista descobriria a sua manobra.

— Espere aí um minuto, pombas! — gritou Robine.

— Então, enquanto lavava na máquina as suas roupas ensanguentadas — dizia Bryce a Kale —, o senhor lavou a louça suja de sorvete e a guardou, porque a sua história era que tinha chegado em casa e encontrado o pequeno Danny já morto e a mãe dele já piradona com PCP.

Robine disse:

— Isso são só suposições. Esqueceu-se do motivo? Em nome de Deus, por que o meu cliente faria uma monstruosidade dessas?

Observando os olhos de Kale, Bryce falou: — Investimentos High Country.

O rosto de Kale permaneceu impassível, mas os olhos vacilaram.

— Investimentos High Country? — indagou Robine. — O que é isso? Bryce fitou Kale.

— O senhor comprou sorvete antes de ir para casa na quinta-feira?

— Não — disse Kale, secamente.

— O gerente da loja 7-Eleven na rua Calder diz que comprou.

Os músculos dos maxilares de Kale ficaram saltados quando ele cerrou os dentes, com raiva.

— E quanto à Investimentos High Country? — perguntou Robine. Bryce disparou outra pergunta para Kale.

— Conhece um homem chamado Gene Terr? — Kale apenas o fitava. — Às vezes chamado de "Jeeter".

— Quem é ele? — quis saber Robine.

— O líder da Demon Chrome — falou Bryce, sem desfitar Kale.

— É uma gangue de motoqueiros. Jeeter é traficante de drogas. Na verdade, nunca conseguimos pegá-lo com a boca na botija;

conseguimos apenas engaiolar parte do seu pessoal. Pressionamos Jeeter e ele nos levou a alguém que admitiu fornecer erva regularmente ao sr. Kale. Não à sra. Kale. Ela jamais comprou.

— E quem afirma isso? — perguntou Robine com veemência. — Esse motoqueiro selvagem? Esse refugo social? Esse traficante de drogas? Ele não é uma testemunha de confiança!

— De acordo com nossas fontes, o sr. Kale não comprou apenas erva na terça-feira passada. Comprou também pó de anjo. O homem que lhe vendeu as drogas testemunhará em troca de .imunidade.

Com presteza e astúcia animais, Kale se levantou de um salto, agarrou a cadeira vazia ao seu lado, arremessou-a por sobre a mesa, em cima de Bryce Hammond, e correu para a porta da sala de interrogatórios.

Quando a cadeira saiu das mãos de Kale e voou pelos ares, Bryce já se movimentara, e ela passou por cima da sua cabeça, inofensivamente. Ele já estava do outro lado da mesa quando a cadeira caiu ruidosamente ao chão, às suas costas.

Kale abriu a porta e lançou-se para o corredor.

Bryce estava quatro passos atrás dele.

Tal Whitman saltara do peitoril da janela como se tivesse sido arremessado para fora com uma carga de explosivos, e estava um passo atrás de Bryce, gritando.

Chegando no corredor, Bryce viu Fletcher Kale se dirigindo para uma porta de saída amarela a cerca de seis metros de distância. Correu no encalço do filho da puta.

Kale se jogou em cima da trava e escancarou a porta de metal.

Bryce alcançou-o uma fração de segundo mais tarde, quando Kale estava pondo o pé no estacionamento de macadame.

Pressentindo Bryce logo atrás de si, Kale se virou com uma fluidez felina e desferiu um soco com a mão enorme.

Bryce se desviou e revidou com outro soco, atingindo a barriga dura e plana de Kale. Deu mais um golpe, atingindo-o no pescoço.

Kale cambaleou para trás, levando as mãos à garganta, tossindo e se engasgando.

Bryce avançou.

Kale, porém, não estava tão atordoado quanto fingia estar.

Saltou para diante quando Bryce se aproximou e se atracou com ele.

— Canalha — disse Kale, espumando.

Seus olhos cinzentos estavam arregalados. Os lábios se mostravam repuxados, deixando os dentes à mostra, como se ele estivesse rosnando. Parecia um lobo.

Os braços de Bryce estavam presos, e embora ele fosse também um homem forte, não conseguia se livrar do abraço de ferro de Kale.

Deram alguns passos cambaleantes para trás, tropeçaram e caíram, com Kale por cima. A cabeça de Bryce bateu com força no chão e ele pensou que ia desmaiar.

Kale deu-lhe um único soco, ineficaz, depois saiu de cima dele e rastejou rapidamente para longe.

Afastando a escuridão que crescia por trás de seus olhos, surpreso por Kale ter aberto mão da vantagem, Bryce ficou de quatro.

Sacudiu a cabeça... e então viu o que o outro fora pegar.

Um revólver.

Jazia no macadame, a alguns metros de distância, brilhando sombriamente à luz amarelada das lâmpadas de vapor de sódio.

Bryce buscou o seu coldre. Vazio. O revólver no chão era o seu próprio. Aparentemente, caíra do coldre e rolara pelo piso quando ele fora ao chão.

A mão do assassino se fechou sobre a arma.

Tal Whitman se aproximou e desceu o cassetete, atingindo Kale na nuca. O homenzarrão desabou em cima da arma, inconsciente.

Agachando-se, Tal virou Kale de barriga para cima e tomou o seu pulso.

Segurando a base do seu próprio crânio latejante, Bryce foi mancando até eles.

— Ele está bem, Tal?

— Está. Vai voltar a si dentro de alguns minutos. Pegou o revólver de Bryce e se pôs de pé. Aceitando a arma, Bryce falou: — Fico lhe devendo essa.

— Nem por isso. Que tal a sua cabeça?

— Quem me dera ser dono de uma companhia de aspirina.

— Eu não esperava que ele fosse correr.

— Nem eu — concordou Bryce. — Quando as coisas ficam cada vez piores para um homem assim, geralmente ele fica mais calmo, mais controlado, mais cuidadoso.

— Bem, acho que esse aí viu as paredes se fechando sobre si.

Bob Robine estava parado no vão da porta, fitando-os, balançando a cabeça, consternado.

Dali a alguns minutos, quando Bryce Hammond estava sentado à sua mesa, preenchendo os formulários que acusavam Fletcher Kale de dois homicídios, Bob Robine bateu na porta aberta. Bryce ergueu os olhos.

— E então, advogado, como vai o seu cliente?

— Está bem. Mas não é mais meu cliente.

— É? Decisão sua ou dele?

— Minha. Não posso aceitar um cliente que mente para mim a respeito de tudo. Não gosto de ser feito de bobo.

— Ele quer chamar outro advogado ainda esta noite?

— Não. Quando for citado, vai pedir ao juiz um defensor público.

— Isso vai ser logo de manhãzinha.

— Não está perdendo tempo, não é?

— Com esse aí, não.

— Ótimo — assentiu Robine. — Ele não presta mesmo, Bryce.

Sabe, há 15 anos que sou um católico apóstata — disse ele, suavemente.

— Concluí há muito tempo que não existia nada disso de anjos, demônios, milagres. Achava que tinha instrução demais para pensar que o Mal — com M maiúsculo — caminha pelo mundo com pés de cabra. Lá na cela, porém, Kale se virou para mim e disse: "Eles não vão me pegar. Não vão me destruir. Ninguém pode. Eu vou escapar desse."

Robine continuou:

— Quando o adverti contra o excesso de otimismo, ele disse: "Não tenho medo de gente como você. Além disso, não cometi nenhum assassinato. Apenas me livrei de um lixo que estava empestando a minha vida."

— Jesus — exclamou Bryce.

Ambos ficaram calados. Depois, Robine soltou um suspiro.

— E quanto aos Investimentos High Country. Como é que isso forneceu o motivo?

Antes que Bryce pudesse explicar, Tal Whitman entrou apressadamente, vindo do corredor.

— Bryce, posso dar uma palavrinha com você? — Lançou um olhar para Robine. — É melhor que seja em particular.

— Claro — falou Robine.

Tal fechou a porta às costas do advogado.

— Bryce, conhece a sra. Jennifer Paige?

— Faz algum tempo que começou a clinicar em Snowfield.

— Sei. Mas que tipo de pessoa diria que ela é?

— Não a conheço. Ouvi dizer que é boa médica. E o pessoal daquelas cidadezinhas das montanhas está bem contente por não ter mais que vir até Santa Mira para se consultar.

— Também não a conheço. Só queria saber se você tinha ouvido algum comentário sobre... se ela é chegada à bebida. Quero dizer... se toma uns pileques.

— Não, nunca ouvi nada no gênero. Por quê? O que está acontecendo?

— Ela ligou faz alguns minutos. Disse que houve um desastre lá em Snowfield.

— Desastre? O quer ela que dizer com isso?

— Bem, ela diz que não sabe. Bryce pestanejou.

— Ela parecia histérica?

— Assustada, mas não histérica. Não quer falar com outra pessoa, só com você. Está na linha três. — Bryce estendeu a mão para o telefone.

— Mais uma coisa — disse Tal, linhas de preocupação vincando-lhe a testa. — Ela me disse uma coisa, mas não faz sentido.

Ela disse...

— Sim?

— Disse que todo mundo por lá está morto. Todo mundo em Snowfield. Disse que ela e a irmã são as únicas pessoas vivas.

10

Irmãs e tiras

Jenny e Lisa saíram da casa dos Oxleys pelo mesmo caminho por onde entraram: a janela.

A noite estava ficando cada vez mais fria. O vento soprava de novo.

Voltaram para a casa de Jenny no alto da Skyline Road a fim de buscar agasalhos para protegê-las do frio.

Depois desceram a ladeira de novo e foram para a subdelegacia do xerife. Havia um banco de madeira preso às pedras redondas junto ao meio-fio, em frente à cadeia municipal, e elas se sentaram ali para esperar a ajuda vinda de Santa Mira.

— Quanto tempo vai levar até eles chegarem? — perguntou Lisa.

— Bem, Santa Mira fica a quase cinquenta quilômetros daqui, e as estradas são bem sinuosas. E eles têm que tomar umas precauções incomuns. — Jenny olhou para o relógio de pulso. — Acho que devem chegar dentro de uns 45 minutos, no máximo uma hora.

— Pombas.

— Não é tanto tempo assim, meu bem.

A garota levantou a gola da jaqueta de brim forrada de pele.

— Jenny, quando o telefone tocou na casa dos Oxleys e você atendeu...

— Sim?

— Quem estava ligando?

— Ninguém.

— O que você ouviu?

— Nada — mentiu Jenny.

— Pela expressão do seu rosto, achei que havia alguém ameaçando você, ou coisa parecida.

— Bem, eu estava perturbada, é claro. Quando o telefone tocou, eu pensei que os telefones estivessem funcionando de novo, mas quando atendi e ele ficou mudo, fiquei... arrasada. Foi só isso.

— Depois deu linha?

— Deu.

Ela provavelmente não acredita em mim, pensou Jenny. Acha que estou tentando protegê-la de alguma coisa. E é claro que estou.

Como posso explicar a sensação de que alguma coisa malévola estava ao telefone comigo? Eu mesma nem consigo entender. Quem ou o quê estava ao telefone? Por que ele... ou a coisa... finalmente liberou a linha?

Um pedaço de papel passou voando pela rua. Nada mais se movia.

Uma nesga fina de nuvem passou sobre um dos cantos da lua.

Dali a um pouco, Lisa falou:

— Jenny, caso alguma coisa me aconteça hoje...

— Nada vai lhe acontecer, meu bem.

— Mas caso alguma coisa me aconteça hoje — insistiu Lisa —, quero que saiba que... bem... tenho muito... orgulho de você.

Jenny envolveu com o braço os ombros da irmã, e ficaram ainda mais juntinhas.

— Mana, lamento não termos passado muito tempo juntas nesses anos.

— Você ia para casa sempre que podia — falou Lisa. — Sei que não foi fácil. Acho que li umas dúzias de livros sobre o que uma pessoa tem que enfrentar para poder ser médica. Sempre soube que havia um fardo grande para você carregar, muitas preocupações.

Surpresa, Jenny falou:

— Bem, mesmo assim eu devia ter ido em casa mais vezes.

Ficara longe de casa em algumas ocasiões porque não fora capaz de enfrentar a acusação nos olhos tristes da mãe, uma acusação que era ainda mais poderosa e tocante porque jamais fora verbalizada: Você matou o seu pai, Jenny; partiu-lhe o coração e isso o matou.

— E mamãe também tinha muito orgulho de você.

A frase de Lisa não apenas surpreendeu Jenny, como a abalou, — Mamãe estava sempre falando para todo mundo da sua filha, a médica — continuou Lisa, sorridente, recordando. — Acho que havia horas em que as amigas estavam prestes a riscá-la do clube de bridge, se ela dissesse mais uma só palavra sobre a sua bolsa de estudos ou as suas boas notas.

Jenny pestanejou:

— Está falando sério?

— Claro que estou.

— Mas mamãe nunca...

— Nunca o quê? — indagou Lisa.

— Bem... nunca falou nada sobre... papai? Ele morreu há doze anos.

— Pombas, sei disso. Ele morreu quando eu tinha dois anos e meio. — Lisa franziu o cenho. — Mas do que é você que está falando?

— Quer dizer que nunca ouviu mamãe me culpar?

— Culpá-la por quê?

Antes que Jenny pudesse responder, a tranquilidade sepulcral de Snowfield foi extinta. Todas as luzes se apagaram.

Três carros-patrulha saíram de Santa Mira, entraram nas colinas envoltas na noite, na direção das encostas altas e banhadas pelo luar das Sierras, na direção de Snowfield, as luzes vermelhas de emergência faiscando.

Tal Whitman guiava o carro que encabeçava a procissão, e o xerife Hammond sentava-se ao seu lado. Gordy Brogan estava no banco de trás com outro delegado, Jake Johnson.

Gordy estava com medo.

Sabia que seu medo não era visível, e sentia-se grato por isso.

Na verdade, ele parecia unia pessoa que não saberia como ter medo. Era alto, graúdo, musculoso. Tinha as mãos fortes e grandes de um jogador de basquete profissional; parecia capaz de acabar com a folga de quem quer que lhe causasse encrencas. Sabia que tinha um rosto atraente; as mulheres já lhe tinham dito isso. Mas também era um rosto sombrio, de aspecto rude. Os lábios eram finos, dando-lhe à boca um ar cruel. Jake Johnson fora quem se

exprimira melhor: Gordy, quando você fecha a cara, parece um homem que come galinhas vivas no café da manhã.

A despeito de sua aparência feroz, contudo, Gordy Brogan estava com medo. Não era a possibilidade de moléstia ou veneno que lhe causava medo. O xerife dissera que havia indícios de que as pessoas em Snowfield tinham sido mortas não por germes ou substâncias tóxicas, mas por outras pessoas. Gordy temia ter que usar a arma pela primeira vez desde que se tornara delegado, há dezoito meses. Temia ser forçado a atirar em alguém, quer para salvar a própria vida, a vida de outro delegado, ou a de uma vítima.

Ele não achava que seria capaz de fazê-lo.

Há cinco meses descobrira uma fraqueza perigosa em si mesmo, ao atender a um chamado de emergência da Loja de Artigos Esportivos Donner. Um antigo empregado descontente, um homem corpulento chamado Leo Sipes, voltara à loja duas semanas depois de ter sido despedido, espancara o gerente e quebrara o braço do vendedor contratado para substituí-lo. Quando Gordy chegara ao local, Leo Sipes — grande, burro e bêbado — estava usando uma machadinha para destruir toda a mercadoria. Gordy não conseguira convencê-lo a se render. Quando Sipes viera atrás dele, brandindo a machadinha, Gordy sacara o revólver. E então descobrira que não podia usá-lo. O dedo no gatilho ficara frágil e inflexível como gelo. Ele tivera que guardar a arma e arriscar um confronto físico com Sipes. Dera um jeito e conseguira tirar a machadinha de Sipes.

Agora, cinco meses mais tarde, sentado no banco de trás do carro-patrulha e escutando Jake Johnson falar com o xerife Hammond, seu estômago se retesou e ficou embrulhado ao pensar no que uma bala calibre 45 de ponta oca faria a um homem. Ela literalmente arrancaria a sua cabeça. Transformaria um ombro em fiapos de carne e agulhas partidas de osso. Abriria um peito, destroçando o coração e.tudo mais no seu caminho. Poderia arrancar fora uma perna, se atingisse a rótula, transformaria um rosto numa pasta sangrenta. E Gordy Brogan, Deus tivesse piedade dele, não era capaz de fazer uma coisa dessas a ninguém.

Esta era a sua terrível fraqueza. Sabia que havia gente que diria que a sua incapacidade de atirar em outro ser humano não era uma

fraqueza, mas sim um sinal de superioridade moral. Contudo, ele sabia que isso nem sempre era verdade. Havia horas em que atirar era um ato moral. Um policial fazia o juramento de proteger o público. Para um tira, a incapacidade de atirar (quando atirar era claramente justificado) não era somente uma fraqueza, mas uma loucura, talvez até um pecado.

Durante os últimos cinco meses, depois do episódio desalentador na Loja de Artigos Esportivos Donner, Gordy tivera sorte. Atendera apenas alguns chamados envolvendo suspeitos violentos. E, felizmente, conseguira dominar os adversários usando os punhos, ou o cassetete, ou ameaças — ou disparando tiros de advertência para o alto. Certa vez, quando parecia que atirar em alguém seria inevitável, o outro guarda, Frank Autry, atirara primeiro, ferindo o pistoleiro antes que Gordy tivesse que se defrontar com a tarefa impossível de puxar o gatilho.

Agora, porém, algo inimaginavelmente violento tinha transpirado lá em Snowfield. E Gordy sabia muito bem que violência frequentemente tinha que ser enfrentada com violência.

A arma no seu quadril parecia pesar quinhentos quilos.

Ficou pensando se estaria chegando a hora em que a sua fraqueza seria revelada. Ficou pensando se morreria esta noite... ou se causaria, graças à sua fraqueza, a morte desnecessária de outrem.

Orou ardentemente para poder vencer essa coisa. Sem duvida possível um homem ser pacífico por natureza e, ainda assim, ter a coragem de se salvar, salvar seus amigos, sua gente.

Com as luzes vermelhas de emergência faiscando no teto, os três carros-patrulha branco e verde subiram a estrada sinuosa, adentrando as montanhas cobertas pela noite, na direção dos picos onde o luar criava a ilusão de que já tinha caído a primeira neve da temporada.

Gordy Brogan estava com medo.

Os postes de rua e todas as outras luzes se apagaram, lançando a cidade na escuridão.

Jenny e Lisa se levantaram de um salto do banco de madeira.

— O que aconteceu?

— Shhh — fez Jenny. — Escute!

Mas houve apenas um silêncio contínuo.

O vento parara de soprar, como se espantado com o blecaute abrupto da cidade. As árvores esperaram, os ramos imóveis como roupas velhas num armário.

Graças a Deus pela lua, pensou Jenny.

O coração batendo com força, Jenny se virou e examinou os prédios às suas costas. A cadeia municipal. Um pequeno café. As lojas.

As residências.

Todas as entradas se achavam tão coalhadas de sombras que era difícil dizer se as portas estavam abertas ou fechadas — ou se, neste instante, estavam se abrindo lenta, muito lentamente, para libertar os mortos horrendos, inchados, demoniacamente reanimados, nas ruas escuras.

Pare com isso, pensou Jenny. Os mortos não voltam à vida.

Seus olhos pousaram no portão em frente à passagem de serviço coberta que ficava entre a subdelegacia do xerife e a loja de presentes ao lado. Era exatamente como o corredor sombrio e apertado ao lado da padaria dos Liebermanns.

Será que também havia algo escondido neste túnel? E, com as luzes apagadas, vinha se arrastando inexoravelmente na direção desta extremidade do corredor, ansioso para passar para a calçada escura?

Aquele medo primitivo de novo.

Aquela sensação de mal.

Aquele terror supersticioso.

— Vamos — disse para Lisa.

— Para onde?

— Para a rua. Nada poderá nos pegar ali...

— ...sem que a gente o veja chegando — concluiu Lisa, compreendendo.

Foram para o meio da rua iluminada pelo luar.

Quanto tempo até o xerife chegar? — indagou Lisa.

Pelo menos mais uns quinze ou vinte minutos.

As luzes da cidade se acenderam todas de uma vez. Uma explosão brilhante de fulgor elétrico atingiu-lhe os olhos surpresos

— depois novamente a escuridão.

Jenny ergueu o revólver, sem saber ao certo para onde apontar.

A sua garganta estava ressequida pelo medo, a boca seca.

Uma explosão de som — um lamento pavoroso — percorreu Snowfield.

Jenny e Lisa soltaram um grito, chocadas, e se viraram, esbarrando uma na outra, olhando com olhos apertados para a escuridão tingida pelo luar.

Depois o silêncio.

Novo grito estridente.

Silêncio.

— O quê? — perguntou Lisa.

— O posto do corpo de bombeiros!

Ela soou de novo: a sirene estridente vinda do lado leste da St.

Moritz Way, do posto do Corpo de Bombeiros Voluntários de Snowfield.

Bong!

Jenny sobressaltou-se de novo, girou o corpo.

Bong! Bong!

— Um sino de igreja — falou Lisa.

— A igreja católica, a oeste na Vail.

O sino tocou mais uma vez — um som alto, profundo, lamentoso, que retumbou nas janelas vazias ao longo da escuridão da Skyline Road, e em outras janelas invisíveis por toda a cidade morta.

— Alguém tem que puxar uma corda para tocar o sino — falou Lisa. — Ou apertar um botão para disparar uma sirene. Portanto, tem que haver mais alguém aqui, além de nós.

Jenny ficou calada.

A sirene tocou de novo, soou e depois se calou, soou e se calou, e o sino da igreja começou a tocar outra vez, e o sino e a sirene gritaram juntos, ao mesmo tempo, repetidas vezes, como se estivessem anunciando a chegada de alguém de tremenda importância.

Nas montanhas, a um quilômetro e meio da entrada para Snowfield, a paisagem noturna era pintada somente em tons de negro e prata. As árvores grandes não eram verdes; eram formas

lúgubres, na sua maioria sombras, com beiradas alvacentas de folhas e agulhas vagamente definidas.

Contrastantemente, o acostamento da auto-estrada era cor de sangue, tingido pelas luzes giratórias no alto dos três sedas Ford que exibiam o emblema do departamento policial do condado de Santa Mira nas suas portas dianteiras.

O delegado Frank Autry dirigia o segundo carro, e o delegado Stu Wargle estava derreado no banco ao lado do motorista.

Frank Autry era esguio, musculoso, com cabelos grisalhos bem cortados. Tinha as feições nítidas e econômicas, como se Deus não estivesse com disposição de desperdiçar coisa alguma no dia em que criara a sua ficha genética: olhos cor de avelã sob uma testa bem cinzelada; um nariz estreito e nobre; boca nem parcimoniosa nem generosa demais; orelhas pequenas, quase sem lóbulos, grudadas à cabeça. Usava um bigode muitíssimo bem tratado.

Trajava a sua farda exatamente do jeito que o manual de instruções mandava; botas pretas lustradas até parecerem espelhos, calças marrons com vinco perfeito, cinto e coldre de couro brilhantes e flexíveis graças à lanolina, camisa marrom extremamente bem passada.

— Porra, não foi justo — disse Stu Wargle.

— Os comandantes não têm que ser justos, têm que estar com a razão — replicou Frank.

— Que comandante? — indagou Wargle, lamuriosamente.

— O xerife Hammond. Não era a ele que se referia?

— Não penso nele como meu comandante.

— Bem, mas é o que ele é.

— Ele quer é me sacanear — falou Wargle. — O safado. Frank ficou calado.

Antes de ingressar na polícia do condado, Frank Autry fora um oficial militar de carreira. Reformara-se do Exército dos Estados Unidos aos 44 anos, depois de 25 anos de serviço notável, e se mudara para Santa Mira, a cidade em que nascera e fora criado. Sua intenção era abrir um pequeno negócio qualquer para completar a sua pensão e se manter ocupado, mas não achou nada que lhe parecesse interessante.

Aos poucos foi percebendo que, ao menos para ele, um emprego sem farda, sem uma cadeia de comando, sem um elemento de risco físico e sem um sentido de serviço público era um emprego que não valia a pena ter. Há três anos, com 46 anos de idade, ingressara no departamento policial e, a despeito de ter sido rebaixado de major, que era o posto que tinha no Exército, estava muito feliz desde então.

Isto é, estava muito feliz exceto nas ocasiões (em geral durante uma semana por mês) em que tinha Stu Wargle como parceiro. Wargle era insuportável. Frank tolerava o sujeito apenas para testar a sua própria autodisciplina.

Wargle era um relaxado. O cabelo estava sempre precisando ser lavado. Quando fazia a barba, deixava sempre uns fios espetados. O seu uniforme vivia amassado, as botas jamais eram engraxadas. Era grande demais na barriga, grande demais nos quadris, grande demais no traseiro.

Wargle era um chato. Não tinha absolutamente nenhum senso de humor. Não lia nada, não sabia de nada... mas tinha opiniões definidas sobre Iodos os assuntos sociais e políticos do momento.

Wargle era um nojento. Tinha 45 anos de idade e ainda limpava o nariz em público. Arrotava e peidava descaradamente.

Ainda largado de encontro à porta do lado direito do carro, Wargle falou:

— Eu devia largar o serviço às dez horas. Dez horas, porra! Não é justo o Hammond me destacar para esta merda em Snowfield. E eu com programa marcado com uma gatona.

Frank não se deu por achado. Não perguntou com quem Wargle tinha marcado para sair. Continuou dirigindo o carro, os olhos fixos na estrada, esperando que Wargle não lhe contasse quem era a "gatona".

— Ela é garçonete no Spanky's Diner — falou Wargle. — Talvez você a conheça. Uma dona loura. O nome dela é Beatrice, mas é conhecida por Bea.

— É raro eu ir ao Spanky's — disse Frank.

— Ah. A cara dela não é ruim, sabe. Um par de mamas de respeito. Tem uns quilinhos sobrando, não muitos, mas ela se acha pior do que realmente é. Insegurança, sabe como é. Então, se você

fizer o jogo direito, se explorar as dúvidas que ela tem com relação a si mesma, se disser que a quer assim mesmo, embora ela tenha se deixado ficar um pouco gorducha... porra, ela fará qualquer coisa que você quiser.

Qualquer coisa.

O nojento riu como se tivesse dito algo insuportavelmente engraçado.

Frank teve vontade de dar-lhe um soco na cara. Não o fez.

Wargle era um misógino. Falava das mulheres como se fossem membros de outra espécie, uma espécie inferior. A ideia de um homem partilhar a sua vida e pensamentos mais íntimos com uma mulher, a ideia de que uma mulher pudesse ser amada, querida, admirada, respeitada, valorizada por sua sabedoria, percepção e humor... isso era um conceito totalmente estranho para Stu Wargle.

Frank Autry, por outro lado, estava casado há 26 anos com sua linda Ruth. Adorava-a. Embora soubesse que era um pensamento egoísta, às vezes rezava para ser o primeiro a morrer, evitando ter que enfrentar a vida sem Ruth.

— Aquele nojento do Hammond quer ver a minha caveira. Está sempre enchendo o meu saco.

— Sobre o quê?

— Tudo. Não gosta do jeito como eu uso o uniforme. Não gosta do jeito como eu escrevo os relatórios. Disse que eu preciso melhorar a minha atitude. Puta merda, a minha atitude! Ele quer me sacanear, mas eu não deixo. Vou aguentar mais cinco anos, sabe, para poder receber a minha aposentadoria de trinta anos. Aquele safado não vai me arrancar a minha aposentadoria.

Quase dois anos antes, os eleitores da cidade de Santa Mira aprovaram um projeto que dissolvia a polícia metropolitana, colocando a manutenção da lei nas mãos do departamento policial do condado.

Era um voto de confiança em Bryce Hammond, que criara o departamento do condado, mas um dispositivo do projeto dispunha que nenhum policial da cidade perderia o emprego ou a aposentadoria por causa da transferência de poder. Desse modo, Bryce Hammond tinha que aguentar Stewart Wargle.

Chegaram à entrada para Snowfield.

Frank deu uma olhada no espelho retrovisor e viu o terceiro carro patrulha sair da posição de três carros. Como fora planejado, ele se postou à entrada da estrada para Snowfield, formando um bloqueio.

O carro do xerife Hammond continuou o caminho para Snowfield e Frank foi atrás.

— Para que diabo tivemos que trazer água? — quis saber Wargle.

Havia três garrafas de cinco galões de água no chão da parte traseira do carro.

— A água em Snowfield pode estar contaminada — disse Frank.

— E toda aquela comida que botamos na mala?

— Também não podemos confiar na comida por lá.

— Não creio que estejam todos mortos.

— O xerife não conseguiu contato com Paul Henderson, na subdelegacia.

— É daí? O Henderson é um babaca.

— A doutora falou que Henderson está morto, juntamente com...

— Porra, a doutora é biruta ou está de porre. Além do mais, quem no seu juízo perfeito iria se consultar com uma médica?

Provavelmente ela deu pra passar durante todo o curso da faculdade.

— O quê?

— Nenhuma dona tem capacidade pra se formar em medicina sem abrir as pernas!

— Wargle, você nunca deixa de me espantar.

— Qual é o problema? — indagou Wargle.

— Nenhum. Esqueça. Wargle arrotou.

— Bem, não creio que estejam todos mortos. — Outro problema com Stu Wargle era que ele não tinha imaginação alguma. — Que monte de merda. E eu de programa marcado com uma gatona.

Franky Autry, por outro lado, tinha uma imaginação muito boa.

Talvez boa demais. Enquanto guiava montanha acima, enquanto passava por um cartaz que dizia SNOWFIELD — SKM, sua imaginação funcionava como uma máquina bem lubrificada. Tinha a sensação perturbadora — premonição? palpite? — de que estavam se dirigindo diretamente para o Inferno.

A sirene do posto de bombeiros berrava.

O sino da igreja tocava cada vez mais depressa.

Uma cacofonia ensurdecedora percorria a cidade.

-— Jenny! — gritou Lisa.

Fique de olhos abertos! Atenção aos movimentos!

A rua era uma colcha de retalhos de dez mil sombras; havia lugares escutou em demasia para vigiar.

A aliene gemia, o sino tocava, e agora as luzes começaram a piscar de novo — luzes das casas, luzes das lojas, luzes das ruas —, acendendo e apagando, acendendo e apagando tão rapidamente que criaram um efeito estroboscópico. A Skyline Road tremeluzia; os prédios pareciam saltar na direção da rua, depois voltar para trás, depois saltar para diante; as sombras dançavam espasmodicamente.

Jenny fez uma volta completa, o revólver esticado na frente do corpo.

Se havia algo se aproximando, encoberto pelo espetáculo de luz estroboscópica, ela não podia vê-lo.

Pensou: Pode ser que, ao chegar, o xerife encontre duas cabeças cortadas no meio da rua. A minha e a de Lisa.

O sino da igreja estava mais alto do que nunca e soava contínua e furiosamente.

A sirene se transformou num guincho de balançar os dentes e furar os ossos. Parecia um milagre que as janelas não estivessem se estilhaçando.

Lisa tapava os ouvidos com as mãos.

A anua tremia na mão de Jenny, Lia não conseguia mantê-la imóvel.

Então, tão abruptamente quanto começara, o pandemônio cessou. A sirene se calou. O sino da igreja parou de soar. As luzes permaneceram acesas.

Jenny correu os olhos pela rua, esperando alguma coisa acontecer, alguma coisa pior.

Nada, porém, aconteceu.

Mais uma vez a cidade ficou tranquila feito um cemitério.

Um vento surgiu vindo do nada e fez com que as árvores oscilassem, como se respondendo a uma música etérea além do

alcance do ouvido humano.

Lisa saiu do transe em que estava e falou: — Foi quase como se... como se estivessem tentando nos amedrontar... nos provocando.

— Provocando — concordou Jenny. — É, era exatamente isso o que parecia.

— Brincando com a gente.

— Como o gato com os ratos — disse Jenny, baixinho. Ficaram paradas no meio da rua silenciosa, com medo de voltar ao banco diante da cadeia municipal, com medo de que o movimento de ambas pudesse fazer recomeçar a sirene e o sino.

De repente, escutaram um ronco baixo. Por um instante, o estômago de Jenny se retesou. Ela levantou a arma mais uma vez, embora não pudesse enxergar nada em que atirar. Depois, reconheceu o som: eram motores de automóvel subindo com esforço a estrada íngreme da montanha.

Ela se voltou e olhou para o começo da rua. O ronco dos motores ficou mais alto. Um carro dobrou a curva, no comecinho da cidade.

Luzes de teto vermelhas faiscantes. Um carro de polícia. Dois carros de polícia.

— Graças a Deus — exclamou Lisa.

Jenny acompanhou a irmã rapidamente até a calçada de pedras redondas em frente à subdelegacia.

Os dois carros-patrulha verde e branco vieram subindo lentamente a rua deserta e estacionaram junto ao meio-fio, em frente ao banco de madeira. Os dois motores foram desligados simultaneamente, O silêncio mortal de Snowfield tomou posse da noite mais uma vez.

Um negro atraente fardado de delegado saltou do primeiro carro, deixando a porta aberta. Olhou para Jenny e Lisa, mas não falou imediatamente. A sua atenção se deteve na rua sobrenaturalmente silenciosa e deserta.

Um segundo homem saltou do banco dianteiro do mesmo veículo. Tinha cabelos avermelhados e rebeldes. Suas pálpebras eram tão pesadas que ele parecia prestes a pegar no sono. Estava vestido à paisana — calças cinzentas, uma camisa azul-clara, uma

jaqueta de náilon azul-escura —, mas tinha um distintivo preso à jaqueta.

Quatro outros homens saltaram das patrulhas. Todos os seis recém-chegados ficaram parados ali por um longo momento, sem falar, os olhos percorrendo as lojas e casas silenciosas.

Naquela bolha de tempo suspensa e estranha, Jenny teve uma premonição gélida em que não queria acreditar. Teve certeza...

pressentiu... soube... que nem todos eles sairiam vivos daquele lugar.

11

Explorando

Bryce curvou-se sobre um dos joelhos ao lado de Paul Henderson.

As outras sete pessoas — seus próprios homens, a dra. Paige e Lisa — ficaram na área de recepção, do lado de fora da grade de madeira, na subdelegacia de Snowfield. Estavam quietas na presença da Morte.

Paul Henderson fora um bom homem com instintos decentes.

Sua morte era um terrível desperdício.

Bryce chamou:

— Dra. Paige?

Ela se agachou do outro lado do corpo.

— Sim?

A senhora não mudou o corpo de lugar? Nem mesmo toquei nele, xerife. Não havia sangue?

É como o senhor está vendo agora. Nada de sangue. O ferimento poderia ser nas costas — falou Bryce. Mesmo que fosse, ainda haveria um pouco de sangue no chão. Pode ser. — Ele fitou-lhe os olhos impressionantes — verdes pontilhados de dourado. — Normalmente eu não mexeria num corpo até que o legista o tivesse examinado. Mas esta não é uma situação normal, Terei que virar este homem de barriga para baixo.

— Não sei se é seguro tocar nele.

— Alguém tem que fazê-lo — disse Bryce.

A dra. Paige se levantou e todos recuaram um ou dois passos.

Bryce levou a mão ao rosto distorcido e enegrecido de Henderson.

— A pele ainda está ligeiramente quente — exclamou, surpreso.

A dra. Paige falou:

— Não creio que tenham morrido há muito tempo.

— Mas um corpo não fica descolorido e inchado em duas horas — falou Tal Whitman.

— Estes corpos ficaram — replicou a doutora.

Bryce virou o corpo de bruços, deixando as costas à mostra.

Nenhum ferimento.

Esperando encontrar uma depressão anormal no crânio, Bryce meteu os dedos pela cabeleira espessa do morto, tateando os ossos. Se o delegado tivesse sido atingido com força na parte de trás da cabeça...

Mas tampouco fora isso o que acontecera. O crânio estava intacto.

Bryce se pôs de pé.

— Doutora, essas duas decapitações que a senhora mencionou...

acho melhor darmos uma olhada nelas.

— Será que um dos seus homens poderia ficar aqui com a minha irmã?

— Compreendo como se sente — falou Bryce. — Mas não creio que seja sensato dividir os homens. Pode ser que não haja segurança em ficarmos todos juntos; mas, por outro lado, pode ser que haja.

— Tudo bem — assegurou Lisa a Jenny. — Eu não quero ficar para trás, de qualquer maneira.

Era uma garota de coragem. Tanto ela quanto a irmã intrigavam Bryce Hammond. Estavam pálidas e seus olhos se achavam cheios de sombras roxas de choque e horror, mas enfrentavam este pesadelo vivo e bizarro muito melhor do que a maioria das pessoas o faria.

As Paiges foram guiando o grupo todo para fora da subdelegacia e na direção da padaria.

Bryce estava achando difícil acreditar que Snowfield tivesse sido uma aldeia normal e movimentada há pouco tempo. A cidade parecia seca, extinta e morta, como uma antiga cidade perdida num deserto longínquo, num canto do mundo onde até o vento, às vezes, se esquecia de ir. A quietude que envolvia a cidade parecia um silêncio de inúmeros anos, de décadas, de séculos, um silêncio de

épocas inimaginavelmente longas, empilhadas umas sobre as outras.

Pouco depois de chegar em Snowfield, Bryce utilizara um megafone elétrico para tentar obter uma resposta das casas silenciosas.

Agora parecia tolice ter sequer esperado uma resposta.

Entraram na padaria dos Liebermanns pela porta da frente e foram para a cozinha nos fundos do prédio.

Na mesa de cepo de açougueiro, duas mãos cortadas agarravam as pontas de um rolo de macarrão.

Duas cabeças cortadas espiavam por duas portas de forno.

— Oh, meu Deus — exclamou Tal, baixinho.

Bryce estremeceu.

Jake Johnson se encostou num armário branco e alto, necessitando evidentemente de um apoio. Wargle falou: — Cristo, eles foram abatidos como se fossem duas vacas... E

logo estavam todos falando a uma voz.

— ...por que diabo alguém faria...

— ...doente, pervertido...

— ...e onde estão os corpos?

— Sim — disse Bryce, erguendo a voz para se sobrepujar ao vozerio —, onde estão os corpos! Vamos procurá-los.

Durante dois segundos ninguém se mexeu, todos petrificados pela ideia do que poderiam encontrar.

— Dra. Paige, Lisa... não há necessidade de vocês nos ajudarem — continuou Bryce. — Basta se afastarem.

A médica assentiu. A mocinha sorriu, agradecida.

Trepidantemente, revistaram todos os armários, abriram todas as gavetas e portas. Gordy Brogan olhou dentro do grande forno, que não era equipado com visor, e Frank Autry examinou o frigorífico. Bryce inspecionou o banheiro pequeno e impecável num dos cantos da cozinha. Mas não puderam achar os corpos (ou qualquer pedaço dos corpos) do casal idoso.

— Por que o assassino levaria os corpos? — perguntou Frank.

— Talvez estejamos lidando com gente de algum culto — falou Jake Johnson. Provavelmente queriam os corpos para algum ritual macabro.

— Se houver algum ritual — falou Frank —, parece-me que foi realizado aqui mesmo.

Gordy Brogan se precipitou para o lavatório, tropeçando e oscilando, um garotão desajeitado que parecia formado apenas de pernas compridas e braços compridos, cotovelos e joelhos. Sons de ânsias de vômitos atravessaram a porta que ele fechara atrás de si.

Stu Wargle achou graça e falou:

— Jesus, que maricas.

Bryce se voltou para ele, de cara fechada.

— Em nome de Deus, o que está achando tão engraçado, Wargle? Tem gente morta aqui. Acho que a reação de Gordy é bem mais natural do que qualquer uma das nossas.

O rosto pesado de Wargle, de olhinhos pequenos, toldou-se de raiva. Ele não tinha nem espírito para ficar encabulado. Deus, como desprezo este homem, pensou Bryce. Quando Gordy voltou do banheiro, estava sem jeito.

— Desculpe, xerife.

— Não tem do quê, Gordy.

Eles saíram juntos da cozinha, passando pelo salão de Vendas e se dirigiram para a calçada.

Bryce foi imediatamente até o portão de madeira entre a padaria e a loja vizinha. Olhou sobre o topo do portão para o corredor coberto e sem luz. A dia. Paige se acercou dele e Bryce perguntou:
— Foi aqui que a senhora pensou ter visto alguma coisa nos caibros do telhado?

— Bem, lisa achou que a coisa estava agachada junto à parede.

— Mas do corredor era este!

— Era.

O túnel estava totalmente às escuras.

Ele pegou a lanterna elétrica de cabo comprido de Tal, abriu o portão que rangia, sacou o revolver e entrou no corredor. Havia ali um odor vago de umidade desagradável. O guincho das dobradiças enferrujadas do portão e depois o som de seus próprios passos ecoaram túnel abaixo, precedendo-o.

A luz da lanterna era potente; cobria mais da metade da passagem. Todavia ele a manteve próximo de si, movendo-a para diante e para trás, cobrindo a área mais imediata, examinando as

paredes de concreto, depois olhando para o teto, que ficava uns três metros acima da sua cabeça. Pelo menos nesta parte do corredor, os caibros do telhado estavam desertos.

A cada passo que dava, Bryce se sentia mais certo de que sacar o revólver fora desnecessário — até que chegou mais ou menos no meio do túnel. Então, de repente, sentiu... algo estranho... um tinir, um tremor frio e agoureiro na espinha. Sentiu que não estava mais sozinho.

Era um homem que confiava nos seus palpites, e não ignorou este. Parou de andar, ergueu a arma, prestou mais atenção do que antes ao silêncio, passou rapidamente a luz da lanterna pelas paredes e teto, olhou para os caibros com especial atenção, fitou a escuridão adiante quase até a entrada do beco, e chegou até a olhar para trás para ver se algo havia surgido magicamente às suas costas. Nada esperava na escuridão. No entanto, ele continuava a sentir que estava sendo observado por olhos inamistosos.

Adiantou-se de novo, e a sua luz iluminou qualquer coisa.

Coberto por uma grade de metal, um ralo de trinta centímetros quadrados se encontrava no chão da passagem. Dentro do ralo, algo indefinível cintilou, refletindo a luz da lanterna; mexeu-se.

Cautelosamente, Bryce se aproximou mais e dirigiu o facho diretamente para dentro do ralo. O que quer que cintilara já tinha sumido.

Ele se agachou junto ao ralo e espiou pelas fendas da grade. O

facho de luz revelou apenas as paredes de um cano. Era um cano de escoamento, de cerca de 45 centímetros de diâmetro, e estava seco, o que significava que ele não vira apenas água.

Um rato? Snowfield era uma estação de esportes que recebia turistas relativamente afluentes. Portanto, a cidade tomava medidas invulgarmente rígidas para se manter livre de todo o tipo de animais nocivos. É claro que, a despeito de todas as precauções de Snowfield neste sentido, a existência de um ou dois ratos não era de todo impossível. Podia ter sido um rato. Mas Bryce não acreditava que tivesse sido.

Ele caminhou até o fundo do beco, depois voltou para o portão onde Tal e os outros estavam à espera.

— Viu alguma coisa? — perguntou Tal.

— Não vi grande coisa — respondeu Bryce, passando para a calçada e fechando o portão atrás de si. Contou-lhes da sensação que tivera de estar sendo observado e do movimento no cano.

— Os Liebermanns foram mortos por gente — falou Frank Autry. — Não por algo pequeno o bastante para se enfiar por um cano.

— Sem dúvida é o que parece — concordou Bryce.

— Mas o senhor sentiu alguma coisa lá? — perguntou Lisa, ansiosa.

— Senti alguma coisa — disse Bryce à garota. — Aparentemente não me afetou com a mesma intensidade com que você disse que a afetou. Mas era definitivamente... estranho.

— Que bom — falou Lisa. — Ainda bem que não acha que somos apenas mulheres histéricas.

— Considerando o que passaram, vocês são o mais “anti-histéricas " que se possa desejar.

— Bem — falou a mocinha —, Jenny é médica, e eu acho que também gostaria de ser médica algum dia, e os médicos simplesmente não podem se dar ao luxo de serem histéricos.

Ela era uma garota engraçadinha — embora Bryce não pudesse ter deixado de notar que a irmã mais velha era ainda mais bonita. Tanto a garota quanto a doutora tinham o mesmo tom de cabelo: um castanho-avermelhado de cerejeira bem encerada, grosso e lustroso.

Ambas também tinham a mesma pele dourada. Como, porém, as feições da dra. Paige eram mais maduras do que as de Lisa, eram também mais interessantes e atraentes, na opinião de Bryce. Os olhos da doutora eram ainda de um tom mais verde do que os da irmã.

Bryce falou:

— Dra. Paige, gostaria de ver aquela casa onde os corpos estavam dentro do gabinete de leitura com barricada.

— É — falou Tal. — Os assassinatos do quarto trancado.

— É na casa dos Oxleys, lá na Vail.

Ela os conduziu rua abaixo na direção da esquina da Vail Lane com a Skyline Road.

O arrastar seco dos passos deles era o único som, e fez Bryce pensar novamente em locais desertos, com escaravelhos pulando

em pilhas de pergaminhos de papiro frágeis e antigos, em túmulos do deserto.

Dobrando a esquina na Vail Lane, a dra. Paige parou e disse: — Tom e Karen Oxley... hã... moravam a duas quadras daqui, descendo a rua.

Bryce examinou a rua. Falou:

— Em vez de irmos direto para a casa dos Oxleys, vamos dar uma olhada em todas as casas e lojas daqui até a casa deles... pelo menos neste lado da rua. Acho que é seguro nos dividirmos em dois grupos de quatro. Não vamos tomar direções inteiramente diferentes.

Estaremos perto o bastante para nos ajudarmos uns aos outros, se houver encrenca. Dra. Paige, Lisa... vocês ficam comigo e com Tal.

Frank, você fica encarregado da segunda equipe. — Frank assentiu. — Vocês quatro fiquem bem juntos — advertiu Bryce. — E quero dizer juntos mesmo. Cada um de vocês tem que ficar à vista dos outros três o tempo todo. Compreenderam?

— Compreendemos, xerife — respondeu Frank Autry.

— Tudo bem, então vocês quatro examinem o primeiro prédio depois deste restaurante e nós examinaremos o prédio vizinho a ele.

Vamos alternando os prédios até o fim do quarteirão, depois paramos e trocamos impressões. Se vocês encontrarem algo de realmente interessante, algo mais do que simples corpos adicionais, venham me buscar. Se precisarem de ajuda, disparem dois ou três tiros.

Escutaremos os tiros mesmo que estejamos dentro de outro prédio, li vocês também fiquem atentos a tiros disparados por nós.

— Posso fazer uma sugestão? — indagou a dra. Paige.

— Claro — retrucou Bryce. Voltando-se para Frank Autry, ela falou:

— Se depararem com qualquer cadáver que apresente sinais de hemorragia nos olhos, ouvidos, nariz ou boca, avisem-me imediatamente. E também se houver quaisquer indícios de vômito ou diarreia.

— Porque essas coisas podem indicar uma moléstia? — perguntou Bryce.

— É — respondeu ela. — Ou envenenamento.

— Mas já eliminamos essas possibilidades, não foi? — perguntou Gordy Brogan.

Jake Johnson, aparentando mais idade que seus 57 anos, falou: — Não foi uma moléstia que cortou Fora a cabeça daquelas pessoas.

— Estive pensando nisso — replicou a dra. Paige. — E se se tratar de uma moléstia ou uma toxina química que jamais encontramos antes — uma forma mutante de raiva, digamos —, que mata algumas pessoas mas simplesmente deixa as outras loucas furiosas'? E se as mutilações foram feitas por aqueles que ficaram alucinados?

— Isso seria provável? — quis saber Tal Whitman.

— Não. Mas, pensando bem, talvez não seja impossível. Além disso, quem é capaz de dizer o que é provável ou improvável, agora?

Seria provável que uma coisa dessas acontecesse a Snowfield, para começo de conversa?

Frank Autry puxou o bigode e falou: — Mas se há bandos de maníacos raivosos correndo soltos por aí... onde estão eles?

Todos olharam para a rua tranquila. Para as poças de sombra mais fundas que se derramavam por relvados, calçadas e carros estacionados. Para as janelas de sótão apagadas. Para as janelas de porão às escuras.

— Se escondendo — falou Wargle.

— Esperando — falou Gordy Brogan.

— Não, isso não faz sentido — falou Bryce. — Maníacos raivosos não ficariam escondidos, esperando e planejando. Eles nos,atacariam.

— Além disso — disse Lisa suavemente —, não é gente com raiva. É alguma coisa bem mais estranha.

— Ela provavelmente tem razão — falou a dra. Paige.

— O que não me faz sentir nem um pouquinho melhor — disse Tal.

— Bem, se encontrarmos sinais de vômitos, diarreia ou hemorragia — falou Bryce —, então saberemos. E se não encontrarmos...

— Terei que apresentar uma nova hipótese — concluiu a dra. Paige. Ficaram calados, sem animação para começar a busca porque não sabiam o que podiam encontrar — ou o que poderia encontrá-los.

O tempo parecia ter parado.

O alvorecer, pensou Bryce Hammond, jamais chegará se não nos mexermos.

— Vamos indo — falou.

O primeiro prédio era estreito e fundo, com uma combinação de galeria de arte e loja de artesanato no primeiro andar. Frank Autry quebrou uma vidraça na porta da frente, meteu a mão para dentro e destrancou a porta. Entrou e acendeu as luzes.

Fazendo sinal para os outros entrarem, falou: — Espalhem-se. Não fiquem junto demais. Não queremos oferecer um alvo fácil.

Enquanto falava, Frank se lembrava do seu tempo de serviço no Vietnã, há quase vinte anos. Esta operação tinha a qualidade angustiante de uma missão de busca-e-destruição em território dos guerrilheiros.

Percorreram cautelosamente o salão de exposição da galeria, mas não acharam ninguém. Tampouco havia pessoa alguma no pequeno escritório nos fundos do salão. Todavia, uma porta no escritório abria para uma escada que levava ao segundo andar.

Subiram a escada ao estilo militar. Frank subiu sozinho até o alto, arma na mão, enquanto os outros esperavam. Localizou o interruptor no alto da escada, acendeu-o e viu que estava no canto da sala de estar do apartamento do dono da galeria. Quando teve certeza de que a sala estava vazia, fez sinal aos seus homens para subirem.

Enquanto os outros subiam a escada, Frank penetrou na sala de estar, sempre grudado à parede, atento.

Eles revistaram o resto do apartamento, tratando cada porta como ponto potencial de emboscada. Tanto o gabinete de leitura quanto a sala de jantar estavam desertos. Não havia ninguém escondido nos armários.

No chão da cozinha, contudo, encontraram um homem morto.

Ele estava usando apenas calças de pijama azuis, mantendo aberta a poria da geladeira com o corpo pisado e inchado. Não havia ferimentos visíveis. Não havia expressão de horror no seu rosto. Aparentemente, morrera tão de repente que nem pudera ver o seu atacante... e sem o menor sinal de advertência de que a morte estivesse próxima. No chão ao seu redor via-se material para preparar um sanduíche: um vidro partido de mostarda, um pacote de salame, um tomate parcialmente amassado, um pacote de queijo suíço.

— Não foi doença alguma que o matou — disse Jake Johnson, enfaticamente. — Como é que podia estar doente se ia comer salame?

— E tudo aconteceu depressa mesmo — falou Gordy. — Ele estava com as mãos cheias das coisas que tirou da geladeira, e quando se virou... a coisa aconteceu. Bum: sem mais nem menos.

Descobriram outro cadáver no quarto. Ela estava na cama, nua.

Não tinha menos de vinte anos, nem mais de quarenta. Era difícil adivinhar a sua idade por causa das pisaduras e do inchaço globais.

Seu rosto estava contorcido de terror, precisamente como o de Paul Henderson, Ela havia morrido no meio de um grito.

Jake Johnson tirou uma caneta do bolso da camisa e enfiou-a pelo gatilho de uma automática 22 que jazia nos lençóis amassados, ao lado do corpo.

— Não creio que seja preciso tomar cuidado com isso — falou Frank. — Ela não foi baleada. Não há nenhum ferimento; nada de sangue. Se alguém usou a arma, esse alguém foi ela mesma. Deixe-me vê-la.

Ele tirou a automática das mãos de Jake e ejetou o pente.

Estava vazio. Ele mexeu no cursor, apontou a boca da arma para a mesinha-de-cabeceira e examinou o cano, não havia bala na câmara.

Levou a boca da arma ao nariz, farejou, sentiu o cheiro de pólvora.

— Foi disparada recentemente? — perguntou Jake.

— Muito recentemente. Supondo-se que o pente estivesse cheio quando ela o usou, isso quer dizer que deu dez tiros.

— Olhe isto aqui — dizia Wargle.

Frank se virou e viu que Wargle apontava para um buraco de bala na parede em frente ao pé da cama; ficava mais ou menos na altura de dois metros.

— E aqui — falou Gordy Brogan, chamando a sua atenção para outra bala localizada na madeira lascada da cômoda escura de pinho.

Encontraram todos os dez invólucros de metal na cama ou ao redor dela, mas não conseguiram descobrir onde as outras oito balas estavam localizadas.

— Você acha que ela acertou oito vezes? — perguntou Gordy a Frank.

— Besteira, isso seria impossível! — exclamou Wargle, ajeitando o cinturão nos quadris gordos. — Se tivesse acertado em alguém oito vezes, não seria o único cadáver no quarto, porra.

— Certo — disse Frank, embora lhe desagradasse ter que concordar com Stu Wargle sobre qualquer coisa. — Além disso, não há sangue. Se tivesse acertado oito vezes, haveria um bocado de sangue.

Wargle foi até o pé da cama e fitou a mulher morta. Ela estava recostada em dois travesseiros fofos, e tinha as pernas abertas numa paródia grotesca de desejo.

— O cara na cozinha devia estar aqui, trepando com essa dona — falou Wargle. — Quando acabou com ela, foi para a cozinha preparar alguma coisa para comerem. Enquanto estavam separados, alguém entrou aqui e a matou.

— Mataram primeiro o homem na cozinha — falou Frank. — Ele não podia ter sido apanhado de surpresa se tivesse sido atacado depois que ela atirou dez vezes.

Wargle falou:

— Cara, eu bem que gostaria de ter passado o dia todo na cama com uma gata dessas.

Frank olhou para ele, de boca aberta.

— Wargle, você é revoltante. Fica ouriçado até com um cadáver inchado... só porque está nu?

O rosto de Wargle ficou vermelho, e ele afastou os olhos do cadáver.

— Que diabo está havendo com você, Frank? O que acha que sou — algum tarado? Hein? Porra, não. Eu vi aquela foto ali na mesinha-de-cabeceira. — Apontou para uma fotografia emoldurada em prata ao lado do abajur. — Está vendo, ela está de biquíni. Dá para se ver que ela era uma gata bonitona. Mamas grandes. Pernas espetaculares. Foi isso que me ouriçou, meu chapa.

Frank balançou a cabeça.

— O que me espanta é que você consiga ficar ouriçado com qualquer coisa no meio disto, no meio de tanta morte.

Wargle achou que aquilo era um elogio. Piscou o olho.

Se eu sair disto aqui com vida, pensou Frank, não vou deixar nunca mais que Bryce Hammond destaque o Wargle para meu parceiro.

Prefiro me demitir.

Gordy Brogan perguntou:

— Como é que ela pode ter acertado oito vezes e não ter detido alguma coisa? Como é que não há uma só gota de sangue?

Jake Johnson voltou a correr a mão pela cabeleira branca.

— Não sei, Gordy. Mas uma coisa eu sei... gostaria que Bryce não tivesse me escolhido para vir para cá.

Ao lado da galeria de arte, o cartaz na frente do prédio pitoresco de dois andares dizia:

BROOKHART'S

_____

CERVEJA — VINHO — BEBIDAS ALCOÓLICAS

FUMO — REVISTAS — JORNAIS — LIVROS

As luzes estavam acesas, e a porta destrancada. O Brookhart's ficava aberto até as nove, mesmo nas noites de domingo durante a baixa temporada.

Bryce entrou primeiro, seguido por Jennifer e Lisa Paige. Tal entrou por último. Ao escolher um homem para protegei a sua retaguarda numa situação de perigo, Bryce sempre preferia Tal Whitman. Não confiava em mais ninguém como confiava em Tal, nem mesmo em Frank Autry.

Brookhart era um lugar atravancado, mas curiosamente simpático e agradável. Havia refrigeradores altos de porta de vidro cheios de latas e garrafas de cerveja, prateleiras, suportes e caixas

cheios de garrafas de vinho e bebidas alcoólicas, e outras prateleiras atulhadas de livros, revistas e jornais. Charutos e cigarros estavam empilhados em caixas e caixotes, e latas de fumo para cachimbo ficavam expostas em montes, ao acaso, sobre diversos balcões. Uma variedade de guloseimas se encaixava em qualquer canto que houvesse espaço: barras de chocolate, dropes, goma de mascar, amendoim, pipoca, batatinhas fritas e mais outros salgadinhos.

Bryce foi na frente, procurando corpos nos corredores da loja deserta. Mas não havia nenhum.

Havia, contudo, uma imensa poça d'água, com cerca de dois centímetros de profundidade, que cobria metade do chão. Eles a rodearam cuidadosamente.

— De onde veio essa água toda? — indagou Lisa.

— Deve haver um vazamento no tanque de condensação debaixo de um dos refrigeradores de cerveja — falou Tal Whitman.

Passaram por uma caixa de vinho e deram uma boa olhada em todos os refrigeradores. Não havia água alguma nas proximidades daqueles aparelhos elétricos, que roncavam baixinho.

— Quem sabe é um cano furado — falou Jennifer Paige.

Continuaram a exploração, descendo para a adega, que era usada para a armazenagem de vinho e outras bebidas em caixotes de papelão, subindo depois para o último andar, acima da loja, onde havia um escritório. Não encontraram nada de anormal.

Novamente dentro da loja, dirigiram-se para a porta da frente, Bruce parou e se agachou para olhar mais de perto a poça no chão.

Umedeceu a ponta do dedo no líquido; parecia ser água, e não tinha cheiro.

— O que foi? — perguntou Tal. Novamente de pé, Bryce respondeu:

— É estranho... toda esta água aqui.

— Vai ver que é o que a dra. Paige falou... só um cano furado.

Bryce assentiu. Todavia, embora não soubesse dizer por que, a poça grande lhe parecia significativa.

A Farmácia Tayton era um local pequeno que atendia Snowfield e todas as cidades montanhesas vizinhas. Um apartamento ocupava dois andares acima da farmácia; era decorado em tons de

creme e pêssego, com peças de realce verde-esmeralda, e com diversas antiguidades de boa qualidade.

Frank Autry conduziu os seus homens por todo o prédio, mas não acharam nada de extraordinário — a não ser o carpete ensopado da sala de visitas. Estava realmente encharcado; praticamente chapinharam nele.

A Candleglow Inn positivamente irradiava encanto e classe: os beirais fundos e as cornijas primorosamente entalhadas, as janelas com mainel flanqueadas por persianas brancas entalhadas. Duas lâmpadas de carruagem afixavam-se em pilastras de pedra, uma de cada lado do curto caminho de pedra. Três holofotes pequenos espalhavam leques de luz, dramaticamente, na fachada da estalagem.

Jenny, Lisa, o xerife e o tenente Whitman pararam na calçada diante da Candleglow, e Hammond perguntou: — Estão funcionando nesta época do ano?

— Sim — respondeu Jenny. — Conseguem ter metade dos quartos ocupados durante a baixa temporada. Sua reputação é fantástica entre viajantes exigentes... e têm apenas dezesseis quartos.

— Bem... vamos dar uma olhada.

As portas da frente davam para um saguão pequeno e confortavelmente mobiliado: piso de carvalho, tapete oriental escuro, sofás em bege-claro, um par de cadeiras Rainha Anne estofadas num tecido cor-de-rosa, mesinhas laterais de cerejeira, abajures de latão.

A mesa da recepção ficava à direita. Havia uma campainha no balcão de madeira e Jenny a apertou diversas vezes, rapidamente, sem esperar resposta, e não obtendo nenhuma.

— Dan e Sylvia têm um apartamento por trás do escritório — disse ela, apontando para o escritoriozinho apertado do outro lado do balcão.

— São os donos disto aqui? — indagou o xerife.

— São. Dan e Sylvia Kanarsky.

O xerife fitou-a por um momento.

— Amigos?

— É. Amigos íntimos.

— Então é melhor não irmos olhar no apartamento deles.

Compreensão e compaixão brilhavam nos seus olhos azuis de pálpebras pesadas. Jenny ficou surpresa ao se dar conta, repentinamente, da bondade e inteligência que havia no rosto dele.

Durante esta última hora, vendo-o trabalhar, ela aos poucos começara a perceber que ele era consideravelmente mais alerta e eficiente do que aparentava ser a princípio. Agora, fitando aqueles olhos sensíveis, compassivos, ela se deu conta de que ele era perceptivo, interessante, digno de respeito.

— Não podemos simplesmente ir embora — falou ela. — Este lugar vai ter que ser revistado, mais cedo ou mais tarde. A cidade inteira tem que ser revistada. É melhor nos livrarmos logo desta parte.

Ela levantou uma parte do balcão de madeira que tinha dobradiças e começou a cruzar a portinha para o escritório além dele.

— Por favor, doutora — falou o xerife —, deixe sempre que um de nós, eu ou o tenente Whitman, vá na frente.

Ela recuou obedientemente e ele a precedeu ao entrarem no apartamento de Dan e Sylvia, mas não acharam ninguém. Nenhum cadáver.

Graças a Deus.

De volta à recepção, o tenente Whitman folheou o livro de registros.

— Há somente seis quartos alugados no momento, e ficam todos no segundo andar.

O xerife localizou uma chave mestra num porta-chaves junto às caixas de correspondência.

Com cautela quase monótona, eles subiram e revistaram os seis quartos. Nos cinco primeiros encontraram bagagem, máquinas fotográficas, postais parcialmente escritos e outros indícios de que realmente havia hóspedes na estalagem, mas não encontraram os hóspedes propriamente ditos.

No sexto quarto, quando o tenente Whitman tentou abrir a porta do banheiro conjugado, viu que estava trancada. Bateu com força na porta e gritou:

— Polícia! Tem alguém aí? Ninguém respondeu.

Whitman olhou para a maçaneta, depois para o xerife.

— Não tem trinco deste lado, então deve ter alguém aí dentro. Arrombo a porta?

— Parece madeira sólida — falou Hammond. — Não vale a pena deslocar o seu ombro. Arrebente a fechadura com um tiro.

Jenny pegou o braço de Lisa e puxou a garota para o lado, para fora do caminho de qualquer lasca que pudesse voar.

O tenente Whitman gritou uma advertência para quem quer que estivesse no banheiro, depois disparou um único tiro. Abriu a porta com um pontapé e entrou rapidamente.

— Não tem ninguém aqui.

— Quem sabe saíram pela janela — disse o xerife.

— Aqui não tem nenhuma janela — falou Whitman, franzindo o cenho.

— Tem certeza de que a porta estava trancada?

— Absoluta. E só podia ser trancada por dentro.

— Mas como... se não havia ninguém aí? Whitman deu de ombros.

— Além do mais, tem uma coisa aqui que acho que você deve vir ver.



Todos foram ver, na verdade, pois o banheiro era grande o bastante para acomodar quatro pessoas. No espelho que encimava a pia, uma mensagem fora escrita às pressas em letras grandes, pretas, gordurosas: Timothy Flyte o inimigo antigo.

Noutro apartamento, em cima de outra loja, Frank Autry e seus homens encontraram outro carpete ensopado e chapinharam nele também. Na sala de visitas, sala de jantar e quartos, o carpete estava seco, mas no corredor que levava à cozinha estava encharcado. E na própria cozinha, três quartos do piso ladrilhado estavam cobertos de água, com poças que, em alguns lugares, chegavam a ter cerca de dois centímetros de profundidade. Parado no corredor, olhando para a cozinha, Jake Johnson falou:

— Deve ser um cano furado.

— Foi isso que você disse na outra casa — lembrou-lhe Frank.

— Parece muita coincidência, não acha?

Gordy Brogan comentou:

— É só água. Não sei o que possa ter a ver com... todos os assassinatos.

— Merda — falou Stu Wargle —, estamos perdendo tempo. Não tem nada aqui. Vamos embora.

Ignorando-os, Frank entrou na cozinha, pisando com cuidado numa das extremidades do laguinho, dirigindo-se para uma zona seca perto de uma fileira de armários. Abriu diversos armários antes de encontrar um pequeno recipiente de plástico usado para guardar sobras de comida. Estava limpo e seco, e tinha uma tampa de pressão que o vedava completamente. Numa gaveta encontrou uma colher de medida, e usou-a para colocar água no recipiente.

— O que está fazendo? — perguntou Jake, parado junto à porta.

— Coletando uma amostra.

— Amostra? Por quê? Não passa de água.

— É — replicou Frank. — Mas há alguma coisa de esquisito nela.

O banheiro. O espelho. As letras grandes, pretas, gordurosas.

Jenny fitou as cinco palavras em letras de fôrma.

— Quem é Timothy Flyte? — perguntou Lisa.

— Pode ser o cara que escreveu isto — respondeu o tenente Whitman.

— O quarto está alugado a Flyte? — perguntou o xerife.

— Tenho certeza de que não vi o nome dele no livro de registro — disse o tenente. — Podemos verificar quando descermos, mas tenho absoluta certeza.

— Talvez Timothy Flyte seja um dos assassinos — falou Lisa. — Provavelmente o sujeito que alugou este quarto reconheceu-o e deixou esta mensagem.

O xerife balançou a cabeça.

— Não. Se Flyte tem alguma coisa a ver com o que aconteceu nesta cidade, não deixaria o nome no espelho deste jeito. Trataria de apagá-lo.

— A não ser que não soubesse que estava ali — falou Jenny.

— Ou talvez soubesse que estava ali, mas, sendo um daqueles maníacos raivosos de que a senhora falou, não se importasse com o fato de ser ou não apanhado — disse o tenente.

Bryce Hammond olhou para Jenny.

— Há alguém na cidade chamado Flyte?

— Não que eu saiba.

— Conhece todo mundo em Snowfield?

— Conheço.

— Todos os quinhentos habitantes?

— Praticamente todo mundo — retrucou ela.

— Praticamente todo mundo, não é? Então poderia haver um Timothy Flyte aqui?

— Mesmo que não o conhecesse pessoalmente, ainda assim teria ouvido alguém falar nele. É uma cidade pequena, xerife, pelo menos durante a baixa temporada.

— Poderia ser alguém de Mount Larson, Shady Roost ou Pineville — sugeriu o tenente.

Ela desejou que eles pudessem passar a outro lugar para discutir a mensagem no espelho. Do lado de fora. Ao ar livre. Onde nada pudesse se esgueirar na direção deles sem se revelar. Tinha a sensação fantástica, sem base, mas inegável, de que alguma coisa — alguma coisa muito estranha — estava se movimentando noutra parte da estalagem neste exato minuto, cumprindo sorrateiramente alguma tarefa pavorosa que ela, o xerife, Lisa e o delegado ignoravam, para mal deles.

— E quanto à segunda parte da mensagem? — indagou Lisa, apontando para o INIMIGO ANTIGO.

— Bem, voltamos ao que Lisa falou primeiro — disse Jenny, finalmente. — Parece que o homem que escreveu isto estava nos dizendo que Timothy Flyte era seu inimigo. Nosso também, acho eu.

— Talvez — retrucou Bryce Hammond, com ar de dúvida. — Mas parece um jeito estranho de colocar a coisa — "o inimigo antigo".

Meio esquisito, quase arcaico. Se ele se trancou no banheiro para fugir de Flyte e depois escreveu uma advertência apressada, não teria dito "Timothy Flyte, meu velho inimigo", ou outra coisa mais direta? O

tenente Whitman concordou.

— Na verdade, se ele quisesse deixar uma mensagem acusando Flyte, teria escrito "Foi Timothy Flyte", ou talvez "Timothy Flyte matou todos eles". A última coisa que ele ia querer era ser obscuro.

O xerife começou a mexer nos artigos na prateleira funda que ficava acima da pia, logo abaixo do espelho: um frasco de creme para a pele, loção pós-barba com cheiro de limão, um barbeador elétrico de homem, um par de escovas de dentes, pasta de dente, pentes, escovas de cabelo, um estojo de maquiagem para mulher.

— Ao que parece, havia duas pessoas neste quarto. Admitindo-se que elas se trancaram no banheiro, então duas pessoas desapareceram como que por encanto. Mas com que escreveram no espelho?

— Parece que foi com lápis de sobrancelha — falou Lisa.

— Eu também acho — concordou Jenny.

Revistaram o banheiro procurando um lápis de sobrancelha preto. Não conseguiram achá-lo.

— Formidável — falou o xerife, exasperado. — Quer dizer que o lápis de sobrancelha sumiu, juntamente com duas pessoas que se trancaram aqui. Duas pessoas raptadas de um quarto trancado.

Desceram e foram até a recepção. Segundo o registro dos hóspedes, o quarto em que a mensagem fora encontrada era ocupado pelo sr. e sra. Harold Ordnay, de São Francisco.

— Nenhum dos outros hóspedes se chama Timothy Flyte — disse o xerife Hammond, fechando o livro de registro.

— Bem — falou o tenente Whitman —, acho que é só o que podemos fazer por aqui, no momento.

Jenny ficou aliviada ao ouvi-lo dizer aquilo.

— Está bem — concordou Bryce Hammond. — Vamos nos encontrar com Frank e os outros. Talvez eles tenham achado algo que nós não achamos.

Começaram a cruzar o saguão. Depois de darem dois passos, Lisa os deteve com um grito.

Todos a viram um segundo depois que chamou a atenção da garota. Estava numa mesinha lateral, diretamente no facho de luz de um abajur de cúpula cor-de-rosa, tão lindamente iluminada que quase parecia um objeto de arte em exposição. Uma mão de homem. Uma mão cortada.

Lisa desviou o olhar da visão macabra.

Jenny abraçou a irmã, olhando por sobre o ombro de Lisa com uma fascinação apavorada. A mão. A mão maldita, zombeteira, impossível.

Segurava com firmeza um lápis de sobrancelha entre o polegar e os dois primeiros dedos. O lápis de sobrancelha. O mesmo. Tinha que ser.

O horror de Jenny foi tão grande quanto o de Lisa, mas ela mordeu o lábio e conteve um grito. Não foi meramente a visão da mão que a enjoou e aterrorizou. O que a fez prender a respiração até o peito arder foi o fato de que a mão não estava naquela mesinha lateral momentos atrás. Alguém a colocara ali enquanto eles estavam lá em cima, sabendo que a encontrariam. Alguém estava debochando deles, alguém com um senso de humor extremamente pervertido.

Os olhos encobertos de Bryce Hammond estavam abertos como Jenny jamais os vira.

— Droga, mas esta coisa não estava aqui antes, estava?

— Não — respondeu Jenny.

O xerife e o delegado estavam carregando as armas com a boca apontada para o chão. Agora, ergueram os revólveres como se pensassem que a mão cortada poderia largar o lápis de sobrancelha, saltar da mesa, jogar-se sobre o rosto de alguém e arrancar-lhe fora os olhos.

Ficaram sem fala.

Os desenhos em espiral do tapete oriental pareciam ter-se transformado em serpentinas de refrigeração, lançando ondas de ar gelado.

Lá em cima, num quarto distante, uma tábua de chão ou uma porta sem lubrificação rangeu, gemeu, rangeu.

Bryce Hammond ergueu os olhos para o teto do saguão.

Crrrééééc.

Podia ser apenas um barulho natural de acomodação. Ou podia ser outra coisa.

— Agora não há mais dúvida — disse o xerife.

— Sobre quê? — perguntou o tenente Whitman, olhando não para o xerife, mas para as outras entradas que davam para o saguão.

O xerife se voltou para Jenny.

— A senhora disse que, ao ouvir a sirene e o sino da igreja, pouco antes de chegarmos, teve a consciência de que o que quer que tivesse acontecido a Snowfield ainda poderia estar acontecendo.

— Foi.

— Agora sabemos que tinha razão.

12

Campo de batalha

Jake Johnson esperava com Frank, Gordy e Stu Wargle no fim do quarteirão, num trecho de calçada fortemente iluminado em frente ao Mercado Gilmartin, uma mercearia.

Viu Bryce Hammond sair da Candleglow Inn, e pedia aos céus que o xerife andasse mais depressa. Não gostava de ficar ali parado naquela luz toda. Que diabo, era como estar num palco. Jake sentia-se vulnerável.

É claro, alguns minutos antes, enquanto faziam uma revista em alguns dos prédios da rua, eles tinham tido que passar por zonas escuras onde as sombras pareciam pulsar e se mover como criaturas vivas, e Jake olhara com um anseio feroz para este mesmo trecho de calçada fortemente iluminada. Tivera tanto medo da escuridão como tinha agora da luz.

Correu a mão nervosamente pelo cabelo branco e espesso. A outra mão ele deixou sobre a ponta do revólver que sobressaía do coldre.

Jake Johnson não apenas acreditava na cautela; adorava-a. A cautela era seu deus. Seguro morreu de velho; mais vale um pássaro na mão do que dois voando; devagar se vai ao longe.. Ele tinha um milhão de máximas que, para ele, eram como postes de luz marcando o único caminho seguro. Para além dessas luzes ficava um vácuo frio de risco, chances e caos.

Jake nunca se casara. O casamento significava assumir muitas responsabilidades novas. Significava pôr em risco as suas emoções e o seu dinheiro, e todo o seu futuro.

No tocante às finanças, também levara uma existência cautelosa e frugal. Tinha feito um bom pé-de-meia, diversificando os seus fundos numa ampla variedade de investimentos.

Jake, agora com 57 anos, trabalhava para o departamento policial do condado de Santa Mira há mais de 37 anos. Podia ter-se aposentado há bastante tempo. Mas se preocupava com a inflação, portanto continuava no emprego, aumentando o valor da sua aposentadoria, poupando mais e mais dinheiro.

Ter-se tornado policial fora talvez a única coisa não cautelosa que Jake Johnson já fizera. Ele não quisera ser tira. Santo Deus, não!

Mas o seu pai, Big Ralph Johnson, fora xerife do condado nos anos 40 e 50, e esperava que o filho seguisse os seus passos. Big Ralph jamais aceitava um não como resposta. Jake tinha certeza de que Big Ralph o deserdaria se ele não entrasse para a força policial. Não que houvesse uma vasta fortuna na família; não havia. Mas havia uma boa casa e contas bancárias respeitáveis. E por trás da garagem da família, enterrados no gramado, a um metro de profundidade, havia diversos vidros grandes de conserva cheios de maços bem enroladinhos de notas de vinte, cinquenta e cem dólares, dinheiro que Big Ralph aceitara de suborno e que guardara para a época das vacas magras. E, assim, Jake se tornara um tira como o pai, que finalmente morrera aos 82 anos, quando Jake estava com 51. A essa altura Jake não tinha outro jeito senão continuar como tira pelo resto de sua vida profissional, já que era a única coisa que sabia fazer.

Ele era um tira cauteloso. Por exemplo, evitava atender a chamados de problemas domésticos, porque os policiais às vezes eram mortos ao tentar separar maridos e mulheres exaltados. As paixões eram muito violentas nesse tipo de confronto. Olhem só para esse corretor imobiliário, Fletcher Kale. Um ano atrás, Jake comprara um terreno nas montanhas por intermédio de Kale, e o homem parecia tão normal quanto qualquer outro. Agora matara a mulher e o filho. Se um tira tivesse interferido naquele dia, Kale o teria matado também.

Quando um despachante da polícia alertava Jake para um roubo em andamento, ele normalmente mentia sobre a sua localização, dizendo-se tão longe da cena do crime que outros guardas estariam mais próximos dela; então, aparecia por lá mais tarde, quando tudo já estava sob controle.

Não era covarde. Houve vezes em que se encontrou na linha de fogo e, nessas ocasiões, portou-se como um tigre, um leão, um urso furioso. Ele era apenas cauteloso.

Havia serviços de polícia que ele realmente apreciava. Cuidar do trânsito não era ruim. E adorava o serviço burocrático. O único prazer que sentia ao fazer uma prisão era o preenchimento subsequente de numerosos formulários que o mantinham em segurança na delegacia durante algumas horas.

Desta feita, infelizmente, as suas manobras de ficar remanchando no preenchimento da papelada tinham sido um tiro pela culatra. Estava na delegacia, ocupado com uns formulários, quando a dra. Paige telefonara. Se estivesse na rua, patrulhando, poderia ter evitado esta missão.

Mas, agora, cá estava ele. Parado sob a luz forte, tornando-se um alvo perfeito. Droga.

Para tornar as coisas piores, era evidente que algo extremamente violento ocorrera dentro do Mercado Gilmartin. Duas das cinco grandes vidraças na parte da frente tinham sido quebradas de dentro para fora; a calçada estava toda cheia de cacos de vidro. Caixas de comida de cachorro enlatada e pacotes de latas de cerveja tinham sido arremessados pelas janelas e agora estavam espalhados pela calçada.

Jake estava com medo de que o xerife fosse mandar que eles entrassem no mercado para ver o que acontecera, e estava com medo de que algo perigoso ainda estivesse lá, à espera.

O xerife, Tal Whitman e as duas mulheres finalmente chegaram ao mercado e Frank Autry mostrou-lhes o recipiente de plástico que continha a amostra de água. O xerife falou que encontrara outra enorme poça d'água no Brookhart's, e eles concordaram que aquilo podia significar alguma coisa. Tal Whitman contou-lhes sobre a mensagem no espelho — e sobre a mão cortada... doce Jesus! — na Candleglow Inn e ninguém sabia também o que aquilo significava.

O xerife Hammond voltou-se para a frente estilhaçada do mercado e disse o que Jake temia que dissesse: — Vamos dar uma olhada.

Jake não queria ser o primeiro a cruzar as portas. Nem um dos últimos também. Ficou no meio da procissão.

A mercearia estava uma bagunça. Em volta das três caixas registradoras, expositores de metal pretos tinham sido derrubados.

Goma de mascar, balas, lâminas de barbear, livros de bolso e outros artigos pequenos derramavam-se pelo chão.

Eles atravessaram a parte dianteira da loja, examinando cada corredor ao passarem por ele. A mercadoria tinha sido arrancada das prateleiras e lançada ao chão. Caixas de cereais tinham sido rasgadas, e os pedaços de papelão colorido sobressaíam no meio dos flocos de milho e dos choquilhos. Das garrafas de vinagre destroçadas vinha um fedor pungente. Vidros de geleia, picles, mostarda, maionese e molhos estavam misturados num monte irregular e viscoso.

No início do último corredor, Bryce Hammond se virou para a dra. Paige.

— A loja estaria aberta hoje de noite?

— Não — replicou a médica —, mas eu acho que às vezes eles arrumam as prateleiras nos domingos à noite. Não é sempre. Só de vez em quando.

— Vamos dar uma olhada nos fundos — falou o xerife. — Podemos encontrar alguma coisa de interessante.

Disso é que eu tenho medo, pensou Jake.

Seguiram Bryce Hammond pelo último corredor, pisando em e se desviando de pacotes de dois quilos de açúcar e farinha, alguns dos quais tinham se rasgado.

Enfileirados nos fundos da loja havia refrigeradores para carne, queijo, ovos e leite. Para além dos refrigeradores ficava a área de trabalho brilhando de limpa onde a carne era cortada, pesada e embrulhada para o consumo.

Os olhos de Jake dardejaram nervosamente sobre as mesas de porcelana e cepo de açougueiro. Ele soltou um suspiro de alívio quando viu que não havia nada em cima delas. Não teria ficado surpreso de ver o corpo do gerente da loja cortado habilmente em filés, assados e costeletas.

Bryce Hammond falou: — Vamos dar uma olhada no depósito.

Não vamos não, pensou Jake.

Hammond continuou:

— Quem sabe nós... As luzes se apagaram.

As únicas janelas ficavam na parte da frente da loja, mas mesmo lá estava escuro. As luzes das ruas também tinham se apagado. Aqui, a escuridão era total, cegante.

Várias vozes falaram a um só tempo: — Lanternas!

— Jenny!

— Lanternas!

Então um bocado de coisa aconteceu muito depressa.

Tal Whitman acendeu uma lanterna elétrica e o facho de luz, como uma lâmina, apunhalou o chão. No mesmo instante, algo o atingiu por trás, algo invisível que se aproximara sob o manto da noite, sorrateira e velocissimamente. Whitman foi lançado para a frente, caindo em cima de Stu Wargle.

Autry estava soltando a outra lanterna de cabo comprido da presilha no seu cinturão de armas. Todavia, antes que pudesse acendê-

la, tanto Wargle quanto Tal Whitman caíram em cima dele e os três foram ao chão.

Quando Tal caiu, a lanterna voou da sua mão.

Bryce Hammond, brevemente iluminado pela luz em movimentos, tentou agarrar a lanterna, mas errou. Ela caiu no chão e foi girando para longe, lançando sombras loucas e agitadas com cada revolução, sem iluminar nada.

E uma coisa fria tocou a nuca de Jake. Fria e ligeiramente úmida — no entanto, algo que estava vivo.

Ele se crispou todo ante o toque, tentou se afastar e se virar.

Algo rodeou o seu pescoço com a presteza de um chicote.

Jake ficou sem fôlego.

Mesmo antes de poder erguer as mãos para lutar com o seu assaltante, seus braços foram agarrados e presos.

Estava sendo erguido no ar como se fosse uma criança.

Tentou gritar, mas uma mão gélida se fechou sobre a sua boca.

Pelo menos ele achava que era uma mão. Mas parecia a pele de um enguia, fria e úmida.

E fedia também. Não muito. Não emanava nuvens de fedor. Mas o cheiro era tão diferente de qualquer coisa que Jake já sentira

antes, tão amargo e pungente e inclassificável, que, mesmo em pequenas quantidades, era quase intolerável.

Ondas de terror e repulsão quebraram e espumaram dentro dele, e ele pressentiu que estava na presença de algo inimaginavelmente estranho e inquestionavelmente perverso.

A lanterna elétrica ainda rodopiava pelo chão. Somente uns dois segundos tinham se passado desde que Tal a deixara cair, embora para Jake parecesse muito mais do que isso. Agora ela rodopiava pela última vez e bateu de encontro à base do refrigerador de leite. A lente se estilhaçou em inúmeros pedaços e até mesmo aquela luz débil e errática lhes foi negada. Embora não houvesse iluminado nada, fora melhor do que a escuridão total. Sem ela, a esperança também se extinguiu.

Jake se esticou, se retorceu, se flexionou, se sacudiu e se contorceu numa dança epilética de pânico, num fandango espasmódico de fuga. Mas não conseguiu libertar nem ao menos uma das mãos. O seu adversário invisível simplesmente apertava mais o seu braço.

Jake escutou os outros se chamando uns aos outros; pareciam estar muito longe.

13

Subitamente

Jake Johnson desaparecera.

Antes que Tal pudesse localizar a lanterna intacta, aquela que Frank Autry deixara cair, as luzes do mercado piscaram e depois se acenderam, firmes e fortes. A escuridão não durara mais do que quinze ou vinte segundos.

Mas Jake sumira.

Procuraram-no. Não estava nos corredores, na geladeira de carne, no depósito, no escritório nem no banheiro dos empregados.

Saíram do mercado — agora em número de sete — atrás de Bryce, movendo-se com extrema cautela, esperando encontrar Jake do lado de fora, na rua. Mas ele não estava lá.

O silêncio de Snowfield era um grito mudo e zombeteiro de ridículo.

Tal Whitman achou que a noite parecia agora infinitamente mais escura do que fora há alguns minutos. Era um imenso papo no qual tinham entrado, inadvertidamente. Esta noite profunda e atenta estava com fome.

— Onde é que ele pode ter ido? — perguntou Gordy, parecendo um tanto selvagem, como sempre parecia quando franzia o cenho, muito embora, no momento, estivesse apenas com medo.

— Ele não foi a lugar algum — disse Stu Wargle. — Ele foi levado.

— Não pediu socorro.

— Nem teve chance.

— Acha que ele está vivo... ou morto? — perguntou a mais jovem das Paiges.

— Bonequinha — falou Wargle, esfregando a barba por fazer na ponta do queixo —, eu não ficaria cheia de esperança, se fosse

você.

Aposto o meu último tostão como vamos achar Jake em algum lugar, duro feito uma tábua, todo inchado e roxo como os outros todos.

A mocinha estremeceu e se acercou mais da irmã. Bryce Hammond disse:

— Calma, não vamos dar Jake por perdido assim tão depressa.

— Concordo — manifestou-se Tal. — Existe muita gente morta nesta cidade. Mas me parece que a maioria não está morta. Apenas desaparecida.

— Estão todos mais mortos do que bebês sob o efeito do napalm. Não é mesmo, Frank? — Wargle não perdia uma chance de implicar com Frank sobre o tempo que este servira no Vietnã. — Só que ainda não os encontramos.

Frank não se deu por achado. Tinha inteligência e autocontrole demais para isso. Falou:

— O que não entendo é por que aquilo não nos pegou a todos quando teve a chance. Por que apenas derrubou Tal?

— Eu ia acender a lanterna — disse Tal. — Aquilo não queria que eu o fizesse.

— É — disse Frank —, mas por que Jake foi o único a ser agarrado, e por que se mandou logo depois?

— Está brincando conosco — disse a dra. Paige. A luz da rua fazia seus olhos faiscarem com um fogo verde. — É como eu falei na hora do sino da igreja e da sirene. É como um gato brincando com os ratos.

— Mas por quê? — indagou Gordy, exasperado. — O que consegue com tudo isso? O que é que aquilo quer?

— Esperem aí — aparteou Bryce. — Que história é essa de todo mundo estar falando em "aquilo"? Da última vez em que fiz uma pesquisa informal, me parece que o consenso geral era que somente um bando de assassinos psicopatas poderia ter feito isso. Maníacos. Gente.

Eles se entreolharam, inquietos. Ninguém estava ansioso para dizer o que lhe passava pela cabeça. Coisas inimagináveis agora eram imagináveis. Eram coisas que pessoas razoáveis não conseguiam verbalizar com facilidade.

O vento soprou na escuridão e as árvores obedientes se inclinaram, reverentes.

As luzes da rua piscaram.

Todos se sobressaltaram, assustados com a inconstância da luz.

Tal levou à mão ao revólver no coldre. Mas as luzes não se apagaram.

Ficaram atentos à cidade sepulcral. O único som era o sussurro das árvores agitadas pelo vento, que era como a última, longa expiração antes do túmulo, um último suspiro extenso.

Jake está morto, pensou Tal. Ao menos desta vez Wargle tem razão. Jake está morto, e talvez nós todos também estejamos, só que ainda não sabemos.

Voltando-se para Frank Autry, Bryce perguntou: — Frank, por que você falou "aquilo", em vez de "eles", ou coisa parecida?

Frank lançou um olhar para Tal, buscando apoio, mas Tal também não sabia ao certo por que ele próprio dissera "aquilo". Frank pigarreou. Passou o peso do corpo de um pé para o outro e olhou para Bryce. Deu de ombros.

— Bem, senhor, acho que falei "aquilo" porque... bem... um soldado, um adversário humano, nos teria feito em pedaços logo ali no mercado, quando tinha a oportunidade, a todos nós de uma vez, na escuridão.

— Então você acha... o quê? Que este adversário não é humano?

— Talvez possa ser algum tipo de... animal.

— Animal? É mesmo isso que você acha? Frank parecia muitíssimo constrangido.

— Não, senhor.

— Então, o que é que você acha? — perguntou Bryce.

— Que diabo, não sei o que pensar — falou Frank, frustrado, — Como sabe, tive treinamento militar. Um militar não gosta de entrar às cegas em qualquer situação. Gosta de planejar cuidadosamente a sua estratégia. Mas um planejamento estratégico eficiente depende de uni conjunto confiável de experiências. O que aconteceu em batalhas semelhantes em outras guerras? O que outros homens fizeram em circunstâncias semelhantes? Tiveram êxito ou fracassaram? Desta vez, porém, não batermos de

comparação. Não há nenhuma experiência a que se recorrer. Isso é estranho demais. Vou continuar pensando no inimigo como um "aquilo" neutro e sem rosto.

Voltando-se para a dra. Paige, Bryce falou: — E quanto à senhora? Por que também empregou a palavra "aquilo"?

— Não tenho certeza. Talvez porque o guarda Autry a tenha empregado.

— Mas foi a senhora que propôs a teoria de uma espécie mutante de raiva que poderia criar um bando de maníacos homicidas.

Está se descartando dela agora?

Ela franziu o cenho.

— Não. A esta altura não podemos nos descartar de nada.

Porém, xerife, eu nunca quis dizer que aquela fosse a única teoria possível.

— Tem outras?

— Não.

— E quanto a você? — perguntou Bryce a Tal.

Tal se sentia tão constrangido quanto Frank aparentara estar.

— Bem, acho que usei "aquilo" porque não posso mais aceitar a teoria de maníacos homicidas.

As pálpebras pesadas de Bryce se ergueram mais do que habitualmente:

— Ah, é? E por que não?

— Por causa do que aconteceu na Candleglow Inn. Quando descemos e encontramos aquela mão na mesa do saguão, segurando o lápis de sobrancelha que estávamos procurando... bem... isso não me pareceu o que um biruta homicida faria. Todos nós somos tiras há bastante tempo e já lidamos com a nossa cota de desequilibrados.

Algum de vocês já encontrou um tipo desses com senso de humor? Até mesmo um senso de humor pervertido? São gente sem humor.

Perderam a capacidade de rir de qualquer coisa, o que é provavelmente parte do motivo pelo qual são malucos. Assim, logo que vi aquela mão na mesa do saguão, a coisa pareceu não se

encaixar. Concordo com Frank; pelo menos no momento, vou pensar no nosso inimigo como um "aquilo" sem rosto.

— Por que nenhum de vocês admite o que está sentindo? — perguntou baixinho Lisa Paige. Ela tinha quatorze anos, uma adolescente prestes a se tornar uma linda moça, mas fitava cada um deles com o olhar franco e direto de uma criança. — De certa forma, bem lá no fundo, onde lealmente importa, todos sabemos que não foi gente que fez aquelas coisas. É uma coisa realmente terrível... pombas, dá para a gente sentir... uma coisa estranha e nojenta. Seja lá o que for, nós estamos sentindo. Estamos lodos com medo dela. Então estamos tentando, de todas as formas, não admitir que ela existe.

Somente Bryce retribuiu o olhar da mocinha. Fitou-a, pensativo.

Os outros desviaram o olhar de Lisa. Também não estavam querendo fitar uns aos outros.

Nos não estamos querendo olhar para dentro de nós mesmos, pensou Tal, e é exatamente isto o que a garota está dizendo que façamos. Não queremos olhar para dentro e encontrar superstições primitivas. Somos todos adultos, civilizados, razoavelmente intruídos, e os adultos não devem acreditar em bicho-papão.

— Lisa tem razão — falou Bryce. — O único modo de resolver esta parada — talvez o único modo de evitarmos virar vítimas também — é ficar de cabeça aberta e soltar a imaginação.

— Concordo — falou a dra. Paige. Gordy Brogan sacudiu a cabeça.

— Mas, então, em que devemos pensar? Em qualquer coisa?

Quero dizer, não deve haver limites? Devemos começar a nos preocupar com fantasmas, assombrações, lobisomens e... e vampiros? Tem que haver algumas coisas que possamos eliminar.

— Claro — disse Bryce, pacientemente. — Gordy, ninguém está dizendo que estamos lidando com fantasmas e lobisomens. Mas temos que nos dar conta de que estamos lidando com o desconhecido. Isso é tudo. O desconhecido.

— Não aceito isso — disse Stu Wargle, emburrado. — O desconhecido, uma ova. No final das contas, vamos ver que tudo foi obra de algum pervertido, algum lixo humano muito parecido com todo o lixo humano com que já lidamos antes.

— Wargle — disse Frank —, o seu jeito de pensar é exatamente o que fará com que deixemos passar provas importantes. E também é o jeito de pensar que nos matará a todos.

— Esperem só — disselhes Wargle. — Vocês vão ver que tenho razão.

Cuspiu na calçada, enfiou os polegares no cinturão e tentou dar a impressão de que era o único homem sensato do grupo.

Tal Whitman viu o que havia por trás da atitude de machão; viu o terror em Wargle também. Embora fosse um dos homens mais insensíveis que Tal já conhecera, Stu não ignorava a reação primitiva de que Lisa Paige falara. Quer admitisse, quer não, sentia claramente o mesmo frio nos ossos que percorria todos eles.

Frank Autry também viu que o ar imperturbável de Wargle não passava de uma pose. Num tom de admiração exagerada e insincera, Frank falou:

— Stu, você nos fortifica com seu belo exemplo. Inspira-nos. O que faríamos sem você?

— Sem mim — retrucou Wargle, com azedume — vocês desceriam latrina abaixo, Frank.

Fingindo pesar, Frank olhou para Tal, Gordy e Bryce.

— Esse cara não é um pretensioso?

— Claro que é. É um pretensioso e um cabeça-de-vento — falou Tal. — Só que essa última qualidade não é culpa dele; é o resultado dos esforços desesperados da natureza para preencher um vácuo.

Era uma piadinha boba, mas provocou grandes risadas. Embora Stu gostasse de dar alfinetadas nos outros, não gostava de ser o alvo delas. No entanto, até mesmo ele conseguiu dar um sorriso.

Tal sabia que não era bem da piada que estavam rindo, mas sim da Morte, rindo dela na sua cara esquelética.

Quando as risadas cessaram, porém, a noite ainda estava sombria.

A cidade ainda estava inaturalmente silenciosa.

Jake Johnson ainda estava desaparecido.

E aquilo ainda estava à solta.

A dia. Paige virou-se para Bryce Hammond e perguntou: — Está pronto para ir dar uma olhada na casa dos Oxlcys?

Bryce balançou a cabeça.

— Não no momento. Nilo creio que seja sensato continuarmos as nossas explorações até conseguirmos reforçou, Nilo vou perder outro homem. Não se puder evitar.

Tal notou a angústia nos olhos de Hryco quando ele mencionou Jake.

Pensou: Bryce, meu amigo, você sempre assume demais a responsabilidade quando algo dá errado, do mesmo modo que sempre se apressa a partilhar o crédito para êxitos que foram inteiramente seus.

— Vamos voltar para a subdelegacia — disse Bryce. — Temos que planejar cuidadosamente nossos movimentos, é preciso dar uns telefonemas.

Voltaram pelo mesmo caminho por que tinham vindo. Stu Wargle, ainda resolvido a provar que não tinha medo, insistiu em fechar a retaguarda desta feita, e foi atrás dos outros, andando com arrogância.

Ao chegarem à Skyline Road, um sino de igreja tocou, sobressaltando-os. Tocou de novo, lentamente, de novo...

Tal sentiu o som metálico vibrar nos dentes.

Todos tinham parado numa esquina, atentos ao sino e olhando para o leste, para a outra extremidade da Vail Lane. A pouco mais de uma quadra de distância, uma torre de igreja de tijolos sobressaia acima dos outros prédios. Havia uma luzinha pequena em cada canto do telhado de ardósia pontudo do campanário.

— A igreja católica — informou-lhes a dra. Paige, erguendo a voz para competir com o sino. — Atende a todas as cidades da redondeza.

Nossa Senhora das Montanhas.

O soar de um sino de igreja podia ser uma música alegre. Mas nada havia de alegre nesse aí, concluiu Tal.

— Quem será que o está tocando? — perguntou-se Gordy, em voz alta.

— Pode ser que não haja ninguém tocando — falou Frank. — Talvez ele esteja lidado a um dispositivo mecânico de algum tipo; provavelmente a um cronômetro.

No campanário iluminado, o sino balançava, lançando um reflexo de bronze juntamente com a sua única nota límpida.

— Ele geralmente toca a esta hora no domingo à noite? — perguntou Bryce à dra. Paige.

— Não.

— Então não está ligado a um cronômetro. A uma quadra de distância, bem acima do chão, o sino faiscou e tocou de novo.

— Então, quem está puxando a corda? — indagou Gordy Brogan.

Uma imagem macabra surgiu na cabeça de Tal: Jake Johnson, pisado e inchado e mortinho da silva, parado na câmera do tocador de sino na base da torre da igreja, a corda segura nas mãos exangues, morto mas demoniacamente animado, morto mas puxando a corda, apesar disso, puxando e puxando, o rosto morto voltado para cima, exibindo o sorriso largo e sem alegria de um cadáver, os olhos protuberantes fitando o sino que balançava e soava sob o telhado pontudo.

Tal estremeceu.

— Talvez devêssemos ir até a igreja para ver quem está lá — falou Frank.

— Não — disse Bryce, imediatamente. — É isso que aquilo quer que façamos. Que vamos dar uma olhada. Que entremos na igreja.

Então apagará as luzes de novo...

Tal reparou que também Bryce, agora, estava usando o pronome "aquilo".

— É — concordou Lisa Paige. — Aquilo está lá neste exato minuto, esperando por nós.

Até mesmo Stu Wargle não estava preparado para encorajá-los a visitar a igreja esta noite.

No campanário aberto, o sino visível balançava, lançando novos reflexos de bronze, balançava, cintilava, balançava, faiscava, como se estivesse mandando uma mensagem semafórica de força hipnótica ao mesmo tempo que soava monotonamente: Você está ficando sonolento, mais sonolento, quer dormir, dormir... está profundamente adormecido, num transe... está em meu poder... virá à igreja... virá agora, venha, venha, venha à igreja e veja a surpresa maravilhosa que o espera aqui... venha... venha...

Bryce se sacudiu, como que despertando de um sonho. Falou:

— Se aquilo quer que vamos à igreja, mais um motivo para não

irmos. Nada mais de explorações até o alvorecer.

Todos se afastaram da Vail Lane e caminharam para o norte na Skyline Road, passando pelo Restaurante Mountainview, na direção da subdelegacia.

Tinham caminhado talvez uns seis metros quando o sino da igreja parou de tocar.

Mais uma vez aquele silêncio irreal derramou-se pela cidade como um fluido viscoso, cobrindo tudo.

Quando chegaram à subdelegacia descobriram que o cadáver de Paul Henderson tinha desaparecido. Parecia que o delegado morto simplesmente se levantara e saíra andando. Como Lázaro.

14

Contenção

Bryce estava sentado à mesa que pertencera a Paul Henderson.

Afastara para um lado o número aberto da Time que Paul aparentemente estava lendo quando Snowfield fora riscada do mapa.

Uma folha de bloco amarela jazia sobre o mataborrão, preenchida com a letra parcimoniosa de Bryce.

Ao redor dele, os seis outros dedicavam-se a tarefas que ele lhes designara. Havia uma atmosfera de tempo de guerra na delegacia. A determinação sombria de sobreviver fizera nascer entre eles uma camaradagem, fraca a princípio, mas que ficava cada vez mais forte.

Existia até mesmo um otimismo discreto, talvez baseado na observação de que ainda estavam vivos quando havia tantos outros mortos.

Bryce correu rapidamente os olhos pela lista que fizera, tentando determinar se deixara passar alguma coisa. Finalmente, puxou para si o telefone. Conseguiu linha imediatamente, e sentiu-se grato por isso, ao pensar nas dificuldades de Jennifer Paige no tocante ao assunto.

Hesitou antes de dar o primeiro telefonema. Tinha nítida consciência da imensa importância do momento. Nunca houvera nada parecido com a selvagem obliteração de toda a população de Snowfield.

Dentro de horas, surgiriam no condado de Santa Mira jornalistas às dúzias, às centenas, vindos de todo o mundo. Pela manhã, a história de Snowfield teria tirado das manchetes todas as outras notícias. As principais redes de televisão estariam interrompendo a sua programação normal para dar boletins especiais enquanto

durasse a crise. A cobertura da mídia seria Intensa. Até que o mundo soubesse se algum germe em mutação tinha ou não tido um papel nesses acontecimentos, centenas de milhões de pessoas esperariam de respiração presa, imaginando se as suas próprias sentencia de morte tinham sido assinadas em Snowfield. Mesmo que a hipótese de moléstia fosse descartada, a atenção do mundo não se desviaria de Snowfield até que o mistério tivesse sido explicado. A pressão para encontrar uma solução iria ser insuportável.

Num nível pessoal, a própria vida de Bryce seria modificada para sempre. Ele era o encarregado do contingente policial. Portanto, apareceria em todas as reportagens. Essa ideia o apavorava. Não era o tipo de xerife que gostava de aparecer. Preferia se manter à sombra.

Mas simplesmente não podia largar Snowfield agora.

Ligou para o número de emergência no seu próprio gabinete em Santa Mira, desprezando a mesa telefônica. O sargento que estava de serviço era Charlie Mercer, um bom homem, que faria exatamente o que lhe mandassem fazer.

Charlie atendeu o telefone no meio do segundo toque.

— Departamento de polícia — falou, na sua voz nasalada.

— Charlie, aqui é Bryce Hammond.

— Sim, senhor. Estávamos imaginando o que teria acontecido por aí. — Bryce descreveu sucintamente a situação em Snowfield. — Santo Deus! — exclamou Charlie. — Jake também está morto?

— Não sabemos ao certo se está morto. Torcemos para que não esteja. Agora escute, Charlie: há muitas coisas que temos que fazer nas próximas duas horas, e seria mais fácil para todos nós se pudéssemos guardar segredo até termos estabelecido a nossa base aqui e garantido os perímetros. Contenção, Charlie, é esta a palavra-chave. Snowfield tem que ficar completamente isolada, e isso será bem mais fácil de conseguir se pudermos agir antes que os jornalistas comecem a subir as montanhas. Sei que posso contar com você para ficar de boca fechada, mas alguns dos homens são...

— Não se preocupe — falou Charlie. — Podemos ficar na moita por umas duas horas.

— Ótimo. A primeira coisa que quero é mais doze homens. Mais dois no bloqueio da estrada na entrada para Snowfield. Dez aqui comigo. Sempre que possível, escolha homens solteiros sem família.

— Está tão ruim assim?

— Está. E é melhor escolher homens que não tenham parentes em Snowfield. Outra coisa: eles terão que trazer comida e bebida para uns dois dias. Não os quero consumindo coisa alguma aqui em Snowfield até sabermos ao certo que a água e os alimentos aqui são seguros.

— Certo.

— Cada homem deve trazer o seu revólver, uma arma de motim e gás lacrimogêneo.

— Tudo bem.

— Isso vai deixar você com pouco pessoal, e ficará ainda pior quando começar a chover o pessoal da mídia. Você vai ter que convocar alguns dos delegados auxiliares para dirigir o tráfego e controlar as multidões. Bem, Charlie, você conhece bem esta parte do condado, não é?

— Nasci e me criei em Pineville.

— Foi o que pensei. Estive olhado o mapa do condado, e, ao que me consta, só existem dois caminhos que dão passagem até Snowfield.

O primeiro é a rodovia, que já bloqueamos. — Ele rodopiou na cadeira giratória e fitou o grande mapa emoldurado na parede. — Depois, uma antiga trilha de incêndio que sobe até dois terços do caminho, do outro lado da montanha. No fim da primeira trilha, ela emenda com uma trilha do deserto. Daquele ponto em diante não passa de uma vereda de pedestres, mas, pelo que está no mapa, vai dar direto no alto da maior pista de esqui deste lado da montanha, logo acima de Snowfield.

— É — falou Charlie. — Já excursionei por aqueles lados.

Oficialmente, é a Velha Trilha do Deserto Mount Greentree. Ou, como os nativos costumavam chamá-la: a Rodovia do Linimento para Músculos.

— Teremos que colocar dois homens no começo da trilha de incêndio e mandar voltar quem quer que queira entrar por aquele

lado.

— Teria que ser um repórter danado de cabeçudo para tentar.

— Não podemos nos arriscar. Conhece qualquer outro caminho que não esteja no mapa?

— Não — retrucou Charlie. — De outro modo, a pessoa teria que vir para Snowfield diretamente por terra, abrindo a sua própria trilha a cada passo. E lá é deserto de verdade, não um playground para excursionistas de fim de semana, por Deus que não é. Nenhum excursionista experiente tentaria vir por terra. Seria uma burrice.

— Está certo. Outra coisa que vou querer é um número de telefone dos arquivos. Lembra daquele seminário de atividades policiais a que compareci em Chicago... faz um ano e pouco? Um dos oradores era oficial do Exército. Copperfield, acho eu. General Copperfield.

— Claro — falou Charlie. — A Divisão CBW do Corpo Médico do Exército.

— É isso.

— Acho que chamam o setor de Copperfield de Unidade de Defesa Civil. Espere um instante. — Charlie esteve fora da linha menos de um minuto. Voltou com o número, leu-o para Bryce. — Fica em Dugway, Utah. Jesus, acha que isso pode ser uma coisa para fazer com que essa turma venha correndo? Isso é de dar medo.

— É de dar medo mesmo — concordou Bryce. — Mais umas coisinhas. Quero que você ponha um nome no teletipo. Timothy Flyte.

— Bryce soletrou o nome. — Sem descrição. Sem endereço conhecido.

Descubra se é procurado em algum lugar. Verifique também com o FBI.

Depois, descubra tudo que puder sobre um tal Harold Ordnay e esposa, de São Francisco. — Deu a Charlie o endereço que estava no registro de hóspedes da Candleglow Inn. — Mais uma coisa. Quando esses novos homens vierem para cá, mande que tragam alguns sacos de plástico para cadáveres do necrotério municipal.

— Quantos?

— Para começar... uns duzentos.

— Hã... duzentos!

— Podemos precisar bem mais do que isso, antes de terminarmos. Talvez tenhamos que pedir emprestado de outros condados. Verifique a possibilidade. Muita gente parece ter simplesmente desaparecido, mas os corpos ainda podem aparecer.

Havia umas quinhentas pessoas vivendo aqui. Possivelmente precisaremos de igual número de sacos para cadáveres.

E talvez até mais de quinhentos, pensou Bryce. Porque podemos precisar de alguns sacos para nós mesmos também.

Embora Charlie tivesse escutado atentamente quando Bryce lhe contara que a cidade inteira fora riscada do mapa, e embora não houvesse dúvidas de que ele acreditava em Bryce, era óbvio que não tinha compreendido totalmente, emocionalmente, as terríveis dimensões do desastre até ouvir o pedido de duzentos sacos para cadáveres. Uma imagem de todos aqueles cadáveres, selados no plástico opaco, empilhados uns em cima dos outros nas ruas de Snowfield... fora isso o que, finalmente, o atingira.

— Santa Mãe de Deus — murmurou Charlie Mercer.

Enquanto Bryce Hammond estava ao telefone com Charlie Mercer, Frank e Stu começaram a desmontar o imenso rádio de polícia que ficava de encontro à parede dos fundos da sala. Bryce dissera-lhes para descobrir o que havia de errado com o aparelho, pois não havia sinais visíveis de danos.

A chapa dianteira estava presa por dez parafusos muito bem apertados. Frank soltou-os, um de cada vez.

Como sempre, Stu não era de grande ajuda. Ficava lançando olhares para a dra. Paige, que estava na outra extremidade da sala, trabalhando com Tal Whitman em outro projeto.

— Ela é mesmo muito gostosa — falou Stu, lançando um olhar cobiçoso para a doutora e limpando o nariz ao mesmo tempo.

Frank ficou calado.

Stu olhou para a secreção que arrancara do nariz, inspecionando-a como se fosse uma pérola encontrada numa ostra.

Voltou a olhar para a doutora.

— Olhe só como ela enche aqueles jeans. Porra, como eu adoraria dar uma metidinha nela.

Frank fitou os três parafusos que retirara do rádio e contou até dez, resistindo ao impulso de enfiar um daqueles parafusos na cabeça dura de Stu.

— Espero que não seja tão burro que vá dar uma cantada nela.

— Por que não? Ela é um tesão, meu chapa.

— Tente só, e o xerife lhe dará um chute na bunda.

— Ele não me mete medo.

— Você me espanta, Stu. Como pode estar pensando em sexo numa hora dessas? Ainda não lhe ocorreu que todos podemos morrer aqui, esta noite, quem sabe até nos próximos minutos?

— Mais um motivo para dar uma cantada nela, se tiver uma chance. Que merda, se estamos vivendo com as horas contadas, afinal, quem se importa? Quem quer morrer broxa? Certo? Até a outra é bonitinha.

— A outra o quê?

— A garota, a guria — falou Stu.

— Ela só tem quatorze anos.

— Um tesãozinho.

— É uma criança, Wargle.

— Tem idade bastante.

— Isso é doentio.

— Não gostaria que ela o envolvesse com as perninhas firmes, hein, Frank?

A chave de parafusos escorregou da fenda na cabeça do parafuso e raspou o metal da placa com um guincho irregular.

Numa voz quase inaudível, mas que, apesar disso, congelou o sorriso de Wargle na cara, Frank falou: — Se eu souber que você encostou um dedo sujo naquela garota ou em qualquer outra, seja onde for, seja quando for, não vou apenas ajudar a fazer acusações contra você; vou mesmo é atrás de você. Sei como ir atrás de um homem, Wargle. Não pilotei escrivaninha no Vietnã, estive no campo de batalha. E ainda sei como cuidar de mim mesmo. Sei como cuidar de você. Está me ouvindo?

Por um momento, Wargle não conseguiu falar. Ficou apenas fitando os olhos de Frank.

Trechos de conversa vinham de outras partes da sala grande na direção deles, mas nenhuma das palavras era clara. Ainda assim,

era óbvio que ninguém se dava conta do que estava acontecendo junto ao rádio.

Wargle finalmente pestanejou, lambeu os lábios e baixou os olhos para a ponta dos sapatos, erguendo-os em seguida e abrindo o seu sorriso de bom moço.

— Puxa vida, Frank, não fique chateado. Não fique tão nervoso. Eu não falei a sério.

— Entendeu bem o que eu disse? — insistiu Frank.

— Claro, claro. Mas já lhe disse que não falei a sério. Era só papo furado. Conversa de homem, sabe como é. Sabe que não falei a sério. Pelo amor de Deus, acha que sou algum tarado? Vamos, Frank, não esquenta. Tá legal?

Frank fitou-o por mais um momento, depois disse: — Vamos terminar de desmontar este rádio.

Tal Whitman abriu o armário de armas.

Jenny Paige falou: — Santo Deus, mas é um verdadeiro arsenal.

Ele foi passando as armas para ela, e Jenny enfileirou-as numa mesa de trabalho próxima.

O armário parecia conter uma quantidade de armas excessiva para uma cidade como Snowfield. Dois rifles de alta potência com mira telescópica. Duas espingardas semi-automáticas. Duas armas de motim não letais - espingardas especialmente modificadas que disparavam apenas pelotas macias de plástico. Duas pistolas de sinalização. Dois rifles que disparavam granadas de gás lacrimogêneo. Três revólveres: um par de 38 e um grande Magnum 375 Smith & Wesson.

Enquanto o tenente empilhava caixas de munição na mesa, Jenny inspecionava mais de perto o Magnum.

— Que monstro, hein?

— É. Dá para se derrubar um touro com ele.

— Parece que Paul mantinha tudo muitíssimo bem cuidado.

— A senhora manuseia as armas como se entendesse muito bem delas — disse o tenente, colocando mais munição na mesa.

— Sempre odiei armas. Nunca pensei em ter uma — falou ela.

— Mas quando eu já morava aqui há uns três meses, começamos a ter problemas com um bando de motoqueiros que

resolveu instalar uma espécie de retiro de verão numas terras na Mount Larson Road.

— A Demon Chrome.

— Isso mesmo. Uma turma da pesada.

— Para não dizer coisa pior.

— Umas duas vezes, quando fui ver um paciente à noite, em Mount Larson ou Pineville, arranjei uma escolta de motocicletas indesejada. Seguiam dos dois lados do carro, perto demais para meu gosto, sorrindo para mim pelas janelas laterais, gritando, dizendo bobagens. Não tentaram nada, na verdade, mas foi...

— Ameaçador.

— Exatamente. Então comprei um revólver, aprendi a atirar, tirei licença de porte.

O tenente começou a abrir as caixas de munição.

— Teve ocasião de usá-la?

— Bem — disse ela — nunca tive que atirar em ninguém, graças a Deus. Mas tive que exibi-la, certa vez. Tinha acabado de escurecer. Eu estava a caminho de Mount Larson e os Demons me escoltaram de novo, só que desta vez foi diferente. Quatro deles ficaram me cercando e depois começaram a diminuir a marcha, forçando-me a diminuir também. Finalmente, forçaram-me a parar completamente, no meio da estrada.

— Isso deve ter feito o seu coração bater feito louco.

— Se fez! Um dos Demons saltou da moto. Era grande, talvez 1,90m, de cabelos crespos e longos, e barba. Usava um lenço amarrado na cabeça, e um brinco de ouro. Parecia um pirata.

— Tinha um olho vermelho e amarelo tatuado na palma de cada mão?

— Tinha! Pelo menos na palma que botou contra a janela do carro quando ficou me espiando.

O tenente se apoiou contra a mesa onde tinham colocado as armas.

— O nome dele é Gene Terr. É o líder da Demon Chrome. É

difícil encontrar gente pior do que ele. Já esteve na cadeia duas ou três vezes, mas nunca por coisa séria e nunca por muito tempo. Sempre que parece que Jeeter vai ler que cumprir pena longa, um dos seus assume a culpa por todas as acusações. Ele tem um

poder incrível sobre os seus seguidores. Fazem tudo que ele quer. É quase como se o adorassem, Mesmo depois que estão na cadeia, Jeeter cuida deles, contrabandeia dinheiro e drogas para eles, e eles continuam fieis ao sujeito. Sabe que não podemos tocá-lo portanto é sempre irritantemente polido e prestativo conosco, Ungindo ser um cidadão de bem. É uma grande piada, que ele curte. Bem, e aí Jeeter se aproximou do seu carro e ficou espiando-a?

— Foi. Queria que eu saltasse e eu não quis saltar. Ele falou que eu devia ao menos baixar o vidro para não termos que ficar gritando um com o outro para sermos ouvidos. Eu falei que não me importava de grilar um pouquinho. Ele ameaçou quebrar o vidro se eu não o baixasse. E sabia que, se o fizesse, ele meteria a mão dentro do carro e destrancaria a porta, portanto achei que seria melhor sair do carro de bom grado. Disse a ele que saltaria se ele recuasse um pouco.

Ela se afastou da porta e eu peguei a arma debaixo do banco. Mal abri a porta e saltei, ele tentou avançar sobre mim. Enfiei a boca da arma na barriga dele. O cão da arma estava puxado para trás; ela estava pronta para disparar. Ele percebeu isso imediatamente.

— Santo Deus, o que eu daria para ter visto a cara dele! — disse o tenente Whitman, abrindo um sorriso.

— Eu estava morta de medo — disse Jenny, recordando. — Quero dizer, com medo dele, é claro, mas também com medo de ter que puxar o gatilho. Nem mesmo tinha certeza de que poderia puxar o gatilho. Mas sabia que não podia deixar que Jeeter visse que eu tinha as minhas dúvidas.

— Se ele tivesse visto, a senhora não escaparia da sanha dele.

— Foi o que pensei. Portanto fui muito fria, muito firme. Disse a ele que era médica, que estava indo visitar um doente que se achava muito mal e que não tinha a intenção de perder tempo. Falei baixo o tempo lodo. Os outros três homens ainda se encontravam montados nas motos, e de onde estavam não podiam ver a arma ou ouvir exatamente o que eu dizia. Esse tal de Jeeter me parecia do tipo que prefere morrer a deixar que alguém o veja recebendo ordens de uma mulher, portanto eu não queda embaraçá-lo e forçá-lo talvez a fazer uma besteira.

O tenente sacudiu a cabeça.

— A senhora sacou direitinho como ele é.

— ... Também lembrei-lhe que ele próprio talvez viesse a precisar de um médico qualquer dia desses. E se sofresse uma queda daquela moto, estivesse largado no chão, em estado crítico, e eu fosse a médica a atendê-lo. Nesse caso, se ele me machucasse naquela ocasião, eu teria boas razões para me vingar. Disse a ele que há coisas que um médico pode fazer para complicar os ferimentos, para ter certeza de que o paciente terá uma recuperação longa e dolorosa. Pedi-lhe que pensasse nisso.

Whitman fitou-a, de boca aberta.

Ela continuou: — Não sei se foi aquilo que o perturbou, ou se foi simplesmente o revólver, mas ele hesitou, depois fez um estardalhaço para impressionar os três companheiros. Disse-lhes que eu era amiga de um amigo. Que me conhecera há alguns anos, mas que não se lembrara de mim a princípio. Eu deveria receber todas as cortesias que a Demons Chrome era capaz de dar. Ninguém jamais me incomodaria, falou.

Depois voltou a montar na sua Harley e se afastou, e os outros três o seguiram.

— E a senhora continuou a viagem até Mount Larson?

— O que mais podia fazer? Ainda tinha um doente para visitar.

— Incrível.

— Devo admitir, contudo, que fui suando e tremendo a viagem toda.

— E nenhum motoqueiro a incomodou mais, desde então?

— Na verdade, quando passam por mim nas estradas vizinhas, todos sorriem e dão adeus.

Whitman achou graça.

— Portanto — continuou Jenny —, eis aí a resposta à sua pergunta: sim, sei usar uma arma, mas espero nunca precisar atirar em ninguém.

Ela olhou para o Magnum 375 na sua mão, fechou a cara, abriu uma caixa de munição e começou a carregar o revólver.

O tenente tirou dois cartuchos de outra caixa e carregou uma das espingardas.

Ficaram em silêncio por algum tempo e depois ele perguntou; — A senhora teria feito o que disse a Gene Terr?

— O quê? Atirar nele?

— Não. Quero dizer, se ele a tivesse machucado, talvez estuprado, e depois, mais tarde, a senhora tivesse uma chance de tê-lo como paciente... teria...?

Jenny terminou de carregar o Magnum, encaixou o cilindro no lugar e largou o revólver.

— Bem, eu ficaria tentada. Por outro lado, porém, tenho um enorme respeito pelo juramento de Hipócrates. Portanto... bem... imagino que isso queira dizer que, no fundo, sou uma molenga... mas teria dado ao Jeeter o melhor tratamento médico que pudesse.

— Sabia que diria isso.

— Falo grosso, mas sou uma banana por dentro.

— Nada disso — falou ele. — É preciso ser forte de verdade para enfrentá-lo do jeito que a senhora o enfrentou. Agora, se ele a tivesse machucado e, mais tarde, a senhora se aproveitasse da sua condição de médica só para acertar as contas com ele... bem, aí seria diferente.

Jenny ergueu os olhos do 38 que acabara de tirar dentre as armas expostas sobre a mesa e fitou os olhos do negro. Eram olhos límpidos, penetrantes.

— Dra. Paige, a senhora tem o que chamamos de "raça". Se quiser, pode me chamar de Tal. A maioria das pessoas me chama assim. É o diminutivo de Talbert.

— Tudo bem, Tal. E você pode me chamar de Jenny.

— Ah, não sei não.

— E por que não?

— Afinal a senhora é médica. Minha tia Becky, que foi quem me criou, sempre leve um grande respeito pelos médicos. Acho meio esquisito ficar chamando um médico... ou uma médica... pelo nome de batismo.

— Os médicos também são gente. E levando-se em conta que estamos todos aqui numa espécie de panela de pressão...

— Mesmo assim — disse ele, balançando a cabeça.

— Se isso o incomoda, então me chame como a maioria dos meus pacientes.

— Como é?

— Doc.

— Doc? — Ele refletiu, depois um sorriso lento se espalhou pelo seu rosto. — Doc. Faz a gente pensar num daqueles velhotes simplórios, grisalhos e rabugentos que Barry Fitzgerald costumava representar no cinema, naqueles filmes dos anos 30 ou 40.

— Desculpe eu não ser grisalha.

— Tudo bem. Também não é uma velhota simplória. Ela riu baixinho.

— Gostei da ironia — falou Whitman. — Doc. É, e quando penso em você enfiando o revólver na barriga de Gene Terr, cai bem.

Carregaram mais duas armas.

— Tal, por que tantas armas para uma pequena subdelegacia numa cidade como Snowfield?

— Se você quiser obter fundos federais e estaduais equivalentes para o orçamento policial do condado, tem que atender às exigências deles em toda sorte de coisas ridículas. Uma das especificações é para arsenais mínimos em subdelegacias como esta. Agora... bem... quem sabe devemos estar contentes por termos todo esse armamento.

— Exceto que, até agora, não vimos nada em que atirar.

— Desconfio de que vamos ver — falou Tal. — E deixe que lhe diga uma coisa.

— O que é?

O rosto largo, escuro e bonito de Tal podia ter uma aparência perturbadoramente severa.

— Não creio que tenha que se preocupar em atirar em outras pessoas. Não estou acreditando que tenhamos que nos preocupar com pessoas.

Bryce ligou para o telefone particular e confidencial da residência do governador, em Sacramento. Falou com uma empregada que insistiu em que o governador não podia atender, nem mesmo sendo um telefonema de vida e morte de um velho amigo. Ela queria que Bryce deixasse um recado. Depois ele falou com o chefe dos empregados domésticos, que também queria que deixasse recado. A seguir, tendo esperado um pouco, falou com Gary Poe, o principal assessor e conselheiro político do governador Jack Retlock.

— Bryce — falou Gary —, o Jack não pode atender no momento.

Está no meio de um jantar importante. O ministro do comércio japonês e o cônsul-geral de São Francisco.

— Gary...

— Estamos dando um duro danado para conseguir a nova usina eletrônica nipo-americana para a Califórnia, e receamos que ela vá para o Texas ou o Arizona ou até mesmo Nova York. Jesus, Nova York!

— Gary...

— Por que eles chegaram a pensar em Nova York, com todos os problemas trabalhistas e o altos impostos que eles têm por lá? Às vezes eu acho...

— Gary, cale a boca.

— Hã?

Bryce nunca falava bruscamente com ninguém. Até mesmo Gary Poe, que contribuiu falar mais alto e mais depressa do que um animador de parque de diversões, ficou tão chocado que perdeu a fala.

— Gary, é uma emergência. Chame o Jack para mim.

Num tom magoado, Poe falou:

— Bryce, tenho autorização para...

— Tenho um bocado de coisas para fazer nas próximas duas horas, Gary. Isto é, se conseguir sobreviver. Não posso passar quinze minutos explicando tudo isso a você e depois mais quinze explicando tudo Jack. Escute, estou em Snowfield. Parece que todo mundo que morava aqui morreu, Gary.

— O quê?

— Quinhentas pessoas.

— Bryce, se isso é uma piada ou...

—- Quinhentos mortos. E isso é o de menos. Agora, pelo amor de Deus, quer chamar o Jack?

— Mas Bryce, quinhentos...

— Chame o Jack, porra!

Poe hesitou, depois falou:

Meu chapa, é melhor que essa merda seja séria.

Largou o telefone e foi chamar o governador.

Bryce conhecia Jack Retlock há dezessete anos. Quando entrara para a força policial de Los Angeles, fora destacado para servir com Jack, como recruta. Naquela época, Jack era um veterano da força há sete anos, um policial experimentado. Na verdade, Jack parecia tão experiente e tão por dentro de tudo, que Bryce chegara a desesperar de algum dia vir a ter a metade do seu desempenho no emprego. Dentro de um ano, contudo, chegara a ter um desempenho melhor. Resolveram ficar juntos, como parceiros. Porém, dali a dezoito meses, farto de um sistema legal que libertava regularmente os marginais que ele lutava tanto para aprisionar, Jack abandonou a polícia e ingressou na política.

Como tira, colecionara um punhado de citações por bravura. Usou a sua imagem de herói para conseguir se eleger vereador por Los Angeles, depois se candidatou a prefeito, ganhando por maioria esmagadora. De prefeito, passara a governador do Estado. Era uma carreira bem mais impressionante do que o progresso claudicante de Bryce até o posto de xerife em Santa Mira, mas Jack sempre fora o mais agressivo dos dois.

— Doody? É você? — perguntou Jack, atendendo o telefone em Sacramento.

Doody era o apelido dele para Bryce. Sempre dissera que o cabelo avermelhado de Bryce, suas sardas, seu ar sadio e olhos de marionete faziam com que se parecesse com Howdy Doody.

— Sou eu, Jack.

— Gary está falando umas loucuras idiotas...

— É verdade — disse Bryce.

Contou a Jack tudo sobre Snowfield. Depois de escutar a história toda, Jack inspirou fundo e falou: — Gostaria que você fosse dado à bebida, Doody.

— Não é o álcool falando, Jack. Escute, a primeira coisa que quero é...

— A Guarda Nacional?

— Não! — exclamou Bryce. — Isso é exatamente o que quero evitar, enquanto tivermos escolha.

— Se eu não usar a Guarda e todas as agências ao meu dispor, e mais tarde se concluir que eu devia tê-las mandado logo no início,

meu rabo vai virar grama e haverá uma manada de vacas esfomeadas ao meu redor.

— Jack, estou contando com você para tomar as decisões certas, não apenas as decisões políticas certas. Até sabermos mais sobre essa situação, não queremos hordas de guardas invadindo isto aqui.

Eles são ótimos para ajudar numa inundação, numa greve de correios, esse tipo de coisa. Mas não são militares em tempo integral. São vendedores de sapatos, advogados, carpinteiros e professores. Isso aqui exige uma ação policial eficiente, severamente controlada, e esse tipo de coisa só pode ser conduzida por tiras de verdade, tiras em tempo integral.

— E se seus homens não derem conta do recado?

— Então serei o primeiro a berrar pela Guarda. Finalmente, Retlock falou:

— Tudo bem, nada de guardas. Por enquanto. Bryce soltou um suspiro.

— E também quero o Departamento Estadual de Saúde longe daqui.

— Doody, seja razoável. Como posso fazer isso? Se houver alguma possibilidade de que uma doença contagiosa tenha arrasado com Snowfield... ou algum tipo de envenenamento ambiental...

— Escute, Jack, o Departamento de Saúde faz um bom trabalho quando se trata de descobrir e controlar vetores para surtos de peste ou envenenamento alimentar em massa ou contaminação de água.

Essencialmente, porém, eles são burocratas; mexem-se lentamente. Não podemos nos dar ao luxo de nos mexermos lentamente neste caso.

Tenho a sensação de que estamos vivendo com as horas contadas. A coisa toda pode estourar a qualquer hora; na verdade, ficarei surpreso se não estourar. Além disso, o Departamento de Saúde não tem o equipamento para cuidar do caso, nem um plano de contingência para cobrir a morte de uma cidade inteira. Mas existe alguém que tem, Jack.

A Divisão CBW do Corpo Médico do Exército tem um programa relativamente novo a que dão o nome de Unidade de Defesa Civil.

— Divisão CBW? — perguntou Retlock. Havia uma tensão nova na sua voz. — Está se referindo ao pessoal da guerra química e bacteriológica?

— Isso mesmo.

— Santo Cristo, você não acha que isso tenha algo a ver com gás que afeta o sistema nervoso ou guerra bacteriológica...

— Provavelmente não — falou Bryce, pensando nas cabeças cortadas dos Liebermanns, naquela sensação esquisita que tomara conta dele no corredor coberto, ou na maneira incrivelmente súbita como Jake Johnson desaparecera. — Mas não sei o suficiente a respeito para eliminar a CBW ou outra coisa qualquer.

Uma ponta dura de raiva se cristalizara na voz do governador.

— Se o maldito Exército foi descuidado com uma daquelas porras de vírus do juízo final, vou tirar o couro deles!

— Calma, Jack. Talvez não seja um acidente. Talvez seja obra de terroristas que deitaram as mãos numa amostra de algum agente da CBW. Ou quem sabe são os russos fazendo um pequeno teste do nosso sistema de análise e defesa da CBW. Foi para cuidar desse tipo de situação que o Corpo Médico do Exército instruiu a sua Divisão CBW no sentido de criar o setor do general Copperfield.

— Quem é Copperfield?

— General Copperfield. É o comandante da Unidade de Defesa Civil da Divisão CBW. Este é precisamente o tipo de situação de que querem ser avisados. Dentro de horas Copperfield pode colocar uma equipe de cientistas bem treinados em Snowfield. Biólogos, virologistas, bacteriologistas, patologistas treinados na medicina legal mais moderna, pelo menos um imunologista e bioquímico, um neurologista... até mesmo um neuropsicólogo. O departamento de Copperfield projetou elaborados laboratórios de campo móveis. Guardam-nos em depósitos pelo país todo, então deve haver um relativamente perto de nós. Não chame a turma do Departamento de Saúde, Jack. Eles não têm gente do calibre que Copperfield pode oferecer, e não têm um equipamento de diagnóstico atualizado tão móvel quanto o de Copperfield. Quero chamar o general; na verdade, vou chamá-lo, mas preferia ter a sua concordância e a sua

garantia de que os burocratas estaduais não vão ficar andando por aqui, interferindo.

Depois de uma breve hesitação, Jack Retlock perguntou: — Doody, em que tipo de mundo deixamos que o nosso se transformasse, no qual coisas como o departamento de Copperfield são necessárias?

— Você vai deixar a Saúde de fora?

— Vou. Do que mais você precisa?

Bryce lançou um olhar à lista à sua frente.

— Podia falar com a companhia telefônica e pedir que tirasse os circuitos de Snowfield do controle automático. Quando o mundo descobrir o que aconteceu aqui, todos os telefones da cidade ficarão tocando feito doidos, e nós não poderemos manter as comunicações essenciais. Se ele pudessem fazer todas as ligações para e de Snowfield passarem por algumas telefonistas especiais e "podassem" os telefonemas dos maníacos e...

— Pode deixar — falou Jack.

— Claro que podemos ficar sem telefone a qualquer momento. A dra. Paige teve problemas em conseguir linha da primeira vez que tentou, então eu vou precisar de um aparelho de ondas curtas. O que temos aqui na subdelegacia parece ter sido sabotado.

— Posso lhe conseguir uma unidade de ondas curtas móvel, um furgão com o seu próprio gerador de gasolina. O Gabinete de Prontidão para Terremotos tem dois. Mais alguma coisa?

— Por falar em geradores, seria bom que não tivéssemos que depender do suprimento de força público. Evidentemente, nosso inimigo aqui pode mexer nele quando bem quiser. Pode conseguir dois grandes geradores para nós?

— Posso. Mais alguma coisa?

— Se eu me lembrar de algo, não hesitarei em pedir.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Bryce. Como amigo, estou muito chateado por você estar metido nisto. Mas, como governador, estou muito feliz por isto, seja lá o que for, ter caído na sua jurisdição.

Existem alguns babacas por aí que já teriam metido os pés pelas mãos se esse caso tivesse caído no colo deles. A essa altura, se

fosse uma moléstia, já estaria espalhada pela metade do Estado. Ainda bem que você está aí.

— Obrigado, Jack.

Ficaram ambos calados por um momento. Então, Retlock falou:

— Doody?

— Sim, Jack.

— Cuide-se.

— Pode deixar. Bem, tenho que falar com Copperfield. Ligo para você depois.

— Por favor, Bryce, ligue mesmo. Não suma, companheiro.

Bryce largou o telefone e correu os olhos pela subdelegacia. Stu Wargle e Frank estavam tirando a chapa dianteira de acesso ao rádio. Tal e a dra. Paige estavam carregando as armas, Gordy Brogan e a jovem Lisa Paige, o maior e a menor do grupo, estavam fazendo café e arrumando a comida sobre uma das mesas de trabalho.

Mesmo no meio do desastre, pensou Bryce, mesmo aqui nesta situação "além da imaginação", temos que comer e tomar café. A vida continua.

Tirou o fone do gancho para discar o número de Copperfield em Dugway, Utah.

Não deu linha.

Ele mexeu na trave de desligar.

— Alô — disse. Nada.

Bryce pressentiu alguém ou algo à escuta. Podia sentir a presença, como a dia. Paige tinha descrito.

— Quem é? — perguntou.

Não estava esperando uma resposta, mas recebeu-a. Não era uma voz. lira um som estranho, mas familiar: o grito de aves, talvez gaivotas. É, gaivotas guinchando estridentes acima da costa varrida pelo vento.

O som se modificou. Transformou-se num retinir. Num chocalhar. Como feijões numa cuia rasa. O som de advertência de uma cascavel. É, não havia dúvida. O som bem distinto de uma cascavel.

E então ele se modificou de novo. Zumbidos eletrônicos. Não, eletrônicos não. Abelhas. Abelhas zumbindo, enxameando.

E agora os gritos das gaivotas de novo.

E o pio de outra ave, um trinado musical.

E um arfar. Como o de um cão cansado.

E um rosnar. Não um cão, algo maior.

E o ruído característico de gatos brigando.

Embora não houvesse nada de especialmente ameaçador quanto aos sons em si — exceto, talvez, no caso da cascavel e do rosnar —, Bryce ficou gelado com eles.

Os ruídos animais cessaram.

Bryce ficou à espera, à escuta, e perguntou: — Quem é? — Nenhuma resposta. — O que você quer?

Um outro som veio pelo fio e penetrou Bryce como se fosse um punhal de gelo. Gritos. Homens, mulheres e crianças. Mais do que uns poucos. Dúzias, vintenas. Não gritos teatrais; não terror de mentirinha.

Eram os gritos chocantes e ferozes dos amaldiçoados: gritos de agonia, de medo e de desespero de cortar o coração.

Bryce sentiu-se mal.

Seu coração disparou.

Parecia-lhe que tinha uma linha aberta para as entranhas do Inferno.

Aqueles seriam os gritos dos mortos de Snowfield, capturados numa fita? Por quem? Por quê? Seriam ao vivo ou seriam uma gravação?

Um grito derradeiro. Uma criança. Uma garotinha. Ela gritou de terror, depois de dor, depois de sofrimento inimaginável, como se estivesse sendo feita em pedaços. Sua voz aumentou, cresceu em espirais, e mais e...

Silêncio.

O silêncio ainda era pior do que os gritos, porque a presença sem nome ainda estava na linha e Bryce pôde senti-la ainda com mais força. Ficou abalado com a percepção do mal puro e inexorável.

Aquilo estava ali.

Ele desligou rapidamente.

Estava tremendo. Não estivera em perigo algum... e no entanto estava tremendo.

Correu o olhar pela cadeia. Os outros ainda estavam entregues às tarefas que ele lhes designara. Aparentemente, ninguém tinha reparado que sua sessão mais recente ao telefone fora bastante diferente daquelas que a antecederam.

O suor lhe escorria pela nuca.

Acabaria por ter que contar aos outros o que acontecera. Mas não nesse momento. Porque, neste momento, não podia confiar na própria voz. Eles sem dúvida perceberiam o tremor nervoso e saberiam que esta estranha experiência o tinha abalado muitíssimo.

Até que os reforços chegassem, até que a cabeça-de-ponte deles em Snowfield estivesse mais firmemente estabelecida, até que todos se sentissem menos temerosos, não era sensato deixar que os outros o vissem tremendo de pavor. Afinal de contas, buscavam nele a liderança.

Ele não pretendia desapontá-los.

Inspirou ampla, profundamente.

Tirou o fone do gancho e escutou imediatamente o sinal de discar.

Aliviadíssimo, ligou para a Unidade de Defesa Civil da CBW em Dugway, Uttah.

Lisa gostava de Gordy Brogan.

A princípio parecera ameaçador e emburrado. Era um homem grande, e as suas mãos eram tão enormes que levavam todos a pensar no monstro de Frankenstein. O rosto dele até que era bonito, mas quando franzia o cenho, mesmo que não estivesse zangado, mesmo que estivesse apenas preocupado com alguma coisa ou pensando com muita concentração, as suas sobrancelhas se uniam ferozmente e os olhos muito negros ficavam ainda mais negros, e ele parecia o próprio fim do mundo.

Um sorriso o transformava. Era uma coisa espantosa. Quando Gordy sorria, todos sabiam logo que estavam vendo o verdadeiro Gordy Brogan. Sabiam que o outro Gordy — o que todos pensavam ver quando ele franzia o cenho ou quando o seu rosto estava em repouso — era puramente fruto da sua imaginação. O seu sorriso cálido, amplo, chamava a atenção para a bondade que brilhava em seus olhos, a meiguice na sua fisionomia larga.

Quando se o conhecia bem, ele era como um cãozinho avantajado, ansioso para que gostassem dele. Era um dos raros adultos que sabia conversar com uma criança sem ficar constrangido ou ser paternalista. Neste aspecto, era até melhor do que Jenny. E, até mesmo nas circunstâncias ninais, sabia rir.

Enquanto punham a comida na mesa — frios, pão, queijo, frutas frescas, rosquinhas — e faziam café, Lisa falou: — Você não me parece um tira.

— É ? E como é que um tira deve parecer?

— Ué! Será que falei a coisa errada? "Tira" é uma palavra ofensiva?

— Em alguns lugares, é. Como nas prisões, por exemplo.

Ela ficou espantada ao ver que ainda podia rir depois de tudo o que acontecera esta noite. Falou: — Não, serio. Como é que os membros da polícia gostam de ser chamados? Policiais?

— Não importa. Sou delegado, policial, tira... o que você quiser.

Só que você acha que não tenho cara disso.

— Ah, tem cara sim — falou Lisa. — Especialmente quando franze as sobrancelhas. Mas não parece um tira.

— O que pareço, para você?

— Deixe-me pensar. — Interessou-se imediatamente pelo jogo, pois desviava a sua atenção do pesadelo que a cercava. — Talvez você pareça... um jovem pastor.

— Eu?

— Bem, você ficaria fantástico no púlpito, fazendo um sermão sobre as penas do inferno. E posso vê-lo sentado na residência paroquial, um sorriso encorajador no rosto, escutando os problemas dos outros.

— Eu, um pastor — disse ele, nitidamente atônito. — Com essa sua imaginação, você devia ser escritora quando crescer.

— Acho que vou ser médica, como Jenny. Um médico pode fazer tanto bem. — Ela fez uma pausa. — Sabe por que você não se parece com um tira? É porque não consigo imaginá-lo usando isso. — Apontou para o revólver dele. — Não consigo imaginar você atirando em alguém.

Mesmo que ele merecesse.

Ela ficou espantada com a expressão que se estampou no rosto de Gordy Brogan. Ele ficara visivelmente chocado.

Antes que ela pudesse perguntar qual o problema, as luzes piscaram.

Lisa ergueu os olhos.

As luzes piscaram de novo. E de novo.

Ela lançou um olhar pelas janelas da frente. Lá fora, as luzes dos postes de rua também piscavam.

Não, pensou. Não, por favor, Deus, de novo, não. Não nos lance de novo na escuridão; por favor, por favor!

As luzes se apagaram.

15

A coisa na janela

Bryce falara com o oficial de serviço da noite que guarnecia a linha de emergência na Unidade de Defesa Civil da CBW em Dugway, Utah. Não precisara dizer muito até ser transferido para o telefone da casa do general Galen Copperfield. Este escutara com atenção, mas pouco falara. Bryce queria saber se era provável que um agente químico ou bacteriológico pudesse ser o causador da agonia e obliteração de Snowfield. Copperfield dissera "Sim". Mas dissera somente isto. Avisara a Bryce que estavam falando numa linha telefônica livre e fizera referências vagas, mas severas, a normas de segurança e informações confidenciais. Quando tinha ouvido todo o essencial, mas apenas alguns dos detalhes, ele interrompera Bryce um tanto bruscamente e sugerira que discutissem o resto quando se encontrassem frente a frente.

— Já ouvi o bastante para me convencer de que a minha organização deve se envolver.

Ele prometeu mandar um laboratório de campo e uma equipe de investigadores para Snowfield até o alvorecer, ou logo depois.

Bryce estava pousando o fone no gancho quando as luzes piscaram, diminuíram, piscaram, oscilaram... e se apagaram.

Ele buscou a lanterna elétrica na mesa à sua frente, encontrou-a e acendeu-a.

Ao voltarem à subdelegacia, há pouco, haviam localizado duas lanternas elétricas adicionais, de cabo longo, equipamento policial.

Gordy ficara com uma, a dra. Paige com a outra. Agora, as duas lanternas se acenderam simultaneamente, abrindo longas feridas brilhantes na escuridão.

Tinham discutido um plano de ação, uma rotina para seguir se as luzes se apagassem de novo. Agora, como fora planejado, todos se dirigiram para o centro da sala, longe de portas e janelas, e se

amontoaram num círculo, as costas voltadas para dentro, reduzindo a sua vulnerabilidade.

Ninguém falou muito. Estavam todos de ouvidos atentos.

Lisa Paige estava à esquerda de Bryce, os ombros esbeltos encurvados, a cabeça baixa.

Tal Whitman estava à direita de Bryce, os dentes à mostra num rosnado silencioso, enquanto inspecionavam a escuridão que ficava além do Incho móvel da lanterna.

Tal e Bryce estavam de revólver na mão.

Eles três estavam de frente para os fundos da sala, enquanto os outros quatro — dra. Paige, Gordy, Frank e Stu — encaravam a frente do Aposento.

Bryce jogava o facho da sua lanterna sobre tudo, pois até os contornos vagos dos objetos mais triviais subitamente pareciam ameaçadores. Nada, porém, se escondia ou se movia por entre as peças familiares de móveis e equipamento.

Silêncio.

Na parede dos fundos, junto ao canto direito da sala, havia duas portas. Uma dava para o corredor que servia as três celas de detenção.

Eles tinham revistado aquela parte do prédio anteriormente; as celas, a sala de interrogatórios e os dois banheiros que ocupavam aquela metade do andar térreo estavam todos desertos. A outra porta dava para a escada que levava ao apartamento do delegado. Aqueles aposentos também estavam desocupados. Apesar disso, Bryce voltava repetidamente o facho da lanterna para as portas entreabertas. Estava intranquilo quanto a elas. Na escuridão, ouviu-se uma batida suave.

— O que foi isso? — perguntou Wargle.

— Veio daqui — falou Gordy.

— Não, daqui — retrucou Lisa Paige.

— Quietos! — Exclamou Bryce, vivamente. Turn... tum-tum.

Era o som de um golpe amortecido. Como um travesseiro caindo ao chão.

Bryce mexeu a sua lanterna rapidamente daqui para ali.

Tal acompanhou o facho de luz com o revólver.

Bryce pensou: o que faremos se as luzes ficarem apagadas a noite toda? O que faremos quando as pilhas das lanternas finalmente acabarem? O que vai acontecer então!

Desde pequeno não sabia o que era ter medo do escuro. Agora estava se lembrando de como era.

Tum-tum... tum... tum-tum.

Mais alto. Porém não mais perto.

Tum!

— As janelas! — exclamou Frank.

Bryce deu meia-volta, sondando com a lanterna elétrica.

Os três fachos fortes encontraram as janelas da frente ao mesmo tempo, transformando os quadrados de vidro em espelhos que ocultavam o que quer que houvesse por trás deles.

— Voltem as luzes para o chão ou o teto — falou Bryce. Um facho subiu, dois desceram.

A luz indireta revelou as janelas, mas não as transformou em superfícies de prata refletivas.

Tum!

Algo bateu numa janela, fez chocalhar uma vidraça solta e ricocheteou dentro da noite. Bryce teve uma impressão de asas.

— O que foi isso?

— ...um pássaro...

— ...não um pássaro de um tipo que já...

— ...algo...

— ...terrível...

A coisa voltou, batendo de encontro ao vidro com mais determinação do que antes: tum-tum-tum-tum-tum! Lisa berrou. Franky Autry arquejou, e Stu Wargle exclamou: — Puta que o pariu!

Gordy emitiu um som mudo e estrangulado.

Fitando a janela, Bryce sentiu como se tivesse atravessado a cortina da realidade e sido projetado num lugar de pesadelo e ilusão.

Com os postes de rua apagados, a Skyline Road se achava às escuras, exceto pelo luar luminoso; todavia, a coisa na janela estava vagamente iluminada.

Mesmo a vaga iluminação daquela monstruosidade esvoaçante era demais. O que Bryce viu do outro lado do vidro — o que ele

pensou ter visto na multiplicidade caleidoscópica de luz, sombra e luar — foi algo saído de um sonho febril. Tinha uma envergadura de asas de 1,00m a 1,20m. Uma cabeça insetoide. Antenas curtas e trêmulas. Mandíbulas pequenas, pontudas e em movimento incessante. Um corpo segmentado. Que ficava suspenso entre as asas cinzentas e tinha aproximadamente o tamanho e o formato de duas bolas de futebol sobrepostas. Ele também era cinzento, do mesmo tom das asas — um cinza doentio, bolorento —, tinha penugem e parecia úmido. Bryce vislumbrou ainda os olhos: lentes imensas, negras como o piche, multifacetadas, protuberantes, que refratavam e refletiam a luz, brilhando sombria e esfaimadamente.

Se ele estava vendo o que pensava ver, a coisa na janela era uma mariposa grande como uma águia. O que era uma loucura.

Ela se jogou contra as janelas com fúria renovada, num frenesi, as asas pálidas batendo tão depressa que se tornou um borrão. Movia-se ao longo das vidraças escuras, ricocheteando repetidamente dentro da noite, depois voltando, tentando febrilmente entrar pela janela.

Tumtumtumtum. Mas não tinha forças para quebrar a janela e entrar.

Além do mais, não tinha carapaça; o seu corpo era inteiramente macio e, a despeito do tamanho incrível e aparência intimidadora, incapaz de romper o vidro.

Tumtumtum.

E então foi embora.

As luzes se acenderam.

É como uma maldita peça de teatro, pensou Bryce.

Quando se deram conta de que a coisa na janela não ia voltar mais, todos se adiantaram, num consenso tácito, até a frente da sala.

Cruzaram o portão na grade que levava à área do público, aproximaram-se das janelas e ficaram olhando para fora num silêncio atônito.

A Skyline Road não sofrerá nenhuma modificação.

A noite estava vazia.

Nada se mexia.

Bryce sentou-se na cadeira rangedora à mesa de Paul Henderson. Os outros se aproximaram.

— E então — falou Bryce.

— E então — falou Tal. Entreolharam-se, inquietos.

— Alguma ideia? — perguntou Bryce.

Ninguém falou nada.

— Alguma teoria sobre o que possa ter sido?

— Obsceno — disse Lisa, e estremeceu.

— Ah, isso foi mesmo — falou a dra. Paige, colocando uma mão reconfortante no ombro da irmã mais moça.

Bryce ficou impressionado com a força e resistência emocionais da doutora. Parecia estar aguentando cada choque que Snowfield lhe proporcionava. Na verdade, parecia até estar resistindo melhor do que os seus próprios homens. Os olhos dela eram os únicos que não se desviavam quando ele os fitava. Retribuía o olhar, francamente. Esta, pensou ele, é uma mulher especial.

— Impossível — falou Frank Autry. — Foi isso. Simplesmente impossível.

— Que diabo, o que está havendo com vocês? — indagou Wargle. Franziu o rosto gordo. — Foi só um pássaro. Era só isso que estava lá fora. Só uma droga de um pássaro.

— Uma ova que foi — falou Frank.

— Só um pássaro nojento — insistiu Wargle. Quando os outros discordaram, ele falou: — A luz fraca e todas aquelas sombras lá fora dão uma impressão falsa. Vocês não viram o que acham que viram.

— E o que você acha que vimos? — perguntou-lhe Tal. O rosto de Wargle ficou vermelho. — Será que vimos a mesma coisa que você viu, a coisa em que não quer acreditar? — insistiu Tal. — Uma mariposa? Viu uma maldita mariposa, grande, feia, impossível?

Wargle fitou os sapatos.

— Vi um pássaro. Apenas um pássaro.

Bryce se deu conta de que Wargle era tão completamente desprovido de imaginação que não conseguia aceitar a possibilidade do impossível, nem mesmo quando o havia testemunhado com os próprios olhos.

— De onde ela veio?—perguntou Bryce. Ninguém soube dizer.

— O que queria? — continuou Bryce.

— Queria a gente — respondeu Lisa.

Todos pareciam concordar com a opinião dela.

— Mas aquela coisa na janela não foi o que pegou o Jake — disse Frank. — Era frágil, levinha. Não poderia levar embora um homem adulto.

— Então o que pegou o Jake? — perguntou Gordy.

— Uma coisa maior — falou Frank. — Uma coisa bem mais forte e perversa.

Bryce concluiu que, afinal de contas, era chegada a hora de lhes contar sobre as coisas que ouvira — e sentira — ao telefone, no intervalo dos seus telefonemas para o governador Retlock e o general Copperfield: a presença silenciosa; o grito triste das gaivotas; o ruído de advertência de uma cascavel; e o pior de tudo, os gritos de agonia e desespero de homens, mulheres e crianças. Não tinha a intenção de tocar naquele assunto até a manhã seguinte, até a chegada da luz do sol e dos reforços. Mas eles poderiam perceber algo importante que ele deixara passar, algum detalhe, alguma pista que seria útil. Além disso, agora que tinham lodos visto a coisa na janela, o incidente do telefone, por comparação, mio era mais muito chocante.

Os outros escutaram Bryce falar, e essa nova informação teve uni efeito negativo no comportamento deles.

— Que espécie de degenerado gravaria os gritos de suas vítimas? — perguntou Gordy.

Tal Whitman balançou a cabeça.

— Podia ser outra coisa. Podia ser...

— O quê?

— Bem, talvez nenhum de vocês queira escutar isso neste momento

— Já que começou, vá até o fim — insistiu Bryce.

— Bem — falou Tal —, e se não foi uma gravação que você ouviu? Quero dizer, sabemos que desapareceu gente de Snowfield. Na verdade, pelo que vimos, tem mais gente desaparecida do que morta.

Portanto... e se os desaparecidos estão presos em algum lugar? Como reféns? Quem sabe os gritos viessem de gente ainda viva,

que estava sendo torturada e morta talvez naquele momento, bem na hora em que você tinha o fone no ouvido.

Lembrando-se daqueles gritos terríveis, Bryce sentiu a medula congelar lentamente.

— Quer tenha sido ou não gravado — disse Frank Autry —, é provável que seja um erro pensar em termos de reféns.

— É — falou a dra. Paige. — Se o sr. Autry está querendo dizer que temos que ter cuidado para não limitar nossas ideias a situações convencionais, concordo inteiramente. Isso não me parece um drama de reféns. Algo tremendamente esquisito está acontecendo aqui, algo que ninguém ainda encontrou antes, portanto não vamos cair em erro só porque nos sentimos mais confortáveis com explicações aconchegantes e familiares. Além disso, se estamos lidando com terroristas, como é que isso combina com aquela coisa que vimos na janela?

Bryce assentiu.

— Tem razão. Mas não creio que Tal tenha querido dizer que as pessoas estão sendo mantidas como reféns por motivos convencionais.

— Não, não — disse Tal. — Não precisa ser coisa de terrorista ou de sequestrador. Se há pessoas mantidas como reféns, isso não quer dizer necessariamente que haja outras pessoas prendendo-as. Estou até disposto a considerar que estão sendo aprisionados por algo que não é humano. Se isso não é ser liberal, o que é? Talvez aquilo as esteja aprisionando, o aquilo que nenhum de nós pode definir. Quem sabe as esteja aprisionando apenas para prolongar o prazer que sente em acabar com a vida delas. Quem sabe as esteja aprisionando apenas para nos provocar com os seus gritos, do jeito que provocou Bryce ao telefone. Que diabo, se estamos lidando com algo verdadeiramente extraordinário, verdadeiramente inumano, os seus motivos para fazer reféns — se é que fez algum — certamente serão incompreensíveis.

— Pombas, vocês estão falando como lunáticos — disse Wargle.

Todos o ignoraram.

Tinham atravessado o espelho. O impossível era possível. O inimigo era o desconhecido.

Lisa Paige pigarreou. Seu rosto estava cinzento. Numa voz que mal se ouvia, disse:

— Quem sabe teceu uma teia em algum lugar, num lugar escuro, num porão ou numa caverna, amarrou nela todas as pessoas desaparecidas, envolveu-as em casulos, vivas. Quem sabe está guardando-as só para quando tiver fome de novo?

Se não havia absolutamente nada que ficasse além da esfera da possibilidade, se até mesmo as teorias mais ousadas podiam se confirmar, então talvez a mocinha estivesse certa, pensou Bryce. Talvez houvesse uma leia enorme vibrando baixinho em algum lugar escuro, cheia de guloseimas, cem, duzentos ou mais homens-mulheres-crianças embalados individualmente para conservarem o frescor e facilitar o consumo. Em algum canto de Snowfield havia seres humanos que tinham sido reduzidos ao terrível equivalente de tortinhas embrulhadas em alumínio, esperando apenas servir de alimento para algum horror de outra dimensão, brutal, inimaginavelmente perverso, sombriamente inteligente.

Não. Ridículo.

Por outro lado: talvez.

Jesus.

Bryce se agachou em frente ao rádio de ondas curtas e espiou as suas entranhas destroçadas. Os painéis dos circuitos tinham sido arrancados. Várias partes pareciam ter sido esmagadas num torno ou amassadas com martelo.

Frank disse:

— Eles teriam que retirar a chapa protetora para mexer nisso aí, como nós retiramos.

— Então, depois que esculhambaram com a merda toda — disse Wargle —, por que teriam se dado ao trabalho de recolocar a chapa?

— E por que se dar a todo esse trabalho, só para começo de conversa? — questionou-se Frank. — Bastaria arrancar o fio do lugar para o rádio deixar de funcionar.

Lisa e Gordy apareceram quando Bryce estava se afastando do rádio. A mocinha falou:

A comida e o café estão prontos, se alguém quiser comer alguma coisa.

— Estou morrendo de fome — disse Wargle, lambendo os lábios.

— Todos devemos comer alguma coisa, mesmo sem vontade — falou Bryce.

— Xerife — falou Gordy —, Lisa e eu estivemos pensando nos animais, nos bichinhos de estimação. Nós fomos levados a pensar nisso porque o senhor falou que tinha ouvido ruídos de cães e gatos ao telefone. Senhor, o que aconteceu a todos os bichos de estimação?

— Ninguém viu nem gatos nem cachorros — falou Lisa. — Nem escutou nenhum latido.

Pensando nas ruas silenciosas, Bryce franziu o cenho e falou: — Tem razão. É estranho.

— Jenny falou que há uns cachorros bem grandes na cidade.

Alguns pastores alemães. Pelo menos um doberman que ela conhece.

Até mesmo um dinamarquês. Não acha que eles teriam lutado? Não acha que alguns dos cachorros teriam conseguido escapar? — perguntou a garota.

— Vamos admitir — falou Gordy rapidamente, antecipando a resposta de Bryce — que a coisa fosse grande bastante para dominar um cachorro normal e zangado. Sabemos também que as balas não puderam detê-la, o que significa que talvez nada possa. É

aparentemente grande e muito forte. Porém, senhor, grande e forte não contam muito, necessariamente, para um gato. Os gatos são uns verdadeiros raios. Seria preciso algo um bocado traiçoeiro para pegar todos os gatos da cidade.

— Um bocado traiçoeiro e um bocado ligeiro — falou Lisa.

— É — comentou Bryce, inquieto. — Um bocado ligeiro.

Jenny estava começando a comer um sanduíche quando o xerife Hammond se sentou numa cadeira ao lado da escrivaninha, equilibrando o prato no colo.

— Importa-se de ter um pouco de companhia?

— De modo algum.

— Tal Whitman andou me contando que a senhora é o flagelo da nossa gangue de motoqueiros local.

Ela sorriu.

— Tal está exagerando.

— Aquele homem não sabe o que é exagerar — falou o xerife. — Deixe-me contar-lhe uma coisa a respeito dele. Há um ano e pouco viajei para Chicago a fim de participar de uma conferência sobre atividades policiais. Fiquei fora três dias e, quando voltei, Tal foi a primeira pessoa que vi. Perguntei-lhe se tinha acontecido alguma coisa de especial enquanto eu estivera fora, e ele me disse que tinham ocorrido as coisas de sempre, motoristas bêbados, brigas de bar, uns furtos, diversos GNA...

— O que é GNA? — perguntou Jenny.

— Ah, é um chamado para gato-na-árvore.

— Os policiais não salvam mesmo os gatos, não é?

— Acha que não temos coração? — perguntou, fingindo estar chocado.

— GNA? Ora, vamos!

Ele abriu um sorriso. Tinha um sorriso maravilhoso.

— Lá uma vez em cada dois meses nós temos que tirar um gato de cima de uma árvore. Mas um GNA não quer dizer apenas gatos nas árvores. É nosso código para qualquer tipo de chamada chatinha que nos afaste de trabalhos mais importantes.

— Ah!

— Bem, então, quando voltei de Chicago, aquela vez, Tal me disse que tinham sido três dias bem comuns. E depois, quase como se só então tivesse se lembrado, contou que houvera uma tentativa de roubo, num mercado 7-Eleven. Tal era apenas um freguês, à paisana, quando o fato ocorrera. Um tira, porém, mesmo quando não está de serviço, é obrigado a andar armado, e Tal tinha um revólver num coldre de tornozelo. Ele me contou que um dos marginais estava armado, e que fora forçado a matá-lo; que eu não devia me preocupar pensando se fora homicídio justificado ou não. Disse que fora mais do que justificado. Quando fiquei preocupado com ele, falou: "Bryce, foi uma sopa." Mais tarde, fiquei sabendo que os dois marginais tinham pretendido atirar em todo mundo. Então Tal atirara num deles...

embora tivesse sido atingido antes. O marginal enfiara uma bala no braço esquerdo de Tal, e, uma fração de segundo mais tarde, Tal o matara. O ferimento de Tal não era sério, mas sangrava pra diabo, e deve ter doído uma barbaridade. Naturalmente eu não reparara na

atadura porque estava debaixo da manga da camisa, e Tal não se dera ao trabalho de falar no assunto. Bem, então, lá está Tal no 7-Eleven, sangrando feito um desesperado, e descobre que está sem munição. O

segundo bandido, que pegou a arma que o primeiro deixara cair, também está sem munição, e resolve correr. Tal vai no seu encalço; eles se atracam e rolam de um lado para o outro da pequena mercearia. O

sujeito tinha cinco centímetros e nove quilos a mais do que Tal, não estava ferido. Mas sabe o que o guarda que atendeu ao chamado contou que encontraram, quando chegaram ao local? Que Tal estava sentado no balcão ao lado da caixa registradora, sem camisa, tomando um cafezinho de cortesia, enquanto o funcionário tentava estancar o fluxo de sangue. Um dos suspeitos estava morto. O outro estava inconsciente, esparramado no meio de uma massa pegajosa de Hostess Twinkies, Fudge Fantasies e bolinhos de coco. Parece que tinham derrubado uma prateleira cheia de bolinhos e merendas bem no meio da luta. Cerca de cem pacotes de guloseimas tinham se esparramado pelo chão, e Tal e o outro sujeito tinham pisoteado tudo enquanto se atracavam. A maioria dos pacotes se abrira. Havia coberturas, biscoitos esfarelados e Twinkies esmagados por todo um corredor. Todo aquele lixo estava cheio de pegadas incertas, e dava para se acompanhar o progresso da briga olhando para a trilha pegajosa.

O xerife terminou a sua história e olhou para Jenny, na expectativa.

— Ah, e ele tinha dito ao senhor que fora uma prisão fácil...

uma sopa.

— Pois é — riu-se o xerife.

Jenny lançou um olhar para Tal Whitman, que estava do outro lado da sala, comendo um sanduíche e conversando com o guarda Brogan e Lisa.

— Então — continuou o xerife —, quando Tal me diz que a senhora é o flagelo da Demon Chrome, sei que não está exagerando.

Exagero não faz o gênero dele.

Jenny sacudiu a cabeça, impressionada.

— Quando contei a Tal sobre o meu breve encontro com esse homem que ele chama de Gene Terr, ele agiu como se pensasse que era uma das coisas mais corajosas que alguém já fizera. Comparado com a "sopa" dele, a minha história deve ter parecido uma disputa num playground de jardim de infância.

— Não, não — falou Hammond. — Tal não estava apenas sendo gentil. Ele realmente acha que a senhora fez uma coisa corajosa pra burro. E eu também. O Jeeter é uma cobra, dra. Paige. Do tipo venenoso.

— Pode me chamar de Jenny, se quiser.

— Bem, Jenny-se-quiser, pode me chamar de Bryce.

Ele tinha os olhos mais azuis que ela já vira. Seu sorriso se definia tanto por aqueles olhos luminosos quanto pela curva da boca.

Enquanto comiam, conversavam sobre coisas inconsequentes, como se aquela fosse uma noite comum. Ele possuía uma capacidade impressionante de deixar as pessoas à vontade, a despeito das circunstâncias. Trazia consigo uma aura de tranquilidade. Ela se sentiu agradecida pelo interlúdio calmo.

Quando terminaram de comer, todavia, ele voltou a conduzir a conversa de volta à crise que estavam enfrentando.

— Você conhece Snowfield melhor do que eu. Temos que encontrar um quartel-general adequado para esta operação. Este lugar é pequeno demais. Logo teremos mais dez homens aqui. E a equipe de Copperfield pela manhã.

— Quantos homens ele vai trazer?

— Pelo menos doze. Talvez até vinte. Preciso de um QG de onde cada aspecto da operação possa ser coordenado. Talvez fiquemos aqui por vários dias, então é preciso que haja um quarto onde o pessoal que não está de serviço possa dormir, e também precisamos de uma lanchonete para alimentar todo mundo.

— Uma das estalagens seria o lugar ideal — disse Jenny.

— Talvez. Mas não quero o pessoal dormindo de dois em dois em muitos quartos diferentes. Ficariam vulneráveis demais. Temos que bolar todo mundo num único dormitório.

— Então, o Hilltop Inn é a melhor solução. Fica a uma quadra daqui, do outro lado da rua.

— Ah, sim, claro. O maior hotel da cidade, não é?

— É. O Hilltop tem um saguão bem grande porque funciona também como bar.

— Já tomei um drinque ali uma ou duas vezes. Se modificarmos o mobiliário do saguão, podemos transformá-lo numa área de trabalho para acomodar lodo mundo.

— Tem também um grande restaurante dividido em duas salas. Uma parte poderia ser uma lanchonete e poderíamos trazer colchões dos quartos e usar a outra metade do restaurante como dormitório.

— Vamos dar uma olhada nele — falou Bryce.

Ele largou o prato de papel vazio em cima da mesa e se pôs de pé.

Jenny lançou um olhar às janelas da frente. Pensou na estranha criatura que voam de encontro ao vidro e, mentalmente, ouviu o barulho suave mas frenético: tumtumtumtum.

— Quer dizer... dar uma olhada agora?

— Por que não?

— Não seria melhor esperar pelos reforços? — perguntou.

— Provavelmente ainda demorarão um pouco para chegar. Não faz sentido ficar parado olhando para ontem. Todos vamos nos sentir melhor se estivermos fazendo alguma coisa construtiva. Vai desviar a nossa atenção... das coisas piores que já vimos.

Jenny não conseguia se libertar da lembrança daqueles olhos negros de inseto, tão malévolos, tão esfaimados. Fitou as janelas, fitou a noite além delas. A cidade não mais lhe parecia familiar. Era totalmente estranha agora, um lugar hostil no qual ela era uma desconhecida mal acolhida.

— Não estamos nem um pouquinho mais seguros aqui do que estaríamos ali — falou Bryce, gentilmente.

Jenny assentiu, lembrando-se dos Oxleys no seu quarto com barricada. Ao se levantar da escrivaninha, falou: — Não há segurança em lugar algum.

16

Vindo da escuridão

Saíram da delegacia, liderados por Bryce Hammond. Cruzaram as pedras da calçada manchadas pelo luar, atravessaram uma torrente de luz cor de âmbar de um poste de rua e adentraram a Skyline Road.

Bryce levava uma espingarda, assim como Tal Whitman.

A cidade estava parada. As árvores não respiravam, e os edifícios eram como miragens diáfanas penduradas em paredes de ar.

Bryce saiu da luz, caminhou no calçamento pintalgado de luar, cruzando a rua, encontrando sombras dispersas no meio dela. Sempre sombras.

Os outros o seguiam silenciosamente.

Algo rangeu sob o pé de Bryce, sobressaltando-o. Era uma folha seca.

Ele podia ver o Hilltop Inn pouco mais adiante, na Skyline Road.

Era uma construção de pedra cinzenta de quatro andares, a quase uma quadra de distância, e estava muito escura. Algumas das janelas do quarto andar refletiam a lua cheia, mas, dentro do hotel, nem uma só luz ardia.

Todos já tinham alcançado ou ultrapassado o meio da rua quando algo surgiu, vindo da escuridão. Bryce percebeu, em primeiro lugar, uma sombra da lua que perpassou pelo calçamento, como uma ondulação numa poça d'água. Instintivamente, baixou a cabeça.

Escutou o som de asas. Sentiu algo roçar de leve sobre a sua cabeça.

Stu Wargle gritou.

Bryce endireitou o corpo e rodopiou.

A mariposa.

Estava fixada firmemente ao rosto de Wargle, agarrando-se por algum meio que não era visível para Bryce. Toda a cabeça de Wargle estava coberta pela coisa.

Wargle não era o único que gritava. Os outros também gritaram e recuaram, surpresos. A mariposa também guinchava, emitindo um som estridente e intenso.

Aos raios prateados do luar, as imensas asas pálidas e aveludadas do inseto impossível se agitavam, se abriam e fechavam com uma graça e beleza horríveis, fustigando a cabeça e os ombros de Wargle.

Wargle saiu cambaleando, ladeira abaixo, movendo-se às cegas, arranhando a coisa terrível que se agarrava ao seu rosto. Os seus gritos logo ficaram abafados; dentro de dois segundos, cessaram por completo.

Bryce, como os outros, ficou paralisado pelo nojo e pela incredulidade.

Wargle começou a correr, mas percorreu apenas alguns metros antes de parar abruptamente. As mãos largaram aquela coisa no seu rosto. Os joelhos estavam cedendo.

Saindo do seu breve transe, Bryce deixou cair a espingarda inútil e correu na direção de Stu.

Wargle não desabou ao chão, afinal de contas. Em vez disso, os joelhos trêmulos ficaram firmes e ele ficou ereto. Os ombros foram jogados para trás. O corpo se retorcia e estremecia como se estivesse sendo percorrido por uma corrente elétrica.

Bryce tentou agarrar a mariposa e arrancá-la de cima de Wargle.

Mas o delegado começou a oscilar e se debater numa dança-de-são-vito de dor e sufocação, e as mãos de Bryce se fecharam em torno do ar.

Wargle cruzou a rua erraticamente, sacudindo-se de um lado para outro, ondulando, se contorcendo e rodopiando, como se estivesse preso a fios sendo manipulados por um titereiro bêbado. As mãos pendiam frouxas ao lado do corpo, o que tornava a sua dança frenética e espasmódica especialmente lúgubre. As mãos se agitavam muito debilmente, mas não se levantavam para tentar arrancar o assaltante de cima de si. Era quase como se, agora, ele

estivesse tomado de êxtase, e não nas garras da dor. Bryce seguiu-o, tentou ajudar, mas não conseguia se aproximar.

E então Wargle desabou.

Naquele mesmo instante, a mariposa se ergueu e virou, suspensa no ar as asas batendo muito rapidamente, o olhar negro como a noite e maligno Veio para cima de Bryce.

Ele deu um passo trôpego para trás e cobriu o rosto com os braços.

A mariposa passou voando por cima da cabeça dele.

Bryce girou o corpo, ergueu os olhos.

O inseto do tamanho de uma pipa continuou o seu vôo silencioso, cruzando a rua e se dirigindo para os prédios do outro lado.

Tal Whitman levantou a sua espingarda. O estampido parecia um tiro de canhão na cidade silenciosa.

A mariposa caiu para um lado, em pleno vôo. Veio rodopiando quase até o chão, depois alçou vôo de novo e continuou o seu caminho, desaparecendo por sobre um telhado.

Stu Wargle estava esparramado no calçamento, de costas, imóvel.

Bryce se pôs de pé e foi para junto de Wargle. O delegado jazia no meio da rua onde havia luz suficiente para se ver que o seu rosto tinha sumido Jesus Sumido. Como se tivesse sido arrancado fora. O cabelo e tiras irregulares do couro cabeludo encimavam o osso branco da sua testa. Um crânio espiava para Bryce.

17

A hora antes da meia-noite

Tal, Gordy, Frank e Lisa sentavam-se em poltronas vermelhas de couro sintético num canto do saguão do Hilltop Inn. O hotel estava fechado desde o término da última estação de esqui e eles tinham removido as coberturas brancas empoeiradas das poltronas antes de desabarem nelas, enternecidos com o choque. A mesinha de centro de café ainda estava coberta com um pano; ficaram fitando o objeto amortalhado, incapazes de olhar uns para os outros.

No canto mais afastado da sala, Bryce e Jenny encontravam-se ao lado do corpo de Stu Wargle, que estava num aparador longo e baixo, de encontro à parede. Ninguém nas poltronas conseguia se forçar a olhar para aquele lado.

Fitando a mesinha de centro coberta, Tal talou: — Eu atirei naquela coisa maldita. Acertei. Sei que acertei.

— Todos nós vimos o chumbo pegar nela — concordou Frank.

— Então por que ela não explodiu? — quis saber Tal. — Foi atingida em cheio por chumbo de espingarda calibre 20. Devia ter ficado em pedaços, porra.

— Armas não vão salvar a gente — falou Lisa. Numa voz distante, assombrada, Gordy falou:

— Podia ter sido qualquer um de nós. Aquela coisa podia ter nu-pegado. Eu estava logo atrás de Stu. Se ele tivesse se abaixado ou pulado fora...

— Não — disse Lisa. — Não. Ela queria o guarda Wargle. Mais ninguém. Só o guarda Wargle.

Tal fitou a garota:

— Como assim?

A pele dela estava com a palidez de seus ossos.

— O guarda Wargle recusou-se a admitir que a vira quando estava batendo contra a janela. Ele insistiu que era só um pássaro.

— E daí?

— Então ela o queria. A ele, especialmente. Para lhe ensinar uma lição. Mas, principalmente, para nos ensinar uma lição.

— Mas aquela coisa não podia ter escutado o que Stu dissera.

— Mas escutou.

— Mas não podia ter compreendido.

— Mas compreendeu.

— Acho que você está lhe creditando inteligência demais — falou Tal. — Era grande, é verdade, e diferente de qualquer coisa que já tenhamos visto antes. Mas ainda era só um inseto. Uma mariposa.

Certo?

A mocinha ficou calada.

— Não é onisciente — continuou Tal, tentando convencer a si mesmo, mais do que a qualquer outra pessoa. — Não vê tudo, ouve tudo e sabe tudo.

A mocinha fitava silenciosamente a mesinha de centro coberta.

Controlando a náusea, Jenny examinou a horrenda ferida de Wargle. As luzes do saguão não eram bastante fortes, então ela usou uma lanterna elétrica para inspecionar as beiradas do ferimento e espiar para dentro do crânio. O centro do rosto demolido do morto fora consumido até os ossos: toda a pele, carne e cartilagem tinham desaparecido. Até o osso em si parecia estar parcialmente dissolvido em alguns lugares, furadinho como se tivesse sido borrifado com ácido. Os olhos tinham desaparecido. Contudo, existia carne normal em todos os lados da ferida; havia carne macia e intacta ao longo dos dois lados do rosto, dos pontos externos dos maxilares até os malares, e havia pele lisa do meio do queixo para baixo e do meio da lesta para cima. Era como se algum artista macabro tivesse projetado uma moldura de pele sadia para dar destaque à horrenda exibição de osso em exposição no centro da face.

Tendo visto o suficiente, Jenny desligou a lanterna elétrica.

Anteriormente, tinham coberto o corpo com o pano retirado de uma das poltronas. Agora, Jenny acabou de puxar o pano para cima

do rosto do morto, aliviada por estar cobrindo aquele sorriso esquelético.

— E então? — indagou Bryce.

— Não há marcas de dentes — falou ela.

— E uma coisa daquela teria dentes?

— Sei que tinha boca, um pequeno bico quitinoso. Vi as suas mandíbulas se mexendo quando se jogou contra as janelas da subdelegacia.

— É, eu também vi.

— Uma boca daquelas marcaria a carne. Haveria cortes. Marcas de mordidas. Sinais de mastigação e arrancamento.

— Mas não havia nenhum.

— Não. A carne não parece ter sido rasgada. Parece ter sido...

dissolvida. Nas beiradas da ferida, a carne que resta está até meio cauterizada, como se tivesse sido queimada com alguma coisa.

— Acha que aquele... aquele inseto... secretou um ácido? — Ela fez que sim. — E dissolveu o rosto de Stu Wargle?

— E chupou a carne liquefeita — disse ela.

— Santo Deus.

— É.

Bryce estava pálido feito uma máscara mortuária, e, contrastantemente, as sardas pareciam arder e brilhar no seu rosto.

— Isso explica como pode ter feito tanto estrago em apenas alguns segundos.

Jenny tentou não pensar no rosto ossudo que espiava para fora da carne... como uma fisionomia monstruosa que tivesse retirado uma máscara de normalidade.

— Acho que o sangue sumiu — falou. — Todo ele.

— Como?

— O corpo estava numa poça de sangue?

— Não.

— Também não havia sangue no uniforme.

— Eu reparei.

— Devia haver sangue, devia ter jorrado como uma fonte. As cavidades dos olhos deviam estar cheias de sangue, mas não há uma única gota.

Bryce esfregou a mão pelo rosto. Esfregou-a com tanta força, na verdade, que levou um pouco de cor às faces.

— Dê uma olhada no pescoço dele — falou Jenny. — Na jugular.

Ele não se adiantou para o corpo.

— E dê uma olhada na parte de dentro dos braços e na parte de trás das mãos. Não há sinal de veias em parte alguma, nenhum tom de azul.

— Vasos sanguíneos arruinados?

— É. Acho que todo o sangue foi retirado do seu corpo. Bryce inspirou fundo. Disse:

— Eu o matei. Sou o responsável. Devíamos ter esperado pelos reforços antes de sair da subdelegacia... como você falou.

— Não, não. Você tinha razão. Lá não era mais seguro do que na rua.

— Mas ele morreu na rua.

— Os reforços não teriam feito a menor diferença. Do jeito que aquela coisa infernal caiu do céu... que diabo, nem mesmo um exército a lei ia detido. Ligeiro demais. Surpreendente demais.

A desolação tomara conta dos olhos dele. Sentia a sua responsabilidade vivamente demais. Ia ficar insistindo em se culpar pela morte do seu subalterno.

Com relutância, ela falou:

— Tem coisa pior.

— Não pode ser.

— O cérebro dele...

Bryce ficou esperando. Depois, falou: — O que é que tem? O que é que tem o cérebro dele?

— Sumiu.

— Sumiu?

— O crânio dele está vazio. Totalmente vazio.

— Como é que pode saber disso sem ter aberto...

Ela estendeu a lanterna elétrica para ele, interrompendo-o.

— Pegue isso e ilumine as órbitas dele.

Ele não fez nenhum gesto para seguir a sugestão dela. Os seus olhos agora não estavam encobertos. Estavam abertos, arregalados.

Ela reparou que não conseguia segurar direito a lanterna elétrica. Sua mão tremia violentamente.

Ele também reparou. Colocou a lanterna no aparador, ao lado do cadáver amortalhado. Tomou ambas as mãos da moça e segurou-as nas suas, grandes e curtidas; aqueceu-as com as mãos em concha.

Ela falou:

— Não há nada para além das órbitas, nada, absolutamente nada, nada mesmo, exceto a parte de trás do crânio dele.

Bryce esfregou-lhe as mãos, tranquilizadoramente.

— Só uma cavidade úmida, escareada — continuou ela.

Enquanto falava, a sua voz aumentava de volume e falhava: — Aquilo corroeu o rosto dele, corroeu os seus olhos, provavelmente com a mesma velocidade com que ele era capaz de piscar, pelo amor de Deus, corroeu a sua boca e arrancou a língua pela raiz, retirou as gengivas que cobriam os seus dentes, depois corroeu o céu da boca, Jesus, e simplesmente consumiu o seu cérebro, consumiu todo o sangue do seu corpo também, provavelmente chupou-o todo e...

— Calma, calma — falou Bryce.

Mas as palavras jorravam aos trancos e barrancos, como se fossem elos de uma cadeia que a prendesse a um albatroz.

— ...consumiu tudo aquilo num máximo de dez ou doze segundos, o que é impossível, maldito seja, simplesmente impossível!

Devorou... está compreendendo?... devorou quilos e quilos de tecido...

só o cérebro pesa uns três quilos... devorou tudo isso em dez ou doze segundos!

Ela ficou arfando, as mãos presas nas dele.

Ele a levou para um sofá coberto por um pano empoeirado.

Sentaram-se lado a lado.

No outro canto da sala, nenhum dos outros estava olhando para aquele lado.

Jenny ficou contente por isso. Não queria que Lisa a visse naquele estado.

Bryce pôs a mão no seu ombro. Falou-lhe em voz baixa, reconfortante.

Aos poucos ela foi ficando mais calma. Não menos perturbada. Não com menos medo. Simplesmente mais calma.

— Melhor? — perguntou Bryce.

— Como diria a minha irmã... acho que fraquejei com você, não foi?

— De modo algum. Está brincando ou o quê? Eu nem mesmo pude pegar a lanterna e olhar para dentro daqueles ossos, como você queria que eu fizesse. Você é que teve coragem para examiná-lo.

— Bem, obrigada por ter me acalmado. Você sabe como ninguém costurar nervos esfarrapados.

— Eu? Mas eu não fiz nada.

— Você tem um jeito bem reconfortante de não fazer nada.

Ficaram em silêncio, pensando em coisas em que não queriam pensar.

Então, ele falou:

— Aquela mariposa... — Ela esperou. — De onde veio! — perguntou ele.

— Do inferno?

— Mais alguma sugestão? Jenny deu de ombros.

— Era mesozóica? — falou, em tom de brincadeira.

— Quando foi isso?

— Era dos dinossauros.

Os olhos azuis dele brilharam, interessados.

— Mariposas como aquela existiam naquele tempo?

— Não sei — admitiu ela.

— Dá para imaginá-la voando por cima dos pântanos pré-históricos.

— É. Atacando os animais pequenos, incomodando um Tyrannosaurus rex do mesmo jeito que as nossas pequenas mariposas de verão nos incomodam.

— Mas se é da era mesozóica, onde andou escondida nos últimos cem milhões de anos? — perguntou ele. Mais segundos se passaram.

— Será que podia ser... algo de um laboratório de engenharia genética? — ela se perguntou. — Uma experiência com recombinação de ADN?

— Será que já estão tão adiantados? Podem produzir espécies totalmente novas? Eu só sei daquilo que leio nos jornais, mas pensei que ainda faltavam anos para chegarem a esse tipo de coisa. Ainda estão trabalhando com bactérias.

— Você provavelmente tem razão — disse ela. — No entanto...

— É. Nada é impossível porque a mariposa está aqui. Depois de novo silêncio, ela falou:

— E o que mais estará rastejando ou voando por aí?

— Está pensando no que aconteceu a Jack Johnson?

— É. O que foi que o levou? Não foi a mariposa. Mesmo mortífera como ela é, não poderia tê-lo matado sem barulho, e não poderia carregá-lo para longe. — Ela soltou um suspiro. — Sabe, a princípio eu não quis tentar sair da cidade porque tinha medo de que fôssemos espalhar uma epidemia. Agora não tentaria sair porque sei que não sairíamos com vida. Seríamos detidos.

— Não, não, estou certo de que poderíamos tirar você daqui — falou Bryce. — Se pudermos provar que isso não tem nada a ver com doenças, se o pessoal do general Copperfield puder eliminar isso, então, é claro, você e Lisa serão levadas embora em segurança, imediatamente.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Tem algo lá fora, Bryce, algo mais astucioso e muito mais intimidador do que a mariposa, e que não quer que nós vamos embora. Quer brincar conosco antes de nos matar. Não vai deixar nenhum de nós partir; então, é bom encontrarmos logo essa coisa e descobrir como lidar com ela antes que ela fique cansada da brincadeira.

Nas duas salas do grande restaurante do Hilltop Inn, as cadeiras estavam empilhadas de cabeça para baixo em cima das mesas, tudo coberto com grandes pedaços de plástico verde. Na primeira sala, Bryce e os outros removeram as coberturas de plástico, tiraram as cadeiras de cima da mesa e começaram a preparar o lugar para servir como lanchonete.

Na segunda sala, os móveis tiveram que ser retirados para abrir espaço para os colchões que, mais tarde, seriam trazidos do andar superior. Tinham começado a esvaziar aquela parte do restaurante

quando escutaram o som débil, mas inconfundível, de motores de automóveis.

Bryce se dirigiu para as portas envidraçadas. Olhou para a esquerda, para o começo da ladeira da Skyline Road. Três carros-patrulha do condado vinham subindo a rua, as luzes vermelhas do teto piscando.

— Estão aqui — disse Bryce aos outros.

Estivera pensando nos reforços como um reabastecimento reconfortante do seu contingente dizimado. Agora se dava conta de que mais dez homens ou mais um era praticamente a mesma coisa.

Jenny Paige tivera razão quando dissera que a vida de Stu Wargle provavelmente não teria sido salva se tivessem esperado pelos reforços antes de deixarem a subdelegacia.

Todas as luzes do Hilltop Inn e também da rua principal piscaram. Ficaram baixas. Apagaram-se. Mas voltaram depois de apenas um segundo de escuridão.

Eram 23h15 de domingo, e começara a contagem regressiva para a meia-noite, a hora do encantamento.

18

Londres, Inglaterra

Quando a meia-noite chegou na Califórnia, eram oito horas da manhã de segunda-feira em Londres.

O dia estava melancólico. Nuvens cinzentas se derretiam sobre a cidade. Uma garoa constante e desanimadora caía desde antes do alvorecer. As árvores afogadas pendiam murchas, as ruas cintilavam sombriamente e todo mundo que andava pelas calçadas parecia possuir guarda-chuvas pretos.

No Churchill Hotel, em Portman Square, a chuva batia de encontro às janelas e escorria pelos vidros, distorcendo a visão no refeitório. Raios ocasionais, cuja luz passava pelas vidraças tomadas pela água, lançavam breves imagens imprecisas de gotas de chuva nas toalhas de mesa brancas e limpas.

Burt Sandler, de Nova York, em viagem de negócios a Londres, sentava-se a uma das mesas junto à janela, imaginando como, em nome de Deus, iria justificar o tamanho desta conta de café da manhã na sua despesa de representação. O seu convidado começara pedindo uma garrafa de bom champanhe: Mumm's Extra Dry, que não era barato. Junto com o champanhe, o seu convidado queria caviar — champanhe e caviar no café da manhã! — e duas qualidades de frutas frescas. E estava claro que o velhote ainda não parara de fazer os seus pedidos.

Do outro lado da mesa, o dr. Timothy Flyte, o objeto do espanto de Sandler, examinava o cardápio com alegria infantil. Falou para o garçom:

— E quero também um pouco dos seus croissants.

— Pois não, senhor — retrucou o garçom.

— Estão frescos?

— Estão sim, senhor. Bem frescos.

— Ótimo. E ovos — continuou Flyte. — Dois belos ovos, é claro, com a gema mole, e torradas com manteiga.

— Torradas? — perguntou o garçom. — Além dos dois croissants, senhor?

— É, é sim — disse Flyte, roçando o dedo pelo colarinho ligeiramente puído da camisa branca. — E uma porção de bacon com os ovos.

O garçom pestanejou.

— Sim, senhor.

Finalmente, Flyte ergueu os olhos para Burt Sandler.

— O que é um café da manhã sem bacon! Não estou certo?

— Eu também sou adepto do ovos-com-bacon — concordou Burt Sandler, forçando um sorriso.

— Muito sensato da sua parte — falou Flyte, judiciosamente. Os óculos de aros largos tinham escorregado nariz abaixo e agora estavam encarapitados na ponta redonda e vermelha do próprio. Com um dedo comprido e magro ele os recolocou no lugar.

Sandler reparou que a armação, na parte que repousava sobre o nariz, tinha sido quebrada e remendada. O remendo era tão nitidamente amador que ele desconfiou ter sido feito pelo próprio Flyte, para poupar dinheiro.

— As linguiças estão boas? — perguntou Flyte ao garçom. — Diga a verdade. Eu as devolverei imediatamente se não forem da melhor qualidade.

— Temos linguiças excelentes — assegurou-lhe o garçom. — Eu mesmo gosto muito delas.

— Linguiças, então.

— Em vez do bacon, senhor?

— Não, não, não. Além dele — disse Flyte, como se a pergunta do garçom não fosse apenas ditada pela curiosidade, mas pela burrice.

Flyte tinha 58 anos, mas parecia uma década mais velho. O seu cabelo ralo e espetado se enroscava no alto da cabeça e sobressaía ao redor das orelhas grandes como se estivesse cheio de eletricidade estática. Tinha o pescoço esquálido e enrugado; os ombros eram estreitos; o seu corpo tendia mais para ossos e

cartilagem do que para carne. Podia-se duvidar, legitimamente, que fosse capaz de comer tudo aquilo que tinha pedido.

— Batatas — falou Flyte.

— Pois não, senhor — disse o garçom, anotando no bloco de pedidos, onde já quase não havia espaço para escrever.

— Tem pasteizinhos doces? — indagou Flyte.

O garçom, um modelo de comportamento, dadas as circunstâncias, sem ter feito a mais leve alusão à gula espantosa de Flyte, olhou para Burt Sandler, como que a dizer: O seu avô é totalmente senil, senhor, ou é um corredor de maratonas que precisa de calorias?

Sandler apenas sorriu.

Para Flyte, o garçom falou:

— Temos sim, senhor, de diversos tipos. Temos um delicioso...

— Traga-me um prato deles, variados. No final da refeição, é claro.

— Perfeitamente, senhor.

— Bom. Ótimo. Excelente! — disse Flyte, todo sorridente.

Finalmente, coin uma ponta de relutância, deixou de lado o seu cardápio.

Sandler quase soltou um suspiro de alívio. Pediu suco de laranja, ovos, bacon e torradas, enquanto o professor Flyte ajeitava o cravo de um dia de idade preso à lapela do seu terno azul um tanto lustroso.

Quando Sandler terminou de fazer o seu pedido, Fly te inclinou-se para ele com ar de conspiração.

— Vai tomar um pouco do champanhe, sr. Sandler?

— Creio que vou aceitar uma ou duas taças — disse Sandler, esperando que as borbulhas liberassem a sua mente e o ajudassem a formular uma explicação digna de crédito para esta extravagância, uma história que pudesse convencer até mesmo os contadores parcimoniosos que examinariam a conta com microscópio de elétron.

Flyte olhou para o garçom.

— Então é melhor o senhor trazer duas garrafas.

Sandler, que estava sorvendo água gelada, quase se engasgou. O garçom se foi e Flyte espiou pela janela manchada de água ao

lado da mesa deles.

— Que tempo horrível. Nova York no outono é assim?

— Temos nossa cota de dias chuvosos. Mas o outono pode ser belo às vezes.

— Aqui também — disse Flyte. — Embora eu imagine que tenhamos mais dias como este do que vocês. A reputação de Londres para o tempo chuvoso não é inteiramente imerecida.

O professor insistiu em conversar fiado até que o champanhe e o caviar tivessem sido servidos, como se temesse que, tão logo o assunto de negócios tivesse sido discutido, Sandler mandaria prontamente cancelar o resto do pedido.

Ele parece um personagem de Dickens, pensou Sandler.

Tão logo tinham feito um brinde, desejando-se mutuamente boa sorte, e tinham sorvido o Mumm's, Flyte falou: — Quer dizer que veio desde Nova York para me ver, não é?

Seus olhos brilhavam alegremente.

— Para ver diversos escritores, na verdade — falou Sandler. — Faço essa viagem uma vez ao ano. Sondo os livros em andamento. Os autores britânicos são populares nos Estados Unidos, especialmente os autores de thrillers.

— MacLean, Follet, Forsythe, Bagley, essa turma?

— É, e alguns são mesmo muito populares.

O caviar estava soberbo. Por insistência do professor, Sandler experimentou um pouco com cebola batidinha. Flyte enchia pequenas fatias de torradas com montes de caviar e comia-o sem o auxílio de condimentos.

— Mas não vim apenas em busca de thrillers — explicou Sandler. — Estou atrás de outros gêneros também. E de autores desconhecidos também. E ocasionalmente sugiro projetos, quando tenho um assunto para um determinado autor.

— Aparentemente, tem algo em mente para mim.

— Primeiro, deixe-me dizer-lhe que li O inimigo antigo logo que foi publicado e achei-o fascinante.

— Muitas pessoas acharam-no fascinante — falou Flyte. — Mas a maior parte achou-o enfurecedor.

— Ouvi dizer que o livro criou problemas para o senhor.

— Virtualmente apenas problemas.

— Tais como?

— Perdi meu cargo na universidade há quinze anos, na idade de 43 anos, quando a maioria dos acadêmicos está adquirindo estabilidade no emprego.

— Perdeu o seu cargo por causa de O inimigo antigo?

— Eles não puseram a coisa nesses termos — disse Flyte —-, engolindo um bocado de caviar. — Isso faria com que parecessem ter a mente muito estreita. Os administradores da minha faculdade, o chefe do meu departamento e a maior parte dos meus ilustres colegas preferiram atacar indiretamente. Meu caro sr. Sandler, a competição entre políticos ambiciosos e as atitudes maquiavélicas dos jovens executivos nas grandes companhias são ninharias, em termos de baixeza e perversidade, quando comparadas ao comportamento dos acadêmicos que, de repente, vislumbram uma oportunidade de galgar os degraus da vida universitária à custa de um colega. Espalharam boatos sem fundamento, nojeiras escandalosas sobre as minhas preferências sexuais, sugestões de confraternização íntima com as minhas alunas. E com os meus alunos também, diga-se de passagem.

Nenhuma dessas calúnias foi discutida abertamente num fórum onde eu pudesse refutá-las. Apenas boatos, murmurados por trás das costas.

Venenosos.

Mais abertamente, fizeram sugestões polidas de incompetência, excesso de trabalho, fadiga mental. Foram me eliminando aos poucos, entende, embora para mim isso fosse tão penoso quanto uma demissão abrupta. Dezoito meses depois da publicação de O inimigo antigo, tinham me posto na rua. E nenhuma outra universidade queria me aceitar, ostensivamente por causa de minha má reputação. O verdadeiro motivo, é claro, era que minhas teorias eram excêntricas demais para os gostos acadêmicos. Fui acusado de tentar fazer fortuna explorando o gosto do homem comum pela pseudociência e pelo sensacionalismo, de vender a minha credibilidade.

Flyte parou para tomar mais um gole de champanhe, saboreando-o. Sandler ficou genuinamente chocado com o que Flyte lhe contara.

— Mas isso é um absurdo! O seu trabalho foi um tratado erudito. Jamais foi dirigido às listas de bestsellers. O homem comum teria a maior dificuldade em acompanhar O inimigo antigo. É virtualmente impossível fazer fortuna com esse tipo de obra.

— Um fato que meus direitos autorais bem podem atestar — disse Flyte, terminando o restinho do caviar.

— O senhor era um arqueólogo respeitado — disse Sandler.

— Bem, nunca fui assim tão respeitado — disse Flyte, depreciando a si mesmo. — Embora nunca tivesse sido uma vergonha para a minha profissão, como foi sugerido com tanta frequência posteriormente. Se a conduta de meus colegas lhe parece incrível, sr. Sandler, é porque o senhor não compreende a natureza dó animal.

Quero dizer, do animal cientista. Os cientistas são educados para acreditar que todo novo conhecimento vem em porções minúsculas, grãos de areia empilhados uns sobre os outros. Portanto, nunca estão preparados para aqueles visionários que chegam a novas conclusões que, da noite, para o dia, transformam completamente todo um campo de investigação. Copérnico foi ridicularizado por seus contemporâneos por crer que os planetas giravam em torno do sol. Claro que mais tarde provou-se que Copérnico estava com a razão. Existem exemplos incontáveis na história da ciência. — Flyte enrubesceu e bebeu mais champanhe. — Não que eu me compare a Copérnico ou a qualquer desses outros grandes homens. Estou simplesmente tentando explicar por que meus colegas estavam condicionados a se voltar contra mim.

Eu devia ter esperado por isso.

O garçom veio apanhar o prato de caviar. Aproveitou para servir o suco de laranja de Sandler e as frutas frescas de Flyte.

Quando ficou sozinho de novo com Flyte, Sandler perguntou: — Ainda acredita que sua teoria tinha validade?

— Inteiramente! — exclamou Flyte. — Estou certo: ou, pelo menos, há uma chance danada de boa que esteja. A história está cheia de misteriosos desaparecimentos em massa para os quais os historiadores e arqueólogos não podem oferecer explicações viáveis.

Os olhos remelentos do professor ficaram vivos e penetrantes por sob as fartas sobrancelhas brancas. Inclinou-se sobre a mesa, fixando Burt Sandler com um olhar hipnótico.

— No dia 10 de dezembro de 1939 — continuou Flyte —, perto das colinas de Nanquim, um exército de três mil soldados chineses, a caminho da linha de frente para lutar contra os japoneses, simplesmente desapareceu sem deixar vestígios, antes de sequer se aproximar da batalha. Nem um só corpo foi encontrado. Nem uma única sepultura. Nem uma testemunha. Os historiadores militares japoneses jamais encontraram registros de terem enfrentado aquela força chinesa em particular. No campo por onde passaram os soldados desaparecidos, nenhum camponês ouviu ruídos de tiros ou outras indicações de conflito. Um exército evaporou-se em pleno ar. Em 1711, durante a Guerra Espanhola de Sucessão, quatro mil soldados partiram para uma expedição aos Pireneus. Até o último homem desapareceu em terreno familiar e amistoso, antes mesmo de montarem acampamento na primeira noite.

Flyte ainda era tão entusiasmado pelo tema quanto o fora ao escrever o seu livro, dezessete anos antes. As frutas e o champanhe estavam esquecidos. Ele fitava Sandler como que o desafiando a contestar as suas notórias teorias.

— Numa escala maior — prosseguiu o professor —, consideramos as grandes cidades maias de Copán, Piedras Negras, Palenque, Menché, Seibal e várias outras que foram abandonadas da noite para o dia. Dezenas de milhares, centenas de milhares de maias abandonaram as suas casas em 610 d.C, aproximadamente, talvez no espaço de uma semana, talvez no espaço de um dia. Alguns parecem ter fugido para o norte, para fundar novas cidades, mas há evidências de que inúmeros milhares simplesmente desapareceram. Tudo isso num espaço de tempo chocantemente curto. Não se deram ao trabalho de levar muitas das suas panelas, ferramentas, utensílios de cozinha...

Meus ilustres colegas dizem que a terra ao redor daquelas cidades maias ficou infértil, tornando essencial, dessa forma, a mudança do povo para o norte, onde a terra seria mais produtiva. Se esse grande êxodo, porém, foi planejado, por que deixar para

trás os pertences? Por que deixar para trás as preciosas sementes de milho? Por que nem um só sobrevivente voltou para saquear aquelas cidades com os tesouros abandonados? — Flyte bateu na mesa de leve com o punho cerrado. — É irracional! Os emigrantes não começam viagens longas e árduas sem se preparar, sem levar todas as ferramentas que possam ajudá-los.

Além disso, em algumas das casas de Piedras Negras e Seibal existem evidências de que as famílias partiram depois de preparar refeições elaboradas... mas sem comê-las. Isso sem dúvida pareceria indicar que a partida deles fora repentina. Nenhuma teoria atual responde adequadamente a essas perguntas — exceto a minha, por mais excêntrica que seja, por mais estranha que seja, por mais impossível que seja.

— Por mais assustadora que seja — acrescentou Sandler.

— Exatamente — concordou Flyte.

O professor afundou de volta na cadeira, sem fôlego. Reparou na taça de champanhe, agarrou-a, esvaziou-a e lambeu os lábios.

O garçom apareceu e voltou a encher as taças.

Flyte consumiu rapidamente as suas frutas, como que temendo que o garçom pudesse levar embora os morangos de estufa se eles permanecessem intactos.

Sandler teve pena do velhote. Era evidente que há muito tempo o professor não era convidado para uma refeição cara servida numa atmosfera elegante.

— Fui acusado de tentar explicar todos os desaparecimentos misteriosos, dos maias até o juiz Crater e Amelia Earhart, com uma única teoria. Isso foi muito injusto. Jamais mencionei o juiz ou a desafortunada aviadora. Estou interessado apenas no desaparecimento em massa inexplicado de seres humanos e de animais. Houve literalmente centenas deles ao longo da História.

O garçom trouxe croissants.

Do lado de fora, um raio cruzou velozmente o céu sombrio e botou o pé pontiagudo na terra, em outra parte da cidade. A sua descida flame-jante foi acompanhada de um terrível estrondo e um rugido que ecoou por todo o firmamento.

Sandler falou:

— Se, após a publicação do seu livro, tivesse havido um novo e espantoso desaparecimento em massa, isso teria dado considerável credibilidade...

— Ah — interrompeu Flyte, batendo enfaticamente na mesa com o dedo esticado —, mas houve tais desaparecimentos!

— Mas sem dúvida teriam sido notícia de primeira página...

— Tive ciência de dois casos. Pode haver outros. — insistiu Flyte. — Um deles foi o desaparecimento de grandes quantidades de espécimes inferiores... especificamente peixes. Foi comentado na imprensa, mas sem grande destaque. Política, assassinato, sexo e cabras de duas cabeças são as únicas coisas que os jornais gostam de noticiar. É preciso ler revistas científicas para saber o que está realmente acontecendo. Foi por isso que eu soube que, faz oito anos, os biólogos marinhos notaram um decréscimo dramático da quantidade de peixes numa das regiões do Pacífico. Na realidade, em algumas espécies houvera uma redução pela metade. Em certos círculos científicos houve pânico a princípio, um medo de que a temperatura do oceano pudesse estar sofrendo uma súbita modificação que fosse despovoar os mares de todas as espécies, exceto as mais resistentes. Mas esse acabou não sendo o caso. Aos poucos a vida marinha naquela área — que cobria centenas de quilômetros quadrados — acabou se reabastecendo. No fim, ninguém pôde explicar o que acontecera aos milhões e milhões de criaturas que tinham desaparecido.

— Poluição — sugeriu Sandler, alternando goles de suco de laranja e de champanhe.

Passando marmelada num pedaço de croissant, Flyte disse: — Não, não, não. Não senhor. Teria sido preciso o mais maciço caso de poluição da água já registrado para causar um despovoamento tão devastador numa área tão extensa. Um acidente naquela escala não teria passado despercebido. Mas não houve acidentes, nem vazamentos de óleo, nada. Na verdade, um mero vazamento de óleo não poderia ser responsável; a região afetada e o volume de água eram vastos demais para isso. E não apareceram peixes mortos nas praias. Os peixes simplesmente desapareceram sem deixar vestígio.

Burt Sandler estava empolgado. Podia sentir o cheiro do dinheiro. Tinha palpites sobre alguns livros, e nenhum dos seus palpites jamais dera errado. (Bem, se não contarmos o livro de dietas escrito pela estrela de cinema que, uma semana antes da data da publicação, morreu de desnutrição depois de passar seis meses se alimentando de toranja, mamão, torradas com passas e cenouras.) Havia um bestseller certo nessa história; duzentos ou trezentos mil exemplares encadernados, talvez até mais; dois milhões em brochuras.

Se ele pudesse persuadir Flyte a popularizar e atualizar o material acadêmico árido de O inimigo antigo, o professor poderia pagar o seu próprio champanhe por muitos e muitos anos.

— O senhor falou que teve ciência de dois desaparecimentos em massa desde a publicação de seu livro — disse Sandler, encorajando-o a continuar.

— O outro foi na África, em 1980. Entre três a quatro mil nativos de uma tribo — homens, mulheres e crianças — desapareceram de uma área relativamente remota da África Central. Encontraram vazias as suas aldeias; tinham abandonado todos os seus pertences, inclusive grandes quantidades de comida. Pareciam simplesmente ter corrido para dentro do mato. Os únicos sinais de violência eram alguns pedaços quebrados de cerâmica. Claro que os desaparecimentos em massa naquela parte do mundo são mais tristemente frequentes do que costumavam ser, principalmente devido à violência política. Os mercenários cubanos, operando com armamentos soviéticos, vêm contribuindo para o extermínio de tribos inteiras que não estão dispostas a colocar suas identidades étnicas a reboque dos propósitos revolucionários. Porém, quando aldeias inteiras são chacinadas para fins políticos, são sempre saqueadas, depois queimadas, os corpos sendo enterrados em covas comunitárias. Nesse caso a que me refiro não houve saques, nem queimadas, nem corpos encontrados. Algumas semanas mais tarde, os guarda-caças naquele distrito comunicaram um decréscimo inexplicável na população animal. Ninguém ligou o fato aos aldeões desaparecidos; considerou-se isso um fenômeno separado.

— Mas o senhor sabe que não é assim.

— Bem, eu desconfio que não é assim — disse Flyte, passando geleia de morango num último pedaço de croissant.

— A maior parte desses desaparecimentos parece ocorrer em áreas remotas — disse Sandler. — O que torna difícil a verificação,

— É. Isso também me foi lançado no rosto. Na verdade, a maior parte dos incidentes provavelmente ocorre no mar, pois este cobre a maior parte da Terra. O mar pode ser tão remoto quanto a Lua, e muita coisa que ocorre por sob as ondas fica ignorada por nós. No entanto, não se esqueça dos dois exércitos que mencionei: o chinês e o espanhol.

Esses desaparecimentos ocorreram dentro do contexto da civilização moderna. E se dezenas de milhares de maias foram vítimas do inimigo antigo para cuja existência criei a minha teoria, então aquele foi um caso em que cidades inteiras, centros de uma civilização, foram atacadas com ousadia assustadora.

— Acha que poderia acontecer agora, hoje...

— Sem dúvida alguma!

— ...num lugar como Nova York, ou mesmo aqui em Londres?

— Claro que sim! Poderia acontecer virtualmente em qualquer parte que tenha as escoras geológicas que descrevi no meu livro.

Ficaram os dois sorvendo champanhe, pensando.

A chuva martelava as janelas com maior fúria do que antes.

Sandler não tinha certeza de que acreditava nas teorias que Flyte formulara em O inimigo antigo. Sabia que elas podiam formar a base de um livro de tremendo sucesso, escrito em linguagem popular, mas isso não significava que tinha que acreditar nelas. Não queria realmente acreditar. Acreditar era como abrir a porta do Inferno.

Olhou para Flyte, que estava ajeitando novamente o seu cravo murcho, e falou:

— Isso me dá arrepios.

— E deve dar — assentiu Flyte. — Deve dar mesmo. O garçom chegou com ovos, bacon, linguiças e torradas.

19

Na calada da noite

O hotel era uma fortaleza.

Bryce ficou satisfeito com os preparativos que tinham sido feitos.

Finalmente, após duas horas de trabalho árduo, ele se sentou à mesa da lanchonete improvisada, sorvendo café sem cafeína numa caneca branca de cerâmica em que estava gravado o timbre azul do hotel.

Por volta de uma e meia da madrugada, com a ajuda dos dez delegados que tinham vindo de Santa Mira, muita coisa tinha sido feita.

Uma das duas salas fora convertida em dormitório; havia vinte colchões enfileirados no chão, o suficiente para acomodar qualquer turno da equipe de investigação, mesmo depois da chegada do pessoal do general Copperfield. Na outra metade do restaurante, duas mesas compridas foram armadas numa das extremidades, onde se poderia formar uma fila de pessoas para se servirem na hora das refeições. A cozinha fora limpa e posta em ordem. O grande saguão fora transformado num enorme centro de operações, com escrivaninhas, algumas improvisadas, máquinas de escrever, arquivos, quadros de avisos e um grande mapa de Snowfield.

Além disso, fora feita uma meticulosa inspeção de segurança no hotel, e foram tomadas medidas para impedir uma invasão pelo inimigo.

As duas entradas dos fundos — uma através da cozinha, outra através do saguão — estavam trancadas, e uma segurança adicional fora conseguida por meio de grandes tábuas enfiadas sob

as trancas e pregadas nas molduras das portas. Bryce mandara tomar essa precaução extra para evitar o desperdício de guardas nessas entradas.

A porta que dava para as escadas de emergência estava lacrada da mesma forma; nada podia entrar nos andares superiores do hotel e descer para surpreendê-los. Agora, somente um par de pequenos elevadores ligava o térreo aos três andares superiores, e havia dois guardas de vigia ali. O outro guarda vigiava a entrada principal. Um grupo de quatro homens se assegurara de que todos os quartos superiores estavam vazios. Um outro grupo verificara que todas as janelas do térreo estavam trancadas; a maior parte também estava fechada pela própria tinta com que fora pintada. Apesar disso, as janelas eram o ponto fraco nas fortificações deles.

Se alguma coisa tentar entrar por meio de uma janela, pensou Bryce, pelo menos teremos o ruído do vidro se partindo para nos alertar.

Cuidara-se também de diversos outros detalhes. O corpo mutilado de Stu Wargle fora temporariamente guardado num quartinho para material de limpeza adjacente ao saguão. Bryce montara uma escala de serviço e criara turnos de doze horas para os próximos três dias, prevendo a hipótese da crise durar tanto tempo. Finalmente, não pôde pensar em mais nada para ser feito até o alvorecer.

Agora estava sentado sozinho a uma das mesas redondas no refeitório, sorvendo o café, tentando equacionar os acontecimentos daquela noite. Os seus pensamentos acabavam voltando sempre para uma ideia indesejada:

O cérebro dele tinha sumido. O sangue todo fora chupado... até a última maldita gota.

Afastou da cabeça a imagem nauseante do rosto destruído de Wargle, levantou-se, foi buscar mais café, depois voltou para a mesa.

O hotel estava muito quieto.

Na outra mesa, três dos homens do turno da noite — Miguel Hernandez, Sam Potter e Henry Wong — jogavam cartas, mas não falavam muito. Quando falavam, era quase aos sussurros.

O hotel estava muito quieto.

O hotel era uma fortaleza.

O hotel era uma fortaleza, porra.

Mas seria seguro?

Lisa escolheu um colchão num canto do dormitório, onde podia dar as costas a uma parede.

Jenny desdobrou um dos dois cobertores empilhados ao pé do colchão e cobriu a mocinha.

— Quer o outro?

— Não — falou Lisa. — Esse chega. Mas é gozado, eu me deitar toda vestida.

— Logo as coisas voltarão ao normal — disse ela, mas mal acabou de falar percebeu como era vazia essa afirmação.

— Vai dormir agora?

— Ainda não.

— Gostaria que viesse — falou Lisa. — Gostaria que viesse se deitar neste colchão aqui ao lado.

— Você não está sozinha, meu bem — disse Jenny, afagando o cabelo da jovem.

Alguns delegados — inclusive Tal Whitman, Gordy Brogan e Frank Autry — tinham se deitado nos outros colchões. Havia também três guardas fortemente armados que vigiariam todos os demais durante a noite.

— Eles vão apagar mais um pouco a luz? — indagou Lisa.

— Não. Não podemos nos arriscar a ter escuridão.

— Ótimo. Para mim já estão baixas o suficiente. Você fica comigo até eu pegar no sono? — pediu Lisa, parecendo bem mais jovem do que os seus quatorze anos.

— Claro.

— E conversa comigo?

— Claro. Mas vamos conversar baixinho, para não incomodar os outros.

Jenny se deitou ao lado da irmã, a cabeça apoiada numa das mãos.

— Quer conversar sobre o quê?

— Não importa. Qualquer coisa. Qualquer coisa menos... esta noite.

— Bem, há uma coisa que eu queria lhe perguntar — falou Jenny. — Não é sobre esta noite, mas é sobre uma coisa que você disse esta noite. Lembra quando estávamos sentadas no banco em frente à cadeia, esperando pelo xerife? Lembra que estávamos falando da mamãe e você disse que ela costumava... contar vantagem a meu respeito?

Lisa sorriu.

— A filha dela, a médica. Ah, ela tinha tanto orgulho de você, Jenny. Como acontecera antes, a frase perturbou Jenny.

— E mamãe nunca me culpou pelo derrame do papai? — perguntou.

— Por que culparia? — indagou Lisa, franzindo o cenho.

— Bem... porque acho que causei a ele algum sofrimento, numa certa época. Sofrimento e muita preocupação.

— Você? — perguntou Lisa atônita.

— E quando o médico do papai não pôde controlar a sua pressão alta e ele teve o derrame...

— Segundo a mamãe, a única coisa ruim que você fez em toda a sua vida foi quando resolveu pintar o gato malhado de preto para o Dia das Bruxas e manchou de tinta toda a mobília da varanda.

Jenny riu, surpresa.

— Havia me esquecido disso. Eu tinha apenas oito anos.

Sorriram uma para a outra, e naquele momento sentiram-se irmãs, mais do que nunca.

E então Lisa perguntou:

— Por que você acha que mamãe a culpava pela morte do papai? Foi de causas naturais, não foi? Um derrame. Como isso poderia ser culpa sua?

Jenny hesitou, voltando o pensamento para treze anos atrás, quando tudo começara. O fato da mãe jamais tê-la culpado pela morte do pai lhe dava uma sensação profundamente libertadora. Sentiu-se livre pela primeira vez desde os dezenove anos.

— Jenny?

— Hein?

— Está chorando?

— Não, estou bem — disse, engolindo as lágrimas. — Se a mamãe não me culpava, então eu acho que estava errada me

culpando.

Só estou feliz, meu hem. Feliz por causa do que você me contou.

— Mas o que foi que você pensou que fez? Se vamos ser boas irmãs, não devemos guardar segredos. Me conte, Jenny.

— É uma longa história, mana. Um dia eu conto para você, mas não agora. Agora quero ouvir falar de você.

Conversaram sobre banalidades durante mais alguns minutos, e os olhos de Lisa foram ficando cada vez mais pesados.

Jenny ficou pensando nos olhos gentis e encobertos de Bryce Hammond.

E nos olhos de Jakob e Aida Liebermann, arregalados nas cabeças cortadas.

E nos olhos do delegado Wargle. Sumidos. Aquelas cavidades vazias no crânio oco.

Tentou se forçar a não pensar naquelas coisas macabras, naquele olhar sinistro da morte. Mas os seus pensamentos teimavam em voltar para aquela imagem de violência e morte monstruosas.

Desejou ter alguém para conversar com ela até pegar no sono, como estava fazendo agora com Lisa. Ia ser uma noite muito intranquila.

No quartinho para material de limpeza adjacente ao saguão e encostado ao poço do elevador, a luz estava apagada. Não havia janelas.

Havia no quartinho um leve odor de fluidos de limpeza. Pinho-sol. Lysol. Lustra-móveis. Cera. Outros artigos de limpeza estavam estocados nas prateleiras ao longo de uma das paredes.

No canto direito do aposento que ficava mais longe da porta, havia uma grande pia de metal. A água escorria de uma bica com defeito... uma gota a cada dez ou doze segundos. Cada gota d'água atingia a bacia de metal com um ping macio e cavo.

No centro do quarto, tão amortalhado na completa escuridão quanto todo o resto, o corpo sem rosto de Stu Wargle jazia sobre uma mesa, coberto por um pedaço de pano.

Tudo estava quieto.

Exceto pelo ping monótono da água que gotejava.

Uma expectativa ansiosa pairava no ar.

Frank Autry se encolheu debaixo da coberta, de olhos fechados, e pensou em Ruth. Ruthie, alta, esguia, de rosto meigo. Ruthie, da voz doce mas decidida, Ruthie da risada rouca que a maioria das pessoas achava contagiante, sua mulher há 26 anos. Ela era a única mulher que já amara; ainda a amava.

Falara com ela ao telefone durante alguns minutos, pouco antes de vir se deitar. Não pudera lhe contar muito sobre o que estava acontecendo... só que havia uma situação de cerco ocorrendo em Snowfield, que estavam mantendo isso em sigilo enquanto pudessem, e que, pelo jeito, não iria para casa esta noite. Ruthie não insistira pedindo detalhes. Tinha sido uma boa esposa de militar durante os seus anos no Exército. Ainda era.

Pensar em Ruth era o seu primeiro mecanismo de defesa psicológico. Nas horas de tensão, nas horas de medo, dor e depressão, ele simplesmente pensava em Ruth, concentrava-se unicamente nela, e o mundo árduo desaparecia. Para um homem que passara a maior parte da vida entregue a trabalhos perigosos, para um homem cuja profissão raramente permitia que ele esquecesse que a morte era uma parte íntima da vida, uma mulher como Ruth era um remédio indispensável, uma inoculação contra o desespero.

Gordy Brogan estava com medo de fechar os olhos de novo. Cada vez que os fechara, fora atormentado por visões sangrentas que surgiam da sua própria escuridão particular. Agora jazia sob a coberta, olhos abertos lixos nas costas de Frank Autry.

Mentalmente, compunha a sua carta de demissão para Bryce Hammond, Só poderia datilografar e entregar a carta depois que toda essa história de Snowfield tivesse acabado. Não queria deixar os seus companheiros em meio a uma batalha; não era correto. Poderia até prestar-lhes alguma ajuda, já que parecia não ser necessário que ele atirasse em gente. Todavia, tão logo essa coisa estivesse resolvida, tão logo estivessem de volta a Santa Mira, ele escreveria a carta e a entregaria ao xerife, em mãos.

Não tinha mais dúvidas: o serviço de polícia não era (e jamais tinha sido) coisa para ele.

Ainda era moço; ainda tinha tempo de trocar de profissão.

Tornara-se um tira em parte como um gesto de rebeldia contra os pais, pois era a última coisa que eles queriam que fosse. Tinham notado o jeito fantástico que ele tinha para lidar com animais, a sua capacidade de ganhar a confiança e a amizade de qualquer criatura de quatro pernas em meio minuto cravado, e tinham desejado que se tornasse veterinário. Gordy sempre se sentira sufocado pela afeição infatigável da mãe e do pai, e quando eles o tinham incentivado para uma carreira na medicina veterinária, ele rejeitara a possibilidade. Agora via que eles estavam com a razão e que só queriam o que era melhor para ele. Na verdade, bem no fundo, sempre soubera que eles estavam certos. Ele nascera para curar, não para manter a ordem.

Também se sentira atraído para o uniforme e o distintivo porque ser um tira lhe parecera uma boa forma de provar a sua masculinidade.

A despeito de seu tamanho e músculos impressionantes, a despeito do seu interesse agudo por mulheres, sempre acreditara que os outros o consideravam andrógino. Quando garoto, nunca se interessara por esportes, que era a obsessão dos seus contemporâneos masculinos. E

aquela conversa Interminável sobre carros velozes simplesmente o entediava. Os seus interesses eram outros, meio afeminados aos olhos de alguns. Embora o seu talento fosse apenas médio, adorava pintar.

Tocava trompa. A natureza o fascinava, era um ávido observador de pássaros. A sua aversão pela violência não fora adquirida na vida adulta; mesmo em criança, evitara confrontos. O seu pacifismo, quando considerado junto com a sua reticência na companhia das moças, fazia-o parecer, pelo menos aos próprios olhos, um pouco menos do que másculo. Porém agora, finalmente, ele viu que não precisava provar coisa alguma.

Iria para a faculdade, tomar-se-ia um veterinário. Ficaria satisfeito. Os pais também ficariam felizes. A sua vida entraria nos eixos novamente.

Fechou os olhos, suspirando, profundamente, procurando dormir. Porém, vindas da escuridão, surgiam imagens apavorantes de

cabeças cortadas de cães e gatos, imagens arrepiantes de animais esquartejados e torturados.

Abriu depressa os olhos, ofegando.

O que acontecera a todos os animais de estimação em Snowfield?

O quartinho de material de limpeza, adjacente ao saguão.

Sem janelas, sem luz.

O ping monótono da água caindo na pia de metal tinha parado.

Mas agora não havia silêncio. Algo se mexia na escuridão. Emitia um ruído macio, molhado, sorrateiro, enquanto deslizava pelo quarto escuro como breu.

Jenny ainda não estava pronta para dormir. Foi para a lanchonete, serviu-se de uma xícara de café e se reuniu ao xerife numa mesa de canto.

— Lisa está dormindo? — perguntou ele.

— Como uma pedra.

— E você, como está? Isso deve ser muito difícil para você.

Todos os seus vizinhos, amigos...

— É difícil lamentar do modo adequado — disse ela. — Estou meio entorpecida. Se me permitisse reagir a todas as mortes que me afetaram, estaria um bagaço. Então, mantenho as minhas emoções entorpecidas.

— É uma reação sadia e normal. É assim que todos estamos lidando com a situação.

Beberam o café, papearam um pouco. E então: — Casada? — perguntou ele.

— Não. E você?

— Fui.

— Divorciado?

— Ela morreu.

— Ah, Jesus, é claro. Li a respeito. Desculpe. Um ano atrás, não foi? Acidente de trânsito?

— Um caminhão desgovernado.

Ela estava olhando nos olhos dele e achou que estavam nublados, um pouco menos azuis do que antes.

— Como vai indo o seu filho?

— Ainda está em coma. Acho que nunca vai sair.

— Sinto muito, Bryce, sinto de verdade.

Ele envolveu a caneca com as mãos e ficou fitando o café.

— Do jeito que está, será uma benção, na verdade, se finalmente ele se for. Eu fiquei entorpecido durante algum tempo. Não sentia nada, não só emocional, mas fisicamente também. Houve uma vez em que cortei o dedo quando estava descascando uma laranja; sangrei por toda a cozinha, e até comi uns pedaços de laranja com sangue antes de reparar que havia algo errado. Mesmo assim não senti nenhuma dor.

Ultimamente , estou começando a compreender, a aceitar. — Ergueu os olhos e encarou Jenny. — O estranho é que, desde que cheguei aqui em Snowfield, as coisas não estão mais cinzentas.

— Cinzentas?

— Há muito tempo que todas as coisas perderam o colorido, tem sido tudo cinzento. Mas esta noite...foi o contrário. Esta noite houve tanta emoção, tanta tensão, tanto medo, que tudo ficou extraordinariamente vívido. Então Jenny falou da morte da mãe, do efeito surpreendentemente forte que tivera sobre ela, a despeito dos doze anos de separação parcial que deviam ter amortecido o golpe.

Novamente, Jenny ficou impressionada com a capacidade de Bryce Hammond de fazê-la ficar à vontade. Pareciam conhecer-se há anos.

Ela até mesmo se pegou contando a ele os erros que cometera aos dezoito e dezenove anos, o seu comportamento ingênuo e cabeçudo que tanta dor causara aos pais. No final do seu primeiro ano na faculdade, ela viera a conhecer um homem que a cativara. Ele fazia pós-graduação, chamava-se Campbell Hudson, apelidado de Cam, cinco anos mais velho do que ela. Fora conquistada pela atenção dele, seu charme, sua corte apaixonada. Até então, tivera uma vida protegida; nunca tivera namorado firme, nem mesmo era de sair muito. Era um alvo fácil. Apaixonando-se por Cam Hudson, ela se tornou não apenas sua amante, mas sua aluna e discípula embevecida e praticamente sua escrava dedicada.

— Não consigo imaginá-la submetendo-se a alguém — disse Bryce.

— Eu era jovem.

— Sempre uma desculpa aceitável.

Ela fora viver com Cam, sem tomar as devidas precauções para esconder da mãe e do pai o seu pecado. E eles achavam mesmo que era pecado. Depois, ela decidira — ou melhor, deixara que Cam decidisse por ela — que abandonaria os estudos e iria trabalhar como garçonete para ajudá-lo a se manter enquanto ele concluía o seu mestrado e doutorado.

Depois de aprisionada no cenário servil de Cam Hudson, passou, aos poucos, a achá-lo menos atencioso e menos encantador do que fora no passado. Descobriu que ele tinha um gênio violento. O pai dela morreu quando ela ainda estava vivendo com Cam, e, no enterro, ela sentiu que a mãe a culpava pelo falecimento prematuro. Contando um mês exato do dia em que o pai fora enterrado, descobriu que estava grávida. Já estava grávida quando ele morrera. Cam ficou furioso e insistiu num aborto rápido. Ela pediu um dia para pensar no assunto, mas ele ficou enraivecido até mesmo com um atraso de 24 horas.

Espancou-a tão brutalmente que ela abortou. Tudo terminou então. A tolice terminou, ela amadureceu de um dia para o outro... embora o seu amadurecimento abrupto tivesse vindo tarde demais para agradar ao pai.

— Desde então — contou a Bryce — passei a minha vida trabalhando duro — talvez duro demais — para provar à minha mãe que estava arrependida e que era, afinal de contas, digna do seu amor.

Trabalhei nos fins de semana, recusei inúmeros convites para festas, cortei as férias na maior parte dos últimos doze anos, tudo com o propósito de me aperfeiçoar. Não visitei a família tanto quanto devia.

Não podia enfrentar a minha mãe. Podia ler a acusação em seus olhos.

E então, hoje à noite, soube por Lisa a coisa mais espantosa.

— A sua mãe jamais a culpou — disse Bryce, exibindo aquela sensibilidade e percepção fantásticas que ela já vira nele antes.

— Acertou! —disse Jenny. — Ela nunca me acusou de nada.

— Provavelmente tinha até orgulho de você.

— Acertou de novo. Nunca me considerou culpada pela morte de papai. Eu é que vivia me culpando. A acusação que eu achava que

via nos olhos dela era apenas um reflexo dos meus próprios sentimentos de culpa. — Jenny riu baixinho e amargamente, sacudindo a cabeça. — Seria engraçado se não fosse tão triste.

Nos olhos de Bryce Hammond ela viu a compaixão e compreensão que vinha buscando desde o enterro do pai.

— Somos muito parecidos em algumas coisas, você e eu. Acho que ambos temos complexo de mártir.

— Não tenho mais — disse ela. — A vida é curta demais. Isso é algo que acabei aprendendo hoje. De agora em diante vou viver, viver de verdade... se Snowfield deixar.

— Vamos vencer essa situação — disse ele.

— Gostaria de ter certeza.

— Sabe — falou Bryce —, ter alguma coisa pela qual esperar vai nos ajudar a vencer. Então, que tal me dar uma coisa pela qual esperar?

— Hein?

— Um encontro. — Ele se inclinou para a frente. O cabelo espesso e avermelhado lhe caiu nos olhos. — Ristorante Gervasio, em Santa Mira. Minestrone. Camarões na manteiga e alho. Uma boa vitela, quem sabe um filé. Acompanhamento de massa. Eles fazem um maravilhoso vermicelli al pesto. Um bom vinho.

Ela abriu um sorriso.

— Eu adoraria.

— Esqueci de falar no pão de alho.

— Ah, adoro pão de alho.

— Zabaglione de sobremesa.

— Vão ter que carregar a gente para fora — disse ela.

— Vou providenciar os carrinhos de mão.

Papearam por mais alguns minutos, aliviando a tensão; depois, finalmente, ambos se sentiram prontos para dormir.

Ping.

No quartinho de limpeza escuro onde o corpo de Stu Wargle jazia sobre uma mesa, a água recomeçara a pingar na pia de metal.

Ping,

Algo continuava a se mover sorrateiramente na escuridão, rodeando e rodeando a mesa. Fazia um ruído untuoso, molhado, de quem deslizava na lama.

Aquele não era o único som no aposento; havia muitos outros ruídos, lodos baixos e suaves. O arfar de um cão cansado. O sibilar de um gato zangado. Um riso tranquilo, cristalino, persistente; o riso de uma criança pequena. Depois, o choramingar doloroso de uma mulher.

Um gemido. D in suspiro. O gorjeio de um pardal, emitido com clareza, mas baixinho, para não chamar a atenção dos guardas colocados no saguão. O chocalhar de uma cascavel. O zumbido de mangangás. O

zunido mais estridente e sinistro das vespas. Um cão rosnando.

Os ruídos cessaram tão abruptamente quanto tinham começado.

O silêncio retornou.

O silêncio perdurou, total, exceto pelas notas regularmente espaçada da água que caía, durante cerca de um minuto.

Ping.

Houve um farfalhar de pano no quarto sem luz. A mortalha que cobria o cadáver de Wargle. A mortalha escorregara de cima do morto e caíra ao chão.

Um deslizar, de novo.

E um ruído de madeira seca se lascando. Um ruído frágil, abafado, mas violento. Como um osso se partindo, vivamente.

Novamente o silêncio.

Ping.

Silêncio.

Ping. Ping. Ping.

Enquanto Tal Whitman esperava pelo sono, pensou no medo.

Esta era a palavra-chave; era a emoção básica que o forjara. O medo. A sua vida era uma longa e vigorosa negação do medo, uma refutação da sua existência. Ele se recusava a ser afetado (e humilhado e motivado) pelo medo. Não admitia que coisa alguma pudesse lhe dar medo. Bem cedo, na vida, a dura experiência lhe ensinara que até o mero admitir do medo poderia expô-lo ao seu apetite voraz.

Ele nascera e se criara no Harlem, onde o medo estava em toda a parte; medo de quadrilhas de rua, medo dos viciados, medo da violência sem sentido, medo da privação econômica, medo de ser excluído do fluxo da vida. Naqueles cortiços, naquelas ruas

cinzentas, o medo esperava para engolir você no instante em que você lhe fazia o mais leve sinal de reconhecimento.

Na infância, não estivera seguro nem mesmo no apartamento que dividia com a mãe, um irmão e três irmãs. O pai de Tal fora um sociopata, um espancador de mulheres que aparecia em casa uma ou duas vezes por mês pelo simples prazer de bater na mulher até deixá-la sem sentidos e de aterrorizar os filhos. Claro que a mãe não era muito melhor do que o velho. Bebia vinho demais, fumava baseados demais e era quase tão implacável com os filhos quanto o pai.

Quando Tal estava com nove anos, numa das raras noites em que o pai estava em casa, houvera um incêndio no cortiço. Tal fora o único sobrevivente da família. A mãe e o pai tinham morrido na cama, sufocados pela fumaça enquanto dormiam. O irmão de Tal, Oliver, e as suas irmãs (Heddy, Louisa e o bebê Francesca) também se foram, e agora, tantos anos mais tarde, às vezes era até difícil acreditar que tinham realmente existido.

Depois do incêndio, ele foi morar com a irmã da mãe, tia Rebecca. Ela também morava no Harlem. Becky não bebia. Não consumia drogas. Não tinha filhos, mas tinha um emprego, frequentava a escola noturna, acreditava na auto-suficiência e era cheia de ideais.

Muitas vezes dizia a Tal que nada havia a temer exceto o Próprio Medo, e que o Próprio Medo era como o bicho-papão, apenas uma sombra, não sendo digno que se tivesse medo dele. "Deus lhe deu saúde, Talbert, e uma boa cabeça. Se você puser tudo a perder, a culpa será só sua, de mais ninguém", dizia ela.

Com o amor, a disciplina e a orientação da tia Becky, o jovem Talbert acabara por se convencer de que era virtualmente invencível.

Não tinha medo de coisa alguma na vida; também não tinha medo de morrer.

Fora por esse motivo que, anos mais tarde, depois de sobreviver ao tiroteio no mercado 7-Eleven, em Santa Mira, ele pudera dizer a Bryce Hammond que a coisa fora uma sopa.

Agora, pela primeira vez em muitos, muitos anos, ele se deparava com um nó de medo.

Tal pensou em Stu Wargle, e o nó de medo ficou mais apertado, espremendo as suas entranhas.

Os olhos tinham sumido completamente do crânio.

O Próprio Medo.

Mas esse bicho-papão era real.

Faltando meio ano para o seu 31º. aniversário, Tal Whitman estava descobrindo que ainda podia sentir medo, não importava o quão veementemente o negasse. O seu destemor muito o ajudara na vida.

Porém, opondo-se a tudo aquilo em que acreditara antes, dava-se conta agora de que havia vezes em que ter medo era simplesmente ser inteligente.

Pouco antes do alvorecer, Lisa acordou de um pesadelo de que não conseguia se lembrar.

Olhou para Jenny e os outros que estavam dormindo, depois voltou-se para as janelas. Do lado de fora, a Skyline Road estava enganadoramente tranquila ao se aproximar o fim da noite.

Lisa sentiu vontade de urinar. Levantou-se e caminhou sem fazer barulho por entre duas filas de colchões. Na abertura em arco da sala, sorriu para o guarda, que piscou para ela.

Havia um homem no refeitório, folheando uma revista.

No saguão havia dois guardas postados junto às portas dos elevadores. As duas portas enceradas de carvalho na entrada do hotel, cada uma com um vidro oval chanfrado no centro, estavam trancadas, mas havia uni terceiro guarda postado junto a elas. Ele segurava uma espingarda e espiava para fora através de um dos vidros ovais, vigiando o principal caminho que dava para o prédio.

Um quarto homem estava no saguão. Lisa fora apresentada a ele antes um delegado calvo de rosto vermelho chamado Fred Turpner.

Estava sentado à maior das mesas, cuidando do telefone, que devia ter tocado com frequência durante a noite, pois havia duas páginas de papel almaço elidas de recados. Quando Lisa ia passando, o telefone tocou de novo. Fred ergueu uma das mãos para cumprimentá-la, depois tirou o fone do gancho.

Lisa foi direto para os banheiros, que ficavam num canto do saguão:

GATINHAS DA NEVE
GATÕES DA NEVE

Aquela jocosidade não combinava com o restante do Hilltop Inn.

Ela atravessou a porta marcada GATINHAS DA NEVE. OS banheiros tinham sido considerados território seguro porque não tinham janelas e podiam ser alcançados somente através do saguão, onde sempre havia guardas. O banheiro feminino era grande e limpo, com quatro reservados e pia. Os pisos e paredes eram de cerâmica branca margeados por ladrilhos azul-escuros nas beiradas do chão e no alto das paredes.

Lisa usou o primeiro reservado e depois a pia mais próxima.

Quando terminou de lavar as mãos e ergueu os olhos para o espelho que encimava a pia, ela o viu. Ele. O delegado morto. Wargle.

Estava parado atrás dela, a uns três metros de distância, no meio do aposento. De sorriso aberto.

Ela girou o corpo, certa de que era alguma falha no espelho, um truque qualquer do espelho. Claro que ele não estava ali.

Mas ele estava ali. Nu. Sorrindo obscenamente.

O seu rosto fora recomposto. As faces gordas, a boca de lábios grossos e aparência gordurosa, o nariz de porco, os olhinhos furtivos. A carne estava inteira de novo, como que por mágica.

Impossível.

Antes que Lisa pudesse reagir, Wargle se interpôs entre ela e a porta. Seus pés descalços batiam surdamente no chão de ladrilhos.

Alguém estava batendo com força na porta.

Wargle parecia não estar ouvindo.

Batendo e batendo e batendo...

Por que simplesmente não abriam a porta e entravam?

Wargle estendeu os braços e fez sinais de venha-a-mim com as mãos. Sempre sorrindo abertamente.

Desde o momento em que o vira, Lisa não tinha gostado de Wargle. Percebera que ele sempre olhava para ela quando pensava que ela estava olhando para outro lado, e a expressão nos seus olhos era perturbadora.

— Venha cá, tesãozinho — disse ele.

Ela olhou para a porta e se deu conta de que não havia ninguém batendo nela. Ela estava escutando apenas o bater frenético de seu próprio coração.

Wargle lambeu os lábios.

Lisa ofegou subitamente, surpreendendo a si mesma. Estivera tão totalmente paralisada pela volta do homem dentre os mortos, que tinha se esquecido de respirar.

— Venha cá, sua putinha.

Ela tentou gritar. Não conseguiu. Wargle se tocou, obscenamente.

— Aposto que você está querendo um bocado disto aqui, não é?

— falou, sorriso aberto, os lábios úmidos, constantemente lambidos.

Mais uma vez, ela tentou gritar. Mais uma vez, não conseguiu.

Mal conseguia arrancar cada respiração dos pulmões que ardiam.

Ele não é real, disse consigo mesma.

Se fechasse os olhos por alguns segundos, apertando-os bem, e contasse até dez, ele não estaria aqui quando ela olhasse de novo.

— Putinha.

Ele era uma ilusão. Talvez até parte de um sonho. Quem sabe sua vinda ao banheiro não era apenas outra parte do seu pesadelo?

Mas ela não pôs à prova a sua teoria. Não fechou os olhos e contou até dez. Não teve coragem.

Wargle deu um casso na sua direção, ainda se bolinando.

Ele não é real. E uma ilusão.

Mais um passo.

Ele não é real é uma ilusão.

— Venha cá, tesãozinho, deixe eu mamar nesses seus peitinhos.

Ele não é real, é uma ilusão, ele não é real, e uma...

— Você vai adorar, tesãozinho. Ela recuou, afastando-se dele.

— Corpinho engraçadinho que você tem, tesãozinho. Muito engraçadinho.

Ele continuou a avançar.

A luz agora estava por trás dele. A sua sombra caiu sobre ela. Os fantasmas não lançavam sombras.

A despeito da sua risada e de seu sorriso fixo, a voz dele foi ficando cada vez mais áspera, mais irritada.

— Sua piranha estúpida. Vou usar você pra valer. Mas pra valer mesmo. Melhor do que qualquer daqueles garotos de ginásio. Você não vai conseguir andar direito por uma semana quando eu acabar com você, tesãozinho.

A sombra dele a engolira completamente.

Com o coração batendo com tanta força que parecia querer sair do peito, Lisa recuou mais, e mais — mas logo colidiu com a parede.

Estava encurralada.

Olhou ao seu redor à procura de uma arma, algo que pelo menos pudesse jogar em cima dele. Não havia nada.

Estava cada vez mais difícil respirar. Ela se sentia tonta e fraca.

Ele não é real. É uma ilusão.

Mas ela não podia mais se iludir: não podia mais acreditar em sonhos.

Wargle parou quase em cima dela. Olhou-a fixamente. Oscilou de um lado para o outro e balançou-se para a frente e para trás nas plantas dos pés descalços, como se alguma música louca-sombria-particular estivesse crescendo e diminuindo e crescendo dentro dele.

Fechou os olhos odiosos, oscilando sonhadoramente.

Passou-se um segundo.

O que ele está fazendo!

Dois segundos, três, seis, dez.

Ainda assim, os olhos dele permaneciam fechados.

Ela se sentiu transportada num redemoinho de histeria.

Será que poderia se esgueirar e passar por ele? Enquanto estava de olhos fechados? Jesus. Não. Ele estava perto demais. Para escapar, teria que roçar nele. Jesus. Roçar nele? Não. Deus, aquilo faria com ele saísse do transe, ou fosse lá o que era aquilo, e ele a agarraria, e as suas mãos seriam frias, mortalmente frias. Ela não conseguiria se forçar a tocar nele. Não.

Então ela notou que algo estranho estava acontecendo por trás dos olhos dele. Movimentos sinuosos... As pálpebras não mais se ajustavam à curvatura dos globos oculares.

Ele abriu os olhos.

Eles tinham sumido.

Por trás das pálpebras havia apenas cavidades negras e vazias.

Ela finalmente gritou, mas o grito que emitiu ficava além da capacidade humana de ouvir. A respiração saiu do seu corpo numa velocidade de trem expresso, e ela sentiu a garganta se mover convulsivamente, mas não saiu absolutamente som algum que pudesse trazer auxílio.

Os olhos dele.

Os olhos vazios dele.

Ela estava certa de que aquelas órbitas vazias ainda podiam vê-la. Sugavam-na com seu vácuo.

O sorriso largo não desaparecera.

— Gostosa — falou.

Ela gritava o seu grito silencioso.

— Gostosa. Me beija, gostosa.

De alguma forma, escuras como a meia-noite, aquelas cavidades orladas de ossos ainda cintilavam com uma percepção malévola.

— Me beija.

Não.

Deixe que eu morra, ela rezava. Deus, por favor, deixe que eu morra primeiro.

— Quero chupar a sua língua suculenta - disse Wargle ansiosamente, dando uma risadinha.

Estendeu a mão para ela.

Ela apertou o corpo contra a parede imóvel.

Wargle tocou-lhe a face.

Ela se crispou e tentou se afastar.

As pontas dos dedos dele correram de leve pela sua face.

A mão dele estava fria e escorregadia.

Ela escutou um gemido fraco, seco, sinistro. - Uh-uh-uh-uh uhhhhhh -, e percebeu que estava escutando a si mesma.

Sentiu um cheiro estranho, acre. O hálito dele? O hálito fétido de um morto, expelido de pulmões apodrecidos? Acaso os mortos-vivos respiravam? O fedor era leve, mas insuportável. Ela teve ânsias de vômito. Ele baixou o rosto na direção do rosto dela.

Ela fitou os seus olhos carcomidos, a escuridão hedionda para além deles, e era como espiar por duas portinholas para as câmaras mais profundas do Inferno.

A mão dele apertou-lhe a garganta.

Ele falou:

— Me dá...

Ela inspirou com dificuldade.

— ...um beijinho.

Ela expirou, soltando outro grito.

Só que desta vez o grito não foi mudo. Desta vez ela emitiu um som que parecia alto o bastante para estilhaçar os espelhos do banheiro e lascar os ladrilhos de cerâmica.

Enquanto o rosto morto e sem olhos de Wargle baixava lentamente na sua direção, enquanto ela escutava o próprio grito ecoando pelas paredes, o redemoinho de histeria no qual estava girando tornou um redemoinho de escuridão, e ela foi atraída para o oblívio.

20

Ladrões de corpos

No saguão do Hilltop Inn, num sofá cor de ferrugem, encostado à parede que ficava mais longe dos banheiros, Jennifer Paige sentava-se ao lado da irmã, abraçando-a.

Bryce estava agachado na frente do sofá, segurando a mão de Lisa, que ele não conseguia aquecer não importa o quanto a apertasse e esfregasse.

Excetuando os guardas de serviço, todo mundo estava reunido atrás de Bryce, formando um semicírculo na frente do sofá.

Lisa tinha uma aparência terrível. Seus olhos estavam fundos, velados, atormentados. O rosto, tão branco quanto o chão de ladrilhos no banheiro feminino, onde a haviam encontrado inconsciente.

— Stu Wargle está morto — assegurou-lhe Bryce, mais uma vez.

— Ele queria que eu o b-b-beijasse — repetia a garota, insistindo resolutamente na sua história absurda.

— Não havia mais ninguém no banheiro, só você — disse Bryce.

— Só você, Lisa.

— Ele estava lá — insistiu a jovem.

— Viemos correndo logo que você gritou. Você estava sozinha...

— Ele estava lá.

— ...caída no chão, no canto, desmaiada.

— Ele estava lá.

— O corpo dele está no quartinho de limpeza — disse Bryce suavemente, apertando-lhe a mão. — Nós o colocamos lá antes. Não está lembrada?

— Ainda está lá? — perguntou a garota. — Seria melhor vocês darem uma olhada.

Bryce e Jenny trocaram olhares. Ela assentiu. Lembrando-se de que qualquer coisa era possível esta noite, Bryce se pôs de pé, soltando a mão da moça. Dirigiu-se para o quartinho de material de limpeza.

— Tal?

— Sim?

— Venha comigo. Tal sacou o revólver.

Tirando a própria arma do coldre, Bryce falou: — Os outros ficam aqui.

Com Tal ao seu lado, Bryce cruzou o saguão até a porta do quartinho e parou diante dela.

— Não acho que ela seja do tipo que inventa histórias — disse Tal.

— Sei que não é.

Bryce pensou em como o corpo de Paul Henderson tinha sumido da subdelegacia. Pombas, pensou, aquilo era muito diferente da situação atual. O corpo de Paul estava acessível, sem ninguém a vigiá-

lo. Mas ninguém poderia ter chegado ao corpo de Wargle — e ele não poderia ter se levantado e caminhado sozinho — sem ter sido visto por um dos três delegados postados no saguão. No entanto, ninguém e nada fora visto.

Bryce dirigiu-se para a esquerda da porta e fez sinal a Tal para ir para a direita.

Prestaram atenção durante vários segundos. O hotel estava silencioso. Não vinha som algum de dentro do quartinho.

Mantendo o corpo longe da abertura da porta, Bryce se inclinou para diante e estendeu a mão para a maçaneta, girou-a lenta e silenciosamente até onde foi possível. Hesitou. Lançou um olhar a Tal, que indicou estar pronto. Bryce inspirou fundo, escancarou a porta para dentro e deu um salto para trás, para se proteger.

Nada saiu correndo do quarto às escuras.

Tal foi se movendo devagarinho para a ombreira da porta, estendeu a mão para dentro do quarto, tateou em busca do interruptor, encontrou-o.

Bryce estava agachado, à espera. Tão logo a luz se acendeu, ele se arremeteu para dentro, o revólver apontado para a frente.

A luz fluorescente nua jorrava dos painéis gêmeos do teto e cintilava nas beiradas da pia de metal e nas garrafas e latas de material de limpeza.

A mortalha em que tinham enrolado o corpo jazia amontoada no chão, ao lado da mesa.

O cadáver de Wargle desaparecera.

Deke Coover era o guarda que estava de vigia nas portas de entrada do hotel. Não ajudou muito a Bryce. Passara a maior parte do tempo olhando para fora, para a Skyline Road, de costas para o saguão.

Alguém poderia ter retirado o corpo de Wargle sem que Coover tomasse conhecimento.

— O senhor mandou que eu vigiasse a entrada da frente, xerife — falou Deke. — Contanto que não estivesse cantando, Wargle poderia ter saído dali sozinho, dançando e agitando uma bandeira em cada mão, e não teria chamado a minha atenção.

Os dois homens postados junto aos elevadores, perto do quartinho de limpeza, eram Kelly MacHeath e Donny Jessup. Eram dois dos homens mais moços de Bryce, com vinte e poucos anos, mas ambos capazes, dignos de confiança e razoavelmente experientes.

MacHeath, um sujeito louro e corpulento, de pescoço taurino e ombros cheios, balançou a cabeça e falou: — Ninguém entrou ou saiu daquele quartinho a noite toda.

— Ninguém — concordou Jessup. Era um homem magro e musculoso, de cabelos crespos e olhos cor de chá. — A gente teria visto.

— A porta é logo ali — observou MacHeath.

— E passamos a noite toda aqui.

— O senhor nos conhece, xerife — disse MacHeath.

— Sabe que não somos relaxados — disse Jessup.

— Quando estamos de serviço...

— ...estamos de serviço — concluiu Jessup.

— Porra — exclamou Bryce —, o corpo de Wargle sumiu. Não saiu de cima da mesa e atravessou a parede!

— Mas também não saiu de cima da mesa e atravessou aquela porta — insistiu MacHeath.

— Senhor — disse Jessup —, Wargle estava morto. Eu mesmo não vi o corpo, mas, pelo que me contaram, estava bem morto. Os mortos ficam onde a gente os bota.

— Não necessariamente — falou Bryce. — Não nesta cidade. Não esta noite.

No quartinho de material de limpeza, junto com Tal, Bryce falou: — Não há outra saída aqui, exceto a porta. Caminharam lentamente pelo quarto, examinando-o.

A bica com defeito deixou cair uma gota d'água que atingiu a bacia da pia de metal com um ping suave.

— A saída de aquecimento — disse Tal, apontando para uma grade numa das paredes, diretamente sob o teto. — O que você acha?

— Está falando sério?

— É melhor a gente dar uma olhada.

— Não tem tamanho para passar um homem.

— Lembra do roubo na Joalheria Krybinsky?

— Como vou esquecer? Ainda não foi resolvido, como Alex Krybinsky fica me lembrando cada vez que nos encontramos.

— O sujeito entrou no porão de Krybinsky por uma janela destrancada do tamanhinho daquela grade.

Bryce sabia, como o sabia qualquer tira que lidava com roubo e invasão de domicílio, que um homem de porte comum não precisava de mais que uma abertura surpreendentemente pequena para obter acesso a um edifício. Qualquer buraco em que coubesse a cabeça de um homem também tinha tamanho suficiente para deixar passar todo o seu corpo. Os ombros eram mais magros do que a cabeça, é claro, mas podiam ser jogados para a frente ou contorcidos de forma a poderem passar; igualmente a largura dos quadris era quase suficientemente maleável para seguir o mesmo caminho dos ombros. Mas Stu Wargle não tinha sido um homem de porte comum.

— A barriga de Stu teria entalado ali como uma rolha numa garrafa — disse Bryce.

Apesar disso, ele pegou um banquinho que estava num canto, subiu nele e foi olhar mais de perto a saída em questão.

— A grade não é presa por parafusos — disse ele a Tal. — É um modelo de encaixe, portanto poderia ter sido recolocada pelo lado de dentro do conduto, depois de Wargle ter passado, desde que ele tivesse entrado com os pés em primeiro lugar.

Retirou a grade da parede.

Tal passou-lhe uma lanterna elétrica.

Bryce dirigiu o facho de luz para o conduto de aquecimento escuro e franziu a testa. A passagem estreita de metal percorria apenas uma curta distância antes de dar uma guinada abrupta de noventa graus para cima.

Desligando a lanterna e passando-a a Tal, Bryce falou: — Impossível. Para passar por aqui, Wargle não poderia ser maior do que Sammy Davis Jr., e teria que ser tão flexível quanto o homem-borracha de um parque de diversões.

Frank Autry se aproximou de Bryce Hammond na mesa central de operações no meio do saguão, onde o xerife estava sentado, lendo as mensagens que tinham chegado durante a noite.

— Senhor, tem uma coisa que precisa saber sobre Wargle. Bryce ergueu os olhos.

— E o que é?

— Bem... não gosto de ter que falar mal dos mortos...

— Nenhum de nós gostava mesmo dele — disse Bryce, sem meias palavras. — Qualquer tentativa de honrar a sua memória seria hipócrita. Portanto, se souber de alguma coisa que possa me ajudar, Frank, não faça cerimônia.

Frank sorriu.

— O senhor se teria dado muito bem no Exército. — Sentou-se na beirada da mesa. — Na noite passada, quando Wargle e eu estávamos desmontando o rádio lá na subdelegacia, ele fez vários comentários nojentos sobre a dra. Paige e Lisa.

— Papo de sexo?

— É.

Frank contou a conversa que tivera com Wargle.

— Santo Deus — disse Bryce, sacudindo a cabeça.

— O que ele falou sobre a garota foi o que mais me incomodou — disse Frank. — Wargle não estava brincando quando falou sobre, quem sabe, dar uma prensa nela se a oportunidade se apresentasse.

Não creio que tivesse ido aos limites do estupro, mas era capaz de dar uma prensa das grandes e usar a sua autoridade, o seu distintivo, para coagi-la. Não creio que aquela garota pudesse ser coagida, tem garra demais. Mas acho que Wargle poderia tentar. — O xerife bateu com o lápis na mesa, fitando o ar, pensativo. — Mas Lisa não estava sabendo disso — continuou Frank.

— Será que não podia ter escutado a conversa de vocês?

— Nem uma palavra.

— Ela podia ter desconfiado do tipo de homem que Wargle era, pelo jeito como ele olhava para ela.

— Mas não podia saber — falou Frank. — Entende aonde estou querendo chegar?

— Entendo.

— Qualquer criança — falou Frank —, se inventasse uma história a esse respeito ficaria satisfeita dizendo que um morto correra atrás dela. Normalmente não enfeitaria a história dizendo que o morto queria molestá-la.

Bryce concordou.

— A cabeça das crianças não é assim tão barroca. As suas mentiras em geral são simples, não elaboradas.

— Exatamente — disse Frank. — O fato de ter dito que Wargle estava nu e que queria molestá-la... bem, para mim isso acrescenta credibilidade à história dela. Bem, todos gostaríamos de acreditar que alguém se esgueirou para dentro do quartinho de limpeza e roubou o corpo de Wargle. E gostaríamos de imaginar que colocaram o corpo no banheiro feminino, que Lisa o viu, entrou em pânico e imaginou o resto.

E que, depois que ela desmaiou, alguém tirou o corpo de lá, de alguma forma incrivelmente inteligente. Mas esta explicação está toda furada. O

que aconteceu foi muito mais estranho do que isso.

Bryce largou o lápis e se recostou na cadeira.

— Merda. Você crê em fantasmas, Frank? Em mortos-vivos?

— Não. Existe uma explicação real para isso — falou Frank. — Não um monte de baboseiras e superstições. Uma explicação real.

— Concordo. Mas o rosto de Wargle estava...

— Eu sei. Eu vi.

— Como é que o rosto dele podia ter sido recomposto?

— Não sei.

— E Lisa falou que os olhos dele...

— É. Ouvi o que ela falou. Bryce soltou um suspiro.

— Já tentou resolver o Cubo de Rubik? Frank pestanejou.

— Não, nunca.

— Bem, eu já — falou o xerife. — O danado quase me deixou maluco, mas eu não desisti, e acabei resolvendo. Todo mundo acha que é um quebra-cabeça difícil, mas, comparado a este caso, é brincadeira de jardim de infância.

— Tem mais uma diferença — falou Frank.

— Qual é?

— Se você não conseguir resolver o Cubo de Rubik, o castigo não é a morte.

Em Santa Mira, na sua cela na cadeia municipal, Fletcher Kale, assassino da mulher e do filho, acordou antes do alvorecer. Ficou imóvel no colchão fino de espuma e olhou para a janela, que apresentava uma faixa retangular do céu antes da aurora para a sua inspeção.

Ele não ia passar a vida na prisão. Não ia.

Tinha um destino magnífico. Era isso que ninguém compreendia. Eles viam o Fletcher Kale que existia agora, sem conseguir enxergar aquilo em que ele se transformaria. Estava destinado a ter tudo: dinheiro a perder de vista, um poder que transcendia a imaginação, fama, respeito.

Kale sabia que era diferente da ralé da humanidade, e era esta certeza que fazia com que seguisse em frente, a despeito de toda a adversidade. As sementes de grandeza dentro dele já estavam brotando.

Com o tempo, faria com que todos vissem o quanto estavam errados a seu respeito.

A percepção, pensou, fitando a janela com grades, a percepção é meu maior dom. Sou extraordinariamente perceptivo.

Ele via que, sem exceção, os seres humanos eram impulsionados pelo interesse. Nada de errado nisso. Era a natureza da espécie. Era assim mesmo que a humanidade tinha que ser. Mas a maioria das pessoas não suportava enfrentar a verdade. Inventavam uns conceitos ditos inspiradores como amor, amizade, honra, verdade, fé, confiança e dignidade individual. Alegavam acreditar em todas essas coisas e em outras mais. Todavia, bem no fundo, sabiam que era tudo babaquice.

Só que não queriam admitir. E então, burramente, se atavam a um código de conduta piegas e autocongratulatório, a sentimentos nobres mas vazios, frustrando assim os seus verdadeiros desejos, destinando-se ao fracasso e à infelicidade.

Idiotas. Deus, como os desprezava.

Da sua perspectiva singular, Kale via que a humanidade era, na realidade, a espécie mais implacável, perigosa e inexorável na face da terra. E ele curtia essa certeza. Tinha orgulho de pertencer a uma raça assim.

Sou muito avançado para a minha época, pensou Kale, sentando-se na beirada do catre e pondo os pés descalços no chão frio da cela. Sou o passo seguinte na evolução. Evoluí além da necessidade de acreditar em moralidade. É por isso que me olham com tanto asco.

Não porque tenha matado Joanna e Danny. Eles me odeiam porque sou melhor do que eles, mais completamente afinado com a minha verdadeira natureza humana.

Ele não tivera outra escolha a não ser matar Joanna. Ela se recusara a lhe dar o dinheiro, afinal de contas. Estava pronta para humilhá-lo profissionalmente, arruiná-lo financeiramente e destruir o seu futuro inteiro.

Tivera que matá-la, ela estava no seu caminho.

Quanto a Danny, fora uma pena. Kale lamentava um pouco essa parte. Não sempre. Só de vez em quando. Uma pena. Necessário, mas uma pena.

De qualquer maneira, Danny sempre fora um filhinho da mamãe. Na verdade, era totalmente distante do pai. Isso fora obra de Joanna. Provavelmente fazia lavagem cerebral no menino, voltando-o contra o seu velho. No final, Danny já nem era mais filho de Kale.

Tornara-se uni estranho.

Kale deitou-se no chão da cela e começou a fazer flexões.

Um-dois, um-dois, um-dois.

Pretendia manter-se em forma para o momento em que se lhe apresentasse uma oportunidade de fuga. Sabia exatamente aonde iria quando fugisse. Não para o Oeste, não para fora do condado, não para os lados de Sacramento. Era isso o que esperavam que fizesse.

Um-dois, um-dois.

Conhecia um esconderijo perfeito. Ficava bem aqui no condado.

Não iriam procurá-lo bem debaixo de seus narizes. Quando não conseguissem encontrá-lo dentro de um dia ou dois, concluiriam que já se tinha mandado e pararam de procurar ativamente nas vizinhanças.

Depois de passadas varias semanas, quando já nem estivessem pensando mais nele, então ele sairia do esconderijo, voltaria a passar pela cidade e se dirigiria para o Oeste.

Um-dois.

Mas, primeiro, iria para as montanhas. Era lá que ficava o esconderijo. As montanhas lhe ofereciam a melhor chance de escapar dos tiras, depois de fugir. Estava com um palpite. As montanhas. É.

Sentia-se atraído para as montanhas.

O alvorecer chegou nas montanhas, espalhando-se como uma mancha viva no céu, embebendo-se na escuridão, descolorindo-a.

A floresta que ficava acima de Snowfield estava quieta. Muito quieta.

Na vegetação rasteira, as folhas estavam orladas de orvalho. O

cheiro agradável do humo rico se erguia do chão esponjoso da floresta.

O ar estava frio, como se a última expiração da noite ainda pairasse sobre a terra.

A raposa estava imóvel sobre uma formação calcária que se projetava de um declive aberto, pouco abaixo da linha das árvores. O

vento eriçava levemente o seu pelo cinzento.

Seu hálito formava uma pequena pluma fosfórica no ar revigorante.

A raposa não era uma caçadora noturna, no entanto estava à espreita desde uma hora antes do alvorecer. Não comia há quase dois dias.

Não conseguia encontrar caça. Os bosques estavam invulgarme nte silenciosos e despidos do cheiro das presas.

Em todas as suas temporadas como caçadora, a raposa jamais encontrara uma quietude tão estéril quanto esta. Os dias mais amargos do inverno tinham mais promessas do que este. Mesmo nas nevascas de janeiro havia sempre o cheiro do sangue, o cheiro da caça.

Agora não.

Agora não havia nada.

A morte parecia ter chamado todas as criaturas nesta parte da floresta — excetuando a pequena raposa faminta. No entanto, não havia nem ao menos o cheiro da morte, nem mesmo o fedor forte de uma carcaça apodrecendo na vegetação rasteira.

Finalmente, porém, ao cruzar a baixa formação calcária, tomando cuidado para não pisar numa das fendas ou buracos acanalados que levavam às cavernas lá embaixo, a raposa vira algo se mover no declive à sua frente, algo que não fora apenas agitado pelo vento. Ela se imobilizara nas pedras baixas, olhando para cima, para o perímetro impreciso deste novo braço da floresta.

Um esquilo. Dois esquilos. Não, havia mais deles ainda — cinco, dez, vinte. Estavam alinhados lado a lado na penumbra ao longo da linha das árvores.

Primeiro, nenhuma caça. Agora, uma abundância igualmente estranha de caça.

A raposa farejou.

Embora os esquilos estivessem apenas a cinco ou seis metros de distância, ela não conseguia sentir o cheiro deles.

Os esquilos olhavam diretamente para ela, mas não pareciam assustados.

A raposa inclinou a cabeça para o lado, a desconfiança moderando a sua fome.

Os esquilos se moveram para a esquerda, todos de uma só vez, num grupinho compacto, e depois saíram das sombras das árvores, afastando-se da proteção da floresta, entrando em campo aberto, dirigindo-se diretamente para a raposa. Eles se misturavam uns com os outros, por cima, por baixo, ao redor, formando uma confusão de peles castanhas, um borrão de movimento na grama marrom. Quando pararam abruptamente, todos no mesmo instante, estavam apenas a três ou quatro metros da raposa. E já não eram mais esquilos.

A raposa estremeceu e emitiu um som sibilante.

Os vinte pequenos esquilos eram agora quatro grandes guaxinins.

A raposa rosnou baixinho.

Ignorando-a, um dos guaxinins ergueu-se nas patas traseiras e começou a lamber as dianteiras.

O pelo das costas da raposa ficou todo eriçado.

Ela farejou o ar.

Não havia cheiro.

Ela baixou bem a cabeça e observou atentamente os guaxinins.

Os seus músculos lisos ficaram ainda mais tensos do que estavam, não porque pretendesse dar o bote, mas porque pretendia fugir.

Havia alguma coisa muito errada.

Todos os quatro guaxinins agora estavam sentados nas patas traseiras, as patas dianteiras erguidas, a barriga à mostra.

Estavam observando a raposa.

Geralmente, o guaxinim não era presa para a raposa. Era agressivo demais, tinha os dentes afiados demais, era ligeiro demais com as garras. Mas embora estivesse a salvo da raposa, o guaxinim não apreciava o confronto; nunca se pavoneava como aqueles quatro estavam fazendo.

A raposa lambeu com a língua o ar frio.

Farejou de novo e, finalmente, conseguiu sentir um cheiro.

As suas orelhas grudaram-se ao crânio e ela rosnou.

Não era cheiro de guaxinim. Não era cheiro de nenhum habitante da floresta que já tivesse encontrado antes. Era um odor desconhecido, ativo, desagradável. Leve. Mas repelente.

Esse odor repulsivo não vinha de nenhum dos quatro guaxinins que se postavam diante da raposa. Ela não conseguia detectar exatamente de onde estava vindo.

Pressentindo um grave perigo, a raposa deu meia-volta no calcário, afastando-se dos guaxinins, embora sentisse relutância em dar-lhes as costas.

As suas patas rasparam e as suas garras fizeram ruído na superfície dura quando ela se precipitou encosta abaixo, por cima da rocha plana, desgastada pelo tempo, a cauda ondeando atrás de si. Ela saltou por cima de uma fenda de trinta centímetros na pedra...

...e, em pleno salto, foi agarrada no ar por algo escuro, frio e pulsante.

A coisa irrompeu de dentro da fenda com força e velocidade brutais, chocantes.

O guincho agoniado da raposa foi agudo e breve.

Com a mesma rapidez com que foi agarrada, a raposa foi atraída para dentro da fenda. Um metro e meio mais abaixo, no fundo do abismo em miniatura, havia um pequeno buraco que levava às cavernas por baixo do afloramento de calcário. O buraco era pequeno demais para deixar passar a raposa, mas a criatura que se debatia foi arrastada por ali assim mesmo, com os ossos se partindo pelo caminho.

Sumiu.

Tudo isso num piscar de olhos. Em meio piscar.

Na verdade, a raposa fora sugada para dentro da terra mesmo antes que o eco de seu último grito tivesse ressoado de volta de uma colina distante.

Os guaxinins tinham sumido.

Agora, uma torrente de pequenos ratos silvestres escorria por sobre as superfícies lisas do calcário. Dezenas deles, vintenas. Pelo menos uns cem.

Dirigiam-se para a beira da fenda.

Ficaram olhando para baixo.

De um em um, os ratinhos pularam da beirada para o fundo do buraco, depois passaram pela pequena abertura natural que levava à caverna lá embaixo.

Logo, todos os ratinhos também tinham desaparecido.
Mais uma vez a floresta acima de Snowfield ficou em sossego.

SEGUNDA PARTE

FANTASMAS

O mal não é um conceito abstrato. Ele vive. Tem forma. Fica à espreita. É bem real.

— DR. TOM DOOLEY

Fantasmas! Sempre que acho que compreendi plenamente o propósito da humanidade na terra, justo quando, tolamente, imagino que me apercebi do sentido da vida... subitamente vejo fantasmas dançando nas sombras, fantasmas misteriosos dançando uma gavota que diz, tão incisivamente quanto as palavras: "O que você sabe não é nada, homenzinho; o que tem que aprender, uma imensidão."

— CHARLES DICKENS

21

A grande reportagem

Santa Mira.
Segunda-feira — 01h02.
— Alô?
— É do Santa Mira Daily Newsl
— É.
— Do jornal?
— Dona, o jornal está fechado. Passa de uma da manhã.
— Fechado? Não sabia que jornal fechava.
— Aqui não é o New York Times.
— Mas não estão imprimindo agora a edição de amanhã?
— A impressão não é feita aqui. Aqui é o setor comercial e editorial. Quer falar com o impressor, ou o quê?
— Bem... tenho uma reportagem.
— Se é um obituário ou um bazar de igreja ou coisa assim, então ligue de novo de manhã, depois das nove, e...
— Não, não. É uma reportagem das grandes.
— Sei, uma venda de objetos usados, não é?
— Como?
— Esqueça. Terá que ligar de novo pela manhã.
— Espere, escute, trabalho para a companhia telefônica.
— Isso não é uma grande reportagem.
— Não, escute, é porque trabalho para a telefônica que descobri essa coisa. O senhor é editor?
— Não, sou encarregado da venda de espaço publicitário.
— Bem... mesmo assim, quem sabe pode me ajudar.
— Dona, estou sentado aqui num domingo à noite — não, já é segunda de madrugada —, sozinho neste escritório sombrio, tentando imaginar como é que vou conseguir anunciantes

suficientes para manter este jornal funcionando. Estou cansado, estou irritado...

— Que horrível.

— ...e receio que a senhora tenha que voltar a ligar pela manhã.

— Mas unia coisa terrível aconteceu em Snowfield. Não sei exatamente o quê, mas sei que tem gente morta. Pode ter até um bocado de gente morta, ou pelo menos correndo risco de vida.

— Pombas, eu devo estar mais cansado do que imaginava.

Estou ficando interessado, mesmo a contragosto. Conte mais.

— Mexendo no serviço telefônico de Snowfield, ele não está mais no sistema de discagem automática, e restringimos todos os telefonemas de fora. Agora só se pode falar com dois números na cidade, e ambos estão sendo atendidos pelos homens do xerife. O

motivo pelo qual fizeram essas modificações é isolar o lugar antes que os repórteres descubram que tem coisa acontecendo.

— Dona, andou bebendo?

— Eu não bebo.

— Então, o que andou fumando?

— Ouça, ainda sei mais um pouco. Estão recebendo telefonemas do gabinete do xerife em Santa Mira o tempo todo, e do gabinete do governador, e de uma base militar em Utah, e eles...

São Francisco.

Segunda-feira — 01h40.

— Aqui fala Sid Sandowicz. O que deseja?

— Estou dizendo a eles que quero falar com um repórter do San Francisco Chronicle, cara.

— Sou eu.

— Pô, cara, vocês desligaram na minha cara três vezes! Porra, qual é a de vocês?

— Olha como fala.

— Merda.

— Escute, você tem ideia do número de garotos que liga para os jornais, fazendo a gente perder tempo com brincadeiras idiotas e furos inventados?

— Hein? Como é que soube que eu era um garoto?

— Por que você tem voz de doze anos.

— Tenho quinze.

— Parabéns.

— Merda!

— Escute, filho, tenho um garoto da sua idade, e é por isso que estou perdendo tempo com você, coisa que os outros não quiseram fazer. Portanto, se tem alguma coisa realmente interessante para dizer, diga logo.

— Bem, meu velho é professor em Stanford. É virologista e epidemiologista. Sabe o que isso quer dizer, cara?

— Ele estuda vírus, moléstias, coisas assim.

— Certo. E se deixou corromper.

— Como assim?

— Aceitou uma subvenção da porra dos milicos. Cara, está metido com um grupo de guerra biológica. Dizem que vão fazer uma aplicação pacífica das suas pesquisas, mas você sabe que isso é uma babaquice. Ele vendeu a alma, e agora eles vieram buscá-lo. Jogaram merda no ventilador.

— O fato do seu pai ter se vendido — se é que se vendeu mesmo — pode ser uma grande notícia para o pessoal da sua família, filho, mas duvido que desperte muito o interesse dos nossos leitores.

— Escuta, cara, eu não liguei pra você só pra te sacanear, não.

Tenho uma reportagem de verdade. Hoje eles vieram buscá-lo. Está havendo uma crise. Querem que eu pense que ele foi para o Leste a negócios, mas eu fui na moita lá para cima e escutei atrás da porta do quarto deles quando ele contou para a velha. Houve uma espécie de contaminação em Snowfield. Uma grande emergência. Está todo mundo tentando guardar segredo.

— Snowfield, Califórnia?

— É, é. O que eu acho, cara, é que eles estavam fazendo algum teste secreto de arma bacteriológica no nosso próprio pessoal e a coisa fugiu ao controle. Ou quem sabe foi algum derramamento acidental. O certo é que a coisa por lá está feia.

— Como se chama, filho?

— Ricky Bettenby. O meu velho se chama Wilson Bettenby.

— Stanford, foi o que você disse?

— É. Vai até o fim nessa, cara?

— Pode ser que valha a pena. Mas antes de começar a ligar para o pessoal de Stanford, preciso lhe fazer mais perguntas.

— Manda brasa. Vou lhe contar o que puder. Quero que isso vire um escândalo, cara. Quero que ele pague por ter se vendido.

Durante a noite, os vazamentos foram aparecendo, de um em um. Em Dugway, Utah, um oficial do Exército, que não podia ter feito isso, usou um telefone público fora da base para ligar para Nova York e contar a história para um irmão caçula muito querido que era foca do Times. Na cama, depois de ter feito sexo, um assessor do governador contou para a amante, uma repórter. Estes e outros buracos na represa fizeram com que o fluxo de informação crescesse de um filete para uma torrente.

Às três da manhã, a mesa telefônica do departamento policial do condado de Santa Mira não dava mais conta do recado. Ao alvorecer, os repórteres de jornal, televisão e rádio estavam invadindo Santa Mira.

Logo nas primeiras horas da manhã, a rua na frente dos escritórios do xerife estava lotada com carros de imprensa, furgões para filmagem com os logotipos das estações de TV de Sacramento e São Francisco, repórteres e curiosos de todas as idades.

Os delegados desistiram de tentar impedir as pessoas de se reunir no meio da rua, pois elas eram em número grande demais para se limitar às calçadas. Isolaram o quarteirão com cavaletes e transformaram-no num grande recinto ao ar livre para a imprensa. Dois garotos empreendedores de um prédio de apartamentos próximo começaram a vender Tang, biscoitos e — com a ajuda da série mais comprida de fios e extensões que alguém se lembrava de ter visto — café quente. A sua barraquinha tornou-se a central de boatos, onde os repórteres se reuniam para partilhar teorias e fofocas, enquanto esperavam pelas últimas informações oficiais.

Outros jornalistas se espalharam por Santa Mira, procurando pessoas que tinham amigos ou parentes morando em Snowfield, ou que tinham algum parentesco com os delegados que estavam lá no momento. No entroncamento da estrada estadual e a Snowfield Road, ainda outros repórteres davam plantão junto ao bloqueio da estrada feito pela polícia.

A despeito de toda essa movimentação, uma boa parte da imprensa ainda não tinha chegado. Muitos representantes da mídia do Leste e da imprensa estrangeira ainda estavam em trânsito. Para as autoridades que vinham se esforçando para lidar com a confusão o pior ainda estava por vir. Segunda-feira à tarde o circo estaria formado.

22

Manhã em Snowfield

Pouco depois do alvorecer, o rádio de ondas curtas e os dois geradores elétricos movidos a gasolina chegaram ao bloqueio na estrada que marcava o perímetro da zona de quarentena. Os dois pequenos furgões que os conduziam eram guiados pelos Patrulheiros das Rodovias da Califórnia (CHIP). Permitiram que eles passassem pelo bloqueio até um ponto a meio caminho dos seis quilômetros e meio da Snowfield Road, onde foram estacionados e abandonados.

Quando os patrulheiros retornaram ao local do bloqueio, os delegados do condado passaram um rádio dando conta da situação para o QG em Santa Mira. Por sua vez, o QG entrou em contato com Bryce Hammond no hotel Hilltop.

Tal Whitman, Frank Autry e dois outros homens levaram um carro-patrulha até a metade da Snowfield Road e pegaram os furgões abandonados. Desse modo, mantinha-se a contenção de quaisquer possíveis vetores de moléstias.

O rádio de ondas curtas foi instalado num canto do saguão do Hilltop. Uma mensagem enviada para o QG em Santa Mira foi recebida e respondida. Agora, se algo acontecesse aos telefones, não ficariam inteiramente isolados.

Dentro de uma hora, um dos geradores fora ligado aos circuitos dos postes de rua no lado oeste da Skyline Road. O outro foi ligado no sistema elétrico do hotel. Esta noite, se o suprimento principal de força fosse misteriosamente desligado, os geradores passariam a funcionar automaticamente. A escuridão duraria apenas um ou dois segundos.

Bryce estava confiante de que nem mesmo aquele inimigo desconhecido poderia levar embora uma vítima nesse espaço de

tempo.

Jenny Paige começou a manhã com um banho de esponja insatisfatório, seguido de um café da manhã completamente satisfatório, composto de ovos, fatias de presunto, torradas e café.

Depois, acompanhada por três homens fortemente armados, ela subiu a rua até a sua casa, onde pegou roupas limpas para si mesma e para Lisa. Também deu uma passada no seu consultório, onde apanhou um estetoscópio, um esfigmomanômetro, abaixa-língua, algodão, gaze, talas, ataduras, torniquetes, antissépticos, seringas descartáveis, analgésicos, antibióticos e outros instrumentos e suprimentos de que precisaria a fim de montar uma enfermaria de emergência num dos cantos do saguão do Hilltop.

A casa estava quieta.

Os delegados ficavam olhando à sua volta, nervosos, entrando em cada aposento como se esperassem que houvesse uma guilhotina armada em cima da porta.

Quando Jenny estava terminando de arrumar os suprimentos médicos no consultório, o telefone tocou. Todos ficaram olhando para ele.

Sabiam que somente dois telefones na cidade estavam funcionando e que ambos ficavam no Hilltop.

O telefone tocou de novo.

Jenny atendeu. Não disse "alô".

Silêncio.

Ela esperou.

Após um segundo, ouviu os gritos distantes de gaivotas. O zumbido de abelhas. O miado de um gatinho. Uma criança chorando.

Outra criança: rindo. Um cão arfando. O chocalhar de uma cascavel.

Bryce ouvira coisas semelhantes ao telefone na noite passada, na subdelegacia, pouco antes da mariposa vir bater nas janelas. Ele dissera que os sons tinham sido ruídos animais perfeitamente comuns e familiares. A despeito disso, tinham-no perturbado. Não conseguira explicar por quê.

Agora Jenny sabia exatamente o que ele queria dizer.

Pássaros cantando.

Sapos coaxando.

Um gato ronronando.

O ronronar tornou-se um sibilar. O sibilar tornou-se um grito estridente de gato, cheio de raiva. O grito tornou-se um guincho de dor, breve mas terrível.

Então uma voz:

— Vou enfiar a minha grande pica na sua irmãzinha suculenta.

— Jenny reconheceu a voz. Wargle. O morto. — Está me ouvindo, Doc?

Ela ficou calada.

— E estou me lixando para o buraco em que vou enfiar — continuou ele, soltando uma risadinha.

Ela bateu com o telefone.

Os delegados olharam para ela, com ar de expectativa.

— É... não havia ninguém na linha — disse ela, resolvendo não lhes contar o que tinha ouvido. Eles já estavam nervosos demais.

Do consultório de Jenny foram para a Farmácia Tayton, na Vail Lane, onde ela apanhou mais medicamentos: analgésicos adicionais, uma vasta gama de antibióticos, coagulantes, anticoagulantes e quaisquer outras coisas de que pudesse vir a necessitar.

Quando estavam terminando na farmácia, o telefone tocou.

Jenny era quem estava mais perto dele. Não queria atender, mas não pôde resistir.

E lá estava aquilo de novo.

Jenny esperou um momento, depois disse: — Alô?

Wargle falou: — Vou usar a sua irmãzinha com tanto gosto que ela não vai poder andar por uma semana.

Jenny desligou.

— Ninguém — disse aos delegados.

Achou que não tinham acreditado nela. Estavam fitando as suas mãos trêmulas.

Bryce estava sentado à mesa central de operações, falando por telefones com o QG em Santa Mira.

O pedido de informações sobre Timothy Flyte não dera em nada.

Flyte não era procurado por nenhuma agência policial nos Estados Unidos ou Canadá. O FBI nem mesmo ouvira falar dele. O

nome no espelho do banheiro na Candleglow Inn ainda era um mistério.

A polícia de São Francisco pudera dar informações sobre os desaparecidos Harold Ordnay e esposa, em cujo quarto fora encontrado o nome de Timothy Flyte. Os Ordnays eram donos de duas livrarias em São Francisco. Uma delas era uma livraria de varejo comum. A outra vendia livros antigos e raros. Aparentemente, era, de longe, a mais lucrativa das duas. Os Ordnays eram conhecidos e respeitados nos círculos de colecionadores. Segundo a sua família, Harold e Blanche tinham ido para Snowfield passar um fim de semana prolongado para comemorar o seu 31º. aniversário de casamento. A família jamais ouvira falar em Timothy Flyte. A polícia teve permissão para examinar o caderno de endereços pessoal dos Ordnays, mas não foi encontrado ninguém por nome de Flyte.

A polícia ainda não conseguira localizar nenhum dos empregados das livrarias. Todavia, esperavam fazê-lo tão logo as duas lojas abrissem, às dez da manhã. Esperava-se que Flyte fosse uma relação comercial dos Ordnays da qual os empregados tivessem conhecimento.

— Fique me mantendo a par das novidades — disse Bryce ao policial de plantão ao telefone, em Santa Mira. — Como estão as coisas por aí?

— Um pandemônio.

— E vai piorar.

Quando Bryce estava desligando, Jenny Paige voltou do seu safári em busca de drogas e equipamentos médicos.

— Onde está Lisa?

— Trabalhando na cozinha — disse Bryce.

— Ela está bem?

— Claro. Há três homens grandes, fortes e armados com ela.

Esqueceu? Algum problema?

— Eu conto depois.

Bryce destacou os três guardas armados de Jenny para novas tarefas, depois ajudou-a a montar uma enfermaria num dos cantos do saguão.

— Isso provavelmente é esforço desperdiçado — disse ela.

— Por quê?

— Até agora não houve ninguém ferido. Só morto.

— Bem, isso pode mudar.

— Acho que aquilo só ataca quando quer matar. Não tem meias medidas.

— Pode ser. Mas com todos esses homens carregando armas, e com todo mundo danado de nervoso, não me surpreenderia se alguém ferisse um companheiro acidentalmente, ou mesmo atirasse no próprio pé.

Ajeitando umas garrafas na gaveta de uma escrivaninha, Jenny disse:

— O telefone tocou na minha casa, e de novo na farmácia. Era Wargle.

Narrou-lhe os dois telefonemas.

— Tem certeza de que era mesmo ele?

— Lembro-me distintamente da voz dele. Uma voz desagradável.

— Mas, Jenny, ele foi...

— Eu sei, eu sei. O rosto dele foi carcomido, o cérebro sumiu, e todo o seu sangue foi sugado do corpo. Eu sei. E estou ficando maluca tentando adivinhar o que está se passando.

— Alguém fazendo uma imitação?

— Se é, então tem alguém por aí que faz o Rich Little parecer um amador.

— Ele parecia estar...

Bryce interrompeu a frase no meio, e tanto ele quanto Jenny se voltaram ao ver Lisa aparecer correndo. A jovem fez-lhes um sinal.

— Venham! Depressa! Tem uma coisa esquisita acontecendo na cozinha.

Antes que Bryce pudesse detê-la, ela voltou correndo por onde viera. Vários homens começaram a ir em seu encalço, sacando as armas, mas Bryce ordenou-lhes que parassem.

— Fiquem aqui. Fiquem em seus postos. Jenny já saíra correndo atrás da garota.

Bryce correu para o refeitório, alcançou Jenny, passou à sua frente, sacou o revólver e acompanhou Lisa pelas portas de vaivém que conduziam à cozinha do hotel.

Os três homens destacados para este turno de tarefas na cozinha — Gordy Brogan, Henry Wong e Max Dunbar — já tinham trocado os abridores de lata e os utensílios de cozinha pelos revólveres, mas não sabiam para o que apontar.

Ergueram os olhos para Bryce, com ar desconcertado e perplexo.

Lá vamos nós rodear a amoreira,
a amoreira, a amoreira.

O ar se enchia com o canto de uma criança. Um garotinho. A voz dele era clara, frágil e doce.

Lá vamos nós rodear a amoreira,
de manhã bem ceeediiinhoooo!

— A pia — falou Lisa, apontando.

Intrigado, Bryce se aproximou da pia dupla mais próxima, com Jenny vindo logo atrás.

A canção mudara. A voz era a mesma.

Este velho sabe tocar
Toca pão-pa-ra-rão no meu tambor
Com um pão-pa-ra-rão-pão, pão-pão
Dá um osso ao cão...

A voz da criança saía do ralo da pia, como se ela estivesse presa lá embaixo, no encanamento.

...e este velho se manda pra casa.

Durante segundos metronômicos, Bryce escutou com intensidade fascinada. Perdera a fala.

Lançou um olhar para Jenny. Ela o olhava com a mesma expressão atônita que vira no rosto dos homens quando passara pelas portas de vaivém.

— Começou de repente — disse Lisa, erguendo a voz para abafar a cantoria.

— Quando? — quis saber Bryce.

— Tem uns dois minutos — respondeu Gordy Brogan.

— Eu estava na pia — disse Max Dunbar. Era um homem corpulento, cabeludo, de aparência rude e olhos castanhos simpáticos e tímidos. — Quando a cantoria começou... pombas, acho que dei um salto de meio metro!

A canção mudou de novo. A doçura foi substituída por uma devoção untuosa, quase zombeteira:

Jesus me ama, disso eu sei,

pois a Bíblia me diz que sim

— Não estou gostando disso — falou Henry Wong. — Como é que pode?

Chama a si os pequeninos.

Eles são fracos, mas Ele é forte.

Não havia no canto nada de claramente ameaçador; no entanto, como os ruídos que Bryce e Jenny tinham ouvido pelo telefone, a voz meiga da criança, vinda de uma fonte tão absurda, era de dar nos nervos. Assustadora.

Sim, Jesus me ama.

Sim, Jesus me ama.

Sim, Jesus...

O cantar cessou abruptamente.

— Graças a Deus! — exclamou Max Dunbar, estremecendo de alívio, como se o canto melódico da criança tivesse sido insuportavelmente áspero, estridente, desafinado. — Aquela voz estava atingindo até a raiz dos meus dentes.

Depois de vários segundos passados em silêncio, Bryce começou a se debruçar para espiar para dentro do ralo...

...e Jenny disse que talvez ele não devesse...

...e algo explodiu vindo daquele buraco escuro e redondo.

Todos gritaram, Lisa deu um berro e Bryce recuou, com medo e surpresa, amaldiçoando-se por não ter sido mais cuidadoso, levantando bruscamente o revólver, mirando na coisa que saía de dentro do ralo.

Mas era somente água.

Um jato alto de água excepcionalmente nojenta e gordurosa explodiu até quase o teto e depois caiu sobre todos os presentes. Foi um jato de curta duração, apenas um ou dois segundos, lançando borrifos em todas as direções.

Algumas das gotas imundas atingiram o rosto de Bryce.

Manchas escuras apareceram na frente de sua camisa. Aquilo fedia.

Era exatamente o que se esperaria que brotasse de um ralo entupido: água marrom e suja, fiapos de lama viscosa, pedaços das sobras do café da manhã que tinham sido levados ao triturador.

Gordy pegou um rolo de toalhas de papel e todos esfregaram os rostos e procuraram secar as manchas das roupas.

Ainda estavam se enxugando, ainda esperando para ver se a cantoria ia recomeçar, quando Tal Whitman empurrou uma das portas de vaivém.

— Bryce, acabamos de receber uma ligação. O general Copperfield e a sua equipe chegaram ao bloqueio na estrada e receberam ordens de passar há uns dois minutos.

23

A equipe da crise

Snowfield parecia limpinha e tranquila à luz cristalina da manhã. Uma brisa agitava as árvores. O céu estava sem nuvens.

Saindo do hotel, com Bryce, Frank, Doc Paige e mais alguns outros atrás de si, Tal olhou para o sol, e essa visão trouxe-lhe uma lembrança de sua infância no Harlem. Ele costumava comprar balas de um centavo na Loja Boaz, que ficava na extremidade oposta da quadra em que se localizava o apartamento de sua tia Becky. Preferia os dropes de limão. Eram do tom de amarelo mais lindo que já vira. E agora, esta manhã, ele via que o sol estava precisamente daquele tom de amarelo, pendurado no céu como um imenso drops de limão. Aquilo lhe trouxe de volta as imagens, os sons e os odores da Boaz com uma força surpreendente.

Lisa se aproximou de Tal e todos pararam na calçada, olhando para o sopé da ladeira, esperando pela chegada da Unidade de Defesa Civil da CBW.

Nada se movia no sopé da ladeira. A montanha estava silenciosa.

Era evidente que a equipe de Copperfield estava a alguma distância dali.

Esperando ao sol de limão, Tal ficou imaginando se a Loja Boaz ainda existia no mesmo local. O mais provável é que fosse apenas mais uma loja vazia, imunda e pilhada. Ou quem sabe vendia

revistas, fumo e balas apenas como fachada para o tráfico de drogas.

À medida que ele envelhecia, percebia mais nitidamente uma tendência para a degeneração em todas as coisas. Bairros bons acabavam se transformando em bairros pobres; bairros pobres transformavam-se em bairros miseráveis; bairros miseráveis viravam favelas. Era a ordem dando a vez ao caos. Via-se isso por toda a parte, hoje em dia. Mais homicídios este ano do que no ano anterior, Um abuso cada vez maior das drogas. índices cada vez mais altos de assaltos, estupros, roubos. O que salvava Tal de ser um pessimista quanto ao futuro da humanidade era a sua convicção fervorosa de que as pessoas boas — pessoas como Bryce, Frank e Doc Paige; pessoas como a sua tia Becky — podiam deter o fluxo da involução, e quem sabe até invertê-lo, de vez em quando.

Mas a sua fé no poder das pessoas boas e nos atos responsáveis estava enfrentando um teste severo aqui em Snowfield. Este mal parecia invencível.

— Ouçam! — exclamou Gordy Brogan. — Estou escutando o barulho de motores.

Tal olhou para Bryce.

— Pensei que só eram esperados lá pelo meio-dia. Estão três horas adiantados.

— Meio-dia era o limite máximo para a chegada deles — falou Bryce. — Copperfield queria chegar mais cedo, se possível. A julgar pela conversa que tive com ele, é um capataz durão, o tipo do sujeito que, em geral, obtém exatamente o que quer do seu pessoal.

— Igual a você, não é? — perguntou Tal.

Bryce encarou-o por sob as pálpebras sonolentas e caídas.

— Eu? Durão? Ora, eu sou um gatinho. Tal abriu um sorriso.

— Da mesma família da pantera.

— Aí vêm eles!

No começo da Skyline Road surgiu um grande veículo e o som do seu motor ficou mais alto.

Havia três grandes veículos na Unidade de Defesa Civil da CBW.

Jenny ficou olhando enquanto eles subiam lentamente a rua comprida e inclinada na direção do Hilltop.

Liderando a procissão vinha um motor home branco e brilhante, um monstro de dez metros que fora um tanto modificado. Não tinha portas ou janelas ao longo dos flancos. A única entrada ficava, evidentemente, na parte traseira. O para-brisa curvo e contínuo da boleia tinha uma coloração muito escura, impossibilitando a visão de fora para dentro, e parecia ser feito de um vidro muito mais espesso do que o usado nos motor homes comuns. Não havia identificação no veículo, nenhum nome de projeto, nenhuma indicação de que era propriedade do Exército. A placa do veículo era uma placa comum da Califórnia. O anonimato durante o transporte fazia parte evidente do programa de Copperfield.

Atrás do primeiro motor home, vinha um segundo. Fechando a fila vinha um caminhão sem identificação puxando um trailer comum de nove metros, de cor cinza. Até as janelas do caminhão eram coloridas de escuro e tinham uma espessura exagerada.

Sem ter certeza se o motorista do primeiro veículo tinha visto o seu grupo parado diante do Hilltop, Bryce saiu para o meio da rua e agitou o braço por cima da cabeça.

Era óbvio que as cargas úteis nos motor homes e no caminhão eram bastante pesadas. Seus motores faziam esforço para subir a rua, e eles vinham bem lentamente, a menos de 15km por hora, depois menos de 7, se arrastando, gemendo, rangendo. Quando finalmente chegaram ao Hilltop, seguiram em frente, dobraram à direita na esquina e entraram na estrada transversal que flanqueava o hotel.

Jenny, Bryce e os outros se dirigiram para o lado do hotel, enquanto a caravana encostava no meio-fio e estacionava. Todas as ruas leste-oeste de Snowfield cruzavam a face larga da montanha, e a maioria delas era plana. Era muito mais fácil estacionar com segurança os três veículos ali do que na íngreme Skyline Road.

Jenny ficou parada na calçada, olhando para a porta traseira do primeiro motor home, esperando que alguém saísse.

Os três motores superaquecidos foram desligados, um depois do outro, e caiu um pesado silêncio.

Jenny estava mais animada agora do que em qualquer outro momento desde que entraram em Snowfield, na noite anterior. Os especialistas tinham chegado. Como a maioria dos americanos,

tinha uma fé enorme nos especialistas, na tecnologia, na ciência. Na verdade, provavelmente tinha mais fé do que a maioria, pois também era uma especialista, uma cientista. Logo saberiam o que matara Hilda Beck, os Liebermanns e todos os outros. Os especialistas tinham chegado.

Finalmente aparecera a cavalaria.

A porta traseira do caminhão se abriu em primeiro lugar, e alguns homens saltaram. Estavam vestidos para operações em atmosfera biologicamente contaminada. Usavam os macacões de vinil brancos e herméticos do tipo criado para a NASA, com grandes capacetes que apresentavam visores exagerados de plexiglas. Cada homem carregava às costas o seu tanque de suprimento de ar, assim como um sistema de purificação e recuperação de dejetos do tamanho de uma pasta.

Curiosamente, a princípio Jenny não achou que os homens parecessem astronautas. Pareciam mais os seguidores de uma estranha religião, resplandecentes nas suas vestes sacerdotais.

Meia dúzia de homens ágeis tinha saltado do caminhão. Ainda vinham vindo mais quando Jenny se deu conta de que estavam fortemente armados. Eles se espalharam pelos dois lados da sua caravana e tomaram posição entre os meios de transporte e as pessoas na calçada, de costas para os veículos. Esses homens não eram cientistas. Eram tropas de apoio. Seus nomes estavam marcados nos capacetes, logo acima dos visores:

SGT. HARKER, PÇA. FODOR, PÇA. PASCALLI, TEN. UNDERHILL.

Eles ergueram as armas e apontaram para fora, formando um perímetro seguro de um modo que não permitia interferência.

Para seu choque e confusão, Jenny se pegou fitando a boca de uma metralhadora portátil.

Dando um passo na direção das tropas, Bryce falou: — Que diabo significa isso?

O sargento Harker, o mais próximo de Bryce, girou a sua arma para o alto e disparou alguns tiros de advertência.

Bryce parou abruptamente.

Tal e Frank estenderam a mão, automaticamente, para seus revólveres.

— Não! — gritou Bryce. — Pelo amor de Deus, nada de tiros! Estamos do mesmo lado.

Um dos soldados falou. O tenente Underbill. A sua voz soou metálica, vinda de um pequeno amplificador de rádio numa caixa de quinze centímetros de largura no seu peito.

— Por favor, afastem-se dos veículos. Nosso dever primordial é proteger a integridade dos laboratórios, e é o que faremos, custe o que custar.

— Droga — disse Bryce —, não vamos causar nenhum problema. Fui eu quem os chamou, para começo de conversa.

— Afastem-se — insistiu Underbill.

A porta traseira do primeiro motor home finalmente se abriu. Os quatro indivíduos que saltaram também estavam vestindo macacões herméticos, mas não eram soldados. Moviam-se sem pressa. Não estavam armados. Um deles era mulher. Jenny percebeu de relance um rosto de mulher, oriental, impressionantemente belo. Os nomes dos capacetes não eram precedidos por designação de posto: BETTENBY, VALDEZ, NIVEN, YAMAGUCHI. Estes eram os médicos e cientistas que, numa emergência de guerra química e bacteriológica extrema, deixavam suas vidas particulares em Los Angeles, São Francisco, Seattle e outras cidades ocidentais, e se colocavam ao dispor de Copperfield. Segundo Bryce, havia uma equipe dessas no Oeste, outra no Leste e outra nos estados meridionais do Golfo.

Seis homens saltaram do segundo motor home. GOLDSTEIN, ROBERTS, COPPERFIELD, HOUK. Os dois últimos estavam de macacão sem identificação, não havia nomes acima dos seus visores. Eles se adiantaram, permanecendo atrás dos soldados armados, e se uniram a Bettenby, Valdez, Niven e Yamaguchi.

Os dez mantiveram uma conversa entre si por meio dos rádios nos macacões. Jenny podia ver os lábios deles se movendo por detrás dos visores de plexiglas, mas os alto-falantes em seus peitos não transmitiram uma só palavra, o que significava que eles tinham a capacidade de manter conversas tanto públicas quanto estritamente particulares. No momento, estavam optando pela privacidade.

Mas, por quê? questionou-se Jenny. Não têm nada a esconder de nós. Ou será que têm?

O general Copperfield, o mais alto dos vinte, afastou-se do grupo na traseira do primeiro motor home, pisou na calçada e acercou-se de Bryce.

Antes que Copperfield pudesse tomar a iniciativa, Bryce se adiantou.

— General, exijo que me diga por que estão apontando armas para nós.

— Lamento — disse Copperfield. Voltou-se para os soldados de rostos inexpressivo, e falou: — Tudo bem, homens. Não há perigo.

Descansar armas.

Por cansa dos tanques de ar que estavam carregando, os soldados não podiam assumir, confortavelmente, a posição clássica de descansar armas. Porém, movendo-se com a fluida harmonia de uma equipe excepcionalmente treinada, eles imediatamente arrancaram as metralhadoras portáteis dos ombros, abriram os pés, deixando entre eles uma distância precisa de trinta centímetros, colocaram os braços ao longo do corpo e ficaram imóveis, olhando para a frente.

Bryce estivera certo quando dissera a Tal que Copperfield parecia um capataz durão. Era óbvio para Jenny que não havia problemas de disciplina na unidade do general.

Voltando-se para Bryce, sorrindo através do visor, Copperfield perguntou: — Está melhor?

— Melhor — disse Bryce. — Mas ainda quero uma explicação.

— Só POP — falou Copperfield. — Procedimento Operacional Padrão. Faz parte do treinamento normal. Não temos nada contra o senhor ou seu pessoal, xerife. O senhor é o xerife Hammond, não é?

Lembro-me do senhor da conferência em Chicago, no ano passado.

— Sim, senhor, sou Hammond. Mas o senhor ainda não me ofereceu uma explicação adequada. POP só não basta.

— Não há necessidade de erguer a voz, xerife. — Com uma das mãos enluvadas, Copperfield bateu no alto-falante no seu peito. — Isto aqui não é apenas um alto-falante. Também é equipado com um

microfone extremamente sensível. Sabe, entrando num lugar onde pode existir uma séria contaminação química ou biológica, temos que considerar a possibilidade de sermos atacados por um bocado de gente doente ou moribunda. Ora, não somos equipados para administrar curas ou mesmo paliativos. Somos uma equipe de pesquisa.

Estritamente patológica, não tratamento. É nosso serviço descobrir tudo que pudermos sobre a natureza do contaminante, para que as equipes médicas devidamente equipadas possam vir logo depois de nós e lidar com os sobreviventes. Pessoas moribundas e desesperadas, porém, podem não entender que não podemos tratá-las. Podem atacar os laboratórios móveis impulsionados pela raiva e frustração.

— E pelo medo — disse Tal Whitman.

— Exatamente — concordou o general, sem perceber a ironia. — Nossas simulações de estresse psicológico indicam que esta é uma possibilidade bem real.

— E se as pessoas doentes e moribundas tentassem perturbar o seu trabalho — falou Jenny —, vocês a matariam?

Copperfield voltou-se para ela. O sol refletiu no seu visor, transformando-o num espelho, e, por um momento, ela não pôde vê-lo.

Então, ele mudou ligeiramente de posição e seu rosto voltou a aparecer, mas não o suficiente para que ela pudesse ver direito a sua aparência.

Era um rosto fora do contexto, emoldurado na porção transparente de seu capacete. Ele perguntou:

— A dra. Paige, presumo?

— Sim.

— Bem, doutora, se terroristas ou agentes de um governo estrangeiro cometessem um ato de guerra biológica contra uma comunidade americana, caberia a mim e ao meu pessoal isolar o micróbio, identificá-lo e sugerir medidas para contê-lo. Esta é uma tremenda responsabilidade. Se permitíssemos que qualquer um, mesmo as vítimas em sofrimento, nos atrapalhasse, o perigo da praga se espalhar aumentaria dramaticamente.

— Quer dizer — continuou Jenny, ainda insistente — que se as pessoas doentes e moribundas tentassem perturbar o seu trabalho, vocês as matariam?

— Sim — respondeu ele, sem rodeios. — Mesmo as pessoas decentes às vezes têm que optar: dos males o menor.

Jenny correu os olhos por Snowfield, que parecia um cemitério ao sol da manhã do mesmo modo que parecera na escuridão da noite. O general Copperfield tinha razão. Qualquer coisa que ele tivesse que fazer para proteger a sua equipe seria apenas um pequeno mal. O grande mal era o que fora feito — o que ainda estava sendo feito — a esta cidade.

Não estava bem certa do motivo pelo qual fora tão irascível com ele.

Talvez fosse porque pensara nele e no seu pessoal como a cavalaria salvadora. Quisera que todos os problemas fossem solucionados, todas as ambiguidades esclarecidas instantaneamente, com a chegada de Copperfield, Quando se dera conta de que não ia ser assim, quando eles chegaram a puxar revólveres para ela, o sonho se desfizera num instante. Irracionalmente, pusera a culpa no general.

Isso não fazia o seu gênero. Seus nervos deviam estar mais afetados do que ela imaginara.

Bryce começou a apresentar os seus homens ao general, mas Copperfield interrompeu.

— Não quero ser grosseiro, xerife, mas não temos tempo para apresentações. Mais tarde. Agora, quero ação. Quero ver todas aquelas coisas de que o senhor me falou ao telefone, ontem à noite, e depois dar início a uma autópsia.

Ele não quer que se façam as apresentações porque não faz sentido fazer amizade com gente que pode estar condenada, pensou Jenny. Se apresentarmos sintomas de moléstia nas próximas horas, se for uma doença cerebral, enlouquecermos e tentarmos atacar os laboratórios móveis, será mais fácil para ele atirar em nós se não nos conhecer muito bem.

Pare com isso! falou consigo mesmo, irada.

Olhou para Lisa e pensou: Santo Deus, garota, se eu estou deste jeito, imagino em que estado de nervos você deve estar. No

entanto, manteve-se tão controlada quanto qualquer um. Que garota fantástica para se ter como irmã.

— Antes de lhe mostrarmos tudo — disse Bryce a Copperfield — o senhor deve saber sobre a coisa que vimos ontem à noite e o que aconteceu ao...

— Não, não — falou Copperfield, impaciente. — Quero acompanhar a coisa passo a passo. Exatamente do jeito que vocês encontraram tudo. Haverá tempo de sobra para me contar o que aconteceu ontem à noite. Vamos andando.

— Mas acontece que está começando a parecer que é impossível que tenha sido uma moléstia que acabou com esta cidade — protestou Bryce.

O general falou: — O meu pessoal veio para cá para investigar possíveis conexões de CBW. Faremos isto em primeiro lugar. Depois, poderemos considerar outras possibilidades. POP, xerife.

Bryce enviou a maioria de seus homens de volta ao Hilltop, conservando apenas Tal e Frank consigo.

Jenny tomou a mão de Lisa e dirigiram-se, elas também, para o hotel.

— Doutora! — chamou Copperfield. — Espere um momento.

Quero que venha conosco. A senhora foi a primeira médica no local. Se as condições dos cadáveres se modificaram, é a mais indicada para observar isso.

Jenny olhou para Lisa.

— Quer vir junto?

— Voltar para a padaria? Não, obrigada — retrucou a jovem, estremecendo.

Pensando na voz infantil, sinistramente doce, que saíra do ralo da pia, Jenny disse:

— Não entre na cozinha. E se tiver que ir ao banheiro, peça a alguém para ir com você.

— Jenny, só tem homem!

— Não faz mal. Peça ao Gordy. Ele pode ficar em frente à porta, de costas para você.

— Pombas, eu vou morrer de vergonha.

— Quer entrar naquele banheiro sozinha de novo? O rosto da jovem ficou sem cor.

— De jeito nenhum.

— Ótimo. Fique junto dos outros. E quero dizer junto. Não apenas na mesma sala. Fique na mesma parte da sala. Promete?

— Prometo.

Jenny pensou nos dois telefonemas de Wargle pela manhã.

Pensou nas ameaças obscenas que fizera. Embora fossem as ameaças de um morto e devessem não significar nada, Jenny estava com medo.

— Você também tenha cuidado — disse Lisa.

Ela beijou a mocinha na face.

— Agora corra e vá ficar junto do Gordy antes que ele dobre a esquina.

Lisa saiu correndo e gritando:

— Gordy! Espere por mim!

O delegado jovem e alto parou na esquina e olhou para trás.

Vendo Lisa correr pela calçada de pedras redondas, Jenny sentiu um aperto no coração.

Pensou: E se, quando eu voltar, ela tiver sumido? E se eu nunca mais a vir com vida?

24

Um terror gelado

A padaria dos Liebermanns.

Bryce, Tal, Frank e Jenny entraram na cozinha. O general Copperfield e os nove cientistas de sua equipe seguiram-nos de perto, e quatro soldados, portando metralhadoras portáteis, fechavam a retaguarda.

A cozinha ficou superlotada. Bryce se sentiu pouco à vontade. E se fossem atacados enquanto estivessem ali amontoados? E se tivessem que sair às pressas?

As duas cabeças estavam exatamente onde tinham estado na véspera; dentro dos fornos, espiando pelo vidro. Na mesa de trabalho, as mãos cortadas ainda estavam segurando o rolo de macarrão.

Niven, um dos homens do general, tirou diversas fotos da cozinha de vários ângulos, depois cerca de doze doses das cabeças e das mãos.

Os outros ficavam circulando pela sala para sair da frente de Niven. O registro fotográfico tinha que ser completado antes que o trabalho dos médicos pudesse começar, o que não diferia da rotina que os policiais seguiam na cena de um crime.

Enquanto os cientistas de trajes espaciais se moviam, a sua roupa de borracha rangia. As botas pesadas raspavam ruidosamente no chão ladrilhado.

— Ainda acha que é um simples incidente de CBW? — perguntou Bryce a Copperfield.

— Pode ser.

— Verdade?

Copperfield falou:

— Phil, você é o especialista do grupo no gás que afeta o sistema nervoso. Está pensando no que eu estou pensando?

A pergunta foi respondida pelo homem em cujo capacete se via o nome HOUK.

— Ainda é muito cedo para afirmar qualquer coisa, mas me parece que podíamos estar lidando com uma toxina neuroplética. E existem algumas coisas a respeito disto — principalmente a extrema violência psicopática — que me fazem pensar se não estaríamos diante de um caso de T-139.

— É uma possibilidade nada desprezível — disse Copper field.

— Foi exatamente no que pensei quando entramos.

Niven continuou a bater fotos, e Bryce perguntou: — E o que é esse T-139?

— Um dos principais gases que afetam o sistema nervoso, do arsenal russo — explicou o general. — Seu nome completo é Timoshenko-139, batizado em homenagem a Ilya Timoshenko, o cientista que o criou.

— Que belo monumento — comentou Tal. com sarcasmo.

— A maior parte dos gases asfixiantes que afetam o sistema nervoso causa a morte num período que vai de trinta segundos a cinco minutos após o contato com a pele — explicou Houk. — Mas o T-139 não é assim tão misericordioso.

— Misericordioso! — exclamou Frank Autry, atônito.

— O T-139 não é apenas um matador — explicou Houk. — Isso seria misericordioso, por comparação. O T-139 é aquilo que os estrategistas militares chamam de desmoralizador.

Copperfield falou: — Ele passa pela pele e entra na corrente sanguínea em dez segundos, ou menos, depois migra para o cérebro e quase instantaneamente causa danos irreparáveis aos tecidos cerebrais.

— Por um período de quatro a seis horas — disse Houk —, a vítima continua em pleno uso dos membros e com cem por cento da sua força normal. A princípio, é apenas a mente que sofre.

— Demência paranóide — falou Copperfield. — Confusão intelectual, medo, raiva, perda do controle emocional e uma certeza absoluta de que todo mundo está tramando contra ela. Isso é combinado com uma compulsão feroz de cometer atos violentos.

Em essência, xerife, o T-139 transforma as pessoas em máquinas alucinadas de matar por um período de quatro a seis horas. Elas se atacam entre si e atacam as pessoas que não foram afetadas, fora do raio de ação do gás. O senhor pode ver que efeito extremamente desmoralizante isso teria num inimigo.

— Sem dúvida — disse Bryce. — E a dra. Paige apresentou a teoria de uma doença dessas, ontem à noite, uma raiva mutante que mataria algumas pessoas, transformando outras em assassinos dementes.

— O T-139 não é uma moléstia. — disse Houk rapidamente. — É um gás que afeta o sistema nervoso. E se eu pudesse escolher, preferia que isso fosse um ataque deste tipo de gás. Logo que o gás se dissipa, a ameaça termina. Uma ameaça biológica é bem mais difícil de controlar.

— Se foi gás — falou Copperfield —, já se dissipou há muito tempo, mas haverá vestígios dele em quase toda a parte. Resíduos condensados. Num instante o identificaremos.

Recuaram de encontro a uma parede, para dar passagem a Niven e sua câmara.

Jenny perguntou:

— Dr. Houk, quanto a este T-139, o senhor mencionou que o estágio ambulatorial dura de quatro a seis horas. E depois?

— Bem — respondeu Houk —, o segundo estágio é também o estágio terminal. Pode durar de seis a doze horas. Começa com a deterioração dos nervos eferentes e vai crescendo até a paralisia dos centros de reflexos cardíacos, vasomotores e respiratórios do cérebro.

— Santo Deus — exclamou Jenny. Frank pediu: — Repita mais uma vez para nós, leigos. Jenny explicou: — Significa que durante o segundo estágio da doença, num período que vai de seis a doze horas, o T-139 reduz gradativamente a capacidade do cérebro de regular suas funções automáticas, tais como respiração, batimentos cardíacos, dilatação dos vasos sanguíneos, função dos órgãos. A vítima começa a experimentar um batimento cardíaco irregular, dificuldade extrema em respirar e colapso gradativo de todas as glândulas e órgãos. Doze horas podem não parecer gradativo para você, mas pareceria uma eternidade para a vítima. Ela teria vômitos,

diarreia, incontinência urinária, espasmos musculares contínuos e violentos. E se apenas os nervos eferentes fossem danificados, se o restante do sistema nervoso permanecesse intacto, ela sentiria dores cruciantes e incessantes.

— De seis a doze horas de inferno — confirmou Copperfield.

— Até que o coração pare — disse Houk — ou até que a vítima simplesmente pare de respirar e sufoque.

Durante longos segundos, enquanto Niven tirava as suas últimas fotos, ninguém falou.

Finalmente, Jenny falou:

— Ainda acho que um gás não pode ter sido o responsável por isso, nem mesmo um T-139, que explicaria as decapitações. Para começo de conversa, nenhuma das vítimas que encontramos tinha indícios de vômitos ou incontinência.

— Bem — disse Copperfield —, podemos estar lidando com um derivado do T-139 que não produza esses sintomas. Ou algum outro gás.

— Nenhum gás pode explicar a mariposa — falou Tal Whitman.

— Ou o que aconteceu com Stu Wargle — disse Frank.

Copperfield indagou:

— Mariposa?

— O senhor não queria ouvir a história até ter visto estas outras coisas — lembrou Bryce a Copperfield. — Mas agora acho que está na hora de...

Niven disse: — Terminei.

— Muito bem — falou Copperfield. — Xerife, dra. Paige, delegados, se quiserem fazer o favor de ficar em silêncio até termos completado o resto de nossas tarefas aqui, a sua cooperação será muitíssimo apreciada.

Os demais imediatamente se lançaram ao trabalho. Yamaguchi e Bettenby transferiram as cabeças cortadas para um par de baldes para amostras revestidos de porcelana e com tampas que os trancavam hermeticamente. Valdez retirou com cuidado as mãos do rolo de macarrão e colocou-as num terceiro balde para amostras. Houk raspou um pouco da farinha que havia sobre a mesa e colocou-a num pequeno frasco de plástico, evidentemente porque a farinha seca teria absorvido, e ainda teria, vestígios do gás — se, na

verdade, tivesse havido qualquer gás que afetasse o sistema nervoso. Houk também pegou uma amostra da massa para tortas que estava sob o rolo de macarrão. Goldstein e Roberts inspecionaram os dois fornos de onde as cabeças tinham sido retiradas, e depois Goldstein utilizou um pequeno aspirador a pilha para dar uma limpeza completa no primeiro forno. Quando terminou, Roberts pegou o saco com os resíduos, selou-o e etiquetou-o, enquanto Goldstein usava o aspirador para coletar evidências mínimas e até microscópicas do segundo forno.

Todos os cientistas estavam atarefados, exceto os dois homens cujos nomes não estavam nos capacetes. Eles ficavam de lado, apenas observando.

Bryce observava os observadores, imaginando quem seriam e qual a função que desempenhariam.

Enquanto os outros trabalhavam, eles descreviam o que estavam fazendo e faziam comentários sobre o que tinham encontrado, sempre falando num jargão que Bryce não conseguia compreender. Não falavam dois ao mesmo tempo; este fato, juntamente com o pedido de silêncio feito por Copperfield para aqueles que não eram membros da equipe, fazia parecer que estavam falando oficialmente.

Entre os objetos que pendiam do cinto de utilidades à volta da cintura de Copperfield, estava um gravador ligado diretamente ao sistema de comunicações do macacão do general. Bryce percebeu que os rolos do gravador estavam se movendo.

Quando os cientistas tinham obtido tudo que queriam da cozinha da padaria, Copperfield falou: — Muito bem, xerife. Para onde, agora? Bryce apontou para o gravador.

— Não vai desligar isso até chegarmos lá?

— Não. Começamos a gravar desde o momento em que nos permitiram passar pelo bloqueio na estrada e vamos continuar gravando até descobrirmos o que aconteceu a esta cidade. Desse modo, se algo der errado, se todos morrermos antes de ser encontrada a solução, a nova equipe saberá de todos os passos que demos. Não terão que começar da estaca zero, e poderão até ter um registro detalhado do erro fatal que causou a nossa morte.

A segunda parada foi na galeria de arte e artesanato para onde Frank Autry levara os três outros homens na noite anterior. Novamente foi ele a tomar a frente, entrando primeiro na sala de exposição, depois no escritório dos fundos, depois subindo a escada que levava ao apartamento do segundo andar.

Parecia a Frank haver algo de quase cômico na cena: todos aqueles astronautas subindo laboriosamente a escada estreita, os rostos teatralmente sombrios por trás dos visores de plexiglas, o som da sua respiração amplificado pelo espaço fechado do capacete e projetado pelos alto-falantes no peito num volume exagerado, um som agourento.

Era como um daqueles filmes de ficção científica de 1950 — O Ataque dos Astronautas Alienígenas, ou qualquer coisa igualmente cafona —, e Frank não pôde deixar de sorrir.

O seu débil sorriso, porém, desapareceu quando ele entrou na cozinha do apartamento e viu novamente o homem morto. O cadáver estava no mesmo lugar da véspera, deitado ao pé da geladeira, usando apenas as calças azuis do pijama. Ainda inchado, pisado, fitando o nada de olhos arregalados.

Frank saiu do caminho do pessoal de Copperfield e foi se juntar a Bryce ao lado do balcão onde estava a torradeira.

Copperfield voltou a pedir silêncio aos leigos, enquanto os cientistas rodeavam cuidadosamente o material para o preparo de sanduíches que estava espalhado pelo chão. Cercaram o cadáver.

Dentro de alguns minutos tinham terminado um exame preliminar do corpo.

Copperfield voltou-se para Bryce e falou: — Vamos levar este aqui para autópsia.

— Ainda acha que podemos estar lidando com um simples incidente de CBW? — perguntou Bryce, como já perguntara antes.

— Sim, é inteiramente possível — disse o general.

— Mas as pisaduras e o inchaço... — falou Tal.

— Podem ser uma reação alérgica a um gás que afeta o sistema nervoso — disse Houk.

— Se levantarem a perna do pijama — falou Jenny —, creio que verão que a reação se estende até mesmo à pele que não está exposta.

— É verdade — concordou Copperfield. — Já olhamos.

— Mas como é possível a pele reagir mesmo nos lugares em que não entrou em contato com o gás?

— Esses gases em geral têm um alto poder de penetração — explicou Houk. — Costumam atravessar a maioria das roupas. Na verdade, a única coisa que detém muitos deles são os trajes de vinil ou borracha.

Exatamente o que vocês estão usando, pensou Frank, e nós não.

— Também há outro corpo aqui — disse Bryce ao general. — Quer dar uma olhada nele também?

— Positivo.

— É por aqui, senhor — mostrou Frank.

Saiu da cozinha e desceu o corredor, de arma em punho.

Frank temia entrar no quarto onde a mulher morta jazia nua em meio aos lençóis amassados. Lembrou-se das coisas grosseiras que Stu Wargle dissera a seu respeito e tinha a sensação terrível de que Stu estaria ali agora, transando com a loura, seus corpos mortos grudados numa paixão fria e infindável.

Mas apenas a mulher estava lá. Esparramada na cama. As pernas ainda abortas. A boca escancarada num grito eterno.

Quando Copperfield e o seu pessoal tinham terminado um exame preliminar do cadáver e estavam prontos para partir, Frank fez questão de que eles vissem a automática 22 que ela aparentemente esvaziara atirando no assassino.

— Acha que ela teria' atirado numa nuvem de gás, general?

— Claro que não — disse Copperfield. — Mas talvez já estivesse afetada pelo gás, já estivesse com o cérebro danificado. Poderia estar atirando em alucinações, em fantasmas.

— Fantasmas — falou Frank. — É, senhor, é isso que teriam que ser. Porque, sabe, ela disparou todas as dez balas do pente, no entanto só encontramos dois projéteis — um naquela cômoda ali, outro na parede onde se vê o buraco. Isso quer dizer que ela acertou a maioria dos disparos naquilo contra que estava atirando.

— Conheço essa gente — disse a dra. Paige, adiantando-se. — Gary e Sandy Wechlas. Ela era uma exímia atiradora. Tiro ao alvo.

Ganhou diversas competições na feira do condado, no ano passado.

— Então tinha perícia bastante para acertar oito tiros entre dez — falou Frank. — E mesmo oito tiros certeiros não detiveram a coisa que ela estava tentando deter. Oito tiros certeiros nem mesmo a fizeram sangrar. Claro, fantasmas não sangram. Mas, senhor, será que um fantasma seria capaz de sair daqui levando consigo aqueles oito projéteis!

Copperfield fitou-o, de testa franzida.

Todos os cientistas também estavam franzindo a testa.

Os soldados não estavam apenas franzindo a testa; estavam olhando ao seu redor, inquietos.

Frank pôde ver que o estado dos dois corpos — especialmente a expressão de pesadelo da mulher — fizera efeito no general e no seu pessoal. O medo nos olhos de todos estava mais nítido. Embora não quisessem admiti-lo, tinham encontrado algo além da sua experiência.

Ainda estavam se apegando a explicações que faziam sentido para eles (gases, vírus, veneno), mas estavam começando a ter as suas dúvidas.

O pessoal de Copperfield trouxera consigo uma sacola de plástico com zíper para colocar cadáveres. Na cozinha, enfiaram o cadáver de pijama na sacola, depois tiraram-na do prédio e deixaram-na na calçada, com a intenção de pegá-la na hora de voltar para os laboratórios móveis.

Bryce levou-os até o Mercado Gilmartin. Lá dentro, junto aos refrigeradores de leite, onde a coisa acontecera, ele lhes contou sobre o desaparecimento de Jake Johnson.

— Nenhum grito. Absolutamente nenhum som. Somente alguns segundos de escuridão. Alguns segundos. Mas quando a luz se acendeu de novo, Jake tinha sumido.

Copperfield falou:

— Vocês procuraram...

— Por toda-a parte.

— Ele pode ter fugido — falou Roberts.

— É — concordou a dra. Yamaguchi. — Quem sabe desertou. Dadas as coisas que viu...

— Meu Deus — exclamou Goldstein. — E se ele deixou Snowfield? Pode estar além da linha de quarentena, espalhando a infecção...

— Não, não, não. Jake não desertaria — disse Bryce. — Não era exatamente o policial mais agressivo da força, mas não me abandonaria. Não era irresponsável.

— Definitivamente não — concordou Tal. — Além disso, o pai de Jake foi o xerife do condado, portanto há muito orgulho de família na história.

— E Jake era um homem cauteloso — falou Frank. — Não fazia nada impulsivamente.

Bryce assentiu.

— De qualquer forma, mesmo que estivesse apavorado o bastante para fugir, teria levado um carro-patrulha. Não teria saído da cidade a pé.

— Olhem — falou Copperfield. — Ele sabia muito bem que não o deixariam passar pelo bloqueio da estrada, portanto teria evitado completamente a rodovia. Podia ter se metido nos bosques.

Jenny sacudiu a cabeça.

— Não, general. A terra por lá é realmente agreste. O delegado Johnson não ignorava que se perderia e morreria.

— E — disse Bryce — será que um homem assustado se meteria intempestivamente pelo meio de uma floresta estranha, à noite? Acho que não, general. Mas acho que está na hora do senhor saber o que aconteceu ao meu outro delegado.

Apoiado de encontro a um refrigerador cheio de queijos e frios, Bryce contou-lhes sobre a mariposa, sobre o ataque a Wargle e o estado arrepiante do cadáver. Contou-lhes sobre o encontro de Lisa com um Wargle ressuscitado e sobre a constatação subsequente de que o corpo tinha desaparecido.

Copperfield e a sua equipe expressaram espanto a princípio, depois confusão, depois medo. Durante a maior parte da história de Bryce, porém, fitaram-no num silêncio desconfiado e trocaram olhares intencionais.

Bryce encerrou a sua narrativa falando-lhes da voz infantil que saíra de dentro do ralo tia cozinha alguns momentos antes da

chegada deles. Então, pela terceira vez, falou: — Como é, general, ainda acha que parece um simples incidente de CBW?

Copperfield hesitou, correu os olhos pelo mercado desarrumado, finalmente encontrou o olhar de Bryce e falou: — Xerife, o dr. Roberts e o dr. Goldstein farão um exame físico completo no senhor e em todas as pessoas que viram esta... hã... mariposa.

— Não acredita em mim.

— Ah, eu acredito que vocês, genuína, sinceramente, acham ter visto todas essas coisas.

— Droga — disse Tal. Copperfield continuou: — Sem dúvida vocês podem compreender que, para nós, isso soa como se vocês todos tivessem sido contaminados, como se estivessem sofrendo de alucinações.

Bryce estava cansado da descrença deles e frustrado pela sua rigidez intelectual. Como cientistas, supunha-se que devessem ser receptivos a novas ideias e possibilidades inesperadas. Em vez disso, pareciam determinados a forçar as provas e se conformarem às suas noções preconcebidas do que iam encontrar em Snowfield.

— Acha que todos poderíamos ter tido a mesma alucinação? — perguntou Bryce.

— Alucinações em massa não são algo desconhecido — disse Copperfield.

— General — falou Jenny —, não havia nada de alucinatório no que vimos. Tudo tinha a textura áspera da realidade.

— Dra. Paige, de um modo geral eu daria um peso considerável a qualquer observação que a senhora houvesse por bem fazer. Porém, à semelhança daquelas pessoas que alegam ter visto a tal mariposa, o seu juízo médico no assunto simplesmente não é objetivo.

Fechando a cara para Copperfield, Frank Autry falou: — Senhor, se foi tudo apenas uma alucinação coletiva... então onde está Stu Wargle?

— Quem sabe tanto ele quanto esse Jake Johnson abandonaram vocês? — disse Roberts. — E quem sabe vocês simplesmente incorporaram o desaparecimento deles aos seus delírios?

Graças a uma longa experiência, Bryce sabia que um debate estava perdido do momento em que se deixava aflorar a emoção.

Forçou-se a permanecer numa posição relaxada, apoiado contra o refrigerador. Mantendo a voz baixa e lenta, falou: — General, pelas coisas que o senhor e o seu pessoal disseram, alguém podia achar que o departamento policial do condado de Santa Mira tem como funcionários apenas covardes, idiotas e homens que se furtam ao seu dever.

Copperfield fazia gestos conciliatórios com as mãos enluvadas em borracha.

— Não, não, não. Não estamos dizendo nada disso. Por favor, xerife, tente compreender. Estamos sendo francos com o senhor.

Estamos lhe dizendo como a situação nos parece — como pareceria, a qualquer um com conhecimento especializado de guerra química e biológica. A alucinação é uma das coisas que esperamos encontrar nos sobreviventes. É uma das coisas que temos que procurar. Agora, se vocês conseguissem nos oferecer uma explicação lógica para a existência dessa mariposa do tamanho de uma águia... bem, então talvez nós pudéssemos vir a acreditar. Mas vocês não conseguiram. O que faz com que a nossa sugestão — de que vocês meramente tiveram alucinações — seja a única explicação que faz sentido.

Bryce notou que os quatro soldados o estavam fitando de uma maneira muito diferente, agora que ele estava sendo considerado como uma vítima do gás que afetava o sistema nervoso. Afinal de contas, um homem que sofria de alucinações bizarras era obviamente instável, perigoso, talvez até violento o bastante para cortar fora a cabeça das pessoas e enfiá-las nos fornos de uma padaria. Os soldados ergueram as metralhadoras portáteis alguns centímetros, embora não estivessem apontando diretamente para Bryce. Olhavam para ele (e para Jenny, Tal e Frank) com um ar de desconfiança novo e indisfarçável.

Antes que pudesse responder a Copperfield, Bryce sobressaltou-se com um barulho alto vindo dos fundos do mercado, para além dos cepos de açougueiro. Ele se afastou do refrigerador, voltou-se para a origem da comoção e levou a mão direita ao revólver no coldre.

Com o canto do olho viu que dois dos soldados estavam reagindo a ele, e não ao barulho. Quando levara a mão ao revólver, eles haviam instantaneamente erguido as metralhadoras.

Fora um som de marteladas que chamara a sua atenção. E uma voz. Ambos vinham do grande frigorífico, do outro lado da área de trabalho do açougueiro, a cerca de quatro metros e meio de distância, quase diretamente em oposição ao ponto em que Bryce e os outros estavam reunidos. A porta espessa e isolada da geladeira abafava os golpes que choviam sobre ela, mas, mesmo assim, eles ainda eram altos. A voz também era abafada, as palavras indistintas, mas Bryce pensou que podia ouvir alguém pedindo socorro.

— Há alguém preso lá dentro — falou Copperfield.

— Não pode ser — disse Bryce.

Frank falou:

— Não pode estar trancado lá dentro porque a porta abre dos dois lados.

As batidas e os gritos cessaram abruptamente. Um tinido.

Um ruído de metal sobre metal.

A maçaneta da grande porta de aço polido moveu-se para cima e para baixo, para cima e para baixo, para cima...

O trinco se soltou. A porta se abriu. Mas apenas uns cinco centímetros. Depois, parou.

O ar refrigerado saiu lá de dentro, misturando-se com o ar mais cálido do mercado. Pequenas nuvens de vapor gelado erguiam-se ao longo da extensão da porta aberta.

Embora a luz estivesse acesa no aposento para além da porta, Bryce não podia ver nada pela abertura estreita. Apesar disso, sabia bem como era o frigorífico. Durante a busca da véspera por Jake Johnson, Bryce estivera lá dentro, vasculhando. Era um lugar frígido, sem janelas, claustrofóbico, de cerca de 3,50m por 4,50m. Havia uma outra porta, equipada com duas trancas, que dava para o beco, com o objetivo de facilitar o recebimento das entregas de carne. Um piso de concreto pintado. Paredes de concreto seladas. Luzes fluorescentes.

Respiradouros em três das paredes faziam circular o ar gelado em volta dos pedaços de carne de boi e de porco que pendiam dos

ganchos no teto.

Bryce não podia ouvir nada além da respiração aumentada dos cientistas e soldados nos macacões de descontaminação, que, por sinal, já estava abrandada; alguns deles pareciam estar prendendo o ar nos pulmões.

Então, de dentro do frigorífico, saiu um gemido de dor. Uma voz muito fraquinha pediu socorro. Ricocheteando nas frias paredes de concreto, levada nos vapores de ar em espiral que escapavam pela porta ligeiramente aberta, a voz era trêmula, distorcida, mas reconhecível.

— Bryce... Tal...? Quem está ai? Frank? Gordy? Tem alguém aí?

Alguém... pode... me ajudar?

Era Jake Johnson.

Bryce, Jenny, Tal e Frank ficaram imóveis, prestando atenção.

Copperfield disse:

— Seja quem for, está precisando muito de ajuda.

— Bryce... por favor... alguém...

— O senhor o conhece? — perguntou Copperfield. — Está chamando pelo senhor, não está, xerife?

Sem esperar resposta, o general ordenou que dois de seus homens — o sargento Harker e o praça Pascalli — fossem examinar o frigorífico.

— Espere! — exclamou Bryce. — Ninguém vai entrar lá. Vamos deixar esses refrigeradores nos separando daquele frigorífico até sabermos mais alguma coisa.

— Xerife, conquanto eu pretenda lhe prestar cooperação integral em tudo que for possível, o senhor não tem autoridade sobre meus homens ou sobre mim.

— Bryce... sou eu... Jake... Pelo amor de Deus, me ajude. Quebrei a droga da minha perna.

— Jake? — perguntou Copperfield, apertando os olhos, curiosamente, ao fitar Bryce. — Quer dizer que esse homem aí dentro é o mesmo que vocês disseram ter sido levado daqui ontem à noite?

— Alguém... me ajude... Jesus, está f-frio... tão f-f-frio.

— Parece com ele — admitiu Bryce.

— Pronto, estão vendo só ? — disse Copperfield. — Não há nada de misterioso na história, afinal de contas. Ele esteve aí o tempo todo.

Bryce olhou feio para o general.

— Eu já lhe disse que revistamos tudo ontem à noite. Até mesmo a droga do frigorífico. Ele não estava lá.

— Bem, mas agora está — retrucou o general.

— Ei, vocês aí fora! Estou com f-frio. Não consigo m-mexer... a droga da perna!

Jenny tocou o braço de Bryce.

— Está errado. Está tudo errado. Copperfield disse: — Xerife, não podemos ficar aqui parados permitindo que um homem ferido sofra.

— Se Jake realmente tivesse passado a noite toda aí dentro — falou Frank Autry —, a esta altura já teria morrido congelado.

— Bem, se é um frigorífico para guardar carne — falou Copperfield —, o ar lá dentro não chega a congelar. É apenas frio. Se o homem estivesse com roupas bem quentes, sobreviveria este tempo todo com facilidade.

— Mas como foi que ele entrou aí, para começo de conversa? — perguntou Frank. — Que diabo estava fazendo aí dentro?

— E ele não estava aí ontem à noite — disse Tal, com impaciência. Jake Johnson pediu socorro de novo.

— Há perigo aí — disse Bryce a Copperfield. — Eu estou sentindo. Meus homens estão sentindo. A dra. Paige está sentindo.

— Eu não — disse Copperfield.

— General, o senhor não esteve em Snowfield tempo suficiente para compreender que tem que esperar o totalmente inesperado.

— Como mariposas do tamanho de águias? Engolindo a sua raiva, Bryce falou:

— O senhor não está aqui há tempo suficiente para compreender que... bem... nada é exatamente o que parece ser.

Copperfield examinou-o com ar cético.

— Não banque o místico para cima de mim, xerife.

Dentro do frigorífico, Jake Johnson começou a chorar. As suas súplicas choramingadas soavam horríveis. Parecia um velho

apavorado, cheio de dores. Não parecia ser nem um pouquinho perigoso.

— Temos que ajudar aquele homem agora — disse Copperfield.

— Não vou arriscar os meus homens — disse Bryce. — Ainda não. Copperfield voltou a ordenar ao sargento Harker e ao praça Pascalli que examinassem o frigorífico. Embora fosse óbvio, pela sua fisionomia, que não estava achando haver muito perigo para homens armados com metralhadoras, disse-lhes que tomassem cuidado. O general ainda acreditava que o inimigo era algo tão pequeno quanto uma bactéria ou uma molécula de gás.

Os dois soldados atravessaram as filas de refrigeradores na direção do portão que conduzia à área de trabalho do açougueiro.

Frank falou:

— Se Jake pôde abrir a porta, por que não pôde abri-la completamente para deixar que o víssemos?

— Provavelmente gastou as suas últimas forças simplesmente destrancando a porta — falou Copperfield. — Dá para se notar pela voz dele, pelo amor de Deus. Exaustão completa.

Harker e Pascalli cruzaram o portão, por trás dos refrigeradores.

A mão de Bryce apertou com mais força o cabo do seu revólver, ainda no coldre.

Tal Whitman falou: — Tem muita coisa errada nesta história, pombas. Se é realmente o Jake, se precisa de ajuda, por que esperou até agora para abrir a porta?

— A única maneira de descobrirmos é perguntando a ele — disse o general.

— Não, quero dizer, há uma entrada externa para esta geladeira — falou Tal. — Ele podia ter aberto a porta antes e gritado para dentro do beco. A cidade está tão quieta que nós o teríamos ouvido lá no Hilltop.

— Quem sabe esteve inconsciente até agora — falou Copperfield. Harker e Pascalli estavam passando pelos cepos e a serra elétrica para carne.

Jake Johnson chamou de novo.

— Alguém... está vindo? Alguém... está vindo agora? Jenny começou a levantar outra objeção, mas Bryce falou: — Poupe seu fôlego.

— Dra. Paige — disse Copperfield —, a senhora realmente espera que ignoremos os pedidos de socorro desse homem?

— Claro que não — replicou ela. — Mas devemos dar um tempo e pensar num modo seguro de dar uma olhada lá dentro.

Sacudindo a cabeça, Copperfield interrompeu-a: — Temos que cuidar dele sem demora. Preste atenção, doutora.

Ele está muito ferido.

Jake estava gemendo de dor de novo.

Harker aproximou-se da porta do frigorífico.

Pascalli ficou uns dois passos para trás e para o lado, dando a melhor cobertura possível ao seu sargento.

Bryce sentiu os músculos se enrijecendo de tensão nas costas, nos ombros e no pescoço.

Harker chegara à porta.

— Não — disse Jenny, baixinho.

A porta do frigorífico abria para dentro. Harker estendeu para diante o cano da metralhadora e escancarou a porta com a ajuda dele.

As dobradiças gemeram e rangeram.

O ruído deixou Bryce todo arrepiado.

Jake não estava largado no vão da porta. Não estava visível em parte alguma.

Para além do sargento, nada podia ser visto, exceto os pedaços de carne pendurados: escuros, cheios de gordura, sangrentos.

Harker hesitou...

(Não entre! pensou Bryce.)

...e depois entrou. Cruzou a soleira da porta agachado, olhando para a esquerda e apontando a arma para aquele lado, depois, quase instantaneamente, olhando para a direita e girando a boca da arma para esse lado.

À sua direita, Harker viu alguma coisa. Endireitou-se bruscamente, com surpresa e medo. Cambaleando apressadamente para trás, colidiu com um talho de carne.

— Puta que pariu!

Harker pontuou o seu grito com uma saraivada curta de balas da sua metralhadora.

Bryce se crispou. O ruído da arma era ensurdecedor.

Algo empurrou a porta da geladeira pelo lado de dentro e fechou-a.

Harker estava preso lá dentro com aquilo. Aquilo.

— Santo Deus — exclamou Bryce.

Sem perder o tempo que gastaria até o portão, Bryce subiu no refrigerador à sua frente, que lhe batia pela cintura, pisando em pacotes de queijo suíço Kraft e queijo de bola envoltos em papel impermeável.

Passou por cima de tudo aquilo e saltou pelo outro lado, na área do açougueiro.

Outra saraivada de balas. Mais longa, desta feita. Talvez longa o bastante para esgotar a munição da arma.

Pascalli estava junto à porta do frigorífico, lutando desesperadamente com a maçaneta.

Bryce rodeou as mesas de trabalho.

— O que é que há? — O praça Pascalli parecia jovem demais para estar no Exército... e muito assustado. — Pombas, vamos tirar ele daí! — disse Bryce.

— Não posso. Esta merda não quer abrir! Dentro do frigorífico, os disparos cessaram. Começaram os gritos.

Pascalli mexia na maçaneta emperrada feito um alucinado.

Embora a porta grossa e isolada abafasse os gritos de Harker, ainda assim eles eram altos, e ficaram rapidamente ainda mais altos.

Vindo através do transmissor-receptor portátil no macacão de Pascalli, a gritaria agoniada devia ser ensurdecedora, pois o soldado de repente levou a mão ao capacete como se estivesse tentando bloquear o som.

Bryce empurrou o soldado para o lado. Agarrou a maçaneta comprida da porta, que funcionava com ação de alavanca, com as duas mãos. Ela não se moveu nem para cima nem para baixo.

Dentro do frigorífico, os gritos penetrantes aumentavam, diminuíam e aumentavam, ficando mais altos, mais estridentes e mais apavorantes.

Que diabo aquilo está fazendo com Harker? perguntou-se Bryce.

Esfolando vivo o pobre filho da mãe?

Voltou o olhar para os refrigeradores. Tal também pulara por cima das mercadorias e vinha rapidamente na sua direção. O general e outro soldado, praça Fodor, atravessaram às pressas o portão. Frank tinha saltado para cima de um dos refrigeradores, mas de frente para a parte principal da loja, prevendo a hipótese de que aquela comoção no frigorífico fosse apenas unia tática para desviar a atenção. Os restantes ainda estavam parados em grupo, no corredor para além dos refrigeradores.

Bryce grilou: — Jenny!

— O que é?

— Esta loja tem seção de ferramentas?

— Umas miudezas.

— Preciso de uma chave de fenda.

— Estou indo — falou, e já estava correndo. Harker gritou.

Jesus, que grito terrível. Saído de um pesadelo. De um asilo de loucos. Do Inferno.

Só de escutá-lo, Bryce ficou suando gelado. Copperfield chegou ao frigorífico.

— Deixe-me ver essa maçaneta.

— Não adianta.

— Deixe-me ver! Bryce saiu do caminho.

O general era um homem grande e musculoso — o maior homem de todos, na verdade. Parecia forte o bastante para arrancar pela raiz um carvalho centenário. Esforçando-se, praguejando, ele não conseguiu mover a maçaneta da porta nem um milímetro, da mesma forma que Bryce não conseguira.

— O maldito trinco deve estar quebrado ou torto — disse Copperfield, arfando.

Harker berrava e berrava.

Bryce pensou na padaria dos Liebermanns. No rolo de macarrão sobre a mesa. As mãos. As mãos cortadas. Era assim que um homem poderia berrar enquanto via suas mãos sendo cortadas fora na altura dos pulsos.

Copperfield esmurrava a porta, com fúria e frustração.

Bryce lançou um olhar a Tal. Há sempre uma primeira vez: Talbert Whitman estava visivelmente amedrontado.

Chamando o nome de Bryce, Jenny atravessou o portão.

Carregava três chaves de fenda, cada uma delas fechada num pacote colorido de papelão e plástico.

— Não sabia qual o tamanho que você ia precisar — falou.

— Ótimo — disse Bryce, estendendo a mão para as ferramentas.

— Agora saia daqui rápido. Volte para junto dos outros.

Ignorando a ordem, ela lhe deu duas das chaves de fenda, mas não soltou a terceira.

Os gritos de Harker tinham se tornado tão estridentes, tão horríveis, que já nem pareciam humanos.

Enquanto Bryce abria um dos pacotes, Jenny rasgou o terceiro invólucro amarelo em pedaços e tirou de dentro dele a chave de fenda.

— Sou médica. Eu fico.

— Não há nenhum médico que possa fazer mais nada por ele — falou Bryce, rasgando furiosamente o segundo pacote.

— Pode ser que não. Se você achasse que não havia chance, não estaria tentando tirá-lo daí.

— Que droga, Jenny!

Estava preocupado com ela, mas sabia que não conseguiria persuadi-la a sair se ela já tinha se resolvido a ficar.

Tirou a terceira chave de fenda das mãos dela, passou pelo general Copperfield e voltou para junto da porta.

Não podia remover os parafusos das dobradiças. A porta abria para dentro, portanto as dobradiças eram internas.

A maçaneta de ação de alavanca, porém, ajustava-se através de uma grande placa de cobertura atrás da qual ficava o mecanismo da tranca. A placa estava presa à parte externa da porta por quatro parafusos. Bryce se agachou diante da placa, escolheu a chave de fenda mais adequada e retirou o primeiro parafuso, deixando-o cair ao chão.

Os gritos de Harker cessaram.

O silêncio que se seguiu era quase pior do que a gritaria.

Bryce retirou o segundo, o terceiro e o quarto parafusos.

Ainda não se ouvia som algum vindo do sargento Harker.

Quando a placa de cobertura ficou solta, Bryce deslizou-a ao longo da maçaneta, soltou-a e jogou-a ao chão. Fitou de olhos

apertados as entranhas do trinco, cutucou o mecanismo com a chave de fenda.

Como resposta, pedaços irregulares de metal partido saltaram de dentro do trinco; outros pedaços foram caindo por um espaço oco no interior da porta. O trinco fora completamente destroçado por dentro da porta.

Ele encontrou a fenda de liberação manual na haste do trinco, enfiou nela a chave de fenda, puxou para a direita. A mola parecia ter sido muito danificada, pois quase não tinha resistência. Apesar disso, ele puxou o trinco o bastante para conseguir retirá-lo do buraco no batente da porta, depois empurrou para dentro. Algo estalou; a porta começou a se abrir.

Todos, inclusive Bryce, recuaram.

O próprio peso da porta contribuía suficientemente para o seu momento, e ela continuou a se mover lenta, lentamente para dentro.

O praça Pascalli a estava cobrindo com a metralhadora, e Bryce sacou o próprio revólver, assim como Copperfield, embora o sargento Harker tivesse provado conclusivamente que tais armas eram inúteis.

A porta se escancarou.

Bryce esperava que algo saísse correndo na direção deles. Nada disso ocorreu.

Olhando pela porta aberta para dentro do frigorífico, ele pôde ver que a porta externa também estava aberta, ao contrário de quando Harker entrara, uns dois minutos antes. Para além dela via-se o beco manchado pelo sol.

Copperfield mandou que Pascalli e Fodor vistoriassem o frigorífico. Eles entraram rapidamente porta adentro, um virando para esquerda, outro para a direita, até sumirem de vista.

Dentro de alguns segundos, Pascalli voltou.

— Tudo em ordem, senhor.

Copperfield entrou no frigorífico, e Bryce o seguiu.

A metralhadora de Harker jazia no chão.

O sargento Harker estava pendurado na armação para carne do teto, ao lado de um talho de carne — pendurado num gancho de duas pontas enormes e de ar malévolo que fora enfiado no seu peito.

O estômago de Bryce revirou. Começou a se afastar do homem pendurado, quando se deu conta de que não era realmente Harker. Era apenas o macacão de descontaminação e o capacete do sargento, que pendiam frouxos, vazios. O tecido resistente de vinil fora cortado. O

visor de plexiglas fora quebrado e quase arrancado de dentro da base de borracha em que se encaixava firmemente. Harker fora arrancado do traje antes que este fosse espetado no gancho.

Mas onde estava Harker?

Sumira.

Mais outro. Sumido.

Pascalli e Fodor estavam lá fora na plataforma de carga, olhando para um e outro lado do beco.

— Toda aquela gritaria — disse Jenny, parando ao lado de Bryce —, no entanto não há sangue no chão ou no macacão.

Tal Whitman apanhou vários cartuchos que tinham sido cuspidos pela metralhadora; dezenas deles coalhavam o chão. Os invólucros de metal brilhavam na palma aberta da sua mão.

— Muitos cartuchos, mas não estou vendo muitas balas. Parece que o sargento acertou naquilo em que estava atirando. Deve ter acertado pelo menos uns cem tiros. Quem sabe duzentos. Quantas balas há num desses pentes grandes, general?

Copperfield fitou os cartuchos brilhantes, mas não respondeu.

Pascalli e Fodor voltaram da plataforma de carga e Pascalli falou: — Não há sinal dele lá fora, senhor. Quer que revistemos o beco um pouco mais?

Antes que Copperfield pudesse responder, Bryce falou: — General, o senhor tem que esquecer o sargento Harker, por mais doloroso que isso possa ser. Ele está morto. Não tenha nenhuma esperança quanto a ele. Trata-se de morte. De morte. Não tomada de reféns. Não terrorismo. Não gás que afeta o sistema nervoso. Não há nada de parcial nesta história, neste jogo estão valendo todas as fichas.

Não sei exatamente que diabo está lá fora, ou de onde veio, mas sei que é a Morte personificada. A morte está lá fora numa forma que ainda nem podemos imaginar, impulsionada por algum

propósito que talvez nem possamos compreender. A mariposa que matou Stu Wargle...

aquela nem era a verdadeira aparência da coisa. Eu sinto isso. A mariposa foi como a reanimação do corpo de Wargle quando ele foi atrás de Lisa no banheiro: foi apenas para enganar, uma prestidigitação.

— Um fantasma — falou Tal, usando a palavra que Copperfield utilizara com um sentido um tanto diferente.

— É, um fantasma — concordou Bryce. — Ainda não encontramos o verdadeiro inimigo. É algo que simplesmente gosta de matar. Pode matar rápida e silenciosamente, do jeito que matou Jake Johnson. Mas matou Harker mais lentamente, machucando-o de verdade, fazendo-o gritar. Porque queria que ouvíssemos aqueles gritos.

O assassinato de Harker foi mais ou menos aquilo que o senhor falou do T-139: desmoralizador. Essa coisa não levou o sargento Harker embora. Matou-o, general. Aquilo o matou. Não arrisque a vida de mais homens procurando por um cadáver.

Copperfield ficou calado por um momento. Depois, falou: — Mas a voz que ouvimos. Era o seu homem, Jake Johnson.

— Não — disse Bryce. — Acho que não era realmente Jake.

Parecia a voz dele, mas agora estou começando a desconfiar que estamos enfrentando algo que é um imitador fantástico.

— Imitador? — perguntou Copperfield. Jenny olhou para Bryce.

— Aqueles barulhos de animal ao telefone.

— É. Os gatos, cães, aves, cascavéis, a criança chorando... Era quase como uma atuação. Como se ele estivesse se vangloriando: "Ei, olhe o que sei fazer; veja como sou esperto." A voz de Jake Johnson era apenas mais uma imitação do seu repertório.

— O que está sugerindo? — perguntou Copperfield. — Algo de sobrenatural?

— Não. Isto é real.

— E então? Dê-lhe um nome — exigiu Copperfield.

— Não posso, que diabo — exclamou Bryce. — Talvez seja uma mutação natural ou até mesmo algo que saiu de um laboratório de engenharia genética em alguma parte. Sabe alguma coisa a esse respeito, general? Vai ver, o Exército tem uma droga duma divisão

inteira de geneticistas criando máquinas guerreiras biológicas, monstros feitos pelo homem, projetados para chacinar e aterrorizar, criaturas compostas do ADN de meia dúzia de animais. Pegue um pouco da estrutura genética da tarântula e combine-a com um pouco da estrutura genética do crocodilo, da cobra, da vespa, quem sabe do urso mais feroz, e depois, só de curtição, insira o gens da inteligência humana. Ponha tudo num tubo de ensaio; incube-o; nutra-o. O que obteria? Com que se pareceria? Será que estou falando como um louco furioso, sugerindo uma coisa dessas? Frankenstein com uma bossa moderna? Será que já foram tão longe com a pesquisa da recombinação do ADN? Talvez eu nem mesmo devesse ter eliminado o sobrenatural. O que estou tentando dizer, general, é que pode ser qualquer coisa. É por isso que não posso lhe dar um nome. Dê asas à imaginação, general.

Não importa que coisa pavorosa o senhor possa imaginar, não podemos eliminá-la. Estamos lidando com o desconhecido, e o desconhecido abrange todos os nossos pesadelos.

Copperfield fitou-o, depois ergueu os olhos para o macacão e o capacete do sargento Marker, que pendiam do gancho de carne. Voltou-se para Pascalli e Fodor.

— Não vamos revistar o beco. O xerife provavelmente tem razão.

O sargento Marker está perdido, e não há nada que possamos fazer por ele.

Pela quarta vez desde que Copperfield chegara na cidade, Bryce falou:

— O senhor ainda acha que podemos estar lidando com um simples incidente de CBW?

— Agentes químicos ou biológicos podem estar envolvidos — disse Copperfield. — Como o senhor observou, não podemos eliminar coisa alguma. Mas não é um caso simples. Tem razão quanto a isso, xerife. Desculpe ter sugerido que vocês estavam apenas tendo alucinações e...

— Desculpas aceitas — falou Bryce.

— Alguma teoria? — perguntou Jenny.

— Bem — respondeu Copperfield —, quero começar a primeira autópsia e os testes de patologia imediatamente. Talvez não

encontremos uma moléstia ou um gás, mas ainda podemos encontrar algo que nos dê uma pista.

— É bom mesmo fazer isso, senhor — falou Tal. — Porque tenho um palpite de que o tempo está se esgotando.

25

Perguntas

O cabo Billy Velazquez, um dos membros da tropa de apoio do general Copperfield, desceu pela abertura que levava ao escoadouro.

Embora não tivesse feito esforço algum, estava respirando com dificuldade. Porque estava com medo.

O que acontecera ao sargento Harker?

Os outros tinham voltado, com ar apalermado. O velho Copperfield dissera que Harker estava morto. Dissera que não tinham certeza do que matara o sarja, mas que pretendiam descobrir. Cara, isso era papo furado. Eles deviam saber o que o tinha matado.

Simplesmente não queriam contar. Isso era típico dos figurões, fazer segredo de tudo.

A escada descia por um pedaço curto de cano vertical, depois entrava no cano de escoamento principal e horizontal. Billy chegou ao fundo. As suas botas emitiram ruídos duros, secos, ao atingirem o chão de concreto.

O túnel não tinha altura suficiente para permitir que ele ficasse ereto. Agachou-se ligeiramente e correu o facho da lanterna elétrica ao seu redor.

Paredes de concreto cinzentas. Tubos das companhias telefônica e de força. Alguma umidade. Alguns fungos aqui e ali. Nada mais.

Billy se afastou da escada quando Ron Peake, outro membro do grupo de apoio, desceu até o escoadouro.

Por que ao menos não tinham trazido com eles o corpo de Harker, quando retornaram do Mercado Gilmartin?

Billy ficava movendo a lanterna à sua volta e olhando nervosamente por cima do ombro.

Por que o velho cu-de-ferro Copperfield ficava enfatizando a necessidade de serem atentos e cuidadosos aqui embaixo?

Senhor, o que é que devemos procurar? — perguntara Billy.

Copperfield dissera:

Qualquer coisa. Tudo. Não sei se há perigo ou não. E mesmo que haja, não sei exatamente o que mandar vocês procurarem. Sejam apenas tremendamente cuidadosos. E se qualquer coisa se mexer lá embaixo, não importa o quanto pareça inocente, mesmo que seja só um camundongo, sebo nas canelas, dêem o fora de lá imediatamente.

Ora, que porra de resposta era aquela?

Jesus.

Ele estava todo arrepiado.

Billy gostaria de ter podido ter uma conversinha com Pascalli ou Fodor. Eles não eram nenhum maldito figurão. Eles lhe contariam toda a história sobre Harker — se tivesse a chance de lhes perguntar.

Ron Peake chegou ao pé da escada. Olhou ansiosamente para Billy.

Velazquez dirigiu o facho da lanterna para todos os cantos, para mostrar ao outro homem que não havia o que temer.

Ron ligou a sua própria lanterna e sorriu constrangido, sem jeito por ter ficado tão nervoso.

Os homens lá em cima começaram a enfiar um cabo de força através do orifício de entrada. O cabo provinha de dois laboratórios móveis que estavam estacionados a poucos metros da entrada do escoadouro.

Ron pegou a extremidade do cabo, e Billy, arrastando-se, meio agachado, foi abrindo caminho para o leste. Na rua lá em cima, os homens soltaram mais cabo para dentro do escoadouro.

Este túnel devia cortar um conduto igualmente grande ou ainda maior sob a rua principal, a Skyline Road. Naquele ponto devia haver uma caixa de ligações elétricas da companhia de força, onde diversos fios da rede elétrica da cidade se uniam. Enquanto seguia com toda a cautela que Copperfield sugerira, Hilly jogava o facho da

lanterna sobre as paredes do túnel, procurando o emblema da companhia de força.

A caixa de ligações elétricas estava à esquerda, a cerca de dois metros do cruzamento dos dois condutos, do lado de quem vinha. Billy passou por ela, foi até o cano da Skyline Road, debruçou-se na passagem, apontou a sua luz para a direita e para a esquerda, certificando-se de que não havia nada à espreita. O cano da Skyline Road era do mesmo tamanho daquele em que ele se encontrava, mas seguia a inclinação da rua que o encimava, caindo montanha abaixo.

Não havia nada à vista.

Olhando para baixo, para o túnel que sumia de vista, Billy Velazquez lembrou-se de uma história em quadrinhos que lera há muitos anos numa revista de terror. Não se lembrava do título. A história era sobre um ladrão de bancos que matara duas pessoas durante um assalto e depois, fugindo da polícia, penetrara no sistema de escoamento da cidade. O bandido entrara por um túnel que se inclinava para baixo, achando que o levaria ao rio, mas ele o levara, em vez disso, ao Inferno. Era isso o que o cano da Skyline Road parecia, descendo, descendo, descendo: um caminho para o Inferno.

Billy virou-se para olhar montanha acima, imaginando se aquele se pareceria com um caminho para o Céu. Mas parecia a mesma coisa, de um lado ou de outro. Para cima ou para baixo, parecia um caminho para o Inferno.

O que acontecera ao sargento Harker?

Será que a mesma coisa aconteceria a todos, mais cedo ou mais tarde?

Até mesmo a William Luis Velazquez, que sempre tivera tanta certeza (até agora) de que viveria para sempre?

Ficou com a boca seca, de repente.

Virou a cabeça, dentro do capacete, e levou os lábios ressecados ao bico do seu tubo nutriente. Sugou, trazendo para a boca um fluido doce, fresco, cheio de carboidratos, rico em vitaminas e minerais. O que ele queria era uma cerveja. Mas até que pudesse sair deste macacão, a solução nutriente era a única

coisa disponível. Carregava consigo um suprimento para 48 horas — se não tomasse mais de sessenta gramas por hora.

Afastando-se do caminho para o Inferno, dirigiu-se à caixa de ligações elétricas. Ron Peake já estava trabalhando. Movendo-se com eficiência, apesar dos trajes de descontaminação volumosos e do pouco espaço, eles fizeram a ligação do cabo deles com o suprimento de força.

A unidade trouxera o seu próprio gerador, mas ele seria usado somente se a energia elétrica municipal se perdesse.

Dentro de alguns minutos, Velazquez e Peake tinham terminado.

Billy usou o seu rádio de macacão-a-macacão para ligar para a superfície.

— General, já fizemos a ligação. Já devem ter energia agora, senhor. A resposta veio prontamente: — Já lemos. Agora tratem de se arrancar daí, e bem rápido.

— Sim, senhor — respondeu Billy. Então ele escutou... alguma coisa.

Sussurrando.

Arfando.

Ron Peake agarrou o ombro de Billy. Apontou. Para além dele.

Para o cano do escoamento da Skyline.

Billy deu meia-volta, agachou-se ainda mais e jogou o facho da sua lanterna para o cruzamento que a lanterna de Peake estava focalizando.

Animais vinham descendo o túnel da Skyline Road. Dúzias e dúzias deles.

Cães.

Brancos, cinzentos, pretos, castanhos, avermelhados e dourados, cães de todo tamanho e feitio; a maioria era vira-lata, mas também havia beagles, poodles miniatura, poodles de tamanho normal, pastores alemães, spaniels, dois dinamarqueses, alguns airedales, um schnuzer, um par de dobermans pretos retintos com o focinho adornado de marrom. E havia gatos também. Grandes e pequenos. Gatos magros e gatos gordos. Gatos pretos, malhados, brancos, amarelos, pintados, castanhos, listrados e cinzentos. Nenhum dos cães latia ou rosnava. Nenhum dos gatos miava ou ronronava. Os únicos sons eram o seu arfar e o pisar e o raspar

macios das suas patas no concreto. Os animais derramavam-se cano abaixo com uma intensidade curiosa, todos olhando direto para a frente, nenhum deles sequer lançando um olhar ao cano do cruzamento, onde se encontravam Billy e Ron Peake.

— O que estão fazendo aqui? — indagou Billy. — Como chegaram aqui?

Da rua lá em cima, Copperfield perguntou pelo rádio: — O que está havendo? Velazquez?

Billy estava tão estupefato com a procissão de animais que não respondeu imediatamente.

Outros animais começaram a aparecer, misturados aos cães e gatos. Esquilos, Coelhos. Uma raposa cinzenta. Guaxinins. Mais raposas e mais esquilos. Cangambás. Todos eles olhando direto para a frente, indiferentes a tudo, exceto à necessidade de continuar em movimento. Gambás e texugos. Camundongos e tâmias. Coiotes. Todos descendo o caminho que levava ao Inferno, misturando-se uns com os outros, por cima e por baixo e ao redor, sem contudo jamais tropeçar ou hesitar ou tentar atacar uns aos outros. O estranho desfile era tão veloz, contínuo e harmonioso quanto a água corrente.

— Velazquez! Peake! Comuniquem-se: — Animais — disse Billy para o general. — Cães, gatos, guaxinins, bichos de todo tipo. Um rio deles.

— Senhor, eles estão correndo pelo túnel da Skyline abaixo, logo além da boca deste cano — falou Peake.

— Embaixo da terra — disse Billy, perplexo. — É uma loucura.

— Batam em retirada, porra — explodiu Copperfield, ansiosamente. — Saiam daí agora. Agora!

Billy lembrou-se da advertência do general, feita pouco antes de terem cruzado o orifício de entrada: Se qualquer coisa se mexer lá embaixo... mesmo que seja só um camundongo, sebo nas canelas, dêem o fora de lá imediatamente.

Inicialmente, o desfile subterrâneo de animais fora surpreendente, mas não especialmente assustador. Agora, a procissão bizarra ficou subitamente sinistra, até ameaçadora.

E agora havia cobras no meio dos animais. Dezenas delas.

Longas cobras negras, do tipo não venenosa, deslizando rapidamente, as cabeças erguidas uns trinta ou sessenta centímetros acima do chão do escoadouro, ali havia as cascavéis, as cabeças planas e malévolas erguidas também, embora mais baixo do que as das cobras negras mais compridas, porém movendo-se com igual rapidez e sinuosidade, dirigindo-se todas com um propósito misterioso para um destino sombrio e igualmente misterioso.

Embora as cobras não tivessem dado a Velazquez e Peake nem mais um pouco de atenção do que os cães e gatos, a sua chegada deslizante foi o bastante para tirar Billy do seu transe. Ele odiava cobras. Virou-se para o caminho por onde viera e cutucou Peake.

— Ande; Ande logo. Saia daqui. Corra!

Algo guinchou-gritou-rugiu.

O coração de Billy começou a bater ferozmente.

O som vinha do escoadouro da Skyline, lá do caminho para o Inferno. Billy não teve coragem de olhar para trás.

Não era um grito humano, nem era um som animal, no entanto, inquestionavelmente, era o grito de uma coisa viva. Não havia como se enganar quanto às emoções selvagens daquele berro estranho, de gelar o sangue. Não era um grito de medo ou de dor. Era uma explosão de fúria, ódio, e de uma fome de sangue febril.

Felizmente, aquele rugido malévolo não vinha de perto, vinha mais do alto da montanha, da direção da extremidade superior do conduto da Skyline. A fera — fosse lá em nome de Deus o que fosse — pelo menos ainda não estava bem perto deles. Mas se aproximava rapidamente.

Ron Peake voltou rapidamente para junto da escada, e Billy foi atrás. Os trajes de descontaminação volumosos dificultavam seus movimentos, o chão curvo do cano atrasava o seu progresso, e eles corriam arrastando os pés e sacolejando. Embora não tivessem uma grande distância a percorrer, progrediam de maneira irritantemente lenta.

A coisa no túnel gritou de novo.

Mais perto.

Era um ganido e um rosnar e um uivo e um rugido e um guincho petulante, tudo a um só tempo, um som de arame farpado que

furava os ouvidos de Billy e raspava cravos grandes e frios de metal sobre o seu coração.

Mais perto.

Se Billy Velazquez fosse um nazareno temente a Deus ou um cristão fundamentalista de bater no peito, sempre agarrado à Bíblia e falando nos castigos do Inferno, teria sabido qual a fera que poderia emitir um grito daqueles. Se tivesse aprendido que o Maligno e Seus servos andam pela terra em carne e osso, buscando almas incautas para devorar, teria identificado prontamente esta fera. Teria dito "É Satanás". O rugido que ecoava pelos túneis de concreto era verdadeiramente terrível a este ponto.

E mais perto.

Aproximando-se.

Rapidamente.

Mas Billy era um católico. O catolicismo moderno tende a minimizar as histórias das covas-cheias-de-enxofre-do-Inferno e, em troca, enfatizar a grande misericórdia e infinita compaixão de Deus. Os protestantes fundamentalistas extremistas enxergavam a mão do Demônio em tudo, desde programas de televisão até os romances de Judy Blume, passando pelos sutiãs de armação para erguer bem os seios. Mas o catolicismo optava por um tom mais discreto, mais leve. A Igreja de Roma agora dava ao mundo coisas tais como as noviças cantoras, Bingo das Quartas à Noite, e padres como Andrew Greeley.

Portanto, Billy Velazquez, criado como católico, não associou imediatamente as forças satânicas sobrenaturais com o grito apavorante desta fera desconhecida — muito embora tivesse se lembrado tão sinistramente daquela velha história em quadrinhos do caminho-para-o-Inferno. Billy só sabia que a criatura aos berros que se aproximava pelas entranhas da terra era uma coisa ruim. Uma coisa muito ruim.

E estava chegando perto. Muito mais perto.

Ron Peake chegou à escada, começou a subir, deixou cair a sua lanterna, não se deu ao trabalho de voltar para pegá-la. Peake estava indo muito devagar, e Billy gritou para ele: — Depressa, porra!

O grito da fera desconhecida tornara-se uma ululação sinistra que preenchia os canos de escoamento subterrâneos tão completamente quanto as águas de uma enchente. Billy nem mesmo conseguia escutar os seus próprios gritos.

Peake já estava na metade da escada.

Havia quase espaço suficiente para Billy se colocar debaixo dele e começar a subir. Ele botou uma das mãos na escada.

O pé de Ron Peake escorregou. Ele caiu para o degrau abaixo.

Billy praguejou e tirou a mão do caminho.

A gritaria estava cada vez mais alta.

Mais perto, mais perto.

A lanterna de Peake estava apontando na direção do escoadouro da Skyline, mas Billy não olhou para trás. Olhava somente para cima, para a luz do sol. Se olhasse para trás e visse uma coisa pavorosa, as suas forças falhariam, e ele não conseguiria se mexer, e a coisa o pegaria, por Deus que o pegaria.

Peake voltou a subir. Desta feita, seus pés permaneceram nos degraus.

O cano de concreto estava transmitindo vibrações trovejantes que Billy podia sentir através das solas de suas botas. As vibrações eram como passos pesados, desajeitados, e no entanto velozes como um raio.

Não olhe, não olhe!

Billy agarrou os lados da escada e foi subindo com a rapidez que o progresso do Peake lhe permitia. Um degrau. Dois. Três.

Acima dele, Peake atravessou o orifício e saiu para a rua.

Com Peake fora do caminho, um jato de luz do sol de outono caiu sobre Billy Velazquez, e havia algo nele que era como a luz penetrando por uma janela de igreja — talvez porque representasse a esperança.

Estava na metade da escada.

Vou chegar lá, vou chegar lá, sem dúvida que vou chegar lá, disse a si mesmo, sem fôlego.

Mas os gritos e os uivos, Jesus, era como estar no centro de um ciclone!

Mais um degrau.

E mais outro.

O traje de descontaminação parecia mais pesado do que já parecera antes. Uma tonelada. Uma armadura. Atrasando o seu progresso.

Estava agora no cano vertical, saindo do cano horizontal que corria por baixo da rua. Olhou ansioso para a luz e os rostos que espiavam a sua subida, e continuou firme.

Vou chegar lá.

A sua cabeça passou pelo orifício de entrada.

Alguém estendeu a mão. Era Copperfield em pessoa.

Atrás de Billy, os gritos tinham cessado.

Ele subiu mais um degrau, soltou uma das mãos da escada e estendeu-a para o general...

...mas algo agarrou as suas pernas por baixo antes que ele pudesse segurar a mão de Copperfield.

— Não!

Algo o agarrou, soltou os seus pés da escada e o arrancou dali.

Gritando — estranhamente, ele se ouviu gritando pela mãe —, Billy caiu, batendo com o capacete contra a parede do cano e depois contra um degrau da escada, atordoando-se, machucando os cotovelos e joelhos, tentando desesperadamente agarrar-se a um degrau, sem conseguir, finalmente desabando no abraço daquela coisa execrável que começou a arrastá-lo na direção do conduto da Skyline, puxando-o pelas costas.

Ele se retorceu, chutou, esmurrou, mas em vão. Estava seguro com firmeza e era arrastado cada vez mais para as profundezas do escoadouro.

No fiapo de luz que vinha do orifício de entrada, depois no facho de luz cada vez mais fraco da lanterna abandonada de Peake, Billy viu um pouco da coisa que o mantinha preso. Não muito. Fragmentos que saíam das sombras, depois sumiam de novo na escuridão. Viu o suficiente para que se lhe soltassem os intestinos e a bexiga. Era como um lagarto. Mas não era um lagarto. Como um inseto. Mas não era um inseto. Sibilava e vagia e rosnava. Mordia e rasgava o seu macacão enquanto o arrastava. Tinha mandíbulas cavernosas e dentes. Jesus, Maria e José — os dentes! Uma fila dupla de espigões afiados como navalhas. Tinha garras e era imenso, e os olhos eram de um vermelho esfumaçado com pupilas

alongadas negras como o fundo de uma sepultura. Tinha escamas em vez de pele e dois chifres, saindo da testa acima dos olhos malignos, curvando-se para fora e para cima, com a ponta fina como a de um punhal. Um focinho, em vez de um nariz, um focinho que vertia ranho. Uma língua bipartida que ficava entrando e saindo e entrando e saindo no meio de todas aquelas presas mortais, e algo que parecia o ferrão de uma vespa, ou quem sabe uma quela.

A coisa arrastou Billy Velazquez para dentro do conduto da Skyline. Ele raspava o concreto, buscando desesperadamente algo em que se agarrar, mas conseguia apenas desgastar os dedos e palmas de suas luvas. Sentiu o ar subterrâneo fresco nas mãos e se deu conta de que agora podia estar contaminado, mas aquilo era o mínimo com que se devia preocupar.

A coisa o arrastou para dentro do coração pulsante da escuridão. Parou, apertou-o com força. Rasgou o seu macacão. Rachou-lhe o capacete. Começou a retirar o visor de plexiglas. Parecia encará-lo como a uma noz deliciosa dentro de uma casca dura.

Ele mal estava conseguindo manter a sanidade, mas se esforçava para não se descontrolar completamente, para tentar compreender. A princípio, pareceu-lhe que aquilo era uma criatura pré-histórica, algo com um milhão de anos de idade, que, de alguma forma, por alguma deformação no tempo, viera cair nos escoadouros. Mas isso era uma loucura. Ele sentiu que ia soltar uma risadinha cristalina, estridente, lunática, e soube que estaria perdido se se permitisse soltá-

la. O monstro já arrancara a maior parte do seu traje de descontaminação. Estava em contato com ele agora, pressionando com força, uma coisa fria e repulsivamente escorregadia que parecia pulsar e, de alguma forma, se modificar ao tocá-lo. Billy, arfando e chorando, lembrou-se de repente de uma ilustração de um antigo catecismo. O desenho de um demônio. Era isso que isto era. Como o desenho. É, exatamente como ele. Os chifres. A língua escura e bipartida. Os olhos vermelhos. Um demônio saído do Inferno. E então ele pensou: Não, não, isso também é loucura! E durante todo o tempo em que aqueles pensamentos fervilhavam na sua cabeça, a criatura esfaimada o despia e praticamente abria em dois o seu capacete. Na escuridão total, ele sentiu o focinho dela

pressionando por entre as metades do capacete quebrado, na direção do seu rosto, farejando. Sentiu-lhe a língua adejando de encontro à sua boca e seu nariz. Sentiu um cheiro vago mas repelente, como jamais sentira antes. A fera cutucava a barriga e as coxas dele, e então ele sentiu um fogo estranho e brutalmente doloroso penetrando suas carnes: o fogo do ácido. Ele se retorceu, se contorceu, corcoveou, se debateu — tudo em vão. Billy ouviu a própria voz gritando de terror, dor e confusão.

— É o Diabo, é o Diabo?

Deu-se conta de que estivera berrando e gritando coisas quase continuamente desde o momento em que fora arrancado da escada.

Agora, sem conseguir mais falar, enquanto o fogo sem chamas transformava-lhe os pulmões em cinzas e se revolvia na sua garganta, ele orou num cantochão silencioso, para afastar o medo, a morte e a terrível sensação de pequenez e inutilidade que o acometera: Maria, Mãe de Deus, ouve a minha súplica... ouve a minha súplica, Maria, ora por mim... ora, ora por mim, Maria, Mãe de Deus, Maria, intercede por mim e...

A sua pergunta fora respondida.

Ele sabia o que tinha acontecido ao sargento Harker.

Galen Copperfield era um homem de vida ao ar livre, e sabia muita coisa a respeito dos animais selvagens da América do Norte. Uma das criaturas que achava mais interessantes era a aranha de alçapão.

Ela era uma engenheira esperta, construía um ninho profundo e tubular no chão, com uma tampa articulada. A tampa se harmonizava tão perfeitamente com o solo na qual se encontrava que os outros insetos caminhavam por cima dela, inconscientes do perigo lá embaixo, e eram instantaneamente sequestrados para dentro do ninho, arrastados lá para baixo e devorados. A rapidez com que a coisa acontecia era apavorante e fascinante. Num instante a presa ali estava, parada em cima do alçapão, e no instante seguinte desaparecera, como se nunca tivesse existido.

O desaparecimento do cabo Velazquez foi tão súbito como se ele tivesse pisado na tampa da toca de uma aranha de alçapão.

Sumiu.

Os homens de Copperfield já estavam nervosos com o desaparecimento de Harker e assustados com os uivos de pesadelo que tinham cessado pouco antes de Velazquez ser arrastado para baixo.

Quando o cabo foi levado, todos eles recuaram, aos tropeções, temendo que algo fosse sair de dentro da abertura.

Copperfield, no ato de estender a mão para Velazquez quando ele foi apanhado, deu um salto para trás. Depois ficou imóvel. Indeciso. Ele não era assim. Jamais fora indeciso numa crise.

Velasquez gritava pelo rádio de macacão-a-macacão. Rompendo o gelo que imobilizava as suas juntas, Copperfield dirigiu-se à abertura e olhou para baixo. A lanterna elétrica de Peake jazia no chão do cano.

Porém não havia mais nada. Nem sinal de Velazquez.

Copperfield hesitou.

O cabo continuava a berrar.

Mandar outros homens atrás do pobre filho da mãe.

Não. Seria uma missão suicida. Lembre-se de Harker. Reduzir as perdas, aqui e agora.

Porém, santo Deus, os gritos eram terríveis. Não tão pavorosos quanto os de Harker. Aqueles tinham sido gritos de dor cruciante. Estes eram gritos de terror mortal. Não tão ruins, talvez, porém bastante ruins. Tão ruins quanto qualquer coisa que Copperfield tivesse ouvido no campo de batalha.

Havia palavras em meio aos gritos, cuspidas em arquejos explosivos. O cabo estava fazendo uma tentativa desesperada, balbuciante, de explicar aos que estavam lá em cima — e quem sabe a si mesmo — exatamente o que estava vendo.

— ...lagarto...

— ...inseto...

— ...dragão...

— ...pré-histórico... .— ...demônio...

E finalmente, com dor física e angústia da alma na voz, o cabo exclamou: — É o Diabo, é o Diabo!

Depois disso, os gritos foram tão pavorosos quanto os de Harker.

Pelo menos, estes duraram menos tempo.

Quando reinou apenas o silêncio, Copperfield recolocou a tampa da abertura no lugar. Por causa do cabo de força, a tampa de metal não se encaixava corretamente e ficou inclinada num dos cantos, mas cobria a maior parte do buraco.

Ele colocou dois homens na calçada, a três metros da entrada do escoadouro, e ordenou-lhes que atirassem em qualquer coisa que saísse dali.

Como uma arma de nada servira para Harker, Copperfield e mais alguns outros homens reuniram tudo de que precisavam para fabricar coquetéis Molotov. Pegaram duas dúzias de garrafas de vinho da loja de bebidas Brookhart, na Vail Lane, esvaziaram-nas, colocaram sabão em pó no fundo de cada uma, encheram-nas com gasolina e enrolaram mechas de trapos nos gargalos, até que elas estivessem bem arrolhadas.

Será que o fogo obteria êxito onde as balas tinham falhado?

O que acontecera a Harker?

O que acontecera a Velazquez?

O que acontecerá comigo, questionou-se Copperfield.

O primeiro dos dois laboratórios de campo móveis tinha custado mais de três mil dólares, e fazia jus a cada centavo que o Departamento da Defesa gastara com ele.

O laboratório era uma maravilha de microminiaturização tecnológica. Por exemplo, o seu computador — baseado num trio de módulos principais do micro Intel 432; 690.000 transistores concentrados sobre apenas nove chips de silício — não ocupava mais espaço do que um par de malas, no entanto era um sistema altamente sofisticado, capaz de complexas análises médicas. Na verdade, era um sistema mais elaborado (com maior lógica e capacidade de memória) do que os que podiam ser encontrados na maioria dos laboratórios de patologia dos grandes hospitais universitários.

Havia uma grande quantidade de equipamento para diagnóstico no motor home, todo projetado e posicionado para a utilização máxima do espaço limitado. Além de um par de terminais de acesso ao computador numa das paredes, havia vários dispositivos e máquinas; uma centrífuga a ser usada para separar os principais componentes do sangue, da urina e outras amostras fluidas; um

espectrofotômetro; um espectrógrafo; um microscópio de elétron com a leitura conectada a uma das telas do computador, dando uma imagem interpretada e ampliada; um aparelho compacto que congelava amostras de sangue e tecido para armazenagem e para uso em testes nos quais as extrações de elementos fossem realizadas mais facilmente em materiais congelados; e muito, muito mais.

Mais para a frente do veículo, por trás do compartimento do motorista, ficava uma mesa para autópsias que entrava para dentro da parede quando não estava em uso. No momento, a mesa estava abaixada, e o corpo de Gary Wechlas — sexo masculino, 37 anos, caucasiano — jazia sobre a superfície de aço inoxidável. As calças azuis do pijama tinham sido cortadas a tesoura, retiradas do corpo e postas de lado para exame posterior.

O dr. Seth Goldstein, um dos três principais especialistas em medicina legal da Costa Oeste, realizaria a autópsia. Ele estava parado num dos lados da mesa com o dr. Daryl Roberts, e o general Copperfield estava do outro lado, de frente para eles, com o cadáver a separá-los.

Goldstein apertou um botão num painel de controle engastado na parede à sua direita. Seria feita uma gravação de cada palavra dita durante a autópsia; este era o procedimento normal, mesmo em autópsias comuns. Uma gravação visual também estava sendo feita: duas câmeras de videoteipe montadas no teto focalizavam o cadáver; elas também foram acionadas quando o dr. Goldstein apertou o botão no painel da parede.

Goldstein começou pelo exame atento e pela descrição do cadáver: a expressão facial fora do comum, as machucaduras universais, o inchaço curioso. Ele estava procurando, especificamente, perfurações, abrasões, contusões localizadas, cortes, lesões, bolhas, fraturas e outras indicações de pontos específicos de ferimento. Não encontrou nenhum.

Com a mão enluvada pairando sobre a bandeja de instrumentos, Goldstein hesitou, sem saber ao certo por onde começar. Geralmente, no começo de uma autópsia, ele já tinha uma ideia bem definida da causa da morte. Quando o autopsiado morrera de doença, Goldstein em geral já vira o relatório do hospital. Se a morte

resultará de acidente, havia traumas visíveis. Se fosse morte causada por outrem, havia sinais de violência. Neste caso, porém, as condições do cadáver levantavam mais perguntas do que as respondiam, perguntas estranhas como ele jamais encontrara antes.

Como que lendo os pensamentos de Goldstein, Copperfield falou: — Tem que encontrar algumas respostas para nós, doutor.

Nossas vidas provavelmente dependem disso.

O segundo motor home tinha muitas das mesmas máquinas e instrumentos de diagnóstico que havia no veículo principal — uma centrífuga de tubos de ensaio, um microscópio de elétron, e assim por diante —, além de diversas peças de equipamento que não estavam duplicadas no outro veículo. Não continha nenhuma mesa de autópsia, e apenas um sistema de videoteipe. Havia três terminais de computador, em vez de dois.

O dr. Enrico Valdez estava sentado a uma das tábuas de programação, numa cadeira bem funda, projetada para acomodar um homem num traje de descontaminação com tanque de ar. Ele estava trabalhando com , Houk e Niven nas análises químicas das amostras de diversas substâncias coletadas em diversos estabelecimentos comerciais e moradias ao longo da Skyline Road e da Vail Lane — tais como a farinha e a massa tiradas da mesa na padaria dos Liebermanns. Estava buscando vestígios de condensado do gás que afetava o sistema nervoso ou outras substâncias químicas. Até o momento, nada tinham encontrado de anormal.

O dr. Valdez não acreditava que o gás ou alguma moléstia acabariam sendo os culpados.

Estava começando a se perguntar se esta história toda não devia pertencer ao território de Isley e Arkham. Isley e Arkham, os dois homens sem nome nos trajes de descontaminação, nem ao menos eram membros da Unidade de Defesa Civil, pertenciam a um projeto inteiramente diferente. Hoje de manhã, pouco antes do alvorecer, quando o dr. Valdez fora apresentado a eles no ponto de encontro da equipe, em Sacramento, quando soubera que tipo de pesquisa eles estavam fazendo, quase caíra na risada. Achara que o projeto deles era um desperdício do dinheiro do contribuinte. Agora não tinha tanta certeza. Agora questionava-se...

Questionava-se... e preocupava-se.

A dra. Sara Yamaguchi também se achava no segundo motor home.

Estava preparando culturas de bactérias. Usando uma amostra de sangue retirada do corpo de Gary Wechlas, ela contaminava metodicamente uma série de meios de crescimento de cultura, compostos gelatinosos cheios de nutrientes nos quais as bactérias geralmente vicejavam: ágar-ágar de sangue de cavalo, ágar-ágar de sangue de ovelha, ágar-ágar de chocolate, e muitos outros.

Sara Yamaguchi era uma geneticista que passara onze anos nas pesquisas de recombinação de ADN. Se ficasse comprovado que Snowfield fora atacada por um microorganismo criado pelo homem, o trabalho de Sara se tornaria o centro das investigações. Ela dirigiria o estudo da morfologia do micróbio, e quando este estivesse terminado, teria um papel relevante ao tentar determinar a função do micróbio.

Como o dr. Valdez, Sara Yamaguchi estava começando a se perguntar se Isley e Arkham poderiam se tornar mais essenciais à investigação do que ela tinha pensado. Pela manhã, a área em que eles se destacavam parecera tão exótica quanto a macumba. Agora, porém, em vista do que ocorrera desde que a equipe chegara em Snowfield, viu-se forçada a admitir que a especialidade de Isley e Arkham parecia cada vez mais pertinente. E, como o dr. Valdez, ela estava preocupada.

O dr. Wilson Bettenby, chefe do setor científico civil da Unidade de Defesa Civil da CBW, equipe da Costa Oeste, sentava-se a um terminal de computador, duas cadeiras depois do dr. Valdez.

Bettenby estava rodando um programa de análises automatizadas de diversas amostras de água. As amostras eram introduzidas num processador que destilava a água, armazenava o destilado e sujeitava as substâncias filtradas a análises espectrográficas e outros testes. Bettenby não estava procurando microorganismos; isso exigiria procedimentos diferentes destes. Esta máquina apenas identificava e quantificava todos os elementos minerais e químicos presentes na água; os dados eram apresentados no tubo de raio catódico.

Todas as amostras de água, exceto uma, tinham sido colhidas de bicas nas cozinhas e banheiros de casas e lojas na Vail Lane.

Comprovou-se que estavam livres de impurezas químicas perigosas.

A outra amostra de água era aquela que o delegado Autry recolhera do chão da cozinha do apartamento da Vail Lane, na véspera.

Segundo o xerife Hammond, poças d'água e tapetes encharcados tinham sido descobertos em diversos prédios. Hoje de manhã, contudo, a água já tinha se evaporado, exceto em alguns tapetes úmidos, dos quais Bettenby não conseguiria obter uma amostra limpa. Ele colocou a amostra do delegado no processador.

Dentro de alguns minutos, o computador apresentou a completa análise químico-mineral da água e dos resíduos que permaneciam depois que todo o líquido da amostra fora destilado.

PERCENTUAL PERCENTUAL PERCENTUAL PERCENTUAL
DA SOLUÇÃO DO RESÍDUO DA SOLUÇÃO DO RESÍDUO
H 11,188 00.00 HE 00.00 00.00
LI 00.00 00.00 BE 00.00 00.00
B 00.00 00.00 C 00.00 00.00
N 00.00 00.00 O 88.812 00.00
NA 00.00 00.00 MG 00.00 00.00
AL 00.00 00.00 SI 00.00 00.00
P 00.00 00.00 S 00.00 00.00
CL 00.00 00.00 K 00.00 00.00

O computador continuou por um tempo consideravelmente maior, apresentando os resultados de cada substância que podia ser ordinariamente detectada. Os resultados eram os mesmos. No seu estado não destilado, a água não continha vestígio algum de quaisquer outros elementos que não os seus dois componentes, hidrogênio e oxigênio. E a completa destilação e filtragem não produzira resíduo algum, nem mesmo simples traços de elementos. A amostra de Autry não podia vir do suprimento de água da cidade, pois não continha cloro nem flúor. Tampouco era água engarrafada. A água engarrafada teria tido um conteúdo mineral normal. Talvez houvesse um sistema de filtragem sob a pia da cozinha daquele apartamento — uma peça Culligan —, porém, mesmo que

houvesse, a água que passava por ele ainda possuiria mais conteúdo mineral do que isto. O que Autry recolhera era o grau mais puro de água destilada e multiplamente filtrada obtido em laboratório.

Então... o que estava fazendo espalhada pelo chão daquela cozinha?

Bettenby fitou a tela do computador, franzindo o cenho.

Será que o pequeno lago na loja de bebidas Brookhart também era composto desta água ultrapura?

Por que alguém andaria pela cidade esvaziando galões e galões de água destilada?

E onde iriam encontrá-la em tais quantidades, para começo de conversa?

Estranho.

Jenny, Bryce e Lisa estavam a uma mesa num canto do refeitório do Hilltop Inn.

O major Isley e o capitão Arkham, que vestiam os trajes de descontaminação sem nomes nos capacetes, sentavam-se em dois banquinhos, do outro lado da mesa. Eles tinham trazido a notícia sobre o cabo Velazquez. Tinham trazido também um gravador, que estava agora no centro da mesa.

— Ainda não entendo por que isso não pode esperar — disse Bryce.

— Não vamos demorar muito — falou o major Isley.

— Estou com uma equipe de busca pronta para sair — disse Bryce. — Temos que revistar cada prédio na cidade, fazer uma contagem de corpos, descobrir quantos estão mortos e quantos desaparecidos, e buscar uma pista para o que matou toda aquela gente.

Temos vários dias de trabalho pela frente, especialmente desde que não podemos continuar com a busca depois do anoitecer. Não vou deixar meus homens ficarem andando por aí à noite, quando as luzes podem se apagar a qualquer momento. Mas não vou mesmo.

Jenny pensou no rosto carcomido de Wargle. Nas órbitas vazias.

O major Isley falou: — Só umas perguntinhas. Arkham ligou o gravador.

Lisa olhava fixamente para o major e o capitão. Jenny ficou imaginando o que estaria se passando na cabeça da mocinha.

— Vamos começar com o senhor, xerife — falou o major Isley. — Nas 48 horas que antecederam esses acontecimentos, o seu gabinete recebeu algum informe de falta de luz ou interrupção no serviço telefônico?

— Quando ocorrem problemas dessa natureza — respondeu Bryce —, as pessoas em geral ligam para as próprias companhias de prestação de serviços, não para o xerife.

— Sim, mas essas companhias não o notificariam? Os períodos de interrupção de luz e telefone não contribuem para as atividades criminosas?

Bryce assentiu.

— Claro. E, ao que me consta, não recebemos nenhum alerta desse gênero.

O capitão Arkham se inclinou para diante.

— E quanto a dificuldades com recepção de rádio e TV nesta área?

— Nenhuma, que eu saiba — respondeu Bryce.

— Algum informe de explosões inexplicáveis?

— Explosões?

— Sim — confirmou Isley. — Explosões ou estrondos sônicos ou quaisquer ruídos in vulgarmente altos e indefiníveis.

— Não. Nada disso.

Jenny ficou se perguntando que diabo estariam querendo saber.

Isley hesitou e perguntou:

— Algum informe de aeronaves fora do comum nas proximidades?

— Não. Lisa falou:

— Vocês dois não fazem parte da equipe do general Copperfield, não é? É por isso que não têm nomes nos capacetes.

— E seus trajes de descontaminação não se ajustam tão bem quanto os dos outros — disse Bryce. — Os deles foram feitos sob medida, os seus não.

— Muito observador — falou Isley.

— Se vocês não estão com o projeto CBW — falou Jenny —, então o que estão fazendo aqui?

— Não queríamos contar logo no começo — falou Isley. — Achamos que obteríamos respostas mais diretas de vocês se não tivessem uma ideia imediata do que estávamos procurando.

Arkham falou:

— Não somos do Corpo Médico do Exército. Somos da Força Aérea.

— Projeto Skywatch — disse Isley. — Não somos exatamente uma organização secreta, mas... bem... digamos que desencorajamos publicidade.

— Skywatch? — falou Lisa, animando-se. — Está falando de OVNIs? É isso? Discos voadores?

Jenny viu que Isley se crispou ante as palavras "discos voadores". Ele falou:

— Não saímos por aí checando cada informe biruta de homenzinhos de Marte. Para começo de conversa, não temos fundos para tanto. Nosso trabalho é planejar com relação aos aspectos científicos, sociais e militares do primeiro encontro da humanidade com uma inteligência alienígena. Na realidade, somos mais umas "cabeças pensantes" do que outra coisa qualquer.

Bryce sacudiu a cabeça.

— Ninguém por aqui andou informando sobre discos voadores.

— Mas é exatamente isso o que o major Isley quer dizer — falou Arkham. — Sabe, os nossos estudos indicam que o primeiro encontro pode ter início de uma forma tão estranha que nós nem o reconheceríamos como Tal. O conceito popular de naves espaciais descendo do céu... bem, pode não ser desse jeito. Se estivermos lidando com inteligências verdadeiramente alienígenas, as naves deles poderão ser tão diferentes do nosso conceito de nave que nem nos daríamos conta de que elas já tinham pousado.

— É por esse motivo que checamos os fenômenos estranhos que não parecem ter ligação com os OVNIs logo à primeira vista — continuou Arkham. — Por exemplo, na primavera passada, em Vermont, havia uma casa em que um poltergeist extremamente ativo estava à solta. Os móveis levitavam, os pratos voavam pela cozinha e se espatifavam de encontro à parede. Jatos d'água irrompiam de paredes em que não havia encanamentos. Bolas de fogo explodiam em pleno ar...

— Mas um poltergeist não é um fantasma? — perguntou Bryce.

— O que é que os fantasmas têm a ver com a sua área de interesse?

— Nada — respondeu Isley. — Não acreditamos em fantasmas.

Mas nos perguntamos se os fenômenos do poltergeist poderiam resultar de uma tentativa malsucedida de comunicação entre espécies. Se encontrássemos uma raça alienígena que se comunicasse somente por telepatia, e se fôssemos incapazes de receber esses pensamentos telepáticos, talvez a energia psíquica não recebida produzisse fenômenos destrutivos do tipo que às vezes se atribuem a espíritos malignos.

— E o que vocês finalmente decidiram sobre o poltergeist de Vermont? — perguntou Jenny.

— Decidimos? Nada — respondeu Isley.

— Somente que era... interessante — falou Arkham.

Jenny lançou um olhar para Lisa e viu que os olhos da garota estavam muito arregalados. Isso era algo que Lisa podia perceber, aceitar, algo a se apegar. Esse era um medo para o qual fora meticulosamente preparada, graças aos filmes, aos livros e à televisão.

Monstros do espaço sideral. Invasores de outros mundos. Isso não tornava as mortes de Snowfield menos lúgubres. Mas era uma ameaça conhecida, e isso a tornava infinitamente preferível ao desconhecido.

Jenny tinha as suas fortes dúvidas de que este era o primeiro encontro da humanidade com criaturas das estrelas, mas Lisa parecia ansiosa para acreditar.

— E quanto a Snowfield? — perguntou a mocinha. — É isso o que está acontecendo? Alguma coisa lá de fora... pousou aqui?

Arkham olhou constrangido para o major Isley. Este pigarreou.

Saindo do alto-falante no seu peito, o som parecia artificial, feito por máquina.

— Ainda é muito cedo para julgarmos. Acreditamos que exista uma pequena chance de que o primeiro contato entre o homem e o alienígena possa incluir o perigo da contaminação biológica. É por isso que temos um trato de troca de informações com o projeto de Copperfield. Um surto inexplicável de uma moléstia desconhecida

pode indicar um contato não reconhecido com uma presença extraterrestre.

— Mas se isso com que estamos lidando é uma criatura extraterrestre — falou Bryce, obviamente não convencido —, parece um bocado selvagem para um ser de inteligência "superior".

— Tive a mesma ideia — disse Jenny. Isley ergueu as sobrancelhas.

— Não há garantia de que uma criatura com maior inteligência seja pacifista e benevolente.

— É — falou Arkham. — Esse é um conceito comum: a ideia de que os alienígenas teriam aprendido a viver em completa harmonia entre si e com as outras espécies. Como diz a velha canção... "não é necessariamente assim". Afinal de contas, a humanidade está consideravelmente mais adiantada no caminho da evolução do que os gorilas, mas, como espécie, somos definitivamente mais belicosos do que eles, no máximo de sua agressividade.

— Quem sabe algum dia vamos encontrar uma raça alienígena benevolente que nos ensinará a viver em paz? — disse Isley. — Quem sabe eles nos passarão o conhecimento e a tecnologia para resolver todos os nossos problemas terrenos, e até mesmo alcançar as estrelas?

Quem sabe?

— Mas não podemos eliminar a alternativa — disse Arkham, sombrio.

26

Londres, Inglaterra

Onze horas da manhã em Snowfield eram sete horas da noite em Londres. Uma segunda-feira.

Um dia miseravelmente úmido se transformara numa noite miseravelmente úmida. Gotas de chuva tamborilavam na janela da cozinha minúscula do apartamento de duas peças, num sótão, em que morava Timothy Flyte.

O professor estava parado diante de uma tábua de carne, preparando um sanduíche.

Depois de tomar aquele magnífico café da manhã com champanhe, à custa de Burt Sandler, Timothy não tivera disposição para almoçar. Também dispensara o chá da tarde.

Dera aula a dois estudantes hoje. Um deles estava aprendendo análise de hieróglifos, e o outro, latim. Empanturrado com o café da manhã, quase pegara no sono durante as duas aulas. Embaraçoso.

Porém, pelo pouco que lhe pagavam, seus alunos não podiam reclamar com muita veemência se, apenas esta vez, ele tivesse cochilado no meio de uma lição.

Enquanto colocava uma fatia fina de presunto cozido e uma de queijo suíço num pão besuntado de mostarda, escutou o telefone tocando no Vestíbulo da casa de cômodos. Não pensou que fosse para ele. Recebia muito poucos telefonemas.

Dali a segundos, porém, ouviu uma batida na porta. Era o jovem indiano que alugava um quarto no primeiro andar. Num inglês com forte sotaque, ele disse a Timothy que o telefonema era para ele. E que era urgente.

— Urgente? Quem é? — perguntou Timothy, enquanto acompanhava o rapaz pelas escadas. — Ele falou quem era?

— Sandler — disse o indiano. Sandler? Burt Sandler?

Durante o café da manhã, eles tinham acertado os termos para uma nova edição de O inimigo antigo, que seria completamente reescrita para atrair o leitor comum. Logo depois da publicação original do livro, há quase dezessete anos, ele recebera várias ofertas para popularizar as suas teorias sobre os desaparecimentos históricos em massa, mas resistira à ideia. Achara que a publicação de uma versão popularizada de O inimigo antigo pareceria estar dando razão & todos aqueles que tão injustamente o tinham acusado de sensacionalismo, fraude e ganância.

Agora, todavia, anos de penúria tinham feito com que encarasse a ideia com outros olhos. O aparecimento de Sandler e a sua oferta de um contrato tinham vindo numa hora em que a pobreza cada vez maior de Timothy chegara a um estágio crítico. Era um verdadeiro milagre. Pela manhã tinham acertado um adiantamento (sobre os direitos autorais) de quinze mil dólares. Ao câmbio atual, dava um pouco mais de oito mil libras esterlinas. Não era uma fortuna, mas era mais dinheiro do que Timothy via num período bem grande de tempo, e no momento lhe parecia uma fortuna incalculável.

Enquanto descia a escada estreita que levava ao Vestíbulo, onde o telefone ficava numa mesinha debaixo de uma cópia barata de um tela ruim, Timothy se perguntava se Sandler estaria ligando para cancelar o acordo.

O coração do professor começou a bater com uma força quase dolorosa.

O jovem cavalheiro indiano disse: — Espero que não seja problema, senhor. Depois retornou ao seu quarto e fechou a porta. Flyte pegou o telefone: — Alô?

— Meu Deus, leu o jornal da tarde? — perguntou Sandler. A voz dele estava estridente, quase histérica.

Timothy ficou imaginando se Sandler estava bêbado. Será que era isso o que considerava assunto urgente?

Antes de Timothy poder responder, Sandler falou: — Acho que aconteceu! Por Deus, dr. Flyte, acho que aconteceu de verdade! Deu no jornal vespertino. E deu no rádio. Sem muitos detalhes. Mas parece mesmo que aconteceu.

A preocupação do professor com o contrato do livro estava agora aumentada pela exasperação.

— Por favor, quer ser mais específico, sr. Sandler?

— O inimigo antigo, dr. Flyte. Uma daquelas criaturas atacou de novo. Ontem. Uma cidade na Califórnia. Alguns estão mortos. A maioria está desaparecida. Centenas. Uma cidade inteira. Sumida.

— Deus lenha piedade deles — disse Flyte.

— lenho um amigo no escritório da Associated Press em Londres, e ele leu para mim as últimas notícias que chegaram — disse Sandler. — Sei de coisas que ainda nem saíram nos jornais. Por exemplo, a polícia da Califórnia expediu um alerta geral para o senhor.

Aparentemente, uma das vítimas tinha lido o seu livro. Quando chegou o ataque, ele se trancou num banheiro. A coisa o pegou, de qualquer forma. Mas ele teve tempo suficiente para rabiscar o seu nome e o título do seu livro no espelho!

Timothy perdera a fala. Havia uma cadeira junto ao telefone.

Sentiu uma súbita necessidade de sentar-se. Sandler prosseguiu: — As autoridades na Califórnia não compreendem o que aconteceu. Nem se dão conta de que O inimigo antigo é o título de um livro, e não sabem a parte que o senhor desempenha em tudo isso. Eles estão achando que foi um ataque com gás que afeta o sistema nervoso ou um ato de guerra biológica ou até mesmo contato extraterrestre. Mas o homem que escreveu o seu nome no espelho sabia que não era isso. E nós também. Conversaremos mais no carro.

— Carro? — perguntou Timothy.

— Meu Deus, espero que o senhor lenha um passaporte.

— É... tenho.

— Vou passar de carro para pegá-lo e levá-lo ao aeroporto.

Quero que vá para a Califórnia, dr. Flyte.

— Mas...

— Esta noite. Há uma vaga mim vôo partindo de Heathrow. Fiz a reserva em seu nome.

— Mas eu não tenho como pagar...

— A sua editora vai pagar todas as despesas. Não se preocupe.

O senhor precisa ir para Snowfield. Não vai escrever apenas uma popularização de O inimigo antigo. Agora não. Vai escrever uma história bem trabalhada e humana sobre Snowfield, e todo o

seu material sobre os desaparecimentos em massa até hoje e as suas teorias sobre o inimigo antigo reforçarão a sua narrativa. Está percebendo? Não vai ser formidável?

— Mas seria correto eu correr para lá agora?

— Como assim? — indagou Sandler.

— Seria correto? — perguntou Timothy, preocupado. — Não iria parecer que eu estava tentando tirar proveito de uma tragédia terrível?

— Escute, dr. Flyte, vai haver uma centena de vigaristas em Snowfield, todos com contratos para livros no bolso das calças. Eles irão se apossar do seu material. Se o senhor não escrever o livro sobre o assunto, um deles o escreverá, à sua custa.

— Mas há centenas de mortos — disse Timothy. Sentia-se mal.

— Centenas. A dor, a tragédia...

Era evidente que Sandler estava impaciente com a hesitação do professor.

— Ora... está bem. Pode ser que tenha razão. Pode ser que eu não tenha realmente parado para pensar no horror da coisa. Mas veja bem: é por isso que tem que ser o senhor a escrever o livro definitivo sobre o assunto. Ninguém mais pode trazer ao projeto a sua erudição ou compaixão.

— Bem...

Aproveitando-se da hesitação de Timothy, Sandler falou: — Ótimo. Faça a mala rapidinho. Passo por aí dentro de meia hora. Sandler desligou e Timothy ficou sentado por um momento, segurando o fone, escutando o aparelho mudo. Aturdido.

À luz dos faróis do táxi, a chuva era prateada. Inclinava-se ao vento, como milhares de tiras finas de um brilhante ouropel de Natal.

No chão, ela formava poças mercuriais.

O motorista do táxi era imprudente. O carro voava pelas ruas escorregadias. Com uma das mãos, Timothy se agarrava com força à barra de segurança da porta. Era evidente que Burt Sandler prometera uma bela gorjeta como recompensa pela velocidade.

Sentado ao lado do professor, Sandler dizia: — Vai haver uma escala em Nova York, mas não será longa. Um dos nossos irá recebê-lo e acompanhá-lo. Não vamos alertar a mídia em Nova York. Vamos guardar a entrevista coletiva para São Francisco.

Portanto, esteja preparado para enfrentar um exército de repórteres ansiosos quando saltar do avião.

— Será que eu não posso ir discretamente para Santa Mira e me apresentar às autoridades locais? — perguntou Timothy, desalentado.

— Não, não, não! — disse Sandler, evidentemente horrorizado à menção desta ideia. — Temos que dar uma entrevista coletiva. O senhor é o único que tem a resposta, dr. Flyte. Temos que deixar que todos saibam quem é o senhor. Temos que começar a fazer propaganda do seu próximo livro antes que Norman Mailer deixe de lado o seu último estudo de Marilyn Monroe e entre nessa jogada de cabeça!

— Ainda nem comecei a escrever este livro.

— Deus, eu sei. E quando sair publicado, a procura será fenomenal! O táxi dobrou uma esquina. Os pneus cantaram. Timothy foi arremessado de encontro à porta.

— Um agente de publicidade estará à sua espera no aeroporto, em São Francisco. Ele o orientará durante a coletiva — continuou Sandler. — De um jeito ou de outro ele o levará até Santa Mira. É uma viagem meio longa, e talvez possa ser feita de helicóptero.

— Helicóptero? — disse Timothy, atônito.

O táxi passou por cima de uma poça funda, lançando ao ar plumas de água prateada.

O aeroporto estava à vista.

Burt Sandler estivera falando ininterruptamente desde que Timothy entrara no carro. Agora, estava dizendo: — Mais uma coisa. Na entrevista coletiva, conte a eles as histórias que me contou hoje de manhã. Sobre os maias desaparecidos.

E os três mil soldados da infantaria chinesa que sumiram. E não deixe de fazer qualquer referência possível aos desaparecimentos em massa ocorridos nos Estados Unidos, mesmo antes de existir o país, mesmo em eras geológicas anteriores. Isso agradará à imprensa americana.

Laços locais. Isso sempre ajuda. A primeira colônia britânica nos Estados Unidos não sumiu sem deixar vestígios?

— Foi. A colônia de Roanoke Island.

— Não deixe de mencioná-la.

— Mas eu não posso dizer conclusivamente que o desaparecimento da colônia de Roanoke tem ligação com o inimigo antigo.

— Mas será que existe alguma chance de que tenha tido?

Fascinado, como sempre, por este tópico, Timothy foi capaz, pela primeira vez, de desviar a sua atenção do comportamento suicida do chofer de táxi.

— Quando uma expedição britânica, financiada por Sir Walter Raleigh, retornou à colônia de Roanoke, em março de 1590, descobriu que todo mundo sumira. Cento e vinte pessoas tinham desaparecido sem deixar vestígios. Formularam-se inúmeras teorias quanto ao seu destino. A mais popular delas, por exemplo, afirma que as pessoas em Roanoke Island foram vítimas dos índios croatoan, que viviam próximo dali. A única mensagem deixada pelos colonos foi o nome dessa tribo, riscada às pressas num tronco de árvore. Mas os croatoan asseveraram nada saber sobre o desaparecimento. E eram índios pacíficos. Nem um pouquinho belicosos. Na verdade, tinham até ajudado os colonos a se instalar, no início. Além do mais, não havia sinais de violência no povoado. Jamais se encontrou um só corpo. Ou ossos. Ou covas.

Portanto, como vê, até mesmo a teoria mais aceita levanta um número maior de perguntas do que de respostas.

O táxi fez outra curva alucinada, freou abruptamente para evitar colidir com um caminhão.

Agora, porém, Timothy mal se dava conta da conduta temerária do motorista. Ele continuou:

— Ocorreu-me que a palavra que os colonos tinham entalhado na árvore — croatoan — podia não ter tido a intenção de apontar um dedo acusador para os índios. Podia significar que eles saberiam o que tinha acontecido. Li os diários de diversos exploradores britânicos que mais tarde falaram com os croatoan sobre o desaparecimento da colônia, e existem evidências de que os índios realmente tinham uma ideia do que acontecera. Ou pensavam que tinham. Mas não foram levados muito a sério quando tentaram explicá-la ao homem branco. Os croatoan relataram que, simultaneamente com o desaparecimento dos colonos, houvera uma grande diminuição na quantidade de caça nas florestas e

campos em que a tribo caçava. Virtualmente todas as espécies de animais selvagens tinham tido o seu número reduzido de forma drástica. Um ou dois dos exploradores mais perceptivos comentaram em seus diários que os índios encaravam o assunto com temor supersticioso. Pareciam ter uma explicação religiosa para o desaparecimento. Infelizmente, porém, os homens brancos que conversaram com eles sobre os colonos desaparecidos não estavam interessados em superstições indígenas e não foram adiante com essa linha de interrogatório.

— Presumo que tenha pesquisado as crenças religiosas dos croatoan — falou Burt Sandler.

— Sim — replicou Timothy. — Não é um assunto fácil, pois a tribo está extinta há muitos e muitos anos. O que descobri foi que os croatoan eram espiritualistas. Acreditavam que o espírito sobrevivia e andava pela terra mesmo depois da morte do corpo, e que havia "espíritos maiores" que se manifestavam nos elementos — vento, terra, fogo, água e assim por diante. O mais importante de tudo, no que nos diz respeito, é que eles também acreditavam num espírito mau, uma fonte de todo o mal, um equivalente ao Satanás dos cristãos. Não me lembro da palavra indígena exata para ele, mas a tradução é Aquele Que Pode Ser Qualquer Coisa Mas Não É Nada.

— Meu Deus — disse Sandler. — Não é uma má descrição do inimigo antigo.

— Às vezes existem verdades ocultas nas superstições. Os croatoan acreditavam que tanto os animais selvagens quanto os colonos tinham sido levados por Aquele Que Pode Ser Qualquer Coisa Mas Não É Nada. Assim, conquanto eu não possa dizer conclusivamente que o inimigo antigo teve algo a ver com o desaparecimento dos colonos de Roanoke Island, parece haver uma razão suficiente para levar a possibilidade em consideração.

— Fantástico! — exclamou Sandler. — Conte tudo isso a eles na coletiva em São Francisco. Exatamente como me contou.

0 táxi parou brusca e ruidosamente na frente do terminal. Burt Sandler enfiou algumas notas de cinco libras na mão do chofer. Depois, lançou um olhar ao relógio de pulso.

— Dr. Flyte, vamos para o avião.

Do seu assento junto à janela, Timothy Flyte ficou vendo as luzes da cidade desaparecendo sob as nuvens tormentosas. O jato alçou vôo em meio à chuva fina. Logo, subiram acima da coberta de nuvens; a tempestade ficara abaixo deles, o céu claro acima. Os raios da lua ricocheteavam no topo revolto das nuvens, e a noite que ficava para além do avião enchia-se com uma luz suave, fantástica.

O aviso para apertar cintos foi desligado.

Ele soltou o seu, mas não conseguiu relaxar. Sua mente estava tão revolta quanto as nuvens tormentosas.

A comissária de bordo passou oferecendo bebidas. Ele pediu um uísque.

Sentia-se como uma mola enroscada. Da noite para o dia, a sua vida se modificara. Neste único dia ele tivera mais emoções do que no ano passado inteiro.

A tensão que o acometia não era desagradável. Estava mais do que feliz de se descartar da sua existência monótona; estava vestindo uma vida nova e melhor com a mesma rapidez com que vestiria um terno novo. Estava correndo o risco de cair no ridículo e de ver repetidas todas as velhas acusações, ao tornar públicas de novo as suas teorias.

Mas também havia uma chance de que finalmente pudesse provar o seu valor.

O uísque chegou, e ele o tomou. Pediu mais um. Lentamente foi relaxando.

Para além do avião, a noite era vasta.

27

Fuga

Da janela gradeada da cela de detenção temporária, Fletcher Kale tinha uma boa visão da rua. Durante toda a manhã ele viu os repórteres se reunindo. Acontecera alguma coisa realmente grande.

Alguns dos outros presos estavam trocando notícias, de cela para cela, mas nenhum deles queria partilhar coisa alguma com Kale.

Eles o odiavam. Muitas vezes o insultavam, chamavam-no de matador de bebês. Até mesmo na cadeia havia classes sociais, e ninguém estava mais por baixo do que os assassinos de crianças.

Era quase engraçado. Até mesmo ladrões de carros, assaltantes, ladrões comuns, assaltantes a mão armada e autores de desfalques necessitavam sentir-se moralmente superiores a alguém. Então eles abominavam e perseguiam qualquer um que fizera mal a uma criança, e, de certa forma, aquilo fazia com que se sentissem como padres e bispos, por comparação.

Idiotas. Kale os desprezava.

Não pediu a ninguém para compartilhar com ele a informação.

Não lhes daria a satisfação de vê-lo tentar uma aproximação.

Esticou-se no seu catre e ficou sonhando de olhos abertos com o seu destino magnífico: fama, poder, fortuna...

Às onze e meia ainda estava deitado no catre quando vieram buscá-lo para levá-lo ao tribunal, onde seria citado por dois assassinatos. O guarda da detenção abriu a porta. Outro homem — um delegado grisalho e barrigudo — entrou e colocou as algemas em Kale.

— Estamos com pouca gente hoje — disse ele a Kale. — Sou o único destacado para isso. Mas não encha a cabeça com ideias

idiotas de que teria uma chance de tentar escapar. Você está algemado, e eu estou armado, e nada me daria mais prazer do que lhe meter um tiro no rabo.

Tanto nos olhos do guarda quanto nos do delegado, via-se asco.

Finalmente, a possibilidade de passar o resto da vida na prisão tornou-se real para Kale. Para sua surpresa, ele começou a chorar enquanto era conduzido para fora da cela.

Os outros prisioneiros vaiavam, riam e xingavam.

O barrigudo cutucou Kale nas costelas.

— Mexa-se.

Kale desceu o corredor com pernas trôpegas, passou por um portão de segurança que se abriu para eles, deixando para trás o setor de celas, e entrou noutro corredor. O guarda permaneceu ali mesmo, mas o delegado foi cutucando Kale na direção dos elevadores, cutucando-o com frequência demais e com força demais, mesmo quando não era necessário. Kale sentiu a sua autopiedade ceder lugar à raiva.

No elevador pequeno que descia lentamente, ele se deu conta de que o delegado não mais considerava o prisioneiro uma ameaça. Estava enojado, impaciente e embaraçado com o colapso emocional de Kale.

Quando as portas se abriram, uma mudança também já ocorrera em Kale. Ainda chorava baixinho, mas as lágrimas não eram mais genuínas, e estava tremendo de excitação, não de desespero.

Passaram por outro ponto de vistoria. O delegado apresentou alguns papéis a um outro guarda, que o chamou de Joe. O guarda olhou para Kale com desdém indisfarçável. Kale desviou o rosto como se estivesse com vergonha de si mesmo. E continuou chorando.

E então ele e Joe estavam do lado de fora, cruzando um grande estacionamento na direção de uma fila de carros de polícia verde e branco que se achavam enfileirados diante de uma cerca de proteção contra ciclones. O dia estava quente e ensolarado.

Kale continuou a chorar e fingir que estava de perna mole.

Mantinha os ombros curvados e a cabeça baixa. Ia arrastando os pés, apático, como se fosse um homem alquebrado, derrotado.

Excetuando ele próprio e o delegado, o estacionamento estava deserto. Só eles dois. Perfeito.

Durante todo o percurso até o carro, Kale ficou procurando o momento certo de agir. Chegou até a pensar que ele não viria.

Então Joe empurrou-o de encontro a um carro e virou-se parcialmente para destrancar a porta — e Kale atacou. Jogou-se contra o delegado enquanto o homem se inclinava para enfiar a chave na fechadura. O delegado soltou uma exclamação e deu-lhe um soco.

Tarde demais. Kale abaixou-se, esquivando-se do soco, depois ergueu-se rapidamente e jogou o outro de encontro ao carro, imprensando-o. O

rosto de Joe ficou branco de dor quando o trinco do carro bateu com força na base de sua espinha. O molho de chaves voou da sua mão e, enquanto caía, ele usou a mesma mão para tentar tirar o revólver do coldre.

Kale sabia que, com as mãos algemadas, não conseguiria arrancar a arma do outro. Tão logo o revólver fosse sacado, a luta estaria terminada.

Então Kale partiu para cima da garganta do homem. Com os dentes. Mordeu fundo, sentiu o sangue jorrando, mordeu de novo, empurrou a boca na ferida, como um cão raivoso, e mordeu de novo, e o delegado gritou, mas era apenas um ganido-gorgolejo-suspiro que ninguém podia ter ouvido, e a arma caiu do coldre e da mão em espasmos do delegado, os dois homens foram ao chão violentamente, com Kale por cima, e o delegado tentou gritar de novo; então Kale enfiou-lhe o joelho na genitália, e o sangue saía aos borbotões da garganta do homem.

— Filho da mãe — disse Kale.

Os olhos do delegado se velaram. O sangue parou de jorrar da ferida. Estava acabado.

Kale jamais se sentira tão poderoso, tão vivo.

Correu os olhos pelo estacionamento. Ainda ninguém à vista.

Foi pegar o molho de chaves, experimentou-as de uma em uma até destrancar as algemas. Jogou-as sob o carro.

Rolou o cadáver do delegado para baixo do carro-patrulha também, escondendo-o.

Limpou o rosto na manga. Sua camisa estava pintalgada e manchada de sangue. Não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Tampouco podia mudar o fato de estar usando roupas de prisão, azuis, folgadas, de tecido áspero, e um par de alpargatas de lona e borracha.

Atravessou o beco e entrou noutro estacionamento, por trás de um bloco de apartamentos grandes, de dois andares. Ergueu os olhos para as janelas e torceu para que não houvesse ninguém vendo.

Havia talvez uns vinte carros no estacionamento. Um Datsun amarelo estava com as chaves na ignição. Ele se sentou ao volante, fechou a porta e soltou um suspiro de alívio. Não estava mais à vista, e tinha um meio de transporte.

Havia uma caixa de lenços de papel sobre o painel. Usando os lenços e cuspe, ele limpou o rosto. Tendo retirado o sangue, olhou-se no espelho retrovisor — e abriu um sorriso.

28

Contagem de corpos

Enquanto a unidade do general Copperfield realizava a autópsia e os testes no laboratório de campo móvel, Bryce Hammond formou duas equipes de busca e começou uma revista prédio-a-prédio na cidade. Frank Autry liderava o primeiro grupo, e o major Isley ia junto como observador para o projeto Skywatch. Da mesma forma, o capitão Arkham se reuniu ao grupo de Bryce. Quadra por quadra, rua por rua, as duas equipes nunca se deixavam ficar separadas por mais de um prédio, e mantinham um contato constante por meio dos walkie-talkies.

Jenny acompanhava Bryce. Mais do que qualquer outra pessoa, ela conhecia os residentes de Snowfield, e era a pessoa mais indicada para identificar quaisquer corpos que fossem encontrados. Na maioria dos casos, também poderia dizer-lhes quem morava em cada casa e o número de pessoas em cada família — informação de que necessitavam para fazer a lista dos desaparecidos.

Aborrecia-a ter que expor Lisa a outras cenas horripilantes, mas não podia se recusar a ajudar a equipe de busca. Tampouco podia deixar a irmã sozinha no Hilltop. Não depois do que acontecera a Harker. E a Velazquez. Mas a mocinha aguentou bem a tensão da revista de casa em casa. Ainda estava provando o seu valor a Jenny, e esta se sentia cada vez mais orgulhosa da irmã.

Durante algum tempo não encontraram corpo algum. As primeiras lojas e casas em que entraram estavam desertas. Em várias casas, a mesa estava posta para o jantar de domingo. Em outras, as banheiras estavam cheias de água que esfriara. Em diversos lugares os aparelhos de TV ainda estavam ligados, mas não havia ninguém para assistir aos programas.

Em uma das cozinhas eles descobriram o jantar de domingo no fogão elétrico. A comida nas três panelas tinha cozinhado por tantas horas que toda a água se,evaporara. As sobras estavam secas, duras, queimadas, empoladas, inidentificáveis. As panelas de aço inoxidável, destruídas — preto-azuladas por dentro e por fora. Os cabos de plástico das panelas tinham amolecido e derretido parcialmente. A casa inteira recendia ao fedor mais acre e nauseante que Jenny já encontrara.

Bryce torceu os botões e desligou o fogão.

— É um milagre que a casa toda não tenha pegado fogo.

— Provavelmente teria, se o fogão fosse a gás — disse Jenny.

Acima das três panelas havia uma coifa de aço inoxidável com um exaustor. Quando a comida pegara fogo, a coifa contivera a explosão de chamas de curta duração e impedira que o fogo se alastrasse para os armários vizinhos.

Novamente do lado de fora, todo mundo, exceto o major Arkham no seu traje de descontaminação, inspirou profundamente o ar limpo da montanha. Precisaram de alguns minutos para extirpar dos pulmões aquela coisa asquerosa que tinham aspirado dentro da casa.

Então, na rasa ao lado, eles encontraram o primeiro corpo do dia. Era John Farley, dono da Mountain Tavern, que abria somente durante a temporada de esqui. Estava na casa dos quarenta anos. Fora um homem muito atraente, os cabelos pintalgados de preto e branco, nariz grande e boca generosa que frequentemente se curvara num sorriso imensamente cativante. Agora estava inchado e pisado, os olhos saltando das órbitas, as roupas estourando nas costuras por causa do inchaço do corpo.

Farley se achava sentado à mesa do café, numa das extremidades da sua cozinha grande. Num prato à sua frente havia uma refeição de ravióli recheado com queijo e almôndegas. Havia também um copo de vinho tinto. Farley estava sentado na cadeira, corpo ereto.

Uma das mãos no colo, de palma para cima. A outra mão em cima da mesa, agarrando uma côdea de pão. Sua boca estava parcialmente aberta, e havia um naquinho de pão preso entre seus

dentes. Ele perecera no ato de mastigar; os músculos do maxilar nem haviam se relaxado.

— Santo Deus — disse Tal —, ele nem teve tempo de cuspir fora a comida, ou engoli-la. A morte deve ter sido instantânea.

— E ele também não a viu chegar — falou Bryce. — Olhe só para o rosto dele. Não há expressão de horror ou surpresa ou choque, como na maioria dos outros.

Fitando os maxilares retesados do morto, Jenny falou: — O que eu não entendo é por que a morte não traz o menor relaxamento dos músculos. É extraordinário.

Na igreja de Nossa Senhora da Montanha, a luz do sol varava os vitrais, compostos predominantemente de azuis e verdes. Centenas de manchas irregulares de azul-real, azul-celeste, turquesa, água-marinho, verde-esmeralda e muitas outras tonalidades pingavam por sobre os bancos de madeira encerados, empoçavam-se nos corredores e cintilavam nas paredes.

É como estar dentro d'água, pensou Gordy Brogan, seguindo atrás de Frank Autry pela nave estranha e lindamente iluminada.

Logo além da nártex, um jato de luz carmesim iluminava a pia de mármore branco que continha a água benta. Era o carmesim do sangue de Cristo. O sol penetrava uma imagem de vitral do Sagrado Coração de Jesus e lançava raios sanguíneos sobre a água que brilhava na pia de mármore pálido.

Dos cinco homens da equipe de busca, apenas Gordy era católico. Ele Umedeceu dois dedos na água benta, fez o sinal-da-cruz e se ajoelhou.

A igreja era solene, silenciosa, quieta.

O ar era suavizado por um leve traço agradável de incenso.

Não havia fiéis nos bancos. A princípio parecia que a igreja estava deserta.

Então Gordy olhou mais atentamente para o altar e soltou uma exclamação abafada.

Frank também o viu.

— Oh, meu Deus.

O santuário estava envolto em mais sombras do que o restante da igreja, e por isso os homens não tinham reparado imediatamente

na coisa horrenda — e sacrílega — acima do altar. As velas do altar tinham ardido até o fim e se queimado.

Todavia, à medida que os homens da equipe de busca caminhavam hesitantes pelo corredor central, iam tendo uma visão cada vez mais clara do crucifixo em tamanho natural que se erguia do centro do altar, ao longo da parede dos fundos do santuário. Era uma cruz de madeira, com uma figura de Cristo de gesso vitrificado, pintada a mão, meticulosamente detalhada no lenho. No momento, grande parte da imagem piedosa estava obscurecida por outro corpo que pendia na sua frente. Um corpo de verdade, não outra figura de gesso. Era o padre, de batina; estava pregado, à cruz.

Dois coroinhas ajoelhavam-se no chão diante do altar. Estavam mortos, pisados, intumescidos.

A carne do padre começara a escurecer e a mostrar outros sinais de decomposição iminente. Seu corpo não estava na mesma condição bizarra dos que tinham sido encontrados até então. No caso dele, a descoloração era o que se esperaria de um cadáver de um dia.

Frank Autry, o major Isley e os outros dois delegados atravessaram a portinhola na grade do altar e entraram no santuário.

Gordy não conseguiu entrar com eles. Estava abalado demais e teve que se sentar no banco da frente para não cair.

Depois de inspecionar o santuário e dar uma olhada pela porta da sacristia, Frank usou o seu walkie-talkie para chamar Bryce no prédio ao lado.

— Xerife, encontramos três aqui na igreja. Precisamos da dra.

Paige para as identificações. Mas a coisa é muito horripilante, portanto é melhor deixar Lisa no Vestíbulo com alguns homens.

— Estaremos aí em dois minutos — disse o xerife.

Frank saiu do santuário, atravessou a portinhola na grade e veio sentar-se ao lado de Gordy. Segurava o aparelho transmissor-receptor numa das mãos e um revólver na outra.

— Você é católico.

— Sou.

— Lamento que tenha sido forçado a ver isso.

— Tudo bem — falou Gordy. — Não é mais fácil para você só porque não é católico.

— Conhece o padre?

— Acho que o nome dele é padre Callahan. Mas eu não frequentava esta igreja. Ia à missa na St. Andrew, lá em Santa Mira.

Frank largou o walkie-talkie e coçou o queixo.

— Por todos os indícios que já tínhamos, parecia que o ataque acontecera ontem à noitinha, pouco antes da doutora e Lisa chegarem à cidade. Mas agora, isso... Se esses três morreram de manhã, durante a missa...

— Provavelmente foi durante a bênção — falou Gordy. — Não a missa.

— Benção?

— A bênção do Sacramento Consagrado, o serviço religioso do anoitecer de domingo.

— Ah. Então se encaixa direitinho com a hora em que aconteceu com os outros. — Correu os olhos pelos bancos vazios. — O que aconteceu aos fiéis? Por que só o padre e os coroinhas estão aqui?

— Bem, não é muita gente que comparece à bênção — explicou Gordy. — Provavelmente havia mais duas ou três pessoas. Mas aquilo certamente as levou.

— Por que não levou todo mundo? — Gordy não deu resposta.

— Por que tinha que fazer uma coisa dessas"! — insistiu Frank.

— Para nos ridicularizar. Para debochar de nós. Para roubar a nossa esperança — disse Gordy, com profunda tristeza.

Frank o fitava. Gordy continuou:

— Talvez alguns de nós estivéssemos contando com Deus para nos tirar com vida disso tudo. Provavelmente a maioria de nós estivesse.

Eu sei que tenho rezado muito desde que chegamos aqui.

Provavelmente você também. Aquilo sabia que faríamos isso. Sabia que pediríamos ajuda a Deus. Então, essa é a sua maneira de nos mostrar que Deus não pode nos ajudar. Ou, pelo menos, é o que quer que a gente acredite. Por que esse é o seu jeito. Instilar dúvidas sobre Deus.

Esse sempre foi o seu jeito.

Frank disse:

— Você fala como se soubesse exatamente o que estamos enfrentando aqui.

— Talvez — replicou Gordy. Fitou o padre crucificado, depois se voltou novamente para Frank. — Você não sabe? Não sabe mesmo, Frank?

Depois que saíram da igreja e dobraram a esquina que levava à rua transversal, encontraram dois carros batidos.

Um Cadillac Seville percorrera o gramado fronteiro à casa paroquial, destruindo a vegetação rasteira no seu caminho, e fora colidir com um poste da varanda num dos cantos da casa. O poste quase fora rachado em dois. O telhado da varanda tinha cedido.

Tal Whitman espiou pelo vidro lateral do Cadillac.

— Tem uma mulher ao volante.

— Morta? — perguntou Bryce.

— É. Mas não do acidente.

Do outro lado do carro, Jenny tentou abrir a porta do motorista.

Estava trancada. Todas as portas estavam trancadas, os vidros levantados até em cima.

Apesar disso, a mulher ao volante — Edna Gower; Jenny a conhecia — estava como os outros cadáveres. Cheia de pisaduras escuras. Inchada. Um grito de terror congelado no rosto retorcido.

— Como é que a coisa pôde entrar aí e matá-la? perguntou Tal em voz alta.

— Lembre-se do banheiro trancado na Candleglow — falou Bryce.

— E do quarto com barricadas na casa dos Oxleys — falou Jenny. O capitão Arkham falou:

— É quase um argumento a favor da teoria do general quanto ao gás que afeta o sistema nervoso.

Então Arkham retirou do cinto de utilidades um contador Geiger em miniatura e examinou o carro cuidadosamente. Mas não fora radiação o que matara a mulher lá dentro.

O segundo carro, a meia quadra de distância, era um Lynx branco-perolado. No chão às costas dele viam-se marcas pretas de derrapagem. O Lynx estava atravessado no meio da rua, bloqueando-a.

A parte dianteira colidira com a lateral de um furgão Chevrolet amarelo.

Mas os danos não tinham sido grandes porque o Lynx quase conseguira frear completamente antes de atingir o veículo estacionado.

O motorista era um homem de meia-idade com fartos bigodes.

Estava usando jeans cortados à altura dos joelhos e uma camiseta dos Dodgers. Jenny também o conhecia. Marty Sussman. Há seis anos era o administrador municipal de Snowfield. O simpático e interessado Marty Sussman. Morto. Mais uma vez, a causa da morte evidentemente não se relacionava com a colisão.

As portas do Lynx estavam trancadas, os vidros levantados até em cima, exatamente como no Cadillac.

— Parece que ambos estavam tentando escapar de alguma coisa — falou Jenny.

— Talvez — disse Tal. — Ou podem ter apenas saído para dar um passeio ou cumprir alguma tarefa quando chegou o ataque. Se estavam tentando fugir, alguma coisa os deteve abruptamente, forçando-os a sair da rua.

— Domingo foi um dia quente. Quente, mas não quente demais — falou Bryce. — Não quente o suficiente para se rodar com os vidros fechados e o ar-condicionado ligado. Era o tipo do dia em que a maioria das pessoas arria os vidros, aproveitando o ar puro. Portanto, me parece que, depois que eles foram forçados a parar, ergueram os vidros e trancaram as portas, tentando impedir que algo entrasse.

— Mus esse algo os pegou, de qualquer maneira — disse Jenny.

Aquilo.

Ned e Sue Marie Bischoff eram donos de uma linda casa em estilo Tudor, num lote de terreno duplo, aninhada entre imensos pinheiros. Moravam ali com seus dois filhos. Lee Bischoff, aos oito anos, tocava piano surpreendentemente bem, a despeito da pequenez das suas mãos, e certa feita dissera a Jenny que ia ser o próximo Stevie Wonder, "só que sem ser cego". Terry, de seis anos, parecia-se exatamente com um Pimentinha de pele negra, mas tinha bom gênio.

Ned era um artista bem-sucedido. As suas telas a óleo eram vendidas até por seis ou sete mil dólares, e as suas gravuras em edição limitada custavam de quatrocentos a quinhentos dólares cada.

Ele era paciente de Jenny. Embora tivesse apenas 32 anos e já fosse um sucesso na vida, ela o tratava de úlcera.

A úlcera não o incomodaria mais. Estava no estúdio, deitado no chão na frente de um cavalete, morto.

Sue Marie estava na cozinha. Como Hilda Beck, a governanta de Jenny, e como muitas outras pessoas por toda a cidade, Sue Marie morrera enquanto preparava o jantar. Fora uma mulher bonita. Não era mais.

Encontraram os dois meninos num dos quartos.

Era um quarto maravilhoso para crianças, espaçoso e arejado, com camas beliche. Havia estantes embutidas cheias de livros infantis.

Das paredes pendiam os quadros que Ned pintara para os seus garotos, cenas extravagantes e fantásticas, bem diferentes das telas que o tornaram famoso: um porco de smoking, dançando com uma vaca de vestido de baile; o interior da câmara de comando de uma nave espacial, onde todos os astronautas eram sapos; uma cena sinistra mas encantadora de um playground escolar à noite, banhado pela luz da lua cheia, vazio de crianças, mas com um lobisomem imenso e de aparência monstruosa divertindo-se à grande nos balanços.

Os meninos estavam num canto, para além de um monte de brinquedos espalhados. O mais moço, Terry, achava-se atrás de Lee, que parecia ter feito um violento esforço para proteger o irmão menor.

Os meninos fitavam o quarto com olhos saltados, os olhares mortos ainda fixos naquilo que os ameaçara na véspera. Os músculos de Lee tinham se travado, deixando seus bracinhos finos na mesma posição em que tinham estado nos últimos segundos de sua vida: erguidos diante do corpo, protegendo-o, as mãos espalmadas como que a impedir golpes.

Bryce ajoelhou-se na frente das crianças. Levou uma mão trêmula ao rosto de Lee, como se não quisesse acreditar que o

menino estivesse realmente morto.

Jenny ajoelhou-se ao lado dele.

— Estes são os dois filhos dos Bischoffs, — falou, sem conseguir controlar a emoção na voz. — Então agora a família está completa.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Bryce.

Jenny tentou se lembrar da idade do filho dele. Sete ou oito?

Mais ou menos a mesma idade de Lee Bischoff. O pequeno Timmy Hammond estava deitado no hospital em Santa Mira neste exato momento, em coma, do jeito que tinha estado neste ano que passara.

Era praticamente um vegetal. É, mas até uma coisa dessas era melhor do que isto aqui. Qualquer coisa era melhor do que isto aqui.

Aos poucos, as lágrimas de Bryce foram secando. Ele estava cheio de raiva agora.

— Vou pegá-los por isto — falou. — Seja quem for que fez isto... vou fazê-los pagar.

Jenny jamais conhecera um homem como ele. Tinha força e determinação masculinas consideráveis, mas também era capaz de ternura.

Teve vontade de abraçá-lo. E de ser abraçada.

Porém, como sempre, era discreta demais quanto à expressão do seu estado emocional. Se fosse mais aberta, como ele, jamais teria se afastado da mãe. Mas não era assim, ainda não, embora desejasse ser.

Assim, em resposta ao juramento dele de pegar os matadores dos filhos dos Bischoffs, ela falou:

— Mas, e se o que os matou não for humano? Nem todo o mal está nos homens. Existe o mal na natureza. A malignidade cega de um terremoto. O mal indiferente do câncer. Isso aqui pode ser algo assim — remoto e irresponsável. Não poderemos levá-lo aos tribunais se nem for humano. E então?

— Seja quem diabo for ou o que diabo for, vou pegá-lo. Vou detê-lo. Vou fazer com que pague pelo que foi feito aqui — falou ele, teimosamente.



A equipe de busca de Frank Autry vasculhou mais três casas desertas depois de sair da igreja católica. A quarta casa não estava vazia. Encontraram Wendell Hulbertson, um professor de escola secundária que trabalhava em Santa Mira mas optara por morar aqui nas montanhas, numa casa que já pertencera à sua mãe. Gordy fora aluno de inglês de Hulbertson cinco anos antes. O professor não estava inchado ou machucado como os outros cadáveres; tirara a própria vida.

Acuado num canto do seu quarto, ele pusera o cano de uma 32 automática na boca e puxara o gatilho. Evidentemente, a morte pelas próprias mãos fora preferível ao que aquilo estava prestes a fazer com ele.

Depois de deixar a residência dos Bischoffs, Bryce conduziu o seu grupo por mais algumas casas, sem encontrar corpo algum. Então, na quinta casa, descobriram um casal idoso trancado no banheiro, onde tinham tentado se esconder do assassino. A mulher estava largada dentro da banheira. O marido, encolhido no chão.

— Eram pacientes meus — disse Jenny. — Nick e Melina Papandrakis.

Tal anotou os seus nomes na lista dos mortos.

Como Harold Ordnay e a mulher na Candleglow, Nick Papandrakis tentara deixar uma mensagem que pudesse indicar o assassino. Tirara um pouco de iodo do armário de remédios e usara-o para escrever na parede. Não tivera chance de terminar ao menos uma palavra. Havia apenas duas letras e parte de uma terceira:



— Alguém consegue adivinhar o que ele queria escrever? — perguntou Bryce.

Um de cada vez, entraram no banheiro e, passando por cima do corpo de Nick Papandrakis, foram espiar as letras marrom-alaranjadas na parede, mas nenhum deles teve um lampejo de inspiração.

— Balas.

Na casa ao lado da de Papandrakis, o chão da cozinha estava coalhado de balas. Não cartuchos inteiros. Apenas dúzias de balas de chumbo, sem os invólucros de metal.

O fato de não haver invólucros ejetados em parte alguma indicava que os disparos não tinham sido feitos aqui. Não havia cheiro de pólvora. Nenhum buraco de bala nas paredes ou armários.

Havia apenas balas espalhadas por todo o chão, como se tivessem chovido magicamente, vindas do nada.

Frank Autry pegou do chão um punhado dos pedaços cinzentos de metal. Não era um perito em balística, porém, como estranhamente nenhuma das balas estava fragmentada ou muito deformada, ele pôde perceber que elas provinham de uma variedade de armas. A maioria delas — dezenas e dezenas delas — parecia ser do tipo e do calibre de munição que era disparada pelas metralhadoras portáteis com as quais as tropas de apoio do general Copperfield estavam armadas.

Será que essas balas são da arma do sargento Harker?

questionou-se Frank. Será que são os tiros que Harker disparou no seu assassino no frigorífico do Mercado Gilmartin?

Franziu o cenho, perplexo.

Largou as balas e elas caíram ruidosamente ao chão. Ele apanhou dos ladrilhos diversas outras balas. Havia uma 22 e uma 32, outra 22 e uma 38. Havia até mesmo um bocado de chumbo de espingarda de caça.

Apanhou uma única bala calibre 45 e examinou-a com interesse especial. Era exatamente o tipo de munição que usava no seu revólver.

Gordy Brogran agachou-se ao seu lado.

Frank não olhou para Gordy. Continuou a fitar atentamente a bala. Estava se debatendo com um pensamento sinistro.

Gordy pegou algumas balas do piso da cozinha.

— Elas não estão nem um pouco deformadas.

Frank assentiu.

— Devem ter acertado em alguma coisa — continuou Gordy. — Então, deveriam estar deformadas. Pelo menos algumas delas. — Fez uma pausa, depois falou: — Ei, você está a um milhão de quilômetros de distância. No que está pensando?

— Paul Henderson. — Frank ergueu a bala 45 diante do rosto de Gordy. — Paul disparou três destas ontem à noite, lá na subdelegacia.

— Contra o seu assassino.

— É.

— E daí?

— Daí que estou com o palpite maluco de que, se pedíssemos ao laboratório para fazer um teste de balística nela, eles descobririam que saiu do revólver de Paul.

Gordy pestanejou, fitando-o.

— E — continuou Frank — também acho que, se procurarmos no meio de todas essas balas no chão, iremos encontrar mais duas exatamente como esta. Não apenas mais uma. Nem tampouco mais três. Só mais duas, exatamente com as mesmas marcas desta aqui.

— Quer dizer, as mesmas três que Paul disparou ontem à noite.

— É.

— Mas como é que vieram de lá para cá?

Frank não respondeu. Em vez disso, ficou de pé e apertou o botão do walkie-talkie.

— Xerife?

A voz de Bryce Hammond saiu vivamente do pequeno alto-falante.

— O que é, Frank?

— Ainda estamos aqui na casa dos Sheffields. Acho que é melhor o senhor vir até aqui. Há uma coisa que precisa ver.

— Mais corpos?

— Não, senhor. Hã... uma coisa meio esquisita.

— Já vamos para aí — falou o xerife. Depois, para Gordy, Frank disse:

— O que eu acho é que... nestas duas últimas horas, depois que o sargento Harker foi levado do Mercado Gilmartin, aquilo esteve aqui, bem neste quarto. Livrou-se de todas as balas que levou ontem à noite e hoje de manhã.

— Os tiros que levou?

— É.

— Livrou-se delas? Sem mais nem menos?

— Sem mais nem menos — confirmou Frank.

— Mas como?

— Parece que simplesmente... as expeliu. Parece que deixou cair as balas do mesmo jeito que um cão se sacode para deixar cair os, pelos soltos.

29

Fugindo

Rodando por Santa Mira no Datsun roubado, Fletcher Kale ouviu as notícias sobre Snowfield no rádio.

Embora tivessem prendido a atenção do restante do país, Kale não estava muito interessado. Nunca se interessava particularmente pelas tragédias dos outros.

Estendeu a mão para desligar o rádio, já cansado de ouvir falar em Snowfield, quando já tinha tantos problemas, ele próprio — e então escutou um nome que significava algo para ele. Jake Johnson. Johnson era um dos delegados que fora enviado para Snowfield na véspera.

Agora estava desaparecido, podia até estar morto.

Jake Johnson...

Um ano atrás, Kale vendera a Johnson uma cabana rústica de madeira de construção sólida com cinco acres de terreno, nas montanhas.

Johnson afirmara ser um caçador inveterado e fingira desejar a cabana para esse fim. Todavia, por diversas coisas que o delegado deixara escapar, Kale concluíra que Johnson era, na verdade, um homem preocupado com a sobrevivência, um daqueles pessimistas que acreditam que o mundo está caminhando a largos passos para o Armagedom e que a sociedade vai desmoronar, quer por causa da inflação desenfreada, quer pela guerra nuclear ou outra catástrofe qualquer. Kale ficara cada vez mais convencido de que Johnson queria a cabana para servir de esconderijo, onde ele poderia estocar comida e munição — um local facilmente defensável em épocas de convulsão social.

A cabana era afastada o bastante para tal fim. Ficava na Snowtop Mountain, do lado diametralmente oposto à cidade de Snowfield. Para se chegar lá, era preciso subir uma estrada de incêndio municipal, uma pista de terra estreita que só dava passagem, virtualmente, a um veículo de tração nas quatro rodas, e depois passar para uma outra trilha, ainda mais árdua. Os últimos quatrocentos metros tinham que ser percorridos a pé.

Dois meses depois de Johnson ter adquirido a propriedade da montanha, Kale se esgueirara até lá, numa cálida manhã de junho em que sabia que o delegado estava de plantão em Santa Mira. Queria ver se Johnson estava transformando a cabana numa fortaleza do deserto, como ele supunha.

Encontrara a cabana intacta, mas descobrira que Johnson estava trabalhando ativamente em algumas das cavernas de calcário para as quais havia uma entrada nas suas terras. Do lado de fora das cavernas havia sacos de cimento e areia, um carrinho de mão e uma pilha de pedras.

Logo na entrada da primeira caverna, encontrara duas lanternas a gás Coleman no piso de pedras, junto à parede. Pegara uma das lanternas e penetrara nas câmaras subterrâneas.

A primeira caverna era longa e estreita, pouco mais do que um túnel. No final dela, ele seguira por uma série de curvas abruptas percorrendo antecâmaras irregulares de calcário, até que chegara à primeira caverna do tamanho de um cômodo.

Empilhadas de encontro a uma das paredes havia caixas contendo latas de dois quilos, seladas a vácuo, de leite em pó preservado à base de nitrogênio, frutas e legumes desidratados, sopa desidratada, ovos em pó, latas de mel, barris de cereais. Um colchão de ar. E muito mais. Jake andara ocupado.

O primeiro aposento subterrâneo levava a outro. Neste, havia um buraco de formação natural no chão, de cerca de 25cm de diâmetro, e uns barulhos estranhos saíam de dentro dele. Sussurros. Risos ameaçadores. Kale quase dera meia-volta e correra, mas depois se dera conta de que não estava ouvindo nada mais sinistro do que o ruído da água corrente. Um regato subterrâneo. Jake Johnson descera uma mangueira de uma polegada para dentro do poço natural e montara uma bomba manual ao lado dele.

Todos os confortos do lar.

Kale concluíra que Johnson não era meramente cauteloso. O homem era um obcecado.

Num outro dia no final do mesmo verão, lá para fins de agosto, Kale retornara à propriedade da montanha. Para sua surpresa, a entrada da caverna, que tinha cerca de 1,20m de altura por 1,50 de largura, não estava mais visível. Johnson criara uma barreira eficaz de vegetação para ocultar a entrada do seu esconderijo.

Kale se metera pelo meio da vegetação, tomando cuidado para não esmagá-la.

Desta feita, trouxera a sua própria lanterna. Passara de gatinhas pela entrada da caverna, ficara de pé depois de estar lá dentro, seguira o túnel passando por três curvas abruptas — e de repente deparara com um beco sem saída inesperado. Sabia que devia haver mais uma passagem curta e sinuosa, e depois a primeira das cavernas grandes.

Em vez disso, havia somente uma parede de calcário, uma fachada que isolava o restante das cavernas.

Por um momento Kale fitara a barreira, confuso. Depois examinara atentamente até encontrar o segredo escondido. A rocha era, na verdade, uma fina fachada que fora ligada com durepóxi a uma porta que Johnson fixara habilmente na moldura natural entre a passagem derradeira e a primeira das cavernas do tamanho de um aposento.

Naquele dia de agosto, encantando-se com a porta oculta, Kale decidira que tomaria para si o esconderijo, caso algum dia necessitasse dele. Afinal de contas, talvez aquele pessoal ligado em sobrevivência não estivesse tão por fora. Quem sabe eles tinham razão. Quem sabe aqueles idiotas no poder tentariam explodir o mundo, um dia desses. Se assim fosse, Kale chegaria ao esconderijo em primeiro lugar, e quando Johnson cruzasse a porta tão habilmente oculta, Kale simplesmente o mandaria desta para melhor.

A ideia lhe dera prazer.

Fizera com que se sentisse sagaz. Superior.

Treze meses mais tarde, para sua surpresa e horror, ele via chegar o fim do mundo. O fim do seu mundo. Trancafiado na cadeia

municipal, acusado de assassinato, ele sabia para onde iria, se tivesse chance de escapar: para as montanhas, para as cavernas. Poderia ficar lá por semanas, até que os tiras finalmente parassem de procurá-lo no condado de Santa Mira e suas proximidades.

Obrigado, Jake Johnson.

Jake Johnson...

Agora, no Datsun amarelo roubado, a curta distância da cadeia municipal, Kale ouviu no rádio a notícia sobre Johnson. Enquanto escutava, começou a sorrir. A sorte estava do seu lado.

Depois de fugir, o seu maior problema era livrar-se das roupas de prisioneiro e obter roupas apropriadas para as montanhas. Não tinha muita certeza de como ia fazer isso.

Logo que ouviu o locutor do rádio dizer que Jake Johnson estava morto — ou pelo menos longe dali, em Snowfield —, Kale soube que iria direto para a casa de Johnson, aqui em Santa Mira. Johnson não tinha família. Era um esconderijo seguro e temporário. Johnson não era exatamente do tamanho de Kale, mas a diferença não era muito grande e ele poderia trocar o seu uniforme de prisioneiro pelas peças mais adequadas do guarda-roupa do delegado.

E armas. Jake Johnson, tão ligado na sobrevivência, sem dúvida teria uma coleção de armas em algum lugar da casa.

O delegado morava na mesma casa de um pavimento e três quartos que herdara do pai, Big Ralph Johnson. Não era uma casa grandiosa. Big Ralph não gastara o seu dinheiro de suborno e corrupção com abandono desenfreado; sabia muito bem como ser discreto para não atrair a atenção do Imposto de Renda. Não que a casa de Johnson fosse um barraco. Ficava na quadra central da Pine Sandow Lane, uma vizinhança bem conceituada de casas maiores, terrenos bem espaçosos e árvores antigas. A casa de Johnson, uma das menores, tinha uma grande banheira térmica instalada na varanda dos fundos, um enorme salão de jogos com uma mesa de sinuca antiga e diversos outros bens materiais invisíveis do lado de fora.

Kale estivera ali duas vezes na época em que estava vendendo a Johnson a propriedade da montanha. Não teve dificuldades em tornar a encontrar a casa.

Entrou com o Datsun no acesso de automóveis, desligou o motor e saltou. Esperava que não houvesse nenhum vizinho olhando.

Dirigiu-se para a parte de trás da casa, quebrou uma das janelas da cozinha e pulou para dentro.

Foi direto para a garagem. Tinha espaço suficiente para dois carros, mas só havia ali uma perua com tração nas quatro rodas. Sabia que Johnson tinha aquele jipe e esperava encontrá-lo ali. Abriu a porta da garagem e trouxe para dentro o Datsun roubado. Quando a porta se fechou de novo e o Datsun não podia mais ser visto da rua, sentiu-se mais seguro.

No quarto principal, ele vasculhou o armário de Johnson e encontrou um par de botas resistentes apenas meio número maior do que o que ele usava. Johnson era uns cinco centímetros mais baixo do que Kale, portanto as calças não eram do comprimento certo, mas metidas para dentro das botas não ficaram mal. A cintura era grande demais para Kale, mas ele apertou-a com um cinto. Escolheu uma camisa esporte e experimentou-a. Dava para o gasto.

Depois que se vestiu, ele se olhou no espelho de corpo inteiro.

— Está legal — disse ao seu reflexo.

Depois foi revistar a casa à procura de armas. Não encontrou nenhuma.

Muito bem, então elas estariam escondidas em algum canto. Se fosse preciso, desmontaria a casa inteira até encontrá-las.

Começou no quarto principal. Esvaziou as gavetas da cômoda e da escrivaninha. Nada de armas. Revistou os dois criados-mudos. Nada de armas. Tirou tudo de dentro do closet: roupas, sapatos, malas, caixas, uma mala-armário. Nada de armas. Levantou as pontas do carpete e procurou algum esconderijo secreto debaixo dele. Não achou nada.

Dali a meia hora, ele estava suado, mas não se mostrava cansado. Na verdade, sentia-se eufórico. Correu os olhos pela destruição que tinha feito e descobriu-se estranhamente satisfeito. O quarto parecia ter sido bombardeado.

Entrou no quarto seguinte — devassando, rasgando, virando e quebrando tudo no seu caminho.

Ele queria muito encontrar aquelas armas.

Mas também estava se divertindo.

30

Algumas respostas/mais perguntas

A casa era excepcionalmente arrumada e limpa, mas a combinação de cores e o exagero na decoração deixaram Bryce nervoso.

Tudo era ou verde ou amarelo. Tudo. Os tapetes eram verdes e as paredes amarelo-claras. Na sala de visitas, os sofás eram forrados de um estampado floral amarelo e verde tão berrante que dava vontade de sair correndo para um oftalmologista. As duas poltronas eram verde-esmeralda, e as duas cadeiras laterais, amarelo canário. Os abajures de cerâmica eram amarelos com rabiscos verdes, e as cúpulas eram chartreuse com borlas. Nas paredes havia duas grandes gravuras: margaridas amarelas num campo verdejante. O quarto de casal era pior: papel de parede de flores, mais berrante do que o tecido nos sofás da sala; cortinas amarelo vivo com dossel festonado. Uma dúzia de almofadas de enfeite estavam espalhadas sobre a extremidade superior da cama; algumas eram verdes com debrum de renda amarela, as outras, amarelas com debrum de renda verde.

Segundo Jenny, a casa era ocupada por Ed e Theresa Lange, seus três filhos adolescentes e a mãe septuagenária de Theresa.

Nenhum dos ocupantes foi encontrado. Não havia corpos, e Bryce deu graças por isso. De certa forma, um corpo pisado e inchado ficaria ainda mais terrível aqui, no meio desta decoração quase doentiamente alegre.

A cozinha também era verde e amarela.

Junto à pia, Tal Whitman falou:

— Tem uma coisa aqui. É melhor dar uma olhada, chefe.

Bryce, Jenny e o capitão Arkham dirigiram-se até Tal, mas os outros dois delegados permaneceram junto da porta, com Lisa entre eles. Era difícil dizer o que poderia aparecer numa pia de cozinha nesta cidade, em meio a este pesadelo lovecraftiano*. A cabeça de alguém. Ou outro par de mãos cortadas. Ou pior.

**H.P. Lovecraft — autor de histórias do sobrenatural. (N. da T.)*

Mas não era pior. Era simplesmente estranho.

— Uma verdadeira joalheria — disse Tal.

A pia dupla estava cheia de joias. Principalmente anéis e relógios. Havia relógios de pulso femininos e masculinos: Timex, Seiko, Bulova, até mesmo um Rolex. Alguns tinham correias flexíveis; outros não tinham correias; nenhum deles tinha correias de couro ou plástico.

Bryce viu dezenas e dezenas de alianças e anéis de noivado; os diamantes cintilavam. Havia também anéis com a pedra do signo: granada, ametista, jaspe sanguíneo, topázio, turmalina; anéis com lasquinhas de rubi e esmeraldas; Anéis de escolas secundárias e de faculdades. Muita bijuteria estava misturada às peças de alto valor.

Bryce enfiou as mãos numa das pilhas de joias do mesmo modo que, no cinema, o pirata sempre mete as mãos no conteúdo da arca do tesouro.

Remexeu as peças brilhantes e viu outros tipos de joia: brincos, pulseiras de berloques, pérolas soltas de um colar partido, correntes de ouro, um lindo pingente de camafeu...

— Tudo isso aí não pode pertencer aos Langes — disse Tal.

— Espere — falou Jenny. Retirou um dos relógios de pulso da pilha e examinou-o atentamente.

— Está reconhecendo? — perguntou Bryce.

— Estou. Cartier. Não é um Cartier com algarismos romanos. Este não tem algarismos, e o mostrador é preto. Sylvia Kanarsky deu-o de presente ao marido, Dan, no seu quinto aniversário de casamento.

Bryce franziu a testa.

— De onde conheço este nome?

— São os donos da Candleglow — explicou Jenny.

— Ah, sim. Os seus amigos.

— Entre os desaparecidos — disse Tal.

— Dan adorava este relógio — falou Jenny. — Quando Sylvia o comprou, foi uma tremenda extravagância. A estalagem ainda estava se firmando, e o relógio custou 350 dólares. Agora, é claro, vale consideravelmente mais. Dan costumava brincar que fora o melhor investimento que já tinham feito.

Ela levantou o relógio, para que Tal e Bryce pudessem ver a parte de trás. No alto da base de ouro, acima do logotipo de Cartier, estava gravado: PARA MEU DAN.

Embaixo, sob o número de série, COM AMOR, SYL.

Bryce baixou os olhos para a pia cheia de joias.

— Quer dizer que tudo isso aí provavelmente pertence aos moradores de Snowfield.

— Bem, eu diria que pertence aos que estão desaparecidos — falou Tal. — As vítimas que encontramos até agora ainda estavam usando as suas joias.

Bryce assentiu.

— Tem razão. Então, todos aqueles que desapareceram foram despojados dos seus valores antes de serem levados para... para... bem, para onde quer que tenham sido levados.

— Ladrões não deixariam valores como esses largados por aí — disse Jenny. — Não iriam juntá-los e depois simplesmente jogá-los dentro da pia de uma casa. Pegariam tudo e levariam com eles, — Então, o que todas essas joias estão fazendo aqui? — perguntou Bryce.

— E eu lá sei? — disse Jenny. Tal deu de ombros.

Nas duas pias, as joias brilhavam e faiscavam.

Os gritos das gaivotas.

Cães latindo.

Galen Copperfield ergueu os olhos do terminal do computador, onde estivera examinando dados. Estava suando, dentro do traje de descontaminação, sentia-se cansado e dolorido. Por um momento, não teve certeza se estava realmente ouvindo as aves e os cães.

Então um gato guinchou.

Um cavalo relinchou.

O general correu os olhos pelo laboratório móvel, franzindo o cenho.

Cascavéis. Muitas delas. O som familiar e mortal do seu chocalhar. Abelhas zumbindo.

Os outros também estavam ouvindo.

Entreolharam-se, inquietos. Roberts falou: — Está vindo pelo rádio de macacão-a-macacão.

— Afirmativo — falou o dr. Bettenby, do segundo motor home.

Também estamos ouvindo aqui.

— Tudo bem — falou Copperfield. — Vamos dar-lhe uma oportunidade de representar. Se quiserem falar uns com os outros, usem os sistemas de comunicação externos.

As abelhas pararam de zumbir.

Uma criança, de sexo indeterminado — andrógino —, começou a cantar bem baixinho, de muito longe:

Jesus me ama, disso eu sei,
pois a Bíblia me diz que sim.
Chama a si os pequeninos.
Eles são fracos, mas Ele é forte.

A voz era doce. Melodiosa.

Ao mesmo tempo, era de gelar o sangue.

Copperfield jamais ouvira algo semelhante. Embora fosse uma voz de criança, meiga e frágil, continha... algo que não devia existir numa voz de criança. Uma profunda falta de inocência. Conhecimento, talvez. É. Conhecimento em demasia de demasiadas coisas terríveis.

Ameaça. Ódio. Desprezo. Não era audível na superfície da canção cadenciada, mas estava ali sob a superfície, pulsante, sombria e incomensuravelmente perturbadora.

Sim, Jesus me ama.
Sim, Jesus me ama.
Sim, Jesus me ama...
a Bíblia me diz que sim.

— Eles nos falaram disso — disse Goldstein. — A dra. Paige e o xerife. Eles a ouviram ao telefone e saindo do ralo da cozinha, no hotel.

Nós não acreditamos neles. Parecia bastante ridículo.

— Não parece ridículo agora — falou Roberts.

— Não — concordou Goldstein. Mesmo dentro do macacão volumoso, notava-se que ele estava tremendo.

— Está transmitindo no mesmo comprimento de onda que os rádios dos nossos macacões — falou Roberts.

— Mas como? — questionou-se Copperfield.

— Velazquez — disse Goldstein, de repente.

— Claro — falou Roberts. — O macacão de Velazquez tinha um rádio. Está transmitindo pelo rádio de Velazquez.

A criança parou de cantar. Num fiozinho de voz, falou: — É melhor rezarem. Rezem todos. Não se esqueçam de rezar.

Depois, soltou uma risadinha.

Eles esperaram por mais alguma coisa. Houve apenas silêncio.

— Acho que aquilo estava nos ameaçando — disse Roberts.

— Porra, acabem com esse tipo de papo imediatamente — falou Copperfield. — Não vamos entrar em pânico.

— Notou que estamos falando aquilo, agora? — perguntou Goldstein. Copperfield e Roberts olharam para ele e depois se entreolharam, mas ficaram calados.

— Estamos falando aquilo do mesmo jeito que a dra. Paige, o xerife e os delegados falam. Então... passamos a pensar inteiramente como eles?

Mentalmente, Copperfield ainda podia ouvir a voz obsedante da criança, humana-porém-não-humana. Aquilo.

— Vamos — falou com aspereza. — Ainda temos muito trabalho a fazer.

Voltou a atenção para o terminal do computador, mas teve dificuldade em se concentrar.

Aquilo.

Por volta de 16h30 de segunda-feira, Bryce cancelou a busca de casa em casa. Ainda restavam umas duas horas de luz do dia, mas todos estavam exaustos. Exaustos de subir e descer escadas. Exaustos de cadáveres grotescos. Exaustos de surpresas desagradáveis. Exaustos da extensão da tragédia humana, do horror que entorpecia os sentidos.

Exaustos do nó de medo no peito. A tensão constante era tão cansativa quanto o trabalho manual pesado.

Além disso, tornara-se aparente para Bryce que o serviço era simplesmente grande demais para ser feito por eles. Em cinco horas e meia, tinham coberto apenas uma pequena porção da cidade. Nesse ritmo, confinados a trabalhar apenas durante o dia, e com o seu número limitado de homens, eles precisariam de pelo menos duas semanas para realizar uma inspeção meticulosa em Snowfield. Além do mais, se os desaparecidos não fossem encontrados até a hora do último prédio ser explorado, e se não se pudesse encontrar uma pista para o seu paradeiro, então teria que ser feita uma busca ainda mais difícil na floresta que cercava a cidade.

Na noite anterior, Bryce não quisera a Guarda Nacional invadindo a cidade. Agora, contudo, ele e o seu pessoal já tinham tido a cidade só para si praticamente por um dia, e os especialistas de Copperfield haviam coletado as suas amostras e começado o seu trabalho. Tão logo Copperfield pudesse assegurar que a cidade não fora atacada por um agente bacteriológico, a Guarda poderia ser convocada para dar assistência aos homens de Bryce.

Inicialmente, pouco sabendo da situação aqui, ele estivera relutante em ceder qualquer parte da sua autoridade numa cidade sob a sua jurisdição. Agora, porem, embora não estivesse disposto a ceder autoridade, sem dúvida estava disposto a compartilhá-la. Precisava de mais homens. A cada hora que passava, a responsabilidade se tornava um peso mais esmagador, e ele estava pronto para desviar um pouco desse peso para outros ombros.

Às 16h30 de segunda-feira, portanto, ele levou as suas duas equipes de busca de volta para o Hilltop Inn, ligou para o gabinete do governador e falou com Jack Retlock. Combinou-se que a Guarda ficaria de prontidão, esperando um chamado, tão logo Copperfield dissesse que estava tudo em ordem.

Mal desligara o telefone, Charlie Mercer, o sargento na delegacia de Santa Mira, ligou para ele. Tinha novidades. Fletcher Kale tinha escapado enquanto estava sendo levado para o tribunal municipal para ser citado por duas acusações de assassinato em primeiro grau.

Bryce ficou furioso.

Charlie deixou-o esbravejar por algum tempo, e quando Bryce se acalmou, Charlie disse:

— Ainda tem coisa pior. Ele matou Joe Freemont.

— Que merda — exclamou Bryce. — Já contaram a Mary?

— Já. Eu fui lá pessoalmente.

— Como está ela?

— Mal. Estavam casados há 26 anos. Mais morte.

Morte por toda a parte. Puta merda.

— E quanto a Kale? — perguntou Bryce a Charlie.

— Achamos que ele roubou um carro do bloco de apartamentos do outro lado do beco. Sumiu um carro do estacionamento. Então armamos barreiras nas estradas tão logo soubemos da sua fuga, mas acho que ele levava quase uma hora de vantagem.

— Então já sumiu.

— Provavelmente. Se não agarrarmos o filho da puta até as sete horas, serei obrigado a cancelar os bloqueios. Estamos com tão pouco pessoal — com tudo o que está acontecendo —, que não podemos ficar prendendo os homens para bloquear as estradas.

— Faça o que achar melhor — disse Bryce, com voz cansada. — E quanto à polícia de São Francisco? Sabe... sobre aquela mensagem que Harold Ordnay deixou no espelho do banheiro?

— Esse foi o outro, motivo pelo qual eu telefonei. Eles finalmente entraram em contato conosco.

— Alguma coisa que preste?

— Bem, eles falaram com os empregados das livrarias de Ordnay. Você se lembra, eu lhe contei que uma das lojas trabalha exclusivamente com livros esgotados e raros. A assistente do gerente da loja, chamada Célia Meddock, reconheceu o nome de Timothy Flyte.

— Ele é um freguês? — perguntou Bryce.

— Não. Um autor.

— Autor? Do quê?

— De um livro. Adivinhe o título.

— Que diabo, como vou... Ah, é claro. O inimigo antigo.

— Acertou em cheio — disse Charlie Mercer.

— Do que trata o livro?

— Essa é a melhor parte. Segundo Célia Meddock, o livro trata de desaparecimentos em massa ao longo da História.

Por um momento, Bryce ficou sem fala. Depois: — Está falando sério? Quer dizer que houve muitos outros?

— Acho que sim. Pelo menos um livro cheio deles.

— Onde? Quando? Como é que nunca ouvi falar deles?

— A tal Meddock falou qualquer coisa sobre o desaparecimento de antigas populações maias...

(Algo veio à lembrança de Bryce. Um artigo que leu numa velha revista de ficção. Civilizações maias. Cidades abandonadas.) — ... e a colônia Roanoke, que foi o primeiro povoado britânico na América do Norte — concluiu Charlie.

— Disso eu ouvi falar. Está nos livros escolares.

— Acho que talvez um bocado dos outros desaparecimentos remontem a épocas passadas — disse Charlie.

— Pombas!

— É. Aparentemente, Flyte tem uma teoria qualquer para explicar essas coisas — falou Charlie. — Está tudo no livro.

— Qual é a teoria?

— Meddock não sabia. Não leu o livro.

— Mas Harold Ordnay deve ter lido. E o que ele viu acontecendo aqui em Snowfield deve ter sido exatamente aquilo que Flyte escreveu.

Então Ordnay escreveu o título no espelho do banheiro.

— É o que parece.

Tomado de excitação, Bryce perguntou: — O departamento de polícia de São Francisco conseguiu um exemplar do livro?

— Não. Meddock não tinha nenhum. Ela só sabia do assunto porque Ordnay vendeu um exemplar recentemente... há umas duas ou três semanas.

— Podemos arranjar um exemplar?

— Está esgotado. Na verdade, nunca foi publicado neste país. O exemplar que venderam era britânico, evidentemente a única edição que o livro teve, e uma edição pequena. É um livro raro.

— E quanto à pessoa a quem Ordnay o vendeu? O colecionador. Qual o nome e endereço dele?

— Meddock não se lembra. Disse que o sujeito não costuma comprar sempre com eles. Disse que Ordnay provavelmente saberia.

— O que não nos ajuda porra nenhuma. Ouça, Charlie, tenho que conseguir um exemplar desse livro.

— Estou tentando — disse Charlie. — Mas talvez nem precise dele. Vai poder saber a história toda diretamente da fonte. Flyte está vindo de Londres para cá neste momento.

Jenny estava sentada na beira da mesa da central de operações no meio do saguão, olhando boquiaberta para Bryce, que se reclinava para trás na cadeira; estava atônita com o que ele contara.

— Ele está vindo de Londres para cá? Agora? Já? Quer dizer que ele sabia que isso ia acontecer?

— Provavelmente não — disse Bryce. — Mas acho que, tão logo escutou a notícia, entendeu que era um caso que se encaixava na sua teoria.

— Seja ela qual for.

— Seja ela qual for.

Tal estava parado na frente da mesa.

— Quando é que ele deve chegar?

— Chegará em São Francisco pouco depois da meia-noite. A sua editora americana marcou um entrevista coletiva para ele no aeroporto.

Depois ele virá diretamente para Santa Mira.

— Editora americana? — perguntou Frank Autry. — Pensei que tinha dito que o livro dele nunca fora publicado aqui.

— Não foi — disse Bryce. — Evidentemente, está escrevendo um novo.

— Sobre Snowfield? — perguntou Jenny.

— Não sei. Talvez. Provavelmente.

— Puxa, como ele trabalha depressa — comentou Jenny, franzindo a testa. — Menos de um dia depois que a coisa acontece, ele já tem um contrato para escrever um livro a respeito.

— Gostaria que trabalhasse ainda mais depressa. Adoraria que estivesse aqui neste momento.

Tal falou: — Acho que o que Doc quer dizer é que esse tal de Flyte pode ser apenas mais um vigarista ladino doido para faturar

uma grana.

— Exatamente — disse Jenny.

— Pode ser — admitiu Bryce. — Mas não se esqueçam de que Ordnay escreveu o nome Flyte naquele espelho. De uma certa forma, Ordnay é a única testemunha que temos. E, pelo recado dele, devemos deduzir que o que aconteceu foi muito parecido com o que Timoty Flyte escreveu.

— Droga — exclamou Frank. — Se Flyte realmente tem alguma informação que nos possa ajudar, devia ter telefonado. Não devia ternos feito esperar.

— É — concordou Tal. — Podemos todos estar mortos até meia-noite. Ele devia ter-nos ligado para dizer o que podemos fazer.

— Aí é que a coisa pega — disse Bryce.

— Como assim? — perguntou Jenny.

— Bem — disse Bryce, soltando um suspiro —, tenho um palpite de que Flyte teria nos telefonado se pudesse nos dizer como nos proteger, É, acho que talvez ele saiba exatamente que tipo de criatura ou força estamos enfrentando, mas tenho uma forte desconfiança de que não tem a menor ideia do que fazer a respeito. Independentemente do quanto ele possa nos contar, desconfio que não será capaz de nos contar a única coisa que precisamos saber, acima de tudo — como salvar a nossa pele.

Jenny e Bryce estavam tomando café à mesa de operações.

Conversavam sobre o que tinham descoberto durante a busca daquele dia, tentando dar um sentido às coisas sem sentido: a crucificação debochada do padre; as balas espalhadas por todo o chão da cozinha da casa dos Sheffields; os corpos nos carros trancados...

Lisa estava sentada perto deles. Parecia totalmente absorta numa revista de palavras cruzadas que tinha descoberto em algum lugar, durante a busca. Subitamente, ergueu os olhos e falou: — Eu sei por que as joias estavam empilhadas naquelas duas pias. — Jenny e Bryce olharam para ela, na expectativa. — Primeiro — disse a mocinha, debruçando-se para a frente na cadeira —, vocês têm que aceitar que todas as pessoas desaparecidas estão realmente mortas. E estão. Mortas. Não há nenhuma dúvida a respeito.

— Mas há alguma dúvida a respeito, meu bem — falou Jenny.

— Elas estão mortas — disse Lisa, baixinho. — Eu sei. E vocês também sabem. — Os olhos verdes da garota estavam quase febris. — A coisa os pegou e os comeu.

Jenny lembrou-se da reação de Lisa na véspera, na subdelegacia, depois que Bryce lhes contara sobre os gritos torturados que ouvira quando aquilo estivera controlando a linha. Lisa dissera: Quem sabe teceu uma teia em algum lugar, num lugar escuro, num porão ou numa caverna, amarrou nela todas as pessoas desaparecidas, e envolveu-as em casulos, vivas. Quem sabe está guardando-as só para quando tiver fome de novo.

Na noite anterior todos tinham fitado a garota, com vontade de rir, mas percebendo que poderia haver uma espécie de verdade maluca no que ela dizia. Não necessariamente uma teia ou casulos ou uma aranha gigante. Mas alguma coisa. Nenhum deles quisera admitir, mas a possibilidade existia. O desconhecido. A coisa desconhecida. A coisa desconhecida que comia gente.

E agora Lisa voltava a bater na mesma tecla.

— Aquilo os comeu.

— Mas como é que isso explica as joias? — perguntou Bryce.

— Bem — respondeu Lisa —, depois que comeu as pessoas... talvez... talvez apenas tenha cuspido fora todas as joias... do jeito que a gente cospe fora o caroço da cereja.

A dra. Yamaguchi entrou no Hilltop, parou para responder a uma pergunta de um dos guardas na porta da frente e atravessou o saguão na direção de Jenny e Bryce. Ainda vestia o traje de descontaminação, mas não mais estava usando o capacete, o tanque de ar comprimido ou a unidade de reciclagem de dejetos. Carregava umas roupas dobradas e um maço grosso de papéis verde-claros.

Jenny e Bryce se ergueram para cumprimentá-la e Jenny perguntou: — Doutora, já suspenderam a quarentena?

— Você diz já? Me parece que estou presa neste macacão há anos. — A voz da dra. Yamaguchi era diferente do que parecera ser através do alto-falante. Era frágil e doce. Sua voz era ainda mais miudinha do que a dona. — Que gostoso respirar o ar puro de novo.

— A senhora preparou culturas de bactérias, não foi? — perguntou Jenny.

— Comecei a preparar.

— Bem... os resultados só aparecem depois de 24 a 48 horas, não é?

— Exato. Mas decidimos que é inútil esperar pelas culturas.

Não vamos desenvolver bactérias nelas — nem bactérias benignas nem outras.

Nem bactérias benignas nem outras. Essa afirmação estranha intrigou Jenny, mas antes que pudesse fazer qualquer pergunta, a geneticista disse:

— Além do mais, Meddy nos disse que era seguro.

— Meddy?

— Diminutivo de Medanacomp — explicou a dra. Yamaguchi. — Que, por sua vez, é abreviatura de Medical Analysis and Computation Systems. O nosso computador. Depois de assimilar todos os dados das autópsias e testes, ele nos deu um percentual de probabilidade para causação biológica. Meddy disse que há uma chance de zero ponto zero de que um agente biológico esteja envolvido nisso.

— E vocês confiam na análise de um computador o bastante para respirar ar puro — disse Bryce, nitidamente surpreso.

— Em mais de oitocentas tentativas experimentais, Meddy nunca errou.

— Mais isto aqui não é uma tentativa experimental — disse Jenny.

— É. Mas depois do que descobrimos nas autópsias e em todos os testes de patologia... — A geneticista deu de ombros e entregou o maço de papéis verdes a Jenny. — Tome. Está tudo nos resultados. O general Copper field achou que a senhora gostaria de vê-los. Se tiver alguma dúvida, eu explicarei. Enquanto isso, todos os homens estão lá no laboratório de campo, tirando os trajes de descontaminação, e eu estou ansiosa para fazer o mesmo. Muito ansiosa. — Ela sorriu e coçou o pescoço. Os dedos enluvados deixaram leves marcas vermelhas na pele macia de porcelana. — Será que há um lugar onde eu possa me lavar?

Jenny falou: — Temos sabonete, toalhas e uma bacia num canto separado da cozinha. Não oferece muita privacidade, mas estamos dispostos a sacrificá-la um pouco para não ficarmos sozinhos.

A dra. Yamaguchi assentiu.

— Compreensível. Como chego até essa bacia?

Lisa levantou-se de um salto da cadeira, deixando de lado as palavras cruzadas.

— Eu lhe mostro. E vou providenciar para que os rapazes que estão trabalhando na cozinha fiquem de costas para a senhora, e olhando para o outro lado.

Os papéis verde-claros eram saídas impressas de computador que tinham sido cortadas em páginas de 28 centímetros, numeradas e grampeadas ao longo da margem esquerda com guarnição plástica de pressão.

Com Bryce olhando por cima do seu ombro, Jenny folheou a primeira parte do relatório, que era uma transcrição de computador das anotações da autópsia feitas por Seth Goldstein. Goldstein notara indícios de uma possível asfixia, assim como sinais ainda mais evidentes de uma severa reação alérgica a uma substância não identificada, mas não conseguira determinar a causa da morte.

E então a atenção de Jenny se fixou num dos primeiros testes de patologia. Era um exame microscópico de bactérias sem coloração numa longa série de preparados de gotas pendentes que tinham sido contaminados com amostras de tecidos e líquidos do corpo de Gary Wechlas; fora utilizada iluminação ultramicroscópica para identificar até mesmo o menor dos microorganismos. Estavam procurando bactérias que ainda vicejassem no cadáver. O que descobriram foi espantoso.

PREPARADOS DE GOTAS PENDENTES

VARREDURA AUTOMÁTICA - MEDANACOMP

VERIFICAÇÃO VISUAL - BETTENBY

FREQUÊNCIA DA VERIFICAÇÃO VISUAL - 20% DAS AMOSTRAS

IMPRIMIR

AMOSTRA 1 GÊNERO ESCHERICHIA

FORMAS PRESENTES:

NENHUMA FORMA PRESENTE

NOTA: DADOS ANORMAIS
NOTA: VARIANTE IMPOSSÍVEL - NENHUM E. COLI ANIMADO NO INTESTINO - AMOSTRA CONTAMINADA
GÊNERO CLOSTRIDIUM FORMAS PRESENTES: NENHUMA FORMA PRESENTE
NOTA: DADOS ANORMAIS
NOTA: VARIANTE IMPROVÁVEL - NENHUM C. WELCHII ANIMADO NO INTESTINO - AMOSTRA CONTAMINADA
GÊNERO PROTEUS
FORMAS PRESENTES
NENHUMA FORMA PRESENTE
NOTA: DADOS ANORMAIS
NOTA: VARIANTE IMPROVÁVEL - NENHUM P. VULGARIS NO INTESTINO - AMOSTRA CONTAMINADA

A saída impressa continuava a enumerar outras bactérias pelas quais tanto o computador quanto o dr. Bettenby tinham procurado, sempre com o mesmo resultado.

Jenny lembrou-se do que a dra. Yamaguchi dissera, a afirmação que a intrigara e sobre a qual tivera vontade de indagar: nem bactérias benignas nem outras. E aqui estavam os dados, tão inteiramente anormais quanto o computador dizia que eram.

— Estranho — falou Jenny.

— Para mim é grego — falou Bryce. — Tradução?

— Bem, um cadáver é um excelente campo de reprodução para todo tipo de bactérias — pelo menos a curto prazo. Decorrido todo este tempo desde a morte de Gary Wechlas, seu cadáver deveria estar fervilhando de Clostridium welchii, que está associado à gangrena gasosa.

— E não está?

— Não puderam encontrar nem um único C. welchii vivo na gotícula de água que foi contaminada com o material dos intestinos. E esta é precisamente a amostra que devia estar infestada deles. Também devia estar fervilhando de Proteus vulgaris, que é uma bactéria saprofítica.

— Tradução? — perguntou ele, pacientemente.

— Desculpe. Saprofítico significa que viceja na matéria morta ou em decomposição.

— E Wechlas está inquestionavelmente morto.

— Inquestionavelmente. No entanto, não existe nenhuma P. vulgaris. Também deveria haver outras bactérias. Talvez Micrococcus albus e Bacillus mesentericus. De qualquer maneira, não há qualquer dos microorganismos associados com a decomposição, nem qualquer das formas que se esperaria encontrar. E o que é ainda mais estranho, não há Escherichia coli vivos no corpo. Ora, pombas, elas teriam que estar ali, vicejando, mesmo antes de Wechlas ser morto. E deviam estar ali agora, ainda vicejando. Os E. coli habitam o cólon. O seu, o meu, o de Gary Wechlas, o de todo mundo. Contanto que fiquem contidos dentro do intestino, em geral são organismos benignos. — Ela folheou o relatório. — Agora, olhe só para isto aqui. Quando usaram corantes gerais e diferenciais para procurar os microorganismos mortos, encontraram um bocado de E. coli. Mas todos os espécimes estavam mortos. Não existem bactérias vivas no corpo de Wechlas.

— E o que devemos concluir disso? — perguntou Bryce. — Que o corpo não está se decompondo como deveria?

— Não está absolutamente se decompondo. E tem mais. Algo um bocado mais estranho. Não está se decompondo porque, aparentemente, injetaram nele uma dose maciça de um agente esterilizador e estabilizador. Uma substância preservativa, Bryce. Parece que injetaram no corpo uma substância preservativa extremamente eficaz.

Lisa trouxe uma bandeja para a mesa. Nela havia quatro canecas de café, Colheres, guardanapos. A garota passou o café para a dra. Yamaguchi, Jenny e Bryce. Ficou com a quarta caneca.

Eles estavam sentados no refeitório do Hilltop, perto das janelas.

Do lado de fora, a rua estava banhada pela luz do sol ouro-alaranjada do final da tarde.

Daqui a uma hora, pensou Jenny, vai estar escuro de novo. E então teremos que passar mais uma longa noite.

Estremeceu. Bem que estava precisando do café quente.

Sara Yamaguchi estava usando agora jeans cotelê castanho-amarelados e uma blusa amarela. O cabelo comprido, sedoso, negro, esparramava-se sobre os ombros.

— Bem — dizia ela —, acho que todo mundo já viu o bastante daqueles antigos filmes de Walt Disney sobre animais selvagens para saber que algumas aranhas e as vespas que constroem ninhos de barro, além de certos outros insetos, injetam uma substância preservativa em suas vítimas e as reservam para consumo posterior ou para alimentar os filhotes por nascer. A substância preservativa distribuída pelos tecidos do sr. Wechlas é vagamente similar àquelas substâncias, porém bem mais potente e sofisticada.

Jenny pensou na mariposa impossivelmente grande que atacara e matara Stewart Wargle. Porém, não fora aquela criatura que despovoara Snowfield. Definitivamente não. Mesmo que houvesse centenas daquelas coisas à espreita em alguma parte da cidade, elas não poderiam ter chegado até todo mundo. Nenhuma mariposa daquele tamanho poderia ter penetrado em carros trancados, casas trancadas, quartos com barricadas. Havia outra coisa lá fora.

— Está dizendo que foi um inseto que matou aquelas pessoas? — perguntou Bryce a Sara Yamaguchi.

— Na verdade, as evidências não indicam isso. Um inseto empregaria um ferrão para matar e injetar a substância preservativa.

Haveria uma perfuração, por mais minúscula que fosse. Seth Goldstein, contudo, examinou o cadáver de Wechlas com lente de aumento.

Literalmente. Cobriu cada centímetro quadrado de pele. Duas vezes.

Usou até um creme depilatório para remover todos os pelos do corpo a fim de poder examinar a pele mais meticulosamente. No entanto, não achou uma perfuração ou qualquer outra marca na pele através da qual se pudesse ter administrado uma injeção. Estávamos com medo de ter dados atípicos ou imprecisos. Então, realizamos uma segunda autópsia.

— Em Karen Oxley — falou Jenny.

— É. — Sara Yamaguchi debruçou-se para perto das janelas e olhou para fora, procurando o general Copperfield e os outros. Quando voltou o rosto para a mesa, falou: — Todavia, todos os testes deram a mesma coisa. Nenhuma bactéria animada no cadáver. Decomposição suspensa de modo inatural. Tecidos saturados com substância preservativa. Novamente, eram dados

estranhos. Mas tivemos certeza de que não eram dados atípicos ou imprecisos.

— Se a substância preservativa não foi injetada, como foi administrada? — perguntou Bryce.

— A melhor resposta que pudemos achar é que ela é altamente absorvível e penetra no corpo pelo contato com a pele, depois circula pelos tecidos em questão de segundos.

Jenny indagou:

— Será que podia ser mesmo um gás que afeta o sistema nervoso? Quem sabe este aspecto de preservação é apenas um efeito colateral.

— Não — respondeu Sara Yamaguchi. — Não há o menor traço nas roupas das vítimas, o que fatalmente ocorreria se estivéssemos lidando com saturação por gás. E embora a substância tenha um efeito tóxico, a análise química demonstra que ela não é primordialmente uma toxina, como o seria um gás que afeta o sistema nervoso; ela é, na verdade, primordialmente, um preservativo.

— Mas foi a causa da morte? — perguntou Bryce.

— Contribuiu. Mas não podemos apontar com precisão a causa.

A toxicidade da substância preservativa foi uma das causas, mas outros fatores nos levam a crer que a morte resultou também da privação do oxigênio. As vítimas sofreram ou uma compressão prolongada ou um completo bloqueio da traqueia.

Bryce se inclinou para diante.

— Estrangulamento? Asfixia?

— É. Mas não podemos precisar qual a forma.

— Mas como pode ser uma coisa ou outra? — perguntou Lisa.

— A senhora está falando de coisas que levam um minuto ou dois para acontecer. E essa gente morreu depressa. Em um ou dois segundos.

— Além disso, se me lembro da cena na casa dos Oxleys, não havia sinal algum de luta. Quem está sendo sufocado até a morte geralmente se debate feito um doido, derruba coisas...

— É — falou a geneticista, concordando. — Não faz sentido.

— Por que todos os corpos estão inchados? — perguntou Bryce.

— Achamos que é uma reação tóxica à substância preservativa.

— As pisaduras também?

— Não. Isso é... diferente.

— Como?

Sara não respondeu imediatamente. Franzindo o cenho, ficou olhando para o café na caneca. Finalmente, falou: — Os tecidos cutâneo e subcutâneo dos dois cadáveres indicam claramente que as pisaduras foram causadas por compressão de uma fonte externa; eram contusões clássicas. Em outras palavras, as pisaduras não se deviam ao inchaço e não eram uma reação alérgica desvinculada da substância preservativa. Parece que algo bateu nas vítimas. Com força. Repetidamente. O que é uma loucura. Porque, para causar tantas pisaduras, teria que haver pelo menos uma fratura, uma só fratura, em alguma parte. Mais outra loucura: o grau da pisadura é o mesmo por todo o corpo. Os tecidos estão danificados precisamente no mesmo grau nas coxas, nas mãos, no peito, por toda a parte. O que é impossível.

— Por quê? — perguntou Bryce. Foi Jenny quem lhe respondeu: — Se você espancasse alguém com uma arma pesada, algumas áreas do corpo ficariam mais machucadas do que outras. Você seria incapaz de dar cada golpe precisamente com a mesma força e precisamente no mesmo ângulo, que é o que teria que ter feito para criar o tipo de contusões nesses corpos.

— Além disso — falou Sara Yamaguchi —, eles estão machucados até em lugares onde um porrete não alcançaria. Nas axilas. Entre as nádegas. E na planta dos pés! Muito embora, como no caso da sra. Oxley, ela estivesse de sapatos.

— Obviamente — falou Jenny —, a compressão de tecidos que resultou em machucaduras foi causada por outra coisa que não pancadas no corpo.

— Tal como? — indagou Bryce.

— Não tenho a menor ideia.

— E eles morreram rapidamente — lembrou Lisa aos demais.

Sara recostou-se na cadeira, apoiando-a nas pernas de trás, e olhou novamente pela janela. Ladeira acima. Na direção dos laboratórios. Bryce perguntou:

— Dra. Yamaguchi, qual é a sua opinião? Não a sua opinião profissional. Pessoal, informalmente, o que acha que está

acontecendo aqui? Alguma teoria?

Ela se virou para ele, sacudiu a cabeça. Os cabelos negros se movimentaram e os raios do sol de fim da tarde se refletiram neles, fazendo com que breves ondulações de vermelho, verde e azul os percorressem, do mesmo modo que a luz, cintilando na superfície negra do óleo, cria arco-íris ondulantes de curta duração.

— Não, nenhuma teoria, infelizmente. Nenhuma ideia coerente. Só que...

— O quê?

— Bem... agora acredito que foi uma boa ideia Isley e Arkham terem vindo conosco.

Jenny ainda estava cética quanto às conexões extraterrestres, mas Lisa continuava a se interessar. A mocinha perguntou: — Acha mesmo que é algo de um outro mundo?

— Pode haver outras possibilidades — disse Sara —, mas, no momento, é difícil vislumbrar quais sejam. — Lançou um olhar ao relógio de pulso, remexeu-se, inquieta, e falou: — Por que estão demorando tanto? Voltou a fixar a atenção na janela. Lá fora, as árvores estavam imóveis. Os toldos na frente das lojas pendiam frouxos. A cidade estava quieta como a morte.

— A senhora falou que estavam guardando os trajes de descontaminação.

— É — confirmou Sara —, mas não levariam tanto tempo assim.

— Se tivesse havido algum problema, teríamos escutado tiros.

— Ou explosões — disse Jenny. — Aquelas bombas incendiárias que fizeram.

— Já deviam estar de volta pelo menos há cinco... talvez dez minutos — insistiu a geneticista. — E ainda nem sinal deles.

Jenny lembrou-se de como aquilo levara Jake Johnson furtivamente. Bryce hesitou, depois empurrou para trás a sua cadeira.

— Suponho que não haverá mal em eu levar alguns homens e ir dar uma olhada.

Sara Yamaguchi afastou-se da janela. As pernas dianteiras de sua cadeira bateram com força no chão, fazendo um barulho vivo, surpreendente. Ela falou:

— Há alguma coisa errada.

— Não, não. Provavelmente não — disse Bryce.

— O senhor também está sentindo — falou Sara. — Estou percebendo. Jesus.

— Não se preocupe — disse Bryce, com calma.

Todavia, os olhos dele não estavam tão calmos quanto a sua voz.

Durante as últimas vinte e tantas horas, Jenny aprendera a entender muito bem a expressão daqueles olhos encobertos. Agora, expressavam tensão e um pavor gelado, aguçado.

— Ainda é cedo demais para nos preocuparmos — disse ele.

Mas todos eles sabiam.

Não queriam acreditar, mas sabiam. O terror recomeçara.

Bryce escolheu Tal, Frank e Gordy para acompanhá-lo até o laboratório. Jenny disse:

— Eu também vou.

Bryce não queria que ela fosse. Temia mais por ela do que por Lisa ou por seus homens ou mesmo por si mesmo.

Uma ligação rara e inesperada ocorrera entre eles. Ele se sentia ajustado com ela, e acreditava que ela sentia a mesma coisa. Não queria perdê-la.

Então, falou:

— Preferia que você não fosse.

— Sou médica — replicou Jenny, como se isso fosse não apenas uma profissão, mas também uma armadura que a protegesse de todo o mal.

— Isto aqui é uma verdadeira fortaleza — disse ele. — É mais seguro aqui.

— Não é seguro em parte alguma.

— Não falei seguro. Falei mais seguro.

— Podem precisar de um médico.

— Se foram atacados, estão mortos ou desaparecidos. Ainda não encontramos nenhum ferido, não é?

— Há sempre uma primeira vez. — Jenny virou-se para Lisa. — Vá pegar a minha maleta, meu bem.

A jovem correu para a enfermaria improvisada.

— Ela fica aqui, sem sombra de dúvida — disse Bryce.

— Não — disse Jenny. — Ela fica comigo. Exasperado, Bryce falou:

— Ouça, Jenny, estamos virtualmente numa situação de lei marcial. Posso ordenar a você que fique aqui.

— E vai fazer cumprir a ordem como? Me apontando uma arma? — perguntou ela, mas sem antagonismo.

Lisa voltou com a maleta de couro preto.

Parada junto às portas da frente do hotel, Sara Yamaguchi pediu a Bryce:

— Depressa. Por favor, depressa.

Se aquilo tivesse atacado no laboratório de campo, provavelmente não havia necessidade de pressa.

Olhando para Jenny, Bryce pensou: não posso protegê-la, Doc. Não entende? Fique aqui onde as janelas estão trancadas e as portas vigiadas. Não confie em mim para protegê-la, porque, pode crer, eu vou falhar. Como falhei com Ellen... e Timmy.

— Vamos indo — disse Jenny.

Dolorosamente consciente de suas limitações, Bryce conduziu-os para fora do hotel e rua acima, na direção da esquina — para além da qual aquilo bem que poderia estar à espera deles. Tal seguia na frente da procissão, ao lado de Bryce. Frank e Gordy fechavam a retaguarda.

Lisa, Sara Yamaguchi e Jenny iam no meio.

O dia quente estava começando a esfriar.

No vale abaixo de Snowfield, começava a se formar uma neblina.

Restavam menos de três quartos de hora antes do escurecer. O sol derramava um fluxo final de luz sangrenta pela cidade. As sombras estavam extremamente longas, distorcidas. As janelas refulgiam com fogo solar refletido, lembrando a Bryce os buracos dos olhos nas lanternas recortadas em abóbora feitas para o Dia das Bruxas.

A rua parecia ainda mais agourentamente silenciosa do que na noite passada. Os passos deles ecoavam como se estivessem cruzando o chão de uma catedral vasta e abandonada.

Dobraram a esquina, cautelosamente.

Três trajes de descontaminação jaziam largados e amontoados no meio da rua. Outro traje vazio jazia metade na sarjeta e metade na calçada. Dois dos capacetes estavam rachados.

Metralhadoras portáteis estavam espalhadas por toda a parte, e coquetéis Molotov intactos enfileiravam-se ao longo do meio-fio.

A parte traseira do caminhão estava aberta. Mais trajes de descontaminação vazios e metralhadoras estavam empilhados ali. Nem sinal de gente.

Bryce gritou: — General? General Copperfield?

Silêncio sepulcral.

Silêncio de superfície lunar.

— Seth! — gritou Sara Yamaguchi. — Will? Will Bettenby? Galen? Alguém responda, por favor.

Nada. Ninguém. Jenny falou: — Não conseguiram disparar um único tiro.

Tal falou: — Ou gritar. Os guardas na porta da frente do hotel teriam escutado se eles ao menos tivessem gritado.

Gordy falou: — Ah, merda.

As portas traseiras de ambos os laboratórios estavam entreabertas.

Bryce teve a sensação de que algo estava à espera deles lá dentro.

Teve vontade de dar meia-volta e ir embora. Mas não podia. Era o líder. Se entrasse em pânico, todos entrariam também. O pânico era um convite à morte.

Sara começou a andar na direção da traseira do primeiro laboratório. Bryce a deteve.

— São meus amigos, porra — exclamou ela.

— Eu sei. Mas deixe-me olhar primeiro.

Por um momento, contudo, Bryce não conseguiu se mover.

Estava imobilizado pelo medo.

Não conseguiu se mover um centímetro.

Mas depois, é claro, finalmente, conseguiu.

31

Jogos de computador

O revólver de Bryce já estava sacado e engatilhado. Ele agarrou a porta com a outra mão e escancarou-a. Ao mesmo tempo, deu um salto para trás, apontando a arma para dentro do laboratório.

Estava deserto. Dois trajes de descontaminação amassados jaziam no Chão, e um outro estava jogado sobre uma cadeira giratória na frente de um terminal de computador.

Ele se dirigiu para a traseira do segundo laboratório.

Tal falou:

— Deixe esse comigo. Bryce sacudiu a cabeça.

— Fique aqui. Proteja as mulheres. Elas não têm armas. Se alguma coisa sair daí quando eu abrir a porta, corram feito uns desesperados.

O coração batendo forte, Bryce hesitou atrás do segundo laboratório móvel. Botou a mão na porta. Hesitou de novo. Depois abriu-a ainda com mais cuidado do que tinha aberto a primeira porta.

Também estava deserto. Dois trajes de descontaminação. Nada mais.

Enquanto Bryce espiava para dentro do laboratório, todas as luzes do teto se apagaram, e ele recuou, surpreso, ante a súbita escuridão. Dali a um segundo, todavia, a luz se acendeu de novo, mas não no teto. Era uma luz estranha, uma luz verde que o deixou sobressaltado. Então, viu que eram apenas as três telas dos terminais que tinham se acendido todas de uma vez. Agora se apagaram. E se acenderam. Apagar, acender, apagar, acender, apagar... A princípio isso aconteceu simultaneamente, depois em sequência, repetidas vezes.

Finalmente, todas as telas se iluminaram e assim permaneceram, enchendo a área de trabalho, sem outro tipo de iluminação qualquer, com um brilho fantasmagórico.

— Vou entrar — avisou Bryce.

Os outros protestaram, mas ele já tinha subido e passado pela porta. Dirigiu-se à primeira tela do terminal, onde seis palavras ardiam em letras verde-claras contra um fundo verde-escuro.

JESUS ME AMA - DISSO EU SEI.

Bryce lançou um olhar para as duas outras telas. Exibiam as mesmas seis palavras.

Foram apagadas. Agora havia novas palavras.

POIS A BÍBLIA ME DIZ QUE SIM.

Bryce franziu o cenho.

Que tipo de programa seria esse? Era a letra de uma das canções que saíram de dentro do ralo da cozinha, no hotel.

A BÍBLIA SÓ DIZ MERDA, disse-lhe o computador.

Apagar.

JESUS FODE CACHORROS.

As últimas três palavras permaneceram na tela por vários segundos. Parecia a Bryce que a luz verde das telas dos terminais era fria. Como a luz de uma lareira transmite um calor seco, assim essa iluminação transmitia uma friagem que o penetrava.

Aquele não era nenhum programa comum sendo rodado nas telas. Aquilo não era coisa que o pessoal do general Copperfield tivesse colocado no computador, nenhuma forma de código, nenhum exercício de lógica, nenhum teste de sistemas de qualquer tipo.

Apagar.

JESUS ESTÁ MORTO. DEUS ESTÁ MORTO.

Apagar.

EU ESTOU VIVO.

Apagar.

QUER BRINCAR DE VINTE PERGUNTAS?

Fitando a tela, Bryce sentiu um terror supersticioso e primitivo tomando conta de si; terror e assombro, retorcendo as suas entranhas e agarrando a sua garganta. Mas não sabia por quê. Num nível profundo, quase subconsciente, pressentia que estava na

presença de algo maligno, antigo e... familiar. Mas como poderia ser familiar? Nem sabia o que era. E, no entanto... E, no entanto, talvez soubesse. Lá no fundo.

Instintivamente. Se pudesse buscar dentro de si mesmo, passando pelo verniz civilizado que corporificava tanto ceticismo, se pudesse buscar na sua memória de raça, poderia achar a verdade sobre a coisa que pegara e chacinara o povo de Snowfield.

Apagar.

XERIFE HAMMOND?

Apagar.

QUER BRINCAR DE VINTE PERGUNTAS COMIGO?

O uso do seu nome sobressaltou-o. E depois seguiu-se uma surpresa bem maior e mais perturbadora: ELLEN.

O nome ardeu na tela, o nome da sua mulher morta, e cada músculo de seu corpo ficou tenso, e ele esperou que mais alguma coisa aparecesse; porém, durante longos segundos, ali ficou apenas o nome precioso, e ele não conseguia desviar os olhos dele, e então...

ELLEN APODRECE.

Ele não podia respirar.

Como aquilo podia saber de Ellen?

Apagar.

ELLEN ALIMENTA OS VERMES.

Que tipo de merda seria essa? Qual a finalidade de tudo isso?

TIMMY VAI MORRER.

A profecia brilhava, verde no verde.

Ele soltou uma exclamação abafada.

— Não — disse baixinho. No ano passado, ele tinha achado que seria melhor se Timmy sucumbisse. Melhor do que ir se acabando aos poucos. Até ontem, ele teria dito que a morte rápida do filho seria uma bênção. Mas isso fora até ontem. Snowfield lhe ensinara que nada era pior do que a morte. Nos braços da morte, não havia esperança. Mas enquanto Timmy vivesse, havia uma possibilidade de recuperação.

Afinal de contas, os médicos tinham dito que o menino não sofrerá danos cerebrais maciços. Portanto, se Timmy chegasse a acordar do seu sono inatural, tinha uma boa chance de conservar as

suas faculdades e funções normais. Chance, promessa, esperança. Portanto, Bryce disse para o computador: Não, não.

Apagar.

TIMMY

VAI

APODRECER.

ELLEN

APODRECE.

ELLEN

APODRECE NO INFERNO.

— Quem é você? — interpelou-o Bryce.

No momento em que falou, sentiu-se um tolo. Não podia simplesmente conversar com um computador como se fosse um outro ser humano. Se quisesse fazer uma pergunta, teria que datilografá-la.

VAMOS BATER UM PAPINHO?

Bryce deu as costas ao terminal. Dirigiu-se até a porta e debruçou-se para fora.

Os outros pareceram aliviados ao vê-lo.

Pigarreando, tentando esconder o fato de que estava profundamente abalado, ele pediu: — Dra. Yamaguchi, preciso de sua ajuda aqui.

Tal, Jenny, Lisa e Sara Yamaguchi entraram no laboratório móvel. Frank e Gordy continuaram do lado de fora, junto à porta, vigiando nervosamente a rua, de onde desaparecia rapidamente a luz do dia.

Bryce mostrou a Sara as telas do computador.

VAMOS BATER UM PAPINHO?

Ele lhes contou o que aparecera nas telas, e antes de poder terminar, Sara o interrompeu, dizendo: — Mas isso é impossível. Esse computador não tem nenhum programa, nenhum vocabulário que lhe permitisse...

— Alguma coisa assumiu o controle do seu computador — disse ele. Sara fez uma careta.

— O controle? Como?

— Não sei.

— Quem?

— Quem, não — disse Jenny, abraçando a irmã. — Digamos o quê.

— É — falou Tal. — Essa coisa, esse assassino, seja lá o que for, assumiu o controle do seu computador, dra. Yamaguchi.

Obviamente incrédula, a geneticista sentou-se a uma das telas dos terminais e acionou uma máquina de escrever automática.

— É melhor termos uma saída impressa para o caso de conseguirmos alguma coisa de concreto.

Ela hesitou, com as mãos delicadas, quase infantis pairando acima do teclado. Bryce ficou olhando por sobre o ombro dela. Tal, Jenny e Lisa se voltaram para as duas outras telas — quando todas as três telas ficaram limpas. Sara fitou o campo liso de luz verde à sua frente; finamente datilografou o código de acesso, e depois uma pergunta:

TEM ALGUÉM AÍ?

A máquina de escrever automática funcionou, iniciando-se a saída impressa, e a resposta veio imediata: SIM.

QUEM É VOCÊ ?

INÚMEROS.

— O quer dizer isso? — perguntou Tal.

— Não sei! — respondeu a geneticista.

Sara repetiu a pergunta e recebeu a mesma resposta obscura: INÚMEROS.

— Pergunte como se chama — falou Bryce.

Sara datilografou, e as palavras que compôs apareceram instantaneamente nas três telas dos terminais: VOCÊ TEM UM NOME?

TENHO.

QUAL É O SEU NOME?

MUITOS.

TEM MUITOS NOMES?

TENHO.

QUAL É UM DOS SEUS NOMES?

CAOS.

QUE OUTROS NOMES VOCÊ TEM?

VOCÊ É UMA PUTINHA CHATA E BURRA. FAÇA OUTRA PERGUNTA.

Visivelmente chocada, a geneticista ergueu os olhos para Bryce.

— Esta, definitivamente, não é uma palavra que se vá encontrar em qualquer linguagem de computador.

Lisa falou: — Não lhe pergunte quem é. Pergunte o que é.

— É isso aí — falou Tal. — Veja se consegue uma descrição física.

— Vai pensar que estamos pedindo para rodar testes diagnósticos sobre si mesmo — falou Sara. — Vai começar a apresentar diagramas de seus circuitos elétricos.

— Não, não vai — falou Bryce. — Lembre-se de que não está tendo um diálogo com o computador. É outra coisa. O computador é apenas o meio de comunicação.

— Oh, é claro — falou Sara. — A despeito da palavra que usou, ainda quero pensar nele como o bom e velho Meddy.

Depois de pensar um momento, ela datilografou: OFEREÇA UMA DESCRIÇÃO FÍSICA DE SI MESMO.

EU ESTOU VIVO.

SEJA MAIS ESPECÍFICO, orientou Sara.

EU SOU, POR NATUREZA, INESPECÍFICO.

VOCÊ É HUMANO?

TAMBÉM ENCERRO ESTA POSSIBILIDADE.

— Está brincando conosco — falou Jenny. — Divertindo-se.

Bryce passou a mão pelo rosto.

— Pergunte-lhe o que aconteceu a Copperfield.

ONDE ESTÁ GALEN COPPERFIELD?

MORTO.

ONDE ESTA O CORPO DELE?

SUMIU.

SUMIU PARA ONDE?

PIRANHA CHATA.

ONDE ESTÃO OS OUTROS QUE ESTAVAM COM GALEN COPPERFIELD?

MORTOS.

VOCÊ OS MATOU?

SIM.

POR QUE OS MATOU?

VOCÊS.

Sara bateu no teclado:

ESCLAREÇA.

VOCÊS ESTÃO

ESCLAREÇA.

VOCÊS ESTÃO TODOS MORTOS.

Bryce notou que as mãos da mulher tremiam. No entanto, moviam-se pelo teclado com habilidade e precisão: POR QUE QUER NOS MATAR?

É PARA ISSO QUE EXISTEM.

ESTÁ DIZENDO QUE EXISTIMOS APENAS PARA SER MORTOS?

SIM. VOCÊS SÃO GADO. SÃO PORCOS. NÃO VALEM NADA.

COMO É O SEU NOME?

VAZIO.

ESCLAREÇA.

NADA.

COMO É SEU NOME?

LEGIÃO.

ESCLAREÇA.

ESCLAREÇA O CARALHO, SUA PIRANHA CHATA.

Sara enrubesceu e disse: — Isso é uma loucura.

— Dá quase para senti-lo aqui com a gente, agora — disse Lisa.

Jenny apertou o ombro da irmã, encorajadoramente, e falou: — Meu bem... O que quer dizer com isso? A voz da garota estava tensa, trêmula.

— Dá quase para sentir a sua presença. — Correu os olhos pelo laboratório. — O ar parece mais espesso... não acham? E mais frio. É como se alguma coisa fosse... se materializar bem aqui na nossa frente.

Bryce sabia o que ela estava querendo dizer.

Tal fitou os olhos de Bryce e meneou a cabeça. Ele também estava sentindo.

Todavia, Bryce teve certeza de que o que estavam sentindo era uma sensação subjetiva. Nada ia realmente se materializar. O ar não estava mais espesso do que era um minuto atrás; parecia mais espesso porque estavam todos tensos, e quando se estava rígido

de tensão, era naturalmente um tanto mais difícil inspirar. E se o ar estava mais frio... bem, era apenas porque a noite vinha chegando.

As telas do computador ficaram limpas. Então: QUANDO ELE VIRÁ?

Sara datilografou.

ESCLAREÇA.

QUANDO VIRÁ O EXORCISTA?

— Santo Cristo — exclamou Tal. — Que história é essa?

ESCLAREÇA, datilografou Sara.

TIMOTHY FLYTE.

— Santo Deus! — exclamou Jenny.

— A coisa conhece esse tal de Flyte — disse Tal. — Mas como? E tem medo dele... ou o quê?

VOCÊ TEM MEDO DE FLYTE?

PIRANHA BURRA.

VOCÊ TEM MEDO DE FLYTE? insistiu ela, sem se alterar.

NÃO TENHO MEDO DE NADA.

POR QUE ESTÁ INTERESSADO EM FLYTE?

DESCOBRI QUE ELE SABE.

O QUE ELE SABE?

A MEU RESPEITO.

— Evidentemente — disse Bryce —, podemos descartar a possibilidade de que Flyte seja apenas mais um vigarista.

Sara bateu nas teclas:

FLYTE SABE O QUE VOCÊ É?

SABE. EU O QUERO AQUI.

POR QUE VOCÊ O QUER AQUI?

ELE É MEU MATEUS.

ESCLAREÇA.

ELE É MEU MATEUS, MARCOS, LUCAS E JOÃO.

Franzindo a testa, Sara fez uma pausa, olhou para Bryce.

Depois, seus dedos voaram novamente sobre o teclado: QUER DIZER QUE FLYTE É SEU APÓSTOLO?

NÃO. É MEU BIÓGRAFO. FAZ AS CRÔNICAS DA MINHA OBRA. QUERO QUE ELE VENHA PARA CÁ.

QUER MATÁ-LO TAMBÉM?

NÃO. EU LHE DAREI SALVO-CONDUTO.

ESCLAREÇA.

TODOS VOCÊS MORRERÃO. MAS PERMITIREI QUE FLYTE VIVA. DIGAM ISSO A ELE. SE ELE NÃO SOUBER QUE TEM SALVO-CONDUTO, NÃO VIRÁ.

As mãos de Sara tremiam mais do que nunca. Ela pulou uma tecla, apertou uma letra errada, teve que cancelar tudo e começar de novo. Perguntou:

SE TROUXERMOS FLYTE A SNOWFIELD, VOCÊ NOS DEIXARÁ VIVER?

VOCÊS SÃO MEUS.

VOCÊ NOS DEIXARÁ VIVER?

NÃO.

Até então, Lisa fora mais corajosa do que se esperava, pela sua pouca idade. Todavia, ver o seu destino declarado sem rodeios numa tela de computador foi demais para ela. Começou a chorar baixinho.

Jenny consolou a jovem da melhor maneira possível.

— Seja lá o que isso for — disse Tal —, sem dúvida é arrogante.

— Bem, ainda não estamos mortos — disselhes Bryce. — Ainda há esperança. Sempre há esperança enquanto estivermos vivos.

Sara usou de novo o teclado.

DE ONDE VOCÊ VEM?

DE TEMPOS IMEMORIAIS.

ESCLAREÇA.

PIRANHA CHATA.

VOCÊ É EXTRATERRESTRE?

NÃO.

— Isso responde às perguntas de Isley e Arkham — disse Bryce, antes de se dar conta de que Isley e Arkham já estavam mortos.

— A não ser que esteja mentindo — disse Jenny.

Sara repetiu uma pergunta que já tinha feito anteriormente: O QUE É VOCÊ?

VOCÊ ME ENCHE.

O QUE É VOCÊ?

PUTA BURRA.

O QUE É VOCÊ?

NÃO ENCHE O SACO.

O QUE É VOCÊ?, datilografou ela de novo, batendo nas teclas com tanta força que Bryce achou que ia quebrá-las. A sua raiva parecia ter sobrepujado o seu medo.

SOU GLASYALABOLAS.

ESCLAREÇA.

ESTE É MEU NOME. SOU UM HOMEM ALADO COM DENTES DE CÃO. A MINHA BOCA ESPUMA. FUI CONDENADO A ESPUMAR POR TODA A ETERNIDADE.

Bryce fitou a tela, sem compreender. Será que falava sério? Um homem alado com dentes de cão? É claro que não. Devia estar brincando com eles, divertindo-se de novo. Mas o que havia de tão divertido nisso?

As telas ficaram limpas.

Uma pausa.

Novas palavras apareceram, embora Sara não tivesse feito perguntas.

SOU HABORYM. SOU UM HOMEM DE TRÊS CABEÇAS: UMA HUMANA, UMA FELINA, UMA DE SERPENTE.

— Mas que bosta é essa? — perguntou Tal, frustrado. O ar no aposento estava definitivamente mais frio.

É só o vento, disse Bryce a si mesmo. O vento na porta, trazendo consigo a friagem da noite que se aproxima.

EU SOU RANTAN.

Apagar.

EU SOU PALLANTRE.

Apagar.

EU SOU AMLUTIAS, ALFINA, EPYN, FUARD, BELIAL, OMGORMA, NEBIROS, BAAL, ELIGOR E MUITOS OUTROS.

Os nomes estranhos brilharam nas três telas por um momento, depois se apagaram.

EU SOU TODOS E NENHUM. EU SOU NADA. EU SOU TUDO.

Apagar.

O trio de telas brilhou vivamente, verdemente, limpamente, por um, dois, três segundos. Depois escureceu.

As luzes do teto se acenderam.

— Fim da entrevista — disse Jenny.

Belial. Fora um dos nomes que ele dera a si mesmo.

Bryce não era um homem fervorosamente religioso, mas era suficientemente culto para saber que Belial ou era um dos nomes de Satanás ou o nome de outro dos anjos caídos. Não estava bem certo.

Gordy Brogan era o mais religioso dentre eles, um católico devoto. Quando Bryce saiu do laboratório de campo, o último a deixá-lo, pedia a Gordy para dar uma olhada nos nomes no final da saída impressa.

Eles estavam na calçada junto ao laboratório, no restinho da luz do dia, enquanto Gordy lia as linhas pertinentes. Em vinte minutos, talvez menos, estaria escuro.

— Aqui — disse Gordy. — Este nome. Baal. — Apontou-o no papel de computador dobrado feito um acordeom. — Não sei exatamente onde o vi antes. Não foi na igreja ou no catecismo. Talvez o tenha lido em algum livro.

Bryce percebeu um tom e um ritmo estranhos na fala de Gordy.

Era mais do que simples nervosismo. Ele falava muito lentamente, durante algumas palavras, depois muito rapidamente, depois lentamente de novo, depois quase freneticamente.

— Um livro? — perguntou Bryce. A Bíblia!

— Não, acho que não. Não sou muito de ler a Bíblia. Devia ser. Devia lê-la com regularidade. Eu vi esse nome foi num livro comum. Num romance. Não me lembro direito.

— Então, quem é esse Baal? — perguntou Bryce.

— Acho que é um demônio muito poderoso — disse Gordy. E havia algo de definitivamente errado com a voz dele; com ele.

— E quanto aos outros nomes? — perguntou Bryce.

— Não significariam nada para mim.

— Pensei que podiam ser os nomes de outros demônios.

— Bem, como sabe, a Igreja Católica não é muito dada a sermões ameaçadores com as penas do Inferno — disse Gordy, ainda falando estranhamente. — Mas talvez devesse ser. É. Talvez devesse. Porque eu acho que o senhor está com a razão. Acho que aqueles são os nomes de demônios.

Jenny soltou um suspiro cansado.

— Quer dizer que aquilo estava apenas fazendo uma das suas brincadeirinhas conosco. Era só um jogo.

Gordy sacudiu a cabeça, vigorosamente.

— Não. Um jogo não. De maneira nenhuma. Estava dizendo a verdade.

Bryce franziu o cenho.

— Gordy, você não está realmente pensando que aquilo é um demônio ou o próprio Satanás ou coisa parecida, não é?

— Isso tudo é bobagem — falou Sara Yamaguchi.

— É — disse Jenny. — Todo o desempenho no computador, essa imagem demoníaca que quer projetar... é só para nos desorientar ainda mais. Nunca vai nos dizer a verdade a seu respeito, porque, se a conhecêssemos, então poderíamos achar um jeito de derrotá-lo.

— Como vocês explicam o padre que foi crucificado no altar da Nossa Senhora das Montanhas? — perguntou Gordy.

— Mas isso era só mais uma parte da charada — disse Tal.

Os olhos de Gordy estavam estranhos. Não era apenas medo.

Eram os olhos de um homem que estava sofrendo aflição espiritual, até mesmo agonia. Eu devia ter reparado antes que isso ia ocorrer, repreendeu-se Bryce. Com voz baixa, mas com uma intensidade fascinada, Gordy falou:

— Eu acho que talvez a hora tenha chegado. O fim. A hora do fim. Finalmente. Como diz a Bíblia. Isso era algo em que eu nunca tinha acreditado. Acreditava em todo o resto que a igreja pregava. Mas não nisso. Não no dia do Juízo. Eu achava que tudo ia continuar assim para sempre. Mas agora chegou, não é? É. O Juízo Final. Não só para as pessoas que moram em Snowfield. Para todos nós. O final. Então, venho me perguntando como serei julgado. E estou com medo. Quero dizer, eu recebi um dom, um dom muito especial, e o joguei fora. Eu recebi o dom de São Francisco. Sempre tive jeito com os animais. É verdade. Nenhum cão late para mim. Sabiam disso? Nenhum gato jamais me arranhou. Os animais reagem bem a mim, confiam em mim. Quem sabe até me amem. Nunca conheci um que não agisse assim. Até fiz com que esquilos silvestres viessem comer na palma da minha mão. É um dom. Então, meus pais queriam que eu fosse veterinário. Mas eu dei as costas a eles e a meu dom. Virei tira. Peguei num revólver. Num revólver. Eu não nasci para pegar num revólver. Eu não. Nunca.

Mas eu agi assim em parte porque sabia que ia incomodar os meus pais. Estava expressando a minha independência, sabem? Mas eu esqueci, esqueci do que diz na Bíblia: honrarás teu pai e tua mãe. O que eu fiz, em vez disso, foi magoá-los. E voltei as costas ao dom que Deus me dera. Mais do que isso. Pior do que isso. O que eu fiz foi cuspir no dom. Na noite passada eu resolvi largar a polícia, deixar de lado o revólver e me tornar um veterinário. Mas acho que foi tarde demais. O Juízo já estava em andamento, e eu não tinha me dado conta. Cuspi no dom que Deus me deu e agora... estou com medo.

Bryce não sabia o que dizer a Gordy. Seus pecados imaginários estavam tão longe do mal genuíno, que dava quase vontade de rir. Se havia alguém aqui que estava destinado ao Céu era Gordy. Não que Bryce acreditasse que tinha chegado o dia do Juízo. Não acreditava.

Mas não conseguia pensar em nada para dizer a Gordy, pois o garoto alto e graúdo já estava fora da faixa demais para que alguém o trouxesse de volta à realidade.

— Timothy Flyte é um cientista, não um teólogo — disse Jenny, com firmeza. — Se Flyte tiver uma explicação para o que está acontecendo aqui, será estritamente científica, não religiosa.

Gordy não a escutava. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Os olhos estavam vidrados. Quando inclinou a cabeça e olhou para o céu, não estava vendo o pôr-do-sol. Estava vendo, aparentemente, uma grande rodovia celestial pela qual logo desceriam os arcanjos e as legiões do Céu em carruagens de fogo.

Ele não estava em condições de estar de posse de uma arma carregada. Bryce tirou o revólver de Gordy do coldre e ficou com ele. O delegado nem pareceu reparar.

Bryce viu que a falação bizarra de Gordy tivera um sério efeito sobre Lisa. Ela parecia muito abalada, aturdida.

— Está tudo bem — disse-lhe Bryce. — Não é realmente o fim do mundo. Não é o dia do Juízo. Gordy está apenas... perturbado.

Vamos sair dessa muito bem. Não me acredita, Lisa? Não pode ficar com esse lindo queixinho levantado? Não pode ser corajosa só mais um pouquinho?

Ela não respondeu imediatamente. Então, procurou dentro de si mesma e encontrou mais uma reserva de força e coragem. Assentiu. Até mesmo conseguiu dar um sorriso débil, incerto.

— Você é uma garota e tanto — disse ele. — Um bocado parecida com a sua irmã.

Lisa lançou um olhar para Jenny, depois voltou os olhos novamente para Bryce.

— Você é um xerife e tanto — disse.

Ele se perguntou se o seu próprio sorriso estaria tão trêmulo quanto o dela.

Sentiu-se encabulado com a confiança da mocinha, pois não era digno dela.

Menti para você, menina, pensou. A morte ainda está conosco.

Vai atacar de novo. Talvez não dentro de uma hora. Talvez nem mesmo dentro de um dia inteiro. Porém, mais cedo ou mais tarde, ela atacará de novo.

Na verdade, muito embora ele não tivesse possibilidade de sabê-lo um deles morreria no minuto seguinte.

32

Destino

Em Santa Mira, Fletcher Kale passou a maior parte da tarde de segunda-feira destroçando a casa de Jake Johnson, aposento por aposento. Divertiu-se a valer.

Numa grande despensa junto à cozinha, onde até se podia entrar, ele finalmente localizou o tesouro de Johnson. Não estava nas prateleiras, que se achavam abarrotadas com suprimentos para um ano, pelo menos, de comida enlatada e engarrafada, nem no chão, com pilhas de outros mantimentos. Não, o verdadeiro tesouro estava debaixo do piso da despensa: debaixo do linóleo solto, debaixo das tábuas, num compartimento secreto.

Uma pequena coleção de armas, fantástica, cuidadosamente selecionada, estava escondida ali; cada uma das armas embrulhada individualmente em plástico impermeável. Sentindo-se como se estivesse numa manhã de Natal, Kale desembrulhou todas elas. Havia um par de Smith & Wesson Combat Magnums, talvez a melhor e mais poderosa pistola do mundo. Carregada com balas calibre 357, era a arma mais mortífera que um homem podia carregar, com potência bastante para deter um urso feroz; carregada com balas calibre 38, era uma arma igualmente útil e extremamente precisa para caça de menor porte. Uma espingarda de caça: uma Remington 870 Brushmaster, calibre 12, com miras de rifle ajustáveis, coronha dobrável, uma coronha de pistola, pente projetado e uma alça. Dois rifles. Uma M-l semiautomática. Porém, melhor do que tudo, havia um Heckler & Koch HK91, um soberbo rifle de ataque, completo, com oito pentes de trinta disparos, já carregados, e uns dois mil cartuchos de munição adicional.

Durante quase uma hora Kale ficou sentado examinando os rifles e brincando com eles. Acariciando-os. Se os tiras deparassem com

ele enquanto se dirigia para as montanhas, iam desejar ter olhado para o outro lado.

O buraco sob a despensa também continha dinheiro. Muito dinheiro. As notas estavam bem enroladas, presas com tiras de borracha, depois enfiadas em cinco vidros de conserva bem lacrados.

Havia de três a cinco rolos em cada vidro.

Ele levou os vidros para a cozinha e colocou-os sobre a mesa.

Procurou na geladeira uma lata de cerveja, teve que se contentar com uma de Pepsi, sentou-se à mesa e começou a contar o seu tesouro.

Sessenta e três mil, quatrocentos e quarenta dólares.

Uma das lendas modernas mais duradouras do condado de Santa Mira era a que dizia respeito à fortuna secreta de Big Ralph Johnson, construída (segundo os boatos) através de corrupção e suborno. Obviamente, era isto o que restava dos ganhos ilícitos de Big Ralph. Exatamente o tipo de grana de que Kale precisava para começar uma vida nova.

O irônico de tudo isso era que, se tivesse encontrado esta grana na semana passada, não precisaria ter matado Joanna e Danny. Isto era mais do que o suficiente para sair das suas dificuldades com a Investimentos High Country.

Um ano e meio atrás, quando se tornara sócio da High Country, não poderia ter previsto que aquilo daria em desastre. Naquela época, aquilo lhe parecera a oportunidade que ele sabia que estava destinada a surgir na sua vida, mais cedo ou mais tarde.

Cada um dos sócios da Investimentos High Country levantara um sétimo dos fundos necessários para adquirir e subdividir um lote de trinta acres na extremidade leste de Santa Mira, no alto da Highline Ridge, e construir nele. Para entrar na jogada, Kale fora forçado a investir cada dólar disponível em que pudesse deitar as mãos, mas o retorno em potencial parecera valer o risco.

Todavia, o projeto Highline Ridge acabou sendo um monstro devorador de dinheiro com um apetite voraz.

Do jeito que a sociedade fora formada, cada sócio devia entrar com contribuições obrigatórias adicionais se o fundo comum inicial de capital provasse ser inadequado à tarefa. Se Kale (ou outro sócio

qualquer) não conseguisse pagar a contribuição obrigatória necessária, estava fora da Investimentos High Country imediatamente, sem qualquer compensação pelo que já havia investido, muito obrigado e adeus. Então os sócios restantes tornavam-se responsáveis por porções iguais da sua contribuição — e adquiriam frações iguais da sua parte no projeto. Era o tipo de arranjo que facilitava o financiamento do projeto, atraindo (em geral) apenas aqueles investidores que tinham um bocado de liquidez — mas também exigia um estômago de ferro e nervos de aço.

Kale pensara que não haveria outras contribuições adicionais. O fundo comum de capital original parecera-lhe mais do que suficiente.

Mas estava errado.

Quando a primeira das contribuições especiais, no valor de 35 mil dólares, fora cobrada, ele ficara chocado, mas não derrotado. Achou que poderiam tomar emprestado dez mil dos pais de Joanna, a casa deles podendo facilmente ser penhorada para render mais vinte mil. Os últimos cinco mil poderiam ser arranjados aqui e ali.

O único problema era Joanna.

Desde o começo, ela não quisera que ele se envolvesse na Investimentos High Country. Achava que era demais para o bico dele, que devia parar de tentar bancar o figurão cheio da grana.

Ele fora em frente, apesar de tudo, e então viera a contribuição e ela gozara o desespero dele. Não abertamente, é claro. Era esperta demais para isso. Sabia que podia bancar melhor a mártir do que a megera. Nunca falara eu-não-te-disse, não diretamente, mas a acusação satisfeita estava no seu olhar, evidente de modo humilhante no jeito como o tratava,

Finalmente, ele a convencera a usar a casa como garantia e pedir um empréstimo aos pais dela. Não fora fácil.

Ele sorrira, balançara a cabeça e aceitara todos os conselhos melosos e críticas disfarçadas deles, mas prometera a si mesmo que acabaria por esfregar-lhes a cara em toda a bosta que tinham jogado nele. Quando enriquecesse com a High Country, faria com que todos rastejassem, especialmente Joanna.

Então, para sua consternação, a segunda contribuição obrigatória especial fora cobrada dos sete sócios. Era de quarenta mil dólares.

Ele também teria levantado esse dinheiro, se Joanna tivesse desejado sinceramente que ele vencesse. Ela poderia ter tirado dinheiro do fundo de fideicomisso. Quando a avó de Joanna, aquela bruxa velha, morrera, cinco meses depois do nascimento de Danny, deixara quase metade do seu espólio (cinquenta mil dólares) num fundo de fideicomisso para o único bisneto. Joanna fora nomeada a principal administradora do fundo. Portanto, quando viera a segunda cobrança da High Country, ela poderia ter tirado quarenta mil dólares do fundo e pago a conta. Mas Joanna se recusara. Ela dissera: "E se houver mais outra contribuição obrigatória? Você perde tudo, Fletch, tudo, e Danny também perde a maior parte do dinheiro do seu fundo."

Ele tentara fazer com que ela enxergasse que não haveria uma terceira cobrança. Mas, é claro, ela não dera ouvidos a ele porque não queria realmente que ele tivesse êxito, porque queria vê-lo perder tudo e ser humilhado, porque queria arruiná-lo, derrotá-lo.

Ele não tivera outra escolha senão matá-la e também a Danny.

Do jeito que o fundo fora estabelecido, se Danny morresse antes de fazer 21 anos, o fundo seria dissolvido. O dinheiro, após o pagamento dos impostos, tornar-se-ia propriedade de Joanna. E se Joanna morresse, todo o seu espólio passaria às mãos do marido. Era o que constava do seu testamento. Assim, se ele se livrasse de ambos, o dinheiro do fundo (e mais uma bonificação de vinte mil dólares correspondentes à apólice do seguro de vida de Joanna) acabaria nas suas mãos.

A vaca não lhe deixara outra escolha.

Não era culpa dele que estava morta.

Ela mesma fizera aquilo consigo. Ajeitara as coisas de tal forma que não havia outra saída para ele.

Sorriu, lembrando-se da expressão dela ao ver o corpo do garoto — e quando o vira apontar a arma para ela.

Agora, sentado à mesa da cozinha de Jake Johnson, Kale olhou para todo aquele dinheiro e seu sorriso ficou ainda mais amplo.

Sessenta e três mil, quatrocentos e quarenta dólares.

Algumas horas antes ele estivera na cadeia, virtualmente sem tostão, enfrentando um julgamento que poderia resultar em pena de

morte. A maioria dos homens teria ficado imobilizada pelo desespero.

Mas Fletcher Kale não fora derrotado. Sabia que estava destinado a grandes coisas. E aqui estava a prova. Num espaço de tempo incrivelmente curto, ele passara da cadeia para a liberdade, da penúria para 63.440 dólares. Agora tinha dinheiro, armas, transporte e um esconderijo seguro nas montanhas vizinhas. Finalmente começara. O seu destino especial começara a se desenrolar.

33

Fantasmas

Bryce falou: — É melhor voltarmos para o hotel.

Dentro do quarto de hora seguinte, a noite tomaria posse da cidade.

As sombras cresciam com velocidade cancerígena, surgindo dos esconderijos onde tinham passado o dia dormindo. Espalhando-se na direção umas das outras, formando poças de escuridão.

O céu estava pintado de cores carnavalescas — laranja, vermelho, amarelo, roxo —, mas lançava apenas uma luz débil sobre Snowfield.

Eles se afastaram do laboratório móvel, onde recentemente tinham tido uma conversa com aquilo, por intermédio do computador, e se dirigiam para a esquina, quando as luzes das ruas se acenderam.

No mesmo momento, Bryce escutou algo. Um ganido. Um vagido. E depois um latido.

O grupo inteiro se virou, como se fosse uma só pessoa, e olhou para trás.

Atrás deles um cão vinha mancando pela calçada, passando pelo laboratório móvel, tentando desesperadamente alcançá-los. Era um airedale. A sua pata dianteira esquerda parecia quebrada. Estava de língua de fora. O pelo estava lambido e embaraçado; parecia desgrenhado, esgotado. Deu mais um passo trôpego, parou para lamber a pata ferida e ganiu dolorosamente.

Bryce ficou petrificado com a súbita aparição do cachorro. Este era o primeiro sobrevivente que tinham encontrado; não estava em

boas condições, mas estava vivo.

Mas, por que estava vivo? O que havia de diferente nele que o salvara, quando todo o resto perecera?

Se eles pudessem descobrir a resposta, ela poderia ajudá-los a se salvarem.

Gordy foi o primeiro a agir.

A visão do airedale ferido afetou-o muito mais do que a qualquer um dos outros. Não podia suportar ver um animal sofrendo. Preferia ele próprio sentir a dor. Seu coração começou a bater mais forte. Desta vez, a reação foi ainda mais forte do que normalmente, pois ele sabia que este não era uni cão comum precisando de ajuda e consolo. Este airedale era um sinal de Deus. É. Um sinal de que Deus estava dando a Gordon Brogan mais uma chance de aceitar o Seu dom. Ele tinha o mesmo jeito com os animais que São Francisco de Assis tivera, e não devia rejeitá-lo ou fazer pouco-caso dele. Se desse as costas ao dom de Deus, como já fizera antes, desta feita certamente seria amaldiçoado.

Mas se resolvesse ajudar este cão... As lágrimas ardiam nos cantos dos olhos de Gordy; escorriam por suas faces. Lágrimas de alívio e felicidade. Ficou encantado com a misericórdia de Deus. Não havia dúvidas do que devia fazer. Andou rápido na direção do airedale, que estava a uns seis metros de distância.

A princípio, Jenny ficou embasbacada com o cão. Fitou-o, boquiaberta. E, então, uma alegria violenta explodiu dentro dela. A vida conseguira triunfar sobre a morte. Aquilo não pudera pegar todas as coisas vivas em Snowfield, afinal de contas. Esse cão (que se sentou, cansado, quando Gordy se dirigiu para ele) sobrevivera, o que significava que talvez eles também pudessem deixar esta cidade com vida...

...e então ela se lembrou da mariposa.

A mariposa fora uma coisa viva. Mas não fora amistosa.

E o corpo reanimado de Stu Wargle.

Lá na calçada, no limiar das sombras, o cão pousou a cabeça no chão e ganiu, pedindo para ser consolado.

Gordy se aproximou dele, agachando-se, falando em tom baixo, encorajador:

— Não tenha medo, amigo. Calma. Calminha. Que cãozinho bom que você é. Tudo vai dar certo, amigo. Calma...

O horror tomou conta de Jenny. Ela abriu a boca para gritar, mas os outros gritaram primeiro.

— Gordy, não — gritou Lisa.

— Volte! — berrou Bryce, assim como Frank Autry. Tal berrou: — Afaste-se dele, Gordy!

Mas Gordy parecia não escutá-los.

Quando Gordy se acercou do cão, ele ergueu o queixo da calçada, levantou a cabeça quadrada e emitiu uns ruídos baixos, insinuantes. Era um belo espécime. Com a pata escura, o pelo lavado e escovado e brilhando, seria lindo.

Ele estendeu a mão para o cão.

O animal roçou-lhe a mão com o focinho, mas não o lambeu.

Gordy acariciou-o. O pobrezinho estava frio, incrivelmente frio, e ligeiramente úmido.

— Pobrezinho — falou Gordy.

O cão tinha um cheiro esquisito. Acre. Nauseante, na verdade.

Gordy jamais sentira um cheiro daqueles.

— Onde e que você se meteu? — perguntou ele ao cão. — Em que tipo de sujeira andou rolando?

O cachorro ganiu e estremeceu.

Às suas costas, Gordy escutava os outros gritando, mas estava absorto demais com o airedale para prestar atenção. Envolveu o animal com as duas mãos, ergueu-o do chão, levantou-se e apertou-o junto ao peito, com a perna ferida pendurada.

Jamais sentira um animal tão frio assim. Não era apenas porque o pelo dele estava molhado e, portanto, frio. É que parecia não vir nenhum calor de sob o pelo também.

O cão lambeu a mão dele.

A sua língua era fria.

Frank parou de gritar. Ficou apenas olhando. Gordy pegara do chão o vira-lata, começara a acariciá-lo e abraçá-lo, e nada de terrível acontecera. Então quem sabe era mesmo só um cachorro. Quem sabe...

Então.

O cão lambeu a mão de Gordy, e uma expressão estranha surgiu no rosto de Gordy, e o cão começou a... se modificar.

Cristo.

Era como uma porção de massa sendo manipulada velozmente por um escultor invisível. O pelo embaraçado pareceu se derreter e mudar de cor, então a textura também se alterou, até que parecia mais escamas do que outra coisa qualquer, escamas esverdeadas; a cabeça começou a se afundar para dentro do corpo, que não era mais um corpo, só uma coisa informe, um bolo de tecido que se retorcia; as pernas encurtaram e ficaram mais grossas; e tudo isso aconteceu em apenas cinco ou seis segundos; então...

Gordy fitou, em estado de choque, a coisa nas suas mãos.

Uma cabeça de lagarto com olhos amarelos e perversos começou a tomar forma na massa amorfa na qual o cão se tinha degenerado. A boca do lagarto surgiu no tecido gelatinoso, e uma língua bipartida apareceu; havia um bocado de dentinhos pontudos.

Gordy tentou jogar a coisa no chão, mas ela se agarrou a ele, Jesus, agarrou-se com força a ele, como se tivesse se moldado ao redor dos seus braços e mãos, como se as suas mãos estivessem dentro dela agora.

Então, a coisa deixou de ser fria. De repente ficou morna. E

depois quente. Dolorosamente quente.

Antes que tivesse saído completamente da massa latejante de tecido, o lagarto começou a se dissolver, e um novo animal passou a tomar forma, uma raposa, uma raposa que rapidamente se degenerou antes de ficar inteiramente formada, transformando-se em esquilos, dois deles, os corpos unidos como gêmeos siameses, mas rapidamente se separando e...

Gordy começou a gritar. Sacudia os braços para cima e para baixo, tentando jogar a coisa fora.

O calor agora era como fogo. A dor era insuportável.

Jesus, por favor.

A dor foi subindo pelos seus braços, pelos ombros.

Ele gritava e soluçava; deu um passo cambaleante à frente, sacudiu de novo os braços, tentou libertar as mãos, mas a coisa se agarrava a ele.

Os esquilos semiformados se dissolveram e um gato começou a aparecer no tecido amorfo que ele segurava e que o segurava, e então o gato rapidamente se desvaneceu e outra coisa surgiu... Jesus, não, não, Jesus, não... uma coisa tipo inseto, grande como o airedale, mas com seis ou oito olhos no alto da cabeça malévola e um bocado de perninhas finas e...

A dor o consumia. Ele tropeçou para o lado, caiu de joelhos, depois de lado. Chutava e se debatia em agonia, se retorcia e ondulava na calçada.

Sara Yamaguchi fitava a cena, incrédula. O monstro que atacava Gordy parecia ter o controle total do seu ADN. Podia mudar a sua forma quando bem queria, e com velocidade espantosa.

Nenhuma criatura daquelas podia existir. Ela tinha que saber; era bióloga, geneticista. Impossível. No entanto, ali estava ela.

A forma de aranha se degenerou e nenhuma nova forma fantasmagórica tomou o seu lugar. No estado natural, a criatura parecia ser apenas uma massa de tecido gelatinoso, mosqueada de cinza-marrom-vermelho, um cruzamento entre uma ameba aumentada e um fungo repelente. Ela se grudava aos braços de Gordy...

...e de repente uma das mãos de Gordy apareceu em meio ao limo que a envolvia. Mas não era mais uma mão. Santo Deus, não.

Eram somente ossos.

Dedos esqueletais, duros e brancos, completamente descarnados. A carne fora totalmente carcomida.

Ela sentiu engulhos, cambaleou para trás, virou-se para a sarjeta, vomitou.

Jenny puxou Lisa dois passos para trás, para mais longe daquela coisa com que Gordy se debatia.

A garota estava gritando.

O limo escorreu pela mão ossuda, reclamou os dedos descarnados, envolveu-os, vestiu-lhes uma luva de tecido pulsante. Em dois segundos os ossos também tinham desaparecido, dissolvidos, e a luva se transformou numa bola e se incorporou à parte principal do organismo. A coisa se contorcia obscenamente, se revolvia internamente, inchava, saltava aqui, formava uma concavidade ali, agora uma concavidade onde estivera a saliência,

agora um nódulo saltado onde a concavidade estivera, alterando-se febrilmente, como se a imobilidade de um único momento pudesse significar a morte. Ela foi subindo pelos braços de Gordy, enquanto ele lutava desesperadamente para se livrar dela, e à medida que progredia na direção de seus ombros, não deixava nada para trás, nada, nem cotos, nem ossos; devorava tudo. Começou a se espalhar pelo peito também, e onde quer que passasse, Gordy simplesmente desaparecia dentro dela e não saía mais, como se estivesse afundando num tanque de ácido ferozmente corrosivo.

Lisa afastou o olhar do moribundo e se agarrou a Jenny, soluçando.

Os gritos de Gordy eram insuportáveis.

O revólver de Tal já estava na mão. Ele correu na direção de Gordy. Bryce o deteve.

— Está maluco? Porra, Tal, não há nada que possamos fazer.

— Podemos acabar com o sofrimento dele.

— Não se aproxime daquela coisa maldita!

— Não temos que nos aproximar demais para dar um tiro certeiro. Os gritos de Gordy ficavam mais torturados a cada segundo; agora ele começou a berrar pedindo a ajuda de Jesus, e tamborilava os calcanhares no chão, arqueava as costas, vibrava com a tensão, fazendo de tudo para se libertar do peso crescente do seu atacante medonho.

Bryce estremeceu.

— Está certo. Depressa.

Ambos se acercaram mais do delegado moribundo que se debatia e abriram fogo. Vários tiros acertaram nele. Os gritos cessaram.

Eles recuaram rapidamente.

Não tentaram matar a coisa que estava se alimentando de Gordy. Sabiam que as balas não a afetavam, e estavam começando a entender por quê. As balas matam pela destruição de órgãos vitais e vasos sanguíneos essenciais. Porém, pelo que dava para se ver, essa coisa não tinha órgãos e nem sistema circulatório convencional.

Tampouco tinha esqueleto. Parecia ser uma massa de protoplasma não diferenciado, mas altamente sofisticado. Uma bala

a penetraria, mas a carne surpreendentemente maleável logo fluiria para o canal aberto pela bala, e a ferida sararia num instante.

O monstro se alimentava mais alucinadamente do que antes, num frenesi silencioso, e dentro de segundos não havia mais nenhum sinal de Gordy. Ele deixara de existir. Havia apenas o transmorfo, de um tamanho maior, maior do que o cão que fora, maior até que Gordy, cuja substância agora incorporava.

Tal e Bryce juntaram-se aos outros, mas não correram para o hotel. À medida que o crepúsculo ia sendo espremido lentamente para fora do céu num torno de escuridão, eles ficaram olhando a coisa amebóide na calçada.

Ela começou a tomar nova forma. Em segundos, todo o protoplasma de forma livre tinha sido moldado num imenso e ameaçador lobo cinzento, e a criatura lançou a cabeça para trás e uivou para a lua.

Então a sua cara ondulou, e os elementos da sua fisionomia feroz mudaram de lugar; Tal pôde ver feições humanas tentando surgir através da imagem do lobo. Olhos humanos substituíram os olhos do animal, e havia parte de um queixo humano. Os olhos de Gordy? O queixo de Gordy? A metamorfose licantrópica durou apenas alguns segundos, e depois as feições da coisa voltaram à sua forma de lobo.

Um lobisomem, pensou Tal.

Mas sabia que não era nada daquilo. Não era coisa alguma. A identidade do lobo, por mais real e assustadora que parecesse ser, era tão falsa quanto todas as outras identidades.

Por um momento ele ficou ali parado, confrontando-os, deixando a mostra os dentes enormes e terrivelmente afiados, muito maior do que qualquer outro lobo que já tivesse percorrido as planícies ou florestas deste mundo. Seus olhos ardiam com a cor pardacenta-sangrenta do pôr-do-sol.

Vai atacar, pensou Tal.

Atirou nele. As balas penetraram, mas não deixaram nenhum ferimento visível, não fizeram sangrar, não causaram dor aparente.

O lobo se afastou de Tal, com uma espécie de fria indiferença ao tiroteio, e depois se dirigiu para o orifício de entrada para os

escoadouros, no qual os cabos elétricos do laboratório de campo desapareciam.

Abruptamente, ergueu-se algo do orifício aberto, algo vindo do escoadouro debaixo da rua, ergueu-se e ergueu-se ao crepúsculo, estremecendo, projetando-se no ar com uma potência tremenda, uma massa escura e pulsante, como um fluxo de águas de esgoto, exceto que não era um fluido, mas uma substância gelatinosa que formava uma coluna quase da mesma largura que o buraco do qual continuava a se projetar num jorro obsceno, rítmico. Crescia e crescia: 1,00m de altura, 2,00m, 3,00m...

Algo bateu nas costas de Tal. Ele deu um salto, tentou se voltar e só então percebeu que tinha colidido com a parede do hotel. Nem se dera conta de que estivera recuando para longe da coisa gigantesca que saía da entrada para os escoadouros.

Ele agora via que a coluna pulsante e ondulante era outro corpo de protoplasma de forma livre, como o airedale que se transformara num lobo cinzento. Todavia, esta coisa era consideravelmente maior do que li primeira criatura. Imensa. Tal ficou imaginando que parte dela ainda estava oculta debaixo da rua, e teve um palpite de que o escoadouro estava cheio dela, que o que eles estavam vendo aqui era apenas uma pequena porção do monstro.

Quando chegou a uma altura de três metros, a coisa parou de se erguer e começou a se alterar. A metade posterior da coluna se alargou para formar um capuz, um manto, e a coisa ficou parecendo com a cabeça de uma cobra-capelo. Então, mais carne amorfa começou a sair da coluna ondulante e brilhante e subir para o capuz, e este rapidamente ficou mais largo, e logo não era mais um capuz; agora era um par de asas gigantescas, escuras e membranosas, como as asas de morcego, saindo do tronco central (ainda informe). E então o segmento do corpo entre as asas começou a adquirir uma textura — escamas ásperas, sobrepostas — e pernas pequenas e pés com garras começaram a se formar. Estava se transformando numa serpente alada.

Bateu as asas.

O som foi como o estalar de um chicote.

Tal se apoiou de encontro à parede.

A coisa bateu as asas.

Lisa se agarrou mais a Jenny.

Jenny abraçou com força a irmã, mas seus olhos, mente e imaginação estavam fixos na coisa monstruosa que saíra de dentro do escoadouro. Ela se flexionava, latejava e se contorcia ao crepúsculo, e parecia quase como uma sombra que ganhara vida.

Bateu as asas de novo.

Jenny sentiu uma brisa fria, causada pelo bater das asas.

Este novo fantasma parecia que ia se destacar de qualquer protoplasma adicional que houvesse dentro do escoadouro. Jenny esperava que ele saltasse para o ar que escurecia e voasse para longe — ou que viesse diretamente para cima deles.

Seu coração bateu com força; disparou.

Sabia que a fuga era impossível. Qualquer movimento que fizesse resultaria apenas em atrair a atenção indesejada daquilo. Não havia por que desperdiçar energia na fuga. Não havia onde se esconder de uma coisa como aquela.

Mais postes de rua se acenderam e as sombras se esgueiraram fantasmagoricamente.

Jenny observou, assombrada, enquanto uma cabeça de serpente tomou forma no alto da coluna de três metros de tecido mosqueado. Um par de olhos verdes cheios de ódio projetou-se da carne informe; era como observar o crescimento de dois tumores malignos por um processo fotográfico. Olhos turvos, obviamente cegos, ovais, verdes, leitosos; rapidamente eles se desanuviaram, as pupilas negras alongadas tornando-se visíveis, e fitaram Jenny e os outros com intenção malévola. Uma boca rasgada de 30cm de largura se abriu; uma fieira de presas brancas e afiadas crescia das gengivas negras.

Jenny pensou nos nomes demoníacos que tinham brilhado nas telas dos terminais, nos nomes gerados no Inferno que a coisa dera a si mesma. A massa de carne amorfa, transformando-se numa serpente alada, era como um demônio convocado do além.

O lobo fantasma, que incorporara a substância de Gordy Brogan, acercou-se da base da serpente gigantesca. Roçou contra a coluna de carne pulsante — e simplesmente se fundiu nela. Em menos de um piscar de olhos, as duas criaturas tinham se transformado numa só.

Evidentemente, o primeiro transmorfo não era um indivíduo em separado. Era agora, e talvez sempre tivesse sido, uma parte da criatura gargantuesca que circulava pelos escoadouros, debaixo das ruas.

Aparentemente, o maciço corpo-matriz podia destacar peças de si mesmo, e despachá-las para cumprir tarefas próprias — como o ataque a Gordy Brogan — e depois chamá-las de volta a seu bel-prazer.

A coisa bateu as asas e a cidade inteira ecoou com aquele som.

Então elas começaram a se fundir de novo com a coluna central e esta ficou mais grossa à medida que absorvia o tecido. O rosto da serpente também se dissolveu. Cansara-se dessa atuação. As pernas e os pés de três dedos e as garras ferozes retiraram-se para dentro da coluna, até que nada restou senão uma massa revolvedora e limosa de tecido mosqueado escuro, como antes. Durante vários segundos ela posou no entardecer sombrio, uma visão do mal, depois começou a se afundar para dentro dos escoadouros debaixo de si, a descer pelo orifício aberto.

Logo desapareceu.

Lisa parara de gritar. Estava sem ar, procurando respirar, e chorando.

Alguns dos outros estavam quase tão abalados quanto a garota.

Entreolhavam-se, mas nenhum deles falou.

Bryce parecia ter levado uma paulada.

Finalmente, falou: — Vamos indo. Vamos voltar para o hotel antes que fique mais escuro.

Não havia nenhum guarda na porta da frente.

— Encrenca — falou Tal.

Bryce assentiu. Atravessou as portas duplas com cuidado e quase pisou num revólver. Estava jogado no chão. O saguão estava deserto.

— Droga — disse Frank Autry.

Revistaram o hotel, aposento por aposento. Ninguém no refeitório. Ninguém no dormitório improvisado. A cozinha também estava deserta. Nem um só tiro fora disparado. Ninguém soltara um grito. Ninguém também escapara. Mais dez delegados tinham desaparecido. Lá fora, caíra a noite.

34

Despedindo-se

Os seis sobreviventes — Bryce, Tal, Frank, Jenny, Lisa e Sara — estavam às janelas do saguão do Hilltop. Do lado de fora, a Skyline Road estava imóvel e silenciosa, representada em padrões severos de sombras da noite e brilho dos lampiões de rua. A noite parecia tiquetaquear baixinho, como uma bomba-relógio.

Jenny estava se lembrando do corredor coberto na padaria dos Liebermanns. Na noite anterior, ela pensara que havia algo nos caibros do telhado e Lisa pensara que havia algo agachado junto à parede; provavelmente, ambas estavam com a razão. O transmorfo — ou pelo menos parte dele — estivera ali, deslizando silenciosamente pelos caibros e parede abaixo. Mais tarde, quando Bryce enxergara de relance alguma coisa no ralo daquele corredor, sem dúvida vira um bolo escuro do protoplasma arrastando-se pelo cano, quer de olho neles, quer dedicado a alguma tarefa estranha e insondável.

Pensando também nos Oxleys no seu gabinete com barricadas, Jenny falou: — A questão dos quartos trancados de repente deixou de ser um mistério. Aquela coisa podia se infiltrar sob um porta ou através de um conduto de aquecimento. O menor dos buracos ou das fendas seria o suficiente. Quanto a Harold Ordnay... depois que se trancou no banheiro da Candleglow, a coisa provavelmente chegou até ele através dos ralos da pia e da banheira.

— Isso vale também para os carros trancados com as vítimas dentro — disse Frank. — Ela podia cercar o carro, envolvê-lo e penetrar pelos orifícios, pelos respiradouros.

— Quando quer — disse Tal —, ela pode se mover bem discretamente. Foi por isso que tanta gente foi pega de surpresa. Ela estava atrás delas, infiltrando-se por baixo de uma porta ou

saindo por um conduto de aquecimento, ficando cada vez maior, mas as pessoas não sabiam que ela estava ali até que atacava.

Lá fora, uma neblina fina vinha subindo a rua, vinda do vale lá embaixo. Auras imprecisas começaram a se formar em volta das luzes de rua.

— De que tamanho vocês acham que é? — quis saber Lisa.

Ninguém respondeu por um momento. Depois, Bryce falou: — Grande.

— Talvez do tamanho de uma casa — falou Frank.

— Ou do tamanho deste hotel inteiro — disse Sara.

— Ou talvez maior — falou Tal. — Afinal de contas, atacou em todas as partes da cidade, aparentemente de modo simultâneo. Podia ser como... como um lago subterrâneo, um lago de tecido vivo, debaixo da maior parte de Snowfield.

— Como Deus — disse Lisa.

— Hein?

— Está em toda a parte — disse Lisa. — Vê tudo e sabe tudo. Igualzinho a Deus.

— Temos cinco carros-patrulha — disse Frank. — Se nos separarmos, pegarmos todos os cinco carros e sairmos daqui exatamente ao mesmo tempo...

— A coisa nos deteria — disse Bryce.

— Talvez não pudesse nos deter a todos. Talvez um dos carros pudesse escapar.

— Deteve uma cidade inteira.

— Bem... é — concordou Frank, relutante. Jenny falou: — Além do mais, provavelmente está nos escutando neste exato minuto. Seríamos detidos antes que chegássemos aos carros.

Todos olharam para os condutos de aquecimento perto do teto.

Nada havia que se pudesse ver para além das grades de metal. Nada, exceto a escuridão.

Eles se reuniram à volta da mesa no refeitório da fortaleza que não mais era uma fortaleza. Fingiram que queriam café, porque, de certa forma, partilhar o café lhes dava sensação de comunhão e normalidade.

Bryce não se deu ao trabalho de colocar alguém de guarda nas portas da frente. Guardas eram inúteis. Se aquilo os quisesse, sem

dúvida os pegaria.

Para além das janelas, a neblina estava ficando mais espessa.

Comprimiu-se contra as vidraças.

Sentiam-se compelidos a falar sobre o que tinham visto.

Estavam todos cientes de que a morte viria buscá-los, e precisavam entender por que e como deviam morrer. A morte já era aterradora; todavia, a morte sem sentido era a pior de todas.

Bryce conhecia a morte sem sentido. Um ano atrás, um caminhão desgovernado lhe ensinara tudo o que precisava saber sobre esse assunto.

— A mariposa — disse Lisa. — Era como o cachorro, como a coisa que... que matou Gordy?

— Era — disse Jenny. — A mariposa era apenas um fantasma, um pedaço pequeno do transmorfo.

Tal falou, dirigindo-se a Lisa: — Quando Stu Wargle veio incomodá-la, na noite passada, não era realmente ele. O transmorfo provavelmente absorveu o corpo de Wargle, depois que o deixamos no quarto de material de limpeza. Então, mais tarde, quando quis aterrorizá-la, assumiu a sua aparência.

— Evidentemente — disse Bryce —, o maldito pode personificar qualquer pessoa ou animal de que se tenha alimentado.

Lisa franziu o cenho.

— Mas, e quanto à mariposa? Como poderia ter se alimentado de algo como a mariposa? Não existe nada como aquilo.

— Bem — falou Bryce —, pode ser que insetos daquele tamanho existissem há muito tempo, há dez milhões de anos, na época dos dinossauros. Pode ser que tenha sido nesta época que o transmorfo se alimentou deles.

Os olhos de Lisa se arregalaram:

— Quer dizer que aquela coisa que saiu do buraco no chão pode ter milhões de anos de idade?

— Bem — respondeu Bryce —, ela certamente não se conforma as regras da biologia, tais como as conhecemos... não é, dra. Yamaguchi?

— Exato — disse a geneticista.

— Então, por que também não poderia ser imortal? Jenny parecia ter as suas dúvidas.

Bryce perguntou:

— Tem alguma objeção?

— À possibilidade de que seja imortal? Ou praticamente imortal? Não. Isso eu aceito. Pode ser algo vindo da era mesozóica, concordo, algo tão auto-renovador que é virtualmente imortal. Mas como explicar a serpente alada? Acho difícil demais acreditar que algo como aquilo tenha um dia existido. Se o transmorfo se torna apenas aquelas coisas que ingeriu previamente, então como é possível ter se transformado em algo como a serpente alada?

— Houve animais como aquele — disse Frank. — Os pterodáctilos eram répteis alados.

— Répteis, sim — disse Jenny —, mas não serpentes. Os pterodáctilos eram os ancestrais dos pássaros. Mas aquela coisa era nitidamente uma serpente, o que é bem diferente. Parecia algo saído de um conto de fadas.

— Não — disse Tal. — Era saído do vodu.

Bryce se voltou para Tal, surpreso.

— Vodu? E o que você entende de vodu?

Tal parecia não conseguir olhar para Bryce, e falou com evidente relutância. — No Harlem, quando eu era garoto, havia uma mulher gorda e enorme, Agatha Peabody, que morava no nosso prédio; ela era uma boko, que é uma espécie de bruxa que usa o vodu com fins imorais ou perversos. Ela vendia feitiços e encantamentos, ajudava as pessoas a se vingarem de seus inimigos, esse tipo de coisa. Tudo besteira. Mas, para um garoto, parecia emocionante e assustador. A sra. Peabody mantinha o apartamento sempre aberto, cheio de clientes e bicões, que entravam e saíam dia e noite. Durante alguns meses eu passei um bocado de tempo lá, escutando e observando. E havia um bocado de livros sobre magia negra. Em alguns deles, vi desenhos das versões haitianas e africanas de Satanás, dos demônios do vodu e da macumba. Um deles era uma serpente alada, gigantesca. Preta, com asas de morcego. E olhos verdes terríveis. Exatamente como a coisa que vimos esta noite.

Na rua, do outro lado das janelas, a neblina agora estava muito espessa. Ela se revolvia pesadamente através da luz difusa dos postes de rua.

Lisa perguntou:

— Será que é realmente o Diabo? Um demônio? Algo saído do Inferno?

— Não — respondeu Jenny. — Isso é só uma... pose.

— Então, por que toma a forma do Diabo? — perguntou Lisa. — E por que chama a si mesmo pelos nomes dos demônios?

— Eu acho que toda essa baboseira satânica é só algo que o diverte — disse Frank. — Mais uma maneira de nos provocar e desmoralizar.

Jenny assentiu. — Desconfio que ele não seja limitado às formas de suas vítimas. Pode assumir a forma de qualquer coisa que tenha absorvido e qualquer coisa que possa imaginar. Assim, se alguma das vítimas era alguém associado ao vodu, então foi ela que tirou a ideia de se tornar uma serpente alada.

Essa ideia deixou Bryce sobressaltado.

— Quer dizer que a coisa não apenas absorve e incorpora a carne de suas vítimas, mas também o conhecimento e as lembranças delas!

— É o que parece — disse Jenny.

— Biologicamente, isso não é uma coisa desconhecida — disse Sara Yamaguchi, penteando os longos cabelos negros com ambas as mãos e prendendo-os por trás das orelhas delicadas. — Por exemplo... Se pusermos um certo tipo de platelminto para percorrer várias vezes um labirinto, com alimento numa das extremidades, finalmente ele acabará aprendendo a chegar ao fim do labirinto com mais rapidez do que das primeiras vezes. Depois, se o moermos e alimentarmos com ele outro platelminto, este chegará rapidamente ao fim do labirinto, muito embora nunca o tenha percorrido antes. De uma certa forma, comeu a experiência e o conhecimento do primo quando comeu a carne dele.

— Então é por isso que o transmorfo sabe sobre Timothy Flyte — falou Jenny. — Harold Ordnay sabia sobre Flyte, portanto, agora, aquilo também sabe.

— Mas como, em nome de Deus, Flyte sabe sobre aquilo"? — perguntou Tal.

— Isso é uma pergunta que apenas Flyte pode responder — disse Bryce, dando de ombros.

— Por que a coisa não pegou Lisa ontem à noite, no banheiro? Aliás, por que não nos pegou a todos?

— Está apenas brincando conosco.

— Divertindo-se. Perversamente.

— É isso. Mas acho também que nos manteve vivos para podermos dizer a Flyte o que vimos e o atrairmos para cá.

— Quer que passemos a Flyte a oferta de salvo-conduto.

— Somos apenas isca.

— É.

— E quando tivermos cumprido nossa parte...

— É.

Algo bateu solidamente de encontro ao exterior do hotel. As janelas chacoalharam e o prédio pareceu tremer.

Bryce se levantou tão rapidamente que derrubou a cadeira em que estava sentado.

Outra batida. Mais forte, mais alta. Depois um barulho rascante.

Bryce prestou muita atenção, tentando identificar o som. Parecia vir da parede norte do prédio. Começava ao nível do chão, mas começou rapidamente a subir, afastando-se deles.

Um ruído estrepitoso. Um ruído de ossos. Como os esqueletos de homens mortos há muito tempo, tentando sair de um sepulcro.

— Alguma coisa grande — disse Frank. — Subindo pelo lado do prédio.

— O transmorfo — falou Lisa.

— Mas não na sua forma gelatinosa — disse Sara. — No seu estado natural, escalaria a parede silenciosamente.

Todos ficaram fitando o teto, à escuta, à espera.

Que forma fantasma teria assumido desta vez? perguntou-se Bryce.

Raspar. Bater. Retinir.

O som da morte.

A mão de Bryce estava mais fria do que o cabo de seu revólver.

Os seis foram até as janelas e olharam para fora. A neblina estava por toda a parte.

Então, rua abaixo, quase a uma quadra de distância, na penumbra de uma lâmpada a vapor de sódio, algo se moveu. Entrevisto.

Uma sombra ameaçadora, distorcida pela neblina. Bryce teve a impressão de um caranguejo do tamanho de um carro. Viu de relance pernas aracnóides. Uma garra monstruosa com beiradas serrilhadas surgiu rapidamente na luz, desaparecendo imediatamente na escuridão.

Bryce viu antenas febris, trêmulas, ansiosas. Depois a coisa desapareceu de novo dentro da noite.

— É isso o que está escalando o prédio — disse Tal. — Outro maldito caranguejo como aquele. Uma coisa saída direto do delirium tremens de um alcoólatra.

Ouviram quando a coisa chegou ao telhado. Seus membros quitinosos batiam e raspavam contra as telhas.

— O que ela quer? — perguntou Lisa, preocupada. — Por que está fingindo ser o que não é?

— Provavelmente gosta de fazer imitações — falou Bryce. — Sabe... do mesmo jeito que algumas aves tropicais gostam de imitar sons pelo puro prazer de escutar a si mesmas.

Os barulhos no telhado pararam. Os seis ficaram à espera.

A noite parecia estar agachada como uma coisa selvagem, examinando a sua presa, calculando a hora de atacar.

Eles estavam inquietos demais para sentar. Continuaram de pé, junto às janelas.

Do lado de fora, apenas a neblina se movia.

Sara Yamaguchi falou: — Agora dá para entender as pisaduras universais. O transmorfo envolvia as suas vítimas e as apertava. Assim, as pisaduras provinham de uma pressão brutal, contínua, universalmente aplicada. Era assim que elas sufocavam também... presas dentro do transmorfo, totalmente envoltas por ele.

— Será — falou Jenny — que ele produz a substância preservativa enquanto espreme as suas vítimas?

— Provavelmente sim — respondeu Sara. — É por isso que não há nenhum ponto visível de injeção nos dois corpos que examinamos. A substância preservativa é provavelmente aplicada a cada centímetro quadrado do corpo, espremida para dentro de cada poro. Como uma aplicação por osmose.

Jenny pensou em Hilda Beck, a governanta, a primeira vítima que ela e Lisa tinham encontrado. Estremeceu.

— A água — disse Jenny.

— O que é que tem? — perguntou Bryce.

— Aquelas poças de água destilada que encontramos. O transmorfo expeliu aquela água.

— Por que você pensa assim?

— O corpo humano é água, na sua maior parte. Então, depois que a coisa absorveu as suas vítimas, depois que aproveitou cada miligrama de conteúdo mineral, cada caloria útil, cada vitamina, expeliu aquilo de que não necessitava: quantidades excessivas de água absolutamente pura. Aquelas poças e tapetes encharcados que encontramos foram tudo o que um dia teremos como restos mortais das centenas que desapareceram. Nem corpos. Nem ossos. Apenas água... que já se evaporou.

Os barulhos no telhado não recomeçaram. Reinava o silêncio. O caranguejo fantasma tinha desaparecido.

No escuro, na neblina, na luz amarelada dos lampiões de rua, nada se movia.

Eles finalmente se afastaram das janelas e voltaram para a mesa.

— Será que aquela coisa maldita pode ser morta? — questionou-se Frank.

— Sabemos com certeza que as balas não podem fazer o serviço — disse Tal.

— Fogo? — disse Lisa.

— Os soldados tinham as bombas incendiárias — lembrou-lhes Sara. — Mas é evidente que o transmorfo atacou tão repentina, tão inesperadamente, que ninguém teve tempo de pegar as garrafas e acender os pavios.

— Além do mais — falou Bryce —, o fogo provavelmente não será a solução. Se o transmorfo pegar fogo, poderá simplesmente... bem... destacar-se da parte que está em chamas e levar a parte principal de si mesmo para um lugar seguro.

— Os explosivos provavelmente também são inúteis — disse Jenny.

— Tenho um palpite de que se você explodisse a coisa em mil pedaços, teria apenas mil transmorfos menores, e eles todos se uniriam ao seu bel-prazer, sem sofrer danos.

— Como é, então a coisa pode ou não ser morta? — perguntou Frank outra vez

Ficaram calados, pensando.

Então, Bryce respondeu.

— Não. Ao que me consta, não.

— Mas, então, o que podemos fazer?

— Não sei — disse Bryce. — Sinceramente não sei.

Frank Autry ligou para a mulher, Ruth, e conversou com ela durante quase meia hora. Tal ligou para alguns amigos, no outro telefone. Depois, Sara Yamaguchi falou num dos telefones durante quase uma hora. Jenny ligou para várias pessoas, inclusive a tia em Newport Beach, com quem Lisa também conversou. Bryce falou com vários homens no QG de Santa Mira, delegados com quem trabalhava há anos, e com quem formara laços quase fraternos; falou com os pais, em Glendale, e com o pai de Ellen, em Spokane.

Todos os seis sobreviventes foram otimistas nas suas conversas.

Falavam em derrotar aquela coisa, em ir embora de Snowfield muito em breve.

Contudo, Bryce sabia que estavam apenas fazendo boa cara ao mau tempo. Sabia que aqueles não eram telefonemas comuns; a despeito do seu tom otimista, esses telefonemas tinham um único propósito sombrio: os seis sobreviventes estavam se despedindo.

35

Pandemônio

Sal Corello, o agente de publicidade que fora contratado para ir receber Timothy Fly te no aeroporto internacional de São Francisco, era um homem pequeno e musculoso de cabelos amarelos como o milho e olhos roxo-azulados. Parecia um astro de cinema. Se medisse 1,90m em vez de somente 1,55m, seu rosto poderia ter sido tão famoso quanto o de Robert Redford. Todavia, sua inteligência, seu espírito e encanto agressivo compensavam a sua baixa estatura. Sabia como obter o que queria para si mesmo e seus clientes.

Geralmente, Corello conseguia até fazer com que os jornalistas se comportassem bem, chegando a parecer gente civilizada; mas não esta noite. Esta matéria era grande demais e quente demais. Corello nunca vira nada parecido: centenas de repórteres e outros curiosos correram para cima de Flyte no instante em que o viram, puxando e agarrando o professor, enfiando microfones na sua cara, cegando-o com as luzes das câmeras e beirando perguntas feito uns desesperados.

— Dr. Flyte...

— Professor Flyte...

— Flyte! ...

Flyte, Flyte, FlyteFlyteFlyte, FlyteFlyteFlyteFlyte...

As perguntas foram reduzidas a uma algaravia sem sentido pelo rugido das vozes competitivas. Os ouvidos de Sal Corello doíam. O professor pareceu confuso, depois amedrontado. Corello segurou o velho pelo braço, com força, e conduziu-o pelo meio da multidão alvoroçada, transformando a si mesmo num aríete pequeno mas altamente eficaz. Quando chegaram à pequena plataforma que Corello e os funcionários da segurança do aeroporto tinham armado

numa das extremidades da sala de espera dos passageiros, o professor Flyte parecia estar prestes a expirar de medo.

Corello tomou do microfone e rapidamente silenciou a turba.

Instou com eles para que deixassem Flyte fazer uma breve declaração, prometeu que mais tarde ele responderia a algumas perguntas, apresentou o orador e se afastou.

Quando todos deram uma boa olhada em Timothy Flyte, não puderam disfarçar um súbito ataque de ceticismo, que percorreu a multidão; Corello percebeu isso em seus rostos: uma apreensão bem visível de que Flyte os estivesse tapeando. Na verdade, Flyte parecia ser um tantinho maníaco. O cabelo branco era todo espetado, como se ele tivesse acabado de enfiar o dedo numa tomada. Os olhos estavam arregalados, tanto de medo quanto do esforço feito para disfarçar a fadiga, e o seu rosto tinha o ar dissipado de um bêbado velho. Precisava fazer a barba. As roupas que vestia eram amassadas, enrugadas; pendiam do seu corpo como um saco informe. Sua figura fazia Corello pensar num daqueles fanáticos de rua declarando a iminência do Armagedom.

Naquele mesmo dia, num telefonema de Londres, Burt Sandler, o editor da Wintergreen e Wyle, preparara Corello para a possibilidade de Flyte causar uma impressão negativa nos jornalistas, mas Sandler não precisava ter se preocupado. Os jornalistas ficaram inquietos quando Flyte pigarreou meia dúzia de vezes, em tom alto, ao microfone, mas quando ele finalmente começou a falar, ficaram fascinados dentro de um minuto. Ele lhes falou sobre a colônia de Roanoke Island, sobre as civilizações maias desaparecidas, sobre a redução misteriosa da população marinha, sobre um exército que desaparecera em 1711. A multidão ouvia em silêncio. Corello se descontraiu.

Flyte lhes falou sobre a aldeia esquimó de Anjikuni, oitocentos quilômetros a noroeste do posto da Real Polícia Montada do Canadá, em Churchill. Numa tarde nevosa de novembro de 1930, um caçador e comerciante franco-canadense, Joe LaBelle, chegou em Anjikuni... e descobriu que todos que ali moravam tinham desaparecido. Todos os pertences, inclusive preciosos rifles de caça, tinham sido abandonados.

As refeições estavam parcialmente comidas. Os trenós (sem os cães) ainda estavam ali, o que significava que não havia meios da aldeia inteira ter se mudado por terra para outro local. O povoado estava, nas palavras de LaBelle, "lúgubre como um cemitério na calada da noite". La Belle correu para o posto da Polícia Montada em Churchill e logo foi feita uma investigação em larga escala, mas nunca se encontrou o menor vestígio dos anjikunianos.

Enquanto os repórteres tomavam notas e levavam para junto de Flyte os microfones dos gravadores, ele lhes contou a sua teoria tão criticada: o inimigo antigo. Houve exclamações abafadas de surpresa, expressões incrédulas, mas nenhum interrogatório ruidoso ou descrença explicitamente expressa.

No instante em que Flyte terminou de ler a sua declaração previamente preparada, Sal Corello fugiu à sua promessa de uma sessão de perguntas e respostas. Tomou Flyte pelo braço e arrastou-o por uma porta que ficava por trás da plataforma improvisada onde estava o microfone.

Os jornalistas uivaram de indignação ante essa traição.

Correram para a plataforma, tentando ir atrás de Flyte.

Corello e o professor entraram por um corredor de serviço onde vários seguranças do aeroporto estavam à espera. Um dos guardas bateu e trancou a porta às costas deles, isolando os repórteres, que uivaram ainda mais alto do que antes.

— Por aqui — disse um segurança.

— O helicóptero está aqui — disse outro.

Atravessaram rapidamente um labirinto de corredores, desceram um lance de escadas de concreto, cruzaram uma porta de incêndio de metal e saíram para uma pista varrida pelo vento onde os esperava um helicóptero azul e de linhas elegantes. Era um helicóptero de executivos, um Bell Jet Ranger, luxuoso e bem equipado.

— É o helicóptero do governador — disse Corello a Flyte.

— O governador? — indagou Flyte. — Ele está aqui?

— Não. Mas colocou o helicóptero dele à sua disposição.

Enquanto cruzavam a porta que levava ao confortável compartimento de passageiros, as hélices lá em cima começaram a girar.

Com a testa apertada de encontro à janela fresca, Timothy Flyte viu São Francisco desaparecer dentro da noite.

Estava excitado. Antes do avião aterrissar, ele se sentira apalermado e esgotado; não estava mais assim. Sentia-se alerta e ansioso para saber mais sobre o que estava acontecendo em Snowfield.

O JetRanger voava bem rápido, para um helicóptero, e a viagem até Santa Mira levou menos de duas horas. Corello — um sujeito esperto, divertido, falante — ajudou Timothy a preparar outra declaração para o pessoal dos meios de comunicação que estaria à espera deles. A viagem passou depressa.

Aterrissaram com um solavanco no meio do estacionamento cercado que ficava atrás da delegacia do xerife do condado. Corello abriu a porta do compartimento de passageiros antes mesmo que as hélices tivessem parado de girar; saltou do aparelho, voltou-se novamente para a porta, açoitado pelo vento causado pelas hélices, e estendeu a mão para Timothy.

Um contingente agressivo de jornalistas — em maior número ainda do que em São Francisco — lotava o beco. Espremiam-se de encontro à cerca de arame reforçado, berrando perguntas, apontando microfones e câmeras.

— Nós lhes daremos uma declaração mais tarde, quando nos convier — disse-lhe Corello, gritando para conseguir ser ouvido acima de toda aquela balbúrdia. — Agora, a polícia daqui está esperando para completar a ligação com o xerife em Snowfield, que quer lhe falar.

Dois delegados levaram Timothy e Corello para dentro do prédio, subindo um corredor e entrando numa sala onde um outro homem fardado estava à espera deles. Chamava-se Charlie Mercer. Era robusto, com as sobrancelhas mais fartas que Timothy já vira — e o jeitão vivo e eficiente de um secretário executivo de primeira linha.

Timothy foi levado à cadeira por detrás da escrivaninha.

Mercer ligou para um número em Snowfield, completando a ligação com o xerife Hammond. O telefonema seria dado utilizando-se um dispositivo que permitia que todos na sala pudessem ouvir ambos os lados da conversa, e que dispensava Timothy de segurar o telefone.

Hammond desfechou o primeiro golpe tão logo ele e Timothy tinham trocado cumprimentos.

— Dr. Flyte, vimos o inimigo antigo. Ou, pelo menos, acho que é a coisa que o senhor imagina. Uma coisa maciça... amebóide. Um transmorfo que pode imitar qualquer coisa.

As mãos de Timothy tremiam; ele agarrou os braços da cadeira.

— Meu Deus.

— Esse é o seu inimigo antigo? — perguntou Hammond.

— É. Um sobrevivente de outra era. Com milhões de anos de idade.

— O senhor poderá nos dizer mais quando vier para cá — disse Hammond. — Se eu puder persuadi-lo a vir.

Timothy escutava apenas parcialmente o que o xerife dizia.

Estava pensando no inimigo antigo. Tinha escrito a respeito dele; acreditava verdadeiramente nele; no entanto, de certa forma, não estivera preparado para ter a sua teoria verdadeiramente confirmada.

Aquilo o abalou.

Hammond contou-lhe a morte pavorosa de um delegado chamado Gordy Brogan.

Além do próprio Timothy, apenas Sal Corello parecia aturdido e horrorizado com a história de Hammond. Era evidente que Mercer e os outros tinham escutado aquilo tudo anteriormente.

— Vocês viram isso e continuam vivos? — indagou Timothy, espantado.

— A coisa tinha que deixar alguns de nós vivos — falou Hammond — para que tentássemos convencê-lo a vir para cá. Garantiu-nos o seu salvo-conduto.

Timothy mordiscou pensativo o lábio inferior.

Hammond falou: — Dr. Flyte? Ainda está aí?

— O quê? Ah... sim. Ainda estou aqui. O que quer dizer com isso de que ela garantiu o meu salvo-conduto?

Hammond contou-lhe a história espantosa da comunicação com o inimigo antigo por meio do computador.

Enquanto o xerife falava, Timothy começou a suar. Viu uma caixa de lenços de papel num canto da mesa à sua frente; agarrou um punhado de lenços e enxugou o rosto.

Quando o xerife terminou, o professor inspirou fundo e falou, com voz tensa.

— Nunca imaginei... quero dizer... bem, nunca me ocorreu que...

— O que foi? — perguntou Hammond. Timothy pigarreou.

— Nunca me ocorreu que o inimigo antigo pudesse possuir inteligência ao nível humano.

— Desconfio que possa ser até mesmo uma inteligência superior — falou Hammond.

— Mas eu sempre pensei que fosse apenas um animal burro, de autopercepção distintamente limitada.

— Não é.

— Isso o tornou mais perigoso. Meu Deus. Muito mais perigoso.

— O senhor virá até aqui? — indagou Hammond.

— Eu não pretendia me aproximar mais do que já me aproximei — disse Timothy. — Mas se é inteligente... e se está me oferecendo salvo-conduto...

Intrometeu-se na linha uma voz de criança, a voz doce de um garotinho, talvez com cinco ou seis anos de idade: — Por favor, por favor, por favor, venha brincar comigo, dr. Flyte. Por favor. Vamos nos divertir muito. Por favor.

E então, antes que Timothy pudesse responder, surgiu a voz suave e musical de uma mulher:

— Sim, caro dr. Flyte, não deixe de nos fazer uma visita. Será mais do que bem-vindo. Ninguém lhe fará mal.

Finalmente, a voz de um velho entrou na linha, meiga e terna: — O senhor tem muito que aprender comigo, dr. Flyte. Muita sabedoria para adquirir. Por favor, venha e comece seus estudos. A oferta de salvo-conduto é sincera.

Silêncio.

Confuso, Timothy falou. — Alô? Alô? Quem está falando?

— Ainda estou aqui — respondeu Hammond.

As outras vozes não voltaram.

— Sou apenas eu, agora — continuou Hammond. Timothy perguntou: — Mas quem eram aquelas pessoas?

— Não são pessoas de verdade. São apenas fantasmas. Imitações. Não percebeu? Em três vozes diferentes, aquilo lhe ofereceu salvo-conduto novamente. O inimigo antigo, doutor.

Timothy olhou para os quatro outros homens na sala. Todos fitavam intensamente a caixa preta com alto-falante de onde a voz de Hammond — e as da criatura — tinha saído.

Agarrando um punhado de lenços de papel já ensopados numa das mãos, Timothy enxugou de novo o rosto encharcado de suor.

— Eu vou.

Agora, todos na sala olhavam para ele. Ao telefone, o xerife Hammond falou:

— Doutor, não há nenhum bom motivo para acreditar que ele vai manter a promessa. Depois que o senhor chegar aqui, poderá ser um homem morto também.

— Mas se é inteligente...

— Isso não quer dizer que jogue limpo — falou Hammond. — Na verdade, todos nós aqui estamos certos de uma coisa: essa criatura é a própria essência do mal. Do mal, dr. Flyte. O senhor confiaria na promessa do Diabo?

A voz da criança entrou na linha de novo, ainda cadenciada e doce: — Se o senhor vier, dr. Flyte, não apenas o pouparei como pouparei estas seis pessoas que estão presas aqui. Eu as deixarei ir, se o senhor vier brincar comigo. Mas se não vier, vou pegar esses porcos. Vou esmagá-los. Vou espremer o sangue e a merda do corpo deles, espremê-los até formar uma polpa e depois fazer bom uso deles.

As palavras foram ditas num tom de voz leve, inocente, infantil — o que, de certa forma, as tornou ainda mais assustadoras do que se tivessem sido gritadas com fúria num tom de baixo profundo.

O coração de Timothy batia com força.

— Está decidido — disse ele. — Eu vou. Não tenho escolha.

— Não venha por nossa causa — disse Hammond. — Ele pode poupá-lo, porque o chama de seu São Mateus, seu Marcos, seu Lucas e João. Mas pode apostar que não vai nos poupar, não importa o que diga.

— Eu vou — insistiu Timothy.

Hammond hesitou. Depois: — Muito bem. Mandarei que um dos meus homens o leve de carro até a barreira na estrada para Snowfield. Dali em diante, terá que vir sozinho. Não posso arriscar mais nenhum homem. O senhor sabe guiar?

— Sim, senhor — disse Timothy. — O senhor dá o carro e eu chegarei aí sozinho.

O telefone emudeceu.

— Alô? — disse Timothy. — Xerife? Nenhuma resposta.

— O senhor ainda está ai? Xerife Hammond?

Nada.

Aquilo cortara a ligação.

Timothy ergueu os olhos para Sal Corello, Charlie Mercer e os dois outros homens cujos nomes não sabia.

Todos o fitavam como se já estivesse morto e deitado num caixão.

Mas se eu morrer em Snowfield, se o transmorfo me pegar, pensou ele, não haverá caixão. Nem túmulo. Nem paz eterna.

— Eu o levarei até a barreira na estrada — disse Charlie Mercer.

— Eu mesmo o levarei até lá.

Timothy concordou com a cabeça. Estava na hora de ir.

36

Cara a cara

Às 3h12 os sinos da igreja de Snowfield começaram a tocar.

No saguão do Hilltop, Bryce se levantou da cadeira. Os outros fizeram o mesmo.

A sirene do corpo de bombeiros gemeu.

Jenny falou:

— Flyte deve estar aqui.

Os seis saíram do hotel.

As luzes das ruas estavam se acendendo e apagando, lançando sombras fantoches saltitantes por entre a neblina espessa.

No sopé da Skyline Road, um carro dobrou a esquina, com os faróis lançando suas luzes para cima, emprestando um brilho prateado à neblina.

As luzes das ruas pararam de piscar e Bryce se adiantou, parando sob a cascata suave de luz amarela lançada por um dos lampiões, esperando que Flyte pudesse enxergá-lo através dos véus de neblina.

Os sinos continuavam a tocar, e a sirene a gritar, e o carro veio se arrastando lentamente pela ladeira comprida. Era um carro-patrulha verde e branco do departamento de polícia. Aproximou-se do meio-fio e parou a três metros de onde Bryce se encontrava. O motorista apagou os faróis.

A porta do lado esquerdo se abriu e Flyte saltou. Ele não era o que Bryce esperava. Usava óculos de lentes grossas que faziam seus olhos parecerem anormalmente grandes. O cabelo branco, fino e emaranhado arrepiava-se como um halo à volta da cabeça. Alguém na delegacia lhe emprestara uma jaqueta acolchoada com o emblema do departamento de polícia do condado de Santa Mira sobre o peito esquerdo.

Os sinos pararam de tocar.

A sirene deu um último gemido rouco.

O silêncio subsequente foi profundo.

Flyte correu os olhos pela rua envolta em neblina, à escuta e à espera.

Finalmente, Bryce falou: — Aparentemente, ainda não está disposto a aparecer. Flyte voltou-se para ele: — Xerife Hammond?

— Sim. Vamos entrar e ficar à vontade enquanto esperamos.

O refeitório do hotel. Café quente.

Mãos trêmulas largavam ruidosamente canecas de porcelana sobre o tampo da mesa. Mãos nervosas enroscavam-se nas canecas quentes, com firmeza, para se forçarem a ficar paradas.

Os seis sobreviventes se inclinavam para a frente, debruçados sobre a mesa, para melhor ouvir as palavras de Timothy Flyte.

Lisa estava nitidamente fascinada pelo cientista britânico, mas Jenny teve, a princípio, as suas sérias dúvidas. Ele parecia uma caricatura escancarada do clássico professor distraído. Porém, quando ele começou a falar das suas teorias, Jenny se viu forçada a abandonar a sua opinião inicial e desfavorável, e logo estava tão fascinada quanto Lisa.

Ele lhes contou dos exércitos desaparecidos na Espanha e na China, das cidades maias abandonadas, da colônia de Roanoke Island.

E lhes contou de Joia Verde, um povoado na selva sul-americana que tivera um destino semelhante ao de Snowfield. Joia Verde era um posto comercial no rio Amazonas, bem longe da civilização. Em 1923, 605 pessoas — cada homem, cada mulher e criança que viviam ali — desapareceram de Joia Verde numa única tarde, no intervalo entre as visitas regulares das barcaças fluviais, pela manhã e à noite. A princípio pensou-se que fossem índios vizinhos, normalmente pacíficos mas que podiam ter se tornado inexplicavelmente hostis e desfechado um ataque surpresa. Todavia, não foram encontrados corpos, nenhum indício de luta, nenhum sinal de saque. Descobriu-se uma mensagem no quadro-negro da escola da missão: Não tem forma, no entanto tem todas as formas. Muitos que investigaram o mistério de Joia Verde logo descartaram as nove palavras escritas a giz, achando que não

tinham ligação com o desaparecimento. Flyte acreditava justamente no contrário, e depois de ouvi-lo, Jenny também passou a acreditar.

— Um tipo de mensagem também foi deixado numa das antigas cidades maias — falou Flyte. — Os arqueólogos desencavaram parte de uma oração, escrita em hieróglifos, da época do grande sumiço. — Ele citou, de cor: — "Deuses perversos moram na Terra, o seu poder adormecido na rocha. Quando acordam, erguem-se como a lava, mas lava fria, fluindo, e assumindo muitas formas. Então, homens orgulhosos, ficamos sabendo que somos apenas vozes no trovão, rostos no vento, para sermos dispersados como se nunca tivéssemos vivido."

— Os óculos de Flyte tinham escorregado nariz abaixo. Ele os recolocou no lugar. — Ora, há quem diga que esta parte determinada da oração se refere ao poder dos terremotos e vulcões. Eu acho que se refere ao inimigo antigo.

— Nós também encontramos uma mensagem aqui — disse Bryce. — Parte de uma palavra.

— Não conseguimos entender qual seria — falou Sara Yamaguchi. Jenny contou a Flyte das duas letras — P e R — que Nick Papandrakis pintara na parede do seu banheiro, usando um vidro de iodo. — Também havia uma terceira letra. Podia ser o começo de um U ou de um O.

— Papandrakis — falou Flyte, balançando vigorosamente a cabeça. — Grego. Sim, sim, sim... eis aí a confirmação do que estou dizendo. Esse tal de Papandrakis tinha orgulho de sua origem?

— Sim — disse Jenny —, era extremamente orgulhoso dela. Por quê?

— Bem, se ele tinha orgulho de ser grego, devia conhecer a mitologia grega. Sabem, na antiga mitologia grega havia um deus chamado Proteu. Desconfio que era esta a palavra que o seu Papandrakis estava tentando escrever na parede. Proteu. Um deus que vivia na terra, se arrastava pelas suas entranhas. Um deus que não tinha forma própria. Um deus que podia assumir a forma que quisesse... e que se alimentava de tudo e todos que desejasse.

Deixando transparecer na voz a sua frustração, Tal Whitman falou: — O que é toda essa história de sobrenatural? Quando nos

comunicamos com a coisa pelo computador, ela insistiu em dar a si mesma os nomes de demônios.

Flyte explicou: — O demônio amorfo, o deus informe e geralmente maligno que pode assumir a forma que deseja... essas são figuras relativamente comuns na maioria dos sistemas mitológicos antigos, e na maioria das religiões do mundo, senão em todas. Tal criatura mitológica aparece sob dezenas de nomes em todas as culturas do mundo. Tomem como exemplo o Antigo Testamento da Bíblia. Satanás aparece primeiro como uma serpente, depois como um bode, um cervo, um besouro, uma aranha, uma criança, um mendigo e muitas outras coisas. Entre outros nomes, é chamado de: Mestre do Caos e da Informidade, Mestre do Engodo, a Besta de Muitas Caras. A Bíblia nos diz que Satanás é "mutável como as sombras" e "tão esperto quanto a água, pois a água pode se transformar em vapor ou gelo, e do mesmo modo Satanás pode se transformar naquilo que deseja se transformar.

— Está querendo dizer que o transmorfo aqui em Snowfield é Satanás?

— Bem... de uma certa forma, sim. Frank Autry sacudiu a cabeça.

— Não. Não sou um homem que acredita em assombrações, dr. Flyte.

— Nem eu — assegurou-lhe o dr. Flyte. — Não estou discutindo que esta coisa seja um ser sobrenatural. Não é... é real, uma criatura de carne, embora não de carne como a nossa. Não é um espírito ou um diabo. No entanto... de certa forma... creio que seja Satanás. Porque, sabem, eu acredito que foi esta criatura, ou outra parecida com ela, outra monstruosa sobrevivente da era mesozóica, que inspirou o mito de Satanás. Nas épocas pré-históricas, os homens devem ter encontrado uma dessas coisas, e alguns deles devem ter vivido para falar nela.

Naturalmente, descreveram as suas experiências na terminologia do mito e da superstição. Desconfio que a maioria das figuras demoníacas das várias religiões do mundo são, na realidade, relatos desses transmorfos, relatos passados de geração a geração, inúmeras vezes, até que finalmente foram descritos em hieróglifos,

pergaminhos e depois na palavra impressa. Eram relatos de uma fera muito rara, muito real, muito perigosa... porém descrita na linguagem do mito religioso.

Jenny achou esta parte da tese de Flyte a um só tempo maluca e brilhante, improvável mas convincente.

— A coisa consegue absorver o conhecimento e as lembranças daqueles de quem se alimenta — disse ela —, e portanto sabe que muitas de suas vítimas o encaram como sendo o Diabo, assim, obtém uma espécie de prazer perverso em desempenhar este papel.

Bryce falou:

— Parece gostar de debochar de nós.

Sara Yamaguchi prendeu os longos cabelos por detrás das orelhas e disse: — Dr. Flyte, que tal explicar tudo isso em termos científicos.

Como é que uma criatura dessas pode existir? Como pode funcionar biologicamente? Qual é a sua racionalização científica, a sua teoria?

Antes que Flyte pudesse responder, aquilo veio.

No alto de uma parede, perto do teto, uma grade de metal que cobria um conduto de aquecimento soltou-se de seus parafusos. Voou para dentro da sala, caiu em cima de uma mesa vazia, deslizou da mesa para o chão ruidosamente.

Jenny e os outros levantaram-se de um salto das cadeiras onde estavam sentados.

Lisa gritou, apontou.

O transmorfo saía de dentro do conduto. Ficou ali, pendendo da parede. Escuro. Molhado. Pulsante. Como uma massa de ranho brilhante e sangrenta suspensa da beirada de uma narina.

Bryce e Tal levaram a mão aos revólveres, depois hesitaram. Não havia absolutamente nada que pudessem fazer.

A coisa continuou a sair de dentro do conduto, inchando, ondulando, formando uma massa obscena, informe, revolvedora, do tamanho de um homem. Depois, ainda fluindo de dentro do buraco, começou a deslizar parede abaixo. Formou um monte no chão. Agora, muito maior do que um homem, ainda saindo de dentro do conduto.

Crescendo, crescendo.

Jenny olhou para Flyte.

O rosto do professor não conseguia se firmar numa única expressão.

Experimentou espanto, depois terror, depois assombro, depois nojo, depois assombro, terror e espanto de novo.

A massa viscosa, de protoplasma escuro sempre a se revolver, era agora do tamanho de três ou quatro homens, e maior quantidade ainda da coisa nojenta continuava a jorrar do conduto de aquecimento, num fluxo revoltante e nauseante.

Lisa teve ânsias de vômito e virou o rosto.

Mas Jenny não conseguia tirar os olhos da coisa. Havia uma fascinação grotesca que não podia ser negada.

Na aglomeração já enorme de tecidos informes que se projetara para dentro da sala, começaram a se formar membros, muito embora nenhum deles mantivesse a sua forma por mais de poucos segundos.

Braços humanos, tanto de homens quanto de mulheres, estendiam-se como que buscando ajuda. Os braços finos e agitados de crianças formavam-se no tecido gelatinoso, alguns deles com as mãozinhas abertas, como que numa súplica muda e patética. Era difícil raciocinar que aqueles não eram braços de crianças presas dentro do transmorfo; eram imitações, braços fantasmas, uma parte da coisa, não uma parte de qualquer criança. E garras. Uma variedade espantosa e assustadora de garras e patas de animais aparecia no caldo protoplásmico. Havia também partes de insetos, enormes, imensamente exageradas, aterradoramente frenéticas e ansiosas. Mas tudo isso voltava rapidamente a se fundir com o protoplasma informe praticamente logo depois que tinha tomado forma.

O transmorfo se expandia pela largura da sala. Estava agora maior do que um elefante.

Enquanto a coisa se entretinha naquele padrão contínuo, implacável, misterioso de modificações aparentemente sem sentido, Jenny e os outros recuaram para junto das janelas.

Lá fora, na rua, a neblina se agitava na sua própria dança informe, como se fosse um reflexo fantasmagórico do transmorfo.

Flyte falou com uma urgência repentina, respondendo às perguntas que Sara Yamaguchi formulara, como se sentisse que não lhe sobrava muito tempo para responder.

— Há uns vinte anos, me ocorreu que poderia haver uma conexão entre os desaparecimentos em massa e a inexplicável extinção de certas espécies nas eras geológicas pré-humanas. Como os dinossauros, por exemplo.

O transmorfo pulsava e latejava, chegando quase ao teto, lotando toda a extremidade oposta da sala.

Lisa se agarrou a Jenny.

Um odor vago mas repelente estava no ar. Com um leve cheiro de enxofre. Como uma corrente de ar vinda do Inferno.

— Existem inúmeras teorias que tentam explicar a extinção dos dinossauros — continuou Flyte —, mas não há uma única que responda-a todas as perguntas. Então, fiquei pensando... e se os dinossauros tivessem sido exterminados por outra criatura, um inimigo natural, um caçador e lutador superior? Teria que ter sido algo grande.

E teria que ter sido também algo com um esqueleto muito frágil, ou talvez sem esqueleto nenhum, pois jamais encontramos registros de fósseis de qualquer espécie que pudesse ter competido com aqueles grandes sáurios.

Um arrepio percorreu toda a massa de limo tenebroso, revolvedor. Por toda a sua extensão, dúzias de caras começaram a aparecer.

— E se — dizia Flyte — várias dessas criaturas amebóides tivessem sobrevivido por milhões de anos...

Caras humanas e animais surgiram de dentro da carne amorfa, cintilaram nela.

— ...vivendo em rios ou lagos subterrâneos...

Havia rostos que não tinham olhos. Outros não tinham bocas.

Mas, então, os olhos apareceram, se abriram. Eram olhos dolorosamente reais, penetrantes, cheios de dor, medo e sofrimento.

— ...ou em profundos fossos oceânicos...

E bocas se rasgaram naquelas fisionomias previamente sem fendas.

— ...milhares de pés abaixo da superfície do mar... Lábios se formaram em volta das bocas abertas.

— ...alimentando-se da vida marinha...

Os rostos fantasmas estavam berrando, no entanto não emitiam som algum.

— ...subindo à tona infrequentemente para se alimentar...

Caras de gatos. Caras de cães. Fisionomias de répteis pré-históricos.

Erguendo-se como balões de dentro do limo.

—...e menos frequentemente ainda alimentando-se de seres humanos...

Para Jenny, os rostos humanos pareciam estar espiando do outro lado de um espelho enfumaçado. Nenhum deles chegava a tomar forma completamente. Tinham que se dissolver, pois havia inúmeros novos rostos irrompendo e se aglutinando por baixo deles. Era um espetáculo de sombras interminavelmente bruxuleantes dos perdidos e amaldiçoados.

Então os rostos pararam de se formar.

A massa imensa ficou quieta por um momento, pulsando lenta e quase imperceptivelmente, porém, exceto por isso, imóvel.

Sara Yamaguchi gemia baixinho.

Jenny abraçava Lisa com força.

Ninguém falava. Durante diversos segundos, ninguém sequer ousava respirar.

E então, numa nova demonstração de sua maleabilidade, o inimigo antigo abruptamente fez brotar do corpo dezenas de tentáculos.

Alguns eram grossos, com ventosas de lula ou de polvo. Outros eram finos, pegajosos; alguns destes eram lisos, alguns segmentados. Eram ainda mais obscenos do que os tentáculos gordos e de aparência úmida.

Alguns desses apêndices deslizavam para a frente e para trás no chão, derrubando cadeiras e afastando mesas do lugar, enquanto outros se contorciam no ar, como cobras que dançassem ao som da música de um encantador de serpentes.

Então, aquilo atacou. Moveu-se rapidamente, adiantou-se.

Jenny deu um passo cambaleante para trás. Estava no canto da sala.

Os muitos tentáculos vieram na direção deles, como chicotes, cortando o ar com um som sibilante.

Lisa não podia mais deixar de olhar. Soltou uma exclamação abafada ante o que viu.

Numa fração de segundo, os tentáculos cresceram dramaticamente.

Uma corda de carne fria, escorregadia, totalmente estranha, desabou sobre as costas da mão de Jenny. Enroscou-se no seu pulso.

Não!

Com um arrepio de alívio, ela se libertou. Não fora preciso muito esforço para se libertar. Evidentemente, a coisa não estava realmente interessada nela; não agora; não ainda.

Ela se agachou enquanto os tentáculos chicoteavam o ar acima de sua cabeça, e Lisa se agachou junto dela.

Na sua pressa de sair do caminho da criatura, Flyte tropeçou e caiu.

Um tentáculo se moveu na sua direção.

Flyte se arrastou para trás, até dar de encontro à parede.

O tentáculo seguiu-o, pairou acima dele, como se quisesse golpeá-lo. Depois, afastou-se. Também não estava interessado em Flyte.

Embora o gesto fosse inútil, Bryce disparou o seu revólver.

Tal gritou algo que Jenny não compreendeu. Meteu-se na frente dela e de Lisa, ficando entre elas e o transmorfo.

Depois de passar por Sara, a coisa agarrou Frank Autry. Era ele que ela queria. Dois grossos tentáculos envolveram o tórax de Frank e o afastaram dos demais.

Chutando, socando, arranhando a coisa que o agarrava, Frank soltou um grito sem palavras, o rosto contorcido de horror.

Todos agora gritavam — até Bryce, até Tal.

Bryce foi atrás de Frank. Agarrou-lhe o braço direito. Tentou arrancá-lo da fera, que, implacavelmente, puxava-o para junto de si.

— Tire isso de cima de mim! Tire isso de cima de mim! — berrou Frank.

Bryce tentou arrancar um dos tentáculos de cima do delegado.

Outro dos apêndices grossos e limosos levantou-se do chão, rodopiou, chicoteou, atingiu Bryce com uma força tremenda, atirando-o ao solo.

Frank foi erguido do chão e mantido em pleno ar. Seus olhos saltaram ao olhar para o corpo escuro, limoso, mutável do inimigo antigo. Ele chutava e se debatia em vão.

Outro pseudópode brotou da massa central do transmorfo e se ergueu no ar, vibrando com ansiedade selvagem. Ao longo de uma parte da extensão repulsiva do tentáculo, a pele mosqueada cinza-marrom-vermelha-castanha pareceu se dissolver. O tecido em carne viva, supurando, apareceu.

Lisa teve ânsias de vômito.

Não era apenas a visão da carne supurada que era abominável e nauseante. O cheiro repulsivo também ficara mais forte.

Um liquido amarelado começou a pingar da ferida aberta no tentáculo. Onde os pingos atingiam o chão, chiavam, espumavam e dissolviam o ladrilho.

Jenny ouviu alguém dizer:

— Ácido!

Os gritos de Frank tornaram-se uns guinchos penetrantes e alucinados de terror e desesperança.

O tentáculo que pingava ácido envolveu sinuosamente o pescoço do delegado e apertou-o como se fosse um garrote.

— Oh, Jesus, não!

— Não olhe — disse Jenny para Lisa.

O transmorfo estava mostrando a eles como decapitara Jakob e Aida Liebermann. Como uma criança se exibindo.

O grito de Frank morreu num gorgolejo borbulhante, mucoso, sanguinolento. O tentáculo devastador cortou o seu pescoço com rapidez surpreendente. Apenas um ou dois segundos depois de Frank ter sido silenciado, sua cabeça se soltou e caiu ao chão, chocando-se contra os ladrilhos.

Jenny sentiu o gosto da bile no fundo da garganta, fez força para engoli-la.

Sara Yamaguchi soluçava.

A coisa ainda segurava o corpo sem cabeça de Frank em pleno ar. Agora, na massa de tecido informe de onde tinham brotado os tentáculos, uma goela imensa e sem dentes abriu-se, esfomeada. Tinha tamanho mais do que suficiente para engolir um homem inteiro. Os tentáculos levaram o corpo decapitado do delegado até a boca rasgada e escancarada. A carne escura ressumbrou ao redor do corpo. Então, a boca cerrou-se firmemente e deixou de existir.

Frank Autry também deixara de existir.

Bryce fitou, em choque, a cabeça cortada de Frank. Os olhos sem visão olhavam para ele, através dele.

Frank estava morto. Frank, que sobrevivera a várias guerras, que sobrevivera a uma vida de serviços perigosos, não sobrevivera a isto.

Bryce pensou em Ruth Autry. Seu coração, que já batia feito louco, retorceu-se de dor ao imaginar Ruth sozinha. Ela e Frank tinham sido excepcionalmente ligados. Dar-lhe a notícia seria doloroso.

Os tentáculos voltaram a entrar para dentro do bolo pulsante de tecido informe; dentro de um ou dois segundos, tinham desaparecido.

A imensa massa informe, ondulante, preenchia um terço do aposento.

Bryce podia imaginá-la ressumbrando velozmente pelos pântanos pré-históricos, misturando-se com a lama, atacando as presas furtivamente. É, seria mais do que páreo para os dinossauros.

Anteriormente, ele acreditara que o transmorfo o tinha poupado e a alguns dos outros para que pudessem atrair Flyte para Snowfield.

Agora, dava-se conta de que não era bem isso. A coisa poderia tê-los consumido e depois imitado as suas vozes ao telefone, e Flyte teria sido convencido a vir a Snowfield com a mesma facilidade. Ela os poupara por algum outro motivo. Talvez os tivesse poupado apenas para matá-

los, um por um, na frente de Flyte, para que este pudesse ver exatamente como funcionava.

Santo Deus.

O transmorfo se agigantava acima deles, tremendo feito gelatina, toda aquela massa grotesca pulsando como que com as batidas não sincronizadas de uma dúzia de corações.

Numa voz ainda mais trêmula do que Bryce se sentia, Sara Yamaguchi falou:

— Gostaria que houvesse algum meio de obtermos uma amostra do tecido. Daria qualquer coisa para poder estudá-la sob um microscópio... ter alguma ideia da estrutura celular. Quem sabe conseguiríamos achar um ponto fraco... um modo de lidar com isso, quem sabe até de derrotá-lo.

Flyte falou: — Gostaria de estudá-lo... só para conseguir compreender... só para saber.

Uma extrusão de tecidos ressumbrou do centro da massa informe. Começou a adquirir forma humana. Bryce ficou chocado ao ver Gordy Brogan se aglutinando à sua frente. Antes do fantasma estar inteiramente completo, enquanto o corpo ainda estava irregular e pouco detalhado, o rosto não de todo terminado, a boca se abriu e a réplica de Gordy falou. Mas não com a voz de Gordy. A voz era de Stu Wargle, um toque supremamente desconcertante.

— Vá ao laboratório — disse, a boca apenas parcialmente formada, mas falando com perfeita clareza. — Eu lhe mostrarei tudo o que quer ver, dr. Flyte. O senhor é meu Mateus. Meu Lucas. Vá ao laboratório. Vá ao laboratório.

A imagem incompleta de Gordy Brogan dissolveu-se quase como se tivesse sido composta de fumaça.

O bolo de tecido projetado, do tamanho de um homem, voltou a fluir para dentro do bolo maior às suas costas.

A massa inteira, pulsante e ondulante, começou a voltar na direção da parede e do conduto de aquecimento.

Bryce imaginou, inquieto, que quantidade ainda haveria daquilo dentro das paredes do hotel. Que quantidade daquilo estaria à espera nos escoadouros? De que tamanho seria o deus Proteu?

Enquanto a coisa ia se afastando deles, orifícios de formatos estranhos foram se abrindo em toda a superfície, nenhum maior do que uma boca humana, uma dúzia deles, duas dúzias, e começaram a emitir sons: o chilrear de pássaros, os gritos das gaivotas, o zumbido das abelhas, rosnados, silvos, a risada doce de

uma criança, canções distantes, o piar de uma coruja, o chocalhar de advertência de uma cascavel. Esses ruídos, todos ecoando simultaneamente, formaram um coro desagradável, irritante, decididamente agourento.

E então o transmorfo desapareceu pelo buraco da parede.

Apenas a cabeça cortada de Frank e a grade entortada do conduto de aquecimento permaneciam como prova de que algo nascido no Inferno estivera ali.

Segundo o relógio elétrico de parede, eram 3h44.

A noite estava praticamente no fim.

Quanto tempo ainda resta até o alvorecer? perguntou-se Bryce.

Uma hora e meia? Uma hora e quarenta minutos, ou mais?

Supunha que isso não tinha importância.

De qualquer forma, não esperava estar vivo para ver o sol nascer.

37

Ego

A porta do segundo laboratório se achava escancarada. As luzes estavam acessas. As telas do computador brilhavam. Tudo estava pronto para eles.

Jenny estivera tentando se agarrar à crença de que ainda poderiam resistir, de que ainda tinham uma chance, embora pequena, de influenciar o curso dos acontecimentos. Agora, essa crença frágil e preciosa fora destroçada. Estavam impotentes. Podiam fazer apenas o que aquilo queria, ir apenas aonde aquilo permitia.

Os seis entraram no laboratório.

— E agora? — quis saber Lisa.

— Esperamos — disse Jenny.

Flyte, Sara e Lisa sentaram-se diante das três telas de terminal iluminadas. Jenny e Bryce se apoiaram num balcão, e Tal ficou junto à porta aberta, olhando para fora.

A neblina passava espumando pela porta.

Esperamos, Jenny dissera a Lisa. Mas esperar não era fácil.

Cada segundo era uma provação de expectativas tensas e mórbidas.

De onde viria a morte, a seguir?

E sob que forma fantástica?

E para quem chegaria, desta vez?

Finalmente, Bryce falou: — Dr. Flyte, se essas criaturas pré-históricas sobreviveram durante milhões de anos em lagos e rios subterrâneos, nos fossos marítimos mais profundos... ou seja lá onde for... e se sobem à superfície para se alimentar... por que então os desaparecimentos em massa não são mais comuns?

Flyte ficou puxando o queixo com uma mão magra e de dedos longos e falou: — Porque elas raramente encontram seres humanos.

— Mas por que raramente?

— Duvido que mais de um punhado desses animais tenha sobrevivido. Pode ter havido mudanças climáticas que mataram a maioria e levaram os restantes a uma existência subterrânea e suboceânica.

— Apesar disso, mesmo alguns deles...

— Raros deles — enfatizou Flyte — espalhados por toda a terra.

E talvez, se alimentem apenas de tempos em tempos. Vejam, por exemplo, a jiboia. Esta cobra se alimenta apenas uma vez a cada período de várias semanas. Então, quem sabe essa coisa se alimenta irregularmente, quem sabe uma vez a cada período de diversos meses, ou mesmo uma vez a cada dois anos. O seu metabolismo é tão totalmente distinto do nosso que praticamente qualquer coisa pode ser possível.

— Será que o seu ciclo vital pode incluir períodos de hibernação — perguntou Sara — que durem não apenas uma estação ou duas, mas anos de cada vez?

— Sim, sim — concordou Flyte, meneando a cabeça. — Muito bom. Muito bom, mesmo. Isso também ajudaria a explicar por que a coisa encontra homens apenas em certos períodos. E deixe que lhes lembre que a humanidade habita menos de um por cento da superfície do planeta. Mesmo que o inimigo antigo se alimentasse com certa frequência, raramente se depararia conosco.

— E quando se deparasse — falou Bryce —, provavelmente nos encontraria no mar, porque a maior parte da terra é coberta de água.

— Exatamente — falou Flyte. — E, se levasse todo mundo a bordo do navio, não haveria testemunhas, jamais saberíamos desses contatos. A história dos mares está repleta de histórias de navios desaparecidos e navios fantasmas cujas tripulações desapareceram.

— O Mary Celeste — disse Lisa, lançando um olhar para Jenny.

Jenny lembrou-se de quando a irmã mencionara o Mary Celeste pela primeira vez. Fora no domingo à noitinha, quando tinham ido à casa vizinha dos Santinis e encontraram a mesa posta para o jantar.

— O Mary Celeste é um caso famoso — concordou Flyte. — Mas não é o único. Literalmente centenas e centenas de navios desapareceram sob circunstâncias misteriosas desde que se vêm mantendo registros náuticos confiáveis. Com tempo bom, em épocas de paz, sem nenhuma explicação "lógica". No total, as tripulações desaparecidas devem somar dezenas de milhares de homens.

Do seu posto junto à porta aberta do laboratório, Tal disse: — Aquela área do Caribe onde tantos navios desapareceram...

— O Triângulo das Bermudas — disse Lisa, rapidamente.

— É — disse Tal. — Seria possível que...?

— Fosse obra do transmorfo? — disse Flyte. — Sim.

Possivelmente. Ao longo dos anos tem havido também uma redução drástica na quantidade de peixe nessa área, portanto a teoria do inimigo antigo é aplicável.

As seguintes palavras apareceram nas telas dos terminais: EU LHE ENVIO UMA ARANHA.

— O que será que isso quer dizer? — indagou Flyte. Sara datilografou: ESCLAREÇA.

A mesma mensagem foi repetida: EU LHE ENVIO UMA ARANHA.

ESCLAREÇA.

OLHE AO SEU REDOR.

Foi Jenny quem a viu primeiro. Estava parada na superfície de trabalho à esquerda do terminal que Sara estava usando. Uma aranha preta. Não tão grande quanto uma tarântula, mas muito maior do que uma aranha comum.

Ela voltou a formar um bolo, retraindo as pernas compridas.

Modificou-se. A princípio, emitiu um brilho opaco. O colorido preto foi substituído pelo cinza-marrom-vermelho já conhecido do transmorfo. A forma de aranha se dissolveu. O bolo de carne amorfa assumiu outro formato, mais comprido: transformou-se numa barata, uma barata medonha, irrealisticamente grande. E depois num camundongo, com bigodes que se contorciam.

Novas palavras surgiram nas telas dos terminais.

EIS AQUI A AMOSTRA DE TECIDO QUE O SENHOR PEDIU, DR. FLYTE.

— Pombas, como está cooperando, de repente — falou Tal.

— Porque sabe que nada que a gente descubra a seu respeito ajudará a destruí-lo — retrucou Bryce, taciturno.

— Tem que haver uma maneira — insistiu Lisa. — Não podemos perder a esperança. Não podemos.

Jenny ficou olhando, fascinada, enquanto o camundongo se dissolvia e voltava a ser uma massa de tecido informe.

ESTE É MEU CORPO SAGRADO, QUE VOS DOU, disse a coisa, continuando a zombar deles com referências religiosas.

A massa ondulou e se revolveu dentro de si mesma, formando concavidades e convexidades minúsculas, nódulos e buracos. Não conseguia ficar inteiramente parada, do mesmo modo que a massa maior, aquela que matara Frank Autry, parecera incapaz de ou relutante em ficar imóvel mesmo que fosse por um segundo.

EIS 0 MILAGRE DA MINHA CARNE, POIS É APENAS EM MIM QUE PODEIS ALCANÇAR A IMORTALIDADE. NÃO EM DEUS. NÃO EM CRISTO. APENAS EM MIM.

— Estou vendo o que vocês querem dizer quando falam que a criatura tem prazer em debochar e ridicularizar — disse Flyte.

A tela piscou. Nova mensagem apareceu: VOCÊS PODEM TOCÁ-LA. Apagar.

NENHUM MAL LHES ACONTECERÁ SE A TOCAREM. Ninguém se adiantou para a massa trêmula de carne estranha. TIREM

AMOSTRAS PARA SEUS TESTES. FAÇAM COM ELA O QUE QUISEREM. Apagar.

QUERO QUE ME COMPREENDAM. Apagar.

QUERO QUE CONHEÇAM AS MINHAS MARAVILHAS.

Não apenas tem autopercepção; parece possuir também um ego muito desenvolvido — falou Flyte.

Finalmente, hesitante, Sara Yamaguchi estendeu a mão, colocou a ponta do dedo no pequeno bolo de protoplasma.

— Não é quente como a nossa carne. É fresca. Fresca e um pouco... gordurosa.

O pequeno pedaço do transmorfo tremia, agitadamente. Sara retirou a mão, rapidamente.

— Vou ter que cortá-lo.

— É — disse Jenny. — Vamos precisar de um ou dois cortes transversais finos para a microscopia de luz.

— E mais outro para o microscópio de elétron — falou Sara. — E de um pedaço maior para a análise da composição química e mineral.

Através do computador, o inimigo antigo os encorajava.

PROSSIGAM, PROSSIGAM, PROSSIGAM, PROSSIGAM

PROSSIGAM

PROSSIGAM

PROSSIGAM

38

Uma possibilidade de êxito, depois da longa luta

Mechas de neblina penetravam pela porta aberta, invadindo o laboratório. Sara estava sentada a um balcão de trabalho, debruçada sobre um microscópio.

— Incrível — falou baixinho.

Jenny estava sentada diante de outro microscópio, ao lado de Sara, examinando outra lâmina do tecido do transmorfo.

— Nunca vi uma estrutura celular como esta.

— É impossível... no entanto aí está — disse Sara.

Bryce achava-se parado atrás de Jenny. Estava ansioso para que ela o deixasse dar uma olhada na lâmina. Não significaria muito para ele, é claro. Não sabia a diferença entre a estrutura celular normal e a anormal. Apesar disso, tinha que dar uma olhada naquilo.

Embora o dr. Flyte fosse um cientista, não era um biólogo; a estrutura celular significaria para ele pouco mais do que significava para Bryce. No entanto, ele também se sentia ansioso para dar uma espiadinha. Estava atrás do ombro de Sara, à espera. Tal e Lisa também se achavam por perto, igualmente ansiosos para dar uma olhada no Diabo numa lâmina de vidro.

Ainda olhando atentamente pelo microscópio, Sara falou: — A maior parte do tecido não tem estrutura celular.

— O mesmo acontece com esta amostra — falou Jenny.

— Mas toda matéria orgânica tem que ter estrutura celular — disse Sara. — A estrutura celular é virtualmente uma definição da matéria orgânica, um requisito de todos os tecidos vivos, planta ou animal.

— A maior parte disto aqui me parece inorgânico — disse Jenny —, mas é claro que não pode ser.

Bryce concordou: — É. Todos sabemos bem demais o quanto aquilo está vivo.

— Vejo umas células aqui e ali — falou Jenny. — Não muitas; só algumas.

— Há algumas nesta amostra também — falou Sara. — Mas cada célula parece existir independentemente das outras.

— Estão bem separadas, é verdade — disse Jenny. — Parece que estão nadando num mar de matéria não diferenciada.

— Paredes celulares muito flexíveis — disse Sara. — Um núcleo trifurcado. Isso é estranho. E ocupa quase metade do espaço celular inferior.

— O que significa isso? — perguntou Bryce. — É importante?

— Não sei se é importante ou não — respondeu Sara, afastando-se do microscópio e franzindo o cenho. — Só não sei a que conclusão chegar.

Em todas as três telas do computador uma pergunta apareceu: NÃO ESPERAVAM QUE A CARNE DE SATANÁS FOSSE MISTERIOSA?

O transmorfo lhes mandara uma amostra da sua carne do tamanho de um camundongo, mas até agora ela não fora toda utilizada nos diversos testes. Metade dela permanecia numa placa de Petri, sobre o balcão.

Ela tremia gelatinosamente.

Transformou-se de novo numa aranha e rodeou a placa, inquieta.

Transformou-se numa barata e começou a correr de um lado para o outro por algum tempo.

Transformou-se numa lesma.

Num grilo.

Num besouro verde com um padrão vermelho rendado na carapaça.

Bryce e o dr. Flyte estavam agora sentados em frente aos microscópios, enquanto Lisa e Tal esperavam a sua vez.

Jenny e Sara encontravam-se na frente de um VDT, onde realçada pelo computador uma representação de uma varredura automática de microscópio de elétron estava em andamento. Sara

dirigira o sistema para focalizar e fixar-se no núcleo de uma das células completamente dispersas do transmorfo.

— Alguma ideia? — perguntou Jenny.

Sara fez que sim, mas não afastou os olhos da tela.

— A esta altura, posso apenas dar um palpite. Mas diria que a matéria não diferenciada, claramente o grosso da criatura, é aquilo que pode imprimir qualquer estrutura celular que deseje; é o tecido que faz as imitações. Pode se formar em células de cão, células de coelho, células humanas... Mas quando a criatura está em repouso, aquele tecido não tem estrutura celular própria. Quanto às poucas células dispersas que vemos... bem, de alguma forma elas devem controlar o tecido amorfo. As células dão as ordens; produzem enzimas ou sinais químicos que dizem ao tecido desestruturado no que deve se transformar.

— Então, essas células dispersas permaneceriam imutáveis o tempo todo, independentemente da forma que a criatura assumisse.

— Sim, é o que parece. Se o transmorfo se tornasse um cão, por exemplo, e se tirássemos amostras do tecido do cão, veríamos células de cão. Mas aqui e ali, espalhadas pela amostra, depararíamos com estas células flexíveis com seu núcleo trifurcado, e teríamos prova de que não era absolutamente um cão.

— E isso nos diz alguma coisa que possa ajudar a nossa salvação? — indagou Jenny.

— Ao que me consta, não.

Na placa de Petri, o pedaço de tecido amorfo tinha voltado a assumir a identidade de uma aranha. Depois a aranha se dissolveu e apareceram dúzias de pequenas formigas, correndo pela placa e se atropelando umas às outras. As formigas se uniram para formar uma única criatura — uma minhoca. A minhoca se retorceu por um momento e se transformou num bicho-de-conta muito grande. O bicho-de-conta virou um besouro. O ritmo das modificações parecia estar aumentando.

— E quanto a um cérebro? — perguntou-se Jenny em voz alta.

Sara indagou:

— O que quer dizer com isso?

— A coisa tem que ter um centro de intelecto. Sem dúvida, as suas lembranças, conhecimento, capacidade de raciocínio não

estão armazenados nestas células dispersas.

— Você provavelmente tem razão — disse Sara. — Em algum lugar da criatura é provável que exista um órgão análogo ao cérebro humano. Não igual ao nosso, é claro. Muito, muito diferente. Mas com alguma função similar. Ele provavelmente controla as células que vimos, e elas, por sua vez, controlam o protoplasma informe.

Cada vez mais empolgada, Jenny falou: — As células cerebrais teriam pelo menos uma coisa importante em comum com as células espalhadas pelo tecido amorfo: jamais mudariam de forma.

— Isso provavelmente é verdade. É difícil imaginar como as lembranças, a função lógica e a inteligência possam ser armazenadas em qualquer tecido que não tenha uma estrutura celular permanente, relativamente rígida.

— Assim o cérebro seria vulnerável — falou Jenny. A esperança brotou nos olhos de Sara.

— Se o cérebro não é um tecido amorfo — continuou Jenny — .então não pode se recompor quando é danificado. Faça um buraco nele, e o buraco permanecerá ali. O cérebro ficará permanentemente danificado. Se sofrer um dano grande o bastante, não poderá controlar o tecido amorfo que forma o seu corpo, e o corpo também morrerá.

Sara a fitava.

— Jenny, acho que talvez você tenha descoberto algo. Bryce falou: — Se pudéssemos localizar o cérebro e déssemos uns tiros nele, deteríamos a coisa. Mas como vamos localizá-lo? Algo me diz que o transmorfo conserva o seu cérebro bem protegido, escondido de nós, embaixo da terra.

A empolgação de Jenny desapareceu. Bryce tinha razão. O cérebro podia ser o ponto fraco da coisa, mas eles não teriam oportunidade de testar essa teoria.

Sara consultava os resultados da análise mineral e química da amostra de tecido.

— Uma lista extremamente variada de hidrocarbonetos — falou.

— E alguns são mais do que simples traços. Um teor muito elevado de hidrocarbonetos.

— Os carbonos são um elemento básico de todo tecido vivo — disse Jenny. — O que há de diferente nisso?

— O grau. Há uma abundância muito grande de carbono em forma bem diferente...

— E isso nos ajuda, de alguma forma?

— Não sei — respondeu Sara, pensativa. Folheou as saídas impressas, examinando o resto dos dados.

Bicho-de-conta.

Gafanhoto.

Lagarta.

Besouro. Formigas. Lagarta. Bicho-de-conta.

Aranha, centopeia, barata, lacraia, aranha.

Besouro-minhoca-aranha-lesma-centopeia.

Lisa fitava o bolo de tecido na placa de Petri. Ele sofria uma série rápida de modificações, muito mais depressa do que antes, cada vez mais depressa, a cada minuto que se passava.

Havia algo errado.

— Petrolato — disse Sara. Bryce perguntou: — O que é isso?

— Geleia de petróleo — explicou Jenny.

— Quer dizer... como vaselina? — indagou Tal.

E Flyte disse para Sara: — Mas, sem dúvida, você não está dizendo que o tecido amorfo é algo tão simples quanto o petrolato.

— Não, não, não — replicou Sara rapidamente. — Claro que não. Este é um tecido vivo. Mas existem similaridades no teor de hidrocarbonetos. A composição do tecido é bem mais complexa do que a composição do petrolato, é claro. Uma lista mais comprida de minerais e substâncias químicas do que se encontraria num corpo humano. Uma série de ácidos e alcalinos... Não consigo entender como é que se nutre, como respira, como funciona sem um sistema circulatório, sem sistema nervoso aparente, ou como cria novos tecidos sem usar um formato celular. Mas esses valores de hidrocarbonetos extremamente elevados...

Sua voz foi sumindo. Os olhos pareceram ficar fora de foco, e ela não estava mais fitando os resultados dos testes.

Observando a geneticista, Tal teve a sensação de que ela ficara, de repente, empolgada com alguma coisa. Não transparecia no seu rosto ou em qualquer aspecto de seu corpo ou postura. No entanto, havia nela algo de definitivamente novo que dizia a Tal que ela descobrira uma coisa importante.

Tal lançou um olhar para Bryce. Seus olhos se encontraram. Ele viu que Bryce também se apercebera da mudança em Sara.

Quase inconscientemente, Tal cruzou os dedos.

— É melhor virem dar uma olhada nisto — disse Lisa, com urgência. Estava junto à placa de Petri que continha a porção da amostra de tecido que ainda não haviam usado.

— Depressa, venham cá! — chamou Lisa, quando não vieram prontamente.

Jenny e os outros se reuniram e fitaram a coisa na placa de Petri. Gafanhoto-minhoca-lacraia-lesma-centopeia.

— Está se alternando cada vez mais depressa — disse Lisa.

Aranha-minhoca-lacraia-aranha-lesma-aranha-minhoca-aranhaminhoca...

É depois mais depressa ainda.

...aranhaminhocaranhaminhocaranhaminhocaranha...

— Mal se transforma em minhoca e já começa a se transformar em aranha de novo — disse Lisa. — Feito uma desesperada, Estão vendo? Há alguma coisa acontecendo com ela.

— Parece que perdeu o controle, que enlouqueceu — disse Tal.

— Está tendo uma espécie de colapso — falou Flyte.

Abruptamente, a composição da pequena porção de tecido amorfo se modificou. Um líquido leitoso escorreu dela; depois ficou sendo apenas um monte de papa mole e sem vida.

Não se mexeu.

Não assumiu outra forma.

Jenny teve vontade de tocar nela; não teve coragem.

Sara pegou uma pequena colher de laboratório, cutucou a coisa na placa.

Ela não se moveu.

Sara remexeu-a com a colher.

O tecido se liquefez ainda mais, porém não teve nenhuma outra reação.

— Está morto — disse Flyte, baixinho.

Bryce pareceu ficar eletrizado com o acontecimento. Virou-se para Sara.

— O que havia na placa de Petri antes de você colocar nela a amostra do tecido?

— Nada.

— Devia haver um resíduo.

— Não.

— Pense, droga. Nossas vidas dependem disso.

— Não havia nada na placa. Eu a retirei do aparelho esterilizador.

— Algum traço de uma substância química...

— Estava perfeitamente limpa.

— Espere, espere, espere. Algo na placa deve ter reagido com o tecido do transmorfo — falou Bryce. — Certo? Não está claro?

— E seja o que for que estava na placa — falou Tal —, é a nossa arma.

— É o material que vai matar o transmorfo — disse Lisa.

— Não necessariamente — falou Jenny, detestando ter que destroçar as esperanças da jovem.

— Parece fácil demais — concordou Flyte, penteando os cabelos brancos desgrenhados com uma mão trêmula. — Não vamos tirar conclusões apressadas.

— Especialmente quando há outras possibilidades — falou Jenny.

— Tais como? — quis saber Bryce.

— Bem... sabemos que a massa principal da criatura pode destacar peças de si mesma na forma que quiser, pode dirigir as atividades destas partes destacadas, e pode chamá-las de volta como chamou a parte que enviou para matar Gordy. Mas suponhamos que uma porção destacada do transmorfo possa sobreviver apenas por um período relativamente curto quando está sozinho, longe do corpo-matriz.

Suponhamos que o tecido amorfo necessite de um suprimento contínuo de uma determinada enzima para manter a sua coesão, uma enzima que não é fabricada naquelas células de controle situadas independentemente, espalhadas por todo o tecido...

— ...uma enzima que é produzida apenas pelo cérebro do transmorfo — disse Sara, continuando o fio do pensamento de Jenny.

— Exatamente — concordou Jenny. — Portanto... qualquer porção destacada teria que se reintegrar à massa principal a fim de

repor o seu suprimento de enzima vital, ou seja lá que substância for.

— Isso não é improvável — falou Sara. — Afinal de contas, o cérebro humano produz enzimas e hormônios sem os quais os nossos corpos não poderiam sobreviver. Por que o cérebro do transmorfo não poderia ter uma função semelhante?

— Tudo bem — disse Bryce. — O que esta descoberta pode significar para nós?

— Se for uma descoberta e não apenas um palpite errado — falou Jenny —, então isso significa que poderíamos destruir definitivamente o transmorfo inteiro se pudéssemos destruir o seu cérebro. A criatura não seria capaz de se separar em diversas partes, se arrastar para longe e continuar vivendo em outras encarnações. Sem as enzimas essenciais fabricadas pelo cérebro — ou hormônios ou seja lá o que for —, as partes separadas acabariam por se dissolver numa papa sem vida, como se dissolveu a coisa na placa de Petri.

Bryce descaiu de desapontamento.

— Voltamos à estaca zero. Temos que localizar o cérebro da coisa antes de termos qualquer chance de dar um golpe mortal, mas ela nunca vai deixar que o façamos.

— Não voltamos à estaca zero — disse Sara. Apontando para o limo sem vida na placa de Petri, falou: — Isto nos diz outra coisa igualmente importante.

— O quê? — perguntou Bryce, a voz cheia de frustração. — É

algo útil, algo que pode nos salvar... ou é mais uma informação bizarra?

Sara falou:

— Sabemos agora que o tecido amorfo existe num delicado equilíbrio químico que pode ser rompido.

Deixou que suas palavras produzissem efeito. Os profundos vincos de preocupação no rosto de Bryce se suavizaram um pouco.

Sara continuou:

— A carne do transmorfo pode ser danificada. Ele pode ser morto. A prova está aqui, na placa de Petri.

— Como vamos utilizar esse conhecimento? — indagou Tal. — Como vamos romper o equilíbrio químico?

— É o que temos que descobrir — respondeu Sara.

— Tem alguma ideia? — perguntou Lisa à geneticista.

— Não, nenhuma.

Mas Jenny teve, de repente, a sensação de que Sara Yamaguchi estava mentindo.

Sara queria contar-lhes o plano que lhe ocorrera, mas não podia dizer uma palavra. Primeiro, porque a sua estratégia oferecia apenas um frágil fio de esperança. Não queria dar-lhes esperanças irreais, para depois vê-las frustradas de novo. O que era ainda mais importante: se lhes contasse o que estava pensando e se, por milagre, tivesse realmente descoberto um meio de destruir o transmorfo, este escutaria o que ela ia dizer, ficaria conhecendo os seus planos e a deteria. Não havia lugar algum em que ela pudesse discutir em segurança os seus planos com Jenny, Bryce e os outros. A esperança deles era manter o inimigo antigo convencido e complacente.

Mas ela precisava arranjar tempo, várias horas, para poder colocar em ação o seu plano. O transmorfo tinha milhões e milhões de anos, era virtualmente imortal. O que eram algumas horas para esta criatura? Sem dúvida ela atenderia ao pedido de Sara. Sem dúvida.

Sentou-se a um dos terminais de computador, os olhos ardendo de cansaço. Precisava dormir. Todos eles precisavam dormir. A noite estava quase no fim. Sara passou uma das mãos pelo rosto, como se pudesse afastar o cansaço. Depois, datilografou: VOCÊ ESTÁ AÍ?

ESTOU.

COMPLETAMOS DIVERSOS TESTES, datilografou ela, enquanto os demais se agrupavam ao seu redor.

EU SEI, replicou o transmorfo.

ESTAMOS FASCINADOS. GOSTARÍAMOS DE SABER MAIS COISAS.

É CLARO.

QUEREMOS REALIZAR OUTROS TESTES.

POR QUÊ?

PARA PODERMOS SABER MAIS A SEU RESPEITO.

ESCLAREÇA, respondeu a coisa, provocadoramente.

Sara pensou por um momento, depois datilografou: O DR. FLYTE PRECISA DE DADOS ADICIONAIS PARA PODER ESCREVER A SEU RESPEITO COM AUTORIDADE.

ELE É MEU MATEUS.

PRECISA DE MAIS DADOS PARA CONTAR A SUA HISTÓRIA COMO DEVE SER CONTADA.

A criatura mandou uma resposta em três linhas no centro da tela do terminal:

— UMA FANFARRA DE TROMBETAS –
A MAIOR HISTÓRIA QUE JÁ FOI CONTADA
— UMA FANFARRA DE TROMBETAS —

Sara não tinha certeza se ela estava simplesmente zombando deles ou se o seu ego era, na verdade, tão grande que ela podia seriamente comparar a sua história à história de Cristo.

A tela piscou. Novas palavras apareceram: PROSSIGAM COM SEUS TESTES.

PRECISAMOS MANDAR PEDIR MAIS EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO.

POR QUÊ? VOCÊS TÊM UM LABORATÓRIO TOTALMENTE EQUIPADO.

As mãos de Sara estavam úmidas. Ela as enxugou nos jeans antes de dar a sua resposta.

ESTE LABORATÓRIO É TOTALMENTE EQUIPADO APENAS PARA UMA ÁREA LIMITADA DE PESQUISAS CIENTÍFICAS: A ANÁLISE DE AGENTES DE GUERRA QUÍMICA E BACTERIOLÓGICA. NÃO ESPERÁVAMOS ENCONTRAR UM SER DA SUA NATUREZA. PRECISAMOS DE OUTROS EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO PARA PODER FAZER UM TRABALHO ADEQUADO.

PROSSIGAM.

LEVARÁ VÁRIAS HORAS PARA QUE MANDEM PARA CÁ OS EQUIPAMENTOS, disse ela à criatura.

PROSSIGA.

Ela fitou a palavra, verde sobre verde, mal ousando acreditar que ganhar tempo seria assim tão fácil.

Bateu no teclado: PRECISAREMOS VOLTAR PARA O HOTEL E USAR O TELEFONE DE LÁ.

PROSSIGA, SUA PIRANHA CHATA. PROSSIGA, PROSSIGA, PROSSIGA, PROSSIGA.

As mãos dela estavam úmidas de novo. Ela as enxugou nos jeans e se pôs de pé.

Pelo modo como os outros a olhavam, ela percebeu que sabiam que estava ocultando alguma coisa e que compreendiam o motivo do seu silêncio.

Mas, como é que eles sabiam? Estaria sendo assim tão óbvia? E se eles sabiam, será que a coisa também estava sabendo?

Ela pigarreou: — Vamos embora — disse, com voz trêmula.

— Vamos embora — disse Sara Yamaguchi, como voz trêmula, mas Timothy falou: — Esperem. Só um ou dois minutos, por favor. Preciso tentar uma coisa.

Sentou-se ao terminal do computador. Embora tivesse dormido um pouco nos aviões, não estava com a mente tão aguçada quanto deveria estar. Sacudiu a cabeça e inspirou fundo diversas vezes, depois datilografou: AQUI É TIMOTHY FLYTE.

EU SEI.

PRECISAMOS TER UM DIÁLOGO.

PROSSIGA.

PRECISAMOS REALIZÁ-LO ATRAVÉS DO COMPUTADOR?

É MELHOR DO QUE O EVÔNIMO-DA-AMÉRICA.

Por um ou dois segundos, Timothy não percebeu o que ele queria dizer. Quando entendeu a piada, quase riu alto. O maldito tinha o seu senso de humor perverso. Datilografou: A SUA ESPÉCIE E A MINHA DEVEM VIVER EM PAZ.

POR QUÊ?

PORQUE PARTILHAMOS A TERRA. COMO O FAZENDEIRO PARTILHA A TERRA COM O SEU GADO.

VOCÊS SÃO O MEU GADO.

NÓS SOMOS AS DUAS ÚNICAS ESPÉCIES INTELIGENTES SOBRE A TERRA.

VOCÊS ACHAM QUE SABEM DEMAIS. NA VERDADE SABEM MUITO POUCO.

DEVEMOS COOPERAR, insistiu Flyte, teimosamente.

VOCÊS SÃO INFERIORES A MIM.

TEMOS MUITO O QUE APRENDER UM COM O OUTRO.

NÃO TENHO NADA QUE APRENDER COM A SUA ESPÉCIE.

PODEMOS SER MAIS ESPERTOS DO QUE VOCÊ IMAGINA.

VOCÊS SÃO MORTAIS, NÃO É VERDADE?

É.

PARA MIM, AS SUAS VIDAS SÃO TÃO BREVES E SEM IMPORTÂNCIA QUANTO AS VIDAS DAS EFEMÉRIDAS O SÃO PARA VOCÊS.

SE É ASSIM QUE SE SENTE, POR QUE SE IMPORTA QUE EU ESCREVA OU NÃO A SEU RESPEITO?

DIVERTE-ME QUE ALGUÉM DA SUA ESPÉCIE TENHA CRIADO UMA TEORIA SOBRE A MINHA EXISTÊNCIA. É COMO UM MIQUINHO

DE ESTIMAÇÃO APRENDENDO UM TRUQUE DIFÍCIL.

NÃO CREIO QUE SEJAMOS INFERIORES A VOCÊ, datilografou Flyte, corajosamente.

GADO.

ACREDITO QUE VOCÊ QUER QUE SE ESCREVA A SEU RESPEITO PORQUE ADQUIRIU UM EGO BEM HUMANO.

ESTÁ ERRADO.

ACREDITO QUE SÓ SE TORNOU UMA CRIATURA INTELIGENTE DEPOIS QUE COMEÇOU A SE ALIMENTAR DE CRIATURAS INTELIGENTES, DE HOMENS.

A SUA IGNORÂNCIA ME DESAPONTA.

Timothy continuou a desafiar o transmorfo.

ACREDITO QUE, JUNTAMENTE COM O CONHECIMENTO E AS LEMBRANÇAS QUE FORAM ABSORVIDAS DE SUAS VÍTIMAS HUMANAS, VOCÊ TAMBÉM ADQUIRIU INTELIGÊNCIA. DEVE A SUA EVOLUÇÃO A NÓS.

Não obteve resposta.

Timothy limpou a tela e escreveu mais: A SUA MENTE PARECE TER UMA ESTRUTURA MUITO HUMANA; EGO, SUPEREGO E ASSIM POR DIANTE.

GADO, replicou a coisa.

Apagar.

PORCOS, disse.

Apagar.

ANIMAIS ABJETOS, disse.

Apagar.

VOCÊS ME ENCHEM, disse.

E então todas as telas escureceram.

Timothy recostou-se na cadeira e soltou um suspiro.

O xerife Hammond falou: — Gostei de ver, dr. Flyte.

— Quanta arrogância — falou Timothy.

— Como convém a um deus — disse a dra. Paige. — E é mais ou menos isso que a criatura se considera.

— De uma certa forma — falou Lisa Paige —, é isso o que realmente é.

— É — concordou Tal Whitman —, para todos os fins e propósitos, bem que pode ser um deus. Tem todos os poderes de um deus, não é?

— Ou de um diabo — disse Lisa.

Para além dos postes de luz e acima da neblina, a noite agora estava cinzenta. O primeiro brilho impreciso da aurora iluminava o céu, ao longe.

Sara gostaria que o dr. Flyte não tivesse desafiado o transmorfo tão abertamente. Ela estava com medo de que ele tivesse antagonizado a criatura e que ela agora voltasse atrás na sua promessa de lhes dar mais tempo.

Durante a curta caminhada do laboratório móvel até o Hilltop, ela ficara esperando ver surgir de dentro da neblina um fantasma grotesco para atacá-los. Aquilo não podia pegá-los agora. Não agora.

Não quando havia, finalmente, uma pontinha de esperança.

Noutros cantos da cidade, em meio à neblina e às sombras, ouviam-se estranhos sons animais, sinistros gritos ululantes como Sara jamais escutara antes. Aquilo ainda se entretinha com as suas imitações incessantes. Um guincho infernal, assustadoramente próximo, fez com que os sobreviventes se agrupassem rapidamente.

Mas não foram atacados.

As ruas, embora não silenciosas, estavam quietas. Não havia uma brisa sequer, a neblina pairava imóvel no ar.

Nada estava à espera no hotel, tampouco.

À mesa da central de operações, Sara sentou-se e discou o número da base da Unidade da Defesa Civil da CBW, em Dugway, Utah.

Jenny, Bryce e os demais reuniram-se à volta dela para escutar.

Por causa da crise em andamento em Snowfield, não havia apenas o costumeiro sargento do plantão noturno no quartel-general de Dugway. O capitão Daniel Tersch, médico do Corpo Médico do Exército, um especialista na contenção de moléstias contagiosas, terceiro na escala de encarregados da unidade, estava de prontidão para dirigir quaisquer operações de apoio que se fizessem necessárias.

Sara lhe contou sobre suas últimas descobertas — os exames microscópicos do tecido do transmorfo, os resultados das diversas análises minerais e químicas — e Tersch ficou fascinado, embora isso fugisse à sua especialidade.

— Petrolato? — indagou a certa altura, surpreso pelo que ela lhe havia contado.

— O tecido amorfo se parece com o petrolato apenas porque tem uma mistura meio semelhante de hidrocarbonetos que registra valores multo elevados. Mas, naturalmente, é muito mais complexo, muito mais sofisticado.

Ela enfatizou esta descoberta em particular, pois queria ter certeza de que Tersch a passaria aos outros cientistas da equipe da CBW em Dugway. Se outro geneticista ou um bioquímico levasse em consideração estes dados e depois desse uma olhada na lista de materiais que ela ia pedir, era praticamente certo que soubesse qual o seu plano. Se alguém na unidade da CBW percebesse o que ela estava pretendendo, montaria a arma para ela antes de mandá-la para Snowfield, poupando-lhe o serviço perigoso e demorado de montá-la com o transmorfo olhando por cima de seu ombro.

Simplesmente não podia dizer a Tersch o que estava pretendendo, pois tinha certeza de que o inimigo antigo estava escutando a conversa. Havia um som sibilante e estranho, muito de leve, na linha...

Finalmente, ela falou que precisaria de equipamentos de laboratório adicionais.

— A maioria das coisas que pedi podem ser tomadas de empréstimo dos laboratórios industriais e universitários aqui mesmo na Califórnia do Norte — disse ela a Tersch. — Preciso apenas que vocês usem o pessoal, o transporte e a autoridade do Exército para reunir o pacote e trazê-lo para mim o mais rapidamente possível.

— Do que precisa? — perguntou Tersch. — É só me dizer e terá tudo dentro de cinco ou seis horas.

Ela recitou uma lista de equipamentos nos quais não tinha nenhum interesse real, e depois terminou, dizendo: — Também vou precisar do máximo que for viável mandar da quarta geração do pequeno milagre do dr. Chakrabarty. E ainda de duas ou três unidades de dispersão de ar comprimido.

— Quem é Chakrabarty? — indagou Tersch, intrigado.

— O senhor não saberia quem é.

— O que é o seu pequeno milagre? O que quer dizer com isso?

— Basta escrever, Chakrabarty, quarta geração — disse ela, soletrando o nome para ele.

— Não tenho a mais vaga ideia do que seja — disse ele. Ótimo, pensou Sara, com alívio considerável. Perfeito.

Se Tersch soubesse o que era o pequeno milagre do dr. Ananda Chakrabarty, poderia ter deixado escapar alguma coisa antes que ela pudesse detê-lo. E o inimigo antigo ficaria prevenido.

— Fica fora da sua área de especialização — retrucou Sara. — Não há motivo para o senhor reconhecer o nome ou conhecer o dispositivo. — Ela agora falava às pressas, tentando mudar de assunto o mais discreta e rapidamente possível. — Não tenho tempo para explicar, dr. Tersch. Outras pessoas no projeto CBW saberão o que quero, sem dúvida alguma. Vamos andar logo com isso. O dr. Flyte deseja muito continuar os seus estudos sobre a criatura, e precisa de todos os itens da minha lista o mais rápido possível. Cinco ou seis horas, o senhor falou?

— Devem ser o bastante — disse Tersch. — Como devemos fazer a entrega?

Sara lançou um olhar a Bryce. Ele não ia querer arriscar mais outro de seus homens para trazer o material até a cidade. Para o capitão Tersch, ela falou: — Podem trazer o material de helicóptero do Exército?

— Positivo.

— Diga ao piloto que não tente pousar. O transmorfo pode pensar que estamos tentando fugir. Sem dúvida atacaria a tripulação e nos mataria a todos no momento em que o helicóptero pousasse. Basta que fiquem pairando aqui em cima e desçam o pacote por um cabo.

— O embrulho pode ser bem grande — falou Tersch.

— Tenho certeza de que poderão baixá-lo — retrucou Sara.

— Bem... está certo. Vou tratar disso imediatamente. E boa sorte para vocês.

— Obrigada — falou Sara. — Vamos precisar. Desligou.

— De repente, cinco ou seis horas parecem um tempão — comentou Jenny.

— Uma eternidade — disse Sara.

Estavam todos nitidamente ansiosos para escutar o seu plano, mas sabiam que ele não podia ser discutido. Mesmo no seu silêncio, porém, Sara detectava uma nota de otimismo.

Não esperem demais, pensou ela, ansiosa.

Havia uma chance do plano dela não se concretizar. Na verdade, as probabilidades eram contra eles. E se o plano falhasse, o transmorfo saberia o que tinham tentado fazer e acabaria com eles de algum modo especialmente brutal.

Lá fora, a aurora despontara.

A neblina perdera o seu brilho pálido. Agora a névoa era ofuscante, branquíssima, refulgindo com as refrações da luz matinal do sol.

39

A aparição

Fletcher Kale acordou a tempo de ver o raiar da aurora.

A floresta ainda estava escura, na sua maior parte. A luz Jeitosa do dia descia em lanças pelos furos espalhados no dossel verde formado pelos galhos densamente entrelaçados das árvores imensas. A luz do sol ficava difusa pela neblina, e pouco revelava.

Ele passara a noite na perua que pertencera ao falecido Jake Johnson. Agora saltara do veículo e estava parado ao seu lado, escutando os sons dos bosques, alerta a qualquer sinal de perseguição.

Na noite anterior, poucos minutos depois das onze, dirigindo-se para o retiro secreto de Jake Johnson, Kale subira a Mount Larson Road, entrara com a perua na trilha de incêndio sem pavimentação que levava às encostas agrestes setentrionais de Snowtop — e dera de cara com encrenca. Dali a seis metros, os faróis iluminaram cartazes colocados nos dois lados da estrada: letras vermelhas e grandes num fundo branco diziam QUARENTENA. Como ele ia depressa demais, dobrou a curva; diretamente à sua frente havia uma barricada policial, um carro-patrulha atravessado no meio da estrada. Dois delegados começaram a saltar do carro.

Ele se lembrou de ter ouvido falar de uma zona de quarentena rodeando Snowfield, mas pensou que só estava funcionando do outro lado da montanha. Meteu o pé no freio, desejando, ao menos por essa vez, ter prestado mais atenção ao noticiário.

Havia um alerta geral circulando com a sua foto. Esses homens o reconheceriam, e dentro de algumas horas ele estaria de volta à cadeia.

A surpresa era a sua única esperança. Eles não estariam esperando encrenca. Manter um posto de controle de quarentena

seria uma tarefa fácil, tranquila.

O rifle de ataque HK91 estava no assento ao seu lado, coberto com uma manta. Ele agarrou a arma, saltou do carro e abriu fogo contra os policiais. A arma semi-automática trovejou e os delegados executaram uma dança da morte, breve e errática, figuras espectrais na neblina.

Ele rolou os corpos para dentro de uma vala, tirou o carro-patrulha do caminho e passou com a perua para o outro lado do posto de controle. Depois, voltou e recolocou o carro em posição, para que parecesse que o assassino dos delegados não tinha prosseguido montanha acima.

Rodou os quase cinco quilômetros pela trilha de incêndio irregular, até que chegou a uma trilha ainda mais irregular, cheia de vegetação. Um quilômetro e meio depois, no final da trilha, ele estacionou o carro num túnel de arbustos e saltou.

Além do HK91, ele tinha um saco cheio das outras armas da casa de Johnson, mais os 63.440 dólares que estavam distribuídos pelos sete bolsos com zíper da jaqueta de caça que usava. A única outra coisa que levava era uma lanterna elétrica, e realmente não precisava de mais nada, pois as cavernas de calcário estariam bem estocadas com outros suprimentos.

Os últimos quatrocentos metros tinham que ser percorridos a pé, e ele pretendia terminar prontamente a viagem, mas logo descobriu que, mesmo com a lanterna, a floresta era confusa à noite, na neblina.

Perder-se era quase uma certeza. Depois de perdido neste deserto, podia-se ficar andando em círculos, a poucos metros do destino, sem jamais descobrir o quanto se estava perto da salvação. Depois de dar apenas alguns passos, Kale voltara para junto do carro, a fim de esperar a luz do dia.

Mesmo que os dois delegados mortos no bloqueio fossem descobertos antes do amanhecer, e ainda que os tiras concluíssem que o assassino subira a montanha, não iriam começar a caçada humana antes do dia clarear. Quando os policiais chegassem até aqui, amanhã, Kale já estaria bem escondido nas cavernas.

Dormira no banco da frente do carro. Podia não ser o Hotel Plaza, mas era mais confortável do que a cadeia.

Agora, parado ao lado do carro, na débil luz do amanhecer, ele prestava atenção para ver se ouvia os ruídos de uma equipe de busca.

Não ouviu nada. Não esperava mesmo ouvir nada. Não era o seu destino apodrecer na prisão. O seu futuro era dourado. Tinha certeza disso.

Bocejou, espreguiçou-se, depois mijou de encontro ao tronco de um grande pinheiro.

Dali a trinta minutos, quando havia mais luz, ele seguiu a vereda de pedestres que não conseguira encontrar na noite anterior. E notou algo que não fora evidente na escuridão: a vegetação estava extensamente pisada. Tinha passado gente por aqui, recentemente.

Ele seguiu com cautela, apoiando o HK91 no braço direito, pronto para mandar para o espaço qualquer um que tentasse atacá-lo.

Em menos de meia hora ele saiu do meio das árvores, chegou à clareira que rodeava a cabana rústica — e viu por que a vereda de pedestres estava toda pisada. Oito motocicletas se achavam enfileiradas ao lado da cabana, oito Harley's grandes, nas quais estava gravado o nome DEMON CHROME.

O bando de desajustados de Gene Terr. Não todos. Cerca de metade da gangue, ao que parecia.

Kale agachou-se junto a um afloramento de calcário e examinou a cabana envolta em névoa. Não havia ninguém à vista. Ele remexeu silenciosamente na sacola que trouxera, localizou um pente para o HK91, colocou-o no lugar.

Como é que Terr e seus amiguinhos sádicos tinham chegado até aqui? Uma viagem de moto montanha acima teria sido difícil, loucamente perigosa, uma motocross de deixar os nervos à flor da pele.

É claro que aqueles filhos da mãe malucos curtiam adoidado o perigo.

Mas que diabo estavam fazendo aqui? Como tinham encontrado a cabana, e por que tinham vindo?

Enquanto ficava atento a uma voz, a algum indício de onde estavam os motoqueiros, e do que estavam fazendo, Kale se deu

conta de que não havia nenhum som de animal ou de inseto. Nenhuma ave.

Absolutamente nada. Era fantasmagórico.

E então, às suas costas, um farfalhar no matagal. Um som suave. Naquele silêncio sobrenatural, era como se fosse um tiro de canhão.

Kale estivera ajoelhado no chão. Com rapidez felina, caiu para um lado, rolou de costas, ergueu o HK91.

Estava preparado para matar, mas não para o que viu. Era Jake Johnson, a uns oito metros de distância, saindo de dentro das árvores e da neblina. Despido. Nuzinho da silva.

Outro movimento. À esquerda de Johnson. Um pouco mais adiante, no limiar das árvores.

Kale percebeu-o com o canto dos olhos e girou rapidamente a cabeça, virando o rifle naquela direção.

Outro homem saiu dos bosques, através da névoa, com a grama alta se agitando ao redor das pernas nuas. Também estava despido, e com um largo sorriso.

Mas isso não era o pior. O pior era que o segundo homem também era Jake Johnson.

Kale olhou de um para o outro, sobressaltado e confuso. Eles eram tão perfeitamente iguais quanto um par de gêmeos idênticos.

Mas Jake era filho único — não era? Kale nunca soubera de gêmeo algum.

Uma terceira figura avançou das sombras por baixo dos ramos frondosos de um grande abeto vermelho. Também esta era Jake Johnson. Kale não conseguia respirar.

Talvez houvesse uma chance fortuita de que Johnson tivesse um irmão gêmeo, mas era absolutamente certo que não tinha dois.

Havia algo horrivelmente errado. De repente, não eram apenas os trigêmeos impossíveis que assustaram Kale. De repente, tudo parecia ameaçador: a floresta, a névoa, os contornos pedregosos da montanha...

Os três Jake Johnson subiram lentamente a encosta em que Kale estava esparramado, aproximando-se dele de ângulos diferentes.

Tinham olhos estranhos e bocas cruéis.

Kale se pôs de pé, o coração aos saltos.

— Parados aí!

Mas eles não pararam, muito embora ele brandisse o rifle de ataque.

— Quem são vocês? O que são vocês? O que significa isso? — vociferou Kale.

Eles não responderam. Continuaram vindo. Como zumbis.

Ele agarrou a sacola que estava cheia de armas e recuou rápida e desajeitadamente, fugindo daquele trio de pesadelo.

Não. Não era mais um trio. Era um quarteto. Encosta abaixo, um quarto Jake Johnson saiu do meio das árvores, nu em pelo, como os demais.

O medo de Kale estava quase virando pânico.

Os quatro se moveram na direção de Kale praticamente sem fazer ruído; folhas secas sob os pés; nada mais. Não se queixavam das pedras, ervas daninhas cortantes e carrapichos que deviam estar magoando seus pés. Um deles começou a lamber os lábios, com ar faminto. Os outros imediatamente também começaram a lamber os lábios.

Um tremor de pavor gelado percorreu as entranhas de Kale e ele se perguntou se teria perdido o juízo. Mas esse pensamento teve curta duração. Pouco habituado a ter dúvidas sobre a sua pessoa, não se deteve por muito tempo nelas.

Largou a sacola, agarrou o HK91 nas duas mãos e atirou, descrevendo um arco com a boca da arma que cuspia fogo. As balas acertaram o alvo. Ele as viu entrando nos quatro homens, viu as feridas se abrindo. Mas não havia sangue. E mal as feridas desabrochavam, logo murchavam; fechavam, sumiam dentro de segundos.

Os homens continuavam vindo.

Não, homens não. Outra coisa.

Alucinações? Há muitos anos, na escola secundária, Kale consumira muito tóxico. Agora ele se lembrava de que, mesmo depois de se ter parado de fazer uso do LSD, podia-se ter alucinações durante meses, até anos. Ele nunca tivera alucinações por causa do LSD antes, mas já tinha ouvido falar nelas. Será que era isso que estava acontecendo agora?

Talvez.

Por outro lado — os quatro homens estavam cintilando, como se a neblina matinal estivesse se condensando na sua pele nua, e isso não era . o tipo de detalhe que se notava numa alucinação. E toda esta situação era muito diferente de qualquer experiência com drogas que ele já tivera.

Ainda sorrindo amplamente, o Doppelganger* mais próximo ergueu um dos braços e apontou para Kale. De modo incrível, a carne daquela mão se abriu e foi se descolando dos dedos, da palma. A carne parecia que ia voltando para dentro do braço, sem sangrar, como se fosse cera se derretendo e fugindo de uma chama. O pulso engrossou com esse tecido e a mão ficou sendo apenas ossos, ossos brancos. Um dedo descarnado apontava para Kale.

**Do alemão — um sósia fantasmagórico de uma pessoa real, especialmente um que vive assombrando o ser em carne e osso. (N. da T.)*

Apontava com raiva, desdém e acusação.

Kale ficou estonteado.

Os outros trigêmeos tinham sofrido transformações ainda mais macabras. Um deles perdera a carne da parte do rosto. Um osso malar estava à mostra, uma fieira de dentes. O olho direito, sem pálpebra e sem todo o tecido circundante, brilhava umidamente na órbita caiada.

Ao terceiro homem faltava um pedaço de carne do tórax; dava para se ver as suas costelas e os órgãos pulsando sombriamente lá dentro. O quarto caminhava sobre uma perna normal e outra que era apenas ossos e tendões.

Enquanto iam se aproximando de Kale, fechando o cerco, um deles falou: — Assassino de bebês.

Kale berrou, largou o rifle e correu. Parou de chofre ao ver mais dois Johnsons idênticos se aproximando, por detrás, vindos da cabana.

Não havia para onde fugir. Exceto para os altos afloramentos de calcário acima da cabana. Ele se mandou para aquele lado, ofegando e resfolegando, chegou ao matagal, choramingando, meteu-se pelo meio dele até chegar à entrada da caverna, olhou

para trás, viu que os seis ainda vinham atrás dele e se meteu caverna adentro, na escuridão, desejando não ter largado a lanterna elétrica; colocou uma mão contra a parede, andou arrastando os pés, tateando, tentando se lembrar de como era o local, achando que era mais ou menos um túnel longo que terminava numa série de curvas abruptas — e de repente se deu conta de que este poderia não ser um lugar seguro; podia era ser uma armadilha; é, tinha certeza disto; eles queriam que ele viesse para cá — ele olhou para trás, viu dois homens em decomposição na entrada, ouviu-se gemer e entrou depressa, cada vez mais depressa, na escuridão profunda, porque não havia outro lugar para onde ir, mesmo que fosse uma armadilha; arranhou a mão na projeção aguçada de uma rocha, tropeçou, quase caiu, continuou em frente, chegou às curvas abruptas, uma depois da outra, e depois à porta; cruzou-a, fechou-a atrás de si, mas sabia que isso não os impediria de entrar; então se deu conta de uma luz, na câmara seguinte, e se dirigiu para lá entorpecido de terror, passando por pilhas de suprimentos e equipamentos.

A luz vinha de uma lanterna Coleman.

Kale entrou na terceira câmara.

À luz pálida e fria, ele viu algo que o fez ficar petrificado.

Erguera-se do rio subterrâneo, subindo pelo chão da caverna, saindo pelo buraco em que Jake Johnson montara a bomba-d'agua. Contorcia-se. Revolvia-se, pulsava, ondulava. Carne escura, mosqueada de sangue. Informe.

Asas começaram a se formar, depois se dissolveram.

Um cheiro de enxofre, não forte, mas nauseante.

Olhos se abriram ao longo de toda a coluna de dois metros de limo. Focalizaram Kale.

Ele recuou fugindo deles, foi de encontro a uma parede, agarrou-se à pedra como se fosse a realidade, um último lugar para se segurar no precipício da loucura.

Alguns dos olhos eram humanos. Outros não. Fixaram-se nele — depois se fecharam e desapareceram.

Bocas se abriram onde antes não havia nenhuma. Dentes.

Presas. Línguas bipartidas lambiam lábios negros. De outras bocas, tentáculos parecidos com vermes brotaram, contorceram-se

no ar, retrocederam. Como as asas e os olhos, as bocas acabaram por desaparecer na carne informe.

Um homem estava sentado no chão. Achava-se a curta distância da coisa pulsante que brotara de sob a caverna, sentado na penumbra deixada pela luz da lanterna, o rosto nas sombras.

Percebendo que Kale reparara nele, o homem se inclinou para a frente ligeiramente, colocando o rosto na luz. Tinha 1,90m ou mais, longos cabelos crespos e barba. Usava um lenço colorido enrolado na cabeça, e um brinco de ouro pendurado. Deu o sorriso mais estranho que Kale já vira e ergueu uma das mãos para cumprimentá-lo; na palma da mão havia um globo ocular tatuado em vermelho e amarelo.

Era Gene Terr.

40

Guerra biológica

O helicóptero do Exército chegou três horas e meia depois que Sara falou com Daniel Tersch em Dugway, duas horas antes do que ele prometera. Evidentemente, fora despachado de uma base da Califórnia, e evidentemente os seus colegas no projeto CBW tinham concluído qual era o plano de guerra dela. Tinham se dado conta de que ela não precisava realmente da maior parte do equipamento que solicitara, e haviam reunido apenas aquilo que necessitava para atacar o transmorfo. Caso contrário, não teriam sido tão rápidos.

Por favor, Deus, que seja verdade, pensou Sara. Eles devem ter trazido o material certo. Devem ter trazido.

Era um helicóptero grande, pintado para camuflagem, com dois jogos completos de hélices a girar. Pairando cerca de 20 metros acima da Skyline Road, ele revolvia o ar matinal, criava uma corrente de ar descendente turbulenta e desfazia o pouco de bruma que restava.

Enviava ondas de som fortes ecoando pela cidade.

Uma porta se abriu no lado do helicóptero e um homem se inclinou para fora do porão de carga, olhando para baixo. Nem tentou gritar para eles, pois as hélices e o motor ruidosos teriam dispersado as suas palavras. Em vez disso, fez uma série de sinais manuais incompreensíveis.

Finalmente, Sara percebeu que a tripulação estava esperando um sinal qualquer de que aquele era o local para largar a mercadoria.

Com seus próprios sinais manuais, ela instou a todos que formassem um círculo com ela no meio da rua. Não se deram as mãos, mas deixaram um espaço de cerca de dois metros entre cada

um. O círculo tinha um diâmetro de aproximadamente quatro metros.

Um pacote envolto em lona, um pouco maior do que um homem, foi empurrado para fora do helicóptero. Estava preso a um cabo, que desceu por meio de um guincho elétrico. Inicialmente, o pacote desceu lentamente, depois mais lentamente, pousando finalmente no chão no meio do círculo, tão suavemente que parecia que a tripulação do aparelho pensava estar entregando ovos crus.

Bryce se destacou do círculo antes que o pacote tocasse o chão e foi o primeiro a chegar até ele. Já tinha localizado o elo de mola e soltado o cabo quando Sara e os outros se reuniram a ele.

Enquanto puxava o cabo, o helicóptero guinou na direção do vale lá embaixo, saiu da zona de perigo e foi ganhando altitude enquanto se afastava.

Sara agachou-se ao lado do pacote e começou a soltar a corda de náilon que estava enfiada pelos ilhoses da lona. Trabalhou febrilmente, e dentro de alguns segundos, tinha deixado à mostra o conteúdo.

Havia duas caixas de metralha azuis com palavras e números escritos. Sara soltou um suspiro de alívio quando as viu. O seu recado fora devidamente interpretado. Havia também três tanques pulverizadores de aerosol lembrando em tamanho e aparência aqueles usados para espalhar inseticida e exterminadores de ervas daninhas num gramado. Só que estes não eram movidos por uma bomba manual, mas sim por cilindros de ar comprimido. Cada pulverizador era equipado com um arnês que permitia seu transporte às costas. Uma mangueira flexível de borracha, que terminava numa extensão de metal de 1,20m com um esguicho de alta pressão, permitia que se ficasse a uma distância de cerca de quatro metros do alvo que se desejava pulverizar.

Sara ergueu um dos tanques pressurizados. Estava pesado, já cheio do mesmo fluido que estava nas duas caixas de metralha azuis sobressalentes.

O helicóptero foi sumindo no céu ocidental e Lisa perguntou: — Sara, isso não é tudo o que você pediu... é?

— Isto é tudo de que precisamos — respondeu Sara, evasiva.

Olhou ao seu redor, nervosa, esperando ver o transmorfo aparecer correndo na direção deles. Mas não havia sinal dele. Ela disse: — Bryce, Tal, se quiserem fazer o favor de pegar dois desses tanques...

O xerife e seu delegado pegaram duas das unidades, enfiaram os braços pelas aberturas do arnês, afivelaram as tiras do peito, moveram os ombros para ajeitar os tanques o mais confortavelmente possível.

Sem que se lhes tivesse sido dito, os dois homens perceberam nitidamente que os tanques continham uma arma que poderia destruir o transmorfo. Sara sabia que deviam estar ardendo de curiosidade, e ficou impressionada pelo fato de não terem feito perguntas.

A sua intenção era usar ela própria o terceiro pulverizador, mas este era consideravelmente mais pesado do que ela imaginava.

Esforçando-se, conseguiria carregá-lo, mas não seria capaz de operá-lo com a devida presteza. E, durante a próxima hora, ou um pouco mais, a sobrevivência dependeria da velocidade e agilidade.

Outra pessoa teria que usar a terceira unidade. Não Lisa; não era maior do que Sara. Não Flyte; sofria de artrite na mão, queixara-se dela na noite anterior, ©parecia frágil. Só sobrava Jenny. Ela era apenas uns dez centímetros mais alta do que Sara e cerca de oito quilos mais pesada, mas parecia estar em excelentes condições físicas. Era praticamente certo que poderia cuidar do pulverizador.

Flyte protestou, mas acabou cedendo depois de tentar levantar o tanque.

— Devo estar mais velho do que imagino — falou, com voz cansada. Jenny concordou que a mais adequada à tarefa era ela mesma; Sara ajudou-a a vestir o arnês, e ficaram prontos para a batalha.

Ainda não se via sinal do transmorfo. Sara enxugou o suor da testa.

— Pois bem. No instante em que ele aparecer, pulverizem-no.

Não percam um só segundo. Pulverizem-no, saturem-no, fiquem recuando, se possível, tentando atrair a maior parte dele do seu esconderijo, e pulverizem, pulverizem, pulverizem.

— Isto é uma espécie de ácido... ou o quê? — perguntou Bryce.

— Não é ácido — disse Sara. — Embora o efeito seja muito parecido... isto é, se funcionar.

— Então, se não é um ácido, o que é? — perguntou Tal.

— Um microorganismo único, altamente especializado.

— Micróbios? — indagou Jenny, arregalando os olhos de surpresa.

— É. Estão suspensos numa cultura de proliferação líquida.

— Vamos deixar o transmorfo doente! — indagou Lisa, franzindo o cenho.

— Tomara Deus que sim — respondeu Sara.

Nada se movia. Nada. Mas havia algo ali, e provavelmente estava escutando. Com os ouvidos do gato. Com os ouvidos da raposa. Com ouvidos altamente sensíveis que eram especificamente seus.

— Muito, muito doente, se tivermos sorte — disse Sara. — Porque a moléstia parece ser a única maneira de matá-lo.

Agora as vidas deles estavam em perigo, porque aquilo sabia que eles o haviam enganado.

Flyte balançou a cabeça.

— Mas o inimigo antigo é tão completamente estranho, tão diferente dos homens e dos animais... moléstias perigosas para outras espécies não teriam absolutamente nenhum efeito nele.

— Certo — concordou Sara. — Mas este micróbio não é uma moléstia comum. Na verdade, não é absolutamente um organismo causador de moléstias.

Snowfield enfeitava a encosta da montanha, imóvel como um cartão-postal.

Olhando à sua volta, temerosa, alerta para qualquer movimento dentro e ao redor dos prédios, Sara falou-lhes de Ananda Chakrabarty e de sua descoberta.

Em 1972, em nome do dr. Chakrabarty, seu empregador — a General Electric — solicitou a primeira patente na História de uma bactéria feita pelo homem. Usando técnicas sofisticadas de fusão de células, Chakrabarty tinha criado um microorganismo que podia se alimentar, digerir e, desta forma, transformar os compostos de hidrocarboneto do petróleo bruto.

O micróbio de Chakrabarty tinha pelo menos uma aplicação comercial óbvia: podia ser utilizado para limpar os vazamentos de óleo no mar. As bactérias literalmente comiam as manchas de óleo, tornando-o inofensivo ao meio ambiente.

Depois de uma série de contestações legais vigorosas de muitas fontes, a General Electric adquiriu o direito de patentear a descoberta de Chakrabarty. Em junho de 1980, a Suprema Corte tomou uma decisão histórica, decretando que a descoberta de Chakrabarty "não era obra da natureza, mas dele próprio, sendo, desta forma, perfeitamente válido patenteá-la".

— Claro — falou Jenny —, li sobre esse caso. Foi uma matéria importante, naquele mês de junho... o homem competindo com Deus e todo o resto.

— Originariamente — continuou Sara —, a GE não pretendia comercializar o germe. Era um organismo frágil que não podia sobreviver fora de condições de laboratório rigidamente controladas.

Solicitaram a patente para testar a questão legal, para resolver o assunto antes que outros experimentos em engenharia genética produzissem descobertas mais aproveitáveis e mais valiosas. Depois da decisão do tribunal, porém, outros cientistas passaram alguns anos trabalhando com o organismo, e agora obtiveram uma variedade mais forte, que resiste de doze a dezoito horas fora do laboratório. Na realidade, o germe foi comercializado com o nome de Biosan-4, e tem sido usado com êxito para limpar manchas de óleo no mundo todo.

— Então é isso o que há nos tanques? — perguntou Bryce.

— É. Biosan-4. Numa solução pulverizável.

A cidade estava sepulcral. O sol lançava seus raios de um céu azul, mas o ar permanecia frio. A despeito do silêncio irreal, Sara tinha a sensação inabalável de que aquilo vinha vindo, de que escutara e vinha vindo, e estava muito, muito perto mesmo.

Os outros sentiram a mesma coisa. Olharam à sua volta, inquietos.

Sara disse:

— Lembra-se do que descobrimos quando estudamos o tecido do transmorfo?

— Está se referindo aos teores elevados de hidrocarbonetos? — falou Jenny.

— Exato. Mas não apenas os hidrocarbonetos. Todas as formas de carbono. Teores muito elevados, do começo ao fim.

Tal falou:

— Você disse que era igual ao petrolato.

— Não igual. Lembrava o petrolato, em certos aspectos — continuou Sara. — O que temos aqui é tecido vivo, muito estranho, mas complexo e vivo. E com um teor de carbono tão extraordinariamente elevado... Bem, o que quero dizer é que o tecido dessa coisa se parece com um primo orgânico, metabolicamente ativo, do petrolato. Assim, estou torcendo para que o micróbio de Chakrabarty...

Vem vindo algo. Jenny falou:

— Você está torcendo para que ele consuma o transmorfo do mesmo modo que consome uma mancha de óleo.

Algo... algo...

— É — disse Sara, nervosamente. — Estou torcendo para que ataque o carbono e afete o tecido. Ou que, pelo menos, interfira o suficiente com o delicado equilíbrio químico para...

Vindo, vindo...

— ...hã, para desestabilizar o organismo inteiro — terminou Sara, tomada de uma profunda sensação de desastre iminente.

Flyte perguntou:

— Esta é a melhor chance que temos? De verdade?

— Acho que é.

Onde está? De onde está vindo? perguntou-se Sara, olhando para os prédios desertos, a rua vazia, as árvores imóveis.

— Me parece muito fraquinha — disse Flyte, em dúvida.

— É muito fraquinha — disse Sara. — Não é lá essas coisas como chance, mas é a única que temos.

Um barulho. Um barulho sibilante, chilreante, de deixar o cabelo em pé.

Eles ficaram petrificados. Esperaram.

Novamente, porém, a cidade se envolveu num manto de silêncio.

O sol da manhã lançava seu reflexo cor de fogo em algumas janelas e refulgia no vidro curvo dos lampiões de rua. Os telhados

de ardósia negra pareciam ter sido lustrados durante a noite; o restinho da bruma tinha se condensado nessas superfícies lisas, deixando nelas um brilho úmido.

Nada se movia. Nada acontecia. O barulho não continuou.

O rosto de Bryce Hammond estava toldado de preocupação.

— Esse Biosan... suponho que não seja daninho para nós.

— Totalmente inofensivo — tranquilizou-o Sara.

O barulho de novo. Uma explosão curta. Depois silêncio.

— Vem vindo algo — disse Lisa baixinho. Que Deus nos ajude, pensou Sara.

— Vem vindo algo — disse Lisa, baixinho, e Bryce também teve a mesma sensação. De um horror próximo. O ar ficando mais espesso e mais fresco. Uma nova qualidade predatória para a imobilidade.

Realidade? Imaginação? Não podia ter certeza. Só sabia que tinha essa sensação.

O barulho explodiu de novo, um guincho constante, não apenas um breve ruído. Bryce se crispou. Era penetrantemente agudo.

Zumbindo. Gemendo. Como uma furadeira elétrica. Mas ele sabia que não era algo tão comum e inofensivo.

Insetos. A frialdade do som, a qualidade metálica fez com que pensasse em insetos. Abelhas. Sim. Era o zumbir-guinchar grandemente amplificado de vespões.

Bryce falou: — Os três de vocês que não estão armados com os pulverizadores fiquem aqui no meio.

— É — disse Tal. Ficaremos rodeando vocês, dando um pouco de proteção.

Uma proteção de nada, se este Biosan não funcionar, pensou Bryce.

O barulho estranho foi ficando cada vez mais forte.

Sara, Lisa e o dr. Flyte ficaram juntos, enquanto Bryce, Jenny e Tal os rodeavam, dando-lhes as costas.

Então, rua abaixo, perto da padaria, algo monstruoso apareceu no céu, quase roçando no alto dos prédios, pairando por alguns segundos acima da Skyline Road. Uma vespa. Um fantasma do tamanho de um pastor alemão. Nada remotamente parecido com este inseto existira durante os dez milhões de anos em que o

transmorfo vivera. Isto sem dúvida era algo que brotara da sua imaginação perversa, uma invenção horrível. Asas opalescentes de quase dois metros se agitavam furiosamente no ar, brilhando com cores do arco-íris. Os olhos negros multifacetados eram enviesados na cabeça estreita, pontuda, maligna. Havia quatro pernas que se contorciam, com os pés em pinças. O corpo enroscado, segmentado, branco como o mofo, terminava num ferrão de trinta centímetros com uma ponta fina feito uma agulha.

Bryce sentiu que os seus intestinos pareciam estar virando água gelada.

A vespa deixou de pairar. Atacou.

Jenny gritou quando a vespa se lançou sobre eles, mas não correu. Mirou o esguicho do pulverizador e apertou a alavanca de disparo de pressão. Uma névoa leitosa, cônica, jorrou até uma distância de cerca 1,80m.

A vespa estava a seis metros de distância e se aproximando cada vez mais depressa.

Jenny apertou a alavanca até o fim. A névoa tornou-se um jato, esguichando até cerca de cinco metros.

Bryce soltou um jato de seu pulverizador. Os dois jatos de Biosan se cruzaram, se firmaram, miraram no mesmo ponto, fluíram juntos em pleno ar.

A vespa entrou no seu raio de ação. Os jatos de alta pressão a atingiram, deixaram opaco o colorido de arco-íris das asas, empaparam o corpo segmentado.

O inseto parou abruptamente, hesitou, voou mais baixo, como se incapaz de manter a altitude. Pairou. O seu ataque fora interrompido, embora ainda os encarasse com os olhos cheios de ódio.

Jenny sentiu uma onda de alívio e esperança.

— Funciona! — gritou Lisa.

E então a vespa se lançou novamente contra eles.

Justo quando Tal imaginava que estavam a salvo, a vespa se lançou novamente contra eles, voando em meio à névoa de Biosan-4, voando lentamente, mas ainda voando.

— Abaixem-se! — gritou Bryce.

Eles se agacharam e a vespa voou por cima deles, pingando um líquido leitoso das pernas grotescas e da ponta do ferrão.

Tal se pôs de pé de novo, para poder lançar um belo jorro sobre a coisa, agora que ela estava no raio de ação do pulverizador.

Ela se voltou para ele, mas antes que Tal pudesse disparar, a vespa hesitou, agitou-se desesperadamente, depois desabou ao chão.

Remexia-se e zumbia iradamente. Tentou se levantar. Não conseguiu.

Depois se modificou.

Modificou-se.

Juntamente com os outros, Timothy Flyte se aproximou mais da vespa e viu quando ela se dissolveu numa massa informe de protoplasma. As patas traseiras de um cão começaram a se formar, e o focinho. Ia ser um doberman, a julgar pelo focinho. Um dos olhos começou a se abrir. Mas a criatura não conseguiu completar a transformação; as feições do cão desapareceram. O tecido amorfo estremeceu e pulsou de um jeito diferente de qualquer outro que Timothy já tivesse visto.

— Está morrendo — falou Lisa.

Timothy olhava, assombrado, enquanto a estranha carne entrava em convulsões. Este ser até então imortal conhecia agora o significado e o medo da morte..

A massa informe se abriu em pústulas, deixando vazar um líquido fino e amarelo. A coisa tinha espasmos violentos. Feridas adicionais se abriram em horrenda profusão, lesões de todas as formas e tamanhos que se abriam, rachavam e estouravam por sobre a superfície pulsante. Então, como acontecera com o pedacinho de tecido na placa de Petri, este fantasma se degenerou numa poça sem vida de papa aguada e fedorenta.

— Por Deus, você conseguiu! — exclamou Timothy, voltando-se para Sara.

Tentáculos. Três deles. Atrás dela.

Tinham saído de dentro de um bueiro na sarjeta, a uns cinco metros de distância. Cada um deles tinha a espessura do pulso de Timothy. As suas pontas irrequietas já tinham deslizado pelo chão e estavam a menos de um metro de Sara.

Timothy soltou um grito de advertência, que chegou tarde demais.

Flyte gritou, Jenny rodopiou. Aquilo estava no meio deles.

Três tentáculos ergueram-se do solo com uma velocidade chocante, adiantaram-se com malevolência sinuosa e caíram sobre Sara. Num instante, um deles envolveu as pernas da geneticista, o outro a sua cintura, e o terceiro o seu pescoço esguio.

Cristo, é rápido demais, rápido demais para nós, pensou Jenny.

Apontou o esguicho do seu pulverizador enquanto se virava, praguejando, apertando a alavanca, inundando Sara e os tentáculos de Biosan-4.

Bryce e Tal se adiantaram, usando os seus pulverizadores, mas todos foram lentos demais, chegaram atrasados demais.

Os olhos de Sara se arregalaram; a sua boca se abriu num grito mudo. Ela foi erguida no ar e...

Não! orou Jenny.

... jogada de um lado para o outro como se fosse uma boneca.

Não!

... e então a cabeça lhe caiu dos ombros e atingiu o calçamento com um baque surdo e nauseante.

Com ânsias de vômito, Jenny recuou, aos tropeções.

Os tentáculos subiram cerca de três metros no ar. Retorciam-se, ondulavam e espumavam, abrindo-se em feridas enquanto as bactérias destruíam a estrutura de ligação do tecido amorfo. Como Sara esperava, o Biosan afetava o transmorfo quase da mesma maneira que o ácido sulfúrico afetava o tecido humano.

Tal passou velozmente por Jenny, dirigindo-se diretamente para os três tentáculos, e ela gritou para ele que parasse.

Em nome de Deus, o que ele estava fazendo?

Tal correu por entre as sombras oscilantes lançadas pelos tentáculos em movimento e rezou para que nenhum deles caísse em cima dele. Quando chegou ao bueiro de onde as coisas estavam se projetando, pôde ver que os três apêndices estavam se separando do corpo principal do protoplasma escuro e latejante no encanamento lá embaixo. O transmorfo estava se desfazendo do tecido infectado antes que as bactérias pudessem alcançar a massa

do corpo principal. Tal enfiou o esguicho do pulverizador por entre as grades do bueiro e soltou o Biosan-4 para dentro do escoadouro.

Os tentáculos se soltaram do resto da criatura. Agitavam-se e retorciam-se na rua. No escoadouro, o limo ressumbrante fugia dos jatos, desfazendo-se de outro pedaço de si próprio, que começou a espumar, ter espasmos e morrer.

Até mesmo o Diabo podia ser ferido. Até mesmo Satanás era vulnerável.

Eufórico, Tal disparou mais fluido para dentro do escoadouro.

O tecido amorfo se retirou, fugindo das vistas dele, arrastando-se cada vez mais para as profundezas das passagens subterrâneas, sem dúvida se desfazendo de mais pedaços de si mesmo.

Tal se afastou do bueiro e viu que os tentáculos partidos tinham perdido a sua definição. Eram agora somente cordas longas e emaranhadas de tecido em supuração. Batiam-se e baliam umas nas outras em agonia aparente e rapidamente se degeneraram naquela papa fedorenta e sem vida.

Ele olhou para o outro bueiro, para os prédios silenciosos, para o céu, imaginando de onde viria o próximo ataque.

De repente o calçamento roncou e ondulou sob os seus pés. Na sua frente, Flyte foi lançado ao chão, estilhaçando os óculos. Tal tropeçou para o lado e quase atropelou Flyte.

A rua saltou e estremeceu de novo, com mais força ainda do que antes, como se estivesse sofrendo um terremoto. Mas isso não era um terremoto. Aquilo vinha vindo — não apenas um fragmento, não outro fantasma, mas a parte maior da coisa, talvez ela inteira, vindo em direção à superfície com poder inimaginável e destrutivo, erguendo-se como um deus atraiçoado, trazendo sua ira e vingança medonhas contra os homens e mulheres que tinham ousado atacá-lo, transformando-se numa massa enorme de fibra musculosa e empurrando, empurrando, até que o asfalto se estufasse e rachasse.

Tal foi jogado ao chão. Bateu com o queixo na rua, com força; ficou atordoado. Tentou se levantar, para poder usar o pulverizador quando a criatura aparecesse. Chegou a ficar de quatro. A rua ainda estava balançando muito. Deitou-se de novo para esperar o balanço passar.

Vamos morrer, pensou.

Bryce estava de cara no chão, abraçando-se ao calçamento.

Lisa estava ao seu lado. Ela podia estar gritando ou chorando.

Ele não conseguia ouvi-la; havia barulho demais de outro tipo.

Ao longo de todo este quarteirão da Skyline Road, uma sinfonia atonal de destruição atingia um crescendo de arrebentar os tímpanos: sons de guinchar, de ranger, de rachar, de fender; o próprio mundo se partindo. O ar estava cheio de poeira que brotava das fissuras cada vez mais amplas no calçamento.

O leito da rua se inclinava com uma força tremenda. Pedaços dele eram lançados ao ar. A maior parte era do tamanho de cascalho, mas alguns eram do tamanho de punhos. Havia até os maiores que isso, blocos de concreto de vinte, cinquenta e noventa quilos, saltando a uma altura de dois ou três metros, enquanto a criatura multiforme lá embaixo abria caminho implacavelmente em direção à superfície.

Bryce puxou Lisa para junto de si e tentou protegê-la. Podia sentir os tremores violentos que a percorriam.

A terra debaixo deles se ergueu. Caiu com estrondo. Ergueu-se e caiu de novo. Fragmentos de rocha do tamanho de cascalho choviam sobre eles, ricocheteavam no tanque pulverizador preso às costas de Bryce, batiam de encontro às suas pernas, chocavam-se contra a sua cabeça, fazendo com que ele se encolhesse.

Onde estava Jenny?

Olhou ao seu redor, num desespero súbito.

A rua se rachara em dois, formando uma crista no meio da Skyline. Aparentemente, Jenny estava do outro lado do cume, agarrando-se à rua daquele lado.

Ela está viva, ele pensou. Está viva. Cristo, tem que estar!

Um bloco enorme de concreto se projetou do leito da rua à esquerda deles e foi lançado aos ares, a uma altura de dois ou três metros. Ele teve certeza de que ia desabar em cima deles, e agarrou Lisa com quantas forças tinha, embora nada que ele pudesse fazer fosse capaz de salvá-los se o bloco os atingisse. Mas foi a Timothy Flyte que ele atingiu. Caiu com força sobre as suas pernas, fraturando-as, prendendo o cientista, que uivou de dor, tão

alto que Bryce pôde ouvi-lo acima do estrondo feito pelo calçamento que se desintegrava.

Os tremores ainda continuavam. A rua se alçou ainda mais.

Dentes irregulares de concreto coberto de macadame mordiam o ar matinal.

Dentro de segundos, aquilo irromperia e estaria sobre eles antes que tivessem uma chance de se levantar e lutar.

Um míssil de concreto do tamanho de uma bola de beisebol, cuspido no ar pela emergência vulcânica do transmorfo do escoadouro, voltou a cair sobre o calçamento, batendo a menos de dez centímetros do rosto de Jenny. Uma lasca de concreto furou-lhe a face, tirou um filete de sangue.

Então, a pressão formadora da crista que vinha lá de baixo cessou repentinamente. A rua deixou de tremer. Deixou de se erguer.

Os sons da destruição sumiram. Jenny pôde ouvir a sua própria respiração irregular.

A curta distância dali, Tal Whitman começou a se pôr de pé.

Do outro lado do calçamento em crista, alguém gemia, agoniado.

Jenny não podia ver quem era.

Tentou se levantar, mas a rua estremeceu mais uma vez e ela foi lançada de novo de cara no chão.

Tal também caiu de novo, praguejando em voz alta.

Abruptamente, a rua começou a afundar. Emitiu um som torturado, e pedaços começaram a se soltar ao longo das linhas de fratura. Blocos caíam no vazio lá embaixo. Vazio demais; parecia que as coisas estavam caindo num abismo, não apenas num escoadouro.

Então toda a seção que formara a crista desabou com um rugido trovejante, e Jenny se encontrou na beirada.

Ficou deitada de barriga para baixo, cabeça erguida, esperando que algo surgisse das profundezas, temendo ver qual a forma que o transmorfo assumiria desta vez.

Mas ele não veio. Não saiu nada daquele buraco.

A cova tinha três metros de largura, pelo menos quinze de comprimento. Do lado oposto, Bryce e Lisa estavam tentando se pôr de pé. Jenny quase gritou de alegria ao vê-los. Estavam vivos!

E então ela enxergou Timothy. Suas pernas estavam presas sob um bloco imenso de concreto. Pior ainda — ele estava preso num pedaço precário do leito da rua que se projetava sobre a beirada do buraco, sem apoio nenhum por baixo. A qualquer momento o pedaço poderia se soltar e cair na cova, levando-o junto.

Jenny se adiantou alguns centímetros e espiou para dentro do buraco. Tinha pelo menos nove metros de profundidade, sendo provavelmente bem mais profundo em alguns lugares. Não podia calcular direito, pois havia muitas sombras ao longo da sua extensão de quinze metros. Aparentemente, o inimigo antigo não brotara apenas dos escoadouros.

Erguera-se de algumas cavernas de calcário, anteriormente estáveis, que ficavam bem abaixo da terra sólida na qual fora construída a rua.

Mas que grau de força fenomenal, que tamanho inimaginavelmente imenso devia possuir para ser capaz de destruir não apenas a rua, mas também as formações rochosas naturais lá embaixo!

E para onde fora?

O buraco parecia vazio, mas Jenny sabia que aquilo devia estar lá embaixo em algum lugar, nas regiões mais profundas, nos túneis subterrâneos, escondendo-se do Biosan, à espera, à escuta.

Ela ergueu os olhos e viu Bryce se dirigindo para Flyte.

Um ruído vivo, um estalo, rompeu o ar. O poleiro de concreto de Flyte mudou de posição. Ia se soltar e cair no abismo.

Bryce percebeu o perigo. Escalou um bloco inclinado de calçamento tentando alcançar Flyte a tempo.

Jenny achou que não conseguiria.

Então o calçamento sob seu corpo gemeu, estremeceu, e ela se deu conta de que também estava em território perigoso. Começou a se levantar. Debaixo dela, o concreto se partiu com uma explosão de som.

41

Lúcifer

As sombras nas paredes da caverna modificavam-se a toda hora; igualmente aquele que fazia as sombras. No brilho meio lunar da lanterna a gás, a criatura era como uma coluna de fumaça densa, retorcendo-se, informe, escura como sangue.

Embora Kale quisesse acreditar que era apenas fumaça, sabia bem que não era. Ectoplasma. Era isso que devia ser. Aquele material do outro mundo de que se dizia que eram compostos os demônios, os fantasmas e os espíritos.

Kale jamais acreditara em fantasmas. O conceito da vida depois da morte era uma muleta para os homens mais fracos, não para Fletcher Kale. Mas agora...

Gene Terr estava sentado no chão, fitando a aparição. O seu único brinco de ouro brilhava.

Kale estava com as costas pressionadas de encontro a uma fresca parede de calcário. Sentia-se como se estivesse fundido com a rocha.

O cheiro repelente de enxofre ainda pairava no ar úmido.

À esquerda de Kale, um homem cruzou a abertura que vinha do primeiro cômodo do retiro subterrâneo. Não; não era um homem. Era um dos sósias de Jake Johnson. Aquele que o chamara de assassino de bebês.

Kale emitiu um som pequeno e desesperado.

Aquela era a versão demoníaca do Johnson cujo crânio estava semi-desprovido de carne. Um olho úmido, sem pálpebra, aparecia na órbita ossuda, fitando Kale malevolamente. Então o demônio se voltou para aquela monstruosidade limosa no centro da câmara. Caminhou até a coluna de limo ondulante, abriu os braços, abraçou a carne gelatinosa — e simplesmente se fundiu com ela.

Kale ficou olhando, sem compreender.

Mais outro Jake Johnson apareceu. Aquele que não tinha carne no flanco. Para além das costelas expostas, latejava o coração sangrento; os pulmões se expandiam. No entanto, os órgãos não se projetavam pelas aberturas entre as costelas. Tal coisa era impossível.

Só que isso era uma aparição, uma presença nascida do Inferno que subira das Profundezas — bastava sentir o cheiro do enxofre, o odor de Satanás! —, e, portanto, qualquer coisa era possível.

Kale agora acreditava.

A única alternativa para a crença era a loucura.

De um em um, os quatro sósias restantes de Johnson entraram, olhando para Kale, depois foram absorvidos pelo limo ressumbrante, ondulante.

A lanterna Coleman emitia um som sibilante macio, contínuo.

Da carne gelatinosa do visitante do outro mundo começaram a brotar asas negras, terríveis.

O ruído da lanterna ecoava, sibilante, nas paredes de pedra.

As asas parcialmente formadas degeneraram para dentro da coluna de limo de que tinham brotado. Pernas insetoides começaram a tomar forma.

Finalmente, Gene Terr falou. Quase parecia estar em transe — só que havia um brilho animado nos seus olhos.

— A gente vinha para cá, eu e alguns dos meus rapazes, duas ou três vezes por ano, sabe? Isto aqui é um lugar perfeito para uma festa de foder e apagar. Ninguém para escutar nada. Ninguém para ver.

Sabe?

Afinal, Jeeter desviou o olhar da criatura e fitou os olhos de Kale. Este perguntou: — Que porra é essa de... festa de foder e apagar?

— Ah, de dois em dois meses, às vezes até menos, uma mina aparece e quer entrar para o Chrome, quer ser a mulher de alguém, não importa quem, ou se contenta em ser uma piranha pra-toda-obra, que todos os caras podem comer quando querem variar de boceta. Sabe? — Jeeter estava sentado com as pernas cruzadas numa posição de ioga.

As mãos jaziam imóveis no colo. Parecia um Buda perverso. — Às vezes, um de nós pode estar querendo uma companheira nova, ou então a mina é realmente um estouro, aí a gente aceita ela. Mas isso não acontece muitas vezes. De um modo geral, a gente manda elas darem o fora.

No centro da caverna, as pernas insetoides se dissolveram na coluna ressumbrante de limo. Dúzias de mãos começaram a se formar, os dedos se abrindo como as pétalas de flores estranhas.

Jeeter continuou:

— Mas uma vez ou outra aparece uma mina que é uma gatona, só que a gente não está precisando dela nem querendo ela com a gente... o que a gente esta querendo é só se divertir com ela. Outras vezes, a gente vê uma garota que fugiu de casa, sabe, um brotinho de dezesseis anos, pedindo carona; então a gente pega ela, não importa se ela quer vir ou não. A gente dá um pó ou um baseado pra ela, deixa ela numa boa, depois traz ela para cá, bem longe de tudo, e fode ela até arrebentar durante uns dois dias, virando a mina pelo avesso; depois, quando nenhum de nós consegue mais levantar o pau, a gente apaga ela, de maneiras realmente interessantes.

A presença demoníaca no centro do aposento alterou-se ainda outra vez. A infinidade de mãos se dissolveu. Dezenas de bocas se abriram em toda a sua extensão, cada uma delas cheia de presas afiadas como navalhas.

Gene Teer lançou um olhar para esta manifestação mais recente, mas não pareceu assustado. Na verdade, sorriu para ela.

— Apagam elas? — perguntou Kale. — Vocês as matam?

— É. De maneiras interessantes. A gente enterra elas por aqui também. Quem é que vai achar os corpos neste fim de mundo? É sempre um barato. Uma curtição. Até domingo. No domingo à tardinha a gente está muito bem na grama ao lado da cabana, bebendo e currando uma guria, e de repente Jake Johnson sai do meio do bosque, de bunda de fora, como se também estivesse querendo foder a piranha.

Primeiro eu pensei que poderíamos nos divertir com ele também, achei que a gente podia apagar ele quando apagasse a garota, livrar-se da testemunha, sabe, mas antes que a gente pudesse

agarrar ele, um outro Jake sai do meio do bosque, depois um terceiro...

— Foi isso mesmo que aconteceu comigo — disse Kale.

— ...e mais outro e mais outro. A gente atirou neles, acertou em cheio no peito, na cara, mas eles não caíam, nem ao menos paravam, continuavam vindo. Então Little Willie, um dos meus braços direitos, parte para cima do mais próximo e usa uma faca, mas não adianta nada. Em vez disso, aquele Johnson agarra o Willie e ele não consegue se soltar, e então de repente... bem... Johnson não é mais Johnson. É apenas essa coisa, essa coisa danada sem forma nenhuma. A coisa consome o Willie... consome ele como... bem, porra, ela dissolve o Willie, cara. E a coisa fica cada vez maior, e depois vira o maior lobo da paróquia...

— Jesus — falou Kale.

— ...o maior lobo que já se viu, e depois os outros Jakes se transformaram em outras coisas, como lagartos grandes com bocas horríveis, mas um deles não era um lobo ou um lagarto, era uma coisa que nem consigo descrever, e eles todos vem atrás da gente. Não podemos pegar as nossas motos, cara, porque essas coisas estão entre a gente e elas, e então elas matam mais dois dos meus rapazes, e depois começam a dirigir a gente morro acima.

— Para as cavernas — disse Kale. — Foi isso o que fizeram comigo.

— A gente nem sabia dessas cavernas — falou Terr. — Então a gente entra aqui, na maior escuridão, e as coisas começam a matar mais de nós, cara, matar a gente no escuro... As bocas cheias de presas sumiram.

— ...e há uma gritaria danada, sabe, e eu não podia ver onde estava, então me enfiei num canto para me esconder, torcendo para que não me achassem, embora tivesse a certeza de que achariam.

O tecido manchado de sangue pulsava, ondulava.

— ...e depois de algum tempo a gritaria acaba. Está todo mundo morto. Tudo quieto... e então eu escuto alguma coisa se mexendo.

Kale estava escutando o que Terr dizia, mas de olho na coluna de limo. Um tipo de boca diferente apareceu, como se fosse uma sugadora, do tipo que se veria num peixe exótico. Ficou aspirando o ar sofregamente, como que em busca de carne.

Kale estremeceu. Terr sorriu.

Outras bocas sugadoras começaram a se formar por toda a criatura.

Ainda sorrindo, Jeeter falou: — Então, eu estou no escuro e escuto um movimento, mas não vem nada para cima de mim. Em vez disso, vem uma luz. Fraquinha, no começo, depois mais forte. É um dos Johnsons, com uma lanterna Coleman. Ele manda eu ir com ele. Eu não quero ir. Ele agarra o meu braço, e a mão dele é fria, cara. Forte. Ele não me solta, me faz vir até aqui, onde tem aquela coisa saindo de dentro do chão, e eu nunca vi nada parecido na vida, nunca, em parte alguma. Quase me borro. Ele me faz sentar, deixa a lanterna comigo, depois vai para dentro daquele limo ali, se funde com ele, e eu fico aqui sozinho com a coisa, que começa imediatamente a sofrer todo tipo de modificação.

Ainda estava sofrendo modificações, segundo Kale via. As bocas sugadoras desapareceram. Chifres pontudíssimos formaram-se ao longo dos flancos revolvedores da criatura; dúzias de chifres, farpados ou não, numa variedade de texturas e cores, erguendo-se da massa gelatinosa.

— Então — continuou Terr —, tem mais ou menos um dia e meio que eu estou sentado aqui, olhando para ela, exceto quando cochilo ou vou até o outro cômodo comer qualquer coisa. De vez em quando a coisa fala comigo. Parece saber quase tudo que é possível saber a meu respeito, coisas que só os meus irmãos motoqueiros mais chegados sabiam. Sabe de todos os corpos enterrados aqui, e sabe daqueles filhos da mãe mexicanos que apagamos quando tiramos o ponto de tóxico deles, e sabe do tira que cortamos em pedacinhos faz dois anos, e, sabe, nem os outros tiras desconfiam que tivemos alguma coisa a ver com isso. Essa coisa aí, essa coisa estranha e linda, sabe de todos os meus segredinhos, cara. E o que não sabe pede para ouvir, e escuta de verdade. E aprova o que faço, cara. Nunca pensei que ia realmente encontrá-lo. Sempre desejei, mas nunca pensei que encontraria. Há anos que o venho adorando, cara, e a turma toda costumava rezar essas missas negras uma vez por semana, mas eu nunca pensei que ele realmente fosse aparecer para mim. A gente ofereceu

sacrifícios para ele, até sacrifícios humanos, e cantamos todos os cânticos certos, mas nunca fomos capazes de fazer aparecer nada.

Então isso aqui é um milagre. — Jeeter riu. — A minha vida toda eu fiz as obras dele, homem. Rezei para ele a vida toda, rezei para a Besta.

Agora ela está aqui. É uma porra dum milagre. Kale não queria compreender.

— Estou perdidão. Terr fitou-o.

— Não, não está. Você sabe do que estou falando, cara. Você sabe. — Kale ficou calado. — Você estava pensando que isso devia ser um demônio, algo vindo do Inferno. E vem do Inferno, cara. Mas não é nenhum demônio. É Ele. Ele. Lúcifer.

Por entre as dúzias de chifres pontiagudos, pequenos olhos vermelhos se abriam na carne tenebrosa. Uma infinidade de olhinhos penetrantes brilhavam escarlates com ódio e conhecimento maligno.

Terr fez sinal a Kale para se aproximar.

— Ele permite que eu continue vivo porque sabe que sou Seu discípulo verdadeiro.

Kale não se mexeu. Seu coração batia com força. Não era o medo que libertava a adrenalina nele. Não apenas o medo. Havia outra emoção que o balançava, que o assoberbava, uma emoção que ele não conseguia identificar direito.

— Ele me deixou viver — repetiu Jeeter — porque sabe que sempre faço a Sua obra. Alguns dos outros... talvez não fossem devotados com tanta pureza quanto eu às Suas obras, então Ele os destruiu. Mas eu... eu sou diferente. Ele está me deixando viver para fazer a Sua obra. Talvez me deixe viver para sempre, cara.

Kale pestanejou.

— E está deixando você viver pelo mesmo motivo, sabe — continuou Jeeter. — Claro. Deve ser. Claro. Porque você faz a Sua obra.

Kale fez que não com a cabeça.

— Nunca fui um... um adorador do Diabo. Nunca acreditei.

— Não importa. Ainda faz a Sua obra, e curte o que faz. Os olhos vermelhos fitavam Kale.

— Você matou a sua mulher — disse Jeeter. Kale assentiu, muda-mente. — Cara, matou até mesmo o seu filhinho. Se isso não é a Sua obra, o que é então?

Nenhum dos olhos brilhantes piscou, e Kale começou a identificar a emoção que brotava dentro dele. Euforia, respeito... êxtase religioso.

— Sabe-se lá o que mais você fez em todos esses anos — disse Jeeter. — Deve ter feito um bocado de coisas que eram a Sua obra.

Quem sabe quase tudo o que você fez foi obra Sua. Você é igual a mim, cara. Nasceu para ser seguidor de Lúcifer. Você e eu, está nos nossos genes. Nos nossos genes, cara.

Finalmente, Kale afastou-se da parede.

— É isso aí — falou Jeeter. — Venha para cá. Venha para perto do Mestre.

Kale estava dominado pela emoção. Sempre soubera que era diferente dos outros homens. Melhor. Especial. Sempre soubera, mas não esperara por isso. No entanto, cá estava, a prova irrefutável de que era um escolhido. Uma alegria feroz lhe fez expandir o coração.

Ajoelhou-se ao lado de Jeeter, perto da presença milagrosa.

Finalmente, chegara.

Chegara o seu momento.

Eis aqui, pensou Kale, o meu destino.

42

O outro lado do inferno

Por baixo de Jenny, o concreto estalou com um som como um disparo de canhão.

Bum!

Ela recuou, atropeladamente, mas não foi suficientemente rápida. O calçamento se moveu e começou a cair de sob o seu corpo.

Ela ia cair no buraco, Cristo, não, se não morresse da queda, então aquilo sairia do seu esconderijo e a pegaria, arrastando-a bem para o fundo e devorando-a antes que qualquer um pudesse tentar salvá-la.

Tal Whitman agarrou os tornozelos dela com firmeza. Ela estava pendurada na cova, de cabeça para baixo. O concreto desabou para dentro do buraco, caindo no fundo com um estrondo. O calçamento sob os pés de Tal balançou, começou a ceder, e ele quase soltou Jenny.

Então ele recuou, puxando-a consigo, para longe da beirada que desmoronava. Quando ela ficou novamente em terra firme, Tal ajudou-a a ficar de pé.

Embora ela soubesse que era biologicamente impossível o seu coração subir até a garganta, ainda assim o engoliu.

— Meu Deus — exclamou, ofegante. — Obrigada! Tal, se você não tivesse...

— Serviço de rotina — retrucou ele, embora quase a tivesse acompanhado na queda.

Foi uma sopa, pensou Jenny, lembrando-se da história que Bryce lhe contara sobre Tal.

Viu que Timothy Flyte, do outro lado do buraco, não ia ter a mesma sorte que ela tivera. Bryce não ia conseguir alcançá-lo a

tempo.

O calçamento sob o corpo de Flyte cedeu. Um bloco de uns dois metros de comprimento caiu para dentro do buraco, levando consigo o arqueólogo. Não desabou até o fundo, como acontecera com o concreto do lado de Jenny. Do lado oposto, o buraco tinha uma parede inclinada, e o bloco desceu por ela, deslizou nove metros até a base e acabou pousando num monte de pedregulhos.

Flyte ainda estava vivo. Gritava de dor.

— Temos de tirá-lo de lá depressa — falou Jenny.

— Nem vale a pena tentar — disse Tal.

— Mas...

— Olhe!

Aquilo veio buscar Flyte. Explodiu de dentro de um dos túneis que pontilhavam o fundo do buraco e que, aparentemente, levavam a cavernas profundas. Um pseudópode maciço de protoplasma amorfo ergueu-se (rês metros no ar, estremeceu, caiu ao chão, libertou-se do corpo-matriz escondido lá embaixo e transformou-se numa aranha obscenamente gorda, do tamanho de um pônei. Estava apenas a três ou quatro metros de Timothy Flyte, e foi escalando os blocos destruídos do calçamento, dirigindo-se para ele com intenção assassina.

Esparramado no trenó de concreto que o fizera descer para dentro da cova, impotente, Timothy viu a aranha vir vindo. A sua dor foi afogada numa onda de terror.

As pernas negras, longas e finas moviam-se com facilidade nas ruínas irregulares, e a coisa andou com muito mais rapidez do que o faria um homem. Havia milhares de pelos negros eriçados feito arame naquelas pernas frágeis. A barriga bulbosa era macia, lustrosa, pálida.

Três metros; dois metros e meio.

Fazia um ruído de gelar o sangue, parte guincho, parte silvo.

Dois metros. Um metro e meio.

A aranha parou na frente de Timothy, e ele se viu fitando um par de mandíbulas imensas, maxilares quitinosos de ponta afiada.

A porta entre a loucura e a sanidade começou a se abrir na sua mente.

De repente, uma chuva leitosa caiu em cima de Timothy. Por um instante ele pensou que a aranha estivesse esguichando veneno em cima dele. Depois, deu-se conta de que era o Biosan-4. Eles estavam lá em cima, na beirada do buraco, apontando para baixo os seus pulverizadores.

O fluido também respingou na aranha. Manchas brancas começaram a pintar o seu corpo negro.

O pulverizador de Bryce fora danificado por um pedregulho. Não conseguia soltar uma gota do fluido de dentro dele.

Praguejando, ele desafivelou o arnês e se livrou dele, largando o tanque na rua. Enquanto Tal e Jenny esguichavam o Biosan do outro lado do buraco, Bryce correu até a sarjeta e apanhou as duas caixas de metralha sobressalentes cheias de solução rica em bactérias. Elas tinham rolado pelo calçamento, para longe do concreto em erupção, vindo parar junto ao meio-fio. Cada caixa de metralha tinha uma alça, e Bryce agarrou as duas. Eram pesadas. Ele correu de volta à beirada do buraco, hesitou, depois foi em frente e desceu a encosta até o fundo.

Deu um jeito de se manter de pé e de não largar nenhuma das duas caixas de metralha. Não se dirigiu para Flyte. Jenny e Tal estavam fazendo tudo o que era possível para destruir a aranha. Em vez disso, Bryce foi serpenteando em meio aos pedregulhos caídos, dirigindo-se para o buraco de onde o transmorfo tinha despachado este fantasma mais recente.

Timothy Flyte, apavorado, viu a aranha que o acossava metamorfosear-se num cão imenso. Não era simplesmente um cachorro; era um Cão dos Infernos, com um rosto parcialmente canino e parcialmente humano. Seu pelo (onde não estava respingado com Biosan) era bem mais preto do que fora a aranha; suas patas grandes tinham garras farpadas, e seus dentes eram do tamanho dos dedos de Timothy. O seu hálito fedia a enxofre e a algo pior.

As lesões começaram a aparecer no cão enquanto a bactéria consumia a carne amorfa, e Timothy sentiu nascer a esperança.

Olhando para ele, o cão falou com uma voz que parecia cascalho descendo por uma rampa de lata: — Eu pensei que você fosse meu Mateus, mas você foi meu Judas.

As mandíbulas imensas se abriram.

Timothy berrou.

Enquanto sucumbia aos efeitos degenerativos das bactérias, a coisa conseguiu cerrar os dentes e morder-lhe selvagemente o rosto.

Parado na beirada da cova, olhando para baixo, Tal teve a atenção dividida entre o medonho espetáculo do assassinato de Flyte e a missão suicida de Bryce com as caixas de metralha.

Flyte. Embora o cão fantasma estivesse se dissolvendo enquanto as bactérias faziam o seu efeito ácido, não estava morrendo com rapidez suficiente. Mordeu Flyte no rosto, depois no pescoço.

Bryce. A seis metros do Cão dos Infernos, Bryce alcançara o buraco de onde brotara o protoplasma alguns minutos antes. Ele começou a desatarraxar a tampa de uma das caixas de metralha.

Flyte. O cão devorava vorazmente a cabeça de Flyte. As patas traseiras do animal já tinham perdido a sua forma e estavam espumando enquanto se decompunham, mas o fantasma fazia força para manter a sua forma, para poder retalhar e mastigar Flyte o máximo de tempo possível.

Bryce. Tirou a tampa da primeira caixa de metralha. Tal escutou o ruído que ela fez ao bater num pedaço de concreto, quando Bryce a jogou fora. Tal tinha certeza de que algo ia saltar de dentro do buraco, subindo das cavernas lá embaixo, e agarrar Bryce num abraço mortal.

Flyte. Parara de gritar.

Bryce. Inclinou a caixa de metralha e derramou a solução de bactérias dentro dos túneis subterrâneos que ficavam sob o piso da cova.

Flyte estava morto.

A única coisa que restava do cão era a sua imensa cabeça.

Embora sem corpo, embora se abrindo em feridas e supurando, ele ainda continuava mordendo o arqueólogo morto.

Lá embaixo, Timothy Flyte se transformara em restos mortais sangrentos.

Parecia ser um velhinho tão simpático.

Tremendo de repulsão, Lisa, que estava sozinha no seu lado da cova, afastou-se da beirada. Chegou à sarjeta, andou por ela, finalmente se deteve, ficou ali parada, tremendo... até que se deu conta de que estava em pé sobre um bueiro.

Lembrou-se dos tentáculos que tinham surgido de dentro do bueiro, prendendo e matando Sara Yamaguchi. Deu um pulo rápido para cima da calçada.

Lançou um olhar aos prédios às suas costas. Estava perto de um dos corredores de serviço cobertos entre duas lojas. Fitou o portão fechado com apreensão.

Será que havia algo à espreita neste corredor? De olho nela?

Lisa já ia voltar para a rua de novo, viu o bueiro, e ficou em cima da calçada.

Deu um passo hesitante para a esquerda, depois moveu-se para a direita, depois hesitou de novo. Havia portas e portões de serviço dos dois lados. Não fazia sentido mudar de lugar. Nenhum outro era mais seguro.

Enquanto começara a derramar o Biosan-4 da caixa de metralha azul dentro do buraco no piso da cova, Bryce pensou ter visto um movimento na penumbra lá embaixo. Esperou ver um fantasma brotar e agarrá-lo, levando-o para o seu covil subterrâneo. Mas esvaziou todo o conteúdo do cilindro dentro do buraco e nada veio atrás dele.

Puxando o segundo cilindro, suando em bicas, foi abrindo caminho por entre os blocos irregulares e as pontas agudas de concreto e o encanamento quebrado. Rodeou com cuidado um cabo de luz elétrica arrebentado e crepitante, saltou sobre uma pequena poça que tinha se formado ao lado de um cano de água que vazava. Passou pelo corpo destroçado de Flyte e pelos restos fedorentos do fantasma decomposto que o matara.

Quando alcançou o buraco seguinte no piso da cova, agachou-se, desatarraxou a tampa da segunda caixa de metralha e derramou todo o conteúdo na câmara lá embaixo. Vazio. Jogou fora o cilindro, afastou-se do buraco e correu. Estava ansioso para sair da cova antes que um fantasma viesse em seu encalço como aquele outro viera no encalço de Flyte.

Estava na terça parte da subida da parede inclinada da cova, achando a escalada consideravelmente mais difícil do que imaginara, quando escutou algo terrível às suas costas.

Jenny estava observando Bryce na sua difícil escalada para a superfície. Prendia a respiração, com medo de que ele não fosse conseguir.

De repente, seu olhar foi atraído para o primeiro buraco no qual ele derramara o Biosan. O transmorfo brotou de sob a terra, jorrou sobre o piso da cova. Parecia uma onda de águas de esgoto espessas, solidificadas. Exceto onde fora atingido pela solução de bactérias, estava agora mais escuro do que fora antes. Ondulava, retorcia-se e revolvia-se mais agitadamente do que nunca, o que talvez fosse um sinal de degeneração. A mancha leitosa da infecção estava se espalhando visivelmente pela criatura: bolhas se formavam, inchavam, estouravam; feridas feias se abriam e deixavam vazar um fluido amarelo aguado. Dentro de poucos segundos, pelo menos uma tonelada de carne amorfa jorrara do buraco. Toda ela estava aparentemente tomada pela moléstia, e ainda assim ela continuava vindo, mais rápido ainda, como a lava de um vulcão em ebulição, um jorrar alucinado de tecido vivo e gelatinoso. A criatura começou também a emergir de outro buraco. A grande massa ressumbrante se espalhava sobre o entulho, formava pseudópodes — braços informes que se agitavam — que se erguiam nos ares mas logo caíam ao chão, espumando, em espasmos. E então, de outros buracos ainda, saiu um som medonho: as vozes de milhares de homens, mulheres e crianças e animais, todos gritando de dor, horror e puro desespero. Era um lamento agoniado de tanto sofrimento que Jenny não podia suportar — especialmente quando algumas vozes pareciam estranhamente familiares, como velhos amigos e bons vizinhos. Ela levou as mãos aos ouvidos, mas de nada adiantou; o rugido da multidão que sofria ainda penetrava. Era, é claro, o grito de morte de apenas uma criatura, o transmorfo, mas como aquilo não tinha voz própria, era forçado a empregar as vozes de suas vítimas, expressando suas emoções e terror inumanos intensamente humanos.

A coisa foi cruzando o entulho. Na direção de Bryce.

A meio caminho da encosta, Bryce ouviu o barulho às suas costas mudar do lamento de mil vozes solitárias para um rugido de ódio.

Teve a coragem de olhar para trás. Viu que três ou quatro toneladas do tecido amorfo tinham jorrado para dentro da cova, e que um volume ainda maior continuava esguichando, como se os intestinos da terra estivessem se esvaziando. A carne do inimigo antigo estava estremecendo, saltando, explodindo em lesões leprosas. Tentou criar fantasmas alados, mas estava fraco ou instável demais para imitar qualquer coisa com competência. As aves e insetos semiformados ou se decompunham numa matéria semelhante ao pus ou desabavam de volta dentro da poça de tecido debaixo deles. Mesmo assim, o inimigo antigo vinha vindo na direção de Bryce, vindo num frenesi trêmulo e revolvedor. Tinha fluído quase até a base da encosta, e agora estava enviando tentáculos que se degeneravam, mas que ainda tinham poder, na direção dos seus calcanhares.

Ele lhe deu as costas e redobrou os seus esforços para chegar à beirada do abismo.

As duas grandes janelas do Towne Bar and Grille, na frente do qual Lisa estava parada, explodiram sobre a calçada. Um fragmento de vidro cortou a sua testa, mas, fora disso, ela não se machucou, pois a maior parte dos fragmentos caiu na calçada entre ela e o prédio.

Uma massa obscena e imprecisa se projetava pelas janelas quebradas.

Lisa recuou, tropeçando, e quase caiu do meio-fio.

A carne fétida e limosa parecia preencher o prédio inteiro de onde se projetara.

Algo se enroscou no tornozelo de Lisa.

Médias de tecido amorfo tinham se esgueirado pela grade do bueiro, na sarjeta às suas costas. Tinham segurado Lisa.

Aos berros, ela tentou se soltar — e notou que foi surpreendentemente fácil fazê-lo. Os tentáculos finos, semelhantes a minhocas, caíram ao chão. Lesões se abriram em toda a sua extensão.

Fenderam-se, e em segundos estavam reduzidos a uma papa inanimada.

A massa repulsiva que se projetara do bar também sucumbia às bactérias. Pedaços grandes de tecido espumoso se soltavam e se espalhavam pela calçada. Mesmo assim ele continuava a jorrar, formando tentáculos, e os tentáculos cortavam os ares, à procura de Lisa, mas do modo tentativo com que o faria algo doente e cego.

Tal viu as janelas do Towne Bar and Grille explodirem do outro lado da rua, mas antes que pudesse dar um passo para ajudar Lisa, as janelas às suas costas também explodiram, no saguão e no refeitório do Hilltop, e ele se voltou, surpreso; então as portas da frente do hotel se escancararam, e tanto das portas quanto das janelas saíram toneladas do protoplasma que pulsava (Oh, Jesus, mas que tamanho tinha essa coisa amaldiçoada? O tamanho da cidade inteira? O tamanho da montanha de onde tinha saído? Infinito?) e se agitava, fazendo brotar dezenas de tentáculos inquietos enquanto se adiantava, marcado pela moléstia mas notavelmente mais ativo do que a extensão de si próprio que mandara no encalço de Bryce na cova; antes que Tal pudesse erguer o esguicho do seu : pulverizador e apertar a alavanca de disparo de pressão, os tentáculos frios o encontraram e agarraram com força desalentadora; então ele estava sendo arrastado pelo chão na direção do hotel, na direção da parede ressumbrante de limo que ainda irrompia das janelas estilhaçadas, e os tentáculos começaram a queimar através das suas roupas, ele sentiu a pele ardendo, empolando, soltou um uivo; os ácidos digestivos estavam lhe carcomendo a carne, ele sentiu ferros de marcar em brasa no peito e nos braços, sentiu uma linha de fogo ao longo da coxa esquerda, lembrou-se de como um tentáculo decapitara Frank Autry por meio do ácido através do pescoço do homem, lembrou-se de sua tia Becky, e...

Jenny se desviou de um tentáculo que tentara pegá-la.

Borrifou Tal e todos os apêndices sinuosos — três deles — que o mantinham preso.

Tecido em decomposição caiu dos tentáculos, mas eles não se degeneraram inteiramente.

Mesmo onde ela não tinha borrifado, a carne da criatura se abria em novas feridas. O monstro todo estava contaminado; estava sendo consumido de dentro para fora. Não podia durar mais muito tempo.

Talvez apenas o tempo suficiente para matar Tal Whitman.

Ele gritava, se debatia.

Desesperada, Jenny largou a mangueira do pulverizador e se acercou mais de Tal. Agarrou um dos tentáculos que o seguravam e tentou livrá-lo dele.

Outro tentáculo tentou agarrá-la.

Ela se livrou da sua tentativa desajeitada e se deu conta de que, se podia desviar-se dele com tanta facilidade, a criatura devia estar perdendo rapidamente a sua batalha contra as bactérias.

Pedaços do tentáculo saíam nas suas mãos, nacos de tecido morto que fediam terrivelmente.

Com engulhos, ela o dilacerou com mais força ainda, e o tentáculo finalmente libertou Tal; então os outros dois fizeram o mesmo, e ele desabou como um trapo no chão, arfando e sangrando.

Os tentáculos cegos e tateantes não tinham tocado em Lisa.

Retraíram-se para dentro da massa nojenta que se derramara pela frente do Towne Bar and Grille. Agora, aquela monstruosidade arquejante sofria de espasmos e ia lançando fora nacos infectados e espumantes de si mesma.

— Está morrendo — disse Lisa em voz alta, embora não houvesse ninguém por perto o suficiente para escutá-la. — O Diabo está morrendo.

Bryce se arrastou de barriga durante o resto do trajeto quase vertical na parede da cova. Finalmente chegou à beirada e conseguiu se içar para fora.

Olhou para baixo, para o local de onde viera. O transmorfo não tinha chegado perto dele. Um lago incrivelmente grande, do tecido amorfo, gelatinoso, jazia no fundo da cova, derramando-se por cima e ao redor do entulho, mas estava virtualmente inativo. Umas poucas formas humanas e animais ainda tentaram se erguer, mas o inimigo antigo estava perdendo o seu talento para a imitação. Os fantasmas eram imperfeitos e apáticos. O transmorfo ia

desaparecendo lentamente sob uma camada do seu próprio tecido morto e em decomposição.

Jenny se ajoelhou ao lado de Tal.

Os braços e o peito dele estavam marcados por feridas lívidas.

Uma ferida que purgava também cobria toda a extensão da sua coxa esquerda.

— Está doendo? — perguntou ela.

— Quando a coisa estava me segurando, doía, e muito. Agora nem tanto — disse ele, embora a sua expressão não deixasse dúvidas de que ainda estava sofrendo.

O monte enorme de limo que se projetara do Hilltop agora estava começando a se retirar, retraindo-se para dentro dos encanamentos de onde se erguera, deixando para trás os resíduos fedorentos de sua carne em decomposição.

Uma retirada mefistofélica. De volta ao outro mundo. De volta ao outro lado do Inferno.

Ciente de que não estavam correndo nenhum perigo iminente, Jenny examinou mais atentamente as feridas de Tal.

— Muito ruim? — perguntou ele.

— Não tão ruim quanto eu imaginaria. — Forçou-o a se deitar.

— A pele foi consumida em alguns lugares. E um pouco do tecido adiposo por baixo.

— Veias? Artérias?

— Não. Ele estava fraco quando o pegou, fraco demais para queimar tão fundo. Um bocado de veias capilares danificadas no tecido superficial. Esta é a causa do sangramento. Mas nem há tanto sangue quanto seria de se esperar. Vou pegar a minha maleta logo que acharmos que é seguro entrar, e prevenir uma infecção. Acho que você talvez deva ter que ficar no hospital por uns dois dias, em observação, só para termos certeza de que não há nenhuma reação alérgica retardada ao ácido ou a qualquer toxina. Mas estou achando que você vai ficar ótimo.

— Sabe de uma coisa? — perguntou ele.

— O quê?

— Você está falando como se estivesse tudo terminado.

Jenny pestanejou. Olhou para o hotel. Podia ver o refeitório através das janelas estilhaçadas. Não havia sinal do inimigo antigo.

Virou-se e olhou para o outro lado da rua. Lisa e Bryce estavam vindo para o lado de cá da cova.

— Acho que está — disse para Tal. — Acho que está tudo terminado.

43

Apóstolos

Fletcher Kale não estava mais com medo. Sentou-se ao lado de Jeeter e ficou vendo a carne satânica metamorfoseando-se em formas ainda mais bizarras.

Aos poucos, tomou consciência de que a barriga da sua perna direita estava coçando. Ficou coçando o local continuada e distraidamente, enquanto observava a transformação verdadeiramente milagrosa do visitante demoníaco.

Confinado nas cavernas desde domingo, Jeeter nada sabia do que se tinha passado em Snowfield. Kale contou o pouco que sabia, e Jeeter ficou fascinado.

— Sabe o que é, é um sinal. O que Ele fez em Snowfield é como um sinal dizendo ao mundo que é chegada a Sua hora. O Seu reinado vai começar em breve. Vai governar a terra por mil anos. A própria Bíblia diz isso, cara... mil anos de Inferno na terra. Todo mundo vai sofrer... menos você e eu e outros como nós. Porque somos os escolhidos, cara. Somos os Seus apóstolos. Vamos governar a terra com Lúcifer e ela vai nos pertencer, e vamos poder fazer qualquer porra com qualquer pessoa que tivermos vontade. Qualquer pessoa. E ninguém vai tocar na gente, ninguém, nunca. Está compreendendo? — perguntou Terr, incisivamente, agarrando o braço de Kale, a voz se alteando de emoção, tremendo de paixão evangélica, uma paixão que facilmente se comunicou a Kale e fez nascer nele um êxtase perverso, estonteante.

Com a mão de Jeeter no braço, Kale imaginou que podia sentir o olhar quente do olho tatuado de vermelho e amarelo. Era um olho mágico, que espiava para dentro da sua alma e reconhecia um certo parentesco sombrio.

Kale pigarreou, coçou o tornozelo, coçou a barriga da perna.

Falou: — É. É, estou compreendendo. De verdade.

A coluna de limo no centro do aposento começou a formar uma cauda feito um chicote. Asas emergiram, abriram-se, agitaram-se uma vez. Braços cresceram, grandes e sinuosos. As mãos eram enormes, com dedos potentes que terminavam em garras. No alto da coluna, um rosto se formou na massa ressumbrante: queixo e maxilares como granito esculpido; uma boca rasgada de lábios finos, dentes tortos e amarelos, presas viperinas; um nariz como o focinho de um porco; olhos alucinados, carmesim, nem ao menos remotamente humanos, como os olhos em prisma de uma mosca. Chifres brotaram na testa, uma concessão às concepções dos mitos cristãos. O cabelo parecia feito de vermes; brilhavam, gordos e preto-esverdeados, retorcendo-se continuamente em nós emaranhados.

A boca cruel se abriu. O Diabo falou: — Vocês acreditam?

— Sim — disse Terr, com adoração. — Você é meu senhor.

— Sim — disse Kale, com voz trêmula. — Acredito. — Coçou a barriga da perna direita. — Acredito.

— Vocês são meus? — perguntou a aparição.

— Sim, para sempre — disse Terr, e Kale concordou.

— Alguma vez me abandonarão? — perguntou.

— Não.

— Nunca.

— Querem me agradar?

— Sim — respondeu Terr, e Kale falou: — Qualquer coisa que queira.

— Daqui a pouco eu partirei — disse a manifestação. — Ainda não chegou a minha hora de governar. Esse dia chegará. Em breve. Mas há condições a serem atendidas, profecias a serem cumpridas. Então eu voltarei de novo, não apenas para dar um sinal para toda a humanidade, mas para ficar por mil anos. Até lá, eu deixarei vocês com a proteção do meu poder, que é vasto; ninguém será capaz de

ferir ou frustrar vocês. Eu lhes darei a vida eterna. Prometo que, para vocês, o Inferno será um local de grande prazer e recompensas enormes. Em troca, vocês terão que completar cinco tarefas.

Ele lhes disse o que queria que fizessem para provar o seu valor e agradá-lo. Enquanto falava, abriu-se em pústulas, erupções e lesões que purgavam um líquido fino e amarelo.

Kale ficou pensando o que poderiam significar todas aquelas feridas, depois se deu conta de que Lúcifer era o pai de todas as moléstias. Talvez esse fosse um lembrete nada sutil das pestes terríveis que poderia infligir a eles se não estivessem dispostos a cumprir as cinco tarefas.

A carne espumou, se dissolveu. Pedaços dela caíram ao chão.

Outros foram lançados contra as paredes enquanto a figura se agitava e se retorcia. A cauda do Diabo se soltou do corpo principal e se contorceu no chão; dentro de segundos estava reduzida a uma papa inanimada que fedia a morte.

Quando terminou de dizer o que queria deles, Ele perguntou: — Temos um trato?

— Sim — disse Terr, e Kale falou: — Sim, um trato.

O rosto de Lúcifer, coberto de feridas que purgavam, dissolveu-se. Os chifres e as asas também se derreteram. Revolvendo-se, vazando uma pasta tipo pus, a coisa meteu-se pelo chão adentro, desapareceu no rio lá embaixo.

Estranhamente, o tecido morto malcheiroso não desapareceu. O ectoplasma devia desaparecer quando a presença sobrenatural desaparecesse, mas permanecia ali: nojento, nauseante, brilhando à luz da lanterna de gás.

Aos poucos, o êxtase de Kale foi desaparecendo. Ele começou a sentir o frio irradiando-se do calcário, penetrando pelos fundilhos das suas calças.

Gene Terr tossiu: — Ora... ora, vejam só... não foi um barato?

Kale cocava a barriga da perna. Por baixo da coceira, havia agora um pontinho latejante de dor.

A criatura chegara ao fim do seu período de alimentação. Na verdade, alimentara-se em excesso. Pretendia mover-se na direção do mar ainda hoje, mais tarde através de uma série de cavernas,

canais e cursos d'água subterrâneos. Queria viajar para além do limiar do continente, para dentro dos fossos oceânicos. Inúmeras vezes antes passara por seus períodos de letargia — que às vezes duravam muitos anos — nas profundezas frescas e escuras do mar. Lá embaixo, onde a pressão era tão grande que poucas formas de vida podiam sobreviver, lá embaixo onde a falta de luz e o silêncio absoluto forneciam pouco estímulo, o inimigo antigo conseguia tornar mais lentos os seus processos metabólicos; lá embaixo, podia entrar num estado semelhante ao sonho que tanto desejava, no qual podia ruminar em perfeita solidão.

Mas jamais alcançaria o mar. Nunca mais. Estava morrendo.

O conceito de sua própria morte era tão novo que a criatura não se adaptara ainda à realidade sombria. Na subestrutura geológica da Snowtop Mountain, o transmorfo continuou a largar pedaços infectados de si mesmo. Ele foi penetrando cada vez mais fundo, cruzando o rio do outro mundo que corria na escuridão tenebrosa, mais fundo ainda, descendo cada vez mais para as regiões infernais da terra, para as câmaras de Orcus, Plutão, Osíris, Érebo, Minos, Loki, Satanás. Cada vez que acreditava estar livre do microorganismo devorador, uma sensação estranha de formigamento surgia em algum lugar do tecido amorfo, uma sensação de coisa errada, e então vinha uma dor bem diferente da dor humana, e ele era forçado a se livrar de mais carne infectada. Foi ainda mais fundo, penetrou na Geena, no Sheol, no Abadon, no Inferno. No decorrer dos séculos, assumira ansiosamente o papel de Satanás e de outras figuras malignas que os homens lhe atribuíram, e se divertia brincando com as superstições deles. Agora, estava condenado a um destino consistente com a mitologia que ajudara a criar. Tinha uma consciência amarga desta ironia. Fora arremessado para baixo. Fora amaldiçoado. Viveria na escuridão e no desespero pelo resto da vida... que poderia ser medido em horas.

Pelo menos deixara para trás dois apóstolos. Kale e Terr. Eles continuariam a sua obra mesmo depois que ele tivesse deixado de existir. Espalhariam o terror e se vingariam. Eram perfeitamente adequados para o serviço.

Agora, reduzido somente a um cérebro e um mínimo de tecido de apoio, o transmorfo se encolheu num nicho etoniano de rochas densamente agrupadas e ficou esperando o fim. Passou os seus últimos minutos espumando de ódio, furioso com toda a humanidade.

Kale levantou a perna da calça e olhou para a panturrilha de sua perna direita. À luz da lanterna, viu dois pontinhos vermelhos. Estavam inchados, cocavam e eram muito sensíveis.

— Mordidas de insetos — falou.

Gene Terr olhou. — Carrapatos. Eles se enfiam sob a pele. A coceira só vai passar quando você tirar eles daí. Faça eles virem para fora com um cigarro.

— Tem algum?

— Tenho uns baseados — riu Terr. — Funciona do mesmo jeito, cara, e os carrapatos vão morrer felizes.

Eles fumaram os baseados e Kale usou a ponta ardente do seu para trazer para fora os carrapatos. Não doeu muito.

— No mato — falou Terr —, fique com as pernas das calças enfiadas nas botas.

— Elas estavam enfiadas nas minhas botas.

— É? Então como é que os carrapatos se meteram por baixo?

— Não sei.

Depois de fumarem mais um pouco de erva, Kale franziu o cenho e falou: — Ele prometeu que ninguém poderia nos ferir ou nos deter. Falou que ficaríamos sob a Sua proteção.

— É isso aí, cara. Invencíveis.

— Então como é que tenho que aturar mordidas de carrapatos? — perguntou Kale.

— Qual é, cara, isso não é nenhum fim do mundo.

— Mas se nós estamos realmente protegidos...

— Escute, quem sabe as mordidas de carrapato são o Seu jeito de selar o trato que você fez com Ele. Com um pouco de sangue. Sacou?

— Então por que você não tem mordidas de carrapatos?

Jeeter deu de ombros.

— Não é importante, cara. Além disso, as porras dos carrapatos morderam você antes de você fazer o seu trato... não foi?

— Ah. — Kale assentiu, meio doidão com a maconha. — É. É verdade.

Ficaram calados por algum tempo. Então, Kale perguntou: — Quando acha que vamos poder sair daqui?

— Provavelmente ainda estão procurando você adoidado.

— Mas se não podem me ferir...

— Não vale a pena tornar as coisas mais difíceis para nós mesmos — falou Terr.

— Acho que tem razão.

— Ficamos na nossa por alguns dias. Até lá, a pressão maior já terá acabado.

— Então fazemos as cinco coisas como ele quer. E depois disso?

— Seguimos em frente, cara. Nos mandamos por aí, deixando as nossas marcas.

— Para onde?

— Algum lugar. Ele nos mostrará o caminho. — Terr ficou calado por algum tempo. Depois falou: — Me conte. Me conte como foi matar a sua mulher e o seu filho

— O que quer saber?

— Tudo que há para saber, cara. Me conte qual foi a sensação. Que tal foi acabar com a sua patroa. Principalmente, me conte sobre o garoto. Qual foi a sensação de apagar uma criança? Hein? Eu nunca matei um assim tão pequeno, cara. Você matou ele depressa ou foi aos pouquinhos? Foi diferente de matar ela? O que você fez exatamente com o garoto?

— Só o que eu precisava fazer. Eles estavam no meu caminho,

— Te atrapalhando, não é?

— Os dois.

— Claro. Estou entendendo. Mas o que você fez?

— Atirei nela.

— Atirou no garoto também?

— Não. Fiz ele em pedaços. Com um cutelo de açougueiro.

— É sério, cara?

Fumaram mais baseados; a lanterna sibilava, e o sussurro-risada do rio subterrâneo chegava até eles pelo buraco no chão; Kale falou como matara Joanna, Danny e os delegados do condado.

Lá uma vez ou outra, pontuando as palavras com uma risadinha de quem está doidão, Jeeter dizia: — Ei, cara, como vamos nos divertir. Como vamos nos divertir juntos, você e eu. Me conte. Me conte mais. Cara, como vamos nos divertir.

44

Vitória?

Bryce estava parado na calçada, examinando a cidade. À escuta.

À espera. Não havia sinal do transmorfo, mas ele relutava em acreditar que estivesse morto. Estava com medo de que fosse saltar em cima dele tão logo baixasse a guarda.

Tal Whitman estava deitado no calçamento. Jenny e Lisa limparam as queimaduras do ácido, polvilharam-nas com um pó antisséptico e aplicaram ataduras temporárias.

Snowfield permanecia tão silenciosa como se estivesse no fundo do mar.

Quando acabou de cuidar de Tal, Jenny falou: — Devemos levá-lo imediatamente para o hospital. As feridas não são profundas, mas pode haver uma reação alérgica retardada a uma das toxinas do transmorfo. De repente ele pode ficar com dificuldades respiratórias ou problemas de pressão. O hospital está equipado para as piores possibilidades. Eu, não.

Correndo os olhos pela extensão da rua, Bryce falou: — E se ficarmos presos no carro em movimento, e aquilo voltar?

— Levamos os pulverizadores conosco.

— Pode não haver tempo para usá-los. Ele pode sair de dentro de um buraco no chão, fazer o carro capotar e nos matar dessa forma, sem sequer nos tocar, sem nos dar uma chance de usar os pulverizadores.

Eles ficaram de ouvido atento à cidade. Nada. Apenas a brisa.

Finalmente, Lisa falou: — Está morto.

— Não podemos ter certeza — disse Bryce.

— Vocês não estão sentindo? — insistiu Lisa. — Sinta a diferença. A coisa se foi! Morreu. Dá para a gente sentir a mudança

no ar.

Bryce se deu conta de que a mocinha tinha razão. O transmorfo não fora apenas uma presença física, mas também espiritual; Bryce pudera sentir a sua perversidade, uma malevolência quase tangível.

Aparentemente, o inimigo antigo emitira emanações sutis — vibrações? Ondas psíquicas? — que não podiam ser vistas ou ouvidas, mas que eram registradas num nível instintivo. Deixavam uma mancha na alma.

E agora essas vibrações tinham desaparecido. Não havia mais ameaça no ar.

Bryce inspirou fundo. O ar estava limpo, fresco, doce.

Tal falou: — Se ainda não estão querendo entrar num carro, não se preocupem. Podemos esperar um pouco, eu estou legal. Vou ficar bem.

— Mudei de ideia — disse Bryce. — Podemos ir. Nada vai nos deter. Lisa tem razão. A coisa está morta.

No carro-patrulha, enquanto Bryce ligava o motor, Jenny falou: — Vocês se lembram do que Flyte falou sobre a inteligência da criatura? Quando estava falando com ela, por meio do computador, disse-lhe que provavelmente tinha adquirido a sua inteligência e autopercepção somente depois de começar a consumir criaturas inteligentes.

— Eu me lembro — disse Tal, do banco de trás, onde estava sentado com Lisa. — Ela não gostou de escutar isso.

— E então? — indagou Bryce. — Aonde está querendo chegar, Doc?

— Bem, se ela adquiriu a sua inteligência pela absorção de nosso conhecimento e mecanismos cognitivos... então será que também adquiriu a sua crueldade e perversidade de nós, da humanidade? — Viu que a pergunta deixara Bryce constrangido, mas foi em frente. — Quando se pensa bem a respeito, talvez os únicos diabos verdadeiros sejam os seres humanos. Não todos nós. Não a espécie como um todo; apenas aqueles que são pervertidos, que jamais conseguem adquirir empatia ou compaixão. Se o transmorfo era o Satanás da mitologia, talvez o mal nos seres humanos não seja um reflexo do Diabo; talvez o Diabo seja apenas um reflexo da selvageria e brutalidade da nossa espécie. Talvez o

que tenhamos feito tenha sido... criar o Diabo à nossa própria imagem.

Bryce ficou calado. Depois falou: — Você pode ter razão. Desconfio que tenha. Não vale a pena desperdiçar energia tendo medo de diabos, demônios e coisas que assombram à noite... porque, no final das contas, jamais encontraremos algo mais aterrorizante do que os monstros que existem em nós. O Inferno está onde o fazemos.

Foram descendo a Skyline Road.

Snowfield parecia serena e bela.

Nada tentou detê-los.

45

O bem e o mal

Domingo à noitinha, uma semana depois que Jenny e Lisa encontraram Snowfield no seu silêncio sepulcral, cinco dias depois da morte do transmorfo, elas estavam no hospital em Santa Mira, visitando Tal Whitman. Ele sofrerá, afinal de contas, uma reação tóxica a algum fluido secretado pelo transmorfo e também tivera uma leve infecção, mas nunca estivera verdadeiramente em perigo. Agora estava quase novo em folha... e ansioso para voltar para casa.

Quando Lisa e Jenny entraram no quarto de Tal, ele se achava sentado numa cadeira junto à janela, lendo uma revista. Estava fardado. O revólver e o coldre estavam numa mesinha ao lado da cadeira.

Lisa o abraçou antes que ele pudesse se levantar, e Tal a abraçou de volta.

— Está com boa cara — disse ela.

— Está com bela cara — disse ele.

— Parecendo um gato.

— Parecendo uma gatinha.

— Vai deixar as senhoras de cabeça virada.

— E você vai deixar os rapazes plantando bananeiras.

Era um ritual a que se dedicavam todos os dias, uma pequena cerimônia de afeição que sempre trazia um sorriso aos lábios de Lisa.

Jenny adorava vê-lo. Lisa raramente sorria, ultimamente. Na última semana não rira nenhuma vez, nem uma só.

Tal se levantou, e Jenny também o abraçou. Ela disse: — Bryce está com Timmy. Já vai subir.

— Sabe — disse Tal —, ele parece estar enfrentando essa situação bem melhor. Neste último ano, dava para se ver que o

estado de Timmy o estava matando. Agora, parece ser capaz de lidar com ele.

Jenny assentiu.

— Ele tinha metido na cabeça que para Timmy seria melhor estar morto. Mas, lá em Snowfield, mudou de opinião. Acho que concluiu que, afinal de contas, não há nenhum destino pior do que a morte. Onde há vida, há esperança.

— É o que dizem.

— Daqui a mais um ano, se Timmy ainda estiver em coma, Bryce poderá mudar de opinião de novo. Mas no momento, sente-se grato apenas por poder sentar ao lado do garoto um pouquinho cada dia, segurando-lhe a mãozinha quente. — Olhou Tal de alto a baixo e perguntou: — A troco de quê o uniforme?

— Estou recebendo alta.

— Fantástico! — exclamou Lisa.

O companheiro de quarto de Timmy atualmente era um homem de oitenta anos que tomava soro e estava ligado a um monitor cardíaco e a uma máscara respiratória.

Embora Timmy estivesse apenas tomando soro, estava entregue a um alheamento tão completo quanto o coma do octogenário. Uma ou duas vezes em cada hora, nunca mais do que isso, as pálpebras do menino adejavam ou seus lábios se retorciam ou um músculo saltava na sua face. Isso era tudo.

Bryce estava sentado ao lado da cama, a mão enfiada pela grade lateral, segurando suavemente a mão do filho. Desde Snowfield, este simples contato era o bastante para satisfazê-lo. A cada dia ele se retirava sentindo-se melhor.

Não havia muita luz, agora que o entardecer tinha chegado. Na parede, à cabeceira da cama, havia uma lâmpada fraca que lançava um brilho suave somente até os ombros de Timmy, deixando o seu corpinho envolto no lençol na sombra. Naquela débil iluminação, Bryce pôde ver como seu filho definhara, perdendo peso apesar da alimentação intravenosa. As maçãs do rosto estavam salientes demais. Ele tinha olheiras. O queixo e a linha dos maxilares pareciam pateticamente frágeis. O filho sempre fora miúdo para a idade. Mas agora a mão que Bryce segurava parecia pertencer a

uma criança muito mais jovem do que Timmy. Parecia a mão de um bebê.

Mas era quente. Era quente.

Dali a um pouco, relutante, Bryce soltou-a. Alisou o cabelo do menino, endireitou o lençol, afofou o travesseiro.

Estava na hora de ir, mas ele não podia ir; ainda não. Estava chorando. Não queria sair para o corredor com lágrimas no rosto.

Tirou alguns lenços de papel de uma caixa na mesinha-de-cabeceira, levantou-se, foi até a janela e ficou olhando para Santa Mira.

Embora chorasse todos os dias quando vinha aqui, estas eram lágrimas diferentes das que chorara anteriormente. Estas escaldavam, lavavam com elas o sofrimento, e curavam. Aos pouquinhos, lentamente, curavam-no.

— Alta? — perguntou Jenny, de cara feia. — Quem falou?

Tal abriu um sorriso.

— Eu.

— E desde quando você se tornou o seu próprio médico?

— Eu achei que uma segunda opinião se fazia necessária, então chamei a mim mesmo para uma consulta e me recomendei que fosse para casa.

— Tal...

— Verdade, Doc estou ótimo. O inchaço acabou. Há dois dias que não tenho febre. Sou um excelente candidato a alta. Se tentar fazer com que eu fique mais tempo aqui, a minha morte será responsabilidade sua.

— Morte?

— A comida do hospital sem dúvida me matará.

— Ele parece pronto para ir dançar — disse Lisa.

— E quando foi que a senhorita se formou em medicina? — perguntou Jenny. Para Tal, falou: — Bem... deixe-me dar uma olhada.

Tire a camisa.

Ele tirou a camisa rápida e facilmente, sem a mesma rigidez do dia anterior. Jenny soltou as ataduras com cuidado e viu que ele tinha razão: não havia inchaço e as feridas estavam fechadas.

— Vencemos — assegurou ele à médica.

— Em geral, não damos alta aos paciente à noite. As ordens são dadas pela manhã; a alta acontece entre dez horas e meio-dia.

— As regras foram feitas para serem descumpridas.

— Que coisa feia para um policial dizer — implicou ela. — Olhe, Tal, eu preferiria que você ficasse aqui mais uma noite, por via das dúvidas...

— E eu preferiria não ficar, caso contrário vou pirar por ficar confinado aqui.

— Está mesmo resolvido?

— Ele está mesmo resolvido — disse Lisa. Tal falou: — Doc, eles puseram o meu revólver no cofre deles, junto com o estoque de drogas do hospital. Tive que chatear, suplicar, implorar e provocar uma doce enfermeira chamada Paula para que ela o pegasse para mim hoje à tarde. Disse a ela que era certo você me deixar sair esta noite. Sabe, Paula é uma alma irmã, uma moça muito atraente, solteira, disponível, deliciosa...

— Não se empolgue demais — falou Lisa. — Há menores presentes.

— Gostaria de sair com Paula — continuou Tal. — Gostaria de passar a eternidade com Paula. Mas agora, Doc, se disser que eu não posso ir para casa, então terei que devolver o meu revólver para o cofre, e talvez a supervisora de Paula descubra que ela o entregou para mim antes que a minha alta fosse definitiva, e então Paula pode perder o emprego, e se ela o perder por minha causa, nunca sairei com ela. Se não sair com ela, não poderei me casar com ela, e se não me casar com ela não haverá nenhum Tal Whitman pequenino correndo por aí, nunca, porque eu vou me retirar para um mosteiro e virar celibatário, já que decidi que Paula é a única mulher para mim. Assim, se não me der alta, não apenas estará arruinando a minha vida, como privando o mundo de um Einsteinzinho negro, ou quem sabe um Beethovenzinho negro.

Jenny riu e sacudiu a cabeça.

— Está bem, está bem. Vou dar a ordem de alta por escrito e você pode ir para casa hoje mesmo.

Ele a abraçou e começou rapidamente a vestir a camisa.

— A Paula que tome cuidado — disse Lisa. — Você tem lábia demais para ficar solto no meio das mulheres sem um sino ao redor

do pescoço.

— Eu? Lábia? — Ele afivelou o cinturão do coldre. — Sou apenas o velho Tal Whitman, um pouco acanhado. Fui tímido a vida toda.

— Oh, como eu acredito — falou Lisa. Jenny disse: — Se você...

E, de repente, Tal endoidou. Empurrou Jenny para um lado, derrubou-a no chão. Ela bateu com o ombro no pé da cama e caiu com força no chão. Ouviu um tiro e viu Lisa cair; não sabia se a garota fora ferida ou se estava só procurando se proteger. Por um instante, pensou que Tal estava atirando nelas. Então viu que ainda tentava tirar o revólver do coldre.

Enquanto o tiro ainda ressoava pelo quarto, ela ouviu o ruído de vidro se estilhaçando. Era a janela às costas de Tal.

— Largue! — berrou Tal.

Jenny virou a cabeça, viu Gene Terr parado no vão da porta, uma silhueta iluminada pela luz mais forte no corredor do hospital às costas dele.

Parado nas profundas sombras junto à janela, Bryce terminou de secar as lágrimas e fez uma bola com o lenço de papel ensopado.

Ouviu um ruído suave no quarto, atrás de si, pensou que era uma enfermeira, virou-se — e viu Fletcher Kale. Por um momento, Bryce ficou petrificado de incredulidade.

Kale estava parado ao pé da cama de Timmy, mal identificável à luz muito fraca. Não tinha visto Bryce. Observava o menino — e sorria, o rosto transtornado pela loucura. Estava segurando um revólver.

Bryce se afastou da janela, buscando o próprio revólver. Tarde demais se deu conta de que não estava de uniforme, não estava com a arma no lugar costumeiro. Tinha um 38 que usava num coldre no tornozelo quando não se achava de serviço; abaixou-se para pegá-lo.

Mas Kale já o vira. A arma na mão de Kale se levantou, trovejou uma, duas, três vezes, em rápida sucessão.

Bryce sentiu uma marreta atingi-lo no alto e no lado esquerdo, e todo o seu peito foi tomado de dor. Enquanto caía ao chão, ouviu a arma do assassino trovejar mais três vezes.

— Largue! — berrou Tal, e Jenny viu Jeeter; outro tiro ricocheteou na grade da cama e deve ter furado o teto, porque dois quadrados de tijolo acústico desabaram no chão.

Agachado, Tal disparou duas vezes. O primeiro tiro atingiu Jeeter na coxa esquerda. O segundo atingiu-o na barriga, ergueu-o e lançou-o de costas num canto, onde caiu numa nuvem de sangue. Não se mexeu.

— Mas que diabo! — exclamou Tal.

Jenny chamou por Lisa e rodeou a cama de gatinhas, imaginando se a irmã ainda estaria viva.

Há cerca de duas horas que Kale estava doente. Tinha febre.

Seus olhos ardiam, pareciam cheios de areia. Ficara assim de repente.

Também estava com dor de cabeça e, parado ali ao pé da cama do garoto, começou a ficar nauseado. As pernas ficaram fracas. Não compreendia; devia estar protegido, ser invencível. Claro, talvez Lúcifer estivesse impaciente com ele por ter esperado cinco dias antes de sair das cavernas. Quem sabe esta doença era um aviso para continuar a Sua obra. Os sintomas provavelmente desapareceriam no minuto em que o garoto estivesse morto. É. Era o que provavelmente aconteceria.

Kale abriu um sorriso olhando para a criança em coma, começou a erguer o revólver e se encolheu quando uma pontada lhe retorceu as entranhas.

Foi então que notou movimento nas sombras. Afastou-se da cama. Um homem. Vindo em sua direção. Hammond. Kale abriu fogo, disparando seis vezes, para não correr riscos. Sentia-se tonto, sua visão se achava nublada, o braço estava fraco e mal conseguia segurar a arma; mesmo assim tão de perto, não podia confiar na sua mira.

Hammond caiu no chão com força e ficou imóvel.

Rindo de contentamento, imaginando quando a doença o abandonaria, agora que completara uma das tarefas que Lúcifer lhe dera, Kale foi oscilando na direção do corpo, pretendendo dar o golpe de misericórdia. Mesmo que Hammond estivesse mortinho da

silva, Kale queria enfiar uma bala naquela cara convencida, falsa, queria arrebentar bem com ela.

Depois cuidaria do garoto.

Era isso o que Lúcifer queria. Cinco mortes. Hammond, o filho, Whitman, a dra. Paige e a garota.

Chegou junto de Hammond, começou a se abaixar — e o xerife se moveu. A mão dele foi veloz como um raio. Tirou uma arma de um coldre no tornozelo; Kale viu o clarão do disparo antes que pudesse reagir.

Foi atingido. Tropeçou, caiu. O revólver lhe voou das mãos.

Ouviu quando retiniu ao bater na perna de uma das camas.

Isto não pode estar acontecendo, falou consigo mesmo. Estou protegido. Ninguém pode me fazer mal.

Lisa estava viva. Quando caíra atrás da cama, não fora atingida, estava apenas buscando se proteger. Jenny abraçou-a com força.

Tal se encontrava agachado junto a Gene Terr. O líder dos motoqueiros estava morto, um buraco aberto no tórax.

Uma multidão já se formara: enfermeiras, ajudantes de enfermagem, médicos, um ou dois pacientes de roupão e chinelos.

Um servente ruivo apareceu correndo. Parecia em estado de choque.

— Também teve tiroteio no segundo andar!

— Bryce — disse Jenny, e uma lâmina gelada de medo a penetrou...

— O que está acontecendo? — falou Tal.

Jenny correu para a porta de saída no fim do corredor, atravessou-a voando, desceu as escadas de dois em dois degraus. Tal a alcançou quando ela chegava ao final do segundo lance. Abriu a porta e os dois juntos irromperam no corredor do segundo andar.

Outro grupo se reunira diante do quarto de Timmy. O coração disparando, Jenny abriu caminho por entre os espectadores.

Um corpo estava caído no chão, com uma enfermeira agachada ao lado.

Jenny pensou que fosse Bryce. Então o viu numa cadeira. Outra enfermeira cortava sua camisa à altura do ombro. Estava apenas ferido.

Bryce forçou um sorriso.

— É melhor tomar cuidado, Doc. Se chegar ao local sempre assim tão depressa, vão começar a acusá-la de correr atrás de pacientes.

Ela chorou. Não pôde se conter. Nunca sentira tanta alegria ao ouvir alguma coisa quanto ao ouvir a voz dele.

— Só um arranhão — disse ele.

— Agora você está parecendo o Tal falando — disse ela rindo em meio às lágrimas. — Timmy está bem?

— Kale ia matá-lo. Se eu não estivesse aqui...

— Esse aí é Kale?

— É.

Jenny enxugou os olhos com a manga e examinou o ombro de Bryce. A bala o atravessara, entrando pela frente e saindo pelas costas.

Não havia motivo para se pensar que houvesse se fragmentado, mas de qualquer modo, ela tencionava mandar radiografar aquilo. O ferimento sangrava profusamente, embora não estivesse esguichando, e ela mandou a enfermeira estancar o fluxo com gaze ensopada com ácido bórico.

Ele ia ficar bom.

Depois de ter-se certificado do estado de Bryce, Jenny voltou-se para o homem caído no chão. Seu estado era mais grave. A enfermeira rasgava a sua jaqueta e a camisa; ele fora atingido no peito. Tossiu, e o sangue vivo manchou os seus lábios.

Jenny mandou a enfermeira ir buscar uma maca e chamar um cirurgião para uma emergência. Foi então que notou que Kale estava com febre. Sua testa se achava quente, o rosto afogueado. Quando foi tomar o seu pulso, notou que estava coberto de manchas vermelhas.

Subiu a manga e viu que as manchas cobriam metade do braço.

Também as havia no outro pulso. Nenhuma no rosto ou no pescoço.

Tinha notado manchas vermelho-claras no seu peito, mas pensara que eram gotas de sangue. Examinando-as com mais atenção, viu que eram como as manchas dos pulsos.

Sarampo? Não. Outra coisa. Pior do que o sarampo.

A enfermeira voltou com dois serventes e uma maca sobre rodas; Jenny falou: — Vamos ter que colocar todo este andar de quarentena. E o que fica acima dele. Temos uma moléstia aqui, e não estou bem certa do que seja.

Depois dos raios X e depois que o seu ferimento fora tratado, Bryce foi colocado num quarto próximo do de Timmy. A dor no ombro ficou pior, não melhor, quando os nervos em choque começaram a recobrar a sua função. Ele recusou analgésicos, pretendendo manter a cabeça desanuviada até saber o que acontecera, e por quê.

Jenny veio vê-lo meia hora depois que fora posto na cama.

Estava com ar exausto, no entanto o cansaço não diminuía a sua beleza. A simples visão dela era todo o remédio de que ele precisava.

— Como está Kale? — perguntou.

— A bala não lhe atingiu o coração. Pegou num pulmão, passou de raspão numa artéria. Normalmente, o prognóstico não seria dos piores. Mas não é apenas da cirurgia que ele tem que se recuperar; também tem que enfrentar um caso de febre maculosa das Montanhas Rochosas.

Bryce pestanejou.

— Febre maculosa?

— Há duas queimaduras de cigarro na sua panturrilha direita, ou melhor, as cicatrizes de duas queimaduras, quando ele se livrou dos carrapatos. Os carrapatos dos bosques são os transmissores da moléstia. A julgar pela aparência das cicatrizes, eu diria que ele foi mordido há cinco ou seis dias, que é mais ou menos o tempo de incubação da febre maculosa. Os sintomas devem ter aparecido nas últimas horas. Ele deve ter estado tonto, gelado, com as juntas fracas...

— Então era por isso que a mira dele estava tão ruim — disse Bryce. — Ele disparou de perto três vezes e só me acertou uma.

— É melhor agradecer a Deus por ter mandado aquele carrapato se enfiar pela perna da calça dele.

Bryce pensou um pouco, depois falou: — Parece mesmo um ato de Deus, não é? Mas o que ele e Terr estavam tramando? Por que

se arriscariam a vir até aqui com armas? Posso entender que Kale tenha querido me matar, e até mesmo a Timmy. Mas por que você, Tal e Lisa?

— Você não vai acreditar — disse ela. — Desde a última terça-feira de manhã, Kale estava mantendo um registro por escrito daquilo que ele chama de "Os Acontecimentos Posteriores à Epifania". Parece que Kale e Terr fizeram um trato com o Diabo.

Às quatro horas da manhã de segunda-feira, somente seis dias depois da epifania sobre a qual havia escrito, Kale morreu no hospital do condado. Antes de deixar esta vida, abriu os olhos, fitou alucinadamente a enfermeira, depois olhou para além dela e viu algo que o apavorou, algo que a enfermeira não podia ver. Achou forças para erguer as mãos, como se estivesse se protegendo, e gritou; era um grito fraco, de estertores finais.

Quando a enfermeira tentou acalmá-lo, ele falou: — Mas este não é o meu destino.

E então se foi.

No dia 31 de outubro, mais de seis semanas depois dos acontecimentos de Snowfield, Tal Whitman e Paula Thorner (a enfermeira que ele estava namorando) deram uma festa de Dia das Bruxas a fantasia na casa de Tal, em Santa Mira. Bryce foi de vaqueiro, Jenny de vaqueira. Lisa estava de bruxa, com um chapéu alto e pontudo, e um bocado de rímel preto. Tal abriu a porta e falou: — Có-có-ró-có.

Vestia uma fantasia de galinha.

Jenny nunca vira uma fantasia mais ridícula. Riu com tanto gosto que levou algum tempo para perceber que Lisa também estava rindo.

Era a primeira vez que a mocinha ria nas últimas seis semanas.

Anteriormente, o máximo que conseguia dar era um sorriso. Agora, ria até as lágrimas lhe escorrerem pelas faces.

— Qual é, um minutinho só — falou Tal, fingindo estar ofendido. — Você também está uma bruxa bem ridícula.

Piscou para Jenny e ela soube que ele tinha escolhido a fantasia de galinha por causa do efeito que teria sobre Lisa.

— Pelo amor de Deus — disse Bryce —, saia logo dessa porta e nos deixe entrar, Tal. Se o público o vir nessa fantasia, vai perder o pouco respeito que ainda tem pelo departamento policial.

Naquela noite, Lisa participou da conversa e dos jogos, e riu um bocado. Era um novo começo.

Em agosto do ano seguinte, no primeiro dia de sua lua-de-mel, Jenny encontrou Bryce na sacada do seu quarto de hotel, que dava para a praia de Waikiki. Estava de cenho franzido.

— Não está preocupado de estar tão longe de Timmy, não é? — indagou ela.

— Não. Mas é em Timmy que estou pensando. Ultimamente tenho tido a sensação de que tudo vai dar certo, afinal. É estranho.

Como uma premonição. Tive um sonho ontem à noite. Timmy acordou do estado de coma, disse alô e pediu um Big Mac. Só que... não foi como nenhum outro sonho que eu tivesse tido antes. Foi bastante real.

— Bem, você nunca perdeu a esperança.

— Perdi, durante algum tempo. Mas voltei a recuperá-la.

Ficaram em silêncio por algum tempo, deixando que o vento cálido que vinha do mar os embalasse, escutando o ruído das ondas quebrando na praia.

Depois, voltaram a fazer amor.

Naquela noite, jantaram num bom restaurante chinês em Honolulu. Tomaram champanhe a noite toda, muito embora o garçom tivesse sugerido cortesmente que trocassem para chá durante a refeição, para que seus paladares não ficassem "maculados".

Enquanto comiam a sobremesa, Bryce falou: — Havia mais outra coisa que Timmy dizia no seu sonho.

Quando eu fiquei surpreso por ele ter saído do estado de coma, ele falou: "Mas, papai, se existe um Diabo, então também tem que existir um Deus. Você já não tinha percebido isso quando conheceu o Diabo?

Deus não ia deixar que eu passasse o resto da vida dormindo."

Jenny fitou-o, insegura. Ele sorriu, e continuou: — Não se preocupe, não vou fraquejar com você. Não vou começar a mandar dinheiro para aqueles pregadores charlatães da TV, pedindo que

orem pelo Timmy. Pombas, não vou nem mesmo começar a frequentar a igreja. Domingo é o único dia em que posso dormir à vontade! Não estou falando de religião padrão, tipo beatice...

— É, mas não era realmente o Diabo — disse ela.

— Não era?

— Era uma criatura pré-histórica que...

— Não podia ser as duas coisas?

— Aonde você está querendo chegar?

— A uma discussão filosófica.

— Na nossa lua-de-mel?

— Casei com você em parte pela sua cabeça.

Mais tarde, na cama, pouco antes de pegarem no sono, ele falou: — Bem, tudo que eu sei é que o transmorfo fez com que eu me desse conta de que existe muito mais mistério neste mundo do que eu imaginava anteriormente. Hoje em dia eu não duvido de nada. E, olhando para trás, considerando tudo a que sobrevivemos em Snowfield, considerando que Tal acabara de afivelar o cinturão com a arma quando Jeeter entrou, considerando que a febre maculosa acabou com a mira de Kale... bem, parece que estávamos destinados a sobreviver.

Eles dormiram, acordaram quase ao amanhecer, fizeram amor, dormiram de novo.

De manhã, ela falou: — De uma coisa estou certa.

— Do quê?

— Nós estávamos destinados a nos casar.

— Sem dúvida alguma.

— Houvesse o que houvesse, o destino teria feito com que nos encontrássemos, mais cedo ou mais tarde.

À tarde, enquanto passeavam na praia, Jenny achou que as ondas pareciam rodas imensas, ribombantes. O som fez com que ela pensasse no velho ditado de que as rodas dos moinhos do Céu moem lentamente. O ribombar das ondas reforçava essa imagem e, mentalmente, ela pôde ver imensas rodas de pedra de moinho girando umas contra as outras.

Falou: — Você acha que tem um sentido, então? Um significado?

Ele não teve que perguntar o que ela queria dizer.

— Acho. Todo volteio e toda curva da vida. Um sentido, um propósito.

O mar espumava na areia.

Jenny escutava as rodas do moinho e se perguntava que mistérios e milagres, que horrores e alegrias estavam sendo moídos naquele mesmo instante, para serem servidos nas épocas vindouras.



Comentário ao leitor

Como todos os personagens deste romance, Timothy Flyte é uma criação ficcional, mas muitos dos desaparecimentos em massa a que ele se refere não surgiram da imaginação do autor. Aconteceram de verdade. O desaparecimento da colônia de Roanoke Island, a aldeia esquimó de Anjikuni, misteriosamente abandonada, a população maia desaparecida, a perda sem explicação de milhares de soldados espanhóis em 1711, a perda igualmente misteriosa dos batalhões chineses em 1939 e certos outros casos mencionados em *Fantasmas* são acontecimentos históricos e fartamente documentados.

Do mesmo modo, existe um dr. Ananda Chakrabarty de verdade.

Em *Fantasmas*, os detalhes da sua descoberta do primeiro microorganismo patenteado são tirados do registro público. Como foi dito neste livro, a bactéria do dr. Chakrabarty era frágil demais para sobreviver fora de um laboratório. O Biosan-4, nome comercial de uma variedade supostamente mais forte do micróbio de Chakrabarty, é uma criação ficcional. Ao que eu saiba, não se fez nenhum esforço para refinar e aperfeiçoar a descoberta do dr. Chakrabarty, e ela permanece sendo uma famosa raridade de laboratório, principalmente por causa do seu papel na decisão da Suprema Corte, que abre precedentes.

E, naturalmente, o inimigo antigo é produto da imaginação do autor.

Mas, e se...

DIGITAL Source
Viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks



epub
2014